



# *Eu venho de longe*

**Mestre Irineu  
e seus companheiros**

**Paulo Moreira  
Edward MacRae**





*Eu venho  
de longe*

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

João Carlos Salles Pires da Silva

Vice-Reitor

Paulo Cesar Miguez de Oliveira



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Flávia Goullart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Alberto Brum Novaes

Ângelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Ninõ El-Hani

Cleise Furtado Mendes

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria Vidal de Negreiros Camargo



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS SOCIAIS DO USO DE PSICOATIVOS

Presidente

Edward John Baptista das Neves MacRae

Vice-Presidente

Marcos Luciano Messeder

Secretário Geral

Wagner Coutinho Alves

Paulo Moreira  
Edward MacRae

*Eu venho  
de longe*

Mestre Irineu  
e seus companheiros

EDUFBA - ABESUP  
Salvador - Bahia  
2011

©2011, by Paulo Moreira e Edward MacRae  
Direitos de edição cedidos à EDUFBA.  
Feito o depósito legal.

1ª reimpressão: 2014

Capa e Projeto Gráfico  
Angela Garcia Rosa

Revisão  
Fernanda Machado

Normalização  
Normaci Correia dos Santos Sena

Imagens da capa  
Acervo de Thiago Silva

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

---

Moreira, Paulo.

Eu venho de longe : Mestre Irineu e seus companheiros / Paulo Moreira,  
Edward MacRae. – Salvador : EDUFBA, 2011.

592 p. : il.

ISBN: 978-85-232-0800-4

1. Serra, Raimundo Irineu – 1890-1971 - Biografia. 2. Santo Daime –  
História. 3. Santo Daime – Rituais. 4. Ayahuasca. I. MacRae, Edward. II. Título.

CDD 922.99–22. cd.

---

Editora filiada à



EDUFBA  
Rua Barão de Jeremoabo, s/n,  
Campus de Ondina,  
40170-115 Salvador-BA Brasil  
Tel/fax: (71)3283-6160/3283-6164  
www.edufba.ufba.br | edufba@ufba.br

“110 – EU VENHO DE LONGE”  
(Mestre Irineu)



“De longe, Eu Venho de Longe,  
das ondas do mar sagrado.  
Para conhecer os poderes,  
da floresta e, Deus Amar.”

“Eu sigo neste caminho,  
ando nele dias inteiros.  
Para conhecer o poder  
e a Santa Luz de Deus verdadeiro.”

“No poder de Deus verdadeiro,  
é preciso nós ter amor.  
Nas estrelas do firmamento,  
e em tudo que Deus criou”.

*Raimundo Irineu Serra*





## Agradecimentos

Mais do que uma obra de cunho puramente acadêmico, este livro é fruto de sentimentos de carinho e respeito pelo Mestre Irineu, os quais pulsam no coração de muitos dos envolvidos em sua realização. Em nossas andanças para levá-lo a cabo, encontramos muitas pessoas cujas vidas haviam sido tocadas pela sua influência. Alguns tiveram o privilégio de conhecê-lo pessoalmente, outros através de seus ensinamentos. Para muitos, ele ocupa um lugar central em suas vidas. Conscientes disso, buscamos uma postura respeitosa em nosso trabalho, ao mesmo tempo em que procuramos fazer um relato fidedigno de sua vida. Certamente devemos ter incorrido em equívocos, pelos quais nos responsabilizamos pessoalmente, mas os acertos, que porventura tenhamos alcançado, somente foram possíveis graças à ajuda de inúmeros amigos e de suas variadas formas de apoio, seja compartilhando conosco seus conhecimentos sobre a vida de Mestre Irineu e seus companheiros, seja cedendo fotos, documentos e partituras, seja ajudando de diversas outras maneiras na execução do texto final. A todos eles somos muito gratos. Tentaremos, em seguida, nomear alguns desses importantes colaboradores, mas desde já estendemos a nossa gratidão a um grupo ainda maior, que não pôde ser lembrado aqui em sua totalidade.

Desejamos inicialmente agradecer ao Ministro da Cultura, Juca Ferreira, à Secretária Nacional de Políticas sobre Drogas, Paulina Duarte, a Domingos Bernardo Gialluisi da Silva Sá, Sergio Ferretti, Marcos Vinicius Santana Neves e Dartiu Xavier da Silveira pelas suas honrosas contribuições ao livro. Consideramos que, cada um, à sua própria maneira, tem colaborado substancialmente para o afastamento de preconceitos e uma melhor compreensão do valor da doutrina ensinada por Mestre Irineu. No mesmo sentido agradecemos aos Ministros da Cultura Gilberto Gil e Juca Ferreira por seu empenho em promover a compreensão da importância do patrimônio cultural ayahuasqueiro e por seu interesse no andamento das discussões sobre a regulamentação do uso religioso da ayahuasca.

A edição deste livro foi realizada com a colaboração da Fundação de Apoio à Pesquisa da Bahia (FAPESB); da Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA); da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD); da Universidade Federal do Maranhão; do Ministério da Cultura; da Associação Brasileira de Estudos Sociais do Uso de Psicoativos (ABESUP) e do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Psicoativos (GIESP). Somos imensamente agradecidos a essas instituições e em especial a alguns de seus dirigentes e funcionários que acreditaram e incentivaram o nosso projeto. Aqui desejamos destacar o nome de Flávia Garcia Rosa, diretora da EDUFBA, Angela Dantas Garcia Rosa e Susane Barros por sua competência e simpatia; da Secretaria Nacional de Políticas Nacionais Sobre Drogas, Paulina Duarte, assim como de Armando de Almeida, Fábio Kobol Fornazari, Marcos Rogério Cruz, Paulo Miguez (e sua esposa Carol) do Ministério da Cultura. Igualmente somos gratos pela leitura e sugestões de Isabela Oliveira. Em Brasília, tivemos também a hospitalidade e apoio de Fernando de la Roque Couto, de José Murilo Júnior, do Céu do Planalto e de Vladimir de Andrade Stempliuk da SENAD. Também agradecemos ao GIESP e à ABESUP por disponibilizarem os serviços de seu secretário Wagner Coutinho Alves, o Joey. Este prestou uma valiosíssima ajuda na elaboração do texto final, atuando como revisor, digitador e, acima de tudo, inteligente leitor, interlocutor e bom amigo em nossos momentos de crise criativa. Outros amigos que nos deram importantes apoios foram Marcos Luciano Lopes Messeder e Mirian Cristina Rabelo.

Não poderíamos deixar de agradecer a Abner Portugal e a Denize Portugal pelo auxílio nas transcrições de entrevistas, Denize, aliás, uma grande amiga que deu uma crucial assessoria organizacional durante o trabalho de campo. Dulce Batista das Neves Gonçalves MacRae sempre apoiou de todos os modos os empreendimentos de seu filho Edward.

Sérgio e Mundicarmo Ferretti deram apoio e importantes informações sobre as manifestações culturais afro-maranhenses. Daniel Serra e Otilia gentilmente hospedaram Paulo Moreira em São Luís e forneceram preciosas informações sobre o Mestre Irineu. Esses agradecimentos também são extensivos a Zé Maria (irmão de Daniel Serra) e a Mivan, pela viagem que proporcionaram a Paulo, dando-lhe a oportunidade de chegar a São Vicente Férrer.

Queremos agradecer em especial a Jair Facundes por nos permitir publicar muitas das transcrições de suas entrevistas feitas em vídeo, além de facilitar encontros para a realização de outros depoimentos que sem ele não teriam acontecido. Foram de suma importância alguns de seus comentários sobre o manuscrito inicial, que nos ajudaram a evitar posicionamentos demasiadamente parciais. Também agradecemos a seu pai, João Rodrigues, pelos seus relatos sobre Mestre Irineu e a comunidade original do Daime.

Francisco Farias (o “Xico Bocão”), Tânia, Sharlene e a Shirlene (Gugu) toda a família, tampouco podem ser esquecidos, pela hospedagem e por muitos transportes a campo que proporcionaram a Paulo Moreira em Rio Branco. Antônio Macedo nos cedeu cópias das fotos de sua coleção e também entrevistas em vídeo de vários seguidores de Mestre Irineu que não estão mais vivos. Agradecemos a todos os entrevistados que proporcionaram o conteúdo deste livro: Loredo, Alzira, Edilza e todos da família, José Vieira, França, Emílio e sua esposa Francisca Mendes, Raimundo, Matilde, João Belém, Luis Mendes, Rizelda, Saturnino, Solón, Adália Granjeiro, Valcívrio e sua esposa Dida, Leonel, Guilherme e a todos da família Granjeiro, Chagas, Maria, Pedro Fernandes, Ladir, Domingas, Veriana, Pedro Matos, Jesus Costa, Nina Costa, Paulo Serra e sua esposa Altina, João do Rio Branco, Mauro, Raimundo Nonato, Tânia Texeira, Sebastião Tiagrada, Mario, Francisco Martins, Paulo Ferreira Lima, Antoine e Expedita (viúva de Zé Dantas).

Jairo Carioca nos deu acesso a seus escritos e foi outro interlocutor valioso, mantendo conosco ricos diálogos sobre o tema. Agradecemos também a Lourdes Carioca e seus filhos: Zé Carlos, e Jane, por hospedarem Paulo Moreira em sua casa e pelas valiosas informações que compartilharam conosco. Somos gratos a Julinho e João Batista, Guido e seus netos: Jorge e Chaiane.

Agradecemos a todos das diretorias dos diversos centros daimistas que permitiram a nossa participação em seus rituais e a convivência com suas irmandades: Centro Livre Caminho do Sol, Centro Rainha da Floresta, Centro Iluminação Cristã Luz Universal Juramidan, Centro Eclético Flor do Lótus Iluminado e Centro Iluminação Cristã Luz Universal Alto Santo por terem permitido a participação em seus rituais.

Da mesma forma, queremos registrar os nossos agradecimentos póstumos a José Dantas (Zé Dantas), antigo seguidor de Mestre Irineu desde a década de 1940, por sua acolhida a Paulo Moreira em Porto Velho. Zé Dantas nasceu em 19 de agosto de 1936 e morreu em 01 de setembro de 2007, com 71 anos. Lembramos também o Dilmo (Pai de José Souza), que fez sua passagem em 01 de setembro de 2008, e José Vieira, esposo de Domingas (sobrinha de um primo de Mestre Irineu), que morreu em março de 2007. Ainda agradecemos e lastimamos a partida de Cecília Gomes (Dona Preta), falecida em 11 de Junho de 2009, Raimundo Ferreira (Loredó) que nasceu em 10 de setembro 1922 e morreu em 20 de Janeiro de 2009, e Tufi Rachid Amim, nascido em 10 de maio de 1952 e falecido em 3 de maio de 2010.

Queremos agradecer a todos os órgãos do governo Federal, Estadual e Municipal do Acre que nos deram apoio, em especial o Patrimônio Histórico do Acre e o Museu da Borracha, por nos deixar ter acesso a documentos, entrevistas e fotos históricas do Acre e do culto de Mestre Irineu. Estamos também muito gratos ao Instituto de Terras do Acre (ITERACRE) e a “Chiquinho”, pelos documentos de terras e croquis, ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), pelos mapas, à Fundação Garibaldi Brasil (Secretaria de Cultura do Município de Rio Branco) pelo diálogo enriquecedor com o Secretário Marcos Vinicius Santana das Neves, à Fundação Elias Mansour (Secretaria de Cultura do Estado do Acre) pelo acesso a seus arquivos, ao Fórum de Rio Branco,

que nos permitiu consultar os atestados de casamento e de óbito de Mestre Irineu, assim como ao registro do CICLU e o atestado de óbito de André Costa, ao Fórum de Brasileia-AC e ao Acervo do Patrimônio Histórico do Acre que nos permitiu utilizar material sobre os soldados da borracha pertencentes ao Museu dos Autonomistas. Igualmente, estamos gratos ao Patrimônio Histórico do Maranhão pelas fotos de Galdêncio Cunha do álbum de 1908.

Os escritos de Clodomir Monteiro da Silva, Arneide Bandeira Cemin e Sandra Goulart, fornecem importantes contribuições para uma melhor compreensão da obra de Mestre Irineu e fundamentaram diversas de nossas proposições. Agradecemos a elas pelos frutos de seu pioneirismo acadêmico. À Sandra Goulart somos especialmente gratos pelas suas sugestões pessoais e hospedagem de Paulo Moreira durante sua estada em São Paulo. José Maria Nogueira, diretor da sede matriz do Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento, foi muito gentil em permitir nossas consultas aos arquivos daquela instituição. A Biblioteca Mário de Andrade também foi importante local de consultas em São Paulo.

As pautas musicais aqui publicadas são o resultado de um estudo comparativo entre interpretações musicais de hinários oficiais baseados em gravações das sedes Centro Rainha da Floresta (CRF), Centro de Iluminação Cristã Luz Universal Juramidán (CICLUJUR), Centro Livre (CELIVRE) e Alto Santo. Na realização desse estudo, contamos com os inestimáveis préstimos dos músicos Marcus Castelo Schaaf, Natanael Oliveira e Roberto Marfuz, que nos proporcionaram consultoria musical, escrita, revisão, análise, transcrição, transposição e digitalização de pautas musicais. Queremos agradecer também aos músicos José Carlos Carioca, Júlio Carioca, Valcívrio Granjeiro, Leonel Granjeiro, pelas apresentações dos hinos, pelos toques musicais, assim como por demonstrarem as suas possíveis tonalidades e formas de execução.

Agradecemos ao fotógrafo Américo de Melo e a Eduardo Bayer por permitir o uso de fotos de seus acervos particulares sobre Mestre Irineu. Outras imagens nos foram gentilmente emprestadas por Antônio Macedo, Vera Froes, Fátima Almeida, Rodrigo Conti, Alex Polari, Eduardo Gabrisch, Thiago Silva, José Silva Souza e pelos responsáveis pelos sites que divulgam a memória fotográfica da religião. Somos especialmente

gratos a todos os fotógrafos que contribuíram com sua obra para os acervos desses colecionadores. Márcio Vasconcelos nos cedeu a foto de Elpídio, famoso tocador de tambor de crioula do Maranhão, primo de Mestre Irineu.

Muitas das fotos presentes neste livro são de autoria de fotógrafos desconhecidos ou anônimos. A eles queremos deixar claro que este livro é resultado de uma pesquisa acadêmica sobre a cultura religiosa do Daimé e que tem por objetivo documentar a memória desta religião sem fins lucrativos. Declaramos que não poupamos esforços para encontrar os autores das fotos publicadas, mas, em muitos casos, isso não foi possível. De toda maneira, ainda desejamos conhecê-los para poder atribuir-lhes nominalmente a autoria dessas imagens em uma possível nova edição desta obra.

Na impossibilidade de saber quem eram os autores de muitas fotos, optamos por credenciar os detentores de direito de imagem. Assim, estamos muitíssimos gratos aos detentores de direitos de imagem (por estarem de posse das fotos) Mauro, Jairo Carioca, Vera Fróes, Edilza, Alex Polari, Chagas Brito, Emílio e Daniel Serra pela sua disposição em nos ceder imagens de seus arquivos.

Agradecemos ao CNPq pelo financiamento de projeto de pesquisa coordenado por Edward MacRae e ao CNPq e à FAPESB pela concessão de bolsas de mestrado e de auxílio à pesquisa a Paulo Moreira. Tais bolsas e auxílios, além de ajudar a financiar o trabalho de campo no Acre e a análise dos dados levantados, permitiram o deslocamento de Edward MacRae ao Acre e Amazonas e as viagens de Paulo Moreira ao Maranhão, Rondônia e São Paulo, com o intuito de aprofundar e conferir os resultados de investigações iniciais. Agradecemos também ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, que também contribuiu para o financiamento das idas ao campo de Paulo Moreira.

Finalmente desejamos explicitar que, ao agradecer a todas as comunidades ayahuasqueiras comumente reunidas sob a denominação de “Alto Santo”, pensamos, acima de tudo em Mestre Irineu, cujo legado permanece vivo na memória de seus seguidores e continuadores de sua doutrina, a luz da qual inspirou este trabalho.

# SUMÁRIO

<b>Apresentação</b>	17
Mestre Irineu: um homem de muitas dimensões Juca Ferreira	
<b>Prefácio</b>	21
Domingos Bernardo Gialluisi da Silva Sá	
<b>Acre - Esfinge Amazônica</b>	25
Marcus Vinicius Neves	
<b>Uma Visão Maranhense</b>	37
Sérgio F. Ferretti	
<b>Introdução</b>	47
Capítulo 1	
<b>O Tesouro na Floresta</b>	67
As Origens Maranhenses	69
A Mudança de Nome	72
Relações de Família	74
A Migração para a Amazônia no Final do 1º Ciclo da Borracha	79
A Iniciação Ayahuasqueira	87
A Formação do Círculo de Regeneração e Fé (CRF)	103
Irineu Chega a Rio Branco	112
Capítulo 2	
<b>A Formação do Daime</b>	129
Mestre Irineu Inicia o Daime em Rio Branco	131
A Cura e a Formação do Primeiro Corpo de Seguidores de Mestre Irineu (1930-1945)	142
Disciplina, Peia e Maraximbé	159
Nova organização dos trabalhos de Mestre Irineu em 1935 – os primeiros hinários	163
Bendito, Hinos da Missa e Diversões	168
Novas Mudanças na Trajetória de Mestre Irineu (1936-1938)	174
Reformulações no Daime (1938-1940)	180

Capítulo 3

<b>A Construção do Alto Santo</b>	209
A Segunda Guerra Mundial e a Batalha da Borracha no Acre	211
Mestre Irineu muda-se da Vila Ivonete para a Colônia Custódio Freire	227
A Construção da Nova Sede do Alto Santo no Início da Década de 1950	244

Capítulo 4

<b>A Consolidação do Daime</b>	263
O Reinício dos Trabalhos Após o Retorno de Mestre Irineu do Maranhão	265
A Rede Social e Política de Mestre Irineu	276
A Parceria com o Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento (CECP)	294
Novas Propostas Rituais na Década de 1960	305
Reestruturações nos Rituais	313
Feitio	334
Exceções, Concessões e Casos Especiais	351

Capítulo 5

<b>Os Últimos dias do Mestre Raimundo Irineu Serra</b>	361
Prenúncios e Últimas Providências	363
A Passagem do Mestre	380

<b>Referências</b>	407
<b>Apêndices</b>	417
<b>Anexos</b>	441
<b>Entrevistados</b>	539
<b>Album de Fotos</b>	547
<b>Lista de Imagens</b>	557
<b>Índice Remissivo</b>	575





Foto dos seguidores de Mestre Irineu (batalhão masculino) em frente da primeira sede com cobertura de palha no Alto da Santa Cruz. Mestre Irineu é o mais alto de chapéu.



## Apresentação

### Mestre Irineu: um homem de muitas dimensões

Trabalhador. Negro. Nordestino. Migrante. Caboclo. Ribeirinho. Seringueiro, Sem-terra. Santo. Xamã. Líder. Médiun. Espírita. Pajé. Curandeiro. Poeta. Compositor. Mestre. Tudo isto foi Raimundo Irineu Serra. Um homem-lenda, do Nordeste à Amazônia; das festas populares ao canto mais sagrado da floresta; da música e da dança à fé mais sincrética, mais universalista. Ao ritmo do maracá, santos, anjos, encantados, caboclos, orixás, entidades, divindades, todos irmanados na festa mágica que faz com que o Astral caiba em uma mente, em um pensamento. Nesse firmamento de infinitas possibilidades, um Mestre.

Naquele tempo da afirmação quase impossível do Estado Nacional brasileiro, Mestre Irineu foi síntese de possibilidades e resultado das contradições de um Brasil diverso e opressor, generoso e excludente, tudo ao mesmo tempo, nos vários tempos, nos espaços todos. Experiência viva de uma superação. Negou que fosse destino a homens com sua história, origem e prática a impossibilidade de encontrarem a plenitude do humano.

Nesse sentido, Irineu é alegoria do Brasil. É vitalidade que supera violência, exclusão, analfabetismo e fome. É a nossa diversidade generosamente alimentando almas brasileiras e estrangeiras. Um Mestre que brota na Floresta, feito cipó e folha, água e fogo. E que a tudo alumia.



Neto de escravos que, no início do século XX, migrou do Maranhão para o Acre, onde se estabeleceu e desempenhou vários ofícios: da extração de borracha a policial. Nos arredores de Rio Branco passou a desenvolver atividades de cunho espiritualista e de medicina popular, utilizando-se da ayahuasca, bebida de fortes características psicoativas. Em 1930 funda um centro religioso: o Santo Daime ou Daime, como é mais conhecido. A comunidade rural que estabeleceu acolheu inúmeros imigrantes e seringueiros expulsos da floresta devido ao colapso da economia da borracha. Mestre Irineu e sua doutrina foram sujeitos a inúmeras perseguições e preconceitos suscitados pela predominância de afrodescendentes entre seus seguidores e pelos temores que as elites de então sentiam em relação a movimentos culturais e religiosos de origem afro-indígena como aquele que liderava.

Como estratégia de defesa para si e sua comunidade, Mestre Irineu desenvolveu fortes laços com alguns políticos influentes de sua época, incluindo governadores e autoridades do exército. Hoje se considera de grande importância a sua participação na colonização do então Território que mais tarde viria a ser Estado. O movimento religioso que fundou assume características emblemáticas da identidade acreana, reminiscentes daquelas desempenhadas pelo candomblé na Bahia.

O texto do livro aqui apresentado faz uma sistematização dos dados já conhecidos sobre a história do Mestre Irineu e do Daime, além de trazer uma preciosa coleção de depoimentos dos primeiros participantes desse movimento religioso, muitos deles com já com idade avançada, ou já falecidos. A obra também enfatiza a influência da cultura afro-brasileira no desenvolvimento da doutrina pregada pelo Mestre Irineu.

Este livro é um trabalho de preservação da memória dos primórdios desse culto religioso, enfatizando a importância do Daime, símbolo do hibridismo cultural brasileiro, congregando diversas origens em nosso sistema de significados, e destacando a presença da matriz de origem africana, até agora pouco enfatizada nesse processo.

Este livro também é um marco, não apenas porque passa a ser referência obrigatória, pelo que tem de pioneiro e revelador, mas porque é um claro esforço e contribuição de dois estudiosos para uma maior eficácia das políticas públicas sobre substâncias psicoativas muitas vezes estigmatizadas e simplificadas pelo nome de “drogas”. Para um debate público mais



condizente com o pluralismo, a diversidade e a democracia que queremos. Não podemos ignorar que é da natureza humana buscar ampliar o horizonte do real. Também não resta dúvida ser esta uma questão com forte impacto cultural. Sua gravidade e solução nos cobram uma compreensão ampla.

Não basta a descriminalização, a questão é complexa, precisamos de estratégias complexas e da contextualização de cada caso. Fato é que somente bem recentemente começamos a reconhecer a legalidade dos usos culturais de certas substâncias psicoativas vinculadas a rituais.

Precisamos incorporar uma compreensão “antropológica” sobre o assunto, uma abordagem mais voltada para a atenção aos comportamentos e aos bens simbólicos despertados pelos diversos usos culturais das substâncias psicoativas. Isto também nos permite este precioso livro.

Brasília, 15 de dezembro de 2010

Juca Ferreira  
Ministro de Estado da Cultura





## Prefácio

Dizem os autores de *Eu venho de Longe* que não pretenderam “apresentar a única e verdadeira história de Mestre Irineu... a história do fundador do Daime.” Mas o que é, na realidade, uma biografia, senão a seleção histórica da vida de uma pessoa que os autores-biógrafos sejam capazes de realizar, de tal sorte a desvelar ao leitor a importância do biografado para o mundo, em qualquer que seja a dimensão, atuando com juízo crítico, a partir da seleção dos fatos sobre os quais foi a biografia construída?

No caso, Paulo Moreira e Edward MacRae, autores de *Eu venho de longe*, preencheram uma terrível lacuna nos estudos sobre a religião amazônica, pode-se dizer que fundada pelo Mestre Irineu, com a entronização de seu “sacramento” – o daime. Os biógrafos cumpriram com extraordinária competência a árdua missão de revelar aos brasileiros e a muitos outros interessados de diferentes nacionalidades, “a visão de mundo apresentada por Mestre Irineu em sua doutrina e organização comunitária”. São palavras dos autores juntamente a outras mais que transcreverei, nesta breve apresentação.

É excepcional a atualidade dos cuidados de Mestre Irineu, elaborados com rara sabedoria, no início do século passado, com o objetivo de garantir a si próprio e a seus seguidores o livre exercício da religião que escolheram.



Na realidade, Mestre Irineu, percebeu como cuidado maior, a implementação, de todo um processo de institucionalização e, para isso, anteviu a importância de formular princípios éticos em que se baseassem as normas e procedimentos compatíveis com o uso religioso da ayahuasca. Importa transcrever as palavras dos próprios autores desta obra:

De importância central aqui seriam as regras que desenvolveram a produção e uso religioso do daime, estabelecendo padrões para a interpretação das experiências produzidas sob a influência da bebida dentro de um quadro religioso que abarcava uma ordem de valores, regras de conduta e rituais, de grande importância em estruturar a vida de seus adeptos.

O fato social era desenhado pelas discriminações, pela intolerância e pelo menoscabo aos cultos de origem afro-indígena, conforme referido por Paulo Moreira e Edward MacRae que noticiam as perseguições policiais, promovidas por grupos que se diziam cristãos. Os princípios éticos são erigidos no fato social. Pois bem, ao preconceito e ao desapareço, “Mestre Irineu, apesar das perseguições e até da prisão que sofria, costumava adotar uma postura conciliatória em relação ao governo.” E quanto aos conflitos internos, “tratava de apaziguá-los, mantendo a ordem”.

Hoje, precisamente nos dias que correm, as autoridades públicas, os estudiosos e pesquisadores, as pessoas de boa vontade, amantes da Paz, e cultores das liberdades públicas, em especial da liberdade religiosa, buscam preservar o respeito à opção de numerosas pessoas, nos diversos estados de nosso País, por esta religião brasileira que veio de longe, de muito longe e desde muitos séculos, até encontrar a nossa Amazônia.

O livro que ora se oferece ao público narra a saga do brasileiro que se tornou o Mestre Irineu. Experimentou a pobreza, os sofrimentos físicos, o preconceito racial, social e religioso. Superou as amarguras, partilhando com seus seguidores sua busca espiritual,

[...] criou não só uma doutrina, mas um modo de vida que chegava a influenciar a própria maneira como se percebia e concebia o mundo, a sociedade e o corpo. Gerava, assim, entre seus seguidores um sentimento de coletividade e de uma moral religiosa compartilhada, vinculados ao consumo do daime e a princípios morais cristãos, sob a sua autoridade carismática.





O hinário O Cruzeiro, composto dos cânticos “recebidos” por Mestre Irineu, constitui fonte sagrada da religião por ele fundada e valioso objeto da investigação ética, pleno de valores morais adotados em várias outras religiões, encarnados por figuras humanas que revolucionaram a visão muitas vezes apequenada da religiosidade. Melhor dirão as palavras, de franciscana simplicidade, mas de profunda e libertadora riqueza:

Sol, lua, estrela  
A terra, o vento e o mar  
É a luz do firmamento  
É só quem eu devo amar<sup>1</sup>

O sol veio à terra  
Para todos iluminar  
Não tem bonito nem feio  
Ele ilumina todos iguais<sup>2</sup>

Com amor tudo é verdade  
Com amor tudo é certeza  
Eu vivo neste mundo  
Sou dono da riqueza<sup>3</sup>

Estou na terra, estou na terra  
Estou na terra eu devo amar  
Para ser um filho seu  
Fazer o bem não fazer mal<sup>4</sup>

Meu divino pai do céu  
Soberano onipotente  
Perdoai as minhas culpas  
E vós perdoe aos inocentes<sup>5</sup>

O título nos fala: Eu venho de longe, com um sabor de provocação. Alguém poderia dizer que, vindo de longe, muito longe ainda estamos.



Prefiro, entretanto, responder à sadia e inteligente provocação alvitrando –  
EU VENHO DE LONGE... MAS HOJE ESTAMOS BEM MAIS PERTO.

Domingos Bernardo Gialluisi da Silva Sá  
Jurista Representante da Câmara de Assessoramento Técnico- Científico do  
CONAD (Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas)

## Notas

- 1 Trecho do hino 29 - *Sol, Lua, Estrela* do hinário *O Cruzeiro* de Mestre Irineu.
- 2 Trecho do hino 64 - *Eu peço a Jesus Cristo* do hinário *O Cruzeiro* de Mestre Irineu.
- 3 Trecho do hino 40 - *Eu canto nas alturas* do hinário *O Cruzeiro* de Mestre Irineu.
- 4 Trecho do hino 19 - *O amor eternamente* do hinário *O Cruzeiro* de Mestre Irineu.
- 5 Trecho do hino 17 - *Confissão* do hinário *O Cruzeiro* de Mestre Irineu.



## Acre — Esfinge Amazônica

Recebi o convite de Paulo e Edward para escrever este texto como um imenso desafio. Afinal, como veremos adiante, a tarefa a que se impuseram estes excepcionais pesquisadores é das mais complexas e difíceis de realizar. E, para que possamos compreender a dimensão e implicações desta complexidade, seria fundamental, já de saída, levar em consideração o lugar a partir do qual estamos falando.

O Acre é um dos mais novos e distantes estados da federação brasileira, um lugar quase escondido no extremo ocidental da Amazônia, na fronteira com a Bolívia e o Peru. Dizer que o Acre, como de resto a própria Amazônia, é muito pouco conhecido ou compreendido pelos brasileiros em geral, seria apenas repetir uma ideia que já se tornou lugar comum no imaginário nacional. Uma ideia que está na origem das muitas brincadeiras e piadas que circulam no território livre da internet. Como aquela que fez muito sucesso, durante certo período, e afirmava categoricamente que: “O Acre não existe”. O que servia de mote para todo tipo de piadas infames.

Mas o que diferenciaria o Acre tanto assim? Em que medida essas brincadeiras estão mesmo relacionadas apenas à distância, ao isolamento, ou a qualquer outra característica acreana? Não seriam sinais de que algo de extraordinário, diverso, de fato existe neste estranho e fascinante mundo florestal?



Não deixa de ser curioso constatar que essas mesmas brincadeiras não são tão recorrentes em relação à outras regiões ainda mais distantes dos grandes centros de país. Tais como Roraima ou Amapá, ambos no extremo norte brasileiro. Isso nos faz refletir sobre o fato de que talvez o Acre possa ser realmente mais difícil de ser conhecido e/ou compreendido do que outras regiões da Amazônia, mesmo que por pesquisadores acostumados a encarar temas ou problemáticas muito complexas.

Sem dúvida, foi algo diferente, inusitado, singular, o que atraiu, irresistivelmente, ao Acre um de nossos maiores escritores, Euclides da Cunha, logo após a publicação e o estrondoso sucesso do grandiloquente “Os Sertões”, sobre a Guerra de Canudos. Algo que o fez buscar, de forma espontânea e determinada, sua participação na Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus, em demanda das distantes e inacessíveis nascentes do rio Purus, arrastando canoa, vencendo a fome, as doenças, a animosidade peruana, subindo e descendo cachoeiras e “balseiros”. Uma marcante experiência que o levou a afirmar, há mais de um século, que o Acre ainda estava “À Margem da História”<sup>1</sup> brasileira. Preparando com isso terreno para seu sonhado, mas não realizado, “segundo livro vingador” e que deveria se chamar “Um Paraíso Perdido”<sup>2</sup>.

Olhando sob essa perspectiva, não seriam, então, as piadas e as brincadeiras sobre o Acre, apenas reflexos de temores inconscientes despertados por um lugar que não só é distante e desconhecido, mas que, sobretudo, possui uma aura misteriosa, quase indecifrável e, por isso mesmo, pode parecer, de alguma forma, temível?

Ou não. Poderíamos também ponderar que esse singular estranhamento em relação ao Acre é apenas ato-reflexo de certo “peso na consciência” nacional. Afinal, várias passagens da história acreana chegam a ser brutais pela evidente recusa, descaso e irresponsabilidade com que o governo brasileiro tratou o Acre em muitas e diferentes ocasiões.

Não devemos ignorar que, ainda durante o auge do Primeiro Ciclo da Borracha<sup>3</sup>, a Bolívia pretendeu dominar o Acre; os ingleses e norte-americanos tentaram arrendá-lo à Bolívia; o Peru fez um consistente movimento de tomada de boa parte das terras acreanas; ao mesmo tempo em que Manaus e Belém brigavam intensamente entre si pela posse e comercialização da borracha acreana. Enquanto o governo brasileiro a tudo assistia inerte,



ausente, aparentemente preocupado apenas com os problemas então enfrentados pela exportação de café, base estrutural da República do Café-com-leite.

E pior. Mesmo quando os “brasileiros do Acre”<sup>4</sup> pegaram em armas, por conta e risco próprios, e proclamaram a criação do “Estado Independente do Acre”<sup>5</sup>, como estratégia de defesa da soberania nacional nesta região, foi o próprio governo brasileiro quem desarmou os revolucionários e, surpreendentemente, devolveu o domínio do Acre para a Bolívia.

É isso que faz com que os acreanos gostem tanto de dizer que o Acre é o único estado que é brasileiro por opção. Pois, enquanto Bahia, Rio Grande do Sul, São Paulo, entre outros, lutaram em diferentes momentos de nossa história para se separar do Brasil, o Acre lutou, com imensos sacrifícios, para ser anexado ao nosso país, em um exemplo de identidade nacional muito rara entre os brasileiros.

Mas mesmo isso pareceu não ser o bastante para o Brasil. Já que, como prêmio aos acreanos por sua luta e conquista, o governo criou, especialmente para o Acre, um regime político esdrúxulo que o tornou o primeiro Território Federal de nossa história. Um inédito sistema político que na prática condenava os acreanos a serem cidadãos de segunda categoria em seu próprio país. O Território era tutelado pelo governo federal não só em relação à enorme arrecadação de impostos sobre a borracha, mas também em relação à escolha de seus governantes, que eram nomeados diretamente pelo Presidente da República desde seu gabinete no Palácio do Catete, à revelia dos anseios acreanos. Um povo recém-formado e já submetido a toda sorte de governadores corruptos, autoritários ou, simplesmente, incompetentes.

Entretanto, tamanho prêmio parece ter sido ainda insuficiente para o governo brasileiro. O que ocasionou o singelo hábito de se enviar para o Acre degredados de diferentes origens. Assim, foram mandados para cá alguns dos participantes da Revolta da Vacina. Mais tarde, também foram “deportados” marinheiros envolvidos na Revolta da Chibata<sup>6</sup>. E até mesmo ladrões e assassinos comuns, foram trazidos para as florestas acreanas como forma de esvaziar as, já naquela época, superlotadas cadeias cariocas. Mas, o mais sintomático é que estes desterrados, não vinham para esta ou aquela prisão, mas para ser soltos na floresta e, se tudo corresse bem, morrer a míngua.



Para o leitor que pode estar achando isso tudo certo exagero de minha parte, talvez seja esclarecedor saber que este costume do governo brasileiro, no início do século XX, se tornou tão comum e corrente que deu origem a uma expressão popular que usava o termo “Ir para o Acre” como sinônimo de “morrer”. Imaginem a cena:

– Cadê fulano?

– Ih! Rapaz! Esse foi pro Acre!

– Coitado! Tão Jovem. Que Deus o tenha.

É difícil evitar a conclusão de que, de alguma maneira, o paraíso perdido vislumbrado por Euclides da Cunha, não era mais que o próprio inferno na ótica do governo brasileiro. De todo jeito, é importante ressaltar que, não faz muito tempo, esse verbete foi retirado do Dicionário Aurélio porque caiu em desuso.

Ao que tudo indica, portanto, talvez haja realmente algo mais por trás das brincadeiras de mau gosto que povoam o imaginário nacional. Acredito mesmo que haja no Acre algo diferenciado, especial, misterioso, singular que inspira o mais absoluto medo em alguns, ao mesmo tempo em que induz muitos outros ao mais completo fascínio e encantamento. O Acre não admite, neste sentido, meios-termos. Parece-se com aquele slogan da Ditadura Militar: “Ame-o ou Deixe-o”. Tanto assim que, em minha coluna semanal em jornal local, publiquei, certa vez, uma série de artigos denominados “A Esfinge Acreana”, com o subtítulo: “Decifra-me ou devoro-te”, numa referência ao milenar dístico com que a Esfinge desafia aos viajantes do deserto, no qual procurei tratar de variados aspectos singulares e, ao mesmo tempo, enigmáticos da cultura acreana.

Mas, fiz toda essa longa digressão inicial sobre as singularidades da história e do ser acreano, apenas para explicar porque, no dia em que conheci os autores deste livro – no qual eu achava que seria só mais uma entrevista sobre a história acreana – fiquei muito preocupado ao saber que o tema que os havia trazido até o Acre era a vida de uma das mais significativas e complexas personagens da trajetória acreana: o Mestre Irineu. Não consegui, então, evitar o pensamento: Isso não vai dar certo!

Afinal, se tentar compreender o Acre, já de saída, é um desafio colossal, como espero ter demonstrado acima, o que dizer então sobre a tentativa de sistematizar a história de vida de um homem que foi capaz de criar uma



nova e original religião, surpreendentemente originada nos mais profundos confins da floresta amazônica para se espalhar por todo o mundo, mobilizando milhares de pessoas das mais diferentes origens e culturas.

Ou seja, Paulo e Edward, tinham, a meu ver, enormes chances de serem devorados por nossa particular esfinge amazônica. Especialmente levando em consideração que, desde o início de minhas pesquisas sobre a história regional acreana, sempre me chamou a atenção a imensa lacuna de nossa historiografia em relação à trajetória de Raimundo Irineu Serra.

É certo que, por aqui, muita coisa se conta sobre o Santo Daime. Ou sobre o enorme negro maranhense que comandava uma comunidade lá para as bandas da Colônia Custódio Freire e tinha fama de curador. Ou, ainda, sobre a relação política que aos poucos foi sendo estabelecida entre as comunidades do Daime e o Governo do Território/Estado do Acre. Mas, escrito mesmo, em relação à vida do homem que promoveu uma verdadeira revolução espiritual neste pedaço perdido de floresta, sem que quase ninguém percebesse, quase nada.

A esse respeito, o que mais me incomodava mesmo era a inexistência de uma biografia do Mestre Irineu escrita e consolidada no seio da comunidade que ele próprio formou. Excetuando-se a publicação da Revista do Centenário, que foi em boa parte feita pelo pessoal do Alto Santo, não existe mais nada publicado sobre a vida, as dificuldades, os sucessos e os varadouros percorridos pelo jovem que veio embalado pela febre da borracha do século XIX para, aqui na Amazônia, deparar-se com mistérios e possibilidades que nunca teria sido capaz de imaginar.

O que existe, isso sim, é uma vasta bibliografia desenvolvida a partir do novo contexto que envolveu o Santo Daime desde que este começou a se expandir por outras regiões fora do Acre e da Amazônia. O que só aconteceu efetivamente após a morte de Irineu. Mas não custa ressaltar que são publicações e abordagens que não são aceitas ou difundidas, sendo muitas vezes repudiadas, pelos tradicionais seguidores de Mestre Irineu.

Por isso, quando há cerca de dez anos, estive no Maranhão, participando de um encontro promovido pela Fundação Palmares, fui tomado por um impulso avassalador de procurar os caminhos por onde Raimundo Irineu Serra teria passado antes de vir para o Acre. Além, é claro, de me render ao natural encanto provocado pela antiga e fascinante Ilha de São Luís.



E, mesmo não estando ali para isso, logo após o término do encontro do qual estava participando, visitei a Casa das Minas, as ruas do velho centro histórico de São Luís, com suas fontes públicas e túneis subterrâneos, nas quais tive encontros totalmente inesperados. Mas, como o instinto do pesquisador às vezes se torna mesmo irresistível, consegui apoio do governo estadual para ir até São Vicente Ferrer, cidade natal de Irineu.

Lá conheci o lugar vazio onde antes havia existido uma tapera de adobe e palha, na qual, segundo os moradores locais, teria nascido Irineu. Pouco depois, encontrei com um sobrinho de Irineu que conhecia bem a história do jovem que partiu para ganhar o mundo e voltou como um homem feito dono do mundo, importante líder de uma comunidade. E, finalmente, fui ao pequeno e improvisado arquivo da paróquia da cidade, onde encontrei o livro de registro de batismos no qual me deparei com uma informação nova. Ao invés de nascido em 1892, como difundido no Alto Santo e por todos seus demais seguidores, constava que Irineu havia nascido em 1890.

Esta, portanto, deveria ser uma informação importante para toda a comunidade daimista. Trouxe, então, a fotografia do registro onde constavam os nomes do pai e da mãe de Irineu, ou seja, sem margem à dúvida. E, assim que cheguei, fui ao Alto Santo dar conta à Madrinha Peregrina<sup>7</sup> do que havia encontrado. Ao que ouvi surpreso. “Que Bom! Você encontrou um documento sobre ‘Meu Velho’. Mas, se ele disse pra nós que nasceu em 1892, então nasceu em 1892 mesmo. Obrigada.”

Desde então a breve história acima descrita encerra para mim o paradigma, ou paradoxo, instalado na comunidade fundada por Mestre Irineu. Uma comunidade formada por uma poderosa e marcada tradição oral. Tão forte a ponto de, em grande medida, dispensar o valor histórico de qualquer documento formal e não sentir a menor necessidade de ter a história formal de seu fundador escrita. Não por mera recusa ou dogmatismo. Apenas porque, no caso da vida de Mestre Irineu, ela é tão metafórica quanto existencial, tão mítica quanto histórica – tão inerente ao cotidiano, à cultura local, e, ao mesmo tempo, ao universo do extraordinário e do religioso – que torna qualquer outro tipo de explicação insuficiente ou dispensável.

Esta característica, entre outras, empresta qualidades específicas ao trabalho histórico ou antropológico junto ao Alto Santo e outras comunidades





ayahuasqueiras, como passamos a chamar ultimamente. Neste sentido os autores tiveram que trabalhar em consideração a coletividades cujas memórias sociais não têm compromisso com a história, no sentido ocidental do termo, mas somente com a seleção de acontecimentos relevantes para a definição, organização e continuidade da comunidade religiosa. Mais um dos relevantes temas com que corajosamente defrontaram-se os autores deste trabalho, sem tentar desenvolver subterfúgios explicativos para as latentes contradições memória-história.

Sem descuidar do fato de que o movimento espiritual, cultural e social à que deu origem Irineu, junto com outros homens como Daniel Mattos<sup>8</sup> e Gabriel Costa<sup>9</sup>, espalhou-se desde então por áreas da política, das instituições públicas e privadas, pelo campo artístico, simbólico e estético integrantes do Acre do século XX, e, por conseguinte, também do nosso próprio mundo pós-moderno.

Neste mesmo sentido, podemos sublinhar que, em certas passagens deste livro, seus autores se confrontam com questões relacionadas ao contexto político acreano. Momentos sobre os quais a aplicação de parâmetros gerais da história política brasileira ao caso do Acre e à atuação de Irineu junto às lideranças políticas locais, pode parecer extraordinariamente tentadora. Porém, no Acre não existe direita, centro, esquerda; neoliberais, democratas ou socialistas da forma como nos acostumamos a pensar em relação ao Brasil.

Por força de seu contexto político diferenciado, como Território Federal desde 1904, os acreanos não tinham direitos políticos que os possibilitassem ter partidos e disputas eleitorais que consolidassem espectros ideológicos claramente definidos.

Daí, por exemplo, porque a Legião Autonomista que originou o PTB local e que teoricamente representava setores mais populares e “autonomistas” da sociedade, foi contra o projeto que transformava o Território Federal em Estado Autônomo, ao final dos anos 50. Ao passo, que o PSD, originado do antigo Partido Construtor e, portanto, pelo menos teoricamente, mais conservador, elitista e favorável às políticas do governo federal, foi quem levantou e defendeu o movimento que resultou na tardia criação do Estado do Acre, em 1962.

Da mesma forma, não se pode transformar a amizade de Mestre Irineu com o Cel. Fontenele de Castro e com o Governador Guiomard Santos,



líderes maiores do PSD acreano, que após 1964 seria transformado na Arena, em um possível apoio político à Ditadura Militar. Esta tentativa pode não ser mais do que uma extrapolação de inexistentes composições políticas e sociais do contexto acreano. Ao passo que se constitui num dos temas mais importantes do trabalho desenvolvido neste livro.

Na verdade, as relações de Mestre Irineu com Fontenele e Guimard eram muito mais pessoais, corporativas e até mesmo afetivas, do que propriamente políticas. O apoio político de Fontenele e Guimard, com toda a força de representantes da elite governante, foi o que possibilitou certa distensão de muitos dos preconceitos da sociedade acreana em geral ao uso religioso do Daime. Daí que um apoio eleitoral de Irineu a eles era também natural, permanente e independente de qualquer mudança conjuntural no longínquo Brasil.

Até porque, os vinte anos de Ditadura Militar foram, aqui no Acre, em grande medida, simplesmente continuidade do autoritarismo e do regime de exceção até então vigente. Aqui no Acre, a democracia ainda não havia chegado, a não ser pelo breve período de 1962-64. Importante não esquecer, portanto, que não podemos interpretar a história política do Acre no período militar sob os mesmos parâmetros que aplicamos para o restante do país. Apenas mais uma das inúmeras armadilhas da esfinge acreana.

Daí o desafio imenso a que se propuseram Paulo e Edward ao pretender, e conseguir, reunir documentos, depoimentos e eventos significativos na trajetória deste personagem histórico tão singular que foi Mestre Irineu. Por que esse trabalho tem o potencial de ressignificar não só a formação do Acre, mas de imensas áreas até então invisíveis da própria história brasileira.

Com estes exemplos postos, devemos voltar então às nossas questões iniciais para começar a concluir esta já muito longa apresentação. Afinal, em que outro lugar do Brasil, índios, negros, caboclos, brasileiros e estrangeiros conseguiram interagir a ponto de dar origem a uma nova manifestação religiosa, totalmente original? O advento do Santo Daime já é, por si só, um acontecimento extraordinário. Surgiu da floresta, de uma cultura gestada a partir do conhecimento e da vivência na floresta e seguiu expressando suas sínteses mesmo quando transportada para o meio urbano sem, em grande medida, ceder às manipulações e forças de mercado.



Tanto assim que, atualmente, a produção de novos trabalhos relacionados à ayahuasca assumiu uma outra característica. Ela perdeu a predominância de títulos com abordagem esotérica, mágica ou literária que tinha nos anos setenta aos noventa. E se tornou profusamente fértil em textos e trabalhos acadêmicos, nas mais distintas áreas do conhecimento. Aspectos legais, antropológicos, bioquímicos, terapêuticos, políticos, ganharam relevo em contraposição àquelas publicações de circulação mais restrita e que dizem respeito às questões doutrinárias/religiosas.

Entretanto, faltava uma base sólida para boa parte dessa produção, considerando-se que Mestre Irineu tem papel fundante em diversas de suas novas configurações. Este livro é esta base que faltava. Por que está situada em sua origem. No ponto de passagem de uma tradição indígena para uma tradição cristã. Ponto de convergência, de mutação, de transformação, sintetizada através de uma vida humana, um personagem que se tornou catalisador de um conjunto de referências culturais.

Discutimos hoje o reconhecimento,<sup>10</sup> por parte do Ministério da Cultura, do uso da ayahuasca – daime, Vegetal, Kamarãpi, Huni, ou como se queira chamá-lo – como expressão cultural plena e inerente ao povo brasileiro. Ou seja, uma nova compreensão de que estas práticas culturais não podem ser simplesmente rotuladas como uma questão de saúde pública, de legislação antidrogas ou mesmo de dogmas religiosos. O uso do Daime é hoje, mais evidentemente do que nunca, uma problemática histórica e cultural em seu sentido mais amplo e profundo. E não se muda, proíbe ou promove expressões culturais com decretos ou testes de laboratório.

As muitas manifestações culturais relacionadas ao Daime são, neste sentido, tão complexas, intrigantes, misteriosas e relevantes, que se parecem com o próprio Acre, tão desafiador quanto, às vezes, ameaçador. A força que parece emanar deste pedaço da floresta tem espírito próprio e não pode ser aprisionado por parâmetros rápidos ou superficiais.

Talvez por isso o Acre tenha sido ao longo de sua breve história e, ainda seja, terreno fértil para tantos homens e mulheres diferenciados. Já que em todos os rios acreanos se multiplicaram histórias de seres humanos que se tornaram extraordinários por sua espiritualidade e foram responsáveis por inúmeras curas e milagres que são atestadas pela cultura popular acreana. Seja o São João do Guarani, um seringueiro que morreu debaixo



de maus tratos; seja a Santa Raimunda do Bom Sucesso, uma índia Jaminawa; ou o Irmão José da Cruz, que por muitos anos percorreu os rios do Vale do Juruá pregando e curando; entre tantos outros personagens que parecem cumprir a risca o que Euclides da Cunha escreveu sobre suas andanças: “Quando nos vamos pelos sertões em fora, num reconhecimento penoso, verificamos, encantados, que só podemos caminhar na terra como os sonhadores e os iluminados.”<sup>11</sup> Quem poderia dizer que neste pedaço esquecido, desprezado, ignorado de floresta, um dia, iria surgir um líder espiritual da estatura de Mestre Irineu. Da mesma forma que ninguém poderia imaginar que daqui, das distantes florestas acreanas, surgiria também um líder popular e mundialmente significativo como Chico Mendes. Ambos coincidentemente nascidos em 15 de dezembro, ainda que com meio século de diferença entre eles.

O que há, enfim, de tão diferente no Acre? Não sei dizer. Posso adiantar somente que Paulo e Edward com sua importante pesquisa, agora materializada neste belo e instigante livro, dão uma enorme e inequívoca contribuição para qualquer um que se proponha a, ao menos tentar, desvendar a fascinante esfinge acreana.

Por isso, durante a leitura das páginas que se seguem, lembrem-se! Nós que vivemos nesta extraordinária região da Amazônia Ocidental, onde estão as nascentes de alguns dos principais formadores do rio Amazonas, sabemos, sem nenhuma margem a dúvida, que, diferente do que possa parecer à primeira vista, o Acre não é o fim do mundo, mas sim o início dele.

Rio Branco, 10 de novembro de 2010

Marcos Vinicius Neves  
Presidente da Fundação Garibaldi Brasil

## Notas

- 1 Título de um dos livros de Euclides da Cunha que foram publicados após sua viagem ao Acre ocorrida em 1905. Neste caso um livro que só foi publicado postumamente em 1909.



- 2 Intenção revelada em carta escrita a Coelho Neto, em Manaus, 10 de março de 1905.
- 3 Período entre 1870 e 1912 quando a borracha amazônica desfrutou de alto valor no mercado internacional e se tornou o segundo produto da pauta de exportações brasileiras.
- 4 Termo adotado pelos revolucionários brasileiros durante a Guerra do Acre, também conhecida como Revolução Acreana, 1899-1903, para se auto-designar, uma vez que ainda não existia um povo denominado “acreano”.
- 5 O Estado Independente do Acre foi proclamado em 14 de julho de 1899 pelo espanhol Luiz Galvez Rodrigues de Arias para forçar o governo brasileiro a negociar com a Bolívia a posse definitiva das terras acreanas.
- 6 A esse respeito ver Carvalho (1999).
- 7 Madrinha Peregrina Gomes Serra, última esposa, atual líder e “Dignatária” do Alto Santo.
- 8 Maranhense como Mestre Irineu, Daniel Pereira de Mattos foi seu amigo e com ele se iniciou nos trabalhos com a ayahuasca. Mais tarde fundou uma capelinha que deu origem a vários centros religiosos de Rio Branco, comumente designados como “Barquinha”.
- 9 O baiano Mestre Gabriel fundou em Porto Velho a União do Vegetal, uma das mais importantes e numerosas igrejas ayahuasqueiras da atualidade.
- 10 O pedido de registro do uso ritual da ayahuasca foi entregue ao Ministro Gilberto Gil em 2008, durante cerimônia ocorrida no Alto Santo e ainda se encontra em tramitação no IPHAN.
- 11 Prefácio de Euclides da Cunha escrito para o livro Poemas e Canções, de Vicente de Carvalho.





## Uma Visão Maranhense

Em fins da década de 1980, assisti, na PUC-SP, uma mesa redonda sobre legislação e o uso da ayahuasca, com a participação de diversos especialistas entre os quais os Professores Drs. Edward MacRae, Edgard de Assis Carvalho, Elisaldo A. Carlini (do Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicoativas), o jurista Dalmo Dalari e outros, que debateram diversos aspectos interessantes relativos a esta manifestação religiosa e cultural que estava se difundindo em diferentes regiões do país. Lembro que, na época, indaguei a antropólogos presentes sobre o problema de como conciliar pesquisa de campo com observação participante no estudo de uma religião em que os adeptos têm que assumir o estado alterado de consciência. Depois disso, já orientei trabalho de um estudante que enfrentou esta situação sem grandes problemas.<sup>1</sup>

Pouco depois, tive a oportunidade de participar, com alguns colegas, de uma cerimônia do Santo Daime no sítio Castelo da Mombaça em Taboão da Serra, pertencente a um artista membro do Daime. Nas vésperas, tivemos que assistir a uma reunião preparatória na qual fomos informados sobre as condições necessárias para a participação do ritual, como abstinência de carne vermelha, bebidas alcoólicas e sexo, uso de roupas leves assim como outras orientações.



A cerimônia da qual participamos foi realizada durante toda uma noite num belo sítio, com muita vegetação, nos arredores de São Paulo. O espaço onde ocorreu o ritual era uma espécie de castelo aberto e amplo que comportava uma centena de pessoas separadas por alas, masculina e feminina, com predomínio de homens, o que foi dito não ser bom pelo desequilíbrio de energias. No espaço central havia uma grande mesa, coberta por toalha branca de crochê, com diversos objetos como cristais, raízes, cruz de Caravaca em acrílico e outros símbolos místicos. Em torno da mesa, uma dezena de cadeiras onde se sentaram músicos e algumas pessoas. Os instrumentos utilizados foram: dois violões, uma flauta, uma guitarra boliviana, um violino. O acompanhamento foi muito bem executado por músicos excelentes. Numa extremidade da mesa, um dos adeptos tocava um maracá enfeitado com fitas. Em torno do espaço alguns vigilantes também seguravam maracás e controlavam para que os participantes não se afastassem do recinto.

Todos os devotos fardados usavam uma estrela dourada e/ou prateada e as mulheres levavam um diadema na cabeça. Cantavam hinos, davam passos à esquerda e a direita, seguidos de uma meia roda. Tomamos três vezes a ayahuasca durante várias horas, estando todos envolvidos no ambiente místico do ritual. Constatei, na oportunidade, que pude também realizar o exercício antropológico da observação participante.

Ao regressar, de imediato lembrei o Baile de São Gonçalo que gosto e costume assistir no Maranhão. É um ritual do catolicismo popular, uma forma de pagamento de promessa, de origem portuguesa, provavelmente trazida por açorianos e muito comum na região dos lagos de Viana da Baixada Maranhense.<sup>2</sup> Os brincantes dançam em filas, vestidos com roupas parecidas às vestimentas do Daime, todos de branco usando fitas coloridas, as mulheres com coroas ou grinaldas na cabeça e os homens com chapéu de veludo bordado. O Baile de São Gonçalo, ao som de instrumentos de corda, costuma ser realizado no período do verão, no segundo semestre do ano, época em que não chove. Pessoas procedentes de Viana, São Vicente Ferrer, Cajari, São João Batista e municípios vizinhos se reúnem e pagam promessas com o baile de São Gonçalo que é frequentemente realizado em bairros da periferia de São Luís.

O ritual do Santo Daime lembra também aspectos dos toques de Tambor de Mina, religião afro-brasileira do Maranhão em que cânticos





ou doutrinas entoados são repetidos várias vezes pelo coro. Tem também relações com a Pajelança ou Cura, que se inclui no universo da religiosidade popular afro-indígena maranhense. Possui elementos da Festa do Divino, como comentam Labate e Pacheco.<sup>3</sup>

Desde então, temos conversado com alguns pesquisadores que estudam o Daime, apontando relações entre seus rituais e elementos da cultura e da religiosidade popular maranhense, especialmente com a Dança de São Gonçalo e com o Tambor de Mina, tendo em vista que o fundador desta religião foi um negro natural de São Vicente Ferrer, na Baixada Maranhense. Em artigo publicado em 2002, Labate e Pacheco afirmam que, no universo da “encantaria maranhense” há diversos conceitos e termos que são utilizados no Santo Daime, como doutrina, cura, firmeza, a devoção à Nossa Senhora da Conceição e outras entidades, algumas com títulos de príncipes e princesas. Mencionam relações do Daime com a festa do Divino Espírito Santo, largamente difundida no ambiente de Tambor de Mina do Maranhão, em que um grupo de crianças representa um império ou reinado. Mostram alguns versos das caixas da festa do Divino que têm semelhanças com hinos do Daime.

Analisando relações entre o Daime o baile de São Gonçalo, Labate e Pacheco (2002) constatam que “as semelhanças estilísticas [...] são notáveis”. Destacam nestas relações a presença de roupas brancas denominadas de farda, o uso de terno, gravata e chapéus pelos homens, de saia e coroas pelas mulheres e de fitas coloridas por ambos. Mostram semelhanças nos instrumentos e nos ritmos com valsas e marchas. Consideram ser provável que, na composição da ritualística daimista, Mestre Irineu tenha se inspirado no baile de São Gonçalo. Lembram ainda a importância do maracá, no bumba-meu-boi e na pajelança maranhense, como no ritual do Daime e comentam que estas influências também estão presentes na Barquinha, outra religião ayahuasqueira fundada pelo maranhense Mestre Daniel Pereira Mattos.

O livro *Eu Venho de Longe, Mestre Irineu e Seus Companheiros*, de Paulo Moreira e Edward MacRae, apresenta grande número de detalhes sobre a história de vida do fundador da religião do Santo Daime, Raimundo Irineu de Matos, maranhense nascido em fins do séc. XIX em São Vicente Ferrer, que media cerca de dois metros e com cerca de vinte anos foi para o Acre, chegando lá no fim do ciclo da borracha.



Embora os autores reconstituam minuciosamente a vida de Mestre Irineu, afirmam na introdução que não pretendem apresentar a única e verdadeira história deste líder carismático, cientes de que várias interpretações podem ser dadas sobre múltiplos aspectos de cada história de vida. Discutem elementos da metodologia da pesquisa, da observação participante e de sua longa convivência com as manifestações daimistas, afirmando que, sem isso, o trabalho teria sido praticamente impossível de ser realizado. Mencionam fontes e documentos consultados, discorrem sobre preconceitos e discriminações contra o negro e as religiões afro-indígenas, sobretudo por parte do fundamentalismo neopentecostal hoje largamente difundido.

O trabalho destaca as origens maranhenses do fundador e suas raízes entre escravos e indígenas na Baixada Maranhense. Apresenta detalhes e documentos sobre sua história e depoimentos de familiares, com ilustrações relativas à época em que Irineu Serra viveu em sua terra natal. Elabora reconstituição detalhada da vida do mestre entre seus familiares. Reconstitui sua saída do Maranhão em 1909, com cerca de 18 anos e a chegada ao Acre em 1912. Todo o texto é ilustrado com várias fotos e mapas indicando locais de sua passagem e permanência, comentando seu trabalho na Comissão de Limites entre Peru e o Acre, contatos que manteve com outros migrantes nordestinos<sup>4</sup>, com negros e conterrâneos do Maranhão. Comenta também as origens indígenas da ayahuasca e narra mitos da fundação da religião de Mestre Irineu. Apresenta e discute relações de Irineu com espíritas, esotéricos, com militares e políticos.

Entre outros temas, o livro analisa a formação do Daime, mostrando que nos hinos aparecem muitos nomes indígenas provavelmente decorrentes de contatos de Irineu com elementos da cultura Tupi, em sua terra natal e na Amazônia. Mostra que várias entidades invocadas no Daime são membros de famílias reais, Magos do Oriente, ou entes da floresta, como ocorre nas religiões populares afro-ameríndias e em outras manifestações da cultura popular no Maranhão e no Norte do país.

Menciona o uso do tabaco, de rapé e de chás, como a erva cidreira, da macaxeira insossa e os diversos trabalhos e chamados de cura realizados por Mestre Irineu. Refere-se à presença da linha do Tucum<sup>5</sup>, ao uso dos conceitos de irradiação e encosto, comuns no Espiritismo, no Tambor



de Mina e hoje muito difundido pelo Pentecostalismo. Comenta a criação periódica de novos hinos e a criação de novos moldes de fardas que marcaram momentos distintos da doutrina de Mestre Irineu. Anota que certos trabalhos de mesa organizados pelo Mestre Irineu deveriam ser realizados com número ímpar de participantes (3, 5, 7 ou 9), o que também ocorre em alguns rituais do tambor de Mina como banquete dos cachorros<sup>6</sup>. Comenta o costume de usar charuto e fumaça para curar, de beber ou passar urina para trabalhos de cura. Assinala a presença de valsas, marchas, mazurca e maracá. Aponta a adoção do calendário católico para certas festas, o uso de velas e de rezas populares como Ave Maria, Pai Nosso, Salve Rainha, Louvado seja N. S. J. C. Destaca a presença do costume de “entrega da festa”. Refere-se a não utilização da cor preta nas faixas do fardamento. Constata-se facilmente que a maioria destas práticas é comumente encontrada nas religiões e na cultura popular amazônica e maranhense, como no Bumba-meu-boi, no Tambor de Crioula, no Tambor de Mina, na Pajelança e em outras religiões afro-brasileiras do Norte e Nordeste.

Os autores comentam a adoção de elementos culturais ligados às religiões afro-ameríndias e ao catolicismo popular, ao Ciclo Esotérico Comunhão do Pensamento e relações do Mestre com a linha do astral, mais próxima ao espiritismo. Verificamos que esta religião brasileira, nascida no Norte, que hoje se difunde no país e no exterior, como toda religião e como toda manifestação cultural, apresenta características do sincretismo cultural e religioso, o que não retira sua autenticidade como prática religiosa<sup>7</sup>, como julgam alguns que consideram o fenômeno do sincretismo como mistura indigesta que diminuiria a pureza da religião.

Comentam que, na procura de uma parceria intelectual, algumas vezes, mestre Irineu frequentou e se associou ao Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento, trouxe para o Daimê princípios filosóficos inspirados nesta doutrina e incluiu nos rituais símbolos como a Cruz de Caravaca. Trouxe também ensinamentos de um guru indiano e outros princípios teosóficos. Somou conhecimentos da cabala judaica, da astrologia e do budismo, influenciado pela leitura de textos esotéricos. Segundo nossos autores, a procura de aproximações com a religião católica, com o protestantismo e com outras tradições, demonstra a necessidade de legitimação de sua doutrina para minimizar estereótipos decorrentes de seu fenótipo de negro, para evi-



tar perseguições ao Daime e ao curandeirismo, relacionadas com acusações de feitiçaria que foram atribuídas ao fundador.

O livro menciona diversos incidentes de vida pessoal do mestre, que, algumas vezes, foi temido e considerado como um negro feiticeiro, que matava crianças, que ao longo de sua vida teve diferentes esposas e ao mesmo tempo era uma figura carismática, de grande liderança, respeitador das leis e respeitado pelas autoridades locais como um guia que organizava, orientava e dirigia grande número de adeptos.

Diversas passagens mencionam a rede de relações sociais e políticas do Mestre no Acre, sua participação em apoio a candidatos a cargos eletivos e os benefícios destes contatos para seu grupo religioso. Comentam que Mestre Irineu sempre foi um homem que estava ao lado do Governo e, por isso, muitos políticos iam pedir o seu apoio. Desenvolveu laços de amizade com governadores e deputados do Território e depois do Estado do Acre, que frequentavam sua casa e tomavam Daime para tratamento de saúde. Mostram sua proximidade com a cúpula do governo local, dizendo que foi cortejado por políticos em busca de votos. Afirmam que o mestre nunca teve vocação para a oposição. Sempre foi homem da lei. Manteve boas relações com os governos militares e foi considerado como líder espiritual e conselheiro político, uma vez que reunia muita gente e tinha grande liderança. Pretendendo salvaguardar seu grupo, possivelmente trabalhava por uma acomodação com o poder político. Lembram também que um líder do Daime, amigo do mestre, foi torturado pelos militares por ser de esquerda. Informam que atualmente o pessoal do Daime mantém grande proximidade com partidos de esquerda no Acre. Verifica-se por estas informações que Mestre Irineu foi de fato um líder religioso carismático com grande capacidade de influenciar pessoas. Lembro que grandes líderes religiosos populares como Mãe Menininha do Gantois, do candomblé da Bahia, Mãe Andresa Maria e Dona Celeste Santos na Casa das Minas do Maranhão e vários outros tiveram características similares, de somar forças e reunir pessoas. O Mestre desenvolveu um novo sistema religioso original, procedente de múltiplas origens, que soube sintetizar com maestria. Sua doutrina tem elementos do catolicismo, da umbanda, da medicina popular, das religiões ameríndias e revela conhecimentos de inspiração sobrenatural.



O trabalho mostra a consolidação do Daime após o retorno de Mestre Irineu de viagem que fez ao Maranhão em meados dos anos de 1950, mencionando a adoção de diversas alterações nos rituais e no fardamento dos devotos. Comenta a aproximação, sobretudo a partir daí, das fardas usadas nos rituais do Daime com as vestes do baile de São Gonçalo maranhense. O livro mostra fotos e menciona a proximidade de Irineu Serra com seu primo Mestre Elpidio, exímio tocador de tambor de crioula de São Luís e com o maranhense de Vargem Grande, Daniel Mattos, que mais tarde foi o fundador do ritual ahyuasqueiro da Barquinha, que possui semelhanças com a linha da umbanda.

Narra, com descrição detalhada, as maneiras de confeccionar o Daime, mostrando que as plantas devem ser colhidas na lua nova, afirmando que, quando bem preparada, a bebida chega a durar 30 anos fora da geladeira. Moreira e MacRae comentam ainda diversos problemas que Irineu Serra enfrentou no fim da vida, como polêmicas, tensões e rivalidades entre os seguidores, que ameaçavam o poder que sempre tivera e que se refletia no título de Mestre Império ou Imperador<sup>8</sup>.

Sua morte, em 06 de Julho de 1971, com mais de 80 anos, provocou grande consternação, deixando viúva sua esposa dona Peregrina, então com 33 anos. O velório foi muito concorrido e ele foi sepultado como grande líder, como um chefe militar, ou uma autoridade política. São apresentadas fotos do velório e do caixão coberto com a bandeira nacional.

O trabalho contém ainda uma dezena de páginas de referências bibliográficas e vários apêndices e anexos. Possui grande número de notas, fotos, mapas, documentos escritos, letras e música de hinos e doutrinas. Inclui árvores genealógicas e esquemas de parentescos de Mestre Irineu e de alguns de seus colaboradores mais próximos. Expõe também croqui com gráfico da arrumação de um salão de reuniões do Daime.

O livro apresenta muitos detalhes e informações sobre circunstâncias em que os hinos foram recebidos. Mostra aspectos da identidade de Mestre Irineu, um negro maranhense que saiu do interior com cerca de 20 anos e foi para a Amazônia, levando consigo elementos da personalidade negra e cabocla, amazônica e nordestina e, sobretudo maranhense como podemos ver ao longo de todo o trabalho e em muitas passagens de sua vida.

De acordo com Motta, na Região da Baixada Maranhense onde nasceu Mestre Irineu, a Pajelança de negro encontra-se amplamente difundida.<sup>9</sup>



Nela encontramos crenças em seres encantados que são príncipes, princesas, índios, caboclos etc. Na orelha do livro de Christiane Motta (2009), Mundicarmo Ferretti afirma que, na pajelança maranhense (práticas da medicina popular da Amazônia), não se pode separar terapia da religião. A pajelança surgiu do encontro de culturas nesta região com a junção de crenças, práticas e rituais do catolicismo europeu, das crenças dos ameríndios e dos ritos dos afro-descendentes. A religião do Santo Daime fundada pelo Maranhense Mestre Irineu tem muito de sua terra natal.

Bastante longo e minucioso, o livro, em algumas passagens, talvez peque pelo excesso, quase barroco de detalhes e informações, mas sua leitura é fácil e agradável. É um trabalho de fôlego e de grande interesse justamente pelo estudo minucioso, como uma filigrana sobre a história de vida de um negro nascido no interior do Maranhão poucos anos após a abolição da escravidão e que fundou uma religião. Como outros nordestinos, aos 20 anos chegou à Amazônia no fim do ciclo da borracha. Enfrentou problemas no novo ambiente, estabeleceu-se no Acre desde antes da Primeira Guerra Mundial. Diante das dificuldades de vida, procurou e encontrou junto aos nativos uma combinação de plantas mágicas, que, com a ajuda de encantados e entidades sobrenaturais lhe ensinaram a organizar os fundamentos de uma nova religião de cura de males materiais e de orientação espiritual. A combinação de conhecimentos de plantas da região amazônica, preservados pelos indígenas e adaptados por Mestre Irineu, com os ensinamentos conseguidos junto a seus protetores espirituais, fez com que ele, com seus companheiros, organizassem uma nova religião brasileira, surgida entre seringueiros da Amazônia, que hoje se difunde em toda parte. Os rituais desta religião se inspiram na religiosidade e na cultura popular de sua terra e da Amazônia. Esta religião veio trazer alento e cura aos caboclos dos seringais do Acre, ampliou-se pelo país, pelo exterior, entre diferentes classes sociais e se apresenta a novos devotos nas grandes cidades, ansiosos por uma fé que traga mais coragem para enfrentar as dificuldades atuais da vida urbana, na busca de um retorno à natureza e a um mundo mais simples.

São Luís, novembro de 2010

Dr. Sérgio F. Ferretti

Antropólogo e professor Emérito da UFMA



## Notas

- 1 Sobre o uso da ayahuasca na União do Vegetal em São Luís ver: SOUZA, Valdir Mariano. *Ayahuasca, identificando sentidos: o uso ritual da bebida na União do Vegetal*. 2010. 180 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, 2010.
- 2 Sobre o Baile de São Gonçalo em São Luís e em São Vicente Ferrer, ver Pereira (2008).
- 3 LABATE, Beatriz C.; PACHECO, Gustavo. Matrizes Maranhenses do Santo Daime. In: LABATE, B. C.; ARAUJO, W. S. (Org.). *O uso ritual da Ayahuasca*. Campinas: Mercado de Letras; FAPESP, 2002. p. 303-344.
- 4 Ver: PANTOJA, Mariana Civatta. *Os Milton: cem anos de história nos seringais. Com pós-escrito sobre os Kuntanawa*. Rio Branco, AC: [s.n.], 2008.
- 5 No Tambor de Mina do Maranhão a linha do tucum também aparece nos rituais denominados de Tambor de Índio. A respeito, ver: FERRETTI, Mundicarmo M. R. A representação do índio em Terreiros de São Luís. *Pesquisa em Foco*, São Luís: UEMA, v. 6, n. 8, p. 47-57, 1998.
- 6 Sobre o banquete dos cachorros na Casa das Minas. Confira FERRETTI, Sérgio. *Repensando o Sincretismo*. São Paulo: Edusp, 1996.
- 7 Sobre Sincretismo ver Ferretti (1996).
- 8 Título que remete à figura do Império do Divino, elemento essencial da Festa do Divino Espírito Santo que está presente praticamente em todos os terreiros de Tambor de Mina do Maranhão. (FERRETTI, 1996)
- 9 MOTTA, Christiane. *Pajés, curadores e encantados: pajelança na Baixada Maranhense*. São Luís: Edufma, 2009.







## Introdução

Este livro não pretende apresentar a única e verdadeira história de Mestre Irineu. Na realidade, empreitadas com propostas desse tipo não são viáveis, uma vez que qualquer relato inevitavelmente vem marcado pela perspectiva de quem o faz, do momento em que a história é contada e dos propósitos do narrador.

No caso em pauta, contar “a” história do fundador do Daime seria claramente impossível, já que nenhum dos autores do livro teve a possibilidade de conviver com Mestre Irineu e, assim, não poderíamos nem apresentar um relato que buscasse refletir somente as nossas próprias perspectivas. O que fizemos neste livro foi compilar uma série de relatos, feitos em sua maioria por seus contemporâneos, não nos furtando, porém, de oferecer várias conjecturas nossas, elaboradas a partir de um exercício de contextualização histórica, baseado em pesquisas documentais e bibliográficas, entrevistas e observação participante.

A falta de “objetividade” de nossa proposta já fica evidente no uso que fizemos das entrevistas à nossa disposição, uma vez que não deixamos de selecionar certos entrevistados para receberem uma atenção mais destacada. Embora tenhamos utilizado para isso critérios de representatividade e coerência que nos pareciam os mais apropriados, esse processo não deixa de refletir, mesmo que indiretamente, nossas avaliações e até preconceitos.



Além disso, devemos lembrar que o mesmo ocorre com os autores dos diversos relatos, que também tiveram que escolher o que contar e como, levando em conta, não só a quem faziam as revelações, mas também os longos anos e tudo o que sucedeu a partir dos fatos narrados. Esse passado, nem sempre muito recente, inevitavelmente os leva a avaliar hoje os fatos narrados de forma diferente daquela de quando ocorreram. Assim, o que poderia parecer uma atitude positiva no passado, hoje já pode ser avaliado de maneira mais crítica. O que poderia ser motivo de orgulho no passado, hoje talvez seja melhor esquecer. Ou vice-versa.

Adicionalmente, devemos lembrar que quem conta uma história inevitavelmente tem um propósito. Seu relato deve ter início, meio e fim para fazer sentido e merecer ser contado. Deve, se possível, também haver uma “moral da história”. Assim, sem nem o perceber, quem faz um relato também faz uma reorganização dos elementos, buscando impor uma ordem e um sentido que, em última instância, são reflexos de sua própria visão de mundo. Além disso, com o passar do tempo, a lembrança tende a se esvaír naturalmente, ocorrem os chamados “vazios mnemônicos” e os indivíduos, e até os grupos, são frequentemente levados a preencher os espaços deixados na memória pelo esquecimento, com material inventado ou emprestado de outro lugar, que eles passam a confundir com lembranças genuínas. Temos bastante clareza a respeito da natureza, até certo ponto inconsciente, desse processo, o que, para nós, isenta os narradores de qualquer suspeita de mentira proposital.

Outra fonte de conhecimento que nos foi muito importante foi o que os antropólogos chamam de “observação participante”: a nossa longa convivência com diferentes manifestações daimistas, que nos ajudaram a avaliar, tanto a representatividade dos informantes, quanto a relevância de diferentes temas levantados nas discussões. Nossas experiências, participando da vida e dos rituais de comunidades daimistas – sem deixar de tomar muito daíme – foram essenciais para compreendermos a importância que essa prática tem para a visão de mundo apresentada por Mestre Irineu em sua doutrina e organização comunitária.

Para lidar com a fluidez das memórias de nossos informantes, recorreremos também a pesquisas documentais e bibliográficas, buscando cotejar informações que nos eram oferecidas pelas lembranças com aquilo que



poderia ser apurado a partir de documentos oficiais e relatos da imprensa. Isso não deve ser confundido com uma simples “verificação”, em que o documento seria tomado como sendo mais confiável e verídico do que a memória. É provável que tenhamos feito mais frequentemente o contrário. Assim, colocamos em questão diversos documentos oficiais como, por exemplo, a data do nascimento de Mestre Irineu, registrada no seu documento de óbito, ou certas datas de falecimento inscritas em lápides de cemitério. Talvez o maior uso que tenhamos feito dessa pesquisa documental e bibliográfica tenha sido para nos embasarmos em termos da história mais geral, tanto do que ocorria no Brasil como um todo, quanto no que era especialmente pertinente ao Acre.

De igual relevância foi a contribuição de todos os pesquisadores, acadêmicos ou não, que nos antecederam e nos legaram considerações e esclarecimentos sobre nosso tema e (de importância crucial!) entrevistas de grande riqueza com personagens centrais à história que hoje já são falecidos. Assim agradecemos muitíssimo a Jair Facundes, pelo acesso às entrevistas gravadas com descendentes de antigos frequentadores do Círculo de Regeneração e Fé (CRF), políticos amigos de Mestre Irineu e os filhos destes, que atualmente são políticos cuja importância extrapola os limites acreanos e adquire dimensão nacional. Foi Jair Facundes que também mediou as nossas entrevistas mais difíceis em campo. Sem sua ajuda, nosso entendimento da vida e obra de Mestre Irineu teria sido muito mais limitado. Estamos, da mesma forma, agradecidos pelos diálogos com o seu pai, João Rodrigues.

Outras fontes que pudemos consultar e que, em alguns casos, reproduzimos aqui foram entrevistas e outros relatos colhidos por Clodomir Monteiro da Silva, Antônio Macedo (vídeo documentarista), Arneide Bandeira Cemin, Fernando de La Roque Couto, Sandra Goulart, Beatriz Labate, Gustavo Pacheco, Vera Fróes, Francisco Cal Ovejero, Eduardo Bayer Neto, Saturnino Brito do Nascimento, Jairo Carioca, Luiz Carlos Teixeira de Freitas, Florestan J. Maia Neto, e, da Revista do Centenário, Ana Ruttimam, Laura Van Erven e Rolando Monteiro. Agradecemos a todos eles por suas pesquisas, reflexões e publicações que ajudam a compor o campo de estudos que se estrutura atualmente em torno da vida e obra de Mestre Irineu.



Também foi muito importante o acesso a documentos possibilitado por diferentes órgãos dos Governos Estadual e Municipal do Acre que vêm mantendo registros de diferentes naturezas e de grande valia para o trabalho de reconstituição histórica do passado acreano: o Patrimônio Histórico do Acre, o Instituto de Terras do Acre (ITERACRE), o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a Fundação Elias Mansour, a Fundação Garibaldi Brasil, o Fórum de Rio Branco e o Fórum de Brasileia. Finalmente não podemos deixar de ser extremamente gratos aos nossos entrevistados que compartilharam conosco suas lembranças de juventude. Entre eles destacamos Daniel Serra, Paulo Serra, Lourdes Carioca, Adália Granjeiro, Luis Mendes, Zé Dantas. Embora não tenhamos podido entrevistar a saudosa Percília Ribeiro, fizemos amplo uso dos inúmeros depoimentos que deixou, fundamentais para o nosso trabalho.

Ao publicarmos as letras de diversos hinos do repertório do Daime, consideramos ser essencial acompanhá-las das partituras de suas respectivas melodias, uma vez que acreditamos que elas só podem ser adequadamente avaliadas quando executadas; de preferência, no contexto de um ritual da doutrina. Levando em conta as grandes variações, registradas nas performances executadas nas diferentes casas e tradições daimistas, foi necessário realizar um estudo comparativo das diferentes interpretações musicais de hinários oficiais conforme registrado em gravações feitas em rituais dos centros: Centro Rainha Floresta, Centro de Iluminação Cristã Luz Universal Juramidam, Centro Livre Caminho do Sol e Alto Santo, consideradas por muitos como as mais fiéis à tradição deixada por Mestre Irineu.

Queremos deixar claro que a análise musical aqui empregada não pretende apresentar uma única e verdadeira versão musical dos hinos do Daime. Acreditamos que empreitadas com essa intenção não tem fundamento, pois qualquer execução de hinos inevitavelmente é uma interpretação de quem a faz, uma performance marcada pelas especificidades do momento em que ocorre, incluindo-se aí a evolução técnica alcançada pelo músico. Também temos consciência que nossos conceitos e expectativas pessoais não deixam de influenciar a nossa própria análise dos hinos. Assim, neste livro, optamos por compilar e comparar várias versões de hinos datadas no tempo e locadas em espaços distintos, selecionando a versão final baseada na congruência de interpretações melódicas.



O que poderia ser considerado como falta de “pureza” na nossa proposta já fica evidente no uso que fizemos das gravações à nossa disposição, uma vez que não deixamos de selecionar certos registros para receberem uma atenção mais destacada. Embora tenhamos utilizado para isso critérios de representatividade e coerência melódica que nos pareciam ser os mais apropriados, esse processo não deixa de refletir, mesmo que indiretamente, nossas avaliações e até preconceitos. Estamos cientes de que, sem nem o perceber, quem faz uma análise musical também faz uma reorganização dos elementos, impondo uma ordem e um sentido que, em última instância, são reflexos de sua percepção melódica pessoal. É importante lembrar que, neste caso, estamos diante de uma cultura musical viva e dinâmica, baseada na memória, que difere de culturas musicais clássicas, nas quais predomina a escrita musical, capaz de cristalizar de maneira mais definitiva e universal as versões consideradas mais fiéis ou “corretas”. Assim como nos casos dos depoimentos orais, temos consciência de que o passar do tempo também afeta a memória musical dos intérpretes dos hinos de várias maneiras e que suas performances vão se modificando no decorrer dos anos.

Levando em conta que os registros aqui publicados podem também vir a servir de orientação para a execução desses hinos onde a memória musical daimista é falha ou inexistente, e mantendo-nos dentro da tradição do canto uníssono vigentes nos centros e igrejas do Daime, procuramos partiturar os hinos usando tons musicais que não ultrapassassem a nota ré de dentro do pentagrama da clave de sol, para garantir assim um melhor alcance vocal. Sabe-se que, de forma geral, um número reduzido de pessoas consegue atingir notas mais agudas. Portanto, achamos importante tomar o cuidado de publicar partituras que fossem fáceis de cantar. Outro aspecto essencial em nosso estudo foi que só registramos as melodias, pois, acreditamos que é a estrutura melódica dos hinos a que menos diverge nas versões analisadas.

Da mesma forma, entendemos que a estrutura rítmica no Daime tem pouca variabilidade de execução entre as sedes do Alto Santo, mas, ao mesmo tempo, esta demonstra um padrão identitário bastante peculiar na expressão musical da cultura. Assim, reservamos uma parte neste livro exclusivamente direcionado a análise do ritmo (ver Anexo N). Já a sua estrutura harmônica, pelo próprio fundamento da arte musical, suscita maior variedade de possibilidades, assim preferimos deixá-la a critério das



preferências dos leitores músicos. Além disso, entendemos que não é objetivo do nosso livro aprofundar um debate musical sobre os hinos, mas apenas registrá-los sem maiores complexidades. De outra forma, o livro exigiria um conhecimento mais aprofundado dos leitores em música, limitando o seu alcance.

Acreditamos que seja necessário deixar claro o ponto de vista de onde falamos. Apesar da pesquisa de campo ter sido em sua grande parte realizada no Acre, com breves passagens pelo Maranhão, São Paulo e Rondônia, a elaboração do texto final ocorreu no contexto universitário baiano, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Lá, refletindo preocupações que atualmente agitam a sociedade baiana, são frequentes as discussões sobre a composição étnica da sociedade brasileira e a maneira como valores originários da Europa e América do Norte assumem posições de destaque, enquanto nossa rica herança indígena e africana é relegada a uma condição subalterna, frequentemente ignorada e até negada.

O grande motor dessas discussões é a insatisfação com a desigualdade social e a maneira como aqueles que mais visivelmente carregam os fenótipos associados à ascendência africana e indígena enfrentam maiores dificuldades em sua luta pela sobrevivência e ascensão socioeconômica, sofrendo claras discriminações, especialmente nas esferas da educação e do trabalho. A estigmatização sofrida na esfera pública se reflete na saúde psíquica dos indivíduos, que muitas vezes acabam por internalizar os preconceitos vigentes na sociedade e passam a sofrer de sentimentos de inferioridade e inadequação. Em atenção a esse problema, ocorre atualmente na Bahia uma forte mobilização social que visa resgatar a importância do legado cultural africano e indígena, dotando-o de maior visibilidade e prestígio. Para tanto, formam-se agremiações de diversos tipos que buscam não só dotar de valor positivo a aparência pessoal e os elementos culturais claramente de origem afro-indígena, como incentivar aqueles indivíduos que, em suas vidas pessoais, têm apagado ou camuflado essa condição, a se proclamarem publicamente como negros ou índios.

Outro importante elemento nesse esforço é a mobilização contra as discriminações e vilipêndios sofridos pelos cultos de matriz afro-indígena da parte de grupos que se proclamam cristãos, em sua grande maioria protestantes neopentecostais, mas ocasionalmente também católicos.



De forma bastante bizarra em seu anacronismo, esses grupos insultam e até agridem fisicamente os praticantes de outras modalidades religiosas, alegando que seus rituais de transe seriam de natureza satânica. As entidades espirituais de origem africana e indígena são desqualificadas e tratadas desrespeitosamente como “encostos”.

Em reação a esse estado de coisas, a sociedade baiana vem sendo palco de vigorosas mobilizações político-sociais e a comunidade universitária tem procurado fazer a sua parte, direcionando vários de seus projetos de formação e pesquisa para a questão das relações raciais. Uma consequência disso é uma crescente racialização do debate social, que em certas ocasiões parece até dar mais destaque a questões de cunho cultural e étnico do que aquelas de natureza socioeconômica. Também há uma tendência a reificar as múltiplas categorias raciais vigentes na sociedade, diminuindo seus aspectos subjetivos e de autoidentificação em favor de categorizações que às vezes se apresentam como sendo mais objetivas por assentar suas bases de classificação em categorias mais simplistas de “brancos” e “negros”, juntando-se nesta última todos os de cor de pele preta e parda. Atualmente na Bahia a questão se apresenta como polêmica e de forte carga emocional.

A partir desse contexto sociopolítico, desenvolvemos o costume de submeter as questões sociais a uma análise das relações raciais implicadas e, no caso atual, não fugimos da regra. Assim, demos conta de que, apesar de grande parte dos daimistas que conhecemos em diversas regiões do Brasil serem brancos de classe média, os seguidores das vertentes mais ortodoxas do Daime em Rio Branco apresentam características sociais diferentes. Estes, remanescentes dos antigos companheiros de Mestre Irineu ou seus descendentes, são provenientes das classes populares, embora, muitas vezes, estejam atualmente em plena ascensão social, e, quanto à cor de sua pele, seriam mais bem classificados como “pardos”, vaga categoria da estatística censitária, pouco empregada na linguagem popular do dia-a-dia, mas que serve para englobar uma ampla gama dos brasileiros de descendência visivelmente mestiça, afro-índio-europeia e potencialmente sujeitos a estigmatizações, em maior ou menor grau, devido a isso.

Temos plena consciência de que o sistema de relações raciais vigente em uma determinada localidade deve sempre ser entendido no seu próprio contexto histórico e social, recomendando-se evitar transposições mecânicas



de categorias de uma região ou época para outra. Sabemos também das importantes diferenças entre os processos de colonização da Bahia e do Acre. O primeiro, marcado pelo sistema de agricultura baseada na mão-de-obra escrava, em sua maioria de origem africana, engendrou uma sociedade claramente dividida entre uma minoria de senhores brancos e uma maioria despossuída, formada por escravos e homens livres, negros e mestiços.

Nessa sociedade senhorial, na qual não deixavam de estar presentes a sofisticação urbana e o fausto dos mais ricos, os espaços de vivência e atuação social desses dois grupos sociais eram nitidamente separados. Embora houvesse uma considerável proporção de negros livres, características físicas denotando ascendência africana eram geralmente associadas ao cativo e à servidão. Atualmente, apesar das consideráveis mudanças sociais que vêm ocorrendo no sentido de um real aumento da democracia, assim como da recente revalorização dos traços culturais africanos, ainda persistem situações de discriminação racial. Estas, interagindo com outros aspectos do sistema econômico vigente no Brasil, promotor de concentração de renda e exclusão social de grandes parcelas da população, continuam produzindo situações vexatórias para os indivíduos e para a sociedade como um todo.

Já no Acre, encontramos outra história, igualmente opressora e produtora de sofrimento, mas diferente. Aqui a colonização foi mais recente e fundamentada no sistema seringueiro, com uma população ribeirinha e dispersa pela floresta, formada em sua maioria por migrantes nordestinos vivendo em isolamento e grande pobreza. O regime de trabalho, ainda que formalmente livre, levava o seringueiro a incorrer em dívidas com o dono do seringal, a partir das quais entrava em relações análogas à escravidão. Mas a sociedade que se formava não tinha características urbanas e as primeiras cidades acreanas, inicialmente pouco mais que vilarejos, somente surgiram em finais do século XIX. Os donos dos seringais mais ricos geralmente residiam com suas famílias em regiões distantes, como Manaus, deixando suas terras no Acre sob o domínio de prepostos locais, provenientes da mesma mistura étnica que os seringueiros. Esta era constituída por índios, migrantes vindos de regiões do Nordeste de grande mestiçagem, negros, muitas vezes do Maranhão, comerciantes de origem sírio-libanesa





e alguns outros poucos aventureiros brancos, vindos de outras regiões do país ou do estrangeiro. Como o contingente populacional de migrantes era predominantemente formado por homens, estes acabavam por tomar, como parceiras, mulheres indígenas, aumentando ainda mais as características mestiças da população acreana.

Assim, a sociedade acreana resultante seria muito mais pobre e menos sofisticada, mas com menos possibilidade de segregação baseada em critérios de classe ou raça, já que quase todos eram pobres: mestiços, índios ou negros, vivendo em condições bastante parecidas. Provavelmente, isso se refletiria numa menor percepção de diferenças baseadas em critérios raciais, embora os estigmas associados a fenótipos negros mais pronunciados não fossem de todo ausentes. Esta situação só viria a sofrer maiores mudanças já na década de 1970, com o ímpeto do governo militar de integrar a Amazônia e a implantação de um sistema de agropecuária que trouxe novas levas de fazendeiros e trabalhadores rurais brancos provenientes de regiões do sul do Brasil. A partir desse momento, o desenvolvimento da região passa a seguir uma lógica similar à do resto do país, reproduzindo-se no Acre os processos socioculturais que ocorriam mais geralmente, inclusive no âmbito das relações raciais. Dessa forma, atualmente encontra-se em desenvolvimento na região um movimento visando à conscientização da população negra local e, significativamente, uma de suas primeiras proposições é a de chamar a atenção para a própria existência de uma população negra na região.<sup>1</sup>

De toda maneira, mesmo tendo em mente as diferenças entre as configurações sociais das duas regiões, algumas similaridades não podiam deixar de ser percebidas. Das mais pertinentes para o nosso tema, é a história comum de estigmatização e até perseguição policial sofridas pelos cultos de matrizes africanas e indígenas tanto na Bahia quanto no Acre. Assim, já em 2000, colocávamos em questão a alegada natureza “satânica” dos primeiros rituais ayahuasqueiros dos quais Irineu Serra teria participado no Peru sob a orientação de um xamã indígena ou mestiço. (MACRAE, 2000, p. 15) Também temos chamado atenção, em comunicações pessoais e apresentações públicas, para o fato de a grande maioria daqueles retratados em antigas fotografias de Mestre Irineu e seus seguidores serem negros, algo que raramente é mencionado em relatos de antigos daimistas, nos quais somente o líder é explicitamente apresentado como sendo negro.



Este “ponto cego” começa, porém, a ser reparado. Em recente publicação oficial voltada para o resgate da importância da influência negra na formação do Acre, Mestre Irineu e Mestre Daniel Pereira de Matos foram destacados por terem criado religiões tipicamente acreanas e de configuração amazônica, incorporando elementos religiosos de matriz africana. (NRCNIRC, 2007, p. 14)

Além disso, não se pode negar que no processo histórico, bastante recente, de formação de uma identidade regional acreana, Mestre Irineu e sua comunidade do Daime<sup>2</sup> desempenharam papéis de considerável importância, ao proporcionarem às levas de ex-seringueiros, expulsos da floresta por ocasião de derrocadas da economia da borracha, grupos associativos religiosos capazes de ajudá-los a se integrarem, tanto materialmente quanto em termos ideológicos, no seu novo contexto urbano.<sup>3</sup> A importância de Raimundo Irineu Serra é atualmente reconhecida em Rio Branco pela atribuição de seu nome a logradouros públicos, a uma Área de Proteção Ambiental, um bairro e a uma linha de ônibus.

Procuramos continuar atentos aos perigos de se fazer releituras de épocas passadas usando, de forma automática, categorias de nossa contemporaneidade. Assim, nos foi apontado que, mesmo nos tempos atuais, para alguns de seus seguidores no Acre, a ideia de Mestre Irineu como um líder que militava em prol de posições políticas, tal como a defesa de tradições culturais negras, parece um tanto forçado e não comprovada. Tal opinião, nos foi apresentada por Jair Facundes, estudioso e profundo conhecedor da comunidade do Daime de Rio Branco, da qual tem participado desde a sua infância. Para sermos coerentes com a nossa postura inicial, de abertura para a diversidade de posicionamentos que encontramos no campo, só nos resta registrá-la. Acreditamos que esta colocação seja, em parte, um reflexo da maneira como não se dá muita atenção atualmente para distinções baseadas em cor de pele entre a população acreana, devido à sua constituição predominantemente mestiça e ao fato de, nessa região, as relações raciais tenderem a se apresentar de forma relativamente menos polarizada que em outras partes do país. Igualmente refletiria o baixo impacto que o golpe militar teve na sociedade acreana em 1964, acarretando, inicialmente, em pouco mais do que reacomodações no costumeiro jogo de mudanças de poder entre as elites tradicionais da região. Já para Facundes:



[...] Mestre Irineu era negro e sofreu óbvio preconceito. Mas não tinha um discurso de libertação do negro ou de afirmação da cultura negra. As declarações que nos chegaram indicam que ele não se via como negro, pois referia muito "ao velho Maranhão", mas não destacava O aspecto negro. Por certo é possível se interpretar também, tanto quanto eu estou interpretando que ele não tinha um discurso negro, de afirmação ou libertação, que ele TINHA um discurso de libertação; afinal, são interpretações. Ocorre que toda interpretação deve se lastrear em fatos e estes não se mostram aptos a sustentar que Mestre Irineu conscientemente ou inconscientemente lutava contra a situação de exclusão sofrida pelos negros no país. E aqui um detalhe importante: sua comunidade era formada por pessoas que iam do genérico e indefinível pardo a brancos e negros.

Em suma: Mestre Irineu não se insurgiu contra o regime militar, como também não se insurgiu contra a exploração desumana que ele próprio sofreu nos seringais; bem assim como não questionou a condição de negro na sociedade da época, nem da mulher submetida a condição inferior; ou às práticas ambientais não recomendáveis. Mas nisso não há novidade: vários líderes religiosos ou doutrinários não se insurgiram contra injustiças aberrantes de sua época: Gandhi não se insurgiu contra o regime de castas da Índia, nem Buda; Cristo não se insurgiu contra o domínio e opressão romana ou contra a situação de inferioridade da mulher na sociedade judaica. Isto é ler o passado com as referências políticas e filosóficas de nosso tempo. E parece-me um erro. A Igreja Católica impulsionada pela teologia da libertação que viu um Cristo socialista e revolucionário, em "releitura" da Bíblia<sup>4</sup>[...]. (Jair Facundes)

Ao trabalhar neste texto, um dos aspectos da vida acreeana do período coberto que mais nos chamou a atenção foi o grau de sofrimento causado pelos rigores do trabalho e por problemas de saúde. Os problemas de saúde eram numerosos. Entre os piores estava a malária, mas a tuberculose, a desnutrição, a hanseníase, problemas dermatológicos diversos, ferimentos devidos a acidentes, ataques por animais etc. tornavam a vida difícil de suportar para os indivíduos e, muitas vezes, para comunidades inteiras. Aquela remota região do Brasil era quase inteiramente desprovida de



atendimento médico, havendo somente a alternativa de remédios caseiros, nem sempre muito eficazes. Em momentos de maior aflição, só restava o recurso a rezadores e à pajelança indígena ou mestiça.

Atuando como curador e influente líder comunitário, Mestre Irineu desenvolveu ao longo de sua carreira uma forte aura carismática. Era concebido por seus seguidores como detentor de poderes milagrosos de cura e se destacava como o homem das situações de crise, quando a ordem parecia romper-se ou o futuro parecia incerto; sendo capaz de produzir um discurso profético em que eles podiam se reconhecer, quando os representantes da ordem instituída não tinham nada a dizer.<sup>5</sup>

Dessa forma, a partir do seu prestígio social, Mestre Irineu teria implementado um poder simbólico capaz de construir uma nova realidade social, na qual formas de percepção e ação seriam inscritas nas mentes e nos corpos dos seus seguidores de maneira permanente, instaurando entre eles novas formas de ver e agir no mundo.<sup>6</sup> A legitimidade de seu carisma era reforçada ritualmente pela execução de seus hinos que apresentavam seus poderes extraordinários como tendo sido conferidos a ele pela própria Mãe Divina. De certa forma, poderíamos dizer então que Mestre Irineu instaurou uma cultura do uso da ayahuasca, mas esta, como qualquer ordem de classificação, estaria sujeita a constantes reavaliações de seus sentidos originais.<sup>7</sup> Como veremos a seguir, tal reavaliação constante pode ser observada ocorrendo no Daime, como uma dinâmica intensa, resultante da disposição de Mestre Irineu de aperfeiçoar sua criação religiosa em intercâmbio permanente com seu contexto pessoal, social e político, mas sem deixar de preservar certos princípios básicos, norteadores da religião.<sup>8</sup>

De importância central aqui seriam as regras que desenvolveu para a produção e uso religioso do daime, estabelecendo padrões para a interpretação das experiências produzidas sob a influência da bebida dentro de um quadro religioso que abarcava uma ordem de valores, regras de conduta e rituais, de grande importância em estruturar a vida dos seus adeptos. Estes elementos são hoje reconhecidos oficialmente como promovendo uma redução de danos<sup>9</sup> e riscos, possibilitando, assim, usos da bebida que são considerados individual e socialmente saudáveis e construtivos, a despeito dela conter o psicoativo dimetiltryptamina ou DMT, geralmente considerada uma droga de abuso.<sup>10</sup>



Teóricos do carisma apontam às vezes para certos aspectos conservadores da atuação daqueles que detêm esse tipo de poder<sup>11</sup>, por consagrarem no campo religioso a ordem sociopolítica vigente. No caso de Mestre Irineu, veremos como, ao longo do desenvolvimento de sua doutrina, ele paulatinamente foi descartando ou dando menor ênfase aos traços de origem indígena que até então caracterizavam o uso tradicional da ayahuasca ou huasca, tais como o uso de “chamados” e do tabaco, assim como a invocação de seres claramente externos ao panteão católico, como Currupiraguá ou Papai Paxá. Igualmente repeliu energicamente os antigos usos agressivos da ayahuasca, como o exercício da feitiçaria para os mais variados fins. Em seu lugar, adotou o canto de hinos, e outras práticas mais próximas das tradições cristãs. Efetuou, assim, uma importante atualização dos códigos ayahuasqueiros, até então somente compreensíveis para determinados grupos étnicos, tornando-os mais compatíveis com o processo que vinha ocorrendo no Acre de implantação de uma cultura verdadeiramente nacional brasileira, mas que não deixava de apresentar as marcas da hegemonia cristã/ocidental imperantes no País.

Além disso, salta à vista a sua apropriação dos símbolos de ordem e civismo correntes no seu tempo. Assim encontramos no Daime diversos elementos da organização militar, desde a adoção de fardas à distribuição de patentes inspiradas na hierarquia das casernas; a utilização de emblemas cívicos, como a bandeira, mas acima de tudo sua proximidade a lideranças políticas tidas por conservadoras, em especial a sua adesão ao regime imposto pelo golpe militar de 1964.

Sabemos que Mestre Irineu, apesar das perseguições (incluindo até um episódio de prisão) que sofria, costumava adotar uma postura conciliatória em relação ao governo. Acreditamos que era como estratégia política de sobrevivência para sua religião que, em sua posição de grande vulnerabilidade social, escolhia adotar sempre atitudes conciliadoras ou legalistas de apoio à ordem constituída, mas sem maiores aprofundamentos em discussões de ideologia partidária. Após a implantação da ditadura militar, tomou uma posição de neutralidade, não se comprometendo com os desmandos ou violências cometidas pelo novo regime. Manteve, dessa forma, o beneplácito de aliados militares e políticos, alguns bastante graduados, e pôde, então, dar continuidade às suas atividades religiosas sem maiores perseguições contra si ou seus seguidores.



Durante esse período, aconteciam situações análogas em outras partes do país. Na Bahia, o Candomblé e outras religiões de matriz afro-indígena eram sujeitas a estigmas e perseguições similares às do Daime no Acre. Até 1976, por exemplo, o funcionamento dos terreiros baianos esteve submetido à fiscalização da polícia, através da Delegacia de Jogos e Costumes. Mas, em diversas ocasiões durante o regime militar, o Candomblé conseguiu se aproximar do poder estatal e obter o seu apoio. A partir da restauração da democracia, a religião dos orixás e seus seguidores, antes mantidos sob suspeita, passou a ter relações positivamente valorizadas e publicizadas pelo poder público (SANTOS, 2005, p. 142-145), o que hoje contribui de forma significativa para o prestígio e a autoestima do povo negro, tanto em nível local, quanto nacional.

O posicionamento político de Mestre Irineu não deve ser percebido como contraditório, pois as relações entre cultura (incluindo aí religião) e poder são de indissociabilidade e interdependência embora, em casos como estes, passíveis de intermediação pela leitura das relações raciais no plano da sociabilidade, mestiçagem ou desigualdade. (SANTOS, 2005, p. 235) Devemos também lembrar que o universo da política necessita de representações favoráveis e legitimadoras no âmbito da cultura e, ao lado do tempo, tem encontrado parcerias em diversas esferas, não só da religião, mas também das artes e da academia, por exemplo.

A aproximação entre o Candomblé e o poder estatal, ocorrida na Bahia foi similar à que se viu no Acre entre o Daime e o governo. Em ambos os casos, os líderes religiosos necessitavam salvaguardar da perseguição as suas religiões, conhecidamente minoritárias e estigmatizadas localmente. Não pode haver dúvidas de que a aceitação política foi importantíssima para que, nos últimos anos de vida de Mestre Irineu, o Daime se consolidasse como cultura legítima no Acre.

Classicamente se concebe que o carisma de um líder, após sua retirada de cena, é transferido para as instituições que ele lega. É a chamada burocratização do carisma. (WEBER, 1991) No caso de Mestre Irineu, o processo parece ter sido um tanto quanto diverso. Ao final da sua vida, quando Mestre Irineu deixou a parceria com o Círculo Esotérico Comum do Pensamento (CECP), teria dito: "Se não querem o meu daime, também não me querem, eu sou o daime e o Daime sou eu".<sup>12</sup> Aqui fica



explícito que ele se considerava como sendo a bebida, a forma de fazê-la, a doutrina e a própria instituição religiosa. São observáveis na comunidade interpretações desses dizeres no sentido de que ele passou a ser a bebida no sentido literal, como uma espécie de espírito do daime. Assim, podemos dizer que a bebida ganhou um capital simbólico, representativo do próprio mestre. Desse modo, onde está o daime (a bebida ou a instituição religiosa) ele está.

Dito de outra forma, tudo indica que, em vida, Mestre Irineu seria um foco atrativo maior que a bebida em si, pois era dele que partiam as prescrições, os ritos e os mitos da religião. Era ele o epicentro do culto daimista. Mas, com sua morte, a bebida e a instituição passariam a representá-lo como agente legitimador e, como o ser espiritual “Juramidã”, ele estaria então presente em todos os rituais do Daime, em que se toma a bebida da maneira que ensinou.

Observa-se que, atualmente, a memória do Mestre Irineu (Juramidã) vinculou-se ao daime de tal forma que outros movimentos espirituais usuários da bebida, conhecidos genericamente como “neo-ayahuasqueiros” persistem em reivindicar a sua legitimidade através de uma conexão com a sua tradição, mesmo se não mais compartilham dos mesmos códigos.<sup>13</sup>

Hoje encontramos, no campo das religiões ayahuasqueiras, centros que apelam para a legitimidade da tradição, sem ter realmente vínculo com ela, somente uma conexão distante apoiada no uso da bebida, numa espécie de continuidade e rompimento com o modelo antecessor. (LABATE, 2004, p. 271) Dessa forma, acreditamos que a bebida em si tende a ser um foco atrativo maior que Mestre Irineu para as gerações posteriores dos centros do Alto Santo, outras linhas daimistas e, até, outras religiões ayahuasqueiras que se utilizam de sua memória atrelada à bebida como referencial para se legitimarem no campo religioso.

O crescimento das religiões ayahuasqueiras e a sua concomitante expansão para outras regiões do país, assim como para o estrangeiro, tem levado o Conselho Nacional de Políticas Sobre Drogas (CONAD) a se preocupar com a normatização do uso religioso da ayahuasca. Assim, durante o ano de 2006, um grupo de trabalho oficial foi constituído, composto de cientistas<sup>14</sup> e de representantes de diferentes religiões ayahuasqueiras com a finalidade de garantir o livre exercício de seus cultos dentro de um



marco deontológico elaborado em comum acordo. Essa foi a primeira vez em que os próprios adeptos dessas religiões foram convidados a participar, e de forma paritária, de discussões oficiais sobre a regulamentação de suas práticas. Durante todo o processo, os representantes da Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas (SENAD), encarregados de sua realização, demonstraram grande empenho em assegurar que os procedimentos fossem realizados da maneira mais democrática possível e que uma ampla gama de diferentes pontos de vista fosse levada em conta. Como resultado, foi elaborado um relatório final com as conclusões acordadas pelo grupo de trabalho que foi finalmente aprovado pelo pleno do CONAD em 6 de novembro de 2006 (ver Anexo K) e oficializado pela Resolução nº1 de 25 de janeiro de 2010, emitida pelo Gabinete de Segurança Institucional e pelo Conselho Nacional de Políticas Sobre Drogas (ver Anexo L). Concomitantemente vem se discutindo a possibilidade de registrar o uso religioso da ayahuasca como parte do patrimônio cultural acreano e possivelmente nacional.

Para finalizar, gostaríamos de fazer alguns rápidos comentários sobre a elaboração deste livro. Ele é o resultado conjunto de contatos que os autores vêm mantendo, cada um ao seu modo, com o Daime, desde 1988, para Edward MacRae, e 1995, para Paulo Moreira, períodos durante os quais ambos vêm realizando pesquisas, em conjunto e separadamente, sobre o tema.

Beneficiário de uma bolsa de mestrado da FAPESB e uma bolsa-auxílio do CNPq, Paulo Moreira realizou pesquisas de campo em Rio Branco, no decorrer de 2006 e no início de 2007, aprofundando em três visitas os conhecimentos sobre Mestre Irineu e o Alto Santo que já adquirira em diversas visitas anteriores de diferentes durações. Integrou também um projeto, coordenado pelo seu orientador de dissertação, Edward MacRae, denominado “A trajetória de Mestre Irineu e da Religião do Santo Daime – Ingestão de Ayahuasca e a Produção de Transes, Mirações e Incorporações nas Linhas do Alto Santo e do CEFLURIS”.<sup>15</sup> A partir de financiamentos provenientes desse projeto e de um auxílio à pesquisa do CNPq, Moreira pôde então cobrir as demais despesas com viagens, estadia, coleta e análise de dados para a sua dissertação de mestrado em antropologia, defendida finalmente em dezembro de 2008 no Programa de Pós-Graduação em





Ciências Sociais da UFBA. O presente livro é uma reelaboração dessa dissertação, realizada conjuntamente pelos dois pesquisadores entre 2008 e 2010, contando também com o apoio da Associação Brasileira de Estudos Sociais do Uso de Psicoativos (ABESUP) e do Grupo Interdisciplinar de Estudos de Substâncias Psicoativas (GIESP).

## Notas

- 1 Ver a propósito a publicação *Negros no Acre* produzido pelo Núcleo Regional do Centro Nacional de Informação e Referência da Cultura Negra (NRCNIRCN) no Instituto do Meio Ambiente do Acre, onde um dos artigos tem como título: *E lá vem novamente o mesmo papo! Tem negros no Acre?*. (NRCNIRCN, 2007, p. 37)
- 2 Antes de prosseguirmos nossas análises queremos deixar claro que empregamos em todo livro o termo “daime” com “d” minúsculo para identificar a bebida (ayahuasca), e utilizaremos o termo “Daime” com “D” maiúsculo para identificar a religião fundada por Mestre Irineu, que leva o mesmo nome da bebida e da comunidade.
- 3 O antropólogo Clodomir Monteiro da Silva desenvolveu essa ideia em sua pioneira dissertação *O Palácio de Juramidán - Santo Daime: um ritual de transcendência e despoluição*. (SILVA, C., 1983)
- 4 Jair Facundes em comunicação feita por e-mail enviado a Edward MacRae em 2009.
- 5 Sobre esse tema ver: Weber (1991, p. 158-159), Bourdieu (2005a, p. 73) e Moreira (2008).
- 6 Para uma discussão do conceito de habitus religioso de consumo de ayahuasca, ver as conceituações de Bourdieu e Mauss em Moreira (2008).
- 7 Referimo-nos aqui ao que o antropólogo Marshall Sahlins denomina de “reavaliação funcional de categorias”. (SAHLINS, 1979, p. 9-10)
- 8 A nosso ver, Mestre Irineu formou paulatinamente através de seu carisma, um “Habitus de Consumo Religioso da ayahuasca” entre seus seguidores, no sentido da categoria “habitus” empregado pelo sociólogo Pierre Bourdieu. Para o autor a categoria “Habitus” assume várias acepções congruentes, ou seja, para ele é primeiramente “um conhecimento adquirido e também um haver, um capital, que indica uma disposição incorporada, quase postural de um agente em ação, ou uma espécie de sentido de jogo que não tem a necessidade de raciocinar e se situar de maneira racional num espaço”. (BOURDIEU, 1998, p. 61-62) Bourdieu também emprega a noção de habitus como não só sendo um código comum, ou mesmo um repertório comum de respostas a problemas comuns, ou um grupo de esquemas de pensamento particulares e particularizados, mas como, sobretudo, um conjunto de esquemas fundamentais, previamente assimilados, a partir dos quais são produzidos, segundo uma arte da invenção semelhante à da escrita musical, uma infinidade de esquemas particulares, diretamente aplicados a situações particulares. Ou então como sistema dos esquemas interiorizados que permitem engendrar todos os pensamentos, percepções e ações características de uma cultura. (BOURDIEU, 2005b, p. 349) O habitus para ele também produziria práticas individuais e coletivas, portanto históricas, em conformidade com esquemas



engendrados por essa mesma história, ou seja, um sistema de disposições do passado que sobrevive no atual e que tende a perpetuar-se no futuro, atualizando-se em práticas estruturadas segundo os seus próprios princípios. (BOURDIEU, 2002, p. 178)

- 9 A abordagem de redução de danos pressupõe um entendimento mais complexo da questão das drogas transcendendo o reducionismo que considera o efeito dessas substâncias como determinada primariamente por processos de natureza farmacológica. Esta maneira de lidar com os efeitos tanto psicológicos quanto sociais do uso de substâncias psicoativas, tentando diminuir os riscos e danos que podem ser ocasionados, considera que o entendimento dos efeitos dessas substâncias requer não somente um conhecimento de sua atuação no organismo, como também uma compreensão da psicologia de determinado usuário e um conhecimento do contexto sociocultural em que se dá o uso. Pesquisadores como o sociólogo Howard Becker (1976), o psiquiatra Norman Zinberg (1984) e o psicólogo Jean-Paul Grund (1993), entre outros, têm apontado para a necessidade de se levar em conta o saber detido pelo grupo de usuários (a chamada "cultura da droga" ou, neste caso, o habitus do uso religioso da ayahuasca), incluindo aspectos como os valores, as regras de conduta e os rituais sociais que regem diferentes modalidades de uso, assim como a estrutura de vida do usuário e o grau de disponibilidade das substâncias. Edward MacRae (1992) vem apontando desde 1992 para como as doutrinas e os rituais das religiões ayahuasqueiras incorporam importantes elementos que conduzem ao "uso controlado", e de baixos riscos, das substâncias psicoativas empregadas em seus rituais.
- 10 Em 6 de novembro 2006, o Conselho Nacional Antidrogas aprovou um relatório propondo a regulamentação oficial do uso religioso da ayahuasca no contexto de rituais das religiões Santo Daime, União do Vegetal e Barquinha, assim como nas de outros grupos espirituais chamados genericamente de neo-ayahuasqueiros. Uma discussão do processo de elaboração desse relatório pode ser encontrada no artigo de Edward MacRae (2008) A Elaboração das Políticas Públicas Brasileiras em Relação ao Uso Religioso da Ayahuasca.
- 11 Ver por exemplo Bourdieu (2005a, p. 75).
- 12 Entrevista com João Rodrigues em março de 2007.
- 13 Weber (1991) denomina de legitimação tradicional aquela que se refere à tradição, ao que "sempre foi assim", "é assim que se fazia", e de legitimação carismática aquela legitimação associada ao contato direto com o plano divino. Assim, Mestre Irineu, como sabemos, gozava da legitimação carismática, mas os seus sucessores e outros centros afins passaram a gozar da legitimação tradicional.
- 14 Edward MacRae participou como antropólogo do Grupo de Trabalho Multidisciplinar da Ayahuasca constituído pelo CONAD e a partir dessa experiência elaborou um artigo discutindo vários aspectos da questão. (MACRAE, 2008)
- 15 Processo CNPq nº 402398/06-8.





Mestre Irineu a paisano

Capítulo I

---

# O Tesouro na Floresta







## As Origens Maranhenses

Raimundo Irineu de Mattos nasceu no município de São Vicente Férrer,<sup>1</sup> situado na microrregião da Baixada Maranhense, a sudoeste da Ilha de São Luís e encaixado, em sua grande parte, em várzeas inundáveis com alguns lagos permanentes. Embora dista da capital do estado apenas 55 km por via aérea, o percurso a ser feito por terra é de cerca de 276 km. A região do município era ocupada inicialmente por indígenas Tapuias e Guajajaras (tronco linguístico Tupi), antes do processo de colonização e catequização. O município de São Vicente Férrer surgiu de áreas cedidas pelos municípios de São Bento e Viana em 1805. Ambos formavam a Freguesia de San Vicente de Cajapió. (PINTO, 2001, p. 7-11)

Os avôs maternos de Raimundo Irineu de Mattos, André Cursino Serra e Leopoldina Filomena Madeira, eram escravos de Salustiano José Serra (BAYER NETO, 1992, p. 10), comerciante de secos e molhados no município de São Vicente Férrer (PINTO, 2001, p. 695), durante mais da metade do século XIX. O sobrenome Serra foi repassado para André Cursino, através de seu proprietário, segundo o costume de antigos senhores de escravos no Brasil. O casal teve sete filhos, Paulo, Paulino, Pedro, Maria, Alexandrina, Martins e Joana Assunção Serra (ver Apêndice A); esta última seria a mãe de Irineu. Joana casou em 23 de janeiro de 1890 (Figuras 1



e 2) com Sancho Martinho de Mattos, com quem teve seis filhos, Raimundo Irineu, Verônica, Maria Serra, Raimunda (Nhá Dica), Raimundo (Dico) e Matilde (ver Apêndice B).

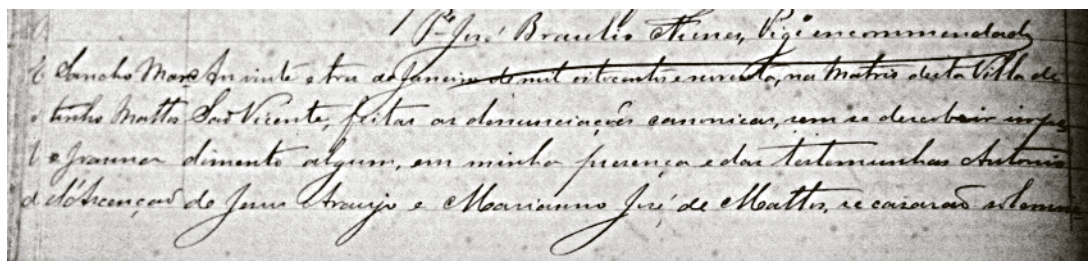


Figura 1 Primeira parte do registro de casamento de Joana D'assunção Serra e Sancho Martinho de Mattos.

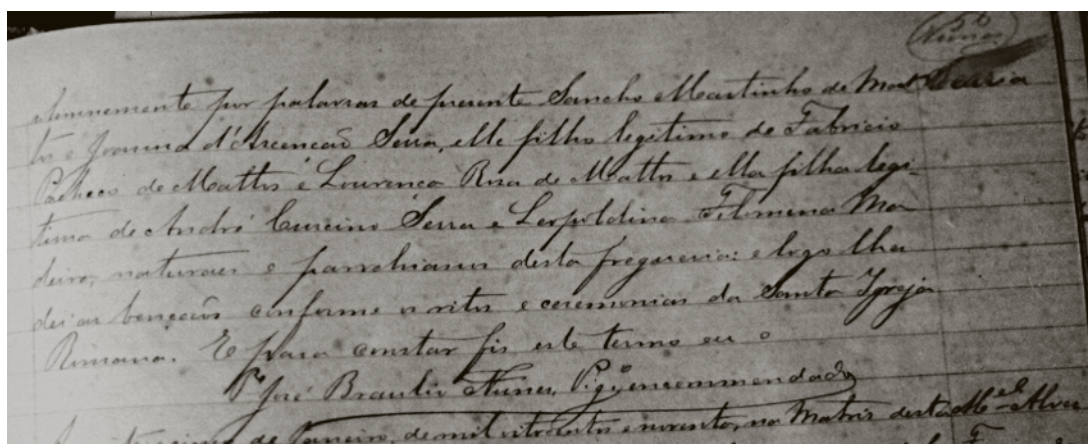


Figura 2 Segunda parte do registro de casamento dos pais de Irineu.<sup>2</sup>

O casamento de Joana com Sancho parece ter durado entre dez e doze anos. Após a separação de Sancho, Joana passou a viver com Ezequiel de Mattos, com quem teve mais dois filhos. Irineu era o primogênito da primeira união de Joana. Nasceu na localidade de Santa Tereza, o antigo Bairro do Limão, nos arredores de São Vicente Férrer, no dia 15 de dezembro de 1890 (Figura 3), em uma pequena casa coberta e fechada com palha.<sup>3</sup> Foi batizado em 22 de março de 1891, pelo padre José Bráulio





Nunes (o mesmo vigário que realizou o casamento de Joana e Sancho) na igreja matriz de São Vicente Férrer.<sup>4</sup> Teve como padrinhos o casal Maria Xavier de Moraes e João Moraes.

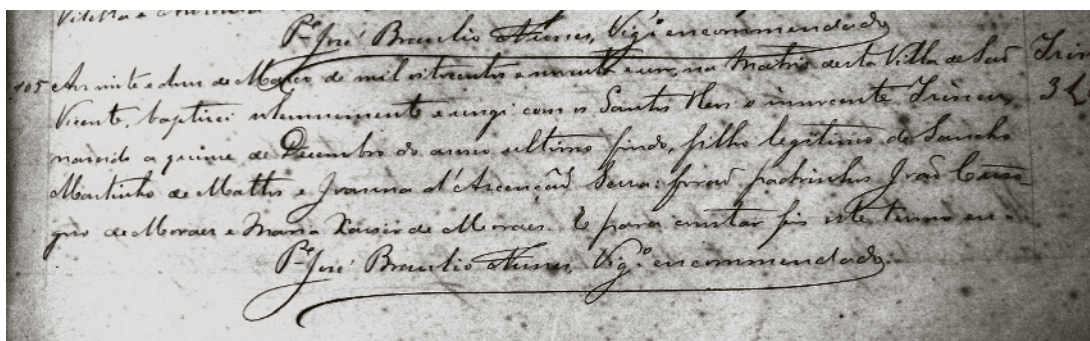


Figura 3 Certidão de batismo de Irineu.<sup>5</sup>

No livro de batistério da igreja de São Vicente de Férrer, recebeu apenas um nome, Irineu, prática comum em batismos realizados em São Vicente Férrer na época. Mas, usualmente no cotidiano familiar eram acrescentados o nome e sobrenomes; desse modo, seu nome completo naquele período seria Raimundo Irineu de Mattos, portando ele o sobrenome paterno.<sup>6</sup>



Figura 4 Casa onde nasceu Irineu.  
Santa Tereza São Vicente Férrer - MA.



Figura 5 Igreja Matriz de São Vicente Férrer  
onde se casaram os pais de Irineu e onde ele foi batizado.



Em 1866, a população de São Vicente Férrer era de 8.320 habitantes, sendo 6.580 livres e 1.740 escravos. Neste período, os avós de Irineu eram escravos de Salustiano. Seis anos depois, em 1872, ocorreu um grande diferencial populacional, quando diminuiu a quantidade de pessoas livres para 5.847 e aumentou a quantidade de escravos para 2.920. (PINTO, 2001, p. 19) Reflete-se aqui o quadro configuracional escravocrata em seus últimos momentos quando a estrutura produtiva do país passava por profundas transformações. A economia de São Vicente era baseada na pecuária de corte e de leite (em regime de transumância), engenhos, fazendas de arroz, algodão e cana. (PINTO, 2001, p. 25) A agricultura e piscicultura de subsistência (devido à geografia privilegiada) eram atividades concomitantes e complementares na região.<sup>7</sup> Nesse momento, grande parcela da família de Joana Assunção Serra, trabalhava no corte do babaçu (quebra do coco do babaçu), para extração de óleo vegetal, insumo utilizado na indústria de sabão.

## A Mudança de Nome

Sabe-se que Raimundo Irineu de Mattos, ainda cedo mudou seu nome para Raimundo Irineu Serra, abandonando o nome do seu pai para adotar o sobrenome materno. Essa alteração provavelmente refletia uma tensão e ruptura com a figura paterna, devido a Sancho Martinho de Mattos ter se separado de Joana, abandonando a convivência com os filhos. Em entrevista Dona Rita Serra disse que tal evento parece ter marcado mais especialmente o primogênito, Irineu, já que este foi o único a mudar seu nome, seus outros cinco irmãos mantendo o sobrenome paterno (Figura 6).

A mudança de nome parece apontar também para uma alteração mais geral na maneira pela qual Irineu concebia a sua identidade e a sua ligação com a sociedade de São Vicente Férrer. Possivelmente, não sentia nenhuma ligação mais profunda com seu sobrenome, já que tanto os nomes Serra como Mattos provinham da antiga aristocracia escravocrata da região. Além disso, deve-se também lembrar que, nessa época, os sobrenomes eram menos estabelecidos e que aquele era um período de profundas reformulações institucionais e sociais que não deixavam de ter seus reflexos na vida pessoal dos brasileiros. Velhas estruturas identitárias de origem colonial passaram



por importantes transformações e, tanto para os proprietários quanto para os escravos, era necessário buscar novas formas de relacionamento, mais adaptadas ao novo modelo de exploração que se instituiu.



Figura 6 Carteira de Trabalho da irmã de Irineu - Maria Matos. 05/05/1905 (sobrenome paterno Matos).

É possível que Irineu só tenha mudado seu sobrenome após deixar São Luís, em 1909. Pois, ao sair de São Vicente Férrer, não teve constrangimento em ir para a casa de seus tios paternos, de sobrenome Mattos, que moravam em São Luís. Mas a sua migração para o Acre certamente marca uma mudança profunda em sua vida, quanto às suas identidades social e pessoal, onde um fator relevante poderia ser seu sentimento de separação e desgosto pela ruptura paterna com o grupo doméstico. A mudança de sobrenome talvez simbolize todo esse processo, sintetizando um novo sentido dado à sua vida num período de grande instabilidade social. Com seu novo nome, Irineu simbolizaria para si sua mudança de vida, ao tornar-se migrante negro, numa sociedade hostil e de marcada segregação social.





Figura 7  
Carteira de Identidade de  
Raimundo Irineu Serra.<sup>8</sup>

## Relações de Família

Na época em que Irineu nasceu, a vida no campo girava em torno da grande lavoura de exportação e da pequena lavoura de subsistência. Como eram pouquíssimos os centros urbanos que, após o término do período fundado no trabalho escravo, podiam absorver a população livre ou criar mercado para os pequenos produtores agrícolas, aos homens livres sem recursos, mestiços ou libertos só era possível uma existência à margem do grande sistema econômico colonial ou pós-colonial, quer como agregados, quer como produtores independentes, mas isolados e autossuficientes.<sup>9</sup> Na região de São Vicente Férrer, os latifúndios tiveram que se readaptar às novas condições de trabalho e a população que vivia à sua margem, descendente de portugueses, negros e índios, vivendo em grande isolamento, desenvolveu uma cultura cabocla de subsistência, a única forma possível de trabalho livre naquelas condições de precariedade econômica.

Nessas condições, a vida comunitária e produtiva se organizava em torno de grupos domésticos autônomos, formados por famílias patriarcais extensas. Nas famílias pobres, o cuidado da roça exigia grandes esforços dos membros adultos do grupo, inclusive da mãe. Para se realizar plenamente, a família precisava contar com uma prole numerosa, sem a qual era impossível manter os padrões mínimos de conforto, tal como eles eram definidos tradicionalmente. Além disso, a cooperação interfamiliar era in-



dispensável em diversas fases de seu ciclo de existência. Porém tais arranjos eram bastante vulneráveis, sendo difícil evitar a desorganização decorrente dos casos relativamente frequentes de morte precoce, abandono ou incapacidade dos cônjuges. (DURHAM, 2004, p. 150)

Para além do grupo restrito de pais e irmãos, o sistema definia um círculo mais ou menos amplo de parentes mais distantes (tios, sobrinhos, primos) para quem as mesmas obrigações gerais de solidariedade se impunham com rigidez decrescente. A concretização dessas relações potenciais dependia assim da proximidade física, da simpatia e afinidade entre as pessoas, e das possibilidades econômicas de cada um num momento determinado. Isso levava ao desenvolvimento de fortes laços entre conjuntos de família e a multiplicação de laços de parentesco muitas vezes levava o grupo local a ser considerado como um grupo de parentes.

No caso em questão, a ruptura de Sancho Martinho de Mattos com sua esposa Joana D'Assunção Mattos teria repercutido negativamente no primogênito Irineu, que supostamente teria entre dez e doze anos quando ocorreu a separação. Joana D'Assunção Mattos voltou usar seu nome de solteira, casando-se consensualmente, logo após a separação, com Ezequiel de Mattos<sup>10</sup>, com quem teve os filhos: Zé Cuia e Tertuliana. Mas antes de se casar com Ezequiel (Apêndice A), buscou o apoio de seu irmão, Paulo Serra.<sup>11</sup> Por um período, Irineu e seus irmãos menores foram criados por esse tio, em conjunto com os demais filhos de sua família, nos arredores de São Vicente Férrer (ver Figura 8), organizando-se numa estrutura produtiva de sobrevivência familiar.

O apoio dado por Paulo Serra à sua irmã foi muito importante e após a sua nova união com Ezequiel de Mattos, Irineu se aproximou ainda mais do tio. A seriedade com que este assumia as suas novas responsabilidades paternas é ainda lembrada em vários depoimentos de parentes e discípulos do futuro líder daimista.<sup>12</sup>

Ele veio para cá seguindo o conselho de seu tio, Paulo, que foi quem criou o Mestre. Esse tio disse que, para ele se tornar um homem de verdade, ele tinha que correr o mundo inteiro, viajar, conhecer as coisas do mundo. [...] E foi o que ele fez. [...]

Mas já era a mão do destino, do caminho dele mesmo... de Deus... Por isso ele fez essa viagem até a Amazônia... porque aqui é que ele ia receber o tesouro dele... que é essa doutrina [...].<sup>13</sup> (GOULART, 2004)



**Figura 8**  
Ruas de São Vicente  
Férrer no começo  
do século XX.



Aos 15 ou 16 anos, Irineu começou um namoro com uma jovem chamada Fernanda que era de alguma forma aparentada a ele e, a quem se referia como “prima”. Conforme relata um antigo seguidor, Francisco Granjeiro:

Aos quinze anos, o Mestre pensava em se casar. Ele tinha uma pretendente. Era sua prima [...] Aí, a mãe dele [...] chamou a atenção dele: “Olha, você está querendo casar, namorando a sua prima. Mas deixa isso de mão, porque você é novo e ela nem moça é mais. O povo já fala dela”. “Mamãe, se ela for moça, eu caso com ela. Se não for, eu não caso [...]” E contou a história para o tio, a quem ele tinha muita obediência [...]. Eles estavam no roçado trabalhando, quando seu tio perguntou: “Raimundo, você está com vontade de casar?” “Tô, meu tio.” “É bom. Porque você se casa cedo, tem logo família [...]. Sabe, Raimundo, o homem para se casar deve primeiro dar uma volta no mundo. Quando volta, já sabe quanto custa 1 kg de sal, quanto custa 1 kg de açúcar [...] Aí, já dá para o homem casar [...]”. (Granjeiro, 1992, p. 18)

A decisão de deixar sua terra natal pode ter ocorrido num momento de impulsividade, durante um conflito familiar e diante de uma realidade circunscrita, sem perspectivas promissoras para o futuro. A própria ruptura de seu pai com o grupo doméstico já era um exemplo que pode ter reforça-



do seu projeto de deixar o núcleo familiar e sair em busca de terras virgens e de uma nova vida. O motivo de sua saída de São Vicente Férrer costuma ser atribuído a três fatores: o namoro com a prima, o conselho do tio e uma briga num “tambor de crioula”.<sup>14</sup> Possivelmente todas essas versões tenham sua razão e nenhuma delas exclui a outra. (BAYER NETO, 1992, p. 3; LABATE; PACHECO, 2004, p. 308-309)

Vejamos uma versão dessa história, conforme contada por Eduardo Bayer Neto e baseada em entrevista com Marciano Bonifácio Siqueira (sobrinho de Fernanda, antiga noiva de Irineu em São Vicente Férrer):

Desde cedo destacado pela grande estatura física, incomum entre o povo da região, Irineu era ainda um adolescente quando namorou a jovem Fernanda, filha do senhor Cândido Alípio, com quem esteve “noivo para casar”, segundo o depoimento do senhor Marciano Bonifácio Siqueira, vicentino (assim se denominam os cidadãos de São Vicente) nonagenário, sobrinho da dita cuja.

Foi nessa época que uma briga de rapazes num “tambor de crioula” fez com que Raimundo Irineu Serra deixasse a terra onde nasceu e ganhasse mundo em direção a São Luís, a capital.

“Ele foi pra festa, mas nessa época os filhos que não tinham pai eram criados pelos tios.” O Irineu foi fugido da mãe dele pra esse tambor de crioula, combinado com o Casimiro, primo dele que era do mesmo tamanho, e quando foi dez, onze horas da noite pegaram um ‘barulho’: aí, começaram a briga, botaram todo mundo pra correr e inventaram de pegar num facão e cortar tudo quanto era punho de rede do dono da casa, derrubaram porta e tudo”, conta Aprígio Antero Serra, primo do Mestre.

Aí, mandaram avisar a mãe dele. Já quase uma hora da manhã ela foi bater na casa do irmão, o Paulo Serra, para contar o que tinha acontecido. Ele disse que de manhã, quando fosse botar água pro gado, passava na casa dela, acrescenta. E assim foi segundo sua narração:

Quando chegou perguntou: “Cadê o preto?”

E a mãe dele, que estava enchendo as cabaças de água na cacimba, disse: “Tá aí.”

E o padrinho Paulo, com um rebenque de duas batedeiras com oito pernas de cada lado, chamou o sobrinho brigando. E foram três tacadas em cima da cabeça de Irineu. Foi o padrinho sair, ele pegou uma calça de saco, uma camisa de brim alfacim, tudo dentro de um saco de trigo, e ganhou mundo: só foi aparecer de novo quarenta e seis anos depois, ninguém não sabia nem se estava vivo ou morto. (BAYER NETO, 1992, p. 3)



Após sair de São Vicente Férrer, Irineu, seguiu até a cidade de Cajapió, trilhando por um caminho que passa a maior parte do ano alagado, e de lá para o litoral da Baía de São Marcos, onde era possível pegar um barco para a capital, São Luís.<sup>15</sup> Não temos como avaliar quanto tempo ele levou para chegar a São Luís e nem se levou consigo dinheiro suficiente para as despesas de viagem, ou se foi fazendo pequenos trabalhos para chegar à capital. Diz-se que, quando chegou a São Luís, recebeu abrigo na casa de seu tio paterno, Noberto Mattos e de sua esposa Anastácia<sup>16</sup> (Apêndice D), no antigo bairro do Cavaco, hoje Monte Castelo. Diz-se também que, ao chegar aos dezoito anos, serviu ao exército em São Luís, na companhia de infantaria.<sup>17</sup> Sobre este período existem vários depoimentos, mas nenhum relata suas primeiras experiências no exército. Focalizam mais as suas outras ocupações. Paulo Serra, seu filho de criação, diz que antes de embarcar para Amazônia ele trabalhava como leiteiro, já Antero Serra, filho do tio de Irineu, relata que ele trabalhou no caís do porto.



Figura 9 Rua do centro de São Luís, 1910.



Figura 10 Quartel de Infantaria em São Luís, MA, em 1910.

De toda maneira, parece que logo após dar baixa do serviço militar, Irineu trabalhou no caís do porto como estivador, carregando navios, e lá conheceu Daniel Pereira de Mattos, grumete da marinha e ex-seminarista. Daniel, a quem chamava de “primo”, devido ao sobrenome em comum, tornou-se um dos seus maiores amigos pessoais. Quando Irineu resolveu deixar São Luís, Daniel ajudou-o a encontrar uma posição entre a tripulação





de um navio que rumava ao Sul, passando pelo Rio de Janeiro e São Paulo. (BAYER NETO, 1992, p. 3) Posteriormente, ao se reencontrarem em Rio Branco, Irineu ajudou Daniel a se livrar do alcoolismo e ele, por sua parte, converteu-se em seguidor do Daime. Após seu tratamento, viria a fundar uma nova religião ayahuasqueira, hoje conhecida como “Barquinha”.

## A Migração para a Amazônia no Final do 1º Ciclo da Borracha

Durante o final do século XIX e na primeira metade do século seguinte, ocorreu um importante movimento migratório, quando grandes contingentes humanos abandonavam a precária agricultura de subsistência no Nordeste para se dedicarem à produção de borracha nos seringais da Amazônia. Nesse período, aquela região enfrentou fortes surtos desenvolvimentistas. Lá o trabalho extrativo do látex passou a ser explorado por grandes latifundiários, atendendo à crescente demanda de borracha pela indústria internacional. No final do século XIX, o capital internacional, a contragosto do governo brasileiro da época, financiou a migração desses nordestinos para a Amazônia, através das “casas aviadoras” prometendo um enriquecimento rápido no Norte do país. Aprofundando-se nas bacias dos rios Purus e Juruá, grandes empresas se apossaram do território do Acre, então pertencente à Bolívia, dando origem a uma questão política agravada por guerrilhas fronteiriças. Para resolvê-las foram necessárias complicadas gestões diplomáticas, somente encerradas em 1928, quando a Comissão Brasileiro-Peruana de Limites concluiu seus trabalhos nos sertões do Rio Javari. (SANTOS, 1980, p. 108; TOCANTINS, 1979, p. 32)

A Amazônia, região de valores culturais próprios, acolheu, em condições bastante degradantes, o imenso contingente de pessoas vindas do Nordeste, principalmente do Ceará. Homens e mulheres tiveram que se adaptar às leis do “mundo verde”, enfrentar a malária, os animais ferozes, a resistência indígena aos invasores de suas terras e a ganância dos senhores seringalistas. Muitos haviam deixado, em suas regiões de origem, pais, irmãos, noivas, esposas e filhos, com promessas de um dia voltarem ricos. Mas, ao contrário do que se divulgava, a maior parte nunca mais retornaria.



O fato de muitos dos migrantes (homens em sua maioria) chegarem solteiros fez surgir disputas e a venda de mulheres nos seringais, onde serviam de moeda de troca. Nos seringais, era também proibida a agricultura de subsistência ou mesmo a caça e a pesca. Essas eram restrições impostas pelo próprio sistema de aviamento, que sujeitava o seringueiro a adquirir seus alimentos somente no “barracão”, mantendo-o preso a dívidas contraídas a partir de sua saída do Nordeste.

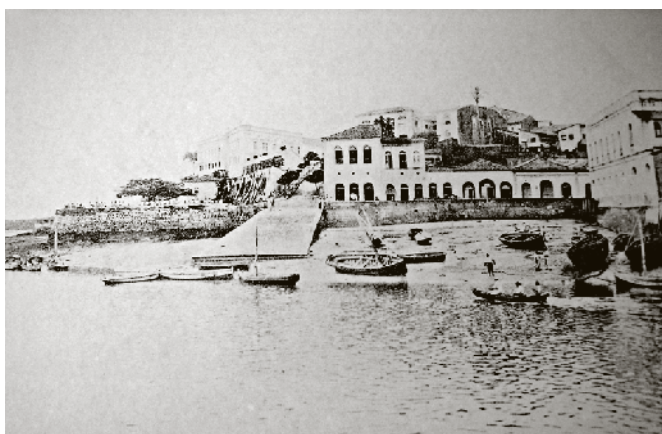
O primeiro surto ou corrida da borracha amazônica chegou ao fim quando os empresários ingleses resolveram produzir borracha por um custo mais barato na Malásia. Lá estabeleceram plantações extensivas com técnicas modernas, possibilitando o trabalho mecanizado de automotores.<sup>18</sup>

Com a decorrente crise, iniciada em 1910, toda a Amazônia sentiu o impacto econômico e as consequências da quebra do preço da tonelada de látex. Muitos seringais foram abandonados e muitos seringueiros optaram por voltar para o Nordeste. Os que ficaram foram obrigados a trabalhar em vários ramos da agricultura. O governo adotou medidas paliativas, como baixar o imposto de exportação, mas não conseguiu evitar a falência de muitos seringalistas. Essa crise levou a uma diversificação das frentes de produção; surgiram dentro dos seringais novas modalidades agrícolas, plantando-se mandioca, feijão, arroz, milho, castanha do Pará, oleaginosas e madeiras. A migração de ex-seringueiros para Rio Branco aumentou consideravelmente a sua população e propiciou a formação das primeiras colônias agrícolas no entorno da cidade, como a São Francisco, a Apolônio Sales e outras. (SOUZA, 2005, p. 87-88)

Foi nesse período que Irineu saiu de São Luís, estimulado pelos rumores de que, no Amazonas, estavam contratando pessoas para trabalhar na extração da borracha, e de que lá se fazia muito dinheiro. Comprou uma passagem num vapor para Belém, provavelmente em 1909, saindo do Cais da Praia Grande em São Luís, seguindo pela ilha de Marajó e subindo o Rio Amazonas até chegar à capital do estado do Pará. Alguns informantes relatam que viajou com passagem paga pelas casas de aviamento para trabalhar na seringa, mas isso é difícil de acreditar pois, se tivesse viajado nessa condição, estaria preso a uma dívida e não teria chance de aportar livremente em Belém para trabalhar como jardineiro por alguns meses e comprar outro trecho até Manaus para trabalhar como magarefe numa cidade vizinha



chamada Taquatiara (como relata em entrevista Daniel Serra em fevereiro de 2007 em São Luís). Esse percurso gradual de viagem é reiterado em vários outros relatos sobre a sua chegada ao Acre.<sup>19</sup>



**Figura 11**  
Cais da Praia Grande. Porto da onde Irineu partiu para Amazônia em 1909.



**Figura 12**  
Embarcações a vapor da época que saíam de São Luís-MA para Belém-PA.

Vários autores afirmam que, ao chegar ao Acre, Irineu aportou inicialmente em Xapuri, em 1912. Há, porém, uma certa discordância quanto à rota que Irineu tomou em sua viagem.



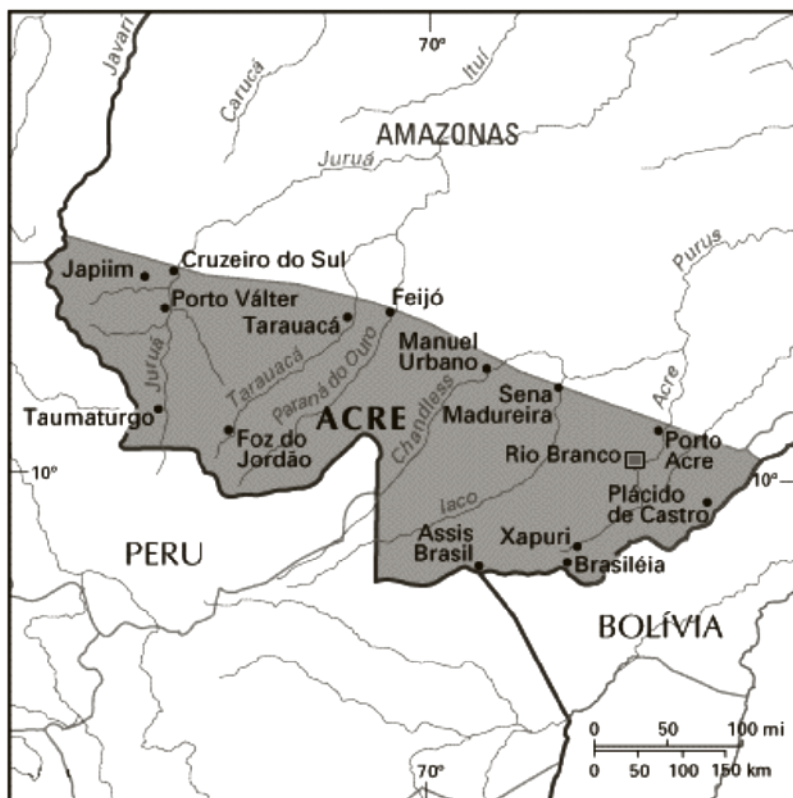


Figura 13 Localização do Acre.

Parece haver duas possibilidades. A primeira sugere que ele teria saído de Manaus, subindo o Rio Solimões, seguindo pelo Rio Purus até Boca do Acre, e de lá continuando no Rio Acre até Xapurí. Por esse trajeto, Irineu deveria ter passado obrigatoriamente por Rio Branco, mas sobre isso não dispomos de nenhum depoimento, ninguém fala de ele ter passado por Rio Branco nessa época. O que é ponto comum entre os depoimentos é a participação de Irineu na Comissão de Limites nas fronteiras entre Peru e o Acre. Esta comissão só veio a funcionar depois de o governo brasileiro convencer o governo peruano a retirar-se da região acreana, após o tratado realizado pelo Brasil com o Peru, em 8 de setembro de 1909.<sup>20</sup> Assim, se for verdade que Irineu chegou a Xapurí em 14 de março de 1912 (NEVES, 1981, p. 5), deve ter trabalhado na Comissão entre 1910 e 1912.



Mas há uma segunda possibilidade. O acesso natural à região de disputa, entre o Peru e o Brasil no Alto Purus é o próprio Rio Purus. Subindo-o a partir da cidade de Boca do Acre, no Estado do Amazonas, adentrando o território acreano, chega-se ao Peru através do próprio rio. Deste modo, para a comissão organizada em Manaus o caminho mais curto para o Peru seria pelo Rio Purus.



Figura 14 Chegada de Irineu ao Território Federal do Acre.

A narrativa de Paulo Serra (filho de criação de Irineu), dada em entrevista realizada em 14 de Março de 2007, em sua casa, confirma este pressuposto, sugerindo uma sequência mais plausível:

[...] Quando ele chegou lá na Praça de São Luís, tava aquela multidão de gente se inscrevendo para vir para o Acre. Disseram para ele que no Acre ganhava muito dinheiro, como que arrastando com o gambito,



como se estava roçando e puxando mato com o gambito. Aí, ele se interessou por aquilo, lembrou do conselho do tio e veio.

Quando ele chegou em Manaus, ele é sorteado pra vir pra cá, cortar seringa que ele achava bonito, dizia que aqui tava muita coisa e tal. Quando ele chegou em Boca do Acre, no estado do Amazonas, contrataram ele para a Comissão de Limites, aí ele subiu pelo Rio Purus e foi subindo para tirar o limite do Acre com o Peru por esse meio mundo.

Ele foi subindo até a Serra do Moa, Juruá e de lá ele cortou para o Peru aonde ele tomou daime pela primeira vez com os Incas. Entendeu, aoasca. Aí, ele conheceu aoasca, lá ele tomou umas duas vezes. De lá ele já cortou para o rumo de Assis Brasil, ele veio descendo até quando chegou em Brasileira. Foi quando ele encontrou com André Costa, Zé Costa e Antônio Costa, dois irmãos e um primo. Aí, foi que ele começou a tomar aoasca novamente [...].<sup>21</sup> (Paulo Serra)

Segundo essa versão, quando Irineu saiu de Manaus, subiu o Rio Solimões, e de lá, o Rio Purus até Boca do Acre, no Estado do Amazonas, onde se inscreveu na Comissão de Limites sob o Comando do Almirante Álvares de Carvalho. (HOLDERNES apud ALVES, 1984, p. 4) Deixando a cidade de Boca do Acre, os membros da Comissão teriam seguido para a cidade de Sena Madureira, Território Federal do Acre, às margens do Rio Iaco, perto da desembocadura deste com o Rio Purus. Tudo indica que passaram uma pequena temporada na cidade, possivelmente arregimentando mais pessoas, como haviam feito em Boca do Acre. Ao voltarem para o Rio Purus prosseguiram viagem até os limites do Brasil com o Peru.

Irineu parece ter conquistado a confiança do comandante da Comissão de Limites, o Almirante Álvares de Carvalho, pois esse teria lhe dado a incumbência de transportar, sob sua guarda, todo o numerário da expedição, que era armazenado em um simples cofre. Sua experiência na Comissão de Limites deu-lhe a oportunidade de conhecer mais a fundo a terra acreana, a floresta, os rios, as diversas localidades indígenas e seringais, numa época em que as maiores cidades da região não passavam de pequenos vilarejos no meio da mata. (HOLDERNES apud ALVES,



1984, p. 4) Esse trabalho possivelmente foi o que o levou a conhecer as fronteiras do Território Federal do Acre, Serra do Moa no Juruá<sup>22</sup>, a região de Taruacá<sup>23</sup>, região de Assis Brasil<sup>24</sup>, Xapuri<sup>25</sup> e Brasileia, na divisa com Peru e Bolívia.

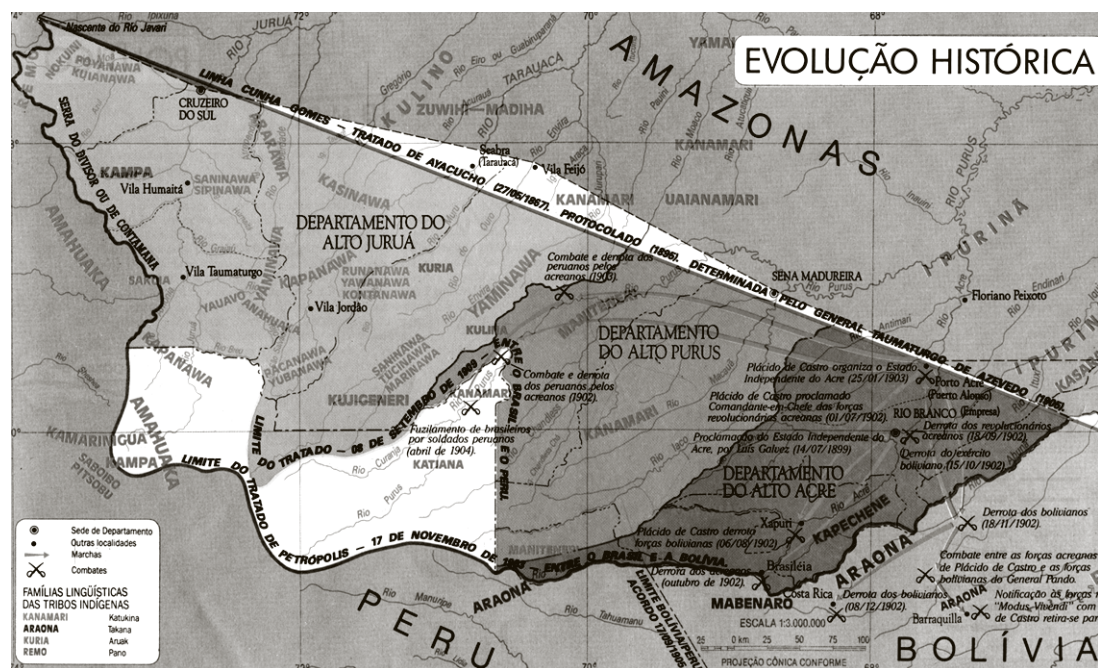


Figura 15 Evolução histórica do Acre.

Após ter dado baixa na Comissão de Limites, Irineu chegou a Xapuri em busca de uma ocupação. Naquela época, eram poucas as opções de trabalho na região – e grande parte eram funções ligadas à exploração da borracha: gerente<sup>26</sup>, guarda-livros<sup>27</sup>, caixeiro<sup>28</sup>, comboieiro<sup>29</sup>, mateiro<sup>30</sup>, toqueiro<sup>31</sup>, caçador<sup>32</sup>, fiscal<sup>33</sup>, comerciante de vila e regatão.<sup>34</sup> Nesse período, o mais provável é que Irineu exercesse a função de regatão ou ajudante de regatão, ao contrário dos depoimentos existentes, que o figuram como seringueiro. (ALVES, 1984, p. 4; GOULART, 2004, p. 30) Estas funções dariam a ele acesso a várias localidades, sem necessidade de contrair dívidas com um patrão de seringal. Já, a possibilidade de ele ter sido seringueiro é menor, mas, se isso ocorreu, deve ter sido por um pequeno período, como



experiência, pois, mesmo após a quebra do preço da borracha, as relações trabalhistas nos seringais continuavam sendo de servidão. De toda forma, ele parece ter passado cerca de dois anos nas cercanias de Xapurí e depois seguiu para Brasileia. (ALVES, 1984, p. 4; GOULART, 2004, p. 30)



Figura 16 Cidade de Xapurí.

Nessa região, o recém-chegado Irineu teria de enfrentar situações de tensão com os grupos dominantes de seringalistas, conhecidos como “Coronéis de Barranco”, exploradores da mão-de-obra de migrantes nordestinos. Estes trabalhavam num sistema análogo à escravidão, pois, ao chegarem aos seringais, já estavam endividados com as casas aviadoras, que lhes cobravam pelas despesas incorridas na viagem e repassavam essas dívidas para os seringalistas e estes as aumentavam ainda mais, ao cobrar pelos utensílios e gêneros alimentícios fornecidos pelo barracão. Para garantir o pagamento de suas dívidas, os migrantes eram mantidos sob vigilância de capangas. Desse modo, os que conseguiam chegar sem contrair dívidas, como era o caso de Irineu, tendiam a se unir e trabalhar em parceria para manter sua sobrevivência. Nas narrativas de vários discípulos, fala-se que Irineu chegou a Brasileia<sup>35</sup> em 1914 e logo conheceu os irmãos, Antônio Raimundo Costa<sup>36</sup> e André Avelino Costa<sup>37</sup>, negros e conterrâneos do Maranhão. Nesse período, Antonio trabalhava como regatão (CARIOCA, 1998, p. 2; NASCIMENTO, 1992, p. 14), o que reforça nossa suposição de que Irineu trabalhou nesse ofício, possivelmente como ajudante de Antônio.





## A Iniciação Ayahuasqueira

Desde tempos imemoriais, xamãs indígenas e curandeiros mestiços da região do antigo império incaico e da Amazônia ocidental brasileira têm usado, para diversas finalidades, uma bebida conhecida pelos peruanos como ayahuasca (“cipó das almas” em quechua), mas que também recebe muitos outros nomes de origem indígena, em suas regiões de uso, como: “caapi”, “yajé”, “pildé”, “dapa”, “kamaranpi”. Entre caboclos da região brasileira, é também conhecido como “cipó”, “vegetal”, “daime”<sup>38</sup> e corruptelas da palavra “ayahuasca” como: “aoasca”, “huasca”, “uasca”, “hoasca” e “oasca”. Em torno das experiências de forte caráter místico que proporciona, desenvolveram-se práticas xamanísticas voltadas para a cura, a adivinhação, a caça, a guerra e outros propósitos em que a bebida serviria como um veículo de comunicação, dando aos homens o acesso ao mundo espiritual.

A bebida é produzida de diversas maneiras e com diferentes plantas. Mas, em sua forma mais difundida é feita através do longo cozimento de uma combinação do cipó *Banisteriopsis caapi* e da folha *Psychotria viridis*.<sup>39</sup> Os princípios ativos do preparado são os alcalóides harmina, harmalina, d-leptaflorina, presentes no cipó, e dimetiltripamina, na folha. Estudos farmacológicos sugerem que a harmina e a d-leptaflorina (ambas beta-carbolinas) inibem a produção da enzima monoamina oxidase (MAO). Esta, normalmente presente no sistema digestivo, tem a função de decompor ou oxidar compostos do tipo da triptamina. Na sua ausência esse alcalóide chega ao cérebro e é o responsável pelos efeitos psicoativos da bebida. (BRITO, 2004) Embora haja relatos de índios que simplesmente mascam a *Banisteriopsis caapi*, conseguindo obter efeitos psicoativos mesmo na ausência do inibidor de MAO tradicional, estudos realizados por Dennis MacKenna sugerem que para isso são necessárias grandes quantidades do cipó. (OTT, 1994, p. 33-50)

Tudo indica que Irineu passou a ter interesse em conhecer a aoasca, como a bebida provavelmente era então mais conhecida entre os caboclos amazônicos, quando se aproximou dos irmãos Costa nas imediações de Brasileia. Antonio Costa sabia da existência de certos caboclos que consumiam a ayahuasca nos seringais do Peru e juntos, seguiram viagem para conhecer aquela bebida. Não fica claro em nenhum dos depoimentos se Antônio Costa já fazia uso da ayahuasca.



Chamou-nos a atenção nos depoimentos sobre este episódio a aura pejorativa e estigmatizante que era associada à bebida, e que fora transmitida a Irineu antes de ele a consumir pela primeira vez. Em geral, os relatos sobre sua iniciação apresentam o grupo de ayahuasqueiros como voltado a práticas satânicas. Esse é um conceito que precisaria ser reexaminado, levando em conta os preconceitos então vigentes a respeito de qualquer prática cultural ou religiosa que não se conformasse com os padrões da cultura cristã dominante. Assim, acreditamos que a falta de familiaridade com a cultura vegetalista<sup>40</sup> tenha fomentado preconceitos tanto entre os participantes dos eventos aqui narrados quanto entre aqueles que até hoje tecem relatos a seu respeito. Provavelmente, ao invés de “demônio”, o que se invocavam nas cerimônias ayahuasqueiras eram entidades “caboclas” ou indígenas, desconhecidas por Irineu e seus colegas. Assim, se ele concebeu as suas primeiras experiências ayahuasqueiras como sendo chamados aos demônios, isso provavelmente foi resultado de crenças depreciativas que lhe haviam sido repassadas. Mas os relatos mostram como, ao conhecer melhor o assunto, ele mudou de ideia.<sup>41</sup> Observemos diretamente nos relatos de Luis Mendes do Nascimento (1992, p. 14) para a Revista do 1º Centenário a persistência, até o presente, da concepção de que os rituais ayahuasqueiros que Irineu presenciou seriam de natureza satânica.

Nesse período ele conheceu a aoasca, num seringal próximo ao Peru, com um companheiro. Seu nome era Antonio Costa. Ficaram morando juntos. Antonio Costa não era seringueiro. Explorava um negócio de regatão, comprava e vendia borracha. Ele lhe deu a notícia sobre uns caboclos no Peru, que bebiam a ayahuasca. Só que lá o pessoal que tomava essa bebida tinha um pacto satânico para fazer fortuna e facilitar a vida de cada um.

O mestre, até então, tinha procurado sempre por Deus, mas Deus tinha dado tão pouco a ele, naquela luta danada pra sobreviver. Resolveu experimentar a bebida e foi até lá. Tomou a bebida e quando os outros começaram a trabalhar, botaram a boca no mundo, chamando o demônio. Ele também começou a chamar. Só que na proporção que ele chamava o demônio, eram cruces que iam aparecendo. Ele se sentiu sufocado de tanta cruz que apareceu.



O Mestre começou a analisar: “O diabo tem medo da cruz, e na medida em que eu chamo por ele, aparecem as cruzeiras. Tem coisa aí [...]”. Ele pediu para ver uma série de coisas. Tudo que ele queria, ele pode ver [...] E assim foi a primeira vez [...]. (Luis Mendes)

Em diferentes relatos sobre as experiências de Irineu com ayahuasca detectam-se versões semelhantes da mesma crença de que a primeira vez teria se dado no contexto de um culto satânico. Essa ideia acabou se consolidando entre seus seguidores como uma espécie de mito de fundação, demarcando uma nova abordagem do uso da bebida, onde se abandonavam as práticas pagãs, adotando-se em seu lugar os referenciais e valores cristãos. Esse mito marcaria o início da missão de Irineu, antepondo-se à ambiguidade dos brujos ou hechiceros, chefes da ayahuasca.<sup>42</sup> Isso não significa que as práticas do vegetalismo tenham sido totalmente negadas por Irineu, mas sim ressignificadas dentro do contexto do Daime. De toda forma, esta distinção possivelmente serve mais para colocar em evidência o poder de Irineu do que para o diferenciar dos vegetelistas. O seguinte depoimento de Cecília Gomes (filha de Antonio Gomes) é um bom exemplo dessa visão, muito difundida entre os daimistas.

[...] Essa primeira vez, o Antônio Costa levou o Mestre para participar de uma sessão com um pessoal [...] na selva peruana. Era uns caboclos que bebiam a uasca. O cipó, tinha vários nomes [...], os nomes que os índios davam [...] Mas lá o pessoal fazia um trabalho de magia negra. Bebiam a uasca para chamar o demônio [...] O Mestre não quis saber dessa história, porque ele tinha uma missão maior, que era fazer o bem, curando com o daime [...]. (GOMES apud GOULART, 2004, p. 32)

Também podemos notar que os depoimentos sobre esses acontecimentos não são completamente uniformes e apresentam diversas variações. No caso da narrativa de Francisco Granjeiro<sup>43</sup>, apresentada mais abaixo, não se fala do lugar e nem dos caboclos mestiços, mas surgem mais elementos. Relata-se que, em suas primeiras experiências com a bebida, Irineu não sentiu seu efeito, também se fala de como ele veio a substituir certos termos usados pelos vegetelistas por outros mais adequados ao novo contexto, dando início a um novo contorno identitário para o uso da ayahuasca. Assim, por exemplo, teria mudado a categoria vegetalista “borracheira”



para “afluído”, um termo mais associado ao esoterismo branco e provavelmente considerado na época como mais digno do que aquele termo espanhol, sinônimo de “embriaguês”. A narrativa deixa também implícita a manutenção de certas práticas da tradição “Vegetalista”, como a realização de sessões no escuro e o uso de tabaco.<sup>44</sup>

[...] Foi por lá cortar seringa. Aí, ele pôde tomar conhecimento do Antônio Costa que ouviu falar na oasca né.

“O que é que é essa oasca?”

“É uma bebida que a gente toma e vê as coisas.”

“Será que a gente vê mesmo?”

“Vê.”

“Eu vou tomar essa bebida da oasca, eu pelejei com Deus muitas vezes, até hoje não arrumei nada com Deus, agora eu vou lutar com o diabo, vou ver o que é que o diabo vai me dar né.”

Aí, ele foi. Foi lá com o Antonio Costa e tomou. Aí, ele não viu nada. Tomou foi duas ou três vezes, aí, ele foi e disse:

“Sabe de uma coisa, eu não vou tomar mais isso. Aí ninguém não vê nada. Não vê nada não.”

Quando foi um dia de quarta-feira, ele deu vontade de ir, chegou lá e tomou, Aí, sentou-se num assoalho de casa de seringueiro, às vezes tem uma paredinha. Foi sentou-se na beira do assoalho, ficou olhando pro tempo, aí, pouco mais, começou o afluído. Ele não chamava “afluído”, quem deu o nome de “afluído” foi ele, né. Ele chamava “borracheira”. Quando a pessoa tava com a borracheira, aí então se chamava, se chamava pelo Diabo. Era um, dois, três, seiscentos. Era o nome que chamava. Era pelo Cão, né.

Então se apagavam as luzes, ficava tudo no escuro, né. Alguma vez se acendia um cigarro e fumava. Ficava tudo no escuro, né. Ai quando foi que ele viu, ele começou a chamar, chamar. Cada Cão que ele chamava era uma cruz que aparecia. Aí, apareceu um cemitério, cemitério que era só cruz. Diabo, diabo seiscentos, mil seiscentos diabo. Cada diabo que ele chamava era uma cruz que apresentava pra ele. Aí, diz ele: “Eu quero o maioral, eu quero o chefe dos diabos. Que o chefe venha, que eu quero falar com ele.”



Apareceu uma cruz grande. Aí, ele pôde ter na idéia, que não era, porque o Cão tem medo de cruz. Cão não gosta de cruz. Aí, então ele pôde compreender que não era. Ele dizia não era coisa do diabo, né [...].<sup>45</sup> (Francisco Granjeiro)

Fala-se que, ao continuar suas experiências com a bebida, ele passou a ter contato com uma entidade feminina que se identificou como Clara. Essa entidade, ou divindade, seria a sua instrutora espiritual que o guiaria por todo seu processo de iniciação. Nota-se também nos relatos sobre a história de vida de Mestre Irineu que é ela quem legitima o seu “poder” ou a “dominação” que ele exerce sobre os seguidores do culto. Vejamos, então, a continuidade da entrevista anterior, de Luís Mendes do Nascimento (1992, p. 14).

[...] Aí, Antônio Costa viajou. O Mestre ficou. Na ansiedade de tomar o daime, ele resolveu preparar. Fez como Antônio Costa tinha dito. Pegou o cipó, preparou, juntou a folha, e cozinhou. Quando foi tomar, ele teve um receio. E resolveu não tomar sozinho.

“Melhor esperar pelo Antônio Costa”, pensou.

Quando ele chegou, o Mestre lhe ofereceu a bebida. Os dois tomaram, Antônio Costa ficou na sala, o Mestre lá dentro, no quarto. Quando começaram a mirar<sup>46</sup> Antônio Costa lhe disse: “Tem uma senhora conversando comigo e ela me falou que foi sua companheira desde que você saiu do Maranhão. Ela te acompanhou até aqui.”

O Mestre não entendeu, porque ele tinha viajado sozinho. Perguntou: “Como é o nome dela?”

“Ela está dizendo que se chama Clara. Tu te prepare, pois ela mesma vem conversar contigo.”

Terminado o trabalho, ele ficou ansioso para tomar outra vez e encontrar-se com ela. Na próxima vez, depois de tomar o daime, ele armou a rede de modo que a vista dava acesso para a Lua. Parece que estava cheia ou quase cheia. Era uma noite clara, muito bonita. E quando ele começou a mirar muito, deu vontade de olhar para a Lua. Quando olhou, ela veio se aproximando, até ficar bem perto dele, na altura do teto da casa. E ficou parada. Dentro da Lua, uma Senhora, sentada numa poltrona, muito formosa e bela. Era tão visível, que definia



tudo, até as sobrancelhas, nos mínimos detalhes. Ela falou para ele:

“Tu tem coragem de me chamar de Satanás?”

“Ave Maria, minha Senhora, de jeito nenhum!”

“Você acha que alguém já viu o que você está vendo agora?”

Aí, ele vacilou, pensando que estava vendo o que os outros já tinham visto.

“Você está enganado. O que você está vendo nunca ninguém viu. Só tu. Agora, me diz: quem você acha que eu sou?”

Diante daquela luz, ele disse: “Vós sois a Deusa Universal!”

“Muito bem. Agora, você vai se submeter a uma dieta. Para tu poder receber o que eu tenho para te dar.”

A dieta era passar oito dias comendo macaxeira insossa [...].  
(Luís Mendes)

A maioria dos relatos sobre as experiências iniciais de Irineu com a ayahuasca segue o mesmo roteiro. Isto é, geralmente fala-se que Irineu, após sua experiência inicial no contexto vegetariano, se informa com Antônio Costa sobre como identificar as plantas, confecciona ele mesmo a bebida e o espera para a tomarem juntos. Nunca fica claro quantas vezes Irineu tomou a bebida com os vegetarianos, antes de confeccioná-la ele mesmo. Contudo, na maioria dos relatos, diz-se que foi a partir dessa experiência, em que ele mesmo havia preparado a bebida, que Irineu entra em contato com a entidade espiritual que revela ser sua instrutora. Vemos isso na narrativa de Luís Mendes. Segundo ela, Irineu foi novamente defrontado com a questão da bebida ser ou não satânica e fica evidente que a concepção negativa sobre a natureza do uso tradicional persistiu no pensamento do próprio Irineu. Nas narrativas este questionamento é feito pela entidade que se apresenta a ele. Curiosamente nestes depoimentos, dá-se a entender que o primeiro a ver a divindade foi Antônio Costa, que avisa a Irineu para se preparar para falar com ela na próxima experiência com a bebida. Outro fato curioso nas narrativas é que a entidade oferece uma laranja, que simbolicamente representa o mundo, tanto para o Antônio como pra Irineu. Mas, Antônio Costa, teria se recusado a aceitar a “Missão” da entidade que, então, teria repassado integralmente seu poder a Irineu. Nas palavras de Luís Mendes do Nascimento (1992, p. 14):



[...] A história do Mestre, no início dos seus trabalhos com o daime, se centraliza com Antônio Costa. Eles eram tão amigos, que a Rainha ao repassar o poderio pro Mestre, com a mesma medida passou também para Antonio Costa. Era como se o Mestre fosse governar uma metade do mundo e ele, a outra metade. Só que Antônio Costa viu que para ele não daria. Ele era comerciante e por isso foi impossível realizar negócio. Por isso, ele pediu à Rainha [ele também se comunicava com ela] que o que era pra ser dele, ela repassasse pro Irineu. (Luis Mendes)

Já na seguinte versão de Francisco Granjeiro, em entrevista dada a Antônio Macedo<sup>47</sup>, surge uma variação, pois, quando a entidade se manifesta diretamente para Irineu, além de aparecer na Lua Cheia, ela está em cima de uma Lua Nova. São também introduzidos outros elementos do imaginário vegetalista, como quando a divindade pergunta a Irineu se ele acha que aquela bebida é uma cobra<sup>48</sup>, e num outro momento, quando ela também se refere aos chefes da Ayahuasca, dizendo que estes nunca viram o que ele viu.

[...] Aí nisso ele olhou. Ele viu a Lua cheia. Aí dentro da Lua ela representou-se Lua Nova e no centro da Lua, uma princesa no meio da Lua Nova, né? Aí ela foi perguntou pra ele e disse: "O que é que tu estás vendo?"

Ele disse: "Tô vendo dentro da Lua uma princesa, que se o mundo todo visse parava. Até navio no oceano, se visse essa princesa que eu tô vendo, parava no oceano pra olhar."

Aí, ele começou a ver muita coisa. Ela perguntou pra ele:

"Tu tem coragem de dizer que essa bebida é o diabo?"

"Não."

E ela disse: "Tu tem coragem de dizer que essa bebida é uma cobra?"

"Não. Eu posso dizer que dentro da Lua tem uma princesa, não pode ser o diabo, né, tô vendo uma princesa dentro da lua, não posso dizer que é uma cobra."

Ela disse: "Você tá enganado, pois é isso aí que você tá dizendo."

"Não, não pode ser."

Aí, ela disse: "Tu acredita que isso aí que tu tá vendo, nunca no mundo ninguém viu? Nunca no mundo teve quem visse."



Ele disse:

“Ah, essa não!”

Aí, duvidou-se.

“Aonde tem muitos e muitos chefes da oasca, então, eles nunca viram nada?”

“Não. Vou te provar, se eles vissem o que tu tá vendo eles diziam que nem tu, então... Tu tá vendo uma princesa dentro da Lua, pois bem se eles vissem, eles diziam mesmo que nem tu, eles nunca viram.”

E tal e tal e tal, aí, passou a miração [...].<sup>49</sup> (Francisco Granjeiro)

Os nomes atribuídos à entidade nesse primeiro momento são: Princesa, Mulher, Senhora e Clara. Todavia, a partir do início do culto em Rio Branco, Mestre Irineu passou a identificá-la no seu hinário<sup>50</sup> “O Cruzeiro” por outra série de nomes<sup>51</sup>, e estes assumem uma natureza simbólica multívoca<sup>52</sup>, de vários significados. Geralmente afirma-se que a “Senhora” apareceu para Irineu em diversas ocasiões. (Cf. Granjeiro, 1992, p. 18; NASCIMENTO, 1992, p. 14; ROGRIGUES, 1992, p. 21) Mas o próximo relato de Francisco Granjeiro é um pouco diferente dos outros depoimentos e traz uma maior variedade de elementos, como o entendimento que Irineu tinha do conteúdo simbólico das visões. Outra novidade é a explicação, fornecida no final, sobre como Irineu conseguiu se alfabetizar.

[...] Aí, ele foi e disse

“Antônio como é esse cipó?”

Ele foi dando a dica lá pra ele como era o cipó, a folha, né, aí foi cortar, aí, no meio, deu vontade de parar. Ele disse:

“É esse o cipó da oasca.”

Aí, olhou bem pertinho o pé de folha. Quando ele chegou em casa ele disse:

“Antônio encontrei o pé do cipó e encontrei o pé da folha.”

Ele disse: “Ah não, não acredito, então vamos lá?”

Chegaram lá, estava o cipó e a folha. Aí, foi e tirou. Fez até em uma panela de cozinhar feijão, aí, ele foi tomou, sentou-se lá no mesmo canto da beira da pachiuá. Aí, o Antônio Costa ficava lá dentro do





quarto, né, só os dois. Aí, o Antônio Costa foi disse pra ele: “Raimundo eu tô vendo aqui uma senhora muito bonita, então, ela tá com uma laranja na mão. Pra te entregar a laranja.”

Aí, ele foi e disse:

“Antônio porque ela não entrega pra ti?”

“Não ela não quer entregar pra mim, ela quer entregar pra você, e ela tá dizendo aqui que desde que tu saiu do Maranhão, que ela vem te acompanhando.”

Aí, ele foi e disse: “Não.”

Ele foi se lembrar se tinha na viagem arranjado alguma namorada. Mas nada. Aí, ele se lembrou e disse:

“Antônio pergunta como é o nome dela?”

“Raimundo ela tá dizendo que o nome dela é Clara.”

“Clara!”

Aí, ele procurava, procurava, e nada. Aí, ele foi trabalhar. Quando é um dia, ele tomou daime de novo, aí, ela chegou, pegou a laranja e entregou na mão dele.

“Tome a laranja, essa laranja, você é o dono dela.”

Aí, ele olhou na cabeça dela tinha uma lua nova, e em cima da lua tinha uma águia né. Aí, como é que pode? E assim ele veio, foi chegando pra perto, pra compreender depois de muitos e muitos trabalhos que Clara é a Luz. A águia que ele viu na cabeça dela é a guia. Clara a luz, a guia, a águia é a guia. Então, dentro dessa estrela que a gente usa, ele queria que colocasse dentro da lua a águia, assim como o pássaro que quer voar. Mas o pessoal faz aberta as asas. Quando o pássaro tava no ponto de querer voar, então, é aquele ponto que ela queria voar, era o ponto que ele tava querendo seguir. Não é difícil pra nós ver e compreender? O camarada vem e quer saber.

Isso foi antes aí, passou a duvidar. Com cinco anos, foi que ele veio a deixar de duvidar. Ele ia cortar, aí, ela dizia:

“Tu vai amanhã cortar a estrada fulano de tal. Quando tu for descer aquela baixinha que, tem uma madeira bem dentro da grotta, tu olha assim o lado direito. Tem um pé de jarina. Debaixo tem deitado um veado. Tu atira e mata e trás aqui pra comer.”

Ele dizia: “É conversa!”



Aí, ele esquecia daquilo. Quando ele chegou na madeira, ele lembrou-se.

Quando ele olhou pra lá tava um pé de jarina e o veado deitado debaixo. Aí, foi que cinco anos ele passou duvidando que não era verdade [...].

Aí, ele veio com a bebida, aí, ele foi fez um teste. Porque nós, o nosso direito... de ter a certeza. Ele me deu essa dica, né. Você pode fazer um teste, eu, você, qualquer um, pode fazer um teste, se não testar não dá. Então ele dizia:

“Só acredito que essa bebida é boa, se eu aprender a ler.”

Porque ele não sabia ler, não sabia nada. Nada de leitura. [...] Aí, um dia o patrão dele foi e perguntou pra ele:

Raimundo você sabe ler?”

Ele disse: “Sei sim senhor.”

Mas não sabia não. Aí, ele foi pediu lá ao regatão:

“O senhor me mande, quando for lá pra margem, mande que me traga uma carta de ABC.”

Aí, foi o comboio. Aí, o comboeiro chegou lá com a carta de ABC, passar uma lição pra ele, né. E o cara passou só o ABC, né. Com um mês ele escreveu uma nota pro barracão, né. Agora como dizia ele:

“Escreva quem quiser, leia quem souber, né” [...].<sup>53</sup> (Francisco Granjeiro)

Como já foi colocado antes, a iniciação de Irineu com a ayahuasca exigiu seu isolamento na mata por um período de tempo e a observância de uma rigorosa dieta alimentar e sexual. Durante esse tempo ele ficou sozinho na mata, num lugar determinado por sua instrutora espiritual, comendo apenas macaxeira insossa, bebendo somente água ou chá de erva cidreira e evitando manter qualquer contato com outras pessoas, especialmente mulheres. Saturnino Brito do Nascimento, filho de Luis Mendes e afilhado de Mestre Irineu, faz um relato em versos da história como sempre a ouviu contada pelos mais velhos. Reproduzimos um trecho onde narra a experiências de Irineu durante sua dieta iniciática.

Tomou a bebida bem cedo  
Conforme a determinação.



Depois saiu nas estradas  
De seringa da colocação,  
Cortando as seringueiras  
Em profunda meditação.

Depois veio o segundo dia,  
Procedendo do mesmo jeito,  
Aprofundando as visões  
Que vinham com maior efeito,  
Com grandes ensinamentos  
Formando um bom conceito.

Veio o terceiro dia,  
Chegando com o raiar,  
E eis que dentro do trabalho  
Alguém veio avisar:  
– Agora neste momento  
Teu companheiro quis te enganar.

– É que ele quis testar  
Se você está aprendendo  
Alguma coisa com esta bebida.  
E quase ia cometendo,  
Quis pôr sal na macaxeira  
Mas acabou recolhendo.

Depois, ele disse ao companheiro:  
– Não faça isto, nem de brincadeira.  
Você pensou colocar sal  
Dentro da minha macaxeira.  
Não brinque com a história.  
Que a história é verdadeira.

– Foi mesmo, Irineu.  
Disse o homem confessando.  
– Vejo que está aprendendo,



Está até adivinhando,  
Vá em frente companheiro.  
Disse ele se desculpando.  
Não precisou tomar Daime  
Do quarto dia em diante.  
A força lhe acompanhava  
A toda hora e todo instante,  
Sempre dentro da sequência,  
Daquele apuro constante.

Tudo ficou manifesto  
Em um plano superior.  
Os galhos das grandes árvores  
Contorciam-se com vigor,  
Querendo lhe abraçar,  
O que fez sentir pavor.

Tudo, tudo, criou vida  
De forma mais ampliada,  
E ele ali sozinho  
Enfrentando a parada  
Valeu-se do estampido  
Detonando a espingarda.

O tiro era para o alto,  
O estrondo altaneiro,  
Ali dentro do apuro  
Estremecia o mundo inteiro,  
Dissipando todo o medo,  
Dando conforto verdadeiro.

De vez em quando, ele avistava  
na estrada de seringa,  
Algo como uma saia,  
Mas que logo adentrava  
Para dentro da floresta



E isto o incomodava.  
Pois bem saia de mulher  
Poderia avistar.  
Mulher seria difícil  
Aparecer naquele lugar.  
– E que história é essa?  
Ficou a se perguntar.

Era Clara que estava  
A tudo apreciando  
Ela aplicava as provas  
Que ele ia passando  
Andando sempre em sua frente  
Os testes encaminhando.

Até que chegou o oitavo dia  
Trazendo mais conhecimento,  
Era o fim do apuro  
Chegando naquele momento  
E tudo se aproximando  
Trazendo esclarecimento.

Foi quando veio a Senhora da Lua  
E disso com devoção:  
– Olha, eu sou a tua Mãe,  
A Virgem da Conceição,  
Te acompanho desde pequeno  
Quando nasceu no Maranhão.

E ele então recordou-se  
Buscando na sua lembrança  
Dos sonhos que tivera com ela  
No tempo em que era criança,  
Ali estava a Virgem Mãe,  
Rainha da Esperança.



Ela disse: – Está pronto,  
Agora posso te entregar,  
O mundo está em suas mãos,  
Para você doutrinar,  
Simbolizado nesta laranja  
Que agora vou te repassar.  
(NASCIMENTO, 2005, p. 45-49)

Como ocorre com tantos dos depoimentos, os que se referem ao período da dieta<sup>54</sup> na mata, apresentam algumas inconsistências, impossíveis de resolver. A maior parte afirma que durou oito dias, mas existem certos relatos onde se fala em onze (JACCOUD, 1992, p. 40) ou seis dias. (Granjeiro, 1992, p. 19) A narrativa de Granjeiro até apresenta contradições internas, pois inicialmente ele fala que a dieta era de seis dias, mas, na continuidade do seu depoimento, frisa o seguinte dado: “No oitavo dia, ela se apresentou e entregou uma laranja, que é o mundo, o globo, dizendo ter sido ela que ele tinha visto na estrada. A Rainha.”

No final desta mesma frase, Granjeiro apresenta outro dado diferenciado sobre a dieta. Diz que ao final do oitavo dia, Irineu identificou o vulto que lhe apareceu no formato de uma saia de mulher durante o seu isolamento, como sendo a própria divindade instrutora, a “Rainha da Floresta”, o que parece esclarecer por complementaridade o relato de Luis Mendes que apenas se refere ao vulto sem identificá-la. Por outro lado, garante-se, sempre, que o companheiro de Irineu durante sua iniciação, tentou colocar sal em sua comida, mas não o fez. Este companheiro para D. Percília Ribeiro, Luís Mendes e Paulo Serra, é Antônio Costa. Já, Granjeiro, não o identifica, mas, Daniel Serra, fala num primo de Antônio Costa, conhecido como José Gomes.<sup>55</sup> (FREITAS, 2001, p. 34)

Outro depoimento, de D. Percília Ribeiro<sup>56</sup>, relata a mesma história da dieta, porém, adicionando outros elementos. Explica, por exemplo, o significado do nome “daime” que Irineu criou para se referir ao chá.

[...] Ela disse que ele ia precisar ficar vários dias na mata [...] oito dias, sozinho, sem ver ninguém, afastado de tudo. Ele não podia nem ver saia de mulher... não podia chegar perto de mulher... Era para ficar na dieta,



só podia comer macaxeira, sem sal nem nada, tomando daime [...] Quando foi um dia, o Antônio Costa, que estava por perto, cuidando dele, foi lá e, escondido, botou sal na macaxeira dele [...] Mas o Mestre, quando viu aquela macaxeira, foi logo dizendo para o Antônio Costa: “Então, quer dizer que você quer me enganar, botando sal na macaxeira?”

O Antônio Costa se assombrou com aquilo, e pensou: “Como ele podia saber?”

Aí, ele viu que o Mestre já estava entendendo das coisas [...] O Mestre passou muita provação na mata, viu muita coisa [...].

Quando terminou a dieta, a Rainha apareceu para ele [...] Aí, ela disse que ele já estava pronto para receber o que ela tinha para lhe entregar [...] Ela disse para o Mestre que ele poderia pedir o que ele quisesse [...]

O Mestre pediu para ser o maior curador do mundo, e para ela colocar tudo que pudesse curar naquela bebida [...] Foi aí, também que ela disse que a bebida se chamava daime. É um pedido, uma prece que a gente faz a Deus... dai-me saúde, dai-me amor [...] A gente pode pedir tudo porque essa bebida é divina mesmo, ela tem tudo que a gente precisa [...].<sup>57</sup> (GOULART, 2004, p. 34-35)

Entre os ensinamentos transmitidos pela entidade feminina instrutora do jovem Irineu no decorrer de sua iniciação está a renomeação dos termos então utilizados pelos vegetalistas índios ou mestiços na identificação da bebida, das plantas e dos efeitos que produziam. Isso pode ser percebido em vários relatos como os seguintes, ambos de Francisco Granjeiro.

[...] Ele veio, trilhando, trilhando, trilhando, aí foi colocando nome nas coisas, como a Clara dizia, o nome dela era oasca, ele botou o nome de daime, né, o nome que era afluído, era borracheira, ele tirou e colocou afluído, que tem que a pessoa fluir e assim por diante [...].<sup>58</sup>

[...] Na mata, ele viu um cipó e viu que era marirí. Ali perto ele encontrou um pé de marirí e outro de chacrona.”

“Quem te mostrou?”

“Ninguém!”

“Vamos lá então pra ver.”

Antonio Costa confirmou que era verdade. Eles cortaram, bateram e prepararam a bebida [...]. (Granjeiro, 1992, p. 18)

Sugerimos que essa mudança de certos termos, então usuais, talvez refletisse um desejo de evitar as conotações pejorativas então atribuídas a elementos culturais associados às tradições indígenas ou caboclas.<sup>59</sup>



Além dessa renomeação evidenciar um esforço de Irineu na construção de uma identidade própria para o seu novo uso da bebida, devemos lembrar o contexto sociopolítico da época, enfrentado por ele, no qual suas práticas religiosas e seu uso da ayahuasca poderiam ser enquadrados nos artigos do código penal vigente.<sup>60</sup> Deste modo, sem descartar seu aspecto profético, a mudança do nome de ayahuasca para “daime”, de “borracheira”<sup>61</sup> (o efeito) para “afluído”<sup>62</sup>, e de Mariri<sup>63</sup> (o cipó) para “Jagube” e de mescla ou chacrona<sup>64</sup> (a folha) para “rainha”, dava mais respeitabilidade e proteção ao grupo de Antônio Costa e Irineu.

Outro elemento que surge de forma ambígua nos relatos é o personagem Don Pizango. Este seria um caboclo mestiço peruano, introduzido por João Rodrigues (Nica) no episódio da iniciação de Irineu com a ayahuasca. Em seu depoimento, Rodrigues o apresenta inicialmente como se fosse um ser humano, um chefe da ayahuasca, amigo e instrutor de Antônio Costa, uma espécie de mestre e conhecedor da bebida, com muito a ensinar a Irineu. Porém, em outro momento da narrativa, ele passa ser representado como uma entidade espiritual, capaz de se transportar para dentro do recipiente de ayahuasca. Só quem tivesse a capacidade de vê-lo poderia trabalhar com a bebida e, dentre os participantes da cerimônia, Irineu teria sido o único a ver Pizango dentro da cuia. No depoimento ele é apresentado como descendente dos incas, o que pode ser uma maneira de lhe atribuir um valor, uma garantia para a sua sabedoria.<sup>65</sup> Não fica claro no relato se Pizango seria também o responsável pela primeira experiência de Irineu com a ayahuasca (aquela em que ele teria chamado pelo demônio).

O Mestre foi convidado por Antonio Costa a conhecer um caboclo de nome Pizango, que era um caboclo peruano, descendente dos Incas. Era com ele que Antonio Costa tomava daime. Isso por volta de 1918. Pizango era, por assim dizer, um caboclo que sabia onde as andorinhas moravam. Quando eles tomaram o daime – eram aproximadamente doze pessoas – e estavam mirando, o caboclo aproximou-se. Só quem viu foi Raimundo Irineu Serra. Veio dar a entender que o Mestre era o único que estava em condições de trabalhar com a bebida na altura do trabalho. Pizango veio, e entrou dentro da cuia, que estava servindo o daime. Naquele tempo se tomava daime em uma cuia grande. O caboclo Pizango vira-se para Irineu e diz para ele convidar o companheiro a olhar dentro da cuia e perguntar se estavam vendo alguma coisa. A resposta foi: “Não!”





Eles olhavam e diziam que só viam o daime. Aí Pizango falou: “Só usted tem condições de trabalhar com o daime. Ninguém mais está vendo o que tu esta vendo.”

Ele se deslocou dali pra casinha que defuma a borracha – o defumador, pedindo para alguém levar um “baço”, a vasilha com o daime, pra lá. O Mestre chamou um dos seus companheiros. Foi André Costa que levou o “baço”. Quando trabalho terminou, só encontraram a vasilha seca. O daime tinha se consumido. (RODRIGUES, 1992, p. 21)

## A Formação do Círculo de Regeneração e Fé (CRF)

O episódio de iniciação de Irineu, incluindo a dieta e as sessões com o caboclo Pizango, deve ter se passado entre 1914 e 1916, nas imediações de Brasileira e Cobija<sup>66</sup> (cidades separadas pelo Rio Acre), e nos seringais do Peru. Nesse espaço de tempo, Irineu estaria solteiro e disponível para viajar com frequência pela região, dedicar-se a conhecer os chefes ayahuasqueiros e aprender a fazer a bebida. Em meados de 1916 para 1917, ele conhece e se torna companheiro de Emília Rosa Amorim<sup>67</sup>, uma mulher branca, viúva ou separada (não se sabe ao certo), mãe de um menino chamado Elias Manga da Silva. (FREITAS, 2001, p. 40)<sup>68</sup>

Acreditamos que foi nesse período também que os irmãos Costa, juntamente com Irineu, fundaram o Círculo de Regeneração e Fé, inspirados, possivelmente pelo Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento (CECP).<sup>69</sup> Nossa hipótese a respeito dessa influência se fundamenta num documento encontrado junto à família dos Costa. Trata-se de um documento com o timbre da instituição, onde a data, 1942, está reescrita sobre um cabeçalho impresso com a data de 1920. Neste documento consta o nome “Círculo de Regeneração e Fé”, com um brasão com o lema “Harmonia, Amor e Verdade”, semelhante ao lema do CECP, “Harmonia, Amor, Verdade e Justiça”. Como pesquisamos nos arquivos centrais do CECP mas não encontramos nenhuma referência ao CRF entre 1910 e 1925<sup>70</sup>, o mais provável é que foi a influência da “Revista do Pensamento” do CECP que teria levado Antônio Costa a nomear o centro como CRF e a eleger um lema semelhante ao deles para o brasão no papel timbrado da instituição, conforme podemos observar na Figura 17.



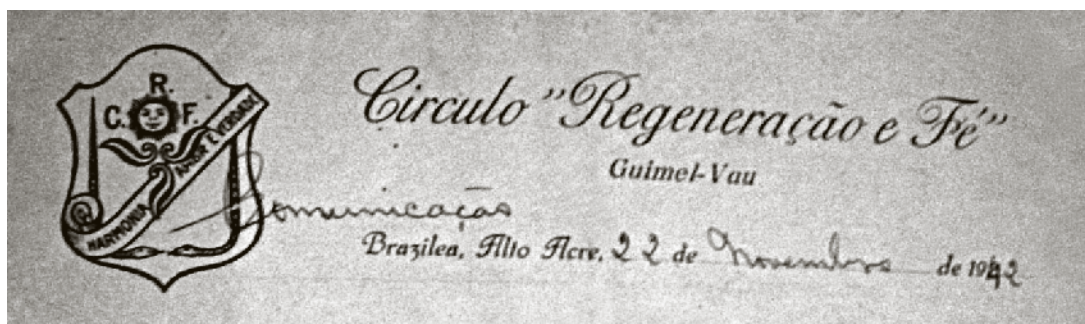


Figura 17 Cabeçalho do papel timbrado do Círculo Regeneração e Fé.

O CRF possivelmente comportava entre seus frequentadores uma maioria negra, incluindo o presidente, Antônio Raimundo Costa, seu irmão, André Avelino Costa, Irineu Serra, José Marajó, Francisco Bastos e o "Crioulo", todos maranhenses. Não sabemos se Hermógenes, André Ramos, Antônio Bahia, Cirilo, Alfredo Vasconcelos Lins e Rolando Moreira, eram também negros. Na diretoria do CRF, estava como presidente Antônio Costa e, provavelmente como vice, André Costa; na secretaria Alfredo Lins<sup>71</sup>, já Rolando Moreira e Irineu Serra, não se sabe ao certo que cargos<sup>72</sup> ocupavam (comunicação pessoal de Jesus Costa em Março e julho de 2007). Vejamos o relato de Beatriz Costa, filha de André Costa<sup>73</sup> (ver mapa genealógico da família Costa em Apêndice E).

Eram muito amigos. Veio Francisco Bastos, veio Marajó. Não me lembro bem do nome, parece que era José Marajó, ele também era um maranhense. Veio tudo lá do Maranhão pra cá. Eu tava meditando assim o nome deles pra falar o nome de um por um. Assim, os mais conhecidos da gente mesmo, era meu pai, meu tio, veio Francisco Bastos, veio Irineu, veio Marajó, veio outro com o nome Crioulo, que eu não me lembro o nome dele, só chamava ele, por Crioulo. E assim, era aquela turma bacana mesmo, tudo unido como se fosse irmão [...].<sup>74</sup> (Beatriz Costa)

Segundo Beatriz Costa, as reuniões do CRF seguiam algumas datas do calendário cristão, além de ocasionalmente também serem realizadas



às quartas-feiras. Sabe-se que, por muito tempo, essas reuniões eram itinerantes, para evitar a perseguição policial. Muitas vezes, eram realizadas em clareiras, casas de amigos seringueiros, ou outros lugares que proporcionassem certo acobertamento. Existem atas do CRF referentes a sessões realizadas nos seringais Marapani (Bolívia), Porvenir (Bolívia), Longa Vida (Brasil), Lago Valência (Peru), Maldonado (Peru), Novo Plano (Brasil), assim como na sede em Brasileia. O CRF sofria grande perseguição policial, provavelmente por ser visto pelas autoridades como uma agremiação de negros curandeiros, usuários de “substâncias venenosas”.<sup>75</sup>

Beatriz Costa nasceu no seringal Guanabara nas imediações de Brasileia em 1917. Ela lembra ter participado das sessões do CRF quando pequena e também das ocasiões em que a polícia chegava para reprimir a reunião. Vejamos sua narrativa sobre esses acontecimentos e a maneira como os membros do CRF usavam a dança para despistar a polícia.<sup>76</sup>

[...] Era assim como se fosse fazer uma festa. Só que eles eram perseguidos. Nesse tempo não era liberto, não! Tinha de fazer a festa na sessão escondido. Eles faziam um bosque, meu tio e meu pai André Costa. Um bosque na mata, né, limpava aquela mata muito grande, quando acabava ia pro rio e de noite a gente ia pra lá. Eu me lembro que era pequenininha, tinha uns seis anos pra sete anos. Aí, eu me lembro que tomava o daime [...]

[...] A nossa janta era macaxeira insossa com chá de laranja, bem frio e doce. Aí, é que a gente ia tomar aquilo ali. Quando mais um pouco, não sei lá como é que ele (meu tio) sabia, nos avisavam. Eu não me lembro bem, mas de repente, eles encerravam a sessão. Pois a polícia ia de Cobija atrás de prender lá eles [...]. Aí, eles avisavam e acabavam a sessão, não sei como. Era que eles iam e nos avisavam. Aí, a gente vinha pra casa, sabe? E se tornava uma dança. A gente ia dançar pra eles chegar. Aí, a gente tava dançando, eles chegavam e não viu nada [...]. Aí, eles voltavam, deixava a gente em paz também. (Beatriz Costa)<sup>77</sup>

As sessões do CRF parecem ter tido fortes características espíritas. Nas sessões recebiam-se comunicações<sup>78</sup> de entidades que se identificavam com títulos de príncipes, princesas, rainhas, reis e marechais. Existem documen-



tos, elaborados na época, com registros dessas comunicações. Geralmente era Antônio Costa quem recebia as comunicações e as repassava ao secretário, Alfredo Lins, para serem transcritas. Esses registros eram assinados por entidades espirituais de nomes e títulos tais como: Rainha da Floresta, Príncipe Aristomundos, Marechal Grujirião, Princesa Tremira, Rainha Delatada (sic) da Floresta. Além deles, os seres Rei Titango, Rei Tituma e Rei Agarrube<sup>79</sup> também faziam parte do panteão de entidades que se comunicariam durante as sessões do CRF. Para invocar esses seres faziam-se chamadas ou chamados.<sup>80</sup> (BAYER NETO, 2003) Jesus Costa e Beatriz Costa fizeram comentários sobre essas comunicações:

[...] Nessas sessões que eram feitas lá, com meu pai e minha mãe, eles recebiam um tipo mensagem ou “prática”. Ele chamava de “prática”.<sup>81</sup> Eram orientações repassadas pelo espírito. Aquilo era um tipo de regulamento que se devia seguir. Toda sessão tinha isso aí [...]. Rainha da Floresta era uma denominação quando era dada a Nossa Senhora. Geralmente ela tinha muita mensagem. Vinha diretamente dela, a Rainha da Floresta. Quando terminava a mensagem ela assinava, Rainha da Floresta. [...] Na mesa deles tinha caneta, tinha papel, tinha tudo. [...] Eles se concentravam. Aí, meu avô ia recebendo e ia passando pro secretário e o secretário ia escrevendo [...]. Lá assinava a Rainha da Floresta [...] .<sup>82</sup> (Jesus Costa)

[...] De tudo saía. Eles escreviam tudo, por fim dos tempos muitas coisas iam acontecer. Tudo saía das “práticas”. Chamava-se “prática” [...] .<sup>83</sup> (Beatriz Costa)

Alberto Costa da Silva (ver família Costa - Apêndice E), irmão de Jesus Costa também se interessou em pesquisar o CRF. Na sua pesquisa, ele teve acesso ao livro-ata com conteúdo das reuniões com local e data, anotando-as em um caderno no ano de 1972. Esse livro ata parece ter continuado em posse da família do secretário do CRF, mas atualmente seu paradeiro é desconhecido. O importante deste registro, mesmo que fragmentário, é que Alberto trouxe à tona as datas e locais em que ocorreram as reuniões, conforme podemos ver na fotografia de suas anotações abaixo:



02/04/2007

*Índice das Lições Práticas*

1 Sessão de 19 de Janeiro de 1922  
 2 Sessão de 28 de Janeiro de 1922 - Julgamento  
 3 Sessão de 26 de Maio de 1928  
 4 Comunicação do Marechal Guquiriós  
 5 Prática de 18 de Abril  
 6 Comunicação de 16 de maio de 1935  
 7 Louça festa, 2 de fevereiro de 1926  
 8 Sessão em Lago Valência, 4 de dezembro de 1933  
 9 Em 14 de Agosto de 1923  
 10 Em Lago Valência a 14 de Agosto de 1933  
 11 Sessão em N. Plano, 18 de Agosto de 1923  
 12 Sessão em Lago Valência, a 25 de dezembro de 1922

Figura 18  
 Anotações de  
 Alberto Costa  
 de 1972 sobre  
 Livro Ata  
 do CRF - I.

13 N. Plano, sessão de 3 de outubro de 1928  
 14 Brasília 22 de novembro de 1942  
 15 Sessão em N. Plano, 10 de dezembro de 1927  
 16 Sessão de 28 de Novembro de 1925  
 17 Sessão em Lago Valência, 10 de fevereiro de 1932  
 18 Em Lago Valência, 20 de fevereiro de 1932  
 19 Em Lago Valência, 17 de Abril de 1932  
 20 Maldonado, 20 de abril de 1932  
 21 Em Lago Valência, a 12 de maio de 1932  
 22 Sessão em 15 de Agosto de 1935  
 23 Brasília, sessão em 12 de Abril de 1934  
 24 Sessão em 26 de março de 1927  
 25 Sessão de 9 de outubro de 1927  
 26 Sessão de 26 de novembro de 1927

Figura 19  
 Anotações de  
 Alberto Costa  
 de 1972 sobre  
 Livro Ata do  
 CRF - II.

02/04/2007

27 Sessão de 8 de outubro de 1924  
 28 Sessão de 2 de fevereiro de 1935  
 29 Lago Valência, 25 de março de 1932  
 30 Sessão em 2 de junho de 1934  
 31 Em Lago Valência, 12 de julho de 1932  
 32 Em Lago Valência, a 20 de março de 1933  
 33 Sessão em N. Plano, 16 de Agosto de 1928  
 34 Sessão em 4 de março de 1922

Figura 20  
 Anotações de  
 Alberto Costa  
 de 1972 sobre  
 Livro Ata do  
 CRF - III.



O CRF parece ter funcionado de 1916 a 1943. Tudo indica que suas reuniões foram suspensas entre 1926 e 1936, mas não temos dados suficientes para indicar com segurança as razões para isso. Cremos que possivelmente tenha sido devido à perseguição policial.

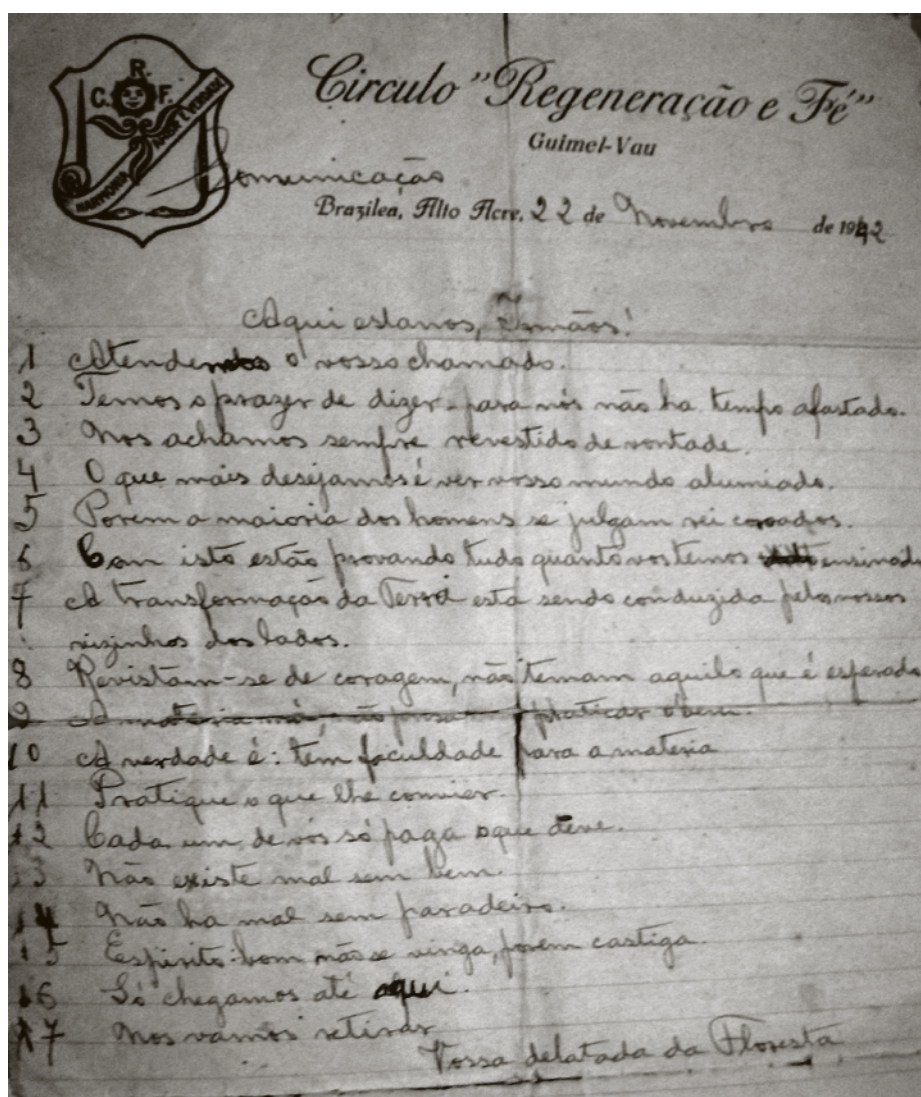


Figura 21 Comunicação ou "prática" da Vossa Delatada da Floresta - CRF.



Da mesma maneira, não podemos afirmar com precisão quando foram reabertos os seus trabalhos, entretanto, estima-se que o CRF encerrou suas atividades definitivamente no ano de 1943. O documento em papel timbrado do CRF, que encontramos, é datado 22 de novembro de 1942. Supostamente esta seria a data de uma das últimas atividades do Centro, que teria mantido o modelo de comunicação, ou “prática”, espírita como padrão das reuniões durante toda sua existência.

A seguir vemos a foto de um documento original transcrevendo comunicações ou “práticas”. No final do texto observamos a assinatura de uma entidade chamada “Vossa delatada da Floresta”.

Assim como as comunicações ou “práticas” eram praxe no centro, havia também, um momento no ritual para se consultar as entidades para obter conselhos sobre situações difíceis ou questões de saúde. Nestas consultas eram sugeridas soluções pelas entidades para as variadas questões dos consulentes, como também eram passadas receitas de remédios da floresta e remédios industrializados. Isso é demonstrado na foto do fragmento do livro ata do CRF.

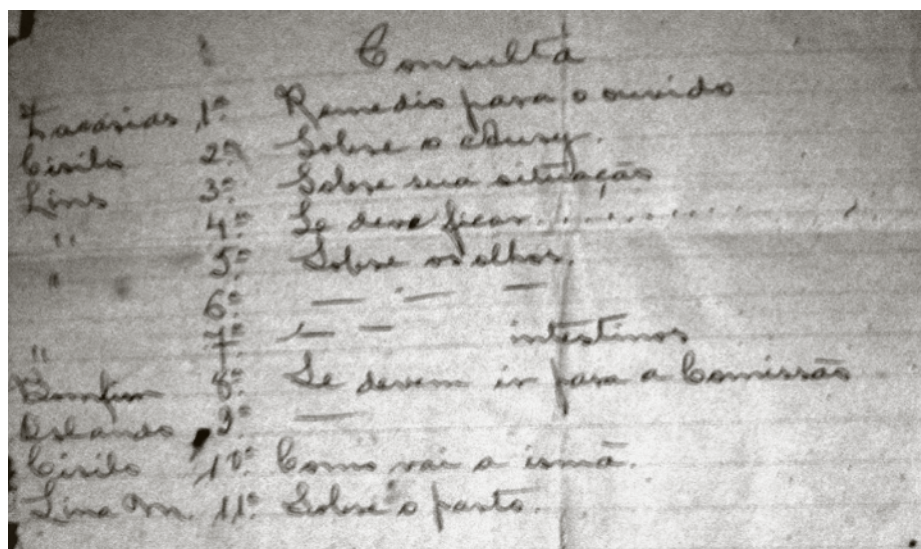


Figura 22 Fragmento do Livro Ata do CRF provavelmente entre 1916 e 1920.



Outra prática dentro do CRF era o uso pelos participantes de títulos de nobreza ou de patentes militares semelhantes aos atribuídos às entidades. Beatriz Costa lembra que sua tia Josefina Ortiz Costa, esposa do Antônio Costa, usava o título de rainha, já uma participante, de nome Dulce, usava o título de princesa. Não se sabe ao certo as implicações destes títulos. A importância atribuída a certas entidades que se manifestavam no centro pode ser avaliada pelo fato de Antônio e André Costa batizarem suas filhas em homenagem a duas destas. Assim, do casamento de Antonio Costa com Josefina Ortiz nasceram duas filhas e uma das meninas foi batizada com o nome de Nobina (ver genealogia da família Costa em Apêndice E), correspondendo à manifestação da “Princesa Nobina”. Já o casal André Costa e a peruana Úrsula Gaúna batizou uma de suas filhas com o nome de Maria Tremira, em homenagem à entidade “Princesa Tremira”.<sup>84</sup> Às vezes, certos cargos, desempenhados durante os rituais por participantes mais graduados, recebiam títulos de entidades espirituais. Além disso, usavam-se também patentes da hierarquia militar, que variavam de soldado a marechal, para fazer distinções entre os participantes do culto. Antônio Costa ocupava o cargo de Marechal, André Costa e Irineu ocupavam o de General<sup>85</sup>, outros, os de major, tenente, sargento e assim por diante. Fala-se que usavam uma farda branca com detalhes azuis, onde as distinções eram marcadas por divisas pregadas nas roupas.<sup>86</sup> Seguem trechos de relatos de Jesus Costa e Beatriz Costa sobre estes temas.

[...] Rainha, aí, como eu tô dizendo, era as patentes das pessoas. [...] Rainha era a minha tia. A mãe da esposa do meu tio, Antonio Costa. Tinha rainha, tinha princesa, tinha tudo. [...] Dona Dulce era a Princesa e daí ia dando as patentes [...].<sup>87</sup> (Beatriz Costa)

[...] Eles tinha, assim, patente, né. Era Presidente, era General, era Marechal, era tudo. Meu tio Antonio Costa era o Presidente da Associação e ele o Praticante. Daí ia baixando, mesmo que num quartel né? Tinha Major, Tenente... Tudo era assim. O Hermógenes era Tenente [...].<sup>88</sup> (Jesus Costa)





A iniciação ayahuasqueira de Irineu, concomitante à de Antônio Costa, e seu ingresso no CRF, tornaram-no alvo da perseguição que a polícia movia contra a feitiçaria. A pele negra exacerbava a estigmatização que ele e seus companheiros sofriam, exigindo que tomassem medidas de precaução, como variar os locais de seu culto, chegando até a fazer suas reuniões do outro lado da fronteira. Foi provavelmente nessa época que aconteceu um episódio, envolvendo a perseguição dos frequentadores do CRF pela polícia de Cobija, que deixou uma marca física permanente em Irineu: uma cicatriz entre os dedos da mão direita, próxima ao dedo mindinho e que chegou a ser registrada em sua carteira de identidade. Segundo seu sobrinho, isso teria sido resultado de uma bala que o atingiu num conflito com os policiais bolivianos. Conforme Daniel Serra relata, esse conflito foi próximo a um rio (não se sabe ao certo qual rio, se o Rio Xipamanu ou Rio Acre). Às suas margens, Irineu, após tentar fugir, em determinado momento resolveu enfrentar seus perseguidores, chegando a segurar um deles e a arremessá-lo contra os outros. Em seguida, atirou-se no rio, sob forte saraivada de tiros disparados pelos policiais bolivianos, e teria sido durante sua travessia a nado que sua mão foi atingida pelo projétil.<sup>89</sup> Não se tem clareza sobre quando ocorreu esse episódio, se foi no início ou no final de sua passagem pela região. De toda maneira, seria mais um exemplo das agruras que Irineu sofreu naquela época e que terminaram por levá-lo a deixar a região.

Outro fator importante que também poderia ter determinado a sua saída de Brasileia foi a convivência conflituosa que mantinha com sua companheira Emília Rosa Amorim, já que esta não aceitava seu uso de daime e nem sua participação naquele centro, tão estranho às suas crenças religiosas. Provavelmente ela compartilhava da visão generalizada de que aquela era uma bebida demoníaca, considerando os companheiros de Irineu como seus comparsas num culto ao demônio. Além disso, diz-se que Elias Manga da Silva, seu filho, que já tinha sete anos na época em que Irineu se juntou à sua mãe, rejeitava-o por ser negro. Desse modo, Irineu também enfrentava dentro de casa um estigma análogo ao que sofria no mundo externo.

Irineu teve dois filhos com Emília: um menino que não recebeu o seu sobrenome, chamado Valcívrio Genésio da Silva<sup>90</sup>, e uma menina batizada com o nome de Valcirene. Valcívrio<sup>91</sup>, o primogênito, nasceu no dia



20 de Janeiro de 1918. Já a menina nasceu por volta de setembro de 1918. Afirma-se que ela só viveu cerca de um ano e oito meses (SILVA, P., 1992, p. 22), mas se tomarmos por base a data de chegada de Irineu a Rio Branco, no dia 2 de janeiro de 1920 (HOLDERNES apud ALVES, 1984, p. 4), ela teria vivido apenas um ano e quatro meses.<sup>92</sup>

Em condições tão adversas, não surpreende que tenham surgido desavenças entre os membros do centro e, mesmo sabendo-se pouco sobre os detalhes do episódio, parece certo que Irineu se desentendeu com Antonio Costa e deixou o CRF.<sup>93</sup> Esta foi somente uma das rupturas que sofreu nesse período. Além de sair do centro, abandonou também a ocupação que exercia, seja de mateiro, ajudante de regatão (junto a Antônio Costa) ou outra sorte de trabalho ligado à extração da borracha, atividade que já estava então em plena decadência econômica. Separou-se de Emília Rosa Amorim<sup>94</sup> logo após a morte prematura de sua filha Valcirene, deixando seu filho Valcívrio aos cuidados da mãe, e tomou o rumo de Rio Branco. Este parecia ser um local promissor, já que circulavam rumores de que, em breve, se tornaria a capital do território acreano<sup>95</sup>, passando a ter um governador geral, nomeado pelo Presidente da República. Irineu entendeu que lá estava uma nova chance de se integrar devidamente à sociedade acreana.

## Irineu Chega a Rio Branco

A via natural entre Brasileia e Rio Branco é o Rio Acre. Descendo-o de barco chega-se a Xapurí e depois a Rio Branco. Irineu aportou em Rio Branco no dia 2 de janeiro de 1920 e, no dia 5 de janeiro de 1920, entrou para a corporação da Força Policial, retornando, assim, à vida militar. Na sua trajetória de vida, esta sempre lhe foi uma espécie de porto seguro, desde quando, ainda em São Luís no Maranhão, ele servira no exército como infante. Já na sua vinda para Amazônia, retornou ao serviço militar, servindo junto à Comissão de Limites, na fronteira do Acre com o Peru. Agora, mais uma vez, aos 29 anos de idade, Irineu voltaria às hostes militares. Naquele momento de sua vida, isso o ajudaria a se recompor das agruras sofridas em Brasileia. Lembremos que a Força Policial local era



uma instituição forte, representante do Governo Federal e que, desde sua formação até a sua elevação a estado, o Território Federal do Acre foi comandado por inúmeros governadores e secretários gerais oriundos das hostes militares.



Figura 23 Porto da cidade de Rio Branco em 1912 (oito anos antes da chegada de Irineu).

A entrada de Irineu para a Força Policial<sup>96</sup> marca também uma importante inversão de papéis em sua vida. De perseguido pela polícia, passou a membro daquela instituição. Fala-se que Irineu, em suas folgas, continuou discretamente a fazer uso de daime (depoimento de Cecília Gomes em comunicação pessoal a Saturnino Brito do Nascimento<sup>97</sup>), pois, o cipó e a folha abundavam na região de Rio Branco. Embora nesse momento não fizesse mais parte de um grupo daimista, continuou, mesmo que solitariamente, seus estudos com a bebida.

Logo ao entrar na Força Policial, Irineu fez amizade com Germano Guilherme, o músico João Pereira e João Leão, que viriam a ser seus primeiros discípulos. Germano era um negro pernambucano apelidado de “Maninho” por Irineu, e, inicialmente, deve ter sido o único a acompanhá-lo no seu consumo de daime. Diz a história que Germano, desconfiado do sumiço ocasional de Irineu, perguntou-lhe se podia acompanhá-lo nas folgas e, dessa forma, acabou sendo iniciado no Daime.<sup>98</sup>



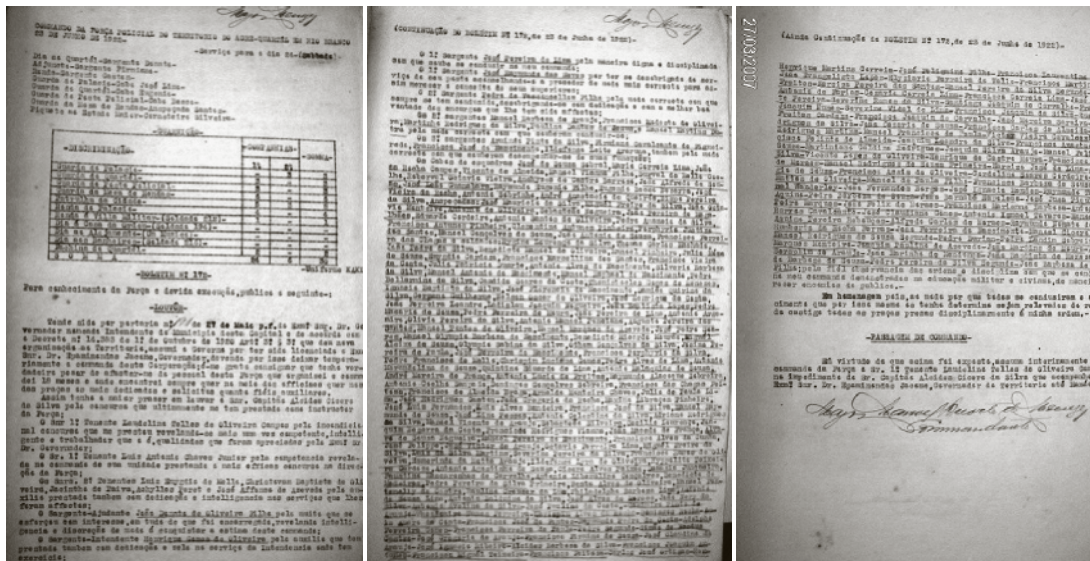


Figura 24 Boletim da Força Policial, n. 172 (documento inteiro).

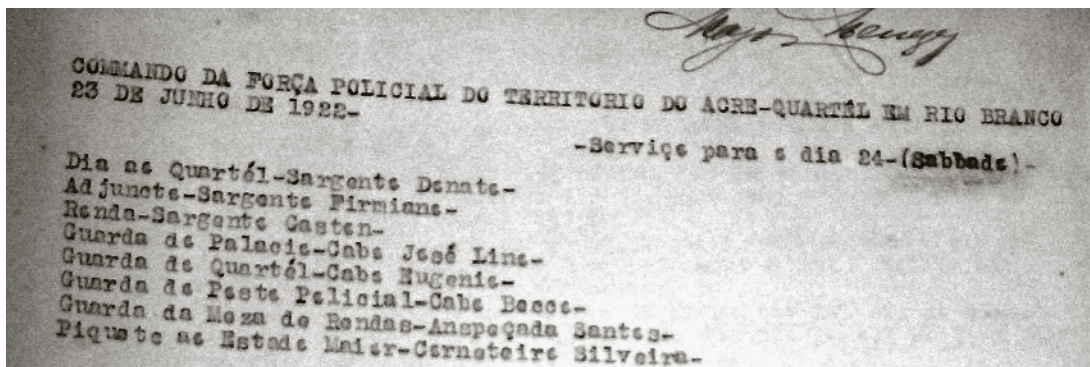


Figura 25 Título inicial do documento datando 23 de junho de 1922.

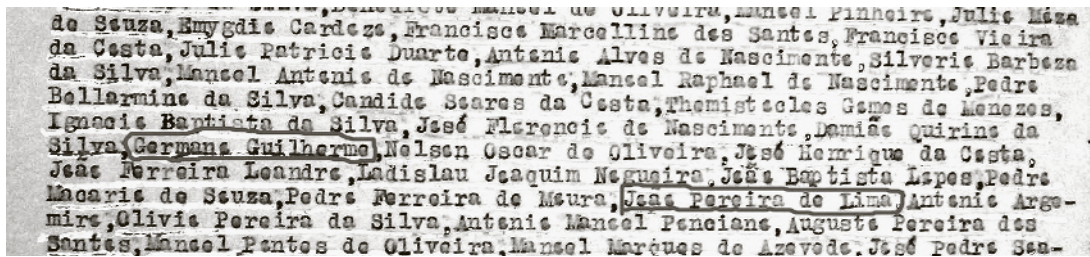


Figura 26 Germano Guilherme e João Pereira constam na lista de louvor de 23 de junho de 1922.





Figura 27 Quartel da Força Policial construído em alvenaria e inaugurado a 15/11/1929 em Rio Branco-AC.

Foi também dentro da Força Policial que Irineu conheceu aquele que viria a ser seu grande amigo e defensor, Manuel Fontenele de Castro.<sup>99</sup> Este seu amigo cearense viria a ter uma carreira militar e política de grande projeção, sendo designado três vezes Governador do Território Federal do Acre. Sua primeira nomeação para a governança, que ocorreu em 1936 e durou sete meses, foi assim que ele se tornara major. Esta foi a única vez em que não foi designado diretamente pela Presidência da República, governando nesse momento por determinação do Ministério da Justiça. A segunda vez que atuou como Governador, também só por alguns meses, foi no final de 1940 até meados de 1941. A sua última designação para o cargo, desta vez por um período mais extenso, foi de 10 de novembro de 1958 até 18 de março de 1961. Antes disto, ele também foi Prefeito de Rio Branco três vezes e Secretário Geral no Governo de Valério Caldas Magalhães. Um dos maiores destaques de seu último governo foi a tentativa de fazer o plantio racional de seringueiras, fracassando devido à falta de incentivo do Governo Federal.

Considera-se que Manoel Fontenele de Castro, durante seus quarenta e sete anos de vivência no Acre, teve uma atuação marcante e prestigiosa como militar, líder político e governador. Na sua trajetória, manteve sempre a amizade com Irineu e em muitos momentos pôde defendê-lo da perseguição de autoridades policiais e até de governantes. Morreu de infarto na madrugada de 25 de outubro de 1965 no Rio de Janeiro. Foi sepultado em Rio Branco, no cemitério São João Batista e relata-se que o seu enterro foi acompanhado por uma multidão em prantos. (LEITE, 1990, p. 12)





Figura 28 Carteira de identidade Manoel Fontenele de Castro.



Figura 29 Fontenele no início da carreira militar.

Nesse período, servindo sob os comandos de Capitão Calazans, Major Armando e Capitão Florêncio, Irineu também se tornou amigo dos capitães Pedro Vasconcelos Filho e Eugênio Beco Bezerra. (MAIA, 1984, p. 4) Irineu e Fontenele de Castro prestaram juntamente o concurso para acesso ao posto de cabo. Embora tenham sido igualmente aprovados para o posto, devido à sua pouca instrução escolar (e talvez à sua cor), Irineu não pôde alcançar uma grande ascensão na carreira militar, ao contrário de seu amigo que, com maior instrução, recebeu várias promoções e chegou ao posto de coronel. Irineu, por volta de 1929, licenciou-se do serviço militar e deu baixa na Força Policial.<sup>100</sup> Durante os cerca de nove anos em que trabalhou na polícia, Irineu manteve-se livre da perseguição por consumo de ayahuasca e pôde recuperar suas forças, restabelecendo-se interiormente para enfrentar novamente a vida civil.<sup>101</sup>

Naquele momento, Rio Branco estava sofrendo um forte aumento de sua população. Passados dezesseis anos da quebra do mercado da borracha, vários seringueiros tiveram suas dívidas perdoadas e, durante esse período, deslocaram-se dos seringais para a capital do território. Isso levou a cidade a ter grandes problemas com o inchaço de população. Por outro lado, ocorreu um aumento na diversificação da produção agrícola, levando ao enriquecimento da dieta alimentar da população. A castanha do Pará, as madeiras e as oleaginosas também se tornaram produtos explorados na



região e desenvolveu-se o comércio de peles e couros de animais silvestres, com alto valor de mercado. Assim, a modificação da configuração produtiva da região foi paulatinamente formando mercados diferenciados das velhas modalidades de produção. (SOUZA, 2005, p. 172)

Com a chamada “Revolução de 1930”, realizada por políticos de Minas Gerais e Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas assumiu a Presidência da República. Entre outras medidas ditatoriais, extinguiu todas as Câmaras Municipais do Território Federal do Acre, tirando da sua população qualquer direito de eleger seus representantes políticos. O Acre continuou como Território, administrado pela Presidência da República e governado por interventores nomeados por Vargas.<sup>102</sup> Por outro lado, a Revolução de 1930 representava também uma ruptura com um passado no qual sobreviviam ainda muitas características coloniais. Deu lugar à implantação de um novo modelo socioeconômico marcado pela urbanização e industrialização. Essa nova situação fomentava novas ideias e a reinterpretação de antigas tradições. (ORTIZ, 1988, p. 31-32) Tais mudanças seriam importantes nos processos de formação da Umbanda no Rio de Janeiro e em vários outros estados brasileiros, assim como na configuração do Daime em Rio Branco.

Em 1928, Irineu conheceu Francisca, uma cearense, vinte anos mais velha do que ele, e a tomou como companheira – ele tinha trinta e oito anos e ela cinquenta e oito. Após a sua saída da polícia, Irineu, junto com D. Francisca, procurou um lugar para morar no entorno de Rio Branco. A região onde acabou se instalando fazia parte do Seringal Empresa e, na época, ainda havia por lá muitas colocações de seringa (termo usado no primeiro e segundo ciclos da borracha para denominar o lugar onde o seringalista colocava o seringueiro), apesar da baixa pela qual passava o mercado da borracha. Essas localidades eram pouco assistidas pelo governo e careciam de qualquer benfeitoria. Irineu, quando chegou ao local de sua nova moradia, utilizou o conhecimento que adquirira em suas andanças pelas florestas acreanas, ajudando a população local a se livrar de um mal até então inexplicável. Daniel Serra lembra duma história que seu tio lhe contou sobre este período.

Era no tempo que o Mestre foi morar novamente numa antiga colocação de seringa. Lá nessa colocação, todo mundo que ia morar



lá morria. Quando morreu uns quatro ou cinco por lá, ele decidiu: “Eu quero morar lá nesse lugar. Eu quero tomar conta de lá.”

Ele foi pra lá. Foi no tempo que ele morava com a dona Francisca. Quando ele arriou a bagagem, disse para ela: “Olhe não beba água. Espera aí, vamos ver o que tem aí.”

Aí, saiu procurando a vertente. Aí, quando ele chegou na vertente, ele encontrou uma planta chamada “capança” encostada na água. Eles tomavam a água com o veneno da “capança”. Ela é um veneno muito forte, ela é igual ao “assacu” e outros venenos violentos que tem por lá. Com uma semana ou duas, as pessoas morriam. Ele tirou a “capança” de dentro da vertente, aí, ninguém mais morreu naquela colocação. O ano que ele viveu lá, todos viveram com saúde.<sup>103</sup> (Daniel Serra)

Após deixar essa morada, Irineu tentou, em janeiro de 1930, se estabelecer numa área de Rio Branco, hoje conhecida como bairro do Bosque.<sup>104</sup> Lá conheceu José Francisco das Neves Junior (Zé das Neves), que viria a ser outro dos seus primeiros discípulos. Mas o terreno pertencia à 4º Companhia do Exército e, quando esta reclamou as terras, todos os agricultores estabelecidos na localidade tiveram que sair. (CARIOCA, 1998, p. 6) Irineu soube então que o governo (mandato de Hugo Carneiro) comprou as terras de um certo seringalista, Barros, e estava dando posses para se formarem colônias de agricultores, num lugar chamado Vila Ivonete, próximo ao Igarapé Fundo.<sup>105</sup> Assim, ele resolveu participar desse novo assentamento junto com outros agricultores e ex-seringueiros. Chegando ao local, logo providenciou a construção de sua casa, feita de pau-a-pique, no modelo das casas maranhenses. Lá, ele retomou seus contatos com amigos políticos e tornou-se operário de obras na administração do governador Francisco de Paula Assis Vasconcelos, Interventor do Território Federal do Acre entre 1930 e 1934. (MAIA, 1984, p. 4) Segundo se diz, foi em 1932 que ele, finalmente, deixou o serviço de obras e passou a trabalhar integralmente como agricultor.





## Notas

- 1 O nome deste município vem do processo de catequese missionária dos Mercedários, Jesuítas e Franciscanos. Consagraram o nome do município a uma homenagem ao frade dominicano São Vicente Férrer, um pregador da igreja espanhola do século XV. Nascido na cidade de Valência, Espanha (1355), faleceu na cidade de Vannes, na França (1419), em cuja catedral se encontra seu túmulo, objeto de veneração.
- 2 E é seguinte o conteúdo da certidão de casamento: “Aos vinte e três de janeiro de oitocentos e noventa, na matriz desta Villa de São Vicente, feitas as denominações canônicas, sem se descobrir impedimento algum, em minha presença e das testemunhas de Jesus Araújo e Marianno José de Mattos, se casaram religiosamente por palavras do presente Sancho Martinho de Mattos e Joana D’Assunção Serra, ele filho legítimo de Fabrício Pacheco de Mattos e Lourença Rosa de Mattos e ela filha legítima de André Cursino Serra e Leopoldina Filomena Madeira, naturais e familiares desta freguesia: e logo lhe dei as bênçãos conformes os ritos e cerimônias da Santa Igreja Romana. E para amostar fiz este termo, eu, o Padre José Bráulio Nunes, Vigário encomendado”.
- 3 A casa feita toda com palha onde Mestre Irineu nasceu pegou fogo muitos anos após sua partida. Posteriormente foi construída outra nos mesmos alicerces, sendo as paredes de taipa e o telhado coberto de palha. É esta a casa da figura 4, tirada quando Eduardo Bayer Neto esteve em São Vicente Férrer em 1992. Já em janeiro de 2007, quando o pesquisador e coautor deste livro, Paulo Moreira, esteve no local com Seu Daniel, sobrinho de Mestre Irineu, só encontrou os seus alicerces.
- 4 A construção da igreja matriz foi em 25 de outubro de 1830 pelo vigário encomendado Francisco de Paula e Silva, conforme registro no arquivo da arquidiocese de São Luís. A igreja foi muitas vezes reformada, e totalmente reconstruída entre 1958 e 1960 pelo padre Heitor Piedade Júnior.
- 5 É o seguinte o conteúdo do registro na íntegra: “Aos vinte dois de março de mil oitocentos e noventa e um, na matriz desta vila de São Vicente, batizei solenemente e ungi com os santos bens o inocente Irineu, nascido a quinze de dezembro de ano último findo, filho legítimo de Sancho Martinho de Mattos e Joana da Assunção Serra: foram padrinhos João Crisogino de Moraes e Maria Xavier de Moraes. E para constar fiz este termo, eu, Padre José Bráulio Nunes, Vigário encomendado”.
- 6 Não há registros de nascimento em cartório neste período, somente batistérios.
- 7 Relato feito por Dona Rita Serra, filha de Paulo Serra, sobrinha de Joana da Assunção Serra e prima de Irineu, em entrevista realizada por Moreira em 03 de fevereiro de 2007.
- 8 Serviço de Identificação – Nome: Raimundo Irineu Serra; Data de nascimento: 15 de dezembro de 1892; Filiação: Sancho Martins de Matos e Joana de Assunção Serra; Nacionalidade: brasileira; Estado: Maranhão; Forma física – Cor: preta; Olhos: castanhos escuros; Cabelo: preto e cacheado; Cicatrizes: cicatriz de golpe na mão direita; Rio Branco/Acre: 18 de setembro de 1945.
- 9 A respeito ver: Prado Jr. (1945, p. 41), Furtado (1961, p. 459) e Holanda (1998, p. 87).
- 10 O sobrenome de Ezequiel de Mattos pode ser ou não um indício de que ele seja parente de Sancho Martinho de Mattos.
- 11 Paulo da Assunção Serra morreu em 25 de outubro de 1958, meses após a visita de Mestre Irineu a São Vicente Férrer no fim de 1957 e início de 1958.



- 12 Confira: Revista o Centenário (1992, p. 18), Cemin (2001, p. 77-78) e Goulart (2004, p. 28).
- 13 Entrevista concedida a Sandra Goulart por Luis Mendes em 1994.
- 14 O tambor de crioula é uma dança de roda realizada ao som de tambores feitos de troncos, um folguedo característico da cultura negra do Maranhão, realizado por devotos para pagar promessa a São Benedito. (FERRETI, 2002)
- 15 “No começo do século os viajantes que saíam de São Vicente Férrer com destino a São Luís, deslocavam-se até cidade de Cajapió, e de lá para o ‘Porto Beira da Costa’. Outra opção era ir para São Bento, ou, ao porto de São João Batista, conhecido como ‘Porto de Raposa’, onde se podiam pegar barcos ou ‘igarités’ (canoas de maior porte), havia também as ‘gambarras’, embarcações para o transporte de animais para o matadouro”. (PINTO, 2001, p. 13)
- 16 Comunicação pessoal de Zé Maria, irmão de Daniel Serra, ambos filhos da irmã de Mestre Irineu, Maria Mattos – fevereiro de 2007 ( ver Figura 6).
- 17 Comunicação pessoal de Daniel Serra, sobrinho de Mestre Irineu que hoje mora em São Luís, em fevereiro de 2007.
- 18 Os ingleses conseguiram sementes da seringa da Amazônia, através de um compatriota chamado Henry Wichham, em 1876, que levou as sementes para a Inglaterra, onde foram preparadas, para serem plantadas na Malásia conseguindo assim um produto mais barato que o da Amazônia brasileira.
- 19 Confira: Revista o Centenário (1992, p. 7-18), Cemin (1998, p. 80), Carioca (1998, p. 2), Maia Neto (2003, p. 93) e Goulart (2004, p. 29).
- 20 O Acre era formado por 191.000 km<sup>2</sup>, diminuiu sua extensão para 152.589 km<sup>2</sup>, ficando o restante com o Peru após o tratado do dia 8 de setembro de 1909.
- 21 Paulo Serra – entrevista em 14/03/2007, Rio Branco-AC.
- 22 Antes de sua fundação, em 28 de setembro de 1904, pelo coronel do Exército Nacional Gregório Thaumaturgo de Azevedo, se chamava “Centro Brasileiro” sede do município do Juruá, depois renomeado como “Cruzeiro do Sul”.
- 23 A sede do município foi fundada em 1 de outubro de 1907, por Antonio Antunes de Alencar.
- 24 Na época, Assis Brasil era região do município de Brasileira, só depois, em 14 de maio de 1976 foi desmembrado.
- 25 Chamava-se Mariscal Sucre, foi elevado à categoria de Vila em 25 de agosto de 1904 e tornou-se município pelo decreto número 9.831 de 23 de outubro de 1912.
- 26 O trabalho do gerente era inspecionar o seringal e substituir o seringalista em suas ausências.
- 27 Responsável pelo estoque de mercadorias do barracão do seringalista e também pela produção de borracha entregue pelos seringueiros.
- 28 Coordenava os depósitos de borracha e peles de animais silvestres trazidas pelos seringueiros.
- 29 Responsável pelo transporte de mercadorias para as colocações de seringa e a retirada da borracha em burros de carga.
- 30 Responsável pela identificação de novas áreas de florestas que continham árvores seringueiras.



- 31 Era responsável pela abertura das estradas de seringa.
- 32 Responsável pelo abastecimento de carne de caça para o seringalista.
- 33 Era o responsável em fiscalizar os cortes das seringas, para não danificar as árvores de seringa e também impedir a plantação de gêneros alimentícios na colocação.
- 34 Barqueiro que burlava o sistema de barracões trazendo gêneros alimentícios em troca de pelas de borracha.
- 35 A antiga Brasília foi desmembrada do município de Xapurí em 1938 e seu nome modificado para Brasileira em 1943. Brasília foi fundada em 3 de julho de 1910, localizada na margem esquerda do Rio Acre, era apenas um vilarejo com poucas casas, abrigando alguns seringalistas, juristas e alguns homens e mulheres do povo.
- 36 Antonio Raimundo Costa era filho de João Gualberto Costa e Maria da Anunciação Caxias. Nasceu no Maranhão, aproximadamente, em 1882 e morreu em 1950 no Seringal Porvinir em Brasileira/Acre (entrevista realizada a Jesus Costa, neto de Antônio, em março de 2007).
- 37 André Avelino Costa é também filho de João Gualberto Costa e Maria da Anunciação Caxias. Nasceu no Maranhão em 10 de novembro de 1888 e morreu em Rio Branco, Acre, em 24 de julho de 1951 (Certidão de óbito no fórum de Rio Branco – ver fotografia em Anexo A).
- 38 Em decorrência dos eventos discutidos neste livro, o nome difundido por Mestre Irineu: “daime” tornou-se especialmente conhecido.
- 39 Comumente conhecidos pelos nomes “mariri” ou “jagube” e “chacrona” ou “rainha” respectivamente.
- 40 Como já foi colocado na introdução, o uso desta bebida de procedência indígena (KENSINGER, 1973; LAGROU, 1996; LANGDON, 1986; REICHEL-DOLMA-TOFF, 1976) foi disseminado na região do Alto Amazonas entre comunidades ribeirinhas e urbanas. Estas absorveram fragmentariamente as práticas dos rituais indígenas, reinterpretando e sistematizando novas matrizes, inserindo o uso dentro da cultura religiosa e curandeira local. Este uso não indígena da bebida fora do Brasil é verificado exclusivamente por tradições xamanísticas denominadas como “Vegetalismo” boliviano, peruano e colombiano, classificadas também como uso mestiço. Os relatos na história da Amazônia ocidental constata a existência desses curandeiros, conhecidos como “mestres vegetalista”, ou “chefes da ayahuasca”, desde meados do século XIX (LUNA, 1986; TAUSSIG, 1993), vistos na época como brujos (bruxos) ou hechiceros (feiticeiros) geralmente vinculados a características ambíguas, aptos a curar, como a efetuar feitiços maléficos. Eram vistos como mediadores entre a divindade e o cliente.
- 41 Interpretação similar desse episódio foi feita anteriormente por Edward MacRae (2000, p. 15): “Durante una estadía en El Peru, fue presentado por un coterráneo suyo, Antonio Costa, a unos caboclos que tomaban ayahuasca, llamada por ellos “purgante”. La intención de esta práctica era atraer fortuna y felicidad, pero como el ritual incluía la invocación de entidades espirituales indígenas, muchos lo consideraban un ‘pacto Satánico’”. Posteriormente Goulart desenvolveu também o tema de maneira similar. (GOULART, 2004)
- 42 Este é um dos termos que definem a categoria de líder nas sessões ayahuasqueiras do vegetalismo peruano, boliviano e colombiano.
- 43 Nasceu em Xapurí no dia 26 de Junho de 1921. Começou a tomar daime em 1950 com Mestre Irineu, convivendo com ele por 21 anos – nesse período foi designado por Mestre Irineu para ser feitor de daime.



- 44 O suposto contexto satânico da experiência inicial de Irineu com ayahuasca já foi interpretado de diversas maneiras por antropólogos pesquisadores da área. A antropóloga Arneide Bandeira Cemin correlaciona este episódio ao tema fáustico de Goethe, e ao “ciclo do demônio logrado” dos folcloristas brasileiros (CASCUDO, 1976; FERREIRA, 1995). Para ela, esse modelo é reproduzido em diferentes narrativas populares, preservadas e difundidas nos folhetos literários e nas inúmeras edições dos livros de São Cipriano e Orações da Cruz de Caravaca, compondo uma espécie de vários faustos (CEMIN, 2001, p. 199). Dentre os temas fáusticos, ela correlaciona especificamente a experiência de Irineu à categoria de “Fausto da Salvação” de Jerusa Ferreira (1995), onde o herói é convertido por intervenção do bem. A nosso ver, Cemin baseia suas interpretações nas narrativas míticas sobre a experiência de Irineu com a ayahuasca num contexto satânico. Entretanto, se considerarmos que possivelmente estas narrativas expressam ecos de uma imagem distorcida repassada a Irineu sobre o contexto vegetalista (como contexto satânico), a “dádiva de um pacto satânico” surgirá como mais uma possibilidade. Outra interpretação desse contexto é feita pela antropóloga Sandra Goulart, que constata que seguidores de Irineu associam o seu contato inicial com a ayahuasca no ambiente vegetalista (caboclo ou mestiço) como “lócus” do “demônio”, ou, da “magia negra” (contexto negativo), e outras vezes, esse mesmo ambiente em outro momento é referenciado como “lócus da sabedoria e do conhecimento dos incas” (como contexto positivo), quando é citado o caso do caboclo D. Pizango (iniciador de Irineu na ayahuasca). A nosso ver, essa lógica binária contraditória talvez fique mais compreensível se levarmos em conta que para os habitantes da região daquela época a própria cultura indígena era vista como demoníaca. Assim, como já colocamos antes, é necessário lembrar que nos mesmos relatos, Irineu ao final da experiência desconstrói a distorção dos valores depreciativos sobre a bebida e sobre a cultura vegetalista. Desse modo, para nós, a constatação de tal lógica binária incongruente nos relatos é possivelmente resultado da própria incompreensão repassada a Irineu antes da experiência. Portanto, partindo-se do nosso ponto de vista, a suposta compreensão de Irineu ressignifica tal lógica, também constatada pela antropóloga Sandra Goulart. Assim, pode-se dizer que alguns aspectos do vegetalismo passaram a ser ressaltados, outros esquecidos e outros ainda ressignificados a partir da revelação dada a Irineu por uma entidade feminina que lhe propôs uma missão espiritual particularizada e distinta do contexto vegetalista.
- 45 Entrevista de Francisco Granjeiro dada a Antônio Macedo em 1999.
- 46 “Mirar” é o termo usado para o processo visionário, também conhecido como “miração”, desencadeado pela ingestão da ayahuasca.
- 47 Sobrinho de João Rodrigues (Nica) que mantém arquivo pessoal de entrevistas sobre a doutrina de Mestre Irineu.
- 48 Devemos aqui lembrar que nas tradições vegetalistas a ayahuasca é frequentemente associada a um ser espiritual em forma de cobra.
- 49 Entrevista de Francisco Granjeiro dada a Antônio Macedo em 1999.
- 50 Conjunto de hinos “recebidos” sob efeito da bebida. Os hinos são canções temáticas, de doutrinação, louvação e ensinamentos da Rainha da Floresta.
- 51 Lua Branca, Mãe Divina, Virgem, Rainha da Floresta, Lua Cheia, Luz, Virgem Mãe, Mãe Celestial, Virgem da Conceição, Mãe de Deus da Criação, Virgem Senhora, Santa Virgem, Mãe de Piedade, Mãe, Mãe do Redentor, Virgem Maria, Rainha do Mar, Professora, Divina Mãe, Mãe de Todos, Mãezinha, Estrela que me Guia, Mãe Protetora, Minha Rainha, Mamãe e Minha Flor. O importante destas nomeações é a variedade



das categorias empregadas por Mestre Irineu na identificação desta divindade, ou seja, o caráter cambiante e simbólico dos significados em relação ao significante. Enfim, esses elementos vão transitar nos relatos, nas letras das músicas executadas no ritual, e no imaginário dos seguidores ampliando-se ainda mais o sentido metafórico, principalmente, sob o efeito do psicoativo.

- 52 Segundo Turner, “os símbolos possuem propriedades de condensação, unificação de referentes díspares, e polarização de significado. Um único símbolo, de fato, representa muitas coisas ao mesmo tempo, é multívoco e não unívoco. Seus referentes não são todos da mesma ordem lógica, e sim tirados de muitos campos da experiência social e de avaliação ética”. (TURNER, 1974, p. 70-71)
- 53 Entrevista de Francisco Granjeiro dada a Antonio Macedo em 1999.
- 54 Em várias tradições indígenas usuárias da ayahuasca ocorrem as prescrições de evitar certas comidas e intercurso sexual, antes e após a ingestão da bebida.
- 55 Comunicação pessoal, em fevereiro de 2007, em São Luís.
- 56 Contemporânea de Irineu e sua antiga secretária pessoal.
- 57 Entrevista dada a Sandra Goulart em 1994.
- 58 Entrevista de Francisco Granjeiro dada a Antônio Macedo, 2000.
- 59 Não podemos deixar de fazer aqui uma analogia à preocupação atual dos daimistas em negarem que sua bebida seja uma “droga”, mesmo reconhecendo que contenha o elemento psicoativo DMT.
- 60 A política oficial de repressão à feitiçaria era baseada no decreto de 11 de outubro de 1890, que introduzia no código penal os artigos 156, 157 e 158, referentes à prática ilegal da medicina, da magia e que proibia o curandeirismo e o uso de substâncias venenosas (MACRAE, 1992, p. 65).
- 61 Termo cujo significado em espanhol, “embriaguez”, traria conotações obviamente desqualificadoras para o estado de consciência resultante do uso da ayahuasca.
- 62 Termo associado ao espiritismo ou esoterismo de origem europeia que, embora também perseguidos, eram menos estigmatizados que o “baixo espiritismo”, de origem afro-indígena.
- 63 Termo de origem quéchua.
- 64 Termo de origem quéchua.
- 65 Sugestão feita em Goulart (2004, p. 37).
- 66 Departamento de Pando – Bolívia.
- 67 Segundo a entrevista de Valcívrio Genésio dada a Ovejero (1996, p. 61, tradução nossa): “Ela chegou ao Acre em 1909, quando estas terras estavam praticamente desabitadas, nos tempos que vieram depois do Tratado de Petrópolis, ao fim da revolução. Veio como empregada a um seringal, em um navio onde viajavam trezentos homens e três mulheres, que eram ela, a esposa e a cunhada do patrão (sabe-se que para vir naquela época mulher para o Acre era um sacrifício, a não ser que fosse boliviana ou peruana). Pois, aí chegou minha mãe com um filho no seringal Porvenir, onde conheceu um baiano com quem se casou. Depois de um tempo, saíram do seringal para vir para Cobija, onde ela era lavadeira. Logo, o marido faleceu e ela conheceu meu pai, Mestre Irineu, com quem ela gerou uma menina”.
- 68 Comunicação pessoal de Paulo Serra julho de 2007 – ver gráfico genealógico da Família de Irineu Serra III, no Apêndice C.



- 69 Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento (1997, p. 12-13) é uma ordem ocultista fundada pelo português Antonio Olívio Rodrigues, a 27 de junho de 1909, em São Paulo, inspirada nos ensinamentos do guru indiano Swami Vivekananda e nos princípios teosóficos de Madame Blavatsky. Sabe-se que esta instituição esotérica, através de uma publicação chamada Revista do Pensamento, teve ampla divulgação de sua filosofia circulando pelo Brasil até em regiões mais longínquas como a Amazônia e o sertão nordestino. Segundo Vera Fróes (1986, p. 47), Mestre Irineu teria se filiado a esta ordem esotérica (recebeu honrarias e certificados dessa organização) somente em 1955, e, também, a ordem Rosa Cruz, ambas, com representação em Rio Branco. Identificam-se varias influências destas duas organizações refletidas na doutrina do Santo Daime. (MACRAE, 1992)
- 70 Procuramos nos arquivos da matriz do CECP em São Paulo, o cadastro do Centro de Irradiação Mental Tattwa Circulo de Regeneração e Fé. Mas não encontramos nenhuma referência ou cadastro oficial do CRF entre 1910 e 1925. Continuamos a investigação sobre o cadastro de filiação dos membros do CRF e mesmo assim nada encontramos sobre os Costa ou Irineu.
- 71 Foi escrívão do fórum de Brasileira na época. Ele também foi quem possivelmente registrou a associação em cartório. Procuramos algum cadastro dessa associação no fórum de Brasileira, mas o livro com essas anotações foi perdido num incêndio na década de 1940.
- 72 Fala-se que existiam alguns cargos como comando fiscal, comandante de regimento e outros (comunicação pessoal de Jesus Costa – julho de 2007).
- 73 Filha de André Avelino Costa, do seu primeiro casamento com Maria Nélia.
- 74 Entrevista de Beatriz Costa dada a Jair Facundes, 2004.
- 75 Termo oficialmente usado na época para designar o que hoje seriam chamadas de “drogas”.
- 76 Estratégias similares foram usadas em outras partes do Brasil para acobertar a realização de várias atividades culturais perseguidas pela polícia tais como a prática da capoeira ou a realização de cultos do Candomblé.
- 77 Entrevista com Jair Facundes em 2004.
- 78 O recebimento de comunicações desse tipo é chamado pelos espíritas de “psicografia”.
- 79 O antropólogo Clodomir Monteiro da Silva levantou essa informação em entrevista realizada com André Raimundo Avelino Costa, filho de André Costa. Os reis Titango, Tituma e Agarrube são entidades mencionadas por Mestre Irineu no hino 64, Eu peço Jesus Cristo do seu hinário O Cruzeiro. Este hino foi recebido por Mestre Irineu no início da década de 1940, na Vila Ivonete, arredores de Rio Branco
- 80 Possivelmente esse seria outro exemplo da busca por nomes, então menos carregados, de conotações pejorativas do que “trabalho” ou “sessão”.
- 81 Possivelmente esse seria outro exemplo da busca por nomes, então menos carregados, de conotações pejorativas do que “trabalho” ou “sessão”.
- 82 Entrevista com Jair Rodrigues em 2004.
- 83 Idem.
- 84 Mestre Irineu referiu-se a “Princesa Tremira” como sendo uma entidade protetora ou guia de seu filho de criação Paulo Serra, filho de Cecília Gomes e Zé das Neves. Possivelmente existia um chamado na época do CRF para esta entidade.



- 85 Nos primeiros anos do Daime na Vila Ivonete, em Rio Branco, Mestre Irineu propôs também uma hierarquia militar. O mais interessante neste período é a autoatribuição de Mestre Irineu do título de General Juramidã (reconfirmada no hino 13 de Antônio Gomes – antigo seguidor de Mestre Irineu, avô da sua última esposa D. Peregrina). No CRF ele já tinha o cargo de General, e possivelmente o nome Juramidã seja também proveniente de alguma nomeação ou titulação adquirida neste centro.
- 86 Comunicação pessoal de Jesus Costa, julho de 2007.
- 87 Entrevista com Jair Rodrigues em 2004.
- 88 Idem.
- 89 Comunicação pessoal de Daniel Serra – abril de 2005.
- 90 Silva era o sobrenome do primeiro marido de Emília.
- 91 Valcívrio Genésio da Silva tinha por padrinho de batismo Antônio Costa, que assim tornou-se compadre de Mestre Irineu.
- 92 Encontramo-nos aqui numa situação em que mais uma vez os dados disponíveis sobre a vida de Mestre Irineu se mostram contraditórios, só nos restando registrar a existência de uma diversidade de versões. Diante desta contraposição de dados, temos três possíveis desfechos – Primeiro: o período que ela permaneceu viva é diferente do que foi afirmado por Valcívrio. Segundo: o ano de nascimento de Valcívrio que consta na entrevista da Revista do Centenário estaria errado; desta maneira, a data do seu nascimento seria 1917. (CARIOCA, 1998) Finalmente, o ano de chegada de Irineu a Rio Branco, relatado pelo major Holdernes, em entrevista ao Jornal Rio Branco em 1984, estaria errado. De qualquer maneira, no momento não temos dados suficientes para esclarecer com precisão tal passagem.
- 93 Tomamos conhecimento de três versões sobre esse acontecimento. A primeira, pouco clara, sugere que Irineu estaria responsável por zelar pelo dinheiro das contribuições e sentiu-se ofendido por censuras recebidas em torno da questão, até mesmo do seu compadre Antônio Costa. (MENDES, 1992, p. 15) Na segunda versão ocorre o inverso. Irineu é que teria se contrariado com Antônio Costa por causa da não prestação de contas das contribuições (comunicação pessoal de João Rodrigues – em março de 2007). Na terceira versão, fala-se que foi por disputa de cargo ou liderança que eles teriam se desentendido (Cecília Gomes em entrevista com Sandra Goulart em agosto de 1994; MACRAE, 1992, p. 62).
- 94 Emília Rosa Amorim morreu em Brasileia, no ano de 1946. (BAYER NETO, 1992, p. 2) Outro fato importante que não fica claro é o batismo de seu filho Valcívrio com o sobrenome Silva, do antigo marido de Emília, em vez de colocar o sobrenome de Irineu, Mattos ou Serra.
- 95 Os antigos departamentos do Alto Acre, Alto Purus, Alto Juruá e Alto Taruacá seriam extintos. Rio Branco ficaria sendo a capital do Território Federal do Acre, de onde o governador administraria toda região acreana, desta vez com autorização do Congresso Nacional, pelo decreto número 4.058, de 15 de janeiro de 1920. Na verdade, a criação de um Governo Geral para o Território Federal do Acre foi a forma que o governo federal encontrou para diminuir os poderes dos movimentos autonomistas acreanos que desejavam a elevação do Acre à categoria de estado. O poder político passou a ser centralizado em Rio Branco, ficando os outros municípios isolados. A maior parte dos recursos enviados eram gastos na capital. (SOUZA, 2005, p. 169)



- 96 De forma geral, na literatura existente sobre este período, fala-se que Irineu serviu na Guarda Territorial. Tudo indica que a maioria dos autores faz afirmações a partir de memórias de seguidores de Irineu, ou de outros pesquisadores que confundiram os momentos históricos. Contrariando o afirmado na Revista do Centenário (Publicação que se tornou clássica na literatura sobre o Daime) de 1992, encontramos claramente dois relatos sobre a passagem de Irineu pela polícia. O primeiro é de Luiz Mendes (1992, p. 15) e o segundo de João Rodrigues (1992, p. 21). Conforme a nossa investigação, a instituição que Irineu serviu na época chamava-se Força Policial; foi extinta no Governo do Major Guiomard dos Santos, passando a ser chamada de Guarda Territorial, em 1948. A Guarda Territorial (instituição Federal) foi extinta em 1974 (SOUZA, 2005, p. 141) sendo substituída pela Polícia Militar do Estado do Acre (instituição estadual).
- 97 Filho de Luís Mendes do Nascimento e afilhado de Mestre Irineu.
- 98 Na bibliografia existente, são comuns os comentários sobre o encontro de Irineu com Germano Guilherme dentro da polícia. Já o encontro de Irineu com João Pereira é comentado apenas por Bayer Neto, que diz que João Pereira era músico da Polícia. (BAYER NETO, 2003, p. 3) Pôde-se confirmar a passagem deles pela polícia depois de investigar os arquivos da Força Policial e encontrar o nome dos dois num boletim diário do quartel. Geralmente estes boletins designavam os militares de plantão, os alistamentos, baixas, passagens de comando e louvores (uma espécie de elogio pelos serviços prestados). O documento encontrado foi recuperado em uma edição em mimeógrafo, constando os nomes de Germano Guilherme e de João Pereira num louvor (ver fotos do documento). Nesta investigação dos arquivos da polícia, não conseguimos localizar nenhum documento ou boletim contendo o nome de Irineu. Sabe-se que muitos dos documentos do quartel da Força Policial foram perdidos ou extraviados em transferência para o Arquivo Geral do Estado. Assim o esforço de levantar o passado nos arquivos da polícia em Rio Branco foi fragmentário e só parcialmente frutífero. Deste modo, nos propomos fundamentar a passagem de Irineu pela polícia a partir de relatos orais e entrevistas de seus discípulos mais antigos dados ao Jornal Rio Branco.
- 99 Manoel Fontenele de Castro nasceu em 8 de junho de 1898, em Viçosa no Ceará, terceiro filho de uma prole de onze do casal José de Castro e Maria Fontenelle de Castro. Migrou para a Amazônia em 1917, chegando ao Território Federal do Acre pelo Rio Envira, município de Feijó, para trabalhar na seringa. Com a quebra do mercado da borracha dirigiu-se à capital do território, Rio Branco. Sentou praça na Força Policial em 22 de maio de 1922. Dentro da Polícia chegou à patente de Coronel. (LEITE, 1990, p. 12)
- 100 Foi nessa época que se inaugurou o novo quartel da polícia, uma das primeiras construções de Rio Branco a ser construída em alvenaria.
- 101 Durante esse período, houve uma intensa troca de governadores interinos no Território Federal do Acre. Quando Irineu entrou para a força, estava interino Epaminondas Jácome (combatente da Revolução Acreana) e sucederam-no o Major Manoel Duarte de Menezes, Francisco de Oliveira com Epaminondas como vice; depois vieram o Major Ramiro Afonso Guerreiro (intendente), Major João Cândio Fernandes, José Thomaz da Cunha Vasconcelos, Coronel Antônio Ferreira Brasil, Alberto Augusto (Diniz), Laudelino Benigno e Hugo Carneiro. Este último promoveu grandes avanços para o Território e para a capital. Governou o Acre de 15 de junho de 1927 até 03 de julho de 1930. Instalou o Conselho Penitenciário do Acre, a Agência do Banco do Brasil S/A,





inaugurou a primeira maternidade, fundou o Instituto Histórico Geográfico Acreano, inaugurou também o Mercado Público de Rio Branco, o Palácio do Governo e o Quartel da Polícia Militar do Acre. (SOUZA, 2005, p. 172) Presume-se que foi durante o seu governo que Irineu saiu da Força Policial.

- 102 O Decreto nº 19.398 com essas determinações foi promulgado em 11 de novembro de 1930. (SOUZA, 2005, p. 169)
- 103 Entrevista com Daniel Serra – fevereiro de 2007.
- 104 Comunicação pessoal de João Rodrigues em março 2007.
- 105 Depois que deixou a Vila Ivonete, em 1945, Mestre Irineu vendeu a terra para um certo Posidoni, que a revendeu a Manuel Julião, que loteou a área, dando lugar a um bairro de Rio Branco com seu nome.



Capítulo 2

---

# A Formação do Daime







## Mestre Irineu Inicia o Daime em Rio Branco

No dia 26 de maio de 1930, numa segunda feira, Mestre Irineu<sup>1</sup> juntamente com Zé das Neves, Terto, e talvez, sua companheira, D. Francisca, realizaram a primeira sessão aberta com daime. Guilherme Germano não teria participado dessa sessão, não se sabe ao certo se por ele estar de serviço na polícia, ou por não saber ainda da volta de Mestre Irineu a Rio Branco. Na entrevista abaixo de Zé das Neves ao Jornal Varadouro ele comenta sobre como se desenrolaram os trabalhos de Daime naqueles tempos iniciais.

Em fevereiro de 1930, com 22 anos de idade, me transferei para Rio Branco. Eu cheguei em fevereiro e o Mestre Irineu chegou em março. Quando chegou maio, este começou o trabalho dele aqui. Nessa época, ele já tinha uns trinta e nove anos. Tinha um cidadão que conhecia ele e que trabalhava comigo, e me disse que Mestre Irineu tinha chegado e coisa e tal. Então, em razão de conhecimento, pude alcançar o trabalho.

Ele não me convidou, foi tática minha chegar e tomar Daime mais ele. Aliás, ele nunca convidou ninguém. Quem quer vai. Foi no dia 26 de maio de 1930 que comecei este trabalho com ele, e trabalhamos até o falecimento dele, 41 anos e 41 dias. Naquele tempo, não havia farda



e este trabalho foi de concentração. Éramos três pessoas. Já faz muito tempo.<sup>2</sup> (João das Neves)

A sessão de concentração realizada por Mestre Irineu, comentada por José das Neves, consistia em se tomar o “daime” e fazer silêncio durante uma hora e meia. Nestas sessões Mestre Irineu costumava fazer “chamados”, melodias assobiadas ou cantadas em solo, no objetivo de invocar seres espirituais para resolver alguma questão urgente ou curar alguma doença entre os presentes. O “chamado” é tratado dentro do Daime como um segredo que envolve certos tabus. Não se deve fazer uso dele à toa, sem nenhum objetivo pertinente, sob pena de se incorrer em alguma punição da entidade invocada. Vejamos um trecho da entrevista de Luiz Mendes dada a Beatriz Labate, em fevereiro de 2007 a respeito destas práticas:

Nos trabalhos de concentração, quem prestasse atenção podia escutar os chamados que o Mestre fazia. Ele tinha vários... cada um diferente. Eu não sei se tinha letra ou não. Ele não ensinou. Os “chamados” eram solfejados ou assobiados. Era uma coisa muito sutil mesmo, não sei se todo mundo percebia, era bem baixinho...

Ele fazia quando tinha necessidade, para cura. Sabe, é um negócio muito sério, porque se você chama, vem mesmo, e se a pessoa não tem preparo, não sabe o que fazer com o que chegou, pode até ficar doente.<sup>3</sup> Acho que por isto que o Mestre não passou os chamados para ninguém. (PACHECO; LABATE, 2007, p. 28)

Luiz Mendes chegou ao Daime em 1962 e ainda pôde assistir Mestre Irineu executando os “chamados”. Assim, tudo indica que ele tenha feito os “chamados” até seus últimos dias de vida. D. Percília Ribeiro, relata que desde que chegou ao Daime, junto com seu pai em 1934, presenciou Mestre Irineu executar os “chamados”. D. Percília viria a se tornar assistente de Mestre Irineu e foi a única discípula sua a receber os “chamados” diretamente dele, para “zelar” (mantê-los na memória). Com sua morte, em 27 de outubro de 2004, possivelmente perdeu-se definitivamente a memória desses “chamados” na íntegra. Acredita-se que ela não os tenha repassado para mais ninguém, embora outros discípulos conseguiram, ainda que fragmentariamente, manter na memória partes das letras e melodias. Sobre “chamados”, diz-se ainda que Mestre Irineu aconselhou a todos os seus



discípulos mais antigos que executassem os seus próprios, se os recebessem do astral e se fossem aprovados por ele ou por D. Percília. Segue uma entrevista de D. Percília Ribeiro, dada a Antônio Macedo em 1999, falando a respeito dos “chamados”.

Às quartas-feiras, era o serviço de concentração. Começou pelas concentrações. Às quartas-feiras, todo mundo concentrado; o Mestre trabalhando em benefício daquela pessoa que estivesse necessitado, que estivesse presente ou ausente. Mas ele tava trabalhando naquele benefício, todo mundo também concentrado, também naquele fim. Então, naquela época tinha aqueles “chamados”, de cura mesmo. Ele chamava, silenciosamente, ele chamava ali mesmo. Dentro da concentração ele recebia a cura daquela pessoa ou como podia ser [...].

O “chamado” de cura a gente não pode andar cantando não, “chamados” de cura é coisa muito silenciosa, não é? Tem coisas que a gente não pode publicar tudo. Não é por nada não, é porque tem pessoas que não sabem usar e depois bota fora, né. É isso (Percília Ribeiro).

Os “chamados”, que podem ter letra ou somente melodia, geralmente invocam algum ser ou força do astral para que se apresente ou venha em socorro. Mas algumas vezes os hinos também podem ser usados desse modo para invocar a ajuda de outro grupo de seres. Assim, há seres da “linha hinária” (termo muitas vezes usado na religião para o conjunto de hinos) como o Tucum, presente no Hino – 107 de Mestre Irineu, que podem ser chamados. Desta forma o hino passa a ser executado em forma de “chamado”. Neste caso, o Tucum é executado normalmente como “chamado”; repetido três vezes *à capela*. É executado principalmente no “Trabalho de Mesa” ou de “Cruzes”. Da mesma forma que *A Linha do Tucum*, existe um hino de João Pereira, o 31 – *Maraximbé*<sup>4</sup>, que também pode ser executado como chamado. Seguem abaixo os hinos *A linha do Tucum* de Mestre Irineu e *Maraximbé* de João Pereira.



107 - LINHA DO TUCUM

(Mestre Irineu Serra)



Eu canto aqui na terra  
O amor que Deus me dá  
Para sempre, para sempre,  
Para sempre, para sempre

A minha Mãe, que vem comigo,  
Que me deu esta lição  
Para sempre, para sempre,  
Para sempre eu ser irmão.

Enxotando os malfazejos  
Que não querem me ouvir,  
Escurecem o pensamento  
E nunca podem ser feliz.

Esta é a Linha do Tucum,  
Que traz toda a lealdade,  
Castigando os mentirosos,  
Aqui dentro desta verdade.





### 31 - MARAXIMBÉ

(João Pereira)



Eu vou chamar Maraximbé  
E quem quiser venha escutar  
Vem cá vem cá vem cá  
Vem cá vem cá vem cá

Chamei Maraximbé  
Para ele vir cá  
Traz o corpo e fica firme  
Faz lombo pra apanhar

Você deve se lembrar  
Deve pensar um pouco  
Na firmeza que empregou  
E na palavra que jurou

Chamei Maraximbé  
Para ele vir aqui  
Segue em frente e pisa firme  
E marca passo pra seguir

Oh! Meu divino pai  
Minha sempre Virgem Maria  
Perdoai o vosso filho  
E os crimes que eu cometi.



Os seguidores de Mestre Irineu têm muitas histórias sobre castigos sofridos em decorrência do uso inadequado dos “chamados”. Tal “uso inadequado” consistiria em entoar os chamados desnecessariamente, em circunstâncias do cotidiano, (lavando-se roupa, por exemplo), com desdém ou em gozação, em conversas fúteis, ensaios coletivos, ou até em entrevistas com pesquisadores. As consequências podem ser variadas e os levianos se expõem ao risco de sofrer os mais variados dissabores, tais como: acidentes, doenças repentinas ou outros males inexplicáveis. Em geral, considera-se que o mais apropriado seria entoá-los, com firmeza e convicção, em um momento de ritual e dentro da sede de trabalhos. Adália Gomes, esposa do Francisco Granjeiro, filha de Antônio Gomes (uns dos primeiros discípulos de Mestre Irineu), falou-nos sobre esse tipo de acometimento.

Só fazia assobiar, não era cantado não. Mas a Percília sabia tudinho, mas ela não ensinava pra ninguém [...]. Mas, os nomes dos “chamados” eu posso dizer: tinha um chamado Manacá, tinha outro chamado Pakaconshinawa. Não estou lembrada do nome dos outros.

Às vezes eu ficava assim cantando, a Percília dizia: “Olha tá mexendo com quem tá quieto.” [...]

Porque se você ficar cantando assim, ele vem mete o chicote. Você adoce e não sabe porque. Inclusive, eu tinha uma sobrinha, uma sobrinha assim, porque ela era enteada do irmão do Chico Granjeiro, meu esposo. Ela aprendeu a cantar Maraximbé. Ela vivia brincando, cantando: “Vou chamar Maraximbé, pra ele vir tomar café.” Todo dia ela vinha cantando isso.

“Olha tu toma cuidado.”

Quando foi um dia, ela começou com uma dor de dente. Dor de dente. Essa menina chorava noite e dia. Aí, eu disse pra ela: “Vá lá ao Alto Santo pra Padrinho Irineu rezar o dente, ele reza e passa.”

Ela foi. Quando ela chegou lá, ele disse: “Vou lhe ensinar um remédio, todo dia você chama Maraximbé pra tomar café.”

Ela disse: “Quem é que foi dizer pra ele? Quem tia?”

“Está pensando que ele não vê o que tu faz não? Mexendo com as coisas divinas, ele tá vendo toda hora.”

Ela ficou toda desconfiada.<sup>5</sup> (Adália Granjeiro)



O caráter reservado dos “chamados” dificultou sua difusão entre os seguidores e a sua transmissão intergeracional, assim são poucos os que ainda sabem fragmentos de certos “chamados” e, durante pesquisa realizada entre alguns dos mais próximos seguidores de Mestre Irineu, só pudemos apurar um conhecimento fragmentário de doze dos chamados recebidos por Mestre Irineu.

#### Chamados de Mestre Irineu

1. Princesa Tremira (solfejado);
2. Pakaconshinawá (solfejado ou cantado);
3. Canarinho (solfejado);
4. Tamaracá;
5. Manacá;
6. Senso-cheiroso ou Senso-perfumoso;
7. Família Real;
8. Rei Titango;
9. Rei Tituma;
10. Rei Agarrube;
11. Maraximbé;
12. Amansador.

Na lista entidades invocadas pelos “Chamados”<sup>6</sup>, encontramos títulos de realeza, assim como nomes indígenas. A Princesa Tremira, refere-se a uma entidade que já se comunicava com os participantes do CRF. Mas o “chamado” Pakaconxinawá nos intrigou por sugerir um possível contato de Mestre Irineu com a cultura indígena do tronco linguístico Pano, possivelmente durante o período de sua iniciação ao uso da *ayahuasca* no Alto Purus.<sup>7</sup> Os nomes dos “chamados”, Tamaracá, Manacá, Maraximbé, provavelmente são de procedência Tupi, assim como a inspiração para alguns de seus primeiros hinos. Encontramos também em seu hinário, outros nomes de matriz tupi como: Tuperçi (filho de Deus), Jaci (Iua), Ripi (curioso, pessoa, você), Tarumim (Mãe D’Água), Currupipiraguá (Curupira) e Soloína (nome de pessoa). O Tupi não é um tronco linguístico presente



na região do Alto Amazonas, portanto, essas nomenclaturas utilizadas por Mestre Irineu devem ser frutos de seu contato com a cultura Tupi em sua terra natal.<sup>8</sup> Existia também, um “chamado” de diagnóstico. Este era o “chamado” Senso-cheiroso ou Senso-perfumoso, usado por Mestre Irineu quando ele queria saber se a doença tinha cura ou se o doente iria continuar vivo. Pedro Matos, esposo de D. Percília Ribeiro, nos falou como era empregado esse “chamado”.



Figura 30 As tribos de língua Pano se concentravam entre o Dep.º do Alto Taruacá e Dep.º do Alto Purus.

Era um tipo de chamado de alerta que o Mestre fazia, chamado Senso-perfumoso. Tinha um trechinho assim: “Senso-perfumoso é da floresta, é do nosso Pai Soberano, peço a saúde do meu irmão, ou desse irmão.”

Aí, se na miração, o Mestre visse um lençol se abrindo, o irmão estava aqui. O irmão tinha chance de se curar e ficar vivo. Mas, se o lençol se fechasse, o irmão já estava em outro lugar, estava sentenciado a morrer breve. É verdade mesmo, eu perguntei à Percília, e ela sempre dizia que era verdade. Se fosse pro irmão viajar, ficava tudo fechado, não recebia nenhuma explicação. Era que já estava do outro lado.<sup>9</sup> (Pedro Matos)



Já outros nomes que surgem nos hinos de Mestre Irineu são de procedência desconhecida, como Titango, Tituma e Agarrube. Muitos de seus discípulos falam que são os três Reis Magos do Oriente, que saudaram Jesus, identificados com nomes indígenas atribuídos por Mestre Irineu.

Chama-nos a atenção a quantidade de nomes indígenas ou de matriz africana<sup>10</sup> que aparecem nesses chamados, refletindo uma incomum valorização dessas culturas, muito estigmatizadas na época. Porém, nomes desse tipo ocorrem muito mais nos primeiros tempos da formação da nova doutrina, uma vez que, posteriormente, tanto a cosmologia indígena quanto a africana, foram perdendo espaço para elementos do catolicismo, numa espécie de “branqueamento” de seus valores e de perda de lembrança de seus significados originais. Assim, muitos daimistas, quando indagados sobre esses seres ou nomenclaturas provenientes de outras línguas, consideram-nos como atributos do próprio Mestre Irineu, ou melhor, de sua personalidade espiritual “Juramidã”.<sup>11</sup> Esse processo de “branqueamento” seria reflexo de um processo que se manifestava na cultura brasileira como um todo e, como veremos mais adiante, afetaria as próprias representações pictóricas de Mestre Irineu, cujos traços negros às vezes eram modificados ou “atenuados”.

Acredita-se que a maioria dos chamados de Mestre Irineu foram “recebidos”<sup>12</sup> quando ele ainda estava em Brasileira. Essas invocações se assemelham em muito às canções ou “ícaros” dos “vegetalistas”, inclusive pelo fato de vários não terem letras, sendo apenas melodias assobiadas. A palavra “ícaro” é uma corruptela do verbo quéchua *ikaray*, que significa assoprar fumaça para curar. (LUNA, 1986a) Isso remete à prática vegetalista de assoprar fumaça de tabaco sobre seus clientes ou sobre a *ayahuasca* a ser oferecida aos enfermos. (DOBKIN DE RIOS, 1972) Inicialmente, Mestre Irineu também costumava fazer uma prática análoga, soprando fumaça de tabaco sobre a bebida, para fazer o que chamava de “daime curado”. Luiz Mendes confirma que o uso ritual do tabaco agregado ao daime ainda persistia na década de 1960. Outros, como Daniel Serra e sua esposa Otília, também fazem relatos similares:

Quando chegava algum doente pedindo daime para se curar, o Mestre levava na casa dele e dava um copo de daime com fumaça de tabaco – ele pegava um tabaco que ele mesmo produzia, ou charuto, pois



ele ganhava muitos de presente, né?, e soprava a fumaça dentro do copo... e aí tampava com a mão um pouco, dava uma baforadinha assim de longe... fuuu, fazia uma pequena concentração... destampava e dava para o doente tomar. Era chamado o daime curado do Mestre.<sup>13</sup> (LABATE; PACHECO, 2007, p. 28)

Quando a gente tava mirando muito, ele tirava a miração. Ele acendia um charuto e soprava fumaça na cabeça e passava a mão e tirava logo a miração e passava a agonia.<sup>14</sup> (Otilia)

Quando a pessoa estava doente, ele jogava a fumaça no copo e tapava com a mão. Muitas vezes ele jogava a fumaça no copo. Já para passar a miração, ele usava só a mão, passando na cabeça da pessoa ou, se estivesse com um charuto ele soprava em cima da cabeça da pessoa e passava a miração.<sup>15</sup> (Daniel Serra)

Mas, Mestre Irineu raramente repassou aos seus seguidores o conhecimento específico sobre diferentes usos rituais do tabaco, como assoprar fumaça no copo para “curar” o daime ou usar um charuto para tirar “afluído forte”, ou miração, de quem estava em agonia. Além disso, devemos lembrar que o tabaco usado ritualmente por Mestre Irineu recebia um tratamento artesanal e era bastante diferente em sua composição daquele atualmente produzido pela grande indústria fumageira.

Embora fossem poucos os que receberam a sua autorização para trabalhar dessa forma com o tabaco, muitos se sentiram estimulados a usá-lo em conjunto com daime, para aumentar o “afluído”. Antigos seguidores de Mestre Irineu se lembram de discursos que ele fazia estimulando esse uso: “O bom aoasqueiro usa tabaco”.<sup>16</sup> Mas, lembram esses seguidores, apesar de dizer isso, ele não obrigava ninguém a usar. Atualmente, grande parte dos daimistas consideram o tabagismo como sendo um “vício” e o uso de tabaco é desestimulado, talvez menos por suas antigas conotações indígenas do que por sua associação à doença na moderna cultura ocidental. Mesmo nos grupos daimistas mais ciosos de sua adesão ortodoxa à linha de Mestre Irineu, o uso do tabaco é frequentemente vedado dentro ou perto dos salões onde se realizam os rituais.

Além do uso de tabaco, pode-se observar também, entre os antigos discípulos de Mestre Irineu, o consumo de várias outras substâncias de



origem vegetal em conjunto com o daime, também seguindo ensinamentos seus. São cinco os produtos mais comumente usados junto com o daime:

1. Chá de erva cidreira;
2. Charutos e cigarros de tabaco bruto;
3. Rapé (tabaco, sementes de imburana, erva-doce, cravo, pião e cabacinha);
4. Caissúma (bebida feita de macaxeira, erva-doce e gengibre fermentados);
5. Macaxeira insossa (Manihot utilíssima, cozida sem sal).

Novamente detectamos aqui a influência da matriz vegetalista, pois entre os curandeiros indígenas ou caboclos é frequente o uso de outras substâncias vegetais combinadas<sup>17</sup> com a *ayahuasca*, existindo uma extensa bibliografia a respeito dessas substâncias.<sup>18</sup> Embora a mais usual seja o tabaco, encontra-se também o uso de perfumes, chás de casca de árvores, comidas específicas e outros psicoativos.

Acredita-se que o chá de erva cidreira (*Melissa officinalis*) tenha sido uma das primeiras substâncias vegetais a serem usadas em combinação com o daime. Esse uso de chá de erva cidreira possivelmente remonta ao rito da iniciação ayahuasqueira de Mestre Irineu, pela entidade que denominou de “Clara”. Ela propôs que ele fizesse uma dieta de macaxeira insossa e chá de erva cidreira, permanecendo isolado na mata, durante oito dias. Desse modo, tanto o chá de erva cidreira quanto a macaxeira insossa ganharam valor simbólico religioso no Daime. O chá de erva cidreira ainda hoje é servido em todos os centros do Alto Santo nos rituais do Daime. Já a macaxeira insossa é usada nos rituais de feitio. Tudo indica que o rapé também seja outra substância usada com o daime desde que Mestre Irineu teve sua iniciação. O rapé no Daime é considerado uma espécie de remédio contra resfriados, muito usado em tempos de friagens repentinas e dias chuvosos. Ele é usado principalmente durante os feitios, quando os homens ficam em contato direto com as altas temperaturas da fôrnalha em alternância com as temperaturas do ambiente. Fala-se que o uso do rapé nesse ritual evita resfriados. Mestre Irineu fazia o seu próprio rapé cuja fórmula repassou a Maria Gomes, esposa de Antônio Gomes, que posteriormente a divulgou mais amplamente (cravo - *Caryophyllus aromaticus*, erva doce - *Anethum*



*foeniculum*, imburana de cheiro - *Amburana cearensis*, pião do paraguai - *Jatropha curcas*, cabacinha - *Luffa operculata* e tabaco - *Nicotiana setacea*).

Já a caissúma, é uma bebida de origem indígena, muito usada nas tribos de tronco linguístico Pano. O uso da caissúma entre os frequentadores do CRF foi detectado por Jair Facundes na entrevista que ele fez com Beatriz Costa, filha de André Costa. Dessa forma, é plausível que Mestre Irineu tenha aprendido a fazer a caissúma a partir de sua iniciação com os chefes da *ayahuasca*. O preparo da bebida foi ensinado a todos da irmandade que desejassem aprender. Valcívrio Granjeiro (filho de Francisco Granjeiro e Adália Gomes – neto de Maria Gomes) nos revelou a receita repassada por Mestre Irineu.<sup>19</sup>

Caissúma é simples: macaxeira temperada com gengibre e erva-doce. Tem gente que gosta do cravo, coloca um pouquinho de cravo, aí fica bem temperada. Se faz cozinhando a macaxeira, depois mistura tudo e deixa passar de quatro a três dias. Com quatro dias ela fica bem apurada, de três dias ela fica menos apurada.<sup>20</sup> (Valcívrio Granjeiro)

Quando Mestre Irineu iniciou seus trabalhos em Rio Branco, os principais elementos de suas práticas religiosas eram, além da própria bebida, os chamados, seus primeiros hinos e esses outros produtos de uso associado ao daime, deixando transparecer uma forte influência indígena. Mas, com o passar do tempo, os traços de cultura indígena, com exceção do daime, foram cedendo espaço a elementos mais próximos da cultura nacional dominante.

## A Cura e a Formação do Primeiro Corpo de Seguidores de Mestre Irineu (1930-1945)

Quando Mestre Irineu começou a realizar trabalhos espirituais, alguns de seus amigos da Força Policial se converteram em seus seguidores. Assim, Germano Guilherme, João Pereira e João Leão (Jacumim), juntaram-se ao padeiro Zé das Neves e a Terto. Logo depois deles, entre 1930 e 1931, chegaram também, Joaquim Tamandaré e esposa, o farmacêuti-





co Joaquim Português e sua esposa Maria, José Afrânio e José Capanga. Em 1932 chegou o casal Damião Marques de Oliveira e Maria Francisca Vieira (Maria Damião ou Maria Marques Vieira; ela era carvoeira e vendedora de tapioca – ver Apêndice I) e a família do magarefe Manoel Dantas. Já em 1933, chegaram ao Daime a família de Maria Franco com seus filhos Antônio Roldão, Antônio Tordo e Raimunda Marques Feitosa. Neste período, Mestre Irineu convocava a irmandade uma vez por semana para se encontrar e realizar os trabalhos.

No começo, os trabalhos de Mestre Irineu eram voltados à concentração e à cura. Problemas relacionados à saúde eram as principais razões para as pessoas o procurarem, desde o início dos seus trabalhos com daime em Rio Branco até seus últimos dias de vida. Frequentemente, pessoas que se sentiam agraciadas com cura tornavam-se seus seguidores juntamente com seus familiares. Foi o que aconteceu com a família de Antônio Ribeiro de Matos e Firmina Maria de Matos (ver Apêndice J), cearenses que vieram no ciclo da borracha em busca de uma vida melhor. Desiludidos, encontraram muitas dificuldades de sobrevivência nas terras acreanas e suas vidas ficaram ainda mais difíceis quando toda a família contraiu “paludismo” ou malária. Vejamos o relato de D. Percília Ribeiro, filha do casal, a respeito do contexto da época, da chegada deles ao Daime e das técnicas de cura com a bebida:

Quando eu nasci, a gente morava no Calafate. Não sabia nem que existia Mestre Irineu. Depois, meu pai viu sair uma conversa fiada do compadre Pedro, de que no lugar que ele morava dava muito peixe muita caça. Aí, fomos morar num lugar que chamava Dois de Pau. [...]

Daí, começou a adoecer todo mundo com a malária. Nesse tempo não era malária, era paludismo. Primeiro quem pegou fui eu, arriei. Meus irmãos também, tudo pegou. Depois a mamãe pegou também. Papai ficou lutando com tudo sozinho, sem poder trabalhar, sem poder fazer nada. Ainda morreu um irmãozinho meu de dois aninhos. O papai ficou sem saber o que fazer. Papai adoeceu por último. Ele pegou também e disse: “Vai morrer tudinho, eu vou é embora daqui; deixo tudo isso aí, vou viver de outra vida.” [...]

Aí, fomos para a casa da minha avó. Era todo dia caminhada pro hospital. Os meus irmãos e o papai também logo ficaram bons, mas eu



não tive isso não. Eu foi quem mais peguei. Quando a mamãe também melhorou logo, cuidou, tomou conta [...]. Prá mim não tinha remédio, não tinha injeção, não tinha nada, pra mim nada servia. Aí, o João Paulino, um conhecido de papai, chegou e disse: “Olha Ribeiro, ali tem um homem que tem um trabalho que é uma coisa incrível, que eu nunca vi, mas só vendo pra a gente crer. Ele trabalha com uma bebida. A pessoa toma essa bebida e se concentra e vê tudo, até os parentes que já morreram.”

Papai ficou assim. Papai não era homem de andar acreditando em qualquer coisa não. Mas quando ele ouviu falar do Mestre Irineu ele disse: “Eu vou lá, eu vou ver isso como é que é.” Aí, ele foi com o João Paulino. [...]

Na outra vez que ele foi, arranjou um vidrinho. Minha mãe me deu uma colher, já era muito. Eu tinha oito anos. Foi no fim de outubro de trinta e quatro. [...] Eu fiquei deitada, cuidei de quietar minha cabeça pra dormir, fui aquietando, [...] quando dei fé as coisas foram ficando bem diferentes, foi crescendo e tal. Aí eu gritei: “Mamãe!”

Ela respondeu: “O que é menina?”

“Chega aqui depressa que eu vou já morrer.”

Correu, mandou chamar o papai. Lá se vem. Quando ele vem de longe, ele já vinha rindo chegou e disse: “Você tá é com medo, isso não faz medo não, É assim mesmo, coisa e tal.” [...]

Mas eu já estava assombrada.

“Mamãe, a senhora arma uma rede pra mim lá fora que eu não fico aqui nessa cama.”

Mamãe armou a rede e eu fiquei lá. Ora, pra mim, os arvoredos, era tudo falando, eram tudo se mexendo. Eu disse: “Que negócio foi esse?”

Foi indo, foi indo, passou. Já me sentia melhor do paludismo. Quando foi na outra semana papai disse: “Se arrume aí e vamos comigo.” [...]

Cheguei lá, o pessoal tudo, só existia concentração cerrada mesmo, que ninguém nem fungava não. [...] Até quando terminou, o Mestre disse assim:

“Antônio Ribeiro, cadê a moça que você disse que ia fazer zoada aqui atrapalhar todo mundo?”



Ele disse: “É ela, me desmentiu.”

O Mestre disse: “Ora, essa aí vai ser aoasqueira até debaixo d’água.”

[...]

Aí, aqui, acolá, a febre sempre me aparecia. Toda semana ainda tinha que ir no hospital. [...] sei que com poucos dias apareceu ararem, essa pílula que chamava ararem. O Mestre procurou no trabalho um remédio pra mim pra acabar com aquilo; disseram que meu remédio era aquele. Ele foi e disse pra papai comprar uma caixa de ararem, se eu tomasse uma caixa eu ficava boa.

“As primeiras doses dela vai ser dose dupla, depois ela vai ficar tomando uma um dia sim outro não, até terminar a caixa.”

E assim eu tomei. A febre ficou foi com medo de mim. Graças a Deus fiquei boa e completamente curada.<sup>21</sup> (Percília Ribeiro)

Muitos foram os casos de malária que Mestre Irineu ajudou a tratar com daime. Em vários casos, como o da D. Percília, ele recorria também, a remédios de farmácia. O daime muitas vezes era indicado como o remédio em si para muitas doenças. Outras vezes, era utilizado como um recurso de diagnóstico e também como uma maneira de encontrar, em miração, o remédio que sanaria a doença. Os remédios recebidos ou revelados poderiam incluir infusões, compressas, urina (para beber ou passar), escalda pés, pílulas e xaropes de farmácia ou até alguns recursos mais exóticos, como ossos velhos ou prendas, dizeres com banho de daime e dietas sexuais rígidas.<sup>22</sup> Antônio Gomes (antigo discípulo de Mestre Irineu) foi uns dos casos que Mestre Irineu tratou só com daime. Vejamos a narrativa de Adália Gomes abaixo sobre seu tratamento.

Eu nem sei que doença era. Assim tipo era macumba que fizeram pra ele, mas não sei se existe macumba, né? Mas, pelo que o pessoal diz, era perseguição; Ele era valente em casa, batendo nos meninos, era com a mamãe gritando. Não queria comer, não dormia. Ele mandava todo mundo ir embora, depois chamava todo mundo pra casa de volta. Ele saía, aí os amigos dele lá disseram que era bom viajar pra Santarém. O pessoal lá que trabalha com essas coisas. Ele tava vendendo tudo que tinha pra ir viajar.



Aí, encontrou Zé das Neves, que era muito amigo do Padrinho Mestre Irineu. O pessoal falava que era a segunda pessoa dele. Ele tinha uma padaria e o papai ia sempre pra lá conversar com ele, comprar pão, comprar alguma coisa pra levar pra casa. Aí contou pra ele como ele tava, que ia viajar. Aí, ele disse: “Seu Antônio, eu tenho um amigo que, se o senhor for lá conversar com ele, capaz de lhe curar. Se o senhor viajar vai acabar com tudo que tem e a sua família fica aí. Se o senhor quiser ir lá eu lhe levo lá.”

Aí, ele disse que queria. Aí, ele foi lá. Só em conversar com ele, ele já sentiu a melhora, já sentiu aquela calma e tudo. Aí, marcou outro dia pra ele ir, pra ele fazer o trabalho, uma quarta-feira. Aí, ele foi.

Eu não fui, e nem sei dizer como foi. Sei que ele tomou o daime. Quando ele chegou em casa tava bom, bonzinho. Ele não dormia. Fazia tanto tempo que ele tava assim, eu não me lembro. Eu não sei quanto tempo passou. Passou o tempo, ele ficou bom. Aí, nunca mais ele deixou Mestre Irineu e levou nós pra lá.<sup>23</sup> (Adália Gomes,)

Assim através dos trabalhos de cura, Mestre Irineu foi juntando em torno de si muitos adeptos. Passou a ser cada vez mais procurado, começando a se destacar em Rio Branco como poderoso curador. D. Percília Ribeiro em entrevista com Antônio Macedo, relata abaixo outra cura realizada por Mestre Irineu, por volta de 1933. Nesta, além de daime, ele utilizou um cozido de ossos.

João de Sena era um senhor já de idade média, mais ou menos. Então, ele se achou muito doente e teve muito tempo hospitalizado. Mas os médicos não acharam meios de curá-lo, e logo o desenganaram. [...] Depois de muita luta, ele saiu do hospital, aí ouviu falar do Mestre e veio ao encontro do Mestre.

Chegou, contou a história dele, que os médicos já tinham o desenganado e ele tava sem esperança. E o Mestre Irineu disse: “Não perca a esperança porque os médicos desenganaram, mas Deus não lhe desenganou. Então vamos esperar pela voz de Deus.”

Aí, foi trabalhar em benefício do homem. Na concentração ele recebeu o remédio que ia servir pra ele.



Agora, o remédio é importante dizer, como é uma coisa tão frágil e tão valiosa. Por que o caso dele era uma pedra na uretra, era uma coisa muito perigosa, né? Então, o remédio saiu. A gente não cozinha e joga os ossos fora? Ele mandou juntar da montura que já tá se derretendo. Porque, quando ele já tá muito velho fica farelozinho, derrete. Mandou juntar e lavar muito bem lavado. Depois, cozinhar, fazer aquele cozidão daqueles ossos. Quando acabar, coar muito bem coado, pra ele tomar aquela água. E com esse remédio o homem ficou bom. Tomando daime e tomando esse remédio desses ossos velhos. Ele viveu muitos e muitos anos. Ele morreu, mas não dessa doença.<sup>24</sup>  
(Percília Ribeiro)

Mestre Irineu possivelmente derivava muitos de seus conhecimentos e métodos de cura das tradições vegetalista dos índios e caboclos. Estes concebem as doenças e outros males como resultado de desequilíbrios orgânicos ou até de inveja, feitiços ou panemas.<sup>25</sup> Tais noções eram complementadas com elementos culturais ligados ao catolicismo popular e ao esoterismo do Círculo Esotérico União do Pensamento (CECP), além de considerações sobre a conduta moral do consulente. Para ele, a cura deveria vir acompanhada de uma mudança de vida, norteadas por princípios cristãos como amor, perdão (a si e aos outros), arrependimento, caridade e pagamento de promessas. De maneira análoga à dos xamãs,<sup>26</sup> Mestre Irineu muitas vezes empregava o daime simplesmente para provocar uma alteração de consciência que levasse o cliente a reviver intensamente a situação a partir da qual o distúrbio se originava, e nesse novo enfrentamento superá-la, livrando-se assim do incômodo que o afligia.<sup>27</sup>

Abaixo, na narrativa de Paulo Ferreira Lima (Paulo Severino), um antigo paciente e discípulo de Mestre Irineu, podemos observar não só o contexto de isolamento e a precariedade do atendimento médico então disponível em Rio Branco, como também os métodos de cura que utilizava e os preconceitos que sofria devido à sua fama de “macumbeiro”. Mas, apesar disso, ele era, muitas vezes, considerado como o último recurso dos “desenganados pelos médicos”, o que propiciava que também fosse visto como líder profético, padrinho, benfeitor e organizador de uma comunidade religiosa.<sup>28</sup> Assim, Mestre Irineu era um homem de situações de



crise, concebido como detentor de poderes e qualidades sobrenaturais que o dotavam de carisma e liderança. Isso, por outro lado, não podia deixar de suscitar as desconfianças de membros das elites oligárquicas locais que se sentiam ameaçados por sua influência sobre a comunidade rural então se formando ao redor da Vila Ivonete.

Eu conheci o Daime em 1944. Eu tive uma febre muito grande, com disenteria. O Coronel Fontenelle era o manda chuva do Acre. Mandou o médico lá me examinar e coisa e tal. Aquela febre doida, aquela disenteria não passava, não houve remédio que apartasse. Foi quando ele, foi lá em casa. [...] ele mandou juntar os médicos que tinha em Rio Branco, tinha doze médicos aqui no Acre, na cidade de Rio Branco. Ele levou tudinho. Era Julio Portela e um bocado desses médicos. E me examinaram de todo jeito, e me desenganaram. Disseram: “Bom, o senhor tem que ter paciência, esse mal é incurável. Ele não pode nem mais viajar por que, se botarem ele no navio, ele não alcança a chegada lá. E, se botar no avião, no decolar do avião ele falece; o jeito é ter paciência até a última hora dele.”

Minha mãe ficou chorosa e o papai triste. Logo depois, os médicos saíram, mais o Coronel Fontenelle. Chegou a D. Maria Franco. Ela era a sogra do seu Mestre Irineu. [...] Ela disse: “Não é bom vocês levarem esse menino lá no Mestre Irineu?”

Naquele tempo, meu pai pensava que o Daime era uma macumba. [...] ele resolveu: “Você quer levar meu filho em macumba, então vamos levar.”

O Daime naquele tempo era o lobisomem do Acre. Tinha poucas famílias, tinha poucos irmãos na irmandade, era pequenininha. Aí de manhã, bem cedinho, tomaram café e foram pra lá. [...]

“Eu vim aqui, é pra ver o que é que o senhor pode fazer pelo meu filho.”

Seu Mestre Irineu pensou e disse: “Seu Pedro amanhã eu vou lá pro centro, na passagem eu vejo o seu filho e lhe dou uma solução.” [...]

No outro dia, seu Mestre Irineu passou lá em casa. Antes dele sair, ele encheu o copinho dele e tomou Daime e foi me examinar espiritualmente. Quando ele chegou lá em casa ele disse: “Seu Pedro, pra o seu filho voltar a andar e voltar a ser homem novamente só depende de



uma coisa, o senhor entregar ele pra eu levar lá pra casa.”

Papai disse: “Ele vai estar à sua vontade.”

Ele mandou o Antônio Roldão, que era o cunhado dele, irmão da esposa dele, a D. Raimunda, ir buscar uns homens. Eles vieram e trouxeram um pau, e botaram o pau em uma rede e me levaram.

Mestre Irineu ordenou pra dona Raimunda me dar logo uma colherzinha de daime, e atar a rede no canto da sala. O daime bateu dentro e eu saí do ar, muito fraco, então eu fiz uma bonita viagem. Me vi em um lago grande com umas canoas. Ainda me lembro, como se fosse hoje, a primeira miração da minha vida. Quando foi de tarde, ele chegou.

“Raimunda, como é que está o rapaz?”

“Ele está aí, tomou o daime e não provocou<sup>29</sup> mais.”

Por que era assim; tudo que batia dentro, eu botava fora, quando não saía por cima, descia por baixo direto. [...] Ele foi, tomou um banho trocou de roupa, e ele me deu duas colherinhas de chá de daime. Eu tomei, não provoquei mais. Eu voltei a engatinhar como criança dentro de casa. O remédio que ele me deu foi só daime. [...]

Com poucos dias eu estava comendo tudo e andava a casa, eu podia andar engatinhando tudo. Me levantei com as graças de Deus; hoje eu estou contando a história; eu agradeço ao Daime. Eu passei um ano e quatro meses sem andar e passei dois meses de tratamento. Eu voltei com os meus pés; eu voltei andando escorado na bengala. Cheguei em casa, levando o daime pra mim tomar e continuei tomando aquele daime. Papai achou que foi um milagre de Deus. Ele convidou a mamãe:

“Antônia vai ter um hinário, vamos? Antônia, eu vou pro hinário.”

Lá nós fomos. Papai tomou daime e mamãe também e gostaram. Gostar foi esse que papai e mamãe morreram sendo aoasqueiros.<sup>30</sup> (Paulo Ferreira Lima)

Neste depoimento notamos o uso da expressão “aoasqueiro” e não “daimista”. Essa palavra continua a ser usada entre seguidores mais idosos de Mestre Irineu que afirmam que era assim que Mestre Irineu dizia, mas atualmente, possivelmente como forma de marcar fortemente sua identidade religiosa dentro do campo das religiões ayahuasqueiras, o termo “daimista” é o mais usado entre as novas gerações.



O tema da cura parece estar no âmago do Daime. Ele se faz presente desde o contato mítico de Mestre Irineu com Clara (ou Nossa Senhora), sua instrutora, até o dia de seu desencarne. Como vimos acima, foi principalmente através de suas atividades voltadas para a cura que Mestre Irineu constituiu o Daime e agregou em torno de si uma comunidade de seguidores, em constante crescimento. A cura, para ele e seus seguidores, se apresentava como uma espécie de missão. Tudo indica que, para a comunidade, tanto a bebida quanto o próprio Mestre Irineu estavam inextricavelmente relacionados à questão da cura. Esta era tomada num sentido amplo, abrangendo tanto o corpo quanto o espírito. Isso fica patente em depoimentos de seguidores de Mestre Irineu, como o seguinte relato de Luis Mendes sobre a relação de Mestre Irineu com o que percebia como a sua missão de curar:

Após cumprida a dieta, ela chegou para ele, clara como a luz do dia. Ela disse que estava pronta para atendê-lo no que ele pedisse. Pediu que ela lhe fizesse um dos melhores curadores do mundo. Ela respondeu que ele não poderia ganhar dinheiro com aquilo. “Minha Mãe, eu não quero ganhar dinheiro.” “Muito bem! Mas você vai ter muito trabalho. Muito trabalho!” Ele pediu que ela associasse tudo que tivesse a ver com a cura, nessa bebida. “Não é assim que tu estás pedindo? Pois já está feito. E tudo está em tuas mãos.” E entregou para ele. Mas o Mestre sabia que não era o suficiente para ele ser. Não! Ele recebeu e aí foi se fazer. Trabalhar para ir adquirindo. Se aperfeiçoando, recebendo a cada dia os poderes que é preciso ter. Nessa fase, ele falava que ficou cerca de cinco anos. (NASCIMENTO, 1992, p. 14-15)

O tema da cura está fortemente presente, tanto nos mitos e nos ritos do Daime quanto na mente e no imaginário de seus seguidores. A fama de Mestre Irineu como curador dotou-o de grande carisma e no relato sobre como recebeu seus poderes diretamente da Rainha da Floresta, por exemplo, fica aparente uma fusão entre a bebida, o carisma do Mestre Irineu e o poder de cura dos dois. Mestre Irineu é o escolhido, e a bebida, seu veículo de cura. No relato abaixo de D. Percília Ribeiro, feito a Jair Facundes, reforça-se a ideia de que Mestre Irineu detinha, de uma forma pessoal, o poder de cura.





Porque o poder quem recebeu foi ele. O nosso Mestre foi quem recebeu o poder dessa missão. Se todos nós soubermos compreender, procurar, e quem quiser pode tomar daíme e ir ver se eu estou errada ou não. Porque, quando ele começou a trabalhar, ela perguntou o que é que ele queria. Ele disse que queria ser o melhor curador. Aí, ela disse: "Você tem esse poder, mas tem uma coisa, você nunca cobre dinheiro pela cura que você faz. Todas as curas que você fizer não tem direito de cobrar nenhum dinheiro por essas coisas. Porque se você pedir dinheiro por essas curas, você vai pedir força ao dinheiro e não do poder divino".<sup>31</sup>  
(D. Percília Ribeiro)

Tudo indica que a atuação curativa de Mestre Irineu não se restringia às sessões denominadas "trabalhos de cura". Em muitos relatos fica claro que as curas podiam acontecer em outros momentos e lugares. Mestre Irineu e tudo relacionado a ele formavam uma totalidade e, em conjunto, parecem ter sido essenciais para a cura, tanto física quanto moral ou espiritual. Havia também casos sem solução, considerados como "sentença", quando ao consulente não se dava a esperança de cura nesta vida. O termo era também usado para outros casos, mais difíceis de resolver, que eram considerados como resultado de uma espécie de débito espiritual. De toda forma, os relatos falam que Mestre Irineu não prometia nada, mas consultava sua instrutora espiritual, que lhe tinha concedido poder de cura, para saber se o consulente ia encontrar seu remédio. Vejamos o Relato de D. Percília dado a Eduardo Gabrich sobre esse assunto:

Nós não podemos se exaltar em canto nenhum, porque somos espiritualistas. Eu não sou mais do que ninguém. O próprio Mestre não dizia: Eu sou o curador. Chegava gente se queixando, ele falava: "Bem, eu vou ver o que posso fazer por você, vou consultar a minha mãe, a Rainha [Clara, Nossa Senhora da Conceição], se ela consentir, você poderá ficar melhor, receber sua saúde."

Dentro desse trabalho só não se cura é sentença, porque a sentença já vem de Deus. Tem doenças, tipos de sofrimento, que não tem cura, a pessoa tem de passar. Mas fora disso, tudo tem cura, dentro da obediência que todos devemos ter a Deus, nosso Criador.



Agora, a maior perda dentro desse trabalho é a pessoa se exaltar.<sup>32</sup>  
(D. Percília)

Existem diversas posições divergentes sobre cura no Daime, a respeito das quais não temos como chegar a uma conclusão definitiva. Há quem mantenha que Mestre Irineu não chegava nem a participar dos trabalhos de cura. Segundo Jair Facundes, filho de João Rodrigues (Nica), Mestre Irineu não participava de trabalho de cura pessoalmente. Mas o próprio Jair Facundes afirma ter demorado em perceber isto. Diz ele que todos que lhe relataram suas participações em trabalhos de cura (Luiz Mendes, Antonio Cancão, João Rodrigues, D. Peregrina, D. Percília, Leôncio e outros), comentavam que o Mestre Irineu não participava. A seu ver, isso seria por uma razão simples: Mestre Irineu não precisava do ritual do Trabalho de Cura. Ele somente indicava o remédio (não necessariamente daime). Jair Facundes exemplifica com dois casos em comunicação pessoal a Edward MacRae:

Quando Daniel Pereira de Matos (conterrâneo e amigo de Mestre Irineu, fundador da religião ayahuasqueira Barquinha) estava doente, Mestre Irineu simplesmente pediu que ele transcrevesse o hinário de Germano Guilherme.<sup>33</sup> Quando este terminou a tarefa a cura estava realizada.

Seis meses após o nascimento do irmão mais velho de Jair, Tony, seu umbigo ainda não se cicatrizara. Assim, cedo numa manhã, seu pai, João Rodrigues, foi consultar Mestre Irineu sobre o que fazer. Encontrou-o serrando umas tábuas, e como era carpinteiro, passou a ajudá-lo, enquanto narrava o problema.

Mestre Irineu disse apenas: "Use óleo".

João Rodrigues indagou: "Que óleo?"

Mestre Irineu falou: "Qualquer óleo".

João Rodrigues teria achado que naquele momento estava incomodando o líder e retornou para casa, onde sua esposa o aguardava. Ouvindo o relato de seu marido, esta levantou os olhos e viu uma lata de óleo de soja, de cozinha. Usou nessa mesma manhã, assim como no dia seguinte e a criança logo ficou boa.



Jair Facundes cita mais um exemplo para demonstrar como Mestre Irineu tratava casos de sentença. Conta que, quando Germano Guilherme estava muito doente, sua esposa, Cecília Gomes, foi até a casa do Mestre Irineu dizer que sua doença tinha se agravado. Este teria dito: “diga ao ‘Manim’ (nome que mestre Irineu se dirigia a Germano) que se prepare, pois sua hora é chegada” (existe outra versão de sua fala: “pois irá fazer sua viagem”). Jair Facundes ressalta que Mestre Irineu não convocou um Trabalho de Cura e nem apresentou um remédio. Este seria um de vários episódios em que ele já antecipava que o caso não teria cura, ou apenas dava um paliativo para dor ou um conforto espiritual. Aliás, muitas vezes a própria ausência de uma receita clara ou de um pronunciamento já era compreendido como uma certeza quanto à morte próxima. Seguindo esta linha de raciocínio, Jair Facundes comenta que foi somente pouco antes de falecer que Mestre Irineu desenvolveu o ritual dos Trabalhos de Cura e de Mesa (ou de desobsessão). A seu ver, foi só mais tarde que seus seguidores compreenderam que, dessa forma, Mestre Irineu estava preparando a comunidade para sua ausência. O Trabalho de Cura, para Jair Facundes, seria o mais emblemático e o mais difícil de ser realizado – mais até do que o trabalho de Mesa. Isso porque exigira algo difícilíssimo: o sacrifício em favor do próximo. Justamente por isso é que não seria muito utilizado.<sup>34</sup>

Do mesmo modo, a seu ver, Mestre Irineu não precisava participar do Trabalho de Mesa para lidar com situações de possessão. Pouco antes de seu falecimento, Mestre Irineu assistiu a Trabalhos de Mesa realizados por seus seguidores. Segundo nosso interlocutor, estes “não percebiam, mas estavam sendo treinados para o seu pós-desencarne”. Dessa forma, a visão de Jair Facundes reforça a nossa ideia de que, tanto Mestre Irineu quanto a bebida, estariam envolvidos de forma conjunta no fenômeno da cura, mas não estariam ligados obrigatoriamente aos ritos. Assim, podemos conjecturar que os mediadores do fenômeno<sup>35</sup> da cura seriam o Mestre Irineu, o imaginário da comunidade (reflexo da fama de curador e do carisma do líder), a bebida e seus métodos, sem vínculo de tempo, lugar e rito.

Neste caso, mais uma vez nos deparamos com noções contraditórias sendo defendidas pelos seguidores de Mestre Irineu. Pois, apesar das observações transcritas acima, temos conhecimento de relatos, como o de D. Percília, sobre os primórdios da Doutrina, onde se afirma que Mestre



Irineu participava de sessões de cura e executava chamados. Porém, para nós, isso não significa que Mestre Irineu teria de participar pessoalmente de todos esses trabalhos, embora nos pareça que a sua força curadora fosse sempre invocada.

Dessa maneira, não podemos determinar o grau de sua participação nas sessões de cura. Segundo relata Jair Facundes, o Trabalho de Mesa também era realizado sem a participação do líder. Aqui ele fornece, como exemplo, um relato de Daniel Serra que seria muito semelhante a vários outros, em que se sustenta que Mestre Irineu mandava fazer o Trabalho de Mesa e só assistia, sem nada fazer enquanto o ritual era conduzido por D. Percília.

Jair Facundes afirma que há também outras histórias nas quais se conta que Mestre Irineu resolvia o problema de possessão às vezes diretamente, sem convocar uma Mesa. Ele relata uma história, clássica entre os seguidores mais antigos, e presenciada, entre outros, por seu pai. Nesse episódio, uma mulher foi conduzida amarrada a Mestre Irineu, mas ele mandou tirar as cordas e simplesmente passou a conversar com ela, de modo calmo e sereno. Em seguida, encaminhou a mulher para o hospital, pois ela estava prestes a dar à luz. Além desse caso, ele relata outro, envolvendo um homem, que também foi trazido amarrado, e cuja solução não passou por um trabalho de Mesa, embora ele estivesse, segundo a linguagem e conceitos da irmandade, com possessão.

Talvez uma pista para se compreender o que ocorria, tanto nos casos de Trabalhos de Cura quanto nos de Mesa, seja a nossa observação da maneira de agir atualmente de certos antigos seguidores de Mestre Irineu que, posteriormente, tornaram-se também líderes de centros daimistas, buscando manter-se em sintonia com os ensinamentos recebidos do fundador da Doutrina. Constatamos, por exemplo, a atuação tanto de Luis Mendes quanto de Wilson Carneiro, que, já idosos, transferiram as tarefas mais árduas relacionadas à condução dos rituais para assistentes, geralmente seus filhos e futuros sucessores na liderança comunitária. Apesar disso, não deixavam de participar das cerimônias, ocupando a cabeceira da mesa e, pelas suas simples presenças, exercendo as funções de liderança no “Astral”. Em alguns casos, já vimos certos líderes anciãos, dessa geração, até dormirem no decorrer das sessões, sem que a ninguém ocorresse colocar em questão a importância de suas presenças. Possivelmente essa prática tenha sido



aprendida com o próprio Mestre Irineu, especialmente nos últimos anos de sua vida, quando delegaria a certos seguidores mais próximos, como D. Percília, por exemplo, a condução dos “Trabalhos”, sem porém abandonar a sua responsabilidade pelo “comando no Astral”, até mesmo quando ausente fisicamente.

Em nossas pesquisas, também encontramos relatos de tratamentos feitos por Mestre Irineu, em que não constam referências a um Trabalho de Cura específico, embora tanto ele quanto o paciente tenham tomado daime várias vezes, seja para consultar a Rainha da Floresta, no caso do curador, seja como remédio, no caso do enfermo. O próximo relato, além de ilustrar um caso desses, serve para nos dar uma ideia do grau de abandono e sofrimento em que se encontrava a população acreana da época e a maneira como Mestre Irineu se destacava como uma fonte de esperança e alívio nesse cenário. Trata-se aqui do caso de Edilza, filha de Loredó, um antigo seguidor do Daime. Segundo relata, passou doze anos em grande sofrimento, recebendo parca assistência médica, mas obtendo grande apoio pessoal de Mestre Irineu, com seus tratamentos à base de daime e outros procedimentos de ordem mágica.

Sou a mais velha. Tenho 61 anos, nasci em 3 de janeiro de 1946. Eu morava em Brasília, papai se mudou para cá. Com pouco tempo ele comprou tudo isso aqui. Tudo era seringal. Assim foi que chegamos no Seringal Saituba.

Foi quando eu comecei a adoecer. A doença pegou em mim. Antigamente, quando nós estávamos carregando galinha à noite com papai, com o serrambin (candeeiro a base de queima de borracha) aceso no varadouro (caminho na mata), aí caiu um pingo de serambin no meu pé. Aquilo ali sarou. Logo depois papai matou um veado roxo e eu comecei a comer. Assim, ao redor daquela pelinha começou a coçar, e eu amostrei para mamãe.

“Mamãe espia isso aqui, está cheio de bolhinha de fogo ao redor”.

Mamãe disse: “Isso aí é da queimadura”.

Que queimadura foi essa, que foi subindo, coçando, subindo, e quando a bolha já estava na minha perna mamãe me levou para o Mestre Irineu. Chegou lá mostrou para ele.



E ele disse assim: “Se eu soubesse que era isso aí, não deixava essa doença engolir o seu corpo. Tinha atinado há mais tempo, pensei que era uma feridinha besta... Dê daime para ela.”

Mesmo eu tomando daime o tempo todo, a doença invadiu e tomou o meu corpo todo. Fiquei na palha da bananeira. Passei doente doze anos. Mamãe tirava a palha da bananeira arrancando o couro (pele), e eu aos gritos. E o Mestre Irineu mandando eu tomar daime e banhos de folha.

Mamãe fazia banhos de urtiga, capeba, só vivia atrás de erva pra fazer o pó. Mestre Irineu fazia umas garrafadas de laranja da terra que amargava. Passei muito tempo tomando.

Tinha um médico muito amigo de Mestre Irineu, que passou umas “SUFRAS”<sup>36</sup> para mim. Passei foi muito mais de ano tomando “SUFRAS”, hoje em dia, não existe mais não. Depois deixou de me dar, e eu só vivia reclamando.

Mestre Irineu disse: “Não se incomode não, que eu vou tomar um daime, e vou conversar com a Rainha para encontrar um remédio pra lhe curar.”

Um dia eu cheguei na casa de Padrinho (Mestre Irineu). E perguntei: “Que tal, já saiu o remédio padrinho?”

“Você está é avexada, não tá?”

“Padrinho eu queria era ficar boa.”

“Você vai ficar boa. ”

Até que um dia eu cheguei lá de novo. ‘E aí padrinho já saiu?’

“Já achei o seu remédio, que a Rainha passou para mim, é para você fazer o sumo da cidreira com três pingos de querosene e beber, e tomar uns banhos com daime.”

Ele me deu um litro de daime, e mandou eu ir para mata tomar banho com aquele daime. Saí me lavando. O que ele me mandou eu fazer, eu fiz, com o daime. Foram três vezes, três banhos. Passei um tempo bebendo, não lembro bem, foi mais quase um ano.

Um dia Mestre Irineu disse que conversou com a Rainha.

Ela disse e que tem outro remédio para você. Dizer três palavras gritando dentro da mata virgem, nua, sozinha.

Ele me deu as três palavras em um papel e mandou papai me deixar lá dentro da mata onde mais nunca eu andasse por ali, naquele canto.



Papai foi me deixar. Quando chegou um certo meio, ele brocou o caminho e disse: "Você vai e volta, vai ter um lugar limpo, você fique lá."

Ele não podia ir não. Só eu mesmo, assim, ele foi até um ponto. Ali no lugar, limpo por papai, eu tirei a roupa e deixei, e segui nua. No corredor do pau (árvore), nua, eu peguei o papel que Mestre Irineu tinha me dado e disse aquelas três palavras gritando bem alto. Alto mesmo, o tanto que eu pude gritar. Não me lembro mais as palavras que ele me deu. Quando estava nas três vezes e fui terminando de dizer a palavra, junto do pau que era cheio de cipó, começou um negócio mexendo.

Não era para eu ter medo. Comecei a espiar, espiando pro pau e um negócio se mexendo, vinha descendo e eu me fazendo que estava com coragem.

Eu só pensava: Padrinho Irineu me mandou eu vir pra cá.

E lá se vem o negócio descendo, lá vem se mexendo. Depressa fui terminando as palavras, terminei de rezar, não olhei pra trás e corri até onde estava a minha roupa. Peguei a roupa, e depressa saí na carreira até chegar no varadouro. Era onde papai deixou o caminho limpo do roçado. Na mata ele fez só o caminhozinho para eu passar. Quando eu cheguei lá no caminho, vesti a minha roupa e saí na carreira com medo do bicho que estava se mexendo lá no pau.

Contei pra papai. Não era para eu ter medo. Esse foi o remédio que Mestre Irineu fez para mim. Foi o banho com três litros de daime que tomei três vezes, querosene com erva cidreira e as três palavras. Fui tomando devagarzinho, vagarzinho, foi se acabando e fiquei assim boa. Nunca deixei de tomar daime, Padrinho disse que eu não parasse de tomar daime. O meu corpo era tudo branco, bem branco. A mão branca, branca mesmo, os pés também, tudo da doença. Pois é, não parei de tomar daime não, todo dia tomava de noite e de manhazinha. É por isso que D. Zumira cansou de dizer: Tu devia fazer uma história sobre a tua vida, o que tu passou. É incrível o que tu passou na tua vida, só quem te viu é que vai dizer que é verdade. Quem não te viu, vai dizer que é mentira. O que tu passou, o que tu sofreu, ninguém acredita não, é incrível.



Muita gente que me vê hoje na sede, fala: essa é menina que era doente e ficou boa. E agora é a mais velha e é a mais nova de todas.

Antes de ficar boa, ainda foi no tempo que eu comecei a namorar com Mário. Eu fui uma pessoa que namorei pouco, porque eu era toda rajada. Mario foi o Mestre que me deu. Foi o único que teve coragem de casar comigo.

Eu ainda tinha coceira quando eu saí gestante do primeiro menino. Aí, eu fiquei toda entabuada de novo, meus dedos eram tudo cheio daquelas bolhonas d'água. Elas pocavam, eu não fazia nada em casa. Meus dedos tudo cheio de pus. Fiquei assim até ganhar o primeiro filho.

Quando eu ganhei o primeiro filho, que evacuei aquele sangue, o Mestre Irineu cansou de dizer: Minha filha você só vai acabar de ficar boa, limpa mesmo, quando casar e começar a ter filho, é que vai evacuando aquele sangue. Vai tirando aquele sangue remoso, é quando você vai se limpar.

E não foi mesmo? Quando a menstruação estava perto de vir, entaboava todo o meu corpo. Quando a menstruação ia embora, ficava limpa de novo. Do jeito que o Mestre Irineu dizia.

Tive o segundo, só no terceiro (filho) foi que saiu bem pouquinho os caroçinhos. No quarto não saiu mais. Hoje eu sou mãe de nove filhos. Do quarto em diante não saiu mais.

Fiquei boa do jeito que ele disse. Sofri, sofri que não foi brincadeira, doze anos sofrendo, desenganada de tudo que foi médico de Rio Branco. Até médico que vinha de São Paulo.

Aí, Papai me levava e tirava do Mestre Irineu e lá começava a passar remédio e mais remédio, mas, ficava na mesma e aí Papai disse: Ou morrer, ou viver, não tiro mais do Mestre Irineu não. E lá mesmo eu fiquei (na casa do Mestre Irineu). Morei lá com ele bem uns três anos. Por que era muito longe a casa do meu pai no Saituba para o Alto Santo.<sup>37</sup> (Edilza)

Através deste relato, podemos perceber como Mestre Irineu empregava uma variedade de métodos para aliviar o sofrimento dos seus consulentes, acionando um complexo processo curativo que girava em





torno da fusão efetuada entre o seu carisma pessoal, a bebida, diferentes procedimentos xamânicos, o imaginário dos seguidores e sua Doutrina, independente de ritos formalizados, lugar e tempo. Como vimos antes, a cura se constituiu no Daime como elemento essencial ao culto. Através dela, muitos consulentes se tornaram adeptos da religião e o carisma de Mestre Irineu se consolidou perante a sua comunidade e a sociedade acreana, como um todo.

## Disciplina, Peia e Maraximbé

Uma das principais forças da Doutrina ensinada por Mestre Irineu, era a de que ela ajudava seus seguidores a impor uma certa ordem no caos de suas experiências naquele ambiente tão inóspito, tanto em termos físicos quanto sociais. A uma população sofrida, recém-saída do isolamento da floresta, desenraizada e desorganizada, o Daime oferecia um sentimento de pertença comunitária, uma crença comum e a disciplina necessária para viver em sociedade.

Mas uma Doutrina desse tipo, para se impor entre uma população tão rude, além de seus aspectos sublimes e confortantes, necessitava também de um lado disciplinador e que ajudasse a tornar mais compreensível a dor à qual todos estavam sujeitos. Para tanto, o daime era especialmente apropriado. As sessões de daime proporcionavam grandes lições de autodisciplina aos seus participantes, que tinham de aprender a enfrentar e dominar os aspectos mais difíceis da experiência ayahuasqueira, tais como: sentimentos de profundo mal estar físico, incluindo os efeitos eméticos e diarreicos da bebida, assim como sudoreses, alterações na pressão sanguínea, perda do controle motor, desorientação espaço-temporal, processos visionários e auditivos, emergência de material psíquico normalmente recalcado, despersonalização, medo etc. Tais experiências são conhecidas pelos daimistas como “peia” e, nos momentos quando esta predominava, os valores, transmitidos pelos hinos e por outros elementos da ritualística, mostravam-se de grande importância para a recuperação do sentimento de bem-estar do indivíduo e seu sucesso nos “trabalhos” (termo que também ganhava um sentido especial, enfatizando o esforço pessoal exigido de cada um no decorrer das



cerimônias). A partir de suas experiências pontuais, vivenciadas no contexto ritual, os seguidores de Mestre Irineu deveriam aprender a aderir a esses valores em todos os momentos de suas vidas.

No hinário do Mestre Irineu, encontramos hinos que falam desse aspecto. O hino mais explícito é o 55 – *Disciplina*, no qual ele assume o lugar do disciplinador punitivo.

### 55 - DISCIPLINA

(Mestre Irineu)



Vou chamar os meus irmãos  
Quem quiser venha escutar  
Se ficar firme apanha  
Se correr vai sofrer mais

Minha Mãe, minha Rainha,  
Com amor ninguém não quis.  
Apanhar para obedecer  
Na estrada para seguir.

Mestre bom ninguém não quis  
Não souberam aproveitar.  
Apanhar para obedecer  
Para poder acreditar.

Fica assim a disciplina,  
Quem quiser pode correr  
Se eu falar do meu irmão  
Estou sujeito a morrer.



No imaginário do Daime, fortemente influenciado pelas experiências de consciência alterada, proporcionadas pela bebida sagrada, a “peia” pode assumir formas de demônios, seres gigantescos, entidades punitivas, visões de desastres, sensação de morte e outras imagens negativas. Expressões como “jogou a tábua”, “desceu a trança”, ou mesmo, “encontrou com a velha”, ou, simplesmente “a velha veio falar com ele”, são termos que já foram e ainda são bastante usuais na comunidade do Daime para falar da “peia”.<sup>38</sup> Esta é comumente entendida como uma “surra” aplicada pelo próprio daime. A peia pode ser qualquer dificuldade ou sofrimento vivenciado pelo indivíduo durante o ritual ou em sua vida, em geral. Ela é, contudo, vista como benéfica na medida em que auxilia no processo de “limpeza” física, moral e espiritual do indivíduo e na conscientização sobre os motivos das dificuldades vivenciadas.<sup>39</sup> (SILVA, L., 2004, p. 3)

Mas a mais conhecida personificação mítica da “peia” parece ser Maraximbé. Este integra o panteão das entidades espirituais daimistas como um “ser severo”, que castiga as transgressões das normas e valores doutrinários, ao mesmo tempo em que “apura” e “ordena” os indivíduos. (SILVA, L., 2004, p. 2) É representado como um disciplinador por excelência, descrito, às vezes, como um caboclo baixo, moreno, que traz à mão um chicote, com o qual açoita o adepto do culto que não se conduz de acordo com as “Leis de Juramidã”. (CEMIN, 1998, p. 118) Ele pode ser invocado pelo já mencionado hino Maraximbé, recebido por João Pereira, que também pode ser usado como “chamado”. Nesse caso ele é chamado para resolver questões em que o invocador acha necessária a punição.

Maraximbé chega para “apurar”. Esse termo, para os daimistas, expressa a limpeza física e psíquica do fiel. Por “apurado”, entende-se também o grau de desenvolvimento espiritual ou, em termos nativos, “a graduação do aparelho”. Existem desdobramentos desta expressão, com significados distintos como, por exemplo, “apuração”, um momento de balanço, de julgamento dos atos praticados, ou ainda “apuro”, que indica dificuldades vivenciadas durante o ritual. (SILVA, L., 2004, p. 1, 2)

Diz-se que a Mestre Irineu não lhe apetecia cumprir a função de disciplinador dos rebeldes e que, portanto, depois de receber o hino “Disciplina”, entregou esse encargo a Zé das Neves, um de seus mais antigos seguidores, embora fosse ele quem de fato a executava, por ser o Chefe,



o que detinha o conhecimento sobre o poder. Isso fica explícito no seguinte relato anônimo, colhido por Arneide Cemin (1998, p. 119).

O Mestre Irineu, então era disciplinador?

Era, sim senhora. Agora ele não tinha o instinto, portanto ele criou um seu discípulo pra disciplinar, o Zé das Neves. Eu digo mesmo de livre e espontânea vontade, se o Mestre Irineu chegasse para mim e dissesse: “Cuidado na vida, Seu José, que eu vou lhe disciplinar”, eu botava a mão no queixo e dizia, o senhor está brincando. Mas se o Zé das Neves dissesse: “Seu José, cuidado na vida”, eu já tava me ajoelhando aos pés dele, porque sabia que a disciplina vinha.

Outro relato da atuação de Zé das Neves nos é fornecido por seu filho biológico, Paulo Serra, que chega a considerá-lo “malvado” e conta que se, ao dar daime a alguém, ele tivesse alguma dúvida sobre a pessoa, a faria sofrer durante o trabalho. “Ele dava daime pra pessoa e, se ele tivesse qualquer dúvida, você dava as costas e ele ficava olhando até você sentar. Podia contar que aquele dali ia sofrer.” O próprio Leôncio Gomes, a quem Mestre Irineu acabaria por transferir a liderança da comunidade, teria sido uns dos muitos a “sofrer na mão dele”. Até que um dia o Mestre Irineu, da mesma forma que lhe havia dado esse poder, o retirou.<sup>40</sup>

Arneide Cemin (1998, p. 120) apresenta mais uma citação na qual, além do funcionamento da peia como uma punição educativa, fica patente a rudeza da vida e dos costumes dos seguidores de Mestre Irineu naquela época.

E como era feita essa disciplina?

Dentro do próprio Daime mesmo. Então, a gente diz que era o Zé das Neves, mas na força quem tava era o presidente, é o chefe quem sabe onde as andorinhas mora não é? Ele é quem sabia onde as andorinhas mora.

Dizia: “Zé das Neves, toma conta aí.”

Então, todo mundo pensava que era o Zé das Neves que era o autorizado, mas a força vinha dele, que ele era quem sabia dar a força como é que é, o ponto né? Aconteceu com um cunhado de Leôncio Gomes. Ele andou aprontando umas, pessoalmente, particularmente e que não



estava nos ritual dos trabalhos [preceitos]. Aí, Zé das Neves pegou e deu um copo de daime, isso eu vi no festejo que fizeram dentro da mata em um bosque, mas de dia, num hinário festejado na floresta. Deu um copo de daime pro Ivone e o Ivone endoidou. Ganhava a mata, cipó dessa grossura ele levava nos peito, apanhou do cipó mesmo. Depois de ele tá bem disciplinado, já a roupa um bocado extravaiada, Zé das Neves preparou quatro homens e disse: “Quando ele pintar aqui no meio do círculo, pega ele.”

Quando ele veio da mata, assim adoidado, parecia um bicho doido dentro da mata, um índio alvoroçado, que bateu no meio do círculo. Aqueles homens agarraram ele e botaram ele no chão e o Zé das Neves encheu outro copo de daime, que já estava atordoado, tomar outro, e botou na boca dele e fez ele beber à força. E quando ele terminou de beber, disse que podia soltar o homem. Ele levantou-se bonzinho, parecia que nunca tinha tomado daime na vida dele. Isto eu vi com esses dois olhos que a terra há de comer. (CEMIN, 1998, p. 120-121)

### **Nova Organização dos Trabalhos de Mestre Irineu em 1935 – os Primeiros Hinários**

Em 1935, Mestre Irineu deu novos contornos ao ritual. Nessa época, ele começou a realizar trabalhos de daime geralmente às quartas-feiras ou aos sábados de cada semana. Às quartas-feiras, ocorriam os trabalhos dedicados à cura, já aos sábados os trabalhos eram dedicados à irmandade. Mas, essa rotina nem sempre foi seguida rigidamente, havendo quartas-feiras quando não se realizavam trabalhos em prol de ninguém e sábados quando se faziam trabalhos de cura. Nesse período, Mestre Irineu também começou a organizar os trabalhos de hinário. O primeiro destes ocorreu no dia 23 de junho de 1935, na véspera do dia de São João, com todos os participantes sentados no terraço da casa de Maria Marques Vieira, esposa de Damião Marques. Vejamos o relato de D. Percília sobre esse evento:

O primeiro hinário foi na casa da Maria Damião. Eram muito poucas pessoas nesse tempo. Meu pai ainda era vivo. Então, só tinha dois



hinos do irmão Germano Guilherme e dois do João Pereira, cada um tinha dois hinos e o Cruzeiro do Mestre tinha apenas cinco. E quando nós chegamos na casa do Mestre, eu com meu pai e a nossa família toda, só tinha Lua Branca. Era o hino que tinha, era Lua Branca. Então ele falava que Lua, né. Aí, eu era criança naquele tempo, eu tinha nove anos. [...] Saiu o Tuperçi, logo veio o Ripi. Eu imaginei assim: “Eu vou numerar quantos hinos é que vai sair.”

Aí, tive aquela idéia. Mas foi Deus que me deu aquele dote né. Saiu um, depois saiu outro e depois saiu outro. E eu numerando um atrás do outro né. [...]

Quando chegou no São João, ele disse que queria fazer um trabalho de hinário, mas a casa dele era muito pequena e tal. Aí, o finado Damião Marques que era o marido da Maria Damião, ofereceu a casa dele pra ele fazer o hinário. Ele aceitou, aí, nós fomos. Eles cantavam cada hino repetido três vezes pra aumentar. Quando chegava no último, voltava começava de novo porque; era pouco demais. Até quando chegou lá pela onze horas da noite, aí, deu intervalo. Nessas alturas, precisava você ver uma mesa repleta, era pamonha, era canjica, era aquele outro que chama pé-de-moleque, né, era tanta da comida. Passamos a noite, né.

Depois de tudo fomos cantar novamente. Com nove hinos apenas. Foi até o amanhecer do dia, o primeiro hinário cantado. Mas era sentado, não dava pra bailar. Além de ter poucos hinos era pouca gente também, né. Foi sentado, cada qual nos seus lugares e assim foi realizado [...].<sup>41</sup> (Percília Ribeiro)

No festejo descrito acima, foram cantados os primeiros cinco hinos de Mestre Irineu, dois de Germano e dois do João Pereira. A sequência dos primeiros cinco hinos de Mestre Irineu é a seguinte: Lua Branca, Tuperçi, Ripi, Formosa e a Refeição (ver em Anexo F). Este último é um hino cantado fora da “linha hinária”, executado somente em intervalos de hinários, ou antes de refeições, como anuncia o próprio título do hino. Os dois hinos de Germano foram: Divino Pai Eterno e Deus Aonde Está. Os dois hinos do João Pereira foram: Fé em Nosso Pai e Papai do Céu.

Os hinos do Daime geralmente são “recebidos” em verso e melodia. Os trabalhos espirituais, chamados hinários, são feitos com todos os partici-



pantes cantando, diferenciando-se desta maneira das matrizes vegetalistas, em que as execuções das canções são geralmente realizadas pelo condutor do ritual, em solo. Os hinos adquirem assim uma natureza coletiva, ao inverso dos “chamados”, de ordem pessoal, restrita e sujeita a certos tabus. Os hinos se direcionam a matrizes mais cristãs, ainda que os primeiros hinos de Mestre Irineu mantenham uma conexão com antigas tradições vegetalistas. A expressão coletiva do grupo através dos hinários levou, por seu lado, a certas dificuldades e desafios à liderança de Mestre Irineu quando diversos dos seus seguidores começaram a receber seus próprios hinos e, de espectadores do ritual, passaram a atuantes. Começaram a surgir melodias similares a de músicas populares da época, letras de hinos com conteúdos da vida cotidiana e etc. Perante a essa nova situação, Mestre Irineu sentiu a necessidade de criar critérios de análise dos hinos para determinar se eram “recebidos” ou se eram “inventados”. No começo do trabalho era ele mesmo quem corrigia os hinos da irmandade, mas depois passou a função para D. Percília Ribeiro. Esta tornou-se seu braço direito em vários aspectos: ajudava-o a corrigir hinos; organizar o batalhão feminino; costurar as fardas; redigir documentos; realizar trabalhos de cura e de mesa; além de “zelar” pelo seu hinário *O Cruzeiro*. Dessa forma, foi sua grande auxiliar durante quarenta anos.

Tamanha era a relação de cooperação de estabeleceu com ela que Mestre Irineu chegou a identificar D. Percília como a encarnação de sua irmã Verônica, que havia morrido jovem em São Vicente Férrer (comunicação pessoal de Daniel Serra em Janeiro de 2007). Posteriormente concedeu-lhe também a patente espiritual, “Taió Siris Midã”. Como já foi dito antes, dentro do culto Mestre Irineu tinha a sua patente espiritual, “Juramidã”. Além dele, somente D. Percília e a Maria Gomes, esposa de Antônio Gomes, viariam a adquirir patentes espirituais. A patente de Maria Gomes era “Maria Nanair” (ela era a parteira oficial da comunidade). Não se sabe ao certo o significado ou as raízes culturais linguísticas do título recebido por D. Percília, senão, que a terminologia similar ao nome “Juramidã”.

Por outro lado, o termo “siris” aparece também no hino 26 de Germano, chamado *Me deram este Cântico*, onde no primeiro verso da primeira estrofe, fala-se da “Condessa Siris-Beijamar”. D. Percília exerceu a função de fiscal de hinos até o falecimento de Mestre Irineu. João Pereira, segundo



D. Percília, teve mais de doze hinos reprovados e Antônio Gomes, dois. Vejamos abaixo a narrativa dela sobre a correção de hinos.

Os irmãos recebiam os hinos e vinham apresentar lá com ele. O que ele aprovava tava aprovado. Quando ele não aprovava, ele mandava pra mim aquele que não estava certo. A ordem que ele me dava era essa: aquele que não estava certo eu podia cortar. Mas, eu nunca gostei de fazer isso, por que eu gostava das pessoas. Então eu dizia: "Tome daime e vá corrigir seu hino."

Sempre eu disse assim. Teve dele que nunca mais foi lá, nem falava no hino que não tava certo, é isso. [...] O dele já vinha corrigido (risos), não tinha o que corrigir. Às vezes ele me perguntava se tinha alguma música igual a outra, pra não interpretar dois, três hinos numa música só. Ele sempre que me perguntava nos hinos dele, era isso.<sup>42</sup> (Percília Ribeiro)

Os hinos são recebidos independentemente da posição do adepto na estrutura organizacional do culto. Desse modo, é possível que até um líder não seja "dono de hinário". Mesmo assim, os donos de hinários ganham destaque dentro da comunidade, geralmente são vistos como agraciados pelo astral. Daniel Serra, sobrinho de Mestre Irineu fala que seu tio dizia que a mensagem do texto do hino se destinava em primeiro lugar a quem o recebia, podendo o exemplo da mensagem ampliar-se para o coletivo. Com isso, por um lado, o possuidor de hinário destaca-se na comunidade, por outro, a sua conduta é vigiada tomando-se o hino como referência. Desta forma, muitos conflitos de poder dentro da comunidade giravam em torno de hinos.

O hinário *O Cruzeiro* de Mestre Irineu é considerado modelo na referência textual e melódica para os seus seguidores. "O Cruzeiro" completo contém 129 hinos, mas, fala-se entre seus seguidores que haveriam 132.<sup>43</sup> Não se sabe ao certo, quais seriam esses três hinos que estariam faltando n' *O Cruzeiro*. Antigos seguidores de Mestre Irineu dizem que seriam muitos mais, se fossem contados as "Diversões"<sup>44</sup> e os "Chamados". Diz-se também que Mestre Irineu estipulou para o corpo de adeptos o limite de 132 hinos. Se o dono do hinário passasse daquele número de hinos deveria encerrá-lo e abrir outro hinário.





A construção do pensamento de Mestre Irineu foi codificada paulatinamente em seus hinos. O hinário *O Cruzeiro* é visto pelos seguidores como “livro sagrado” ou fundamento da religião. Lá constariam todos os códigos morais e sociais a serem cumpridos. Temas variados são abordados neles, desde passagens de sua vida e da vida de seus seguidores (marcando o tempo e o espaço) a questões que afetaram o país, o mundo ou o cosmo. Seu hinário reitera, de modo enfático, a legitimidade de seu carisma, que teria sido recebido da Mãe Divina (Nossa Senhora da Conceição). Encontram-se termos n’ *O Cruzeiro* como: “A Virgem Mãe foi quem me deu”, “Deus do céu foi quem mandou”, “Divino Pai Eterno, quem me deu este poder, de ensinar as criaturas, conhecer e compreender”, “A minha Mãe que me mandou trazer Santas Doutrinas”, “A Virgem Mãe que Ensinou”, “Vós mandou para mim ensinar os meus irmãos”. Certas passagens servem também para legitimar Mestre Irineu como líder detentor de carisma, como nos seguintes hinos: 28 – *Eu Quero Cantar Ir*<sup>45</sup>, 30 – *Devo Amar Aquela Luz*<sup>46</sup>, 38 – *Flor de Jagube*<sup>47</sup>, 44 – *A Virgem Mãe Que Me Mandou*<sup>48</sup>, 61 – *Rainha da Floresta*<sup>49</sup>, 65 – *Eu Vou Cantar*<sup>50</sup>, 79 – *Jardineiro*<sup>51</sup>, 106 – *Fortaleza*<sup>52</sup>, 109 – *Tudo, Tudo*<sup>53</sup> e 125 – *Aqui Estou Dizendo*<sup>54</sup>, de seu hinário (ver em Anexo B).

Nestes hinos o Mestre Irineu é apresentado como agraciado pelo poder que recebeu de Nossa Senhora da Conceição, ou do Pai Eterno para ensinar os irmãos. Encontram-se também outros focos temáticos, que, ora remetem a questões como saúde (doença e cura), natureza (floresta, mar, água, Sol, Lua, estrela), a bebida (cipó, folha) e a morte. Igualmente são abordadas questões morais e sociais, como ensinar, aprender, disciplina, firmeza e perdão.

Outros hinários além d’*O Cruzeiro* também se consolidaram na comunidade do Daime como “oficiais”. Destacam-se os hinários de Germano Guilherme, João Pereira, Maria Damião e Antônio Gomes (nenhum desses quatro hinários recebeu um nome específico, sendo conhecidos pelos nomes de seus “donos”). No começo da comunidade religiosa, cantavam-se todos os hinos da comunidade nos dias de festejos do Daime, já que eram poucos. Os hinários dos adeptos foram sendo construídos conjuntamente com o de Mestre Irineu, tendo-o como referência. De forma especial, o hinário de Antônio Gomes se destaca entre os outros. Nele não só se reforça repetidamente a legitimidade da revelação de Mestre Irineu, como



também, ocorre uma ruptura com o conteúdo comum aos outros hinários, já que efetua um deslocamento do epicentro da doutrina, a revelação da Virgem da Conceição, para o próprio Mestre Irineu. Dessa forma Antônio Gomes reforça a ideia de que Mestre Irineu seria uma espécie de redentor, escolhido pela divindade. Na aceção de seus seguidores seria ou “Juramidã” ou “Mestre Ensinador” ou mesmo, como Antônio Gomes coloca, “Meu Príncipe Imperial”, dotado do mesmo poder de Jesus Cristo. Uma análise cuidadosa do hinário revela certa ambiguidade, pode-se interpretá-lo como uma simples aproximação, por semelhança das duas figuras, mas certos hinos parecem sugerir que Mestre Irineu era de fato a própria encarnação de Jesus Cristo. No Hinário de Antônio Gomes a simbiose entre a figura de Mestre Irineu com a figura do Cristo é perceptível nos hinos: 09 – *O Chefe Que Veio a Terra*<sup>55</sup>, 11 – *A Virgem Mãe Puríssima*<sup>56</sup>, 14 – *Jesus Cristo Redentor*<sup>57</sup>, 17 – *A Rainha Ao Nosso Mestre*<sup>58</sup>, 23 – *Esse Mestre Que Está Aqui*<sup>59</sup> e no 30 – *Recebemos Com Amor*.<sup>60</sup>

A partir disso, começou-se uma tradição de hinos divinizando Mestre Irineu. Mas nem todos concordavam com esse endeusamento absoluto do seu líder. Afinal, acompanhavam o seu dia-a-dia e sabiam das dificuldades humanas com que enfrentava os transtornos do cotidiano da comunidade e os seus próprios problemas familiares e existenciais, como sua relação, em alguns momentos conturbada, com o álcool, por exemplo. São vários os hinários que evitam compará-lo a Cristo, mesmo que muitos o considerassem como um ser iluminado e dotado de poder divino. Embora essa questão gerasse conflitos em certas esferas da comunidade, o enorme respeito que todos tinham por Mestre Irineu evitou que isso levasse a desentendimentos mais sérios.

## Bendito, Hinos da Missa e Diversões

Assim como o hinário *O Cruzeiro* de Mestre Irineu, os hinários de seus discípulos também trazem louvores à Nossa Senhora, a Jesus Cristo, ao Patriarca São José, ou chamam seres encantados do “astral” (Benjamim, Crisbeijamar, Soloína, Maraximbé). De forma geral, estes hinários abordam os mesmo temas d’*O Cruzeiro*. Na década de 1930 e 1940 foram



recebidos outros hinários, como os de Maria Franco, Joaquim Português (com poucos hinos), Antônio Roldão e Manoel Dantas. Estes hinários não chegaram a ganhar destaque dentro da comunidade, não se consolidaram como “oficiais” nas sessões e, algumas vezes, caíram no esquecimento. Como exceção, o hinário do Joaquim Português teve um hino seu selecionado por Mestre Irineu para compor o conjunto de hinos chamados de “Missa”, a serem executados em dias fúnebres e no dia de Finados. É o nono da “Missa” e chama-se “Despedida”. Além desse hino, Joaquim Português teve outra canção colocada por Mestre Irineu no ritual do Daime da época, neste caso, para ser cantado no final dos trabalhos de concentração. É da categoria “Bendito”, mas não se sabe ao certo se esse Bendito foi “recebido” por Joaquim Português ou se ele o trouxe da Igreja Católica para o Daime.

### O QUE SERÁ DE NÓS SEM VÓS

(Joaquim Português)



O que será de nós meu Deus,  
O que será de nós sem vós,  
Não permitas oh, minha Mãe  
Que nós se aparte de vós.

O que será de nós minha Mãe,  
O que será de nós sem vós,  
Não permitas oh meu Jesus  
Que nós se aparte de vós.

Assim como fizera com “Despedida”, Mestre Irineu selecionou outros hinos da irmandade para comporem a “Missa”, um hinário para ser cantado em cerimônias fúnebres. Dois hinos são de Germano Guilherme um de seu hinário, o 6 – *Senhora Mãe Santíssima* que passou ser o sétimo da



“Missa”, e outro que só é cantado na “Missa”, o número “1 – *Senhor Amado*”. Outro hino selecionado foi do João Pereira, que também só é cantado na “Missa”, o número 8 – *Oh Meu Pai Eterno*. A “Missa”, entre as décadas de 1940 e 1970, era composta por nove hinos, cinco de Mestre Irineu (hinos selecionados de dentro do seu hinário), dois de Germano Guilherme, um de João Pereira e um de Joaquim Português. O último hino da “Missa” o “10 – *Pisei na Terra Fria*” de Mestre Irineu só veio a ser colocado no hinário de ritual fúnebre no último ano de sua vida (ver em Anexo D os Hinos da “Missa”)

Outro tipo de canção do Daime, oposto à contrição da Missa e à formalidade da linha hinária, é o conhecido como “diversão”. Mestre Irineu tinha cinco “diversões”, todas elas recebidas na Vila Ivonete, provavelmente entre 1934 e 1936. A sequência das “diversões” de Mestre Irineu é a seguinte: 1 – *Pra Pilar*, 2 – *Cacheado*, 3 – *Cantar me Apareceu*, 4 – *Devo Acochar o Nó* e 5 – *Aurora da Vida*. A história desta última serve para demonstrar como certas das canções aoasqueiras de Mestre Irineu não chegaram a ser plenamente reconhecidas como sendo “hinos”, embora partilhassem do imaginário do Daime. A “diversão” 5 – *Aurora da Vida* fala de uma passagem na vida da esposa de Zé das Neves que terminou seu casamento após se apaixonar pelo cunhado, Fabiano, o qual não correspondeu à sua paixão e posteriormente, mudou-se para Belém, Pa. Este fato teria acontecido no ano de 1935, enquanto a “diversão” foi recebida por Mestre Irineu em 1936.

A diversão *Aurora da Vida* foi sobre a separação da esposa do José das Neves, antes dela morrer né, mas, a culpa foi dela, não foi dele. Ela que se embelezou lá por outro rapaz, né. O rapaz nem queria ela. O rapaz não ofereceu nada pra ela. Ela que se iludiu, a mulher parece que ficou cega. Aí, até o Mestre chamou ela, e aconselhou que ela deixasse aquela ilusão que ela estava iludida, e ainda sem fundamento, não é? Não tinha precisão de ela fazer aquilo, que ela vivia muito bem, mas ela não quis saber de conselho não.

Aborreceu o marido de uma forma que chegou o ponto da separação. Quando ela separou, aí, ela correu pro rapaz, não sabe? Aí, chegou lá e disse pra ele que ela agora estava livre e coisa e tal. Ele disse:



“Não vou fazer isso, sou amigo do José das Neves, eu não vou fazer isso. O Zé das Neves não merece que eu faça isso com ele. Pra quê a senhora fez isso e tal?”

Ainda a repreendeu. Aí, ela: “Mas, agora já aconteceu não tem mais jeito.”

Ela ainda ficou mais um pouco pra ver se assim ele queria. Mas, ele não quis.

“O que eu posso fazer é alugar uma casa pra senhora, pra senhora não ficar no meio da rua.”

Aí, ela ficou decepcionada, ela resolveu voltar pra casa da mãe dela em Xapuri. Aí, a família toda ficou revoltada com ela, que ela não precisava ter feito aquilo, né? Aí, passou-se um bom tempo, e a última notícia que nós tivemos era que ela estava plantando na praia de rio, puxando enxada pra sobreviver. Quem vivia numa pose de rainha como ela vivia, pra ir arrastar enxada, hein? Olha é doloroso, depois tivemos outra notícia que ela tinha se juntado com um seringueiro e ai ninguém teve mais notícia dela.

Quando é um belo dia o Mestre sonhou, teve um sonho com ela, que ele ia em uma estrada direta, nessa estrada lá adiante, ele disse que tinha uma volta, aquela que chama de rodeio. Quando ele chegou na entrada daquela volta, ele avistou ela no sonho, mas, antes dele chegar perto dela, ela avistou ele e não quis cumprimentá-lo. Acho que ela envergonhou-se dele, o espírito dela envergonhou-se do dele, não é? E não quis nem chegar a ele, ela entrou pelo rodeio e ele seguiu a reta, né? Da reta que ele vai, ele foi escutando ela vai cantando nesse rodeio, pra sair lá na frente. Quando chegou lá fim, ela terminou, já na saída do rodeio, aí, ele acordou, e foi logo cantando a música:

“Se eu soubesse não tinha nascido, para hoje eu andar sofrendo, a piedade me disse, o que é que tu andas fazendo..”. aí, continua, né? Foi assim.

Alguém pensa que essa música é diversão, mas, é uma coisa muito dolorosa, se a gente for prestar atenção serve de exemplo não é, pra muita gente.<sup>61</sup> (Percília Ribeiro)

Paulo Serra teria outra versão da história:

Esse hino [diversão] era da Francisca das Neves. Era a primeira mulher



do meu pai, José das Neves. Ela tinha muito ciúme do meu pai, era a aquela confusão medonha. Quando foi um dia, parece que ela encontrou ele conversando com outra mulher. Aí foi atrás de se vingar. Daí ela foi embora para Brasileira. Lá, ela [o espírito dela] recebeu esse hino. Aí, ela [o espírito dela] veio e cantou pro Mestre [em sonho]. Aí, ele colocou nas diversões. “Esse hino, veio para ele como numa parte da música de uma valsa antiga que tem, entendeu?” Não foi praticamente assim, como se recebe um hino dentro do Daime. Ele foi recebido dentro do sonho [pelo Mestre]. O que sei desse hino foi que eu ouvi o velho contando. Esse hino dentro dele, já vem uma história, o sofrimento que ela passou por ter feito o que fez.” (PAULO SERRA *apud* MAIA NETO, 2003, p. 71, grifo do autor)

Esta canção foi a última “diversão” recebida oficialmente por Mestre Irineu. Fala-se que a melodia desta “Diversão” vem de uma valsa antiga popular da época. De fato, parte da melodia e parte da letra da diversão 05 – *Aurora da Vida* são semelhantes à valsa serenata “Ave Maria” de Erothides de Campos<sup>62</sup>, composta em 1924. Na comunidade do Daime comenta-se que esta “Diversão”, foi recebida de forma diferente das outras diversões e hinos, pois, quem teria trazido a canção, na verdade, foi o “espírito” de Francisca das Neves (ex-mulher de Zé das Neves) repassando-a ao Mestre Irineu em sonho. Além disso, esta diversão é a única canção no conjunto do repertório de Mestre Irineu fundamentada em uma música popular oriunda de fora do contexto do Daime. Mesmo assim, somente um pequeno trecho melódico e textual do refrão da diversão recebida pelo Mestre Irineu tem similaridades com a composição de Erothides (ver Anexo M).



5 - AURORA DA VIDA  
(Mestre Irineu)



Se eu soubesse eu não tinha nascido  
Para hoje eu andar sofrendo  
A piedade me disse:  
Que que tu andas fazendo

Refrão: Sinos que tangem com mágoas doridas  
Recordando o sonho d'aurora da vida  
Mil aventura e suave alegria  
Em minh'alma o som da Ave Maria

Me sentei recostei sobre as mãos  
Logo me pus a pensar  
Abandonei meus direitos  
Joguei nas ondas do mar

Refrão: Sinos que tangem com mágoas doridas...

Banhando em águas brancas  
Por não ouvir o que disseram  
Não foi falta de conselho  
Que meus amigos me deram

Refrão: Sinos que tangem com mágoas doridas...

Meu Deus me perdoai-me  
O que que eu vou fazer  
Vivo cumprindo esta sina  
Só deixo quando eu morrer

Refrão: Sinos que tangem com mágoas doridas...



Por muito tempo as “diversões” de Mestre Irineu eram cantadas nos intervalos dos hinários oficiais. Na época em que recebeu as “diversões”, os hinários oficiais ainda eram constituídos por poucos hinos de diferentes donos. Depois que cada hinário ficou independente, as “diversões” passaram a ser executadas sempre no intervalo d’ *O Cruzeiro*. Diz-se que, antes de falecer, Mestre Irineu recebeu uma canção no bosque perto de sua casa, quando em companhia de Francisco Granjeiro. Depois de sua morte, este lembrou-se dela e ela foi colocada nas “diversões” como a sexta diversão do Mestre Irineu. Chama-se “Bom Trabalhador”.

## Novas Mudanças na Trajetória de Mestre Irineu (1936-1938)

No decorrer de sua experiência liderando o Daime em Rio Branco, Mestre Irineu criou não só uma doutrina, mas um modo de vida de forte influência na maneira como seus seguidores percebiam e concebiam o mundo, a sociedade e o corpo. Com sua autoridade carismática gerava, assim, entre seus seguidores um sentimento de coletividade e de uma moral religiosa compartilhada, vinculados ao consumo do daime e a princípios morais cristãos.

Ele e o daime tornaram-se o epicentro da vida de muitas famílias de agricultores nordestinos migrantes que o procuravam, na esperança de redenção através de sua bebida sagrada. Recém-chegados e desprovidos de qualquer assistência do governo, viam nele um benfeitor, um padrinho, um líder carismático inovador da conduta religiosa. Assim, a conduta ritual elaborada por Mestre Irineu deu início a uma complexa reconstrução de visão de mundo no seio de um número crescente de famílias.<sup>63</sup>

No final de 1936, D. Francisca, companheira de Mestre Irineu, convalescia de um reumatismo crônico. Vinte anos mais velha que Mestre Irineu, já tinha 66 anos de idade, com o corpo debilitado e já apresentando sinais de velhice. Mestre Irineu, neste período, tentou, sem sucesso, restabelecer a saúde de sua companheira de várias maneiras. Uma delas foi o uso de um remédio que ele tinha conhecido no tempo em que morava em Brasileia, a resina da uma árvore chamada “mururé”<sup>64</sup> (*Brosimopsis acutifolia*).





O uso do mururé passou a ser um recurso terapêutico utilizado regularmente pela comunidade de Mestre Irineu, adquirindo forte teor simbólico por ser associado à sua memória; seria o “remédio do Mestre”. Mas a doença de D. Francisca evoluiu e ela tornou-se parálitica das pernas. A sua piora fez com que o casal tivesse que contratar uma menina para ajudar nos serviços de casa. Esta menina era Raimunda Marques Feitosa, filha de Maria Franco, recente discípula de Mestre Irineu e viúva de Marcellino Marques, todos maranhenses de Cajapió (cidade próxima a São Vicente Férrer, cidade natal de Mestre Irineu). A família Marques (ver Apêndice K) havia chegado ao Acre com a leva de migrantes no ciclo da borracha, para trabalhar nos seringais do território. Mas, com a quebra do mercado da borracha, a família se deslocou para capital, Rio Branco, estabelecendo-se como agricultores, em posses doadas pelo governo na Vila Ivonete.

Lá tiveram a oportunidade de conhecer o trabalho de Mestre Irineu com a *ayahuasca*. A menina Raimunda tinha quinze anos quando chegou à comunidade do Daime e começou a trabalhar para o líder e sua companheira. Quando tinha 19 anos, por insistência da própria D. Francisca, casou-se com Mestre Irineu que tinha então 47 anos. Continuou cuidando da casa e dos seus antigos patrões. Um ano depois do casamento, D. Francisca, com o corpo cada vez mais desvalido, veio a falecer, aos 68 anos.<sup>65</sup> Paulo Serra explicou o caso da seguinte maneira:

D. Francisca tinha problema no joelho, acho que ela trabalhou muito na seringa. Chegou a um ponto que, até pra ela ir ao banheiro, tinha que levantar ela e botar no vaso. Meu pai conhecia uma seiva de árvore que era usada no reumatismo, o mururé. Ela tomou e tudo, mas não deu aquela seqüência. Dizia que a doença já estava avançada, por causa da frieza que ela pegava quando ela cortava seringa dentro d’água. Quando foi um dia, ela disse: “Irineu arruma uma pessoa pra tomar conta de ti.”

Foi quando minha mãe de criação (Raimunda) veio pra companhia dele. Ela fazia as coisas tudo direitinho. Quando foi um dia, D. Francisca falou pra Irineu casar com ela. Ele respondeu: “Como é que eu vou casar com ela com tu dentro de casa?”

“Não se preocupe.”



Foi quando ele casou-se com a minha mãe de criação na Igreja Católica. A minha mãe de criação (Raimunda) ficou tomando conta de D. Francisca. Depois de um ano de casados, foi que ela morreu.<sup>66</sup>  
(Paulo Serra)

As mulheres nordestinas que migraram para Amazônia no ciclo da borracha chegavam muitas vezes na condição de mercadoria encomendada nas casas aviadoras, outras vinham acompanhando seus esposos, sofrendo as mesmas agruras das relações de escravidão nos seringais. O contexto amazônico da época imprimia condições subalternas para as mulheres em geral e mesmo depois da crise da borracha essa forma cultural de subserviência persistiu. Isso nos remete à condição de D. Francisca, uma senhora de idade avançada, padecendo de grave reumatismo, que viu na menina Raimunda, uma esperança de estabilidade na relação do casal. Raimunda respondia por todas as responsabilidades que cabiam à patroa e à tarefa de cuidar dela. Sentindo que seu fim estava próximo, D. Francisca teria insistido que Mestre Irineu se casasse com Raimunda, talvez por um profundo agradecimento do cuidado que ambos tiveram com ela e como maneira de reforçar o núcleo de trabalho familiar.

A morte de D. Francisca nos remete a outra questão relacionada aos casos de cura. Lembremos que, como já foi dito antes, Mestre Irineu curava muitos doentes “desenganados por médicos”. Como já vimos, em seus tratamentos, ele às vezes percebia que não podia modificar o destino da pessoa, ou o seu grau de comprometimento “espiritual” com a doença. Assim, nada mais poderia ser feito, somente seguir o cumprimento do destino, aliviando o máximo possível o sofrimento do doente. D. Francisca possivelmente foi um destes casos.

Depois que D. Francisca morreu, Mestre Irineu recebeu um hino chamado “Dois de Novembro”. Segundo relato de D. Percília, esse hino foi recebido em sonho por Mestre Irineu no final de 1938. Conforme ela disse: “Neste hino, uma pessoa chegou para o mestre, uma pessoa de dentro do trabalho que havia acabado de se separar da matéria. Essa pessoa chegou e cantou para ele. Era uma senhora, sua segunda companheira, D. Francisca”. (MAIA NETO, 2003, p. 24) Este seria um exemplo de como os hinos, ao se reportar a incidentes da história da irmandade, podem também



adquirir significados mais amplos, servindo até como exemplos universais. O título do hino *Dois de Novembro* nos remete ao dia do calendário cristão dedicado aos mortos.

7 - DOIS DE NOVEMBRO  
(Mestre Irineu)



A tua alma entrego a Deus  
E o teu corpo à terra fria.  
Jesus te acompanhe  
Junto com a Virgem Maria.

Tu pedes aos teus amigos,  
Pelo nome de Jesus,  
Que te rezem umas preces  
Lá no pé da Santa Cruz.

Tantos anos que vivestes,  
Agora vais te retirar.  
Vais atender ao nosso Pai,  
Foi quem mandou te chamar.

Aqui achou, aqui deixou,  
Levas contigo o amor.  
As portas do céu se abrem  
Para quem for merecedor.



O casamento de Mestre Irineu com D. Raimunda foi no dia 31 de julho de 1937, na igreja matriz de Rio Branco.<sup>67</sup> Esse enlace parece ter gerado muito desconforto dentro da comunidade do Daime por causa do convívio anterior dos dois com D. Francisca. Assim, são poucos os seguidores antigos de Mestre Irineu que se dispõem a comentar sobre o casamento com D. Francisca. De toda forma, este período da vida de Mestre Irineu foi marcado por fortes mudanças.

7

**ANNO DE 1937**

Aos trinta e um dias do mez de Julho  
 de mil novecentos e trinta e sete pelas oito horas de noite  
 nesta Igreja Matriz Freguezia Rio Branco  
 depois de habilitados canonical-  
 mente, por palavras de presente na forma do Ritual, em minha presença,  
 e na das testemunhas José Baptista  
Lopes - Wagib Elir Jacury - Benjamim  
Rachide Amim - Raimundo de Albuquerque Alves  
 receberam-se em matrimonio os contraentes, Raimundo Serra  
Serra - Raimunda Marques Feitosa  
 elle com 44 annos  
 de idade solteiro  
 filho legitimo de Sancio Martin de Mattos - e  
Isabela de Ummelho Serra  
 baptizado na Freguezia São Vicente Ferrer - Maranhão  
 e ella com dezenove - annos de idade, solteira  
 filha legitima Mascollina  
Margarves - e - Maria - Mascollina  
 baptizada na Freguezia Sajapó  
- Maranhão -  
 moradores nesta - nas Colônias -

N.º 353  
Raimundo  
Serra  
Serra  
Raimunda  
Marques  
Feitosa  
 OBSERVAÇÕES

E para constar lavrou-se este assentamento que assigno.  
 O Vigário, Carlos M. Sauerbatsch  
 Testemunhas:

Figura 31 Certidão de casamento de Mestre Irineu Serra com Raimunda Marques Feitosa - 31/7/1937.<sup>68</sup>

Na certidão de casamento consta o nome de duas testemunhas de ascendência árabe, Wagib Elir Jacury e Benjamim Rachide Amim, que provavelmente seriam sírios ou libaneses, como a maioria dos imigrantes de origem árabe que se instalaram no Acre. Desse modo, podemos constatar os laços de amizade existentes entre Mestre Irineu e imigrantes dessa etnia, geralmente comerciantes influentes na região. Muitos vieram da Síria e do Líbano para o Acre no mesmo período que os nordestinos, nos ciclos áureos da borracha,



a partir de meados do século XIX. Os imigrantes árabes constituíram uma camada da sociedade acreana, responsável pelo abastecimento e comércio na região, inicialmente negociando com borracha. Esse é mais um exemplo de como Mestre Irineu cultivava relações de amizade com os mais variados setores da sociedade riobranquense, incluindo pequenos agricultores, oficiais militares, políticos e comerciantes imigrantes da Síria e do Líbano. O fato do casamento de Mestre Irineu ter sido celebrado numa igreja católica aponta também para sua relação com aquela instituição. Lembremos que não estabeleceu nenhum rito de casamento em sua religião, restringindo-se a realizar batizados com daime. Mestre Irineu apenas estimulava o casamento de seus adeptos, mas deixava ao encargo dos mesmos os encaminhamentos e a cerimônia religiosa, que, no início do Daime, geralmente se deram dentro da Igreja Católica, uma vez que a maioria de seus adeptos provinha de famílias dessa religião, a única que na época era vista como tendo legitimidade civil.



**Figura 32** Da esquerda para direita, Francisca Marques Feitosa, Laura filha de Maria Marques Vieira (Maria Damião), Veriana Brandão, Maria das Dores Ribeiro (Bibi – irmã de D. Percília), Maria Franco (mãe de D. Raimunda), Percília Ribeiro, D. Raimunda, Paulo Serra (criança) e Mestre Irineu. (foto tirada em 1949)



Depois desse casamento, a família de D. Raimunda ganhou prestígio dentro da comunidade do Daime. Antônio Roldão, irmão da noiva, passou a ser Comandante do Salão e feitor de daime, junto com outro irmão, Antônio Tordo. A mãe, Maria Franco, também viria a se juntar com João Pereira.<sup>69</sup>

Os irmãos de D. Raimunda também estabeleceram uniões estáveis um pouco depois do seu casamento. Não sabemos o nome do esposo de Francisca e nem das companheiras de Antônio Tordo e de Antônio Roldão, ou o grau de importância desses consortes na estrutura do culto da época. De toda forma, a família começou a exercer papel de destaque na comunidade e a ganhar valor simbólico como “a família da esposa de Mestre Irineu”.

## Reformulações no Daime (1938-1940)

Depois do casamento de Mestre Irineu com D. Raimunda, aos oito anos de fundação do centro de Daime, começou uma nova fase nos rituais da religião. Nesse período, não se sabe precisamente em que data, Mestre Irineu introduziu o símbolo central do Daime, a Cruz de Caravaca (uma cruz de dois braços). A adoção dessa cruz, sob a denominação de Cruzeiro, hoje obrigatória em todos os trabalhos do culto, é mais um importante esteio simbólico à cristianização das antigas tradições ayahuasqueiras. Essa versão da cruz de Cristo, embora atualmente pouco comum nas cerimônias católicas, era bastante conhecida pelo povo amazônico no início do século XX e já era utilizada por muitos xamãs do “vegetalismo” mestiço. (LUNA, 1986; TAUSSIG, 1993) Introduzida pelos sacerdotes ibéricos durante o período colonial, ainda hoje é encontrada em diversos marcos da colonização espalhados pelo Brasil (São Miguel das Missões - RS, ou, Olinda - PE, por exemplo). Seu simbolismo esotérico remontaria ao seu aparecimento mágico na região da Murcia, na cidade de Caravaca, Espanha (ver Apêndice P).

Atualmente essa cruz é geralmente associada ao xamanismo,<sup>70</sup> à magia e ao esoterismo, devido ao uso que os praticantes dessas artes fazem da coletânea de orações que leva seu nome e que tem sua imagem na capa. Anteriormente, Mestre Irineu utilizava uma cruz simples de um só braço,



em cima da mesa central que, colocada no meio do salão serve para separar homens e mulheres nos rituais de concentração, baile e cura.

Não sabemos como Mestre Irineu veio a adotar a cruz de Caravaca nos rituais do Daime. Talvez a tenha conhecido nos primórdios de sua iniciação com *ayahuasca* nas sessões dos vegetelistas mestiços na fronteira do Brasil com o Peru. Outra possibilidade é que ele a tenha conhecido através do livro *A Cruz de Caravaca – Tesouro de Orações*, considerando-o um bom símbolo para seu culto ayahuasqueiro esotérico. A respeito da adoção dessa cruz Paulo Serra comentou:

Ele no começo fez uma cruz. Era só uma cruz de um braço. Mas, aí quando ele começou a receber os hinos e tudo, diz ele que recebeu a mensagem pra botar dois braços no Cruzeiro. Foi lá na Vila Ivonete. Era logo no começo. Quando ele recebeu, o vovô Antônio Gomes nem vivia ainda aqui (antes de 1939).

Diz que ele em um determinado tempo. [...] recebeu a mensagem pra botar dois braços no Cruzeiro. Foi quando ele viu o livro Cruz de Caravaca, que tem a Cruz com dois. Foi aí, que ele achou que estava certo, como ele recebeu.<sup>71</sup> (Paulo Serra)



Figura 33 Foto tirada do Cruzeiro e da mesa de Mestre Irineu.



Figura 34 Cruzeiro no exterior da sede.



Além da adoção da cruz de Caravaca, Mestre Irineu propôs aos seus seguidores o uso de fardas e um novo formato de ritual para as sessões de festejos, o “Baile”. A partir de então, os rituais de festejos passaram ser executados em forma dançante, não mais com os participantes sentados. Também se introduziu o uso de maracás, para marcar o ritmo. Com a introdução do toque de maracás aliado aos passos do baile, foi também necessária a provisão de ensaios para o treino do ritual. Inicialmente foram constituídos três passos no baile: marcha (ou xote), valsas e mazurcas.<sup>72</sup>

Os seguidores mais antigos dizem que, desde o início do culto, em 1930, Mestre Irineu separava os seguidores por sexo em lados opostos de uma mesa central retangular. Reservou o lado direito da mesa (de quem entrava no local do rito) para os homens e o lado esquerdo para as mulheres. Os jovens e crianças do sexo masculino eram postados na cabeceira da mesa, logo na entrada. Já, as jovens e as crianças do sexo feminino eram postadas na cabeceira oposta, no fundo da mesa. Ocorrendo uma maior presença de adultos, os lugares nas cabeceiras da mesa eram preenchidos por estes, seguindo a separação por sexo. As crianças ocupavam preferencialmente as filas da frente nas cabeceiras. As filas geralmente eram ocupadas por ordem de chegada na comunidade, com os mais antigos no começo. Não se sabe ao certo se esta organização foi modificada com a introdução das patentes. Adália Granjeiro nos relatou como Mestre Irineu implementou o novo formato do ritual na comunidade do Daime, e as dificuldades iniciais que seus seguidores enfrentavam para tocar o maracá e acertar os passos do bailado.

Já estava com um ano por aí, que a gente estava por lá, quando surgiu o maracá. Ele disse que recebeu ordem da Rainha que era pro pessoal bailar e bater o maracá. Teve uma noite que estava tudo lá, e ele chamou todos pra fazer um ensaio do bailado e do maracá. Só ele que tinha maracá. Ele tinha mandado fazer um pra ele.

Aí, as mulheres todas elas fumavam e tinha uma latinha aonde elas colocavam o tabaco dentro pra fazer o cigarrinho pra fumar ou cachimbo. Elas desocuparam a lata e botaram uns caroçinhos de milho ou feijão dentro, ou, coisa assim que fizesse zoada e ficavam balançando. Eu ainda me lembro disso. Ele ria tanto que o pessoal não acertava.





Ele cantando, lá com a madrinha Raimunda, e o pessoal batendo a lata, e o pessoal errava. Batia uns nos outros, uns iam pra frente outros iam pra trás, e ele ficava rindo e começava tudo de novo.

Era para a Percília ensinar. Ele já tinha ensinado pra Percília. Ela então começou a ajudar a dar a instrução para as outras. Era uma graça, ele ensinando com toda calma com aquela alegria, sempre sorrindo, quando um errava, ele ficava rindo e mandava amolecer o corpo: “Tá com as pernas duras, tá todo duro...”

Todo mundo ria e ele chamava pra começar de novo. Foi indo até que todo mundo aprendeu.<sup>73</sup> (Adália Granjeiro)

As fardas introduzidas por Mestre Irineu se assemelhavam aos moldes das vestes militares da época.<sup>74</sup> As fardas masculinas eram feitas de mescla e seu corte seguia o padrão das túnicas ou dólmas militares. Eram ornadas com plaquetas nos ombros, com graduações em formato de estrelas de cinco pontas. As estrelas podiam ser simples ou duplas (“gemadas” ou “geminadas”). As graduações atribuídas aos seguidores nessa época variavam de soldado a general (relembrando o CRF dos irmãos Costa de Brasileia.). Não se sabe ao certo se existiam graduações femininas explicitadas por divisas na farda, mas havia um corpo de mulheres chamado de Estado Maior Feminino que tinha entre nove e doze membros.

As mulheres também tinham suas fardas próprias, com lenço e gola de marinheiro. Adália Granjeiro e D. Percília Ribeiro falaram sobre o desenho inicial das fardas, especialmente das femininas.

A farda era diferente dessa de hoje. Era uma túnica azul marinho e uma túnica branca. Depois ele mandou trocar, a túnica azul marinho com a calça branca e a calça azul com a túnica branca, com gola e com bolso na frente. As das mulheres tinham uma gola de marinheiro, tinha um lencinho e um cordão torçal com duas pernas, uma verde e a outra amarela, colocada por debaixo da gola e trazia pro lado da cintura, tinha um cinto preto, passava o cinto e a ponta do torçal prendia do lado a saia. Não era de prega a saia. Tinha um nome que chamava rabo de peixe, na barra rodeando. Se a farda fosse branca, botava três listras azuis daquela. Se a farda fosse azul colocava três listras brancas. A manga era



comprida e também acompanhava três listras, do mesmo jeito da barra da saia, igual à que tinha na manga.

Agora eu não consigo me lembrar como era o pano da cintura. Acho que era cheio de preguinha, assim, bem miudinha, em uma pala pregada na saia pra fazer a cintura (Entrevista com Adália Granjeiro em 24 de fevereiro de 2007).

Quando a farda começou não era do tipo dessa que nós usamos hoje em dia. A primeira farda da mulher sempre foi azul e branca, mas o modelo era diferente. O que existe da primeira farda é só aquelas letrinhas da farda azul que tem no bolso da camisa das mulheres, C.R.F. Centro da Rainha da Floresta.

A primeira, a do vestido branco, tinha uma gola marujo; a gola azul por cima, agora em baixo na barra tinha três divisas azuis também, assim da largura de um dedo, na saia.

O punho da manga também tinha essa divisa assim; agora bem estreitinha. Na ponta da gravata (lenço) tinha a um F, e nos dois cantos da gola tinha o C. e o R.<sup>75</sup> (Percília Ribeiro)

De fato, Mestre Irineu parecia empenhar-se em reforçar os aspectos ordeiros de sua nova doutrina. A instituição de fardas neste momento simbolizava certa consolidação identitária da comunidade como seguidora de uma nova religião. Também, apontava para um ritual diferenciado das velhas práticas “vegetalistas”. Igualmente, os hinos e a dança coletiva davam novos contornos ao grupo. Tudo indica que os moldes militares adotados representavam para a sociedade da época a ordem e a legitimidade da autoridade, evocando a ordem militar que imperava no Território. Os novos contornos do ritual, a sequência fixa de hinos dentro dos hinários, a fixação de datas do calendário, as roupagens específicas para cada dia e as patentes de distinção classificatória dos seguidores, aliados a toques e danças padronizadas, parecem refletir essa preocupação, evocando também as matrizes propostas inicialmente no CRF pelos irmãos Costa. Superava-se, assim, o período inicial de maior aleatoriedade dos rituais promovidos por Mestre Irineu em Rio Branco. Até então, ele havia realizado seus rituais sem datas pré-fixadas (exceto por alguns dias mais importantes do calendário católico), sem hinários programados, sem fardas, sem distintivos e geral-



mente geridos por seus “Chamados” em solo, acompanhados pelo uso do tabaco. Tampouco ocorriam maiores participações de seus seguidores que, nesse período, desempenhavam um papel mais passivo. Buscando uma maior formalidade, Mestre Irineu começou a focar em seus rituais a separação, a classificação e a hierarquização de elementos, categorias e regras que estavam até então menos presentes no seu imaginário e no cotidiano da comunidade.

Mas, Mestre Irineu em contraposição a esses formalismos, instituiu também celebrações mais informais, com menos regras e hierarquização de papéis. Estas ficaram conhecidas como “festinhas do Mestre” ou festas com daime, onde a separação entre os sexos era abolida e eram tocadas músicas do cancionero popular da época. Nessas festinhas também eram tocados hinos, em ritmo de danças de salão, que eram executados aleatoriamente. As fardas e as patentes eram trocadas por roupas de festa (“paisanas”) heterogêneas. Neste caso, somente se exigia o uso de um paletó. Essas festas também não obedeciam a um calendário fixo, ficando reservadas a datas de aniversários, em comum acordo com a comunidade, marcando de certa forma uma espécie de inversão dos ritos religiosos.

Mestre Irineu também manteve as concentrações (sessões mediadas pelo silêncio) sem farda, ou seja, sem hierarquizações explícitas. Assim, durante esses rituais, os discípulos mais graduados e os novatos ficavam lado a lado indistintamente.<sup>76</sup> Ele porém, instituiu dias da semana regulares para os rituais de concentração. Vejamos o relato de Zé Dantas sobre esse novo ordenamento:

[...] Se a minha memória está certa, a farda azul [túnica ou dólma] era usada na Semana Santa e São João. Conceição, Natal e Reis, era branca. Na época, não tinha essa concepção de hinário fixo para cada data, era o que o chefe determinava. Não tinha o calendário de hinário que hoje nós temos. Data santa tinha, mas não tinha a classificação de qual hinário. No tempo anterior, ele convocava tal data para as concentrações, sem dia marcado.

A data de quinze e trinta de cada mês, ela surgiu de sessenta e dois pra cá, quando foi inaugurada a primeira sede exclusivamente para trabalho [...]. (Zé Dantas)<sup>77</sup>



Nesse período, novos seguidores e novas famílias se integraram à comunidade. Entre esses seguidores e famílias que chegaram podemos citar: Sebastião Gonçalves e esposa, Manoel Belém e sua esposa Maria Cândida, Antônio Gomes e Maria Gomes, Rita Gomes (ver Apêndice F e Anexo G), Pedro Corrente e Daniel Pereira de Matos. Com a nova demanda de seguidores, o terraço de Damião Marques tornara-se pequeno para as reuniões do Daime. Mestre Irineu reuniu então o corpo de seguidores para um mutirão de construção de uma ramada.<sup>78</sup> Levantado próximo à casa de Mestre Irineu, perto do Igarapé Fundo, o espaço construído pela comunidade também representava o início de uma nova fase nos rituais do Daime: uma espécie de consolidação da religião, junto com as fardas, as patentes e todas as outras mudanças efetuadas por Mestre Irineu. Instituiu-se também uma separação formal entre os espaços reservados aos rituais e os do cotidiano doméstico.

Entre os novos membros da comunidade, destacava-se Daniel Pereira de Mattos, o antigo amigo que Mestre Irineu conhecera quando ainda trabalhava como estivador no Cais da Praia Grande, em São Luís. Na década de 1920, haviam voltado a se encontrar em Rio Branco quando Mestre Irineu estava na polícia e Daniel trabalhava, provavelmente, como barbeiro e sapateiro.



**Figura 35** Mestre Irineu Serra e a irmandade na ramada da Vila Ivonete no final década de 1930.

Da esquerda para direita: Raimundo Gomes, João Ribeiro, Manoel Dantas, Antônio Gomes, Manoel Belém, Germano Guilherme, Daniel Pereira de Mattos, José das Neves, Raimundo Irineu Serra, João Pereira, Antônio Roldão, Pedro Corrente, João de Sena, Pedro Ribeiro, depois do próximo, Sebastião G. Nascimento e o velho Tamandaré. Na frente, as crianças: Adália, Laura, Percília, Bibi (identificadas) e outras não identificadas.



Daniel Pereira de Mattos nasceu na antiga freguesia de São Sebastião de Vargem Grande, no Maranhão, no dia 13 de junho de 1888, filho de Anna Francisca do Nascimento e Thomás Pereira de Mattos e Mattos. Em agosto de 1897, quando tinha nove anos de idade, seu pai faleceu, deixando-lhe como herança uma faixa de terra na localidade de Barra do Rio Munim. Órfão de pai, ingressou como grumete na Marinha de Guerra Brasileira, através da qual fez sua primeira viagem para o Acre em 1905. Depois de uma viagem de instrução no navio Benjamim Constant, pediu baixa, como 2º sargento, indo para o Acre em 1907, onde passou a morar em definitivo. (MARGARIDO; ARAÚJO NETO, 2005, p. 44) Daniel era um homem de vários ofícios: barbeiro, sapateiro, poeta, artesão, cozinheiro, carpinteiro, marceneiro; além de compositor, tocava violino, cavaquinho e violão, instrumentos que também fabricava. Fala-se que,

[...] era boêmio, poeta e músico, o que lhe trouxe vários problemas, inclusive de saúde. Na profissão de barbeiro, instalou-se no ano de 1925 em uma das primeiras ruas de Penapólis, na Epaminondas Jácome. Morou na Rua 1º de Maio, antiga Rua da África (área de Rio Branco de concentração negra) e em 1926 transferiu sua barbearia para Rua 6 de Agosto, onde ficou até meados de 1930. Posteriormente, mudou-se para Rua General Rondon, no bairro do Papôco. (MARGARIDO; ARAÚJO NETO, 2005, p. 44)

Sabe-se que Daniel,

[...] casou-se em 1928 com Maria do Nascimento Viegas e com ela teve quatro filhos: Narazé, Crezulina, Ormite e Manoel. Os problemas com a boemia e o álcool fizeram com que a sua família o abandonasse em 1937, voltando para o Maranhão. Até seu falecimento, em 1958, Daniel nunca mais teve notícias dela. (MARGARIDO; ARAÚJO NETO, 2005, p. 44)

Nesse mesmo ano, em estado de dependência alcoólica, foi acolhido por Mestre Irineu, que o tratou e o iniciou nos trabalhos com o daime. Daniel passou então a ser seguidor da doutrina fundada pelo seu antigo amigo, de quem foi barbeiro e sapateiro durante muitos anos. Por volta de 1945, depois que Mestre Irineu se mudou para a Custódio Freire, Daniel continuou a realizar trabalhos no terreno de sua casa em Vila Ivonete. Um pouco antes de ser acolhido por seu amigo, Daniel adquirira esse terre-



no, por concessão de Manoel Julião, o administrador das terras do Seringal Santa Cecília, pertencentes a uma senhora chamada Isaura Parente. Assim, Daniel deu continuidade aos trabalhos de Mestre Irineu, em sua casa, um pouco mais acima do Igarapé Fundo. Atendia à irmandade que ficara naquela região, fazendo trabalhos de cura.

Durante um breve período, Mestre Irineu abasteceu-o com remessas de daime, mantendo o espaço de Daniel como filial de seu trabalho. Após um ano, Daniel começou constituir outro ritual, conforme revelações que recebera diretamente, quando ainda se tratava com Mestre Irineu. Dessa forma, começou sua própria missão espiritual, seguindo outras mensagens e adotando rituais diferenciados dos trabalhos de Mestre Irineu. Seguindo a sua própria revelação, Daniel abriu espaço para a incorporação de espíritos curadores, semelhante à linha de umbanda, o que levou Mestre Irineu a lhe propor que seguisse o seu próprio caminho, separado dele. Passando a fazer o seu próprio daime, Daniel deu início a uma nova religião ayahuasqueira, que veio a ser conhecida como “Barquinha”.



**Figura 36**  
Foto de Daniel Pereira de Mattos.



Daniel Pereira de Mattos recebeu em miração o “Livro Azul”, que lhe foi entregue por dois anjos, bem como o esclarecimento do seu significado. Apontavam para o hinário que ele haveria de criar, contendo uma doutrina própria, a ser ensinada, juntamente com o uso do daime e da nova ritualística. Durante os doze anos seguintes cumpriu a sua missão em Rio Branco. Devoto de São Francisco das Chagas, Daniel dedicou o seu trabalho ao seu santo padroeiro e, em 1945, ergueu em sua homenagem uma capelinha de taipa no seu terreno e lá passou a realizar os seus trabalhos espirituais.

“Frei Daniel Pereira de Mattos”, como se denominava, ou Mestre Daniel, como seus seguidores chamavam-no, faleceu no dia 8 de setembro de 1958, durante de uma “Romaria de São Francisco”, depois de fazer uma penitência de 90 dias. “Desencarnou” nos braços do amigo e seguidor Manoel Araújo, dentro da casinha do Daime, e às 18h30min foi velado na Igreja, sobre a mesa central em forma de cruz. Mestre Irineu, que já havia pressentido esse falecimento, devido ao recebimento de um hino que denominou *Chamei lá nas alturas*, compareceu ao velório, juntamente com outros de seus seguidores. Entre esses seguidores estava D. Percília Ribeiro, que fez os seguintes comentários sobre esta passagem e sobre o hino que Mestre Irineu recebeu nesse momento.

Daniel Pereira de Matos tinha adoecido. Lá se soube da notícia que ele estava muito doente. Nós fomos lá e tal. Quando chegou pertinho do dia dele ir embora, aí, saiu esse hino: “Chamei lá nas alturas, para o divino me ouvir. A minha mãe me respondeu. Oh, filho meu, estou aqui.”

Aí, na hora que o hino saiu, o Mestre Irineu falou logo: “Precisamos visitar o Daniel.”

[...] Com três dias lá vem a notícia, vieram chamá-lo, né, que ele já tinha falecido. Aí, nós fomos lá pro velório dele, até pela madrugada.

Enfim, de lá pra cá, a gente vinha todo tempo cantando esse hino na estrada. Aí, ficou na recordação. Toda vez que canta o hino, eu me lembro.<sup>79</sup>

A letra desse hino, que se tornaria muito querido entre os daimistas, é a seguinte:



## 107 - CHAMEI LÁ NAS ALTURAS

(Mestre Irineu)



Chamei lá nas alturas  
Para o divino me ouvir  
A minha mãe me respondeu  
Oh, filho meu, estou aqui

Minha Mãe, vamos comigo,  
Para sempre Eterna Luz,  
Para eu poder assinar  
Para sempre a Santa Cruz.

Esta cruz do firmamento  
Que radeia a Santa Luz.  
Todos que nela firmar  
É para sempre, amém, Jesus.

No final da década de 1930, Damião Marques de Oliveira, esposo de Maria Francisca Vieira (Maria Damião) adoeceu gravemente de pneumonia, passando cerca de seis meses convalescendo da doença. Mestre Irineu chegou a tratá-lo, mas diz-se que Damião não cumpriu o tratamento e, assim, veio a falecer. Não se sabe com precisão a data de sua morte, sabendo-se somente que ele morreu logo após o nascimento de sua filha caçula, Matilde, no dia 21 de novembro de 1939. Assim, o final da década de 1930 marcou dez anos de trabalho de Mestre Irineu e também a morte de Damião Marques de Oliveira.





Maria Francisca Vieira, também conhecida como Maria Marques Vieira (nome de casada), ou Maria Damião, tornou-se viúva aos 30 anos de idade. Seu hinário foi muito apreciado pelos daimistas e viria a se tornar um dos mais importantes do Daime. Sabe-se que nasceu no Ceará, no dia 4 de novembro de 1910, e chegou ao Acre no final da década de 1920, ao lado de Porfílio, seu primeiro esposo, mas com quem não teve filhos. Um pouco depois de sua chegada, ele foi assassinado e, em seguida, ela conheceu Damião Marques de Oliveira, casando-se com este no início da década de 1930. Juntos tiveram seis filhos, Raimundo, Laura, Lúcio, Hugo, Waldir e Matilde. O casal também chegou a criar um sobrinho de Damião, Wilson, filho de Manoel Marques (irmão de Damião).<sup>80</sup> Os irmãos de Damião, Pedro, Manuel e Lucas, também se tornaram seguidores de Mestre Irineu, juntamente com suas esposas e filhos (ver genealogia em Apêndice I). A família de Damião teve grande importância na rede de amizades de Mestre Irineu. Foram eles que lhe deram apoio para a realização dos rituais do Daime num espaço mais amplo, no terraço de sua casa, onde cabiam mais participantes. Maria Damião desempenhava um papel importante nos rituais de Mestre Irineu, dando auxílio aos novatos e aos que necessitavam de conforto.

Depois da morte de Damião, ocorreu também, em 1941, a morte de Antônio Ribeiro, pai de D. Percília, e, mais tarde, a de Joaquim Português, em 1942. Todos eles deixaram esposas e filhos ainda jovens. Tanto Maria Damião quanto a família de Antônio Ribeiro foram assistidos por Mestre Irineu e Manoel Dantas. D. Percília comenta a morte de seu pai e como Mestre Irineu veio a se responsabilizar pela sua família da seguinte maneira:

Papai morreu três anos depois da chegada de Antônio Gomes. Eu era a mais velha de todos os meus irmãos. Duas semanas depois do falecimento de meu pai, o Mestre disse que ele tinha aparecido cinco vezes numa miração. Meu pai dizia: "Mestre eu ando neste mundo de meu Deus, vejo tantas maravilhas, tanta coisa bonita que eu não esperava que existisse, mas quando me lembro do senhor..."

Ele veio cinco vezes, até que o Mestre perguntou: "Ribeiro o que você deseja de mim?"

"Mestre, eu quero que o senhor tenha mais paciência com minha família, do que o senhor teve comigo."



O Mestre disse: “Tá feito. Não se preocupe, faça sua viagem.”  
E recomendou o espírito dele.<sup>81</sup> (Percilia Ribeiro).

Mestre Irineu, nesse período, dava continuidade às mudanças no sistema ritual. Recebeu certos hinos que só deveriam ser cantados em algumas das grandes datas cristãs. O hino 17 – *Confissão* foi um deles. Este hino, usado para fazer a confissão dos seguidores, deve ser executado sem dança, repetido três vezes e com cada participante segurando uma vela acesa na mão. É reservado para as vésperas dos trabalhos de São João (23/06), Nossa Senhora da Conceição (7/12), Natal (24/12) e Reis (5/01). Ao fim do hino são rezados três Pai Nossos e três Ave Marias intercalados e, para finalizar, um Salve Rainha. Depois das preces, o comandante masculino ou feminino, já postado na cabeceira da mesa, enuncia os seguintes dizeres: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”. Todos devem responder: “Para sempre seja louvada a nossa Mãe Maria Santíssima”. A confissão termina com todos os presentes se benzendo<sup>82</sup> e dizendo: “Pelo sinal da Santa Cruz, livrai-nos Senhor de nossos inimigos, em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo, amém”. Terminada essa cerimônia, apagam-se as velas e dá-se continuidade ao baile.

### 17 - CONFISSÃO (Mestre Irineu)



Meu divino pai do céu,  
Soberano Criador,  
Eu sou um filho seu,  
Neste mundo pecador.

Meu Divino Pai do Céu,  
Meu Soberano Senhor,  
Perdoai as minhas culpas  
Pelo Vosso santo amor.



Meu Divino Pai do Céu,  
Soberano Onipotente,  
Perdoai as minhas culpas  
E vós perdoe aos inocentes.

Eu confesso os meus pecados  
E reconheço os crimes meus.  
Eu a vós peço perdão,  
Ao meu Divino Senhor Deus.

Já para os dias dos Santos Reis, além da Confissão, Mestre Irineu apresentou outro hino, para ser executado no final do trabalho, o de número 25 – *Oferecimento*. Este hino marca a finalização do calendário dos rituais do Daime a cada ano e só deve ser cantado nessa data.

25 - OFERECIMENTO  
(Mestre Irineu)



Oh! Minha Virgem Mãe!  
Oh! Virgem Mãe de Deus!  
Olhai para mim,  
Que sou um filho seu,

Perdoai as minhas culpas  
Pelo vosso santo amor.  
Olhai para mim  
Neste mundo pecador.

Oh! Minha Virgem Mãe,  
Botai-me a vossa bênção!  
Olhai para mim



Neste mundo de ilusão.  
Oh! Minha Virgem Mãe,  
É vós quem me dá a luz!  
Me dai a salvação  
Para sempre, amém, Jesus.

Eu ofereço estes cânticos  
Que agora se cantou  
Ao Rei e à Rainha  
Do universo Criador.

Depois de executado o hino 25 – *O Oferecimento*, formam-se filas distintas entre homens e mulheres, para a “entrega dos trabalhos”. Essa “entrega” consiste em cada participante, fardado ou não fardado, chegar à frente da fila (respectivamente masculina ou feminina), junto ao comandante masculino do salão ou da comandante feminina, fazer o sinal de continência com a mão esquerda (levantando e baixando o braço), que logo é respondido pelo mesmo movimento do comandante. Deve então enunciar os dizeres da entrega e para agilizar os procedimentos, quando há um grande número de participantes, são designados um ou mais representantes dos comandantes para receber a entrega de outras filas. Terminados os recebimentos, os representantes se dirigem ao comandante e fazem uma nova entrega, representando todos. O comandante faz então o mesmo para o Presidente da casa. Após a entrega, o ritual continua com todos entrando em forma para fazer as preces de encerramento. Há também outra versão para este ritual, onde a entrega é feita após o encerramento do trabalho.

A entrega dos trabalhos ganhou novos contornos na década de 1960, quando Mestre Irineu propôs que a irmandade entregasse o número de preces que havia feito no ano, idealmente num total de 20.000. Segundo alguns, o motivo para esse esforço de contagem seria o de amenizar os conflitos que surgiam no convívio cotidiano dos seguidores – Mestre Irineu propunha que os participantes da irmandade passassem mais tempo rezando do que falando mal um do outro. Outros consideram que a con-



tagem da prática não seria usada somente para esse fim, mas também para controlar a mente e fortalecer a irradiação da prece (Comunicação Pessoal de Lourdes Carioca em Junho de 2007).<sup>83</sup> João Rodrigues e D. Percília explicam o processo em suas palavras:

Geralmente a comandante das mulheres recebe das mulheres. Ela pode destacar outra pessoa para receber as que estão à paisana, ou ela pode receber de todas também. Isso é só uma questão de hierarquia, digamos assim, de aproveitar o tempo.

Assim é também com os homens, aí, repassam para o presidente. O sinal é feito com um movimento rápido, levantando a mão esquerda de ambos: de quem está recebendo e quem está entregando.

Os dizeres da entrega é que variam um pouco. A pessoa chega em frente de quem está recebendo e diz: "Recebi os meus trabalhos do ano... na santa paz de Deus e na santa paz de Deus eu entrego meus trabalhos, com (ou sem) alteração."

A pessoa que vai saber se teve alteração no seu trabalho ou não. Mas, geralmente se entrega com alteração.

Em relação às preces, geralmente quem está recebendo pergunta. Porque as pessoas geralmente se esquecem de entregar. São poucos que entregam contadas. E quem está recebendo os trabalhos diz: "Recebo na santa paz de Deus suas orações e na santa paz de Deus, entrego mais 20 mil orações para o próximo ano."

Isso tudo é antes de encerrar o trabalho, após a entrega se encerra o trabalho<sup>84</sup> (João Rodrigues)

Sempre, ninguém pode dizer que não tem alteração, é por que tem, não é?

Alteração é encrenca, são desavenças, são desentendimentos em casa, fora ou com a irmandade, seja com quem for, é qualquer alteração, é isso aí é que é alteração.<sup>85</sup> (Percília)

Outro ritual proposto por Mestre Irineu foi o de batismo no Daime, introduzido em meados da década de 1930. A partir de então, os filhos de seus seguidores passaram a ser batizados por ele. No batismo concebido por Mestre Irineu, usa-se sal, água e daime, colocados sobre uma mesa em pequenas vasilhas, bem como um facho de algodão. A criança é acompanhada dos



padrinhos que ficam em torno da mesa. Os demais participantes do ritual, que deveriam ser de três a nove pessoas, segurando velas acesas na mão, rezam em voz suave o Pai Nosso e a Ave Maria. O oficiante, postado ao centro da mesa, primeiramente pega um chumaço embebido com daime, chama a criança pelo nome completo proposto pelos pais e em seguida espreme o chumaço em seus lábios, dizendo: "Eu te batizo com o daime que é luz para te guiar na vida espiritual. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo." O oficiante dá prosseguimento ao ritual pegando outro chumaço com um pouco de sal, e novamente chama a criança pelo nome completo, dizendo: "Eu te batizo com o sal para teres força de lutar contra as adversidades, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo". Para finalizar, o oficiante repete a mesma operação, só que agora com água, e mais uma vez, chama a criança pelo nome completo, dizendo: "Assim como São João batizou Jesus no Rio Jordão, eu te batizo com água em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém". O ritual de batismo no Daime geralmente é feito após os trabalhos de bailado realizados nos dias de São João e Natal.

Sempre ele fazia batismos na data de São João e Natal. Mas uma coisa que ele nunca gostou foi fazer batismo à meia noite [...] ele só fazia ao amanhecer do dia.

Ele disse que era pra dar felicidade ao inocente, né? Com a luz do sol é que vem trazer a luz da memória, da saúde, dá tudo de bom pra aquela criança, né? E não à noite. A noite só tem escuridão né?

Não tem luz, então, a história é essa.<sup>86</sup> (Percília)

Na mesma época em que constituiu um ritual de batismo, Mestre Irineu também consolidou um ritual fúnebre, a Missa, onde se canta um grupo de hinos especialmente selecionados para esse tipo de ocasião. O ritual consistia em um grupo sentado velar o corpo, cantando esses hinos, só se levantando para o último. A cada hino, intercalam-se três Pais Nossos e três Aves Maria e uma Salve Rainha. Após a celebração da Missa, continuava-se velando o corpo, cantando outros hinários e encerrando-se com o de Mestre Irineu. Este pode ser cantado ou terminado junto à cova do morto, enquanto os presentes jogam terra por cima do caixão, terminando o hinário com o túmulo já bastante preenchido.



Na Vila Ivonete, não se tinha um espaço próprio para enterrar os seguidores, e os enterros eram feitos no cemitério municipal de Rio Branco, o São João Batista. Quando Mestre Irineu se mudou para a colônia Espalhado, na Estrada Custódio Freire, criou no Alto um espaço para o cemitério, chamado “Palmeiral” devido às suas muitas palmeiras.<sup>87</sup> Lá os mortos eram velados na sede e depois carregados pela irmandade até o espaço do cemitério. Antes do final da década de 1940, Mestre Irineu, devido à queixa de um agricultor vizinho da Custódio Freire, denominado José Benício, foi chamado à polícia para responder a um inquérito por criar um cemitério particular. Na queixa de José Benício, constava que Mestre Irineu estava enterrando crianças e lançava-se a suspeita de que ele as teria matado (comunicação pessoal de João Rodrigues em Junho de 2006). Esse é mais um exemplo do preconceito sofrido por Mestre Irineu e o Daime, numa época em que grande parte da população de Rio Branco via seu culto com suspeitas, acusando-o e seus seguidores de praticarem “macumba”. Fala-se que Mestre Irineu foi à polícia e respondeu às acusações, levando à suspensão do inquérito. É provável que a criança tenha sido filho de um dos seus seguidores e, assim, enterrada no Palmeiral. O problema estava na irregularidade do cemitério, mas, diante da existência de outros cemitérios comunitários sem registro, a questão foi arquivada.

Mestre Irineu também propôs ou aceitou inovações nos passos do bailado de alguns hinos. Foi, por exemplo, o caso do hino 36 – *Amigo Velho*, do seu hinário *O Cruzeiro*. Durante um período, o bailado desse hino era iniciado em passo de “Marcha”, mas, quando se chegava ao estribilho, o passo e a direção mudavam e, em vez de dançar lateralmente, os participantes dirigiam-se para a frente e os homens e as mulheres se cumprimentavam. Porém, a presença de uma mesa/altar no centro do salão, causava dificuldades, levando à suspensão dessa novidade (Comunicação pessoal feita, em fevereiro de 2007, a Paulo Moreira por Veriana Brandão, seguidora de Mestre Irineu desde a década de 1930).



### 36 - AMIGO VELHO

(Mestre Irineu)



Chegou seu amigo Velho,  
Chegou sem ser chamado.  
Para sempre, amém Jesus,  
Para sempre ser lembrado

← ESTRIBILHO (5x)  
(Mudança de Passo)

A minha Mãe que me mandou,  
Eu sou filho estimado.  
Quem seguir na minha linha  
Segue limpo e não errado.

O Patriarca São José  
Todo mundo se esqueceu.  
Jesus, filho de Maria,  
Com o Divino Senhor Deus.

Patriarca São José,  
Vós, esposo de Maria,  
Que o Divino Pai lhe deu  
Para a Vossa companhia.

Viveram honestamente  
Dentro da soberania.  
Jesus, quando nasceu,  
Foi na vossa companhia.

Aconselho todo mundo  
Para seguir na verdade,  
Saindo desta linha  
Não espere ser chamado.





O Divino Senhor Deus  
Foi quem me mandou dizer  
Que nós somos filhos eternos,  
Somos, somos e deve ser.  
Nós somos filhos eternos,  
Somos, somos e deve ser.

Nesse período, sob o efeito da bebida, João Pereira recebeu também um passo diferenciado dos outros praticados no ritual. Esse passo deveria ser executado quando os participantes do bailado passassem dificuldades sob os efeitos da bebida. A execução do passo foi autorizada por Mestre Irineu. Assim, João Pereira, por ter a patente de General, ficou conhecido como General do Conforto, devido a seu passo. Este consistia em sair da fila durante qualquer hino executado em marcha, dando pequenas passadas para frente, fazendo um caminho circular em torno do salão. Primeiramente, ele passava pelas fileiras femininas e depois pelas fileiras masculinas, retornando ao seu lugar no final do hino ou no final de uma sequência de hinos em ritmo de marcha. Fala-se que o efeito confortante que trazia para os que estavam sofrendo era imediato. João Pereira executou esse passo até o final da década de 1940. Depois desse período, acometido de uma grave doença, não se dispôs mais a executá-lo. Zé Dantas fez o seguinte relato sobre esse passo de João Pereira:

O General do Conforto era o João Pereira. O posto estava com ele. Ele é quem deveria dar o conforto e não outro. Então era ele que fazia o passo valseado no meio do salão, confortando os irmãos, aqueles que estavam necessitados.

Era em qualquer um hino que ele achasse que tinha precisão de sair do salão. Ele saía, bem entendido, o hino deveria ser marcha. [...] Ele circulava geral. [...] Ele saía do canto dele, ia pela fila dos homens, rodeava pela das mulheres, vinha e encerrava o círculo no lugar dele que era positivo. [...] Era pra fechar a harmonia do conforto.

Sempre acompanhando do maracá, como se ele estivesse no canto dele, era de imediato bailando. Ele firmava o passo aqui, e pegava, e saía como quem ia bailando.<sup>88</sup>



## Notas

- 1 Acreditamos que foi a partir do momento que nosso protagonista começou a realizar trabalhos públicos e a liderar uma comunidade religiosa em Rio Branco que ele passou a ser popularmente conhecido como Mestre Irineu. O título Mestre é popularmente atribuído a pessoas que se destacam em seus ofícios, mas era também empregado para denominar os curandeiros “chefes da ayahuasca”. Fala-se que Mestre Irineu brincava com esse título, dizia que as pessoas o chamavam de Mestre, porque ele era mestre de carpintaria.
- 2 José das Neves em entrevista ao Jornal *O Varadouro*, ano 4, n. 20, p. 5, abr. 1981.
- 3 Entrevista de Luiz Mendes a Beatriz Labate em fevereiro de 2007.
- 4 Atualmente utilizam-se duas grafias diferentes para esse nome: Marachimbé e Maraximbé. Escolhemos a segunda opção por ser a utilizada em estudos botânicos sobre a planta que leva o mesmo nome, já que acreditamos ser possível que originalmente a entidade relacionada à peia no Daimé tenha sido associada à espécie vegetal de igual denominação. Diversas espécies botânicas recebem esse nome popularmente, sendo chamadas também de “catingueira” ou “caneleiro”. A *Cenostigma macrophyllum* é uma angiosperma pertencente à família Leguminosae, subordinada à subfamília Caesalpinioideae e incluída na tribo Caesalpinieae que possui 47 gêneros, entre os quais se inclui o *Cenostigma Tul*; constituído de quatro espécies de hábitos arbóreos e arbustivos distribuídas nas formações de mata, cerrado e caatinga das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste do Brasil. Das quatro espécies identificadas, *Cenostigma tocantinum* Ducke, *Cenostigma gardnerianum* Tul., *Cenostigma macrophyllum* Tul., *Cenostigma sclerophyllum*, somente a última, que ocorre no Chaco paraguaio, não é exclusivamente brasileira. <<http://www.fapepi.pi.gov.br/novafapepi/sapiencia10/pesquisa1.php>>.
- 5 Entrevista com Adália Granjeiro, em março de 2007.
- 6 Esta lista e os títulos dos “Chamados” são o resultado da pesquisa feita a partir das lembranças de João Rodrigues (Nica), Pedro Matos, Paulo Ferreira Lima, Adália (Gomes) Granjeiro, Luís Mendes do Nascimento, Lourdes Carioca e José Dantas. Partimos da confrontação dos relatos dos entrevistados para chegar a uma lista de consenso de títulos desses “Chamados”. Podem haver mais “Chamados” do Mestre Irineu, não catalogados nesta lista, mas, partindo-se da memória desses entrevistados foram levantados somente este doze.
- 7 A terminação “Nawa” é típica do tronco linguístico Pano, quer dizer; gente, homem ou pessoa. Segundo J. Capistrano de Abreu no seu livro “Rã-Txa Hu-ni-ku-i: Gramática, texto e vocabulários kaxinawá”, a palavra “Paka” quer dizer: Taboca, bambu, taquara (ABREU, 1941, p. 544, 600); já, a palavra “Conxi” ou “Cuxi” quer dizer: Forte, força, duro (ABREU, 1941, p. 534, 584); e a palavra “Nawá” ou “Nawa” como já falamos, quer dizer: Homem, gente, povo, pessoa (ABREU, 1941, p. 535, 594). Desta forma, o conjunto da expressão, Pakaconxinawá, quer dizer: Homem da taboca forte ou gente da taboca forte.
- 8 A região do município de São Vicente Férrer, no Maranhão, terra natal de Mestre Irineu, era ocupada inicialmente por indígenas conhecidos localmente como Tapuias e Guajajaras (tronco linguístico Tupi), antes do processo de catequização.
- 9 Entrevista com Pedro Matos em março de 2007.
- 10 Iaiá (Senhora Virgem, ou, senhorinha - iorubá), Paxá, Barum, Marum e Begê (ibeji – espírito de criança – iorubá)



- 11 Existe uma polêmica em torno da grafia desta palavra, alternativamente escrita nas formas Juramidam, Juramidam e Juramidã. Já que o Daime constituiu-se como uma cultura de tradição oral, não haveria uma autoridade “nativa” à qual recorrer para resolver esse impasse. Assim resolvemos seguir modelos da norma culta do português, onde palavras terminadas com “a” nasal são escritas com til, a exemplo de maçã, irmã e imã.
- 12 O termo “recebido” é muito utilizado no Daime para denotar que as canções são provenientes do astral e não “inventadas” propositalmente.
- 13 Entrevista de Luiz Mendes à Beatriz Labate em fevereiro de 2007.
- 14 Entrevista de Otilia, esposa de Daniel Serra, em janeiro de 2007 em São Luís-MA.
- 15 Entrevista com Daniel Serra em janeiro de 2007, em São Luís-MA.
- 16 Comunicações pessoais de Lourdes Carioca, Adália Gomes e Paulo Serra feitas em julho de 2007.
- 17 “Uso associado” é uma categoria que propomos para identificar outros usos de substâncias ligadas ao consumo de daime.
- 18 A respeito ver: Weiss (1969), Naranjo (1983, p. 47-67), Mckenna, Towers e Abbott (1984, p. 195-223), Gates (1986, p. 49, 73), Ott (1994), Luz (2002, p. 45) e Mabitt (2002, p. 146, 152, 154-155).
- 19 Esse modo de preparar é diferente daquele adotado entre os índios. Estes usam uma espécie de batata que é cuspidada na macaxeira e deixada para fermentar durante alguns dias, tampouco temperam com gengibre, erva doce ou açúcar.
- 20 Entrevista com Valcívrio Granjeiro em fevereiro de 2007.
- 21 Entrevista de Percília Ribeiro a Jair Facundes em 2003.
- 22 Sandra Goulart (2004, p. 72) aponta para alguns destes remédios.
- 23 Entrevista com Adália Gomes, filha de Antônio Gomes em março de 2007.
- 24 Entrevista de Percília Ribeiro dada a Antônio Macedo em 1999.
- 25 Michael Taussig (1993, p. 369-371) em Xamanismo e Colonialismo e o Homem Selvagem: um estudo do terror da cura aborda a cura com o iagé, no universo vegetalista colombiano, do feitiço e da inveja.
- 26 Transe Xamânico é um estado de transe alcançado pelo xamã. “A palavra xamã tem suas raízes ontológicas na Sibéria na cultura dos tungues. Como substantivo a palavra tungue ‘samam’ deu origem a ‘xamã’, significaria excitado, comovido, alterado. Como verbo ela quer dizer ‘conhecer de forma extática’. O xamã é uma figura carismática por excelência, ou melhor, aquele que revela a presença do sagrado quando se encontra num estado de transe extático.” (LINDHOLM, 1993, p. 184)
- 27 Esta estratégia de cura, segundo Levi-Strauss, pode ser melhor apreendida através do conceito psicanalítico de ab-reação; ou seja, “o momento decisivo no tratamento, quando o paciente revive intensamente a situação inicial, a partir da qual seu distúrbio se originou, antes que ele finalmente o supere.” O xamã para Levi-Strauss (1989) é um ab-reator profissional. De certa forma, todos os xamãs da tradição vegetalista podem ser considerados ab-reatores, assim como Mestre Irineu.
- 28 Ver: Weber (1991, p. 158-159), para uma discussão relevante a isso.
- 29 O verbo “provocar” é usado na região muitas vezes para significar “vomitar”.
- 30 Entrevista com Paulo Ferreira Lima em março de 2007.



- 31 Entrevista de D. Percília Ribeiro dada a Jair Facundes em 2003.
- 32 Entrevista de D. Percília dada a Eduardo Gabrich em: <www.mestreirineu.org>.
- 33 Segundo Facundes, João Rodrigues tem a cópia deste caderno de Daniel.
- 34 Comunicação feita por Jair Facundes a Edwaer MacRae em email, enviado em 2009. Aqui Facundes deve se referir a determinados centros daimistas, pois em outros tais cerimônias são bastante frequentes.
- 35 Na perspectiva metodológica do antropólogo Bruno Latour, todos os aspectos ou fatores ligados ao fenômeno são considerados mediadores da cadeia de elementos que os interligam. Segundo Latour, se não nos interessa criar uma dicotomia grandiosa – crianças versus adultos, primitivos versus civilizados, homem versus natureza, só nos resta explicar o número de pontos ligados, a força da extensão de cada ligação e a natureza dos obstáculos. Para o autor, cada uma dessas cadeias é lógica, ou seja, vai de um ponto a outro, mas algumas cadeias não associam tantos elementos ou não conduzem aos mesmos deslocamentos. Na verdade, para Latour, fomos da lógica (esse caminho é reto ou torto?) para a socio-lógica (esta associação é mais fraca ou mais forte?). Segundo sua metodologia, a única coisa que podemos fazer é observar tudo o que está atado às afirmações. Ou seja, como são feitas as atribuições de causas e efeitos; que pontos estão interligados; que dimensões e que força tem essas ligações; quais os mais legítimos porta-vozes; como esses elementos são modificados durante a controvérsia. (LATOOUR, 1997, p. 330-331)
- 36 Acreditamos que aqui a entrevistada se refere ao bactericida “Sulfa”.
- 37 Entrevista concedida a Paulo Moreira por Edilza, filha de Loredó, em março de 2007, no Barro Vermelho, Rio Branco-Acre.
- 38 Comunicação pessoal de Lourdes Carioca e Pedro Mattos, dada a Paulo Moreira em julho de 2007.
- 39 Concordamos aqui com a hipótese apresentada por L. Silva, segundo a qual “a peia se constitui como uma experiência essencialmente simbólica de caráter polissêmico ou múltiplo, não limitada somente à ideia de castigo. A sua interpretação e significação estão intimamente relacionadas com as noções de cura e doença, e tem como implicação principal a ordenação simbólica dos adeptos. Os efeitos purgativos comuns à bebida são significados e interpretados a partir de um sistema de valores que prioriza o bem, a luz, a “verdade”, em detrimento do mal, das trevas e da “ilusão”. A peia tem, assim, ação coercitiva e mediadora, agindo no sentido de promover o aprimoramento da conduta dos adeptos segundo o modelo idealizado pelos fundadores. A peia, enfim, não se constitui como um fenômeno a priori, é produto cultural das experiências idiossincráticas dos líderes e demais daimistas e, dessa forma, tem também importância histórica e pedagógica, na medida em que peias marcantes são lembradas como momentos de dificuldades”. (SILVA, 2004, p. 3)
- 40 Entrevista de Paulo Serra concedida a Paulo Moreira em julho de 2007.
- 41 Entrevista com Percília Ribeiro dada a Antônio Macedo em 1999.
- 42 Entrevista de Percília Ribeiro dada a Antônio Macedo em 1999.
- 43 Curiosamente Mestre Irineu quando recebeu o hino 52 – A febre do amor - determinou o limite de hinos que completariam O Cruzeiro, no seguinte verso: “Completei o meu Cruzeiro com cento e trinta e duas flores, se tiver alguma a mais, vós acrescente o meu amor”.
- 44 “Diversões” são cinco canções que Mestre Irineu recebeu para serem cantadas em intervalos de rituais, em ocasiões festivas.



- 45 "O Divino Pai Eterno / Quem me deu este poder / De ensinar as criaturas / Conhecer e compreender; A Virgem Mãe me deu / O lugar de professor / Para ensinar as criaturas / Conhecer e ter amor; Jesus Cristo me mandou / Para mim viver aqui / Sou eu, sou eu, sou eu / Sou eu, sou bem feliz". Trecho do hino 28 – *Eu Quero Cantar Ir* do hinário *O Cruzeiro* de Mestre Irineu (ver em Anexo B).
- 46 "Virgem Mãe foi quem me deu / Ensinar aos meus irmãos; Deus do céu foi quem mandou / Deus do céu foi quem mandou a luz." Trecho do hino 30 – *Devo Amar Aquela Luz* do hinário *O Cruzeiro* de Mestre Irineu (ver em Anexo B).
- 47 "Eu canto é com alegria / A minha Mãe que me mandou; A minha Mãe que me mandou Trazer santas doutrinas". Trecho do hino 38 – *Flor de Jagube* do hinário *O Cruzeiro* de Mestre Irineu (ver em Anexo B).
- 48 "A Virgem Mãe que me ensinou / A Virgem Mãe foi quem me deu". Trecho do hino 44 – *A Virgem Mãe Que Me Mandou* do hinário *O Cruzeiro* de Mestre Irineu (ver em Anexo B).
- 49 "Vós mandou para mim / Ensinar os meus irmãos". Trecho do hino 61 – *Rainha da Floresta* do hinário *O Cruzeiro* de Mestre Irineu (ver em Anexo B).
- 50 "Esta luz é da floresta / Que ninguém não conhecia / Quem veio me entregar / Foi a Sempre Virgem Maria; Quando Ela me entregou / Eu gravei no coração / Pra replantar santas doutrinas / E ensinar os meus irmãos; Eu agora recebi / Este prêmio de valor / De São José, da Virgem Mãe / De Jesus Cristo Redentor". Trecho do hino "65 – *Eu Vou Cantar*" do hinário *O Cruzeiro* de Mestre Irineu (ver em Anexo B).
- 51 "Minha Mãe Minha Rainha / Foi Ela que me entregou / Para mim ser jardineiro / No jardim de belas flores". Trecho do hino "79 – *Jardineiro*" do hinário *O Cruzeiro* de Mestre Irineu (ver em Anexo B).
- 52 "Dono de todo poder / E dono da força maior / É Ele é quem me ensina/ Para ensinar os menores". Trecho do hino "106 – *Fortaleza*" do hinário *O Cruzeiro* de Mestre Irineu (ver em Anexo B).
- 53 "A minha Mãe que me ensina / Que me entrega este poder / Tomo conta e dou conta / E eu não posso me esquecer." Trecho do hino 109 – *Tudo, Tudo* do hinário *O Cruzeiro* de Mestre Irineu (ver em Anexo B).
- 54 "A Virgem Mãe é soberana / Foi Ela quem me ensinou / Ela me mandou pra cá / Para ser um professor". Trecho do hino 125 – *Aqui Estou Dizendo* do hinário *O Cruzeiro* de Mestre Irineu (ver em Anexo B).
- 55 "O chefe que veio à Terra / Como Mestre ensinador / Recebeu esta missão / Que a Virgem Mãe lhe entregou". Trecho do hino 09 – *O Chefe Que Veio a Terra* do hinário de Antônio Gomes (ver em Anexo C).
- 56 "A Virgem Mãe Puríssima / Mandou o Mestre aqui / E ele veio para nos ensinar / Com amor e com alegria / Todos nós devemos acompanhar; Acompanhemos meus irmãos / O nosso Mestre ensinador / Que ele veio para nos ensinar / E a Virgem Mãe foi quem nos mandou". Trecho do hino 11 – *A Virgem Mãe Puríssima* do hinário de Antônio Gomes (ver em Anexo C).
- 57 "Jesus Cristo Redentor / É o dono destes ensinamentos / Mandou o nosso Mestre / Para seguir o seu destino; A Sempre Virgem Maria / Foi quem veio lhe acompanhar / Mandou o vosso filho / Para sempre nos guiar". Trecho do hino 14 – *Jesus Cristo Redentor* do hinário de Antônio Gomes (ver em Anexo C).



- 58 “A Rainha ao nosso Mestre / Ela entregou todo poder / Para ele nos dar a luz / Para nós se defender; Este poder quem mandou / Foi nosso Rei Onipotente / Para entregar ao nosso Mestre / Porque Ele é competente”. Trecho do hino 17 – *A Rainha Ao Nosso Mestre* do hinário de Antônio Gomes (ver em Anexo C).
- 59 “Esse Mestre que está aqui / Entre nós ele é uma flor / Com todo poder na mão / De Jesus Cristo Redentor; Desde do seu nascimento / Que ele trouxe o seu valor / Com a Virgem Mãe Puríssima / Que o Divino Pai talhou”. Trecho do hino 23 – *Esse Mestre Que Está Aqui* do hinário de Antônio Gomes (ver em Anexo C).
- 60 “Jesus Cristo veio ao mundo / Terminou o que veio fazer / Entregou ao nosso Mestre / Ele tem o mesmo poder”. Trecho do hino 30 – *Recebemos Com Amor* do hinário de Antônio Gomes (ver em Anexo C).
- 61 Entrevista de Percília Ribeiro dada a Antônio Macedo em 1999.
- 62 A valsa-serenata “Ave Maria” foi composta por Erothides de Campos. Fala-se que foi seu primeiro sucesso no cenário da música popular brasileira. O autor nasceu em 15 de outubro de 1896 na cidade de Cabreúva. Sabe-se que ele passou a maior parte da vida em Piracicaba, cidade onde veio a falecer em 20 março de 1945. Ele era compositor, músico de vários instrumentos. Foi professor de física e química na Escola Normal Sud Mennucci. De sobrenome Neves pelo lado materno, ele usava o pseudônimo Jonas Neves quando fazia letras, como é o caso desta canção, que muitos pensam ser de duas pessoas. Erothides de Campos compôs a valsa-serenata Ave Maria em 1924. Dois anos depois chegou ao disco na voz de Pedro Celestino. Mas foi somente a partir de 1939, com a gravação de Augusto Calheiros, depois Alvarenga e Ranchinho em 1941 e novamente com Francisco Alves em 1947, que a canção começaria a se fazer notar mais amplamente no Brasil. Ele seguramente deixou mais de 230 composições, que abrangem formas musicais variadas: valsas, choros, maxixes, marchinhas, tangos, sambas.
- 63 Ver a discussão de Moreira (2008) sobre a criação por Mestre Irineu de um habitus religioso em torno do consumo do daime, seguindo os argumentos de Bourdieu (2001, 2002) e Mauss (2003).
- 64 Fala-se que Mestre Irineu sentia dores reumáticas quando estava em Brasileia, e que lhe foi indicado o uso da seiva do mururé. Sem saber a dosagem, Mestre Irineu tomou mais de meio copo da seiva. Pouco depois ele caiu no chão com dor pelo corpo todo e febre alta. Passou um dia e meio sentindo os efeitos da seiva do mururé. Quando se sentiu recomposto, dirigiu-se a casa do senhor que lhe tinha indicado a seiva. Indignado com sua experiência, diz-se que sentia até vontade de bater nele, mas, acalmado-se, ouviu sua explicação. O senhor disse que não sabia a dosagem certa, que só tinha ouvido falar no remédio, que era bom para dores de reumatismo. Mestre Irineu deste dia em diante ficou bom das dores reumáticas e descobriu que a dose correta seria uma colher de sopa. (Entrevista com Saturnino, filho de Luís Mendes, em de janeiro de 2007).
- 65 Fala-se que D. Francisca morreu em 1938, e que ela estaria enterrada no cemitério público João Batista de Rio Branco. Procuramos levantar mais dados sobre D. Francisca, tentando saber sobre sua família, sua ascendência e de que local do Ceará ela vinha. Chegamos até a investigar o arquivo do cemitério, mas vários cadastros foram perdidos na década de 1940, devido a uma infiltração no telhado do prédio. A grande quantidade de túmulos e a falta de identificação em muitos deles desestimularam a busca lápide a lápide.
- 66 Entrevista com Paulo Serra em novembro de 2006.



- 67 A Igreja em que ele casou foi demolida e se construiu outra nas proximidades. A igreja que foi construída em seu lugar teve suas obras iniciadas na década de 1950. Então, quando se fala da Igreja Matriz na certidão de casamento, esta não corresponde à atual Igreja Matriz construída na década de 1950 no centro de Rio Branco. A primeira Igreja Matriz era feita de madeira, perto do local onde construíram a atual, de alvenaria.
- 68 Conteúdo do documento: Aos trinta e um dias do mês de julho de mil novecentos e trinta e sete, pelas oito horas da noite, nesta igreja matriz da freguesia Rio Branco. Depois de habilitados canonicamente, por palavras dos presentes na forma do ritual em minha presença e das testemunhas de João Baptista Lopes, Wagib Elir Jacury, Benjamim Rachide Amim, Raymunda da Amunicação de Oliveira. Receberam-se em matrimônio os contraentes Raymundo Irineu Serra e Raimunda Marques Feitosa, ele com 44 anos de idade, solteiro, filho legítimo de Sancho Martins de Mattos e Joana de Assunção Serra, batizado na Freguesia de São Vicente de Férrer, Maranhão e ela com dezenove anos de idade, solteira, filha legítima de Marcollino Marques e Maria Marques, batizada na Freguesia de Cajapió, Maranhão. Moradores nestas Colônias. E para constar lavrou-se esse assentamento que assino O Vigário, Carlos Cumerlato – n. do DOCUMENTO 253.
- 69 João Pereira nessa época trabalhava com transporte de cargas usando um carro de boi.
- 70 A respeito ver: Luna (1986) e Taussig (1993).
- 71 Entrevista com Paulo Serra em março de 2007.
- 72 No ritmo da marcha, os participantes do baile movimentam-se lateralmente dois passos para direita e depois dois passos para esquerda, girando o tronco conjuntamente na direção dos passos. A valsa diferencia-se da marcha por seu ritmo ternário (três tempos), onde os participantes fazem movimentos pendulares para esquerda e para direita, movendo o ombro e mantendo o corpo no mesmo lugar; levantam o pé levemente nos dois tempos iniciais, abaixando-o no terceiro tempo (tempo forte) alternando o pé direito e o pé esquerdo. O passo da mazurca se distingue da marcha (de quatro tempos) e da valsa (de três tempos), por ser executada em seis tempos (musicalmente fala-se seis por oito). Geralmente, inicia-se o passo da mazurca para esquerda (como também os outros dois passos descritos), girando o corpo completamente para mesmo lado, dão-se então três passos nessa direção, depois gira-se o corpo para o lado direito e faz-se o mesmo movimento de volta. Repetem-se esses movimentos até o final da música.
- 73 Entrevista com Adália Granjeiro em 24 de fevereiro de 2007.
- 74 Fala-se que à época da introdução das fardas por Mestre Irineu não havia um ritual específico para o fardamento. Simplesmente era comunicada a vontade ao Mestre, e este marcava o dia.
- 75 Entrevista de Percília Ribeiro a Antônio Macedo em 1999.
- 76 Ver em Moreira (2008), uma discussão sobre os rituais daimistas em termos das categorias de reforço, neutralização e inversão, propostos em Da Matta (1991, p.50).
- 77 Entrevista com Zé Dantas em Porto Velho em julho de 2007.
- 78 Galpão coberto de palha, característico da região.
- 79 Entrevista de Percília Ribeiro dada a Antônio Macedo em 1999.
- 80 Os pais de Wilson, Manoel (irmão de Damião) e Lúcia (da etnia kashinawá) morreram quando ele era ainda jovem. Maria Damião teve que fazer uma procuração em meados da década de 1940 ao juizado de Boca do Acre para ter a guarda de Wilson.
- 81 Entrevista de Percília Ribeiro dada a Antônio Macedo em 1999.



- 82 Para benzer-se, dentro da tradição de Mestre Irineu, começa-se com o polegar da mão direita em cima da testa, depois, desce-se o dedo pelo rosto até a ponta do queixo, dizendo: “pelo sinal da santa cruz”. Depois se coloca o mesmo polegar na linha acima das sobancelhas, e cruza-o da esquerda para a direita, dizendo: “Livre-nos Deus Nosso Senhor”. Logo, continua-se com o polegar fazendo uma cruz em cima da boca, desta vez dizendo: “Dos nossos inimigos”. Prossegue-se colocando novamente o polegar em cima da testa, em seguida, ele é levado ao umbigo, dizendo-se: “Em nome do Pai (testa), do Filho (umbigo)”. Em seguida deve-se cruzá-lo do ombro esquerdo para o direito dizendo: “Do Espírito Santo, amém”. Termina-se o ato de benzimento com as mãos estendidas ou beijando-se as pontas do dedo da mão direita. (Comunicação pessoal de Lourdes Carioca, Março de 2007).
- 83 Atualmente a questão da entrega dos trabalhos recebe diferentes interpretações de diferentes membros e autoridades do Daime. Encontram-se diferentes concepções do que seriam as “alterações”. Alguns consideram que qualquer pequeno desentendimento entre os membros da comunidade configuraria uma “alteração”, outros acreditam que estas se refiram somente a grandes e graves problemas. Tampouco se costuma atualmente contar o número de preces.
- 84 Entrevista com João Rodrigues em março de 2007.
- 85 Entrevista de Percília Ribeiro com Jair Facundes em 2002.
- 86 Entrevista de Percília Ribeiro dada a Antônio Macedo em 1999.
- 87 Em nossa pesquisa procuramos saber da prefeitura de Rio Branco a respeito do registro do cemitério Palmeiral. Lá, foi-nos dito que esse cemitério, assim como mais uns vinte nos arredores do município, não tinha registro. Sabia-se da existência deles, mas, eram considerados como sendo comunitários. Atualmente, já é possível fazer o documento de óbito no cartório com o nome do cemitério comunitário. Mas, na época, poucos óbitos eram registrados, documentando somente os que davam entrada no Cemitério João Batista. Levando isso em consideração, procuramos, no cartório geral de Rio Branco, os registros de óbito de Maria Damião, João Pereira, Antônio Gomes, Germano Guilherme e outros seguidores de Mestre Irineu que estão enterrados no Palmeiral. Não se encontrou nenhum registro do cemitério, dos óbitos desses seguidores e nem do inquérito respondido pro Mestre Irineu.
- 88 Entrevista com Zé Dantas em julho de 2007 - Porto Velho-RO.





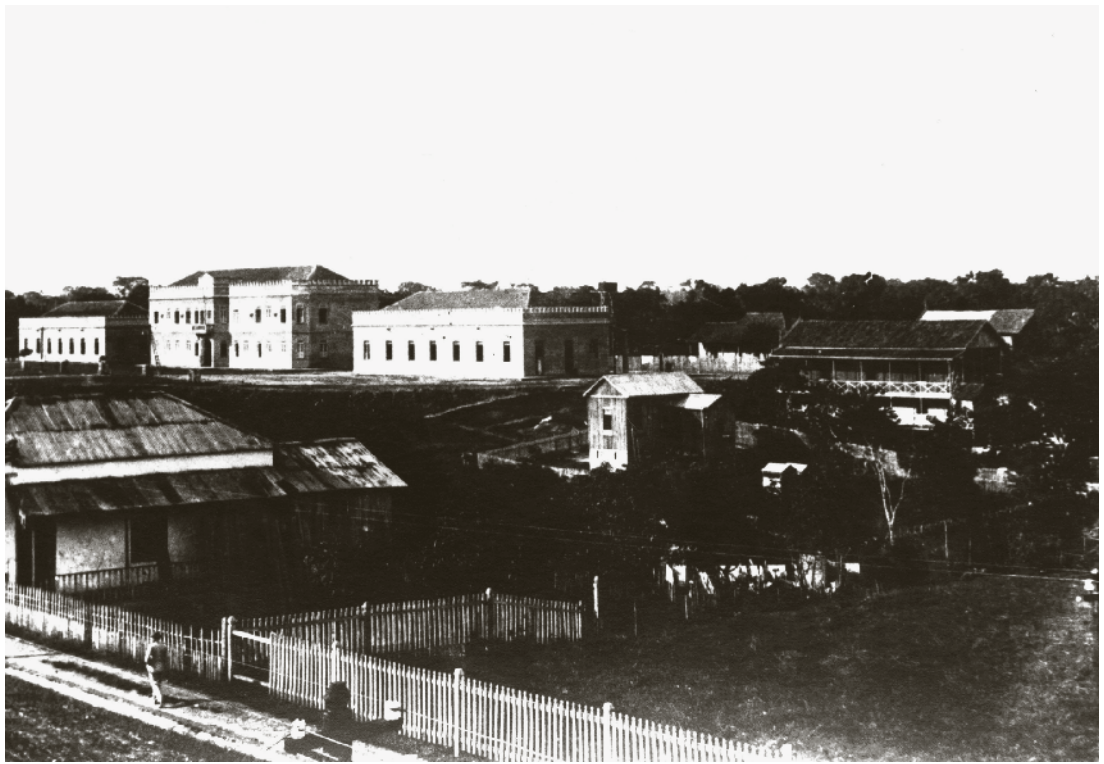


Mestre Irineu com o cajado e chapéu.

Capítulo 3

---

# A Construção do Alto Santo







## A Segunda Guerra Mundial e a Batalha da Borracha no Acre

A partir de 1913, os acreanos tiveram de conviver com a crise da borracha. Não se esperava que o Acre se tornasse novamente um grande exportador desse produto para nações como os Estados Unidos e a Inglaterra. No entanto, entre os anos de 1942 a 1945, período em que aconteceu a chamada “Batalha da Borracha”, durante a Segunda Guerra Mundial, a região voltou a ser procurada por esses países pela sua produção de “látex”. Nessa época, o Acre voltou a receber milhares de nordestinos, majoritariamente do Ceará e conhecidos popularmente como “Soldados da Borracha”, para trabalhar nos seringais. (SOUZA, 2005, p. 91) Cerca de 55.000 foram enviados para a Amazônia, com um precário apoio do Governo Federal que, mesmo assim, deixou de cumprir muito do que prometera ao incentivar essa mobilização. Os soldados da borracha não morreram na guerra, mas muitos tombaram nas armadilhas da floresta amazônica (doenças, assassinatos etc). As ações do governo não fizeram desaparecer as casas aviadoras que continuaram existindo e, recorrendo às suas velhas práticas de extorsão, abasteciam os seringalistas que, por sua vez, estabeleciam relações monopolistas no seu trato com os seringueiros.



Figura 37  
Serviço Especial de Mobilização de  
Trabalhadores para a Amazônia.



Nos seringais, os soldados da borracha se deparavam com as mesmas relações de dominação constituídas no primeiro surto da borracha. Recorrentemente, o contrato de trabalho, assinado entre seringueiros e seringalistas no modelo imposto pelo governo, era desrespeitado. No contrato reconhecia-se o direito do seringueiro ao plantio de seu roçado e às suas caçadas, mas ele era obrigado a trabalhar seis dias por semana na seringa, sobrando-lhe, assim, somente um dia para sua lavoura. Seus familiares poderiam trabalhar na agricultura o tempo que dispusessem. O contrato também previa a manutenção do salário do seringueiro durante a entressafra, quando deveria se dedicar à manutenção do seringal. Porém, nem esses termos eram obedecidos e o trabalhador continuava a ser impiedosamente explorado. Essa situação persistiu até o fim da guerra, em 1945. Nesse momento, os Estados Unidos, Inglaterra e França perderam seu interesse pela borracha produzida na região (SOUZA, 2005, p. 93) e a economia local entrou em nova crise. Recomeçou então o êxodo de ex-seringueiros rumo às cidades da região.





Figura 38 Passeata dos soldados da borracha.



Figura 39 Soldados da borracha.





Figura 40 Seringueiros.

Durante o período da guerra, a comunidade de Mestre Irineu foi tomada por muita apreensão, já que muitos de seus jovens foram convocados para lutar. Ao contrário dos nordestinos, os jovens recrutados no Acre não tinham escolha e eram enviados para o front. Ao mesmo tempo, o Acre recebia um novo fôlego econômico assumindo ares de prosperidade e patriotismo. Na época, Mestre Irineu chegou a reunir a irmandade para sessões em benefício dos jovens convocados. Entre estes estava seu cunhado, Antônio Tordo. Estes trabalhos consistiam em tomar daime concentrando-se e rezando silenciosamente em prol do necessitado. Zumira Gomes, em entrevista dada ao jornal *O Rio Branco*, falou sobre esses acontecimentos:

Esta preocupação de zelar pelos seus seguidores ficou demonstrada em várias passagens.

Quando um cunhado de Mestre Irineu foi convocado para seguir com as tropas brasileiras durante a Segunda Guerra Mundial, várias sessões foram feitas em seu benefício. Chegou até receber um hino em que pedia à Virgem Maria para defender os inocentes de todo aquele terror. O cunhado acabou sendo dispensado e voltando de Manaus, sem partir para os campos da Europa.<sup>1</sup> (GOMES, Z., 1984, p. 4)





O hino mencionado na narrativa é o 43 – O Prensor. Comumente tem-se dito que esse hino foi recebido por Mestre Irineu na época da guerra entre o Paraguai e a Bolívia. D. Percília Ribeiro deu vários depoimentos, como aquele publicado na Revista do Centenário do Mestre, falando nesse sentido. A chamada Guerra do Chaco<sup>2</sup> foi um conflito armado entre a Bolívia e o Paraguai, porém, chama-nos a atenção a data do conflito que ocorreu entre 15 de junho de 1932 e 12 de junho de 1935. Nessa época, segundo os relatos de antigos daimistas, inclusive o de D. Percília, Mestre Irineu teria apenas cinco hinos. Portanto, a data mais plausível para o recebimento do hino O Prensor, que é de nº43, seria o período da Segunda Grande Guerra, como sugere a narrativa de Zumira Gomes.

Vejamos abaixo esse hino, provavelmente marcado pela Segunda Grande Guerra, em que Mestre Irineu externa a sua crítica social com contundência pouco usual.

43 - O PRENSOR  
(Mestre Irineu)



O prensor que te aparece  
A pátria vai abraçar,  
Vai pra guerra, vai perder,  
A vida que Deus te dá.

Quem te fez não te mandou,  
O amor não empregou,  
O teu pai não conheceu.  
Vai derramar o teu sangue  
Que o Divino Pai te deu.

Meu Pai Divino do céu,  
Abrandai estes terrores  
Vós tenha compaixão  
Dos Vossos filhos pecadores.



Esse período presenciou também uma intensificação da perseguição ao Daime, e a pressão contra Mestre Irineu atingiu seu maior grau. No governo do Território Federal do Acre estava Luiz Silvestre Gomes Coelho, que governou de 25 de outubro de 1942 a 22 de fevereiro de 1946. Estava em curso o Estado Novo, de Getúlio Vargas, com clara inspiração fascista. Pregava-se por todo o Brasil os valores da ordem, do patriotismo, do cientificismo positivista e da eugenia branqueadora. Nesse quadro político-cultural, a comunidade de Mestre Irineu, formada em sua maioria por negros ou mestiços, usuários de uma bebida indígena de supostos poderes mágicos, passou a ser vítima de um preconceito ainda mais acirrado. Desde o seu início, o culto daimista fora estigmatizado como sendo “macumba”, e Mestre Irineu, temido por alguns por sua cor e sua avantajada estatura, era acusado de ser “macumbeiro”. O seu costume de indicar casamentos entre os seguidores era também muito mal visto pela sociedade acreana e corriam boatos de que separava casais, tomando as mulheres para si. Aqui se repetia, com Mestre Irineu, um velho preconceito, bastante difundido na Amazônia, em relação aos pajés masculinos que, além de feitiçaria, são frequentemente acusados de “mexerem” com as mulheres que estão sob seu tratamento, ou seja, de tentarem assediar ou molestá-las sexualmente. (MAUÉS; VILLACORTA, 2001, p. 33) Surgiam também outros rumores a respeito do seu carisma entre os seguidores: diziam que enfeitiçava as pessoas através de trabalhos de macumba, para mandar e desmandar nelas. Havia outras más interpretações de suas atividades devidas, por exemplo, ao termo “trabalho” usado para os seus rituais e que era então também comumente aplicado a rituais de macumba ou magia negra. Desse modo, assomaram-se várias incompreensões e estigmas sobre Mestre Irineu e seus seguidores. Isso foi relatado por uma frequentadora do Daime das décadas de 1930 e de 1940, que não quis ser identificada, em entrevista que deu à antropóloga Sandra Goulart (2004, p. 47).

[...] Era muito difícil naquela época. Tudo tinha que ser muito oculto, escondido, porque tinha muita perseguição, até da polícia [...].

Se falava muita coisa do Daime e do Mestre Irineu, e o pessoal tinha muito medo porque não entendiam o poder do daime, como é que aquele chá podia curar [...].



Tinha até caso de pessoas que pediam a ajuda do Mestre, tomavam o daime com ele e, mesmo assim, depois, ficavam dizendo que tinham sido enfeitiçadas, ou que o Mestre tinha feito macumba contra elas [...].  
Tinha até quem dissesse que o Mestre era um charlatão [...].

Uma das principais justificativas alegadas para a perseguição, movida contra a comunidade, era o uso que lá se fazia da ayahuasca para realizar curas. Mestre Irineu era frequentemente acusado de curandeirismo e charlatanismo. A situação do Daime era análoga à de outras religiões brasileiras surgidas nessa mesma época, como a umbanda, por exemplo.<sup>3</sup> Em relação a isso, diz-se que, desde que iniciou os seus trabalhos de daime, no começo da década de 1930, Mestre Irineu já sabia que iria enfrentar um forte preconceito e que teria passado os cerca de nove anos em que trabalhou na polícia, reunindo forças, antes de abrir seu centro de ayahuasca, justamente porque sabia das dificuldades que enfrentaria para implantar sua Doutrina.<sup>4</sup> Em sua experiência anterior, no Círculo de Regeneração e Fé, ele já havia enfrentado o preconceito e a perseguição da polícia boliviana e brasileira. Agora, novamente, vinte três anos depois, pesavam-lhe as mesmas acusações de antes. O contexto social e político não lhe era favorável naquele momento. A lei vigente ainda era baseada no decreto de 11 de outubro de 1890, que introduzira no Código Penal os artigos 156, 157 e 158, referentes à prática ilegal da medicina e da magia, proibindo o curandeirismo e o uso de “substâncias venenosas”. (MACRAE, 1992, p. 65) A antropóloga Sandra Goulart colheu o seguinte relato, a respeito da maneira como Mestre Irineu era visto nessa época:

Havia os que falavam mal, muito mal do Mestre. Por ignorância, ou por maldade. Mas falavam sem saber, porque o Mestre era a bondade em pessoa, um homem que nunca fez mal a ninguém; só fazia ajudar os que precisavam, os que batiam na casa dele [...].

Mas, até por isso mesmo, tinham os que falavam mal, que chamavam ele de agitador [...] Falavam que ele usava o Daime para fazer trabalho contra as pessoas, para mandar e desmandar nelas [...] Porque muitos não entendiam como aquele homem... tão simples que ele era... tinha aquele poder, que ia juntando as pessoas em volta dele [...]



Porque, quando ele falava, todo mundo parava para escutar. E o que ele dizia a gente seguia mesmo, porque sabia que era uma orientação certa [...]

E aí, falavam mal dele, às vezes até por inveja, tinha gente que não gostava dele [...] Como foi o caso daquele tenente Costa que quis botar o Mestre na cadeia [...].<sup>5</sup> (Lurdes Carioca)

Durante a Segunda Grande Guerra, qualquer acusação ou boato facilmente adquiria grandes dimensões, aumentando ainda mais o ímpeto repressor. Assim, após uma festa de São Pedro, quando Mestre Irineu estava descansando, foi surpreendido por um cerco policial. Este estava sob comando de um certo Tenente Costa, famoso por sua crueldade e que, há tempos, estava no encalço do líder daimista, a espera de qualquer descuido seu. Nesse momento, a casa de Mestre Irineu na Vila Ivonete foi cercada por quarenta homens, fortemente armados. O tenente invadiu a residência e o acordou, apontando um revólver para sua cabeça.

Abaixo seguem três narrativas diferentes sobre esta passagem na vida de Mestre Irineu, a primeira do Senador Mario Maia, a segunda de D. Percília e a terceira de Paulo Serra.

Foi acionado o Tenente Costa, com fama de crueldade e frieza, da Polícia Militar, para cercar, invadir e destruir ou desativar aquele culto que estaria a incomodar e pôr em risco as convicções sócio-religiosas então dominantes.

Mestre Irineu e seus seguidores ofereceram resistência, obrigando as autoridades ao diálogo e à negociação.

Do que parecia sair uma guerra, resultou o entendimento através do comandante da corporação, Manoel Fontenelle de Castro e do Governador, Major do Exército, Guiomard dos Santos, interventor do então Território, que autorizava o cerco.

De potencial inimigo passou a amigo, freqüentador e protetor do Mestre Irineu.<sup>6</sup> (Senador Mario Maia).

[...] Eu sei que meteram na cabeça do policial que o Mestre estava lá... fazendo e desfazendo... casando e descasando [...]



Era um tal de Tenente Costa, que não gostava mesmo do Mestre, e que vivia inventando coisa para perseguir o Mestre [...]

Aí, mandaram um contingente, mais de trinta homens, para prender o Mestre! Imagine só! [...] Um pessoal indisciplinado, iam entrando, derrubando as coisas [...] Daí, o Mestre estava até descansando nessa hora, sem saber de nada [...] Eles chegaram invadindo, e era o tal de Tenente Costa que ia na frente [...]

Iam invadindo... sem consideração... entraram no quarto dele, mexeram na gaveta da mulher dele... Uma falta de respeito! [...]

Quando o Mestre acordou, eles estavam com o revólver na cabeça dele já. E o tenente disse assim para o Mestre: “Não estremeça.”

[...] Eles desceram... Aí, foi que foram dizer que eles tinham uma queixa lá contra o Mestre, e que queriam prender ele [...] Estavam dizendo que o Mestre estava acobertando o Zé das Neves [...] Porque o Zé das Neves estava sempre envolvido com as mulheres [...] E estavam dizendo que ele tinha roubado uma dona, era uma mulher da vida, e que ele tinha escondido a mulher na casa do Mestre, e que o Mestre ia casar os dois e tudo mais [...]

O Mestre não sabia dessa história não, nem sabia onde estava o Zé das Neves [...]

Eles já iam prender o Mestre, mas aí chega uma ordem do Coronel Fontenele – que já sabia o que estava acontecendo – mandando dizer que se tocassem num fio de cabelo do Mestre iam ter que se ver com ele.<sup>7</sup> (Percília)

Diziam que o Mestre fazia e acontecia, casava e batizava; pegava as mulheres dos outros e levava para o gabinete dele. Tudo isso foi complicando perante a justiça, tudo aquilo que ele não fazia, até que chegou a ponto da perseguição.

Eu era ainda criança, foi na época de 42, 43, eu tinha 5, 6 anos de idade. O Mestre Irineu contava essa história. Eu cresci ouvindo essa história que ainda hoje se conta. O Papai [Zé das Neves] estava no meio dessa enrolada também.

Diziam que eles pegaram o Mestre na noite de São Pedro. Nessa noite houve festa. Naquela época o Mestre tomava cachaça [cocal]. Pois bem, terminou a festa no amanhecer do dia. A casa dele tinha dois andares, e a gente dormia lá em cima. Uma hora da tarde, a casa dele foi



cercada a mando do Tenente Costa por quarenta policiais. Pegaram ele, e algemaram ele. Nesse tempo, o papai era carvoeiro do Coronel Fontenelle, que era o comandante da Guarda Territorial na época. Aí pegaram ele, trouxeram e meteram ele no xadrez lá do quartel.

Aí, a mamãe [Cecília Gomes] avisou ao papai [Zé das Neves], aí ele correu e contou para o Coronel Fontenelle.

O Coronel Fontenelle foi lá no quartel mandou cuidar dele muito bem. Mandou tirar ele e botar numa cela especial, com todos os seus direitos. Ele passou a noite lá, mas só que bem tratado. O próprio Coronel Fontenelle foi atrás de advogado. Quando foi oito horas da manhã do outro dia, houve audiência e dez horas acabou, e ele foi embora para casa.<sup>8</sup> (Paulo Serra)

Como é comum em relatos sobre acontecimentos ocorridos muito tempo antes, a história apresentada pelo Senador Maia parece conter um engano. Esse seria referente à alegação de que o cerco policial fora autorizado pelo então Interventor do Território Federal do Acre, Major Guiomard dos Santos. Isso seria improvável, pois sabemos que, na época em que houve a batida policial, Mestre Irineu morava na Vila Ivonete e que provavelmente quem teria o poder de autorizar o cerco seria Luis Silvestre Gomes Coelho, que foi Interventor do Território Federal do Acre entre 25 de outubro de 1942 e 22 de fevereiro de 1946. O Major Guiomard dos Santos foi nomeado em 14 de Fevereiro de 1946 e só assumiu o governo em 25 de abril de 1946, governando o Território até 30 de junho de 1950 (SOUZA, 2005, p. 173), ou seja, após Mestre Irineu ter se mudado para Custódio Freire, em 1945. Este equívoco histórico tem sido amplamente repetido, falando-se até que o Major Guiomard teria sido um inimigo de Mestre Irineu que posteriormente veio a se tornar seu defensor. O fato de ele ter sido seu defensor é verdadeiro, o que não parece ser correto é a sua alegada antipatia inicial e, muito menos, a sua autorização do cerco.

O relato de D. Percília explicita parte do fato ocorrido. Mas, no final, ela nega a prisão de Mestre Irineu, dizendo que tudo foi resolvido na sua própria casa. Encontram-se vários relatos como esse, onde se ignoram certas passagens mais difíceis na vida de Mestre Irineu, talvez para preservar a imagem mítica do líder.



Esse incidente marcou profundamente a comunidade do Daime. Tudo indica que foi um dos principais fatores que o levaram a vender as terras da Vila Ivonete, para se mudar para a Colônia Custódio Freire. Fala-se que, nessa época, havia muitas desavenças entre os frequentadores do seu centro, algumas vezes devidas a problemas de alcoolismo e ciúmes.

O uso de bebidas alcoólicas, especialmente da cachaça, tem sido uma constante na história do Brasil desde os seus primórdios – prática essa que frequentemente ensejou sérios problemas de ordem individual e social. Sabe-se que o próprio Mestre Irineu tinha o hábito de beber em festividades, aniversários, casamentos e algumas festas cristãs (como São Pedro), ou, idas ao comércio de Rio Branco para negociar a produção agrícola, quando frequentava bares no Papôco. Com o passar do tempo, a incompatibilidade desse costume com o consumo do daime ficou clara para ele, principalmente devido ao número de pessoas que buscavam a sua comunidade para se livrarem de dependência alcoólica e necessitavam de seu exemplo para se manterem abstinentes.

Mas outras desavenças perturbavam Mestre Irineu no seio de sua própria família, envolvendo sua sogra, Maria Franco e sua esposa D. Raimunda.<sup>9</sup> Em certo momento, a situação ficou tão insuportável que ele foi levado a determinar o fechamento dos trabalhos de Daime. Isso aconteceu depois da mudança da comunidade da Vila Ivonete para a Colônia Custódio Freire ou Colocação Espalhado (Alto Santo) no ano de 1946. Sabe-se que a suspensão dos trabalhos durou cerca de seis meses e que estes só viriam a ser retomados após a morte de Antônio Gomes (ocorrida em 14 de agosto de 1946). Durante o período de suspensão dos trabalhos este havia recebido um hino em que se comentava a situação.

[...] Meu príncipe está ofendido  
Que todos nós ofendemos  
Vós fechou vossa sessão  
A culpa nós é quem temos [...]

[...] A sessão estando fechada  
Estamos fora do poder  
Estamos dentro do clamor  
Para todo mundo ver [...]<sup>10</sup>



Durante sua relação com Mestre Irineu, D. Raimunda teve um grande aprendizado, tornando-se a comandante feminina no Daime. A partir dessa relação de confiança, Mestre Irineu, algumas vezes, repassava para ela a responsabilidade de fazer trabalhos de cura, executar chamados, organizar o grupamento feminino e memorizar as melodias dos seus hinos. Adália Granjeiro falou a respeito dessa relação de confiança.

Eu me lembro de tudinho. Ela era uma pessoa muito legal. Se quisesse fazer um trabalho, ele mandava ela, ela ia fazer por ele. Trabalho de cura pra pessoa doente, podia levar até lá na casa dele, mandava ela com a equipe junto pra ajudar e ela fazia o trabalho lá.<sup>11</sup> (Adália Granjeiro)

Fala-se que ela recebeu um hino que foi incluído no hinário O Cruzeiro, o hino 57 – Eu convido meus irmãos. D. Raimunda teria recebido esse hino em um sonho, onde Mestre Irineu o cantava para ela. Ao acordar, lembrou o hino e cantou para ele. Mestre Irineu reconheceu o hino, como se ele realmente o tivesse cantado para ela e o colocou n’ O Cruzeiro. Entre os antigos seguidores, quem se recorda dessa passagem é novamente Adália Granjeiro.

Eu era criança, quando eu ouvi eles conversando, que ela recebeu um hino. Ela colocou no Cruzeiro e ficou. O hino se chama “Eu convido meus irmãos”. Mas, ela recebeu assim: ele cantando pra ela, dizendo pra ela, ela não quis, ele colocou no Cruzeiro.

Às vezes, se recebe hino na miração, mas, ela recebeu o hino sonhando. Os sonhos, às vezes, pra quem toma daime é um sonho verdadeiro, que nem é uma miração, não é? O que a gente não viu mirando e tomando daime, às vezes vem no sonho, né? Tem coisa que se você for ver mirando não agüenta, né? E no sonho talvez é mais maneiro, ao menos eu penso assim.

Ainda hoje, eu tenho em minha lembrança. É mesmo que estar vendo ela cantando esse hino. Esse hino, toda vez que eu estou cantando, é mesmo que eu estar vendo ela; o jeito dela cantando, ela cantava tão bonito. Eu ainda não vi ninguém cantar igual como ela cantava, a voz dela era muito suave, bonita mesmo.<sup>12</sup> (Adália Granjeiro)





57 - EU CONVIDO OS MEUS IRMÃOS  
(Mestre Irineu / Madrinha Raimunda)



Eu convido os meus irmãos,  
Que queiram me acompanhar,  
Para nós cantar um pouco  
Nesta noite de Natal.

Eu convido os meus irmãos,  
Para cantar com alegria,  
Para nós ir festejar  
A Jesus, Filho de Maria.

Eu convido os meus irmãos,  
Todos aqueles que quiser,  
Para nós ir festejar  
A Jesus, Maria, José.

A Sempre Virgem Maria,  
Vós só pode é se alegrar,  
Porque todos nós pedimos  
Para Vós nos ajudar.

O sonhar é uma verdade  
Igualmente à luz do dia.  
Reparem, neste mundo,  
O sonho da Virgem Maria.

Meu Divino Senhor Deus,  
Vós me dê a Santa Luz,  
Para sempre eu festejar  
O dia que nasceu Jesus.



Comenta-se, porém que relação de Mestre Irineu com D. Raimunda era feita de altos e baixos, confiança e desconfianças. Além disso, sua sogra Maria Franco, conhecida pelo seu alcoolismo, se envolvia em conflitos com outros membros da comunidade, como Maria Damião, por exemplo, o que acabava fomentando mais desentendimentos entre o casal. Passagens conflituosas desse tipo encontrariam expressão em certos hinos como o 48 – A Rainha da Floresta e o 81 – Professor. Fala-se que, originalmente, expressariam uma certa indignação com D. Raimunda e Maria Franco, por não prestarem atenção aos seus ensinamentos, mas a natureza multívoca de suas letras ampliou-lhes os significados, universalizando e tornando pertinentes as suas mensagens a todos os seus seguidores.<sup>13</sup> Vejamos os hinos abaixo.

#### 48 - A RAINHA DA FLORESTA

(Mestre Irineu; considera-se que este hino foi recebido em 1942)



A Rainha da Floresta,  
Ela veio me acompanhar.  
Todo mundo ri e graceja  
Para depois ir chorar.

Tu perdeste a tua luz  
Que eu te dei com tanto amor,  
Não foi a falta de conselho,  
Tu mesmo nunca ligou.

Vai chorar de arrependid(a) → (arrependido)  
Quando um dia se lembrar,  
Que eu perdi a minha fortuna  
Que eu tinha para alcançar.



No hino seguinte, Mestre Irineu parece expressar sua frustração perante a falta de atenção que recebiam as suas orientações. Observemos também que Mestre Irineu nesse hino cogita novamente parar os trabalhos de daime, mas, dessa vez isso soa como uma espécie de desabafo. Desse modo, no término do hino ele recebe a instrução que não se pode obrigar ninguém a aprender.

### 81 - PROFESSOR

(Mestre Irineu; o recebimento deste hino é estimado como ocorrendo entre os anos de 1948 e 1949)



Aqui tem um professor  
Que vai deixar de ensinar.  
Ele ensina, ninguém faz caso  
Só leem de diante para trás.

Só leem de diante para trás,  
Mas ele não ensina assim.  
Ele ensina é direitinho  
Mas ninguém não faz assim.

Se todos assim fizessem,  
Estavam um pouco adiantados,  
Eram servos de Deus  
E do povo bem estimados.

Eu entrei em conferência  
Para deixar de ensinar.  
A Virgem Mãe me disse  
Ninguém não pode obrigar.



Se ensina, ninguém faz caso,  
Ninguém trata de aprender.  
Depois não se admirem  
De tudo que aparecer.

Mesmo sendo esporádico, o consumo de bebida alcoólica por Mestre Irineu influenciava seriamente muitos de seus seguidores, levando-os a desregramentos. A falta de compostura de vários deles comprometeu o respeito e a cordialidade mútua na comunidade e o exemplo do líder inspirava os mais afoitos a justificarem seus atos como sendo mera imitação. Comenta-se que foi após um embate com Maria Franco, durante a festa de casamento de Leôncio Gomes, que Mestre Irineu se convenceu da necessidade de rever sua posição a respeito do uso de bebidas alcoólicas durante festividades. Pouco tempo depois recebeu um hino em que pede perdão à Virgem Mãe, por seus pecados. O hino chama-se 72 – Silencioso.

72 - SILENCIOSO  
(Mestre Irineu)



Silencioso eu chego no jardim,  
Eu peço a Virgem Mãe  
Que vós tenha pena de mim.

Oh! Virgem Mãe,  
Vós sois Mãe do Redentor!  
Perdoai os vossos filhos  
Pelo Vosso santo amor.

Silencioso eu chego no jardim,  
Eu peço à Virgem Mãe  
Que vós tenha pena de mim.



Divino Pai,  
Soberano Criador,  
Perdoai os Vossos filhos  
Neste mundo pecador.

Silencioso eu chego no jardim,  
Eu peço à Virgem Mãe  
Que vós tenha pena de mim.

Apesar disso, continuaram a ocorrer episódios de abuso de álcool na comunidade, mas, aos poucos, o uso de bebidas alcoólicas foi diminuindo. Existem várias versões para a proibição dessas bebidas entre os daimistas. A mais lembrada é a do depoimento de D. Percília Ribeiro e Pedro Matos (seu segundo esposo), que falam que após um embate com Maria Franco no casamento de Leôncio Gomes, ele recebeu o hino 72 – Silencioso. (MAIA NETO, 2003, p. 37) Mas, fala-se que ainda não foi nesse período que ele deu um basta definitivo ao seu uso de álcool. Uns falam que foi no começo da década de 1950 e outros falam que foi em 1957.

## Mestre Irineu Muda-se da Vila Ivonete para a Colônia Custódio Freire

Oscar Passos, governador interino do Acre por um curto período em 1942, deu início a uma importante política de colonização para o Território. Pretendia aumentar a produção para atender ao aumento populacional, decorrente da migração dos antigos “soldados da borracha”, e assim evitar problemas de abastecimento no futuro, após o final da guerra, que se mostrava próximo. Isso acabou ajudando a Mestre Irineu que, devido ao aumento da população no entorno da Vila Ivonete, e especialmente após o episódio de sua suposta prisão, começava a procurar terras mais afastadas do centro do município rio branquense. Finalmente, vendeu suas terras na Vila Ivonete e comprou a posse das terras de Horácio Barrigudo, na Colocação Espalhado. A propriedade de um certo Horácio Barrigudo



compreendia cinco estradas de seringa (medida das terras na época que contabilizava entre 150 e 200 seringueiras por estrada), cerca de quinhentos hectares. Em 15 de maio de 1945, mudou-se para a colocação.

Na literatura existente e em certos relatos de antigos seguidores, surgem opiniões discordantes sobre esse período. Alguns sustentam que as terras adquiridas por Mestre Irineu foram uma doação do Major Guiomard dos Santos.<sup>14</sup> Mas isso não leva em conta o fato de que, quando Mestre Irineu se mudou para a Colocação Espalhado, na Custódio Freire, em 1945, como é unanimemente aceito, o governador da época não era Guiomard dos Santos e sim Luis Silvestre Gomes Coelho, cujo mandato foi de 25 de outubro de 1942 a 22 de fevereiro de 1946. Outro fato importante, é que o processo de colonização proposto pelo governo de Guiomard dos Santos só teve início a partir de sua assinatura do Decreto Lei 83, de 3 de maio de 1947. A versão mais verossímil nos parece, assim, ser a de que Mestre Irineu, três anos após a compra da terra, pediu um empréstimo ao Banco do Brasil para incrementar sua produção agrícola. Sabe-se que ele não conseguiu saldar a dívida no prazo dado pelo banco, aumentando o seu débito, devido à cobrança de juros. Mestre Irineu pediu então ajuda a Fontenele para interceder junto ao Banco do Brasil. Este foi ao governador, na época o Major Guiomard dos Santos, que deu o dinheiro em empréstimo. Quando Mestre Irineu conseguiu levantar fundos com a venda de sua produção agrícola e foi saldar a dívida com Guiomard, este não quis receber, dizendo que lhe tinha emprestado o dinheiro e sim dado como ajuda. No relato abaixo Paulo Serra esclarece o assunto.

Em janeiro de quarenta e cinco, ele comprou as estradas de seringa de Horácio Barrigudo. No dia quinze de maio de quarenta e cinco, nós mudamos para cá (Alto Santo). Quando nós mudamos pra cá, era só colocação. Ele comprou por três contos de réis, quatro estradas de seringa. Na época, deveria dar uns quinhentos hectares, ou mais, talvez uns seiscientos hectares. Nessa época ninguém falava hectares, era só estrada de seringa.

Papai foi ter com Guiomard dos Santos. Na época, ele veio pra cá como interventor, não sei direito se foi dois anos ou foi três depois, que ele passou a Governo. Ele queria um dinheiro pra abrir aqui um roçado. Ele pediu emprestados dezoito contos de réis no Banco do



Brasil, pra pagar com seis meses. Tinha prazo para pagar o empréstimo pra agricultura. Eu sei que quando chegou a época de pagar, ele não tinha o dinheiro.

Papai olhou pro lado, olhou pro outro, procurou o Fontenele. Aí, o Fontenele foi pro Governo. Aí, vai pra um e vai pra outro. O Fontenele era Comandante da Guarda Territorial. Sei que ele foi e procurou Guiomard dos Santos e conversou. Daí, ele deu o dinheiro.

Quando foi no verão, ele recebeu um dinheiro e foi devolver para o Guiomard. Aí, Guiomard disse: "Irineu eu não emprestei esse dinheiro, quem te emprestou foi o Banco, eu te ajudei. Eu te dei uma ajuda, agora Irineu só tenho uma coisa pra lhe dizer, banco foi feito pra sentar, Banco ele ajuda, mas, se você não chega na hora certa ele toma tudo que você tem."

Tanto que papai não quis saber mais de Banco. Quando foi em cinqüenta e dois, papai queria fazer um negócio aqui e não dava certo. Ele queria transformar aqui em colônia. Ele soube que já tinham transformado as Placas [bairro de Rio Branco] em colônia. Aí, Guiomard disse: "Irineu tu coloca o teu pessoal, tu vai derrubando a seringa e vai fazendo o acero do roçado e vai deixando, ai tá bom!"

Quando passou uns tempos, isso foi em cinqüenta e quatro ele disse: "Irineu eu vou te dar um Título Provisório pra tua terra. Aí, tu manda e desmanda, tu faz o que tu quiser nela."

Em cinqüenta e nove, veio o IBRA que hoje é o INCRA; fez a medição toda da terra, e entregou pra ele. O IBRA botava na época gente pra trabalhar na terra. Dava terra pra qualquer um que quisesse trabalhar em colônia. O órgão transformou as estradas de seringa, todinhas, em colônias. O que pertencia também a nós, era aqui, onde é hoje o Distrito Industrial até a beira do São Francisco, aquilo ali pertencia a ele.

Esse período histórico foi marcado pelo fim da ditadura e do Estado Novo. Getúlio Vargas foi afastado do poder em 29 de outubro de 1945 e o país todo passou a respirar novos ares, livre do regime ditatorial e do fardo da guerra. Rio Branco, com o fim do conflito, teve de absorver novamente outra grande massa de seringueiros, os ex-soldados da borracha que se deslocavam dos seringais para a capital. A reconfiguração estrutural da capital com esse aumento



populacional era inevitável. Luis Silvestre Gomes Coelho, o último interventor do Território Federal do Acre indicado por Getúlio, já se preparava para sua saída do governo. Com o retorno da democracia ao país, foi eleito Presidente da República, em 2 de dezembro seguinte, o General Eurico Gaspar Dutra. O novo Presidente indicou como interventor para o Território Federal do Acre, o Major Guiomard dos Santos que assumiu o governo em abril de 1946.

A saída, nesse momento, de Mestre Irineu da Vila Ivonete para uma área mais afastada, parece ter sido providencial para a comunidade de forma geral. Vila Ivonete logo virou um bairro populoso. Alocado em uma área maior, de cerca de 500 hectares, Mestre Irineu pôde acolher vários novos seguidores que não tinham terra e também se preservar de outro possível aumento populacional em seu entorno. Ele agora tinha também terra suficiente para desenvolver mais livremente seus trabalhos religiosos, que necessitavam de certa privacidade. Vejamos a abaixo um croqui do entorno de Rio Branco do final da década de 1950, início da década 1960, detalhando a mudança efetuada por ele em 1945.



Figura 41 Foto do croqui do entorno de Rio Branco 1960. Organograma da mudança de Mestre Irineu da Vila Ivonete para a Colocação Espalhado na Custódio Freire em 1945.





Mestre Irineu se mudou da Vila Ivonete para a Colocação Espalhado, na Colônia Custódio Freire, no dia 15 de maio de 1945, na mesma semana em que a Segunda Guerra Mundial se encerrou oficialmente. Chegando lá, se instalou em uma pequena casa de pachiúba, juntamente com sua esposa D. Raimunda e seu filho de criação, Paulo Serra. Ao mudar-se para a nova morada, trocou de imediato o nome Colocação Espalhado para Alto da Santa Cruz. A sua preocupação inicial foi organizar um espaço para a realização dos trabalhos de sua doutrina espiritual, pois o hinário oficial de São João estava próximo. Apesar da distância da Vila Ivonete para o Alto da Santa Cruz ser de aproximadamente sete quilômetros, a mudança não alterou o ritmo dos trabalhos espirituais. Embora sentissem a ausência do líder, todos continuavam suas vidas normalmente. Nos dias em que havia sessões de concentração ou hinários, todos caminhavam pela Estrada Alberto Torres, para chegar ao Alto da Santa Cruz.

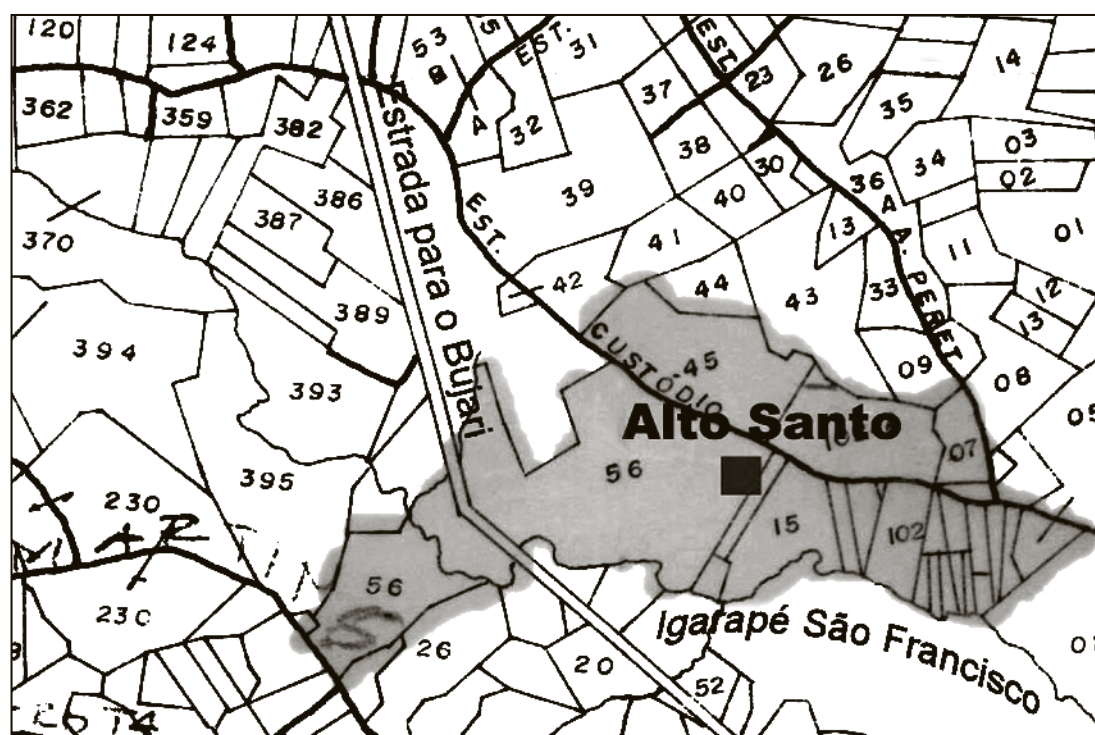



Figura 42 Mapeamento do INCRA das terras nos arredores de Rio Branco – 1980. A área em evidência no mapa corresponde às terras de Mestre Irineu com suas respectivas divisões atuais.



Dando seguimento ao projeto governamental de implantação de colônias agrícolas, iniciado no governo do Major Guiomard do Santos, o título provisório das terras de Mestre Irineu foi finalmente expedido em 27 de julho de 1950, no Governo do Major Raimundo Pinheiro Filho (ver foto do título). Cerca de 80 mil hectares do Seringal Empresa (terras onde estava instalada a capital) fizeram parte do projeto e ainda no governo de Guiomard já haviam sido implantadas em Rio Branco as colônias: Alberto Torres, Mâncio Lima, Cecília Parente, Dias Martins, Souza Ramos e Juarez Távora. (SOUZA, 2005, p. 106)

Figura 43  
Licença de  
Ocupação  
a Título  
Provisório.

  
GOVERNHO DO TERRITÓRIO FEDERAL DO ACRE Nº 94  
NÚCLEO COLONIAL SERINGAL «EMPRESA»

**LICENÇA DE OCUPAÇÃO A TÍTULO PROVISÓRIO**  
**TERRAS FLORESTAIS**

O Governador, Delegado da União no Território Federal do Acre, usando das atribuições que lhe são conferidas por Lei, na forma do Decreto n.º 83 de 3 de Maio de 1947, e devidamente autorizado pelo Snr. Ministro de Estado da Justiça e dos Negócios Interiores, CONCEDE a **RAIMUNDO IRINEU SERRA** licença de ocupação, a título provisório, do lote de terra rural-florestal com 5 estradas de seringueiras, na colocação ESPALHADO linha DO PONTÃO cujas dimensões, área, perímetro e discriminação de limites, ficam dependentes de posterior demarcação, para a obtenção do TÍTULO DEFINITIVO, ficando o adquirente da presente LICENÇA, obrigado às seguintes condições:

1) residir no lote com sua família, trabalhando e dirigindo os labores extrativos e agrícolas;

2) não vender, transferir ou alienar, de qualquer modo, o respectivo lote ou benfeitorias, sem autorização e sem que esteja quitada qualquer dívida contraída com o Governo;

3) renunciar os direitos sobre o lote, em caso de transferência das benfeitorias, ficando subrogado nesses direitos o adquirente, com as responsabilidades decorrentes;

4) praticar a agricultura e a criação de animais domésticos, de forma a garantir a sua subsistência e da sua família;

5) plantar seringueiras durante três anos consecutivos, nos roçados e nas estradas, intercalando-as com as nativas, sem o que, embora cumprindo as outras obrigações, não poderá obter o TÍTULO DEFINITIVO;

6) contribuir com Cr\$ \_\_\_\_\_ no prazo de \_\_\_\_\_ em prestações anuais, para o fundo cooperativo do Seringal «Empresa».

Rio Branco, Acre, 37 de JULHO de 1950

*Raimundo Pinheiro Filho*  
GOVERNADOR

*Tabilio...*  
Diretor de Ocupamento de Terras

*...*  
Assessor

Obs: Averbada a planta levantada 10/02/72 sob a responsabilidade do Eng. Agr. ANTONIO HELACIO MARRUES BARROSO, pelo qual foi criada área de 266 Ha, no presete lote. Rio Branco, 7 de março de 1972. TÁBILIO... DIRETOR DE OCU... REESP/PA



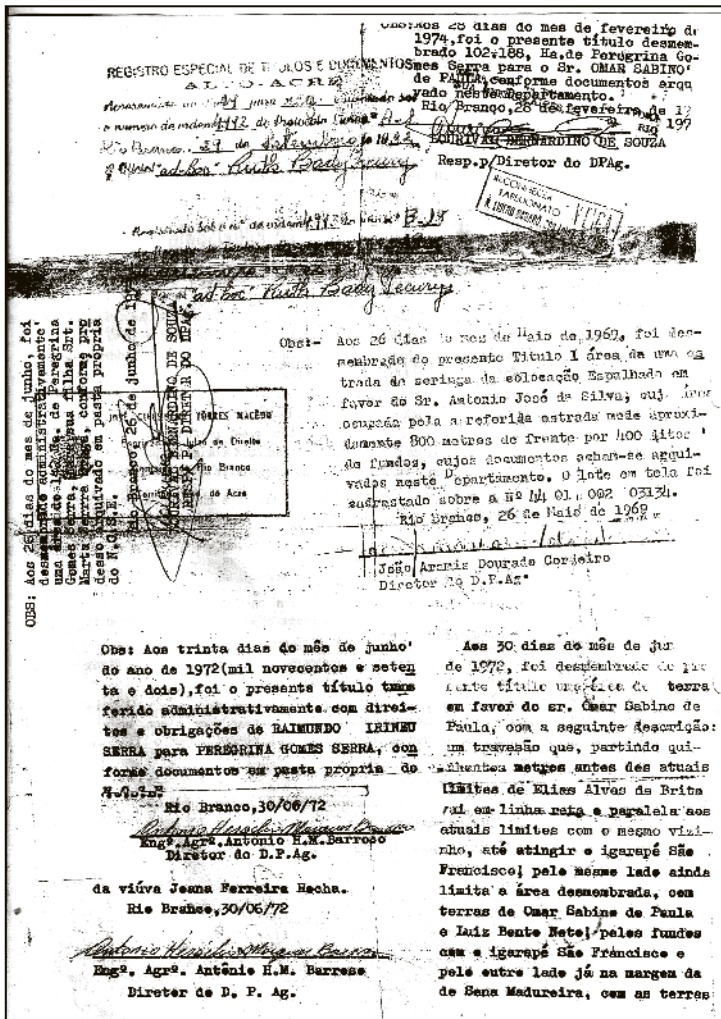


Figura 44  
Verso da folha  
de Licença de  
Ocupação e  
Título Provisório.

Logo após mudar para sua nova morada, Mestre Irineu começou a preparar um local para receber os discípulos. Inicialmente, era possível acomodá-los a céu aberto, no laranjal que ficava ao lado de sua casa de pachiúba, já que mês de junho no Acre é inverno de estiagem. Assim, o primeiro hinário no Alto da Santa Cruz foi realizado nesse local, na véspera do dia de São João, em 23 de junho de 1945. Como lembra D. Percília Ribeiro:

O trabalho foi realizado embaixo de um laranjal. Como a mudança havia acontecido no final de maio, não houve tempo hábil para Mestre Irineu construir um local para a sede.



Foi um trabalho inesquecível, era um dia muito frio, todo mundo pensava como ia suportar a frieza da mata naquela noite. Mas nem sentimos o tempo passar, tomamos o daime e começamos a cantar os hinos do Mestre, sentindo aquele conforto que parecia vir de cima. E vinha mesmo, em meio a toda aquela mata, cantamos como se estivessemos em pleno salão.<sup>15</sup> (D. Percília Ribeiro)

Fala-se que neste período Mestre Irineu recebeu o hino 60 – Laranjeira, que marcou o breve período em que os trabalhos foram realizados no laranjal. Com este hino, foi também introduzido um novo tipo de passo no bailado, chamado de “meia valsa”. Assim, parte do hino é bailado com o passo tradicional de valsa, enquanto o estribilho é dançado com as pernas movimentando-se em pequenos passos sem sair do lugar e levantando-se as pernas levemente, uma após a outra, em movimentos rápidos. O novo passo é executado depois que o puxador grita a palavra “laranjeira!”. Note-se também que o hinário O Cruzeiro não tem mazurcas, que aparecem somente nos hinários de Germano Guilherme e de Antônio Gomes.

60 - LARANJEIRA  
(Mestre Irineu)



Cada um tem um cabedal,  
De acordo que Deus lhe dá,  
Para viver neste mundo  
É preciso procurar.

(LARANJEIRA)  
Laranjeiras carregadas  
De laranjas boas,  
Assim é algumas pessoas.



Vou vivendo e vou dizendo,  
De acordo o que vai chegar  
O ouro que tem na Terra  
É a luz que brilha mais.

(LARANJEIRA)

Laranjeiras carregadas  
De laranjas boas,  
Assim é algumas pessoas.

O período que se seguiu à mudança foi muito difícil para Mestre Irineu e seus seguidores. Perante a necessidade de retomar o trabalho nas plantações de onde retiravam sua subsistência, os membros da comunidade reiniciaram as culturas de arroz, milho, feijão e mandioca. Devido à distância que o separava do grupo de Vila Ivonete, muitas vezes, o próprio Mestre Irineu tinha que trabalhar sozinho, sem poder contar com a ajuda dos outros. Além disso, como já vimos, em meados de maio de 1946, um ano após sua mudança para o Alto da Santa Cruz (ou simplesmente “Alto Santo”, como posteriormente passou a ser chamado), ele decidiu suspender os trabalhos do Daime, causando grande consternação entre seus seguidores. Até hoje, os daimistas mais antigos ainda relutam em falar desse assunto, de tão desagradável lembrança, tornando difícil determinar sua causa, mas alguns sugerem que seu estopim final teria sido uma afronta feita a ele por Maria Franco durante o casamento de Leôncio Gomes e Madalena Brandão.

Durante esse período, Antônio Gomes teria tentado reunir a irmandade para pedir a Mestre Irineu que voltasse a realizar as sessões. Segundo Lourdes Carioca, ele foi a cavalo de casa em casa, solicitando aos irmãos que “se humilhassem”<sup>16</sup> e pedissem para o Mestre voltar a abrir as sessões. Mas o líder permanecia irredutível, desgostoso com as constantes discórdias entre seus seguidores. Comenta-se que certas atitudes inapropriadas de alguns daimistas o teriam entristecido profundamente. Um pouco depois dessa sua tentativa de convencer Mestre Irineu a reabrir os trabalhos, Antônio Gomes sofreu um acidente, um boi o chifrou



pelas costas, causando-lhe dores intensas, que o levaram à cama. Passou então vários meses acamado e, em lugar de melhorar, seu estado de saúde piorava. Alarmado, pediu a Mestre Irineu que lhe desse algum conforto. Este recebeu o hino 74 – Só eu cantei na barra e o cantou para ele. Ao ouvir esse hino, onde fica muito explícito o pensamento de Mestre Irineu sobre reencarnação, Antônio Gomes se acalmou, conformando-se com a proximidade de seu fim. Em outra visita que Mestre Irineu lhe fez antes de seu falecimento, Antônio Gomes pediu a ele que cuidasse de sua família. Em atenção a esse pedido, Mestre Irineu passou então a dedicar uma atenção paterna aos seus filhos (ver genealogias em Apêndices G e H). Dália Granjeiro, filha de Antônio Gomes, falou assim sobre o acometimento de seu pai:

Ele trabalhava assim, marretando, comprando mercadoria nas colônias e levando pro mercado, né. Aí, ele comprava e levava pra vender no mercado. Dizem que ele tava assim com um saco de adubo muito pesado, aí, ele sentiu o peito dele, dando uma torção.

Antes disso, ele já tinha levado uma chifrada de um boi mocho sem chifre. Ele ia passando perto do boi que estava amarrado, mas a corda era muito comprida. Ele pensava que o boi não ia mexer com ele. Mas, quando ele passou pelo boi, ele só sentiu foi a pancada nas costas, aí ele caiu.

A doença começou daí. Ele começou com dor no peito e nas costas, mas não tinha médico pra ir pra saber o que aconteceu. Aí ele só tomou remédio caseiro e daime mesmo. Ele passou muito tempo sem trabalhar, sem poder trabalhar, e disso ele se foi.<sup>17</sup> (Adália Granjeiro)

Antônio Gomes nasceu em 30 de abril de 1885 e morreu em 14 de agosto de 1946 (ver Apêndice F). Segundo Maria Gomes, sua esposa, um pouco depois que seu marido faleceu, Mestre Irineu resolveu abrir os trabalhos do Daime novamente. (CARIOCA, 1998, p. 19) Nessa época, Leôncio Gomes, filho de Antônio Gomes, juntamente com Daniel Pereira de Matos, também finalmente conseguiram se curar do alcoolismo, através de trabalhos de daime. Observemos abaixo o relato de D. Percília Ribeiro sobre o falecimento de Antônio Gomes e o hino que Mestre Irineu recebeu.





Depois que desencarna,  
Firmeza no coração.  
Se Deus te der licença,  
Volta outra encarnação.

Na Terra, como no céu,  
É o dizer de todo mundo  
Se não preparar o terreno,  
Fica um espírito vagabundo.



**Figura 45** Foto dos seguidores de Mestre Irineu (batalhão masculino) em frente da primeira sede com cobertura de palha no Alto da Santa Cruz. Mestre Irineu é o mais alto de chapéu.

Um pouco depois do hinário do São João de 1945, Mestre Irineu deu início às obras de um galpão de palha. Aproveitando o simbolismo da mudança de localidade, decidiu também implantar novos ajustes na comunidade, substituindo as fardas e as patentes por roupas mais simples. Durante os festejos,





os homens passaram a usar sobre a camisa apenas um paletó branco, sem gravata, o que correspondia ao traje social cotidiano então mais usado, feito geralmente em algodão ou linho (Veja a foto – Mestre Irineu é o mais alto que está ao centro de chapéu). As patentes foram substituídas por um modelo mais implícito de graduação. Mestre Irineu passou a classificar os mais graduados como “Estado Maior”. Estes seriam aqueles detentores de maior experiência com a bebida e capazes de dar suporte aos novatos. Os graduados do Estado Maior eram escolhidos por Mestre Irineu nos hinários de São João e Natal. Fizeram parte dessa categoria: Zé das Neves, Germano Guilherme, João Pereira, Antônio Gomes, D. Raimunda, Maria Damião, Maria Gomes e D. Percília.

A farda feminina também sofreu mudanças: passou-se a usar também uma farda só para festejos, consistindo em camisa branca de manga comprida com uma faixa verde cruzada na frente e saia branca. A faixa verde cruzada da esquerda para direita era usada por mulheres adultas e a faixa da direita para esquerda por meninas ou virgens (veja foto abaixo).



**Figura 46** Foto do grupamento feminino, D. Raimunda está ao centro sem farda. Fala-se que D. Raimunda passou a usar duas faixas verdes cruzadas na frente da camisa.



No final da década de 1940, a comunidade do Daime recebeu uma notícia inesperada: o falecimento de Maria Damião. Diz-se que ela estava trabalhando numa caieira (forno de fazer carvão) a céu aberto, quando de repente chegou uma friagem. As friagens no Acre são muito comuns e quando ocorrem no inverno (muitos em Rio Branco chamam esse período de “verão”, pela ausência de chuvas) a temperatura pode baixar repentinamente de 39 graus para 15 graus ou menos (não sendo raro cair granizo). Acredita-se que Maria Damião, exposta a altas temperaturas na beira da caieira, teve um “choque térmico”. De imediato ela sentiu o choque e foi levada às pressas para sua casa na Alberto Torres. Seu rosto começou a inchar, ficando ela três dias acamada. No terceiro dia resolveram chamar Mestre Irineu no Alto Santo. Ele imediatamente enviou D. Percília, mas, quando ela chegou, já não havia mais o que se fazer e Maria Damião veio a falecer no dia dois de abril de 1949.<sup>19</sup> Vejamos os relatos de Raimundo Damião, filho primogênito de Maria Damião e de D. Percília, sua amiga pessoal, sobre o falecimento.

Mamãe foi botou um roçado na mata. Aí fez as plantações dela. Agora, aquilo ali, era todo sábado. Ela tinha aquela penitência de fazer bolo, tapioca, beiju pra levar pra vender. Ela comprava mandioca, carvão, tudo isso pra revender.

Pois bem, aí ela foi apanhou essa doença. Eu não sei se ela tava daquele jeito, por tá trabalhando com carvão, e carvão é perigoso, não é? Aquela quentura no forno grande, pra assar tudo ali em cima. E talvez aquilo suspendeu nela, teve um choque de temperatura. Dizem que tem essa arrumação de suspensão, não é? Tanto é que ela morreu com os olhos assim, inchado.

Ai, nós ficamos. Nós ficamos lá na casa. Foi naquele tempo que o Governador era Guimard dos Santos, e ele disse:

“Mestre Irineu tu pega esses meninos e leva lá pra tua casa, porque esses meninos não podem ficar aqui sozinhos não! E tem que aposentar não, como é que chama o Juiz de Menor, ir no Juiz de Menor pra registrar. Tem que registrar com o Juiz de Menor.”

Eu não queria ir não (Entrevista com Raimundo Damião em março de 2007).



A passagem de Maria Damião foi em 1949. Ela tava boazinha né, a morte dela foi rápida demais. Foi uma extravagância que ela fez, não é? Porque o tempo dela era chegado. Aí com três dias lá se vai.

Eu tava aqui, a gente já morava no Alto Santo e ela morava ali na Alberto Torres. Quando eu recebi o recado que ela estava muito doente, mas eu pensei que era uma coisa vaga, não é; aí eu disse: “Faz muito dias que ela está doente?”

Aí, o menino dela foi me avisar. O igarapé estava alagado, o São Francisco, e não tinha ponte e não tinha canoa. Nesse tempo, a gente passava por cima de uma árvore que tinha caído, por cima dos galhos, com o maior sacrifício. A notícia chegou por umas dez horas do dia, né.

O menino me disse que ela estava muito doente, mas ele não soube nem dizer como começou, nem como era, né. Aí eu pensei que não fosse coisa ... Aí, eu ia fazer o almoço ainda. Depois do almoço eu vou lá. Eu devia ter ido antes, né? Aí fui fazer almoço. Almocei.

Quando acabei de almoçar, eu fui lá no Alto Santo. Cheguei lá, falei pro Mestre que ela não tava bem, que o menino tinha ido me avisar que ela estava assim desse jeito. Que ela era muito unida comigo. ‘Viche’, a Maria Damião comigo mesmo parecia que nós éramos gêmeas. Não passava nada entre nós. Aí, eu cheguei lá, falei pra ele. Aí, ele pensou um pouco assim:

“Você vá depressa e chegue lá; mande comprar um purgante, aguardente alemã e, se der tempo, você aplique aguardente alemã com sene.”

Aí, eu me mandei, cheguei lá, ela estava sem fala. Ninguém sabia aonde era os olhos nem a boca nem nada, o rosto todo inchado. Ficou assim aquela coisa mais horrível do mundo. Minha Nossa Senhora. Chegando assim mesmo ainda mandei comprar o remédio, quando chegou ela já tinha falecido.<sup>20</sup> (D. Percília Ribeiro)

Com a morte de Maria Damião, seus filhos ficaram órfãos de pai e mãe. Eles eram ainda menores de idade, só o mais velho, Raimundo, estava próximo dos dezoito anos. Assim, Raimundo, Laura, Lúcio, Hugo, Waldir, Matilde e Wilson (sobrinho criado por Maria Damião) foram todos encaminhados a morar com Mestre Irineu no Alto Santo (ver Apêndice I).



Posteriormente, Raimundo disse ter ido a contragosto e, segundo alguns relatos, a estada da família de Maria Damião na casa de Mestre Irineu teria sido marcada por relações conflituosas com sua esposa, D. Raimunda. Sobre essa passagem de sua vida, Raimundo comenta:

Passamos a morar lá no Alto Santo... Eu não queria ir não, mas, o Guiomard dos Santos disse: "Não, Irineu, é pra levar, é pra levar, que esses meninos não vão ficar aqui só."

Eu não queria ir não, eu disse: "Eu dou conta dos meus irmãos."

Uma que tinha a casa do meu pai, que minha mãe tinha deixado. Imagina (viver) na casa dos outros. Aí, chegou o Mestre Irineu. Mandou justamente até o meu cunhado, o João Belém. Aí, vem o João Belém. Aí, ele veio com duas carroças. Uma semana carregando. Era porco, galinha, tudo, tudo, tudo. Aí, passamos uns tempos lá. Fomos crescendo. Ainda passamos bem uns nove anos por lá. Ficamos maior, fomos saindo.<sup>21</sup> (Raimundo Damião)

Em 1946, pouco após assumir o governo do Território, sob indicação do Presidente Eurico Gaspar Dutra, o Major José Guiomard dos Santos teria conhecido Mestre Irineu, tornando-se, os dois, bons amigos. Guiomard passou então a frequentar a casa do líder e a discretamente tomar daime – diz-se que como parte de um tratamento de saúde. Muitas vezes, fazia breves visitas a ele nos dias de trabalhos oficiais, aparecendo só para cumprimentá-lo e apreciar um pouquinho o desenrolar do ritual. Após deixar de ser governador, José Guiomard dos Santos seria eleito Deputado Federal, em 1950 e 1958. Nesse cargo, seu principal projeto foi o buscar elevar o Território Federal do Acre à categoria de Estado. Paulo Serra lembra a sua amizade com Mestre Irineu:

Os políticos que tomaram daime muito tempo com ele, foi o Guiomard dos Santos e doutor Valério Magalhães, que por sinal eram muito amigos dele. Ninguém mexia com o papai que eles não deixavam.

O Valério Magalhães só tomava daime mais por curiosidade mesmo. Mas, o Guiomard dos Santos tomou porque teve uns problemas de saúde. Ele ficou bom na época que ele veio pra cá. Nessa época,



o carro nem entrava pra cá. Do quartel, ele montava num cavalo e vinha bater aqui. Quando davam umas 11 horas, ele montava no cavalo e se despedia de dona Raimunda e ela dizia: “Fique com Deus.”

Ele não participava dos bailes. Ele vinha mais é para assistir. Acredito que ele não tinha mesmo o dom da história, mas, ele gostava. Ele vinha pra cá, tomava o daime, mas, não bailava não.<sup>22</sup> (Paulo Serra)

**Figura 47**  
O Governador Guiomard dos Santos discursando por ocasião da inauguração do novo prédio da Imprensa Oficial, em 1948.



Guiomard dos Santos tinha muita admiração por Mestre Irineu e teria até proposto conseguir para ele uma aposentadoria como veterano de guerra, mas Mestre Irineu não aceitou, dizendo que não sabia mentir. Porém, a partir dessa amizade, passou a apoiar Guiomard politicamente, cedendo espaço em sua casa para o diretório do seu partido, o Partido Social Democrático (PSD). Assim, o Alto Santo foi palco de muitos comícios e Mestre Irineu parece ter estado presente ao lado de Guiomard em reuniões de cunho político realizadas também em outras localidades. Ele se entusiasmava principalmente pela proposta de emancipação do Território Federal do Acre a Estado. Conforme lembra D. Peregrina Gomes Serra, viúva do Mestre Irineu:

Esse Guiomard dos Santos vinha aqui, passava dias aqui em casa conversando com ele. Uma vez ele chegou, o velho estava no roçado. Aí, ele mandou chamar. Disse: “Ora Irineu, eu venho aqui passar o dia contigo e tu estás no roçado. Acaba com isso, tu não é para trabalhar assim.”



Aí, o velho respondeu: “Eu tenho que trabalhar porque não tenho quem me dê nada.”

O Guiomard então disse: “Eu vou te aposentar como veterano, tu queres?”

Mas, ele respondeu: “Não, eu não quero porque não sei mentir.”<sup>23</sup>  
(Peregrina Gomes Serra)

## A Construção da Nova Sede do Alto Santo no Início da Década de 1950

No início da década de 1950, com a ajuda de seus seguidores, Mestre Irineu, construiu uma nova casa. Começaram pela retirada de madeiras das matas. Nas palavras de Raimundo Gonçalves, neto de Antônio Gomes e filho de Zulmira Gomes:

Passamos uma porção de dias nessas matas tirando a madeira que o Mestre havia pedido. Também trabalhei na construção, o Mestre estava sempre à frente de tudo, tinha muita força, colocou essas balizas do casarão praticamente só. (CARIOCA, 1998, p. 20)



**Figura 48** Foto da sede e casa de Mestre Irineu construída no início da década de 1950. Mestre Irineu está na porta da casa.



A casa era de grande porte, com paredes de madeira e telhado de cavaco (telhas de madeira): o necessário para sediar os rituais do Daime e acomodar a família de Mestre Irineu. Na frente ficava um salão grande, de ambos os lados havia os quartos, nos fundos a cozinha e um gabinete, onde até hoje são guardados os garrafões de daime e que na época servia também para o líder receber seus seguidores. Uma vez concluída a obra, os trabalhos espirituais foram transferidos da ramada (galpão de palha) para a sala de entrada da casa (vejamos na figura acima a sede e casa de Mestre Irineu).

Pouco depois da construção da sede/casa de Mestre Irineu, Francisco Granjeiro Filho juntou-se à comunidade do Daime. Suas habilidades naturais o destacaram como chefe da equipe da mata, responsável pela busca do cipó e da folha, e feitor de daime. Posteriormente, também veio a fazer parte do Estado Maior. Sua família de forma geral se integrou nos trabalhos de Mestre Irineu e, a partir da década 1950, os “Granjeiros” constituíram uma família de grande importância dentro do Daime (ver em Apêndice L o gráfico genealógico dos Granjeiros). Nesse período também aproximou-se do Daime o Major Holdernes Maia, que viria a ser um dos maiores defensores de Mestre Irineu em Rio Branco. A história de sua aproximação do Daime é mais um relato dos poderes de cura de Mestre Irineu. Francisco Cal Ovejero reproduz a história que ouviu de Holdernes Maia, sobre sua chegada ao Daime:

[...] Contavam, por exemplo que, quando iam homens e mulheres à sua casa, (Mestre Irineu) dava um dedo de sua beberagem e os deixava todos atordoados, levando, então, as mulheres para a mata, onde fazia com elas o que queria. Decidiram impulsionar o Tenente do Exército Holdernes Maia a carregar sua pistola com munição de calibre 45 enquanto se aprontava para ir ao terreiro da Custódio Freire. Pensou Holdernes: “Se é verdade o que dizem, meto bala em todo mundo.”

Para Holdernes aquela era a sua última oportunidade. Passara os últimos 16 meses recorrendo aos hospitais do Rio de Janeiro. Esteve internado em um Hospital Central do Exército e depois em um Hospital da Polícia e depois na Policlínica Geral; foi operado no Botafogo e voltaram a interná-lo na Casa de Saúde de Santa Rita do Rio Cumprido, de onde lhe mandaram ao Hospital dos Servidores do Estado. E assim foi indo de um para o outro, pois, sua cirrose estava definitivamente em fase terminal e o que melhor ele podia fazer dos últimos meses de vida que



Ihe davam era passar com sua família. Então regressou a Rio Branco, para esperar seu final entre sua mulher e seus quatro filhos. Holdernes se inteirou de que havia na cidade um homem negro que curava e se dispôs a queimar um último cartucho em prol de sua vida. Teve que recorrer a suas influências para poder arranjar um cavalo, em uma tarde de inverno; assim atravessou as dificuldades da estrada para chegar a Custódio Freire. Foi uma dura travessia. Ele, sem nenhum governo de seu intestino, chegou ao Alto Santo, amarelo, esgotado, empapado com suas fezes. Lá tiveram que descê-lo do cavalo e um corpulento negro que fumava tabaco puro saiu a recebê-lo. Holdernes Maia lhe contou em poucas palavras seu caso, o outro o ouviu com naturalidade e disse: “Eu estava lhe esperando, Deus não desengana ninguém, eu aqui curo com esta bebida. Você quer se curar?”

Holdernes lhe advertiu que lhe faltava coragem. O Tenente Holdernes assistiu aquele homem que lhe serviu meio copo de um líquido pardo e lhe soprou um bocado de fumaça de seu cigarro. Nesse dia o Tenente Holdernes só tinha ingerido uma infusão, e logo depois de tomar daime começou a passar mal. Chegaram fortes sensações de vertigem e mal estar que ameaçavam derrubá-lo. Holdernes fez seus rogativos e sentiu como se algo se partisse dentro dele. Sabia que a pele que envolvia seu fígado estava solta, como água podre, que de pronto, foi parar no estômago. Vomitou tudo aquilo sentindo que em cada golfada lhe dava alívio em todo seu corpo. Holdernes se restabeleceu em seguida de sua crise e passou a freqüentar as sessões do Alto Santo. Entre Mestre Irineu e o militar surgiu uma amizade que perduraria através dos anos. Este ascendeu a Major do Exército e passou a ser Assessor Militar do Governo do Acre. Assim se erguera um dos mais eficazes escudos contra as perseguições de que Mestre Irineu fôra objeto. (OVEJERO, 1996, p. 55-57, tradução nossa)

O início da década de 1950 foi também marcado pelo falecimento de João Pereira. Fala-se que contraiu uma doença de pele terrível, não se sabe ao certo qual, possivelmente fogo selvagem, ou “alastrim” na terminologia local. Conforme conta Paulo Serra:

O João Pereira trabalhava pro Antônio Carpina que tinha uma serra-ria. O João Pereira carregava madeira daqui dessas colônias e levava pra vender para ele lá. Foi no tempo que ele adoeceu. Foi quando ele veio pra cá se tratar de uma tal de alastrim, cai o couro da pessoa todinho. No começo, parece com uma catapora, se não tratar direito, ela vai comendo, comendo e vai ficando carne viva.





Passou dois meses se tratando com o papai (Mestre Irineu). Foi no tempo que ele estava quase bom. Aí, chegou o Manoel Belém e disse: “João Pereira vamos lá pra casa passar uns dias.”

Ele disse: “Quem sabe é o Mestre.”

Ele foi e perguntou a papai, papai disse: “Olhe, vá, mas olhe a sua dieta!”

“Tá bom.”

Ele foi pra lá, quando foi com uns três dias o Manoel comprou um pirarucu preparou o pirarucu no leite da castanha e deu pra ele comer.

Aí o João Pereira disse: “Não vou comer não, que faz mal.”

Aí, o Manoel Belém disse: “Pereira, faz mal pra gente o que sai da boca da gente, o que entra não faz mal não, é alimentação.”

Ele pegou e comeu com todo gosto. Aí ele foi piorando e teve que ficar na palha da banana sem roupa, porque ele não agüentava roupa. Quarentas dias depois ele morreu.

O Papai até deu uma suspensão no Manuel Belém de seis meses. Esse camarada, com dois meses de suspenso, deu um tiro no urubu, matou o urubu e mandou a mulher tratar o urubu, depois ele obrigou ela comer, mas, ele não comeu. Depois de seis meses ele se apresentou e o papai o afastou de vez.

O Manoel Belém com raiva pegou água fervente e matou cerca de 100 pés de jagube e uns duzentos pés de folha que tinha em seu terreno.<sup>24</sup>  
(Paulo Serra)

Na literatura e na comunidade do Daime, as informações sobre João Pereira são parcas, apesar da importância dada atualmente a seu hinário. Fala-se que ele nasceu no Ceará, na cidade de Porongaba, no ano de 1902. No início do Daime em Rio Branco, João Pereira recebeu a graduação de General do Conforto, por indicação de Mestre Irineu. Iniciada a nova fase no Alto Santo, quando as patentes ostentadas nas fardas foram suprimidas, João Pereira passou a fazer parte do Estado Maior. Ele acompanhou os trabalhos do Daime por cerca de 20 anos. Na identificação que consta em sua lápide, diz-se que faleceu em 1952, sem referência ao dia e mês. Na verdade, não se sabe ao certo a data precisa de sua morte. Acreditamos que na reforma do Cemitério Palmeiral, com a deterioração dos antigos túmulos,



foram também perdidas as datas. Poucos são os antigos que têm a lembrança precisa da data de seu falecimento, apenas afirmam que ele morreu no início da década de 1950. O mesmo acontece com os dados de sua origem no Ceará. Pelo que se sabe, não tinha família no Acre.

Depois de seu falecimento, passaram-se três anos sem que o seu hinário fosse executado na comunidade do Daime. Fala-se que as circunstâncias e a doença que o levou a falecer tiveram um forte impacto na comunidade. Além disso, João Pereira morreu sem deixar claro quem deveria zelar por seu hinário. Antônio Roldão (cunhado de Mestre Irineu) se prontificou a ser seu zelador, mas faltou-lhe a lembrança de um dos seus hinos. D. Percília também não conseguiu se lembrar do hino e, assim, do hinário de João Pereira que continha quarenta e cinco hinos, só se conhecem quarenta e quatro.

O zelador de hinário é a pessoa designada para manter a memória oral, ou melhor, musical do hinário. Assim, quando Antônio Gomes faleceu, sua filha Adália assumiu a responsabilidade pela zeladoria de seu hinário, já quando morreu Maria Damião, a zeladora de seu hinário foi D. Percília. No caso de João Pereira, a responsabilidade foi atribuída a Francisco Granjeiro. Observemos o relato abaixo de D. Percília sobre isso.

Rapaz, a doença dele foi uma doença tão esquisita que eu não sei nem dizer. Eu sei que ele esteve doente prostrado muito tempo. Até tem um hino dele, um hino muito bonito, já chegando nos últimos, que esse ficou fora da linha. Eu sabia o hinário dele, sabia todinho, mas quando ele estava doente me falhou na memória alguns hinos. Quando eu vi que ele já estava nas últimas mesmo, mas ele estava com o pensamento dele firme, a gente via que ele não tinha mais jeito, mas ele falou até no último momento.

[...] Fui vendo que a coisa estava aproximando, que eu não lembrava todo o hinário dele, chamei o Antônio Roldão que era irmão da dona Raimunda, cunhado do Mestre. Ele sabia o hinário também. Eu fiz assim, vou pedir pra ele cantar os hinos arrastado ou não. O Antônio veio e disse: "Não se preocupe não, que eu sei do hinário dele todinho."

Eu fiquei descansada. Quando o homem morreu, ele não sabia, faltava esse que ele não sabia. Aí não tinha mais jeito. O hinário do João



Pereira ficou arquivado três anos. Um dia o Mestre me chamou e disse: "Você ainda se lembra do hinário do João Pereira?"

"Lembro sim senhor."

"Pois você escolha uma pessoa aí, pra ensinar esse hinário pra ele ficar na ativa."

Eu escolhi o Chico Granjeiro. Chamamos ele, perguntamos se ele queria, ele disse: "Quero sim."

Eu comecei ensinando a ele, mas ele sofreu pra tomar conta. Eu não sei por quê. Quando começou a cantar os hinos, diz ele que dava agonia, dava frio, dava tudo, quando era pra ir pros trabalhos. Depois ele aprendeu direitinho [...].<sup>25</sup> (Percília Ribeiro)

Dois anos depois da morte do João Pereira, Mestre Irineu sofreu um grave acidente com um machado. Ele havia saído com Chico Martins, para fazer uma limpeza na mata e tirar umas pachiúbas, num bosque perto de sua casa. Foi quando acidentalmente cortou o pé direito com o machado, fazendo um corte profundo que exigiu que se dessem pontos em seu pé. Fala-se que Mestre Irineu demorou cerca de seis meses para se recuperar plenamente, mas que nesse período passou o tempo lendo e relendo o Livro de Orações da Cruz de Caravaca e revistas do Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento. Paulo Serra e Francisco das Chagas relataram sobre essa passagem:

Não, nunca vi o papai doente. A doença que ele teve mais grave que eu vi, foi quando ele veio tirar umas pachiúbas mais o Chico Martins, no ano de 54 pra 55. Chico Martins falou pra ele: "Compadre, eu vim porque eu lhe prometi de vim, mas eu tive um sonho tão esquisito essa noite, eu sonhei eu me cortando com o machado."

Ele disse: "Não é nada Chico, as vezes é impressão da gente."

"Eu achava melhor a gente não ir."

"Não rapaz, vamos embora."

Aí, eles pegaram os machados e vieram pra cá. Chegando aqui limpavam o pé de uma pachiúba, foi quando ele cortou um cipó com o machado. Aí, o machado passou direto e cortou os dedos dele. Cortou os dedos do pé direito, chegando a cortar o nervo. Os dedos dele ficaram tudo caído.



Ele passou seis meses lendo livros. Ele leu o Livro de Orações Cruz de Caravaca e as revistas do Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento, a Bíblia, e o Velho Testamento. Ele disse que aqueles seis meses foi que fizeram ele parar. Ele durante todo esse tempo leu e aprendeu mais alguma coisa.<sup>26</sup> (Paulo Serra)

Ele tava tirando umas madeiras, pra fazer um assoalho de um paiol, quando ele rolou o pé, rolou mesmo, que quando ele chegou em casa e tirou a bota o pedaço do pé dobrou.

Quem tratou dele na casa dele foi o doutor Armando Leite, que se candidatou até a deputado. Armando Leite foi na casa do padrinho e costurou o pé dele. Eu cansei de medir uma chave no peito da bota, que era daqueles machados Colin.<sup>27</sup> (Francisco das Chagas)

Acredita-se que foi nesse período de repouso que Mestre Irineu começou a formular o Trabalho de Mesa (ritual para afastar pensamentos negativos e encostos ou maus espíritos) e a parceria com o Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento. Porém, tanto o Trabalho de Mesa, como a parceria com o Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento, somente viriam a se efetivar no final da década de 1950.

O ano anterior ao ferimento de Mestre Irineu havia sido marcado pelo falecimento de seu seguidor Sebastião Gonçalves do Nascimento, em 22 de junho de 1953. Este havia chegado à doutrina de Mestre Irineu por volta de 1938 (NASCIMENTO, 2005, p. 68), no mesmo ano que Antônio Gomes e sua família. Casou-se com Zulmira Gomes, filha de Antônio Gomes e juntos tiveram seis filhos: Raimundo Gonçalves, Heloisa, Benedito, Peregrina, Jovita e Joca (ver em Apêndice G, gráfico da família Antônio Gomes e Nazaré). Sua filha Peregrina, depois da separação de D. Raimunda e Mestre Irineu, tornar-se-ia esposa do líder. Mas esse casamento só viria a ocorrer três anos após a sua morte.

Nessa mesma época, Mestre Irineu e D. Raimunda tiveram um filho que viveu apenas três meses. Diz-se que depois da morte da criança, D. Raimunda pediu a Mestre Irineu para adotar a pequena Marta, filha do casal Josefa e Lourival. Segundo Paulo Serra, Marta conviveu com D. Raimunda por quatro anos e tinha aproximadamente cinco anos quando ela e Mestre Irineu se separaram.



Isto ocorreu em março de 1955, quando D. Raimunda resolveu pedir a separação. (SILVA, P., 1992, p. 8) Não se sabe ao certo o que realmente levou D. Raimunda a tomar essa atitude, existindo várias versões para o fato. Segundo a mais recorrente, Maria Franco seria a pivô de conflitos entre os dois, pregando a desunião do casal.<sup>28</sup>

Em resposta ao pedido de separação, Mestre Irineu teria solicitado a D. Raimunda que aguardasse um pouco antes de ir embora, enquanto ele reunia dinheiro para dar a ela. Assim, pediu a seu seguidor, Manoel Dantas, que era magarefe, que abatesse três porcos e três bois. Este, depois de abatê-los, entregou a carne para ser vendida. Mestre Irineu juntou então o dinheiro da carne dos animais e deu a ela. Logo depois, ainda em março de 1955, D. Raimunda, juntamente com sua mãe e Antônio Roldão, viajaram para São Paulo. Nessa viagem, foram guiados por Pedro Ferreira Lima (Pedro Severino), um comerciante que costumava ir para aquela capital com certa frequência para comprar bijuterias que depois revendia em Rio Branco.

Mestre Irineu ficou sozinho com os dois filhos de criação, Paulo e Marta, de março de 1955 a 15 de setembro de 1956, quando se casou com Peregrina Gomes do Nascimento. Observemos o relato abaixo de Paulo Serra, sobre o período que Mestre Irineu passou sem esposa.

Em cinqüenta e cinco, em março de cinqüenta e cinco, minha mãe [Raimunda] foi embora. Ficou só nós três dentro de casa. Eu não sabia fazer um café, eu olhava pro lado, via o velho com o braço pendurado. Porque a gente comia mal. Eu botava água no fogo e fazia aquele angu com farinha, um escaldado, assava um pedaço de jabá, peixe ou pirarucu. Aí, é que a gente comia, né.

Pra ele ter um almoço, uma refeição melhor, ia na casa dos outros, trazia a mulher do cabra, aí, ela vinha pra cá. Era tia Maria Gomes, era Benedita, eu ia buscar mamãe lá na casa dela pra fazer um almoço, matar uma galinha. Senão, a gente passava baixo.<sup>29</sup> (Paulo Serra)

No início de 1956, Mestre Irineu começou procurar uma nova companheira. De imediato simpatizou com Peregrina, filha de Zulmira Gomes. Segundo D. Percília Ribeiro, "Foram meses de observação até ele ter a primeira conversa com dona Zulmira". (CARIOCA, 1998, p. 22)



Zulmira Gomes aceitou que Mestre Irineu pedisse sua filha em casamento, agindo como intermediadora entre os dois. Em 1984 o Jornal Rio Branco publicou um relato desse acontecimento, conforme contara D. Peregrina:

Irineu havia se separado recentemente da antiga esposa, Raimunda. Peregrina diz que tinha medo da ex-mulher e da sogra de Irineu, achava que elas podiam querer armar alguma confusão. Ao mesmo tempo temia não dar conta da responsabilidade, nunca tinha cozinhado, não sabia tomar conta de casa, ainda mais uma casa como aquela, freqüentada o dia todo por muita gente, inclusive políticos importantes. Por isso recusou a proposta feita por Irineu. Mas, quinze dias depois, voltou a ele e falou que aceitava.

Conta que ele era um homem muito alegre, gostava de brincar. Podia ser qualquer hora do dia, ter muito trabalho na cozinha, o que fosse. Mas, se tocava uma música animada na rádio ele pulava na sala e dizia: "Venha daí uma dama de ouro para dançar com um cavaleiro de prata". (GOMES, P., 1984, p. 4)<sup>30</sup>

Mestre Irineu começou a tratar da documentação e, de comum acordo, marcaram o casamento civil para 15 de setembro de 1956. Ele não podia se casar novamente na igreja, pois já tinha casado se com D. Raimunda e, assim, a cerimônia de casamento só podia ser feita no civil. Antes da cerimônia, Peregrina só se encontrou com Mestre Irineu duas ou três vezes, para acertarem os detalhes da festa. (CARIOCA, 1998, 22) A comunidade do Daime foi convidada para três dias de intensas festividades no Alto Santo. Mestre Irineu estaria com 66 anos de idade e ela com 20 anos (ver foto abaixo, logo após a certidão). Como a maioria dos relatos existentes na literatura sobre este momento é bastante imprecisa, acreditamos importante conferir a certidão de casamento inscrita no livro do Fórum de Rio Branco, documento oficial que, em relação ao casamento em si, nos parece confiável

Um ano depois de seu casamento, Mestre Irineu decidiu visitar sua família em São Vicente Férrer no Maranhão. Antes de partir, preparou Raimundo Gomes e Zé das Neves, para administrarem os trabalhos do Daime na sua ausência. (CARIOCA, 1998, p. 23) Em 13 de novembro de 1957, quando faziam quarenta e cinco anos que não via seus familiares do Maranhão, Mestre Irineu deixou o Alto Santo. Sua esposa, D. Peregrina,



e mais alguns de seus seguidores o levaram para pegar o avião no campo de pouso que ficava no bairro de Rio Branco, chamado Bahia. O avião o levou até Belém e, de lá, ele prosseguiu de barco até São Luís, no Maranhão. De São Luís, pegou outro barco que foi pela Baía de São Marcos até o porto de Raposa. O restante do trecho foi feito por terra até chegar a São Vicente Férrer. O pesquisador Eduardo Bayer escreveu sobre esta viagem.

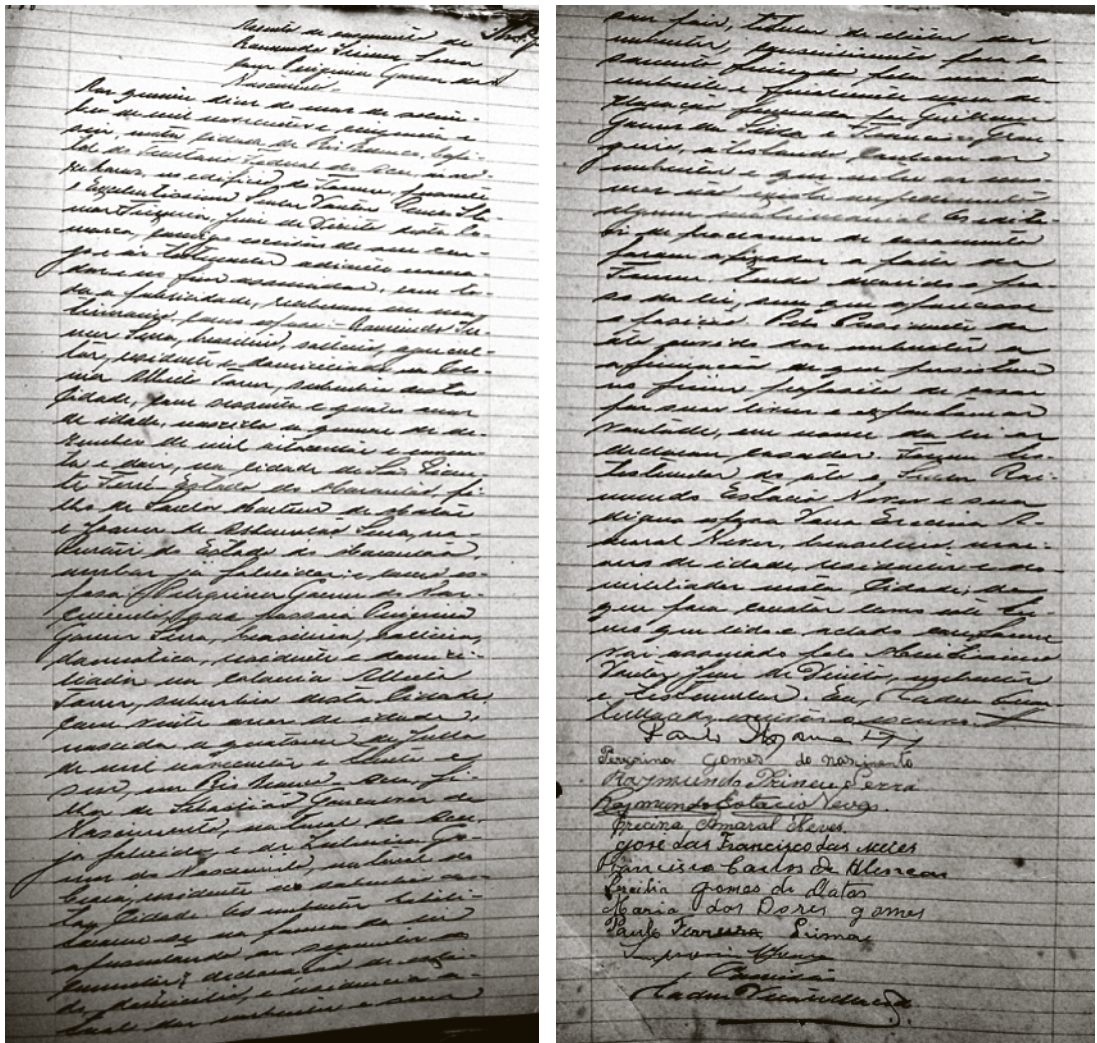


Figura 49 Foto do registro civil de casamento de Mestre Irineu e D. Peregrina.<sup>31</sup>





**Figura 50**  
Foto de Casamento de Mestre Irineu  
e D. Peregrina.

Quando retornou ao Maranhão, em fins da década de 50, Mestre Irineu veio de avião por Manaus e Belém, trazendo duas malas grandes com documentos das autoridades de Rio Branco referendando o seu trabalho e as terras que conseguira no Acre e mais 50 contos de reis para ajudar a família. Reencontrou com muita alegria o seu velho padrinho Paulo (a mãe já havia falecido) para lhe dizer que viera apenas agradecer aquelas chicotadas, pois, através delas, se tornara um homem, um verdadeiro homem, no domínio da Floresta. (BAYER NETO, 1992, p. 3)

Mestre Irineu fora ao Maranhão com a esperança de ainda encontrar sua mãe viva. Mas, já em São Luis, antes mesmo de chegar a São Vicente Férrer, teria sido informado por seus parentes que sua mãe falecera no dia 12 de junho de 1945, cerca de doze anos antes. Seu sobrinho, Daniel Serra, que morou com Joana, diz que ela tinha cerca de setenta anos quando faleceu, na véspera de Santo Antônio. Daniel tinha nove anos na época e a teria ouvido falar muitas vezes da saudade que sentia do “preto” (Mestre





Irineu) e que tinha muita vontade de revê-lo antes de morrer. Joana faleceu quando Daniel estava em Penalva (cidade próxima a São Vicente Férrer). Seu enterro, no cemitério de São Vicente Férrer, ocorreu no dia 13 de junho de 1945 e contou com a presença maciça da sua família.

N.º 91. Assento de óbito de Joana Serra

Aos quatro dias do mês de junho, de mil novecentos e quarenta e cinco, nesta cidade de São Vicente Férrer, Comarca de São Paulo, do Estado de Pernambuco, em meu cartório, compareceu o senhor Vicente Postana, encarregado do bairro de São Amel, neste município, e perante os testemunhos abaixo assinados declarou que em domicílio próprio, no lugar Santo Pedro dist. Pernambuco, no dia dez do corrente, os auses Irma, filha abintada de morto natural Joana Serra, de nacionalidade brasileira, filha de Curcio e Leopolda Serra e o seu cadáver foi sepultado no Cemitério desta cidade em fimado, com o presente, que foi autorizado pelo declarante, testemunhos e por mim José Boteta de Carvalho Adv., assentados que foram.

Vicente Postana  
 Vicente Soares  
 Edgard Sales  
 José Boteta de Carvalho Adv.

Figura 51 Foto do registro de óbito de Joana Serra, mãe de Mestre Irineu.<sup>32</sup>



Logo que chegou à sua cidade natal, Mestre Irineu encontrou seu irmão José Serra que foi quem primeiro lhe deu as informações sobre familiares (ver Apêndice A). Em seguida, procurou Paulo Serra, seu tio, que o havia criado, para saber mais notícias de sua família. Este sugeriu-lhe que ficasse hospedado com seu filho, Aprígio Antero Serra, cuja casa ficava próxima à sua. Existem duas versões sobre os encontros de Mestre Irineu com seu tio. Segundo a pesquisa que Bayer Neto realizou em 1992, Mestre Irineu não levara daime, somente cantou os hinos para seu tio. Entretanto, Rita Serra, filha de Paulo Serra, dá a entender que o seu pai chegara a tomar daime com Mestre Irineu.

Durante dezembro de 1957, quando estava hospedado em São Vicente Férrer, Mestre Irineu visitou parentes em várias localidades próximas, perguntando a muitos deles se queriam ir para Rio Branco com ele. A proposta foi também estendida aos parentes que estavam mais distantes, em outros municípios. Enquanto aguardava a resposta, ajudou também a erguer uma casa, no bairro de Casa Grande. (BAYER NETO, 1992, p. 3)

Essa história foi assim: ele chegou e veio direto do Acre visitar a família em 1957. Ele chegou aqui; não encontrou a família. Estava toda esfarelada. Para a gente encontrar um, era o maior problema. Era um pro canto, outro pra outro. Tinha gente no Acre [Domingas, Francisca e Benedito], Maranhão, Rio de Janeiro, Roraima, tá tudo esfarelado, tudo é Brasil. Ele chegou aqui, Mestre Irineu fôra ao Maranhão na esperança de ainda encontrar viva sua mãe, mas em São Luis, antes mesmo de chegar a São Vicente Férrer, soube que isso não era mais possível. Procurou onde estava morando seus parentes. Ele encontrou poucos irmãos morando lá em São Vicente Férrer. Na época eu morava em Penalva. Fiquei sabendo que ele tava chamando os que quisessem ir com ele. Arrumei minhas malas e fui encontrá-lo em São Vicente Férrer.<sup>33</sup> (Daniel Serra).

Finalmente, no início de Janeiro de 1958, após passar cerca de um mês em São Vicente Férrer, Mestre Irineu começou a se preparar para retornar ao Acre. Dois sobrinhos e o filho de uma sobrinha haviam decidido ir com ele para Rio Branco. Assim, foram Daniel Serra (filho de Maria



Matos, irmã de Mestre Irineu), Zequinha (filho de Raimunda, irmã de Mestre Irineu) e João (filho de Fernanda, sobrinha de Mestre Irineu).<sup>34</sup> Fernanda é filha de Matilde, irmã de Mestre Irineu (ver genealogia da família materna de Mestre Irineu II em Apêndice B). Uma vez prontos, partiram todos para o vilarejo de São Jerônimo e de lá para Cajapió, para embarcarem no porto de Raposa. Daniel Serra relatou da seguinte maneira sua viagem com Mestre Irineu para Rio Branco:

Quase todos já tinham comprado as coisas antes dele viajar. Ele comprou um monte de coisa, era sela para cavalo, era coisa de animal, rede, ferramentas, muita coisa que dava quase pra encher um caminhão. Levou também frutas da região, muita coisa, não foi só babaçu não.

Nós saímos lá de São Jerônimo, passamos em São Vicente, depois passamos em São João Batista e fomos embarcar lá no Cajapió, num lugar que se chamava Raposa. Passamos dois ou foi três dias esperando o barco, só comendo sardinha fria com farinha, fazendo farofa de farinha d'água. Quando o barco chegou embarcamos e viajamos para São Luís. Inclusive o nosso guia era um parente dele, era o Zé de Paula que é irmão da Rita Serra. Severina vinha todo tempo com a gente até São Luis. Quando chegou em São Luis, desembarcamos e fomos pra casa de um tio nosso que se chamava Raimundo Barbadinho. Passamos uns dias lá com o Raimundo, não sei direito quantos dias. Mas foram muitos, até que ele conseguiu a passagem pra viajar pra Belém. Pegamos o barco no Porto da Praia Grande, era uma sexta-feira, seis horas da tarde do dia 18 de janeiro de 1958. Embarcamos num barco chamado Zé Lobato que ia para Belém. Foram três dias no mar pra chegar a Belém. Na viagem passamos pela Ilha de Marajó. Nós chegamos lá no dia de São Sebastião, era domingo de manhã bem cedinho do dia 20. O Fabiano, irmão do seu Zé das Neves, foi nos pegar no porto. Ele morava perto da igreja de Nossa Senhora de Nazaré. Ficamos em Belém uns dias na casa do Fabiano.

Meu tio [Mestre Irineu] se comunicou com o pessoal do governo do Acre. Aguardamos o pessoal mandar as passagens pra nós. Ele sempre falava no Coronel Fontenele de Castro [Secretário Geral na época]. Embarcamos num outro barco chamado João Gonçalo. Chegamos ao



Acre no dia 14 de manhã cedinho. Desembarcamos no porto de Rio Branco. Ainda não tinha ponte, era um lugarzinho muito atrasado. Inclusive nós saltamos no porto que se chama Porto da Tamarina, é perto do mercado.

Chegamos, estava aquela fileira de gente esperando o Mestre desembarcar. Aí, subimos, não chegava carro lá. Aí, levaram a bagagem até o meio do caminho, na casa de seu Guilherme Gomes. De lá carregou em um carro de boi, lá pra casa do Mestre. Quando chegamos lá, andamos umas duas horas de pé, era um atoleiro doido. Era inverno, no mês de fevereiro. O pessoal já estava esperando ele. Quando entramos na casa do Mestre, fomos logo lá arrumando as coisas.

Foi a primeira vez que eu ouvir cantar um hino. Foi cantado o hino “Centenário” eu nem sabia o que era. Fiquei até desconfiado. Quando nós entramos lá dentro do salão dele, a Percília chamou o pessoal que ficaram de um lado e ele bem na frente. Aí, cantaram, foi muito bonito, foram dois dias de festa de banquete. Depois fizeram uma sessão de concentração. Foi a primeira vez que eu vi o pessoal tomando daime (Entrevista com Daniel Serra em fevereiro de 2007).

Durante os três meses que Mestre Irineu esteve fora, a comunidade do Daime não havia recebido nenhuma notícia dele. Raimundo Gomes teria até realizado “Trabalhos de Concentração” com o objetivo de saber se ele estava vivo ou não. O boato de seu desaparecimento havia circulado na comunidade, causando certos desentendimentos entre os seguidores. D. Peregrina Serra, sua esposa, porém, mantinha-se com a esperança de que ele ainda estaria vivo. Segundo ela, “Era o maior desejo dele fazer essa viagem de barco”. (CARIOCA, 1998, p. 23) Fala-se que foi nessa viagem que ele recebeu instruções sobre as novas fardas.<sup>35</sup> Os dois sobrinhos e o filho de sua sobrinha logo se ambientaram na comunidade, passando a participar dos rituais do Daime.

A década de 1950 foi marcada pela aproximação de novas famílias importantes à doutrina de Mestre Irineu. No início da década, como já vimos, chegaram Francisco Granjeiro e família. Sua irmã também entrou na doutrina e se casou com Guilherme Gomes, um dos filhos do Antônio Gomes; o mesmo aconteceu com Francisco Granjeiro (casou com uma das filhas de Antô-



nio Gomes). Esse intercruzamento entre famílias levou a uma consolidação cada vez maior de seus vínculos com a doutrina de Mestre Irineu. Juntamente com os Granjeiros, chegaram também o casal Elias e Ana com seus filhos. Em 1956, chegaram o casal Raimundo Ferreira (Loredó) e Alzira Alves Ferreira, também com seus filhos. Estes posteriormente se estabeleceriam como uma extensão do Daime no Barro Vermelho (Seringal Saituba). Dois anos depois, o casal Maria de Lourdes e Julio Carioca e seus filhos também ingressaram na comunidade (ver Apêndice M). Estes se estabeleceram no próprio Alto Santo e foram os responsáveis pelo reforço musical nos rituais do Daime, pois a família, de forma geral, era muito musical, e seus membros deram importantes contribuições aos festejos do Daime. Destacamos estas famílias de recém-chegados por elas terem se estabelecido permanentemente na comunidade. Outras apenas passaram por ela, não sendo seguidos por seus descendentes.

Talvez a razão para Mestre Irineu ter procurado os parentes do Maranhão tenha sido sua consciência do avanço da idade e da sua falta de herdeiros. Por isso, teria se esforçado, durante sua estada em São Vicente Férrer, para trazer de volta consigo alguns parentes que se integrassem à comunidade do Daime. Subsequentemente, Daniel Serra se tornou uma espécie de braço direito seu, vindo a se responsabilizar pelo comando do salão durante os rituais.

## Notas

- 1 Entrevista concedida ao Jornalista Antonio Alves, publicada no Jornal O Rio Branco, n. 2.299, p. 4 11 jul 1984.
- 2 A origem dessa guerra foi uma disputa pela região do Chaco Boreal, no sudeste da Bolívia, hoje norte do Paraguai, tendo como um dos motivos a descoberta de petróleo no sopé dos Andes. Deixou um saldo de 60 mil bolivianos e 30 mil paraguaios mortos, resultando na derrota dos bolivianos, com a perda e anexação de parte de seu território pelos paraguaios.
- 3 Montero (1985), Maggie (1988), MacRae (2000, 2008) e Goulart (2004, p. 56; 2008, p. 259).
- 4 Nome que Mestre Irineu usava para seus ensinamentos.
- 5 Entrevista que Lurdes Carioca deu a Sandra Goulart em novembro de 2002. A respeito, confira Goulart (2004, p. 48).
- 6 Ver: Fróes (1986, p. 20).
- 7 Entrevista que Percília deu a Sandra Goulart em agosto de 1994. Sobre o assunto, ver Goulart (2004, p. 49).



- 8 Entrevista com Paulo Serra em julho de 2007.
- 9 Este tema é retomado em Moreira (2008).
- 10 Trecho do hino 38 - A Minha Mãe Me Mandou do hinário de Antônio Gomes (ver em Anexo E).
- 11 Entrevista com Adália Granjeiro em fevereiro de 2007.
- 12 Entrevista com Adália Granjeiro em fevereiro de 2007.
- 13 Durante a vida de Mestre Irineu cantava-se no primeiro verso da terceira estrofe do hino 48 - A Rainha da Floresta, "Vai chorar de arrependida", mas após a sua morte substituiu-se "arrependida" por "arrependido" descolando a suposta referencia a Raimunda para universalizá-la. (Comunicação pessoal de Veriana Brandão, antiga seguidora de Mestre Irineu desde a década de 40, em março de 2007)
- 14 Ver: Carioca (1998, p. 17) e Cemin (1998, p. 81).
- 15 Depoimento de D. Percília Ribeiro em Carioca (1998, p. 18).
- 16 Termo muito usado nos hinos do Daime significando: "se arrepender", "pedir desculpas", "deixar de ser orgulhoso".
- 17 Entrevista de Dália Granjeiro, filha de Antônio Gomes, em março de 2007.
- 18 Entrevista de D. Percília Ribeiro dada a Antônio Macedo em 1999.
- 19 Durante muito tempo se divulgou que Maria Damião morreu em 1942. Possivelmente o equívoco começou com relatos de terceiros que não a conheceram e foi perpetuado na lápide do seu túmulo. Porém, a afirmação de que o ano de falecimento de Maria Damião é 1942 não é plausível, pois os próprios filhos dela comentam que ela morreu quando Guimard era governador (25 de abril de 1946 a 30 de junho de 1950). Outro fato que desfaz esse engano é a confirmação de D. Percília Ribeiro, amiga próxima de Maria Damião, que afirma que ela morreu em 1949. Além de D. Percília, confirmam o ano de 1949 a família de seu Elias e Paulo Serra. O caso da inscrição na lápide se explicaria pelo fato de que o cemitério do Palmeiral sofreu uma reforma. Sabe-se que, durante as obras, alguns túmulos foram transferidos de lugar devido à maneira aleatória e desalinhada com que haviam sido distribuídos originalmente. Ocorreu também uma repadronização dos túmulos, vários dos quais já haviam perdido a identificação. Provavelmente uma nova identificação do jazigo de Maria Damião foi feita erroneamente e até hoje a sua data de falecimento consta como sendo 2 de abril de 1942.
- 20 Entrevista de D. Percília Ribeiro dada a Antônio Macedo em 1999.
- 21 Entrevista com Raimundo Damião em Fevereiro de 2007.
- 22 Entrevista com Paulo Serra em julho de 2006.
- 23 Relato de Peregrina Gomes Serra, viúva de Mestre Irineu. (CARIOCA, 1998, p. 26)
- 24 Entrevista com Paulo Serra em Março de 2007.
- 25 Entrevista de Percília Ribeiro dada a Jair Facundes em 2003.
- 26 Entrevista com Paulo Serra em março de 2007.
- 27 Entrevista com Francisco das Chagas, em Fevereiro de 2007.
- 28 Para maior discussão desse episódio, ver Moreira (2008).
- 29 Entrevista com Paulo Serra em julho de 2006.
- 30 Entrevista concedida ao Jornalista Antonio Alves, publicada no Jornal O Rio Branco, nº 2.299, p. 4, 11 jul 1984.



- 31 Livro 12, Folha 110 sob o número 1485: Casamento de Raimundo Mestre Irineu Serra com Peregrina Gomes do Nascimento, aos 15 dias do mês de setembro de 1956, nesta cidade de Rio Branco, capital do Território Federal do Acre, às 9 horas no edifício do fórum. Presente excelentíssimo senhor doutor Paulo Itamar Teixeira, juiz de direito desta comarca, e o escrivão de seu cabo, e as testemunhas adiante nomeadas e no fim assinadas. Com toda humildade receberam sim o matrimônio como esposo Raimundo Mestre Irineu Serra, brasileiro, solteiro, agricultor, residente domiciliado na colônia Alberto Torres, sub-distrito desta cidade, com 64 anos de idade, nascido a 15 dias de setembro de 1892, na cidade de São Vicente Férrer no estado do Maranhão filho de Sanches Martins de Matos e de Joana de Assunção Serra, naturais do estado do Maranhão, já falecidos, e como esposa Peregrina Gomes do Nascimento que passará para Peregrina Gomes Serra, brasileira, solteira, residente domiciliada na colônia Alberto Torres, subdistrito desta cidade com 20 anos de idade, nascida a 14 de julho de 1936, no Rio Branco, Acre, ela é filha de Sebastião Gonçalves do Nascimento, natural do Acre e já falecido, e de Zulmira Gomes do Nascimento natural do Ceará, residente e domiciliada nesta cidade. Os nubentes se habilitaram na forma da lei, apresentaram os seguintes documentos: declaração de estado residência em seu país, o título de eleitor dos nubentes, consentimento para casamento firmado pela mãe da nubente e finalmente uma declaração firmada por Guilherme Gomes da Silva e Francisco Granjeiro atestando conhecer os nubentes e que ante as mesmas não existe impedimento algum matrimonial. Os editais de proclama de casamento foram fixados à porta do fórum tendo decorrido prazo da lei sem que aparecesse oposição pelo presidente do ato, ouvido dos nubentes afirmações de que persistem no firme propósito de casar por suas livres e espontâneas vontades, em nome da lei os declarou casados. Foram testemunhas do ato o senhor Raimundo Esteves Neves e sua digna esposa dona Erecina Amaral Neves, brasileiros, maiores de idade, residentes e domiciliados nesta cidade, do que para constar, lavro este termo que lhe conforme vai assinado pelo meritíssimo doutor juiz de direito, nubentes e testemunhas. Eu, Tadeu Duarte Macedo escrivão o escrevi. Assinam: Paulo Itamar Teixeira (Juiz), Peregrina Gomes do Nascimento, Raimundo Mestre Irineu Serra, Raimundo Esteves Neves, Erecina Amaral Neves, José Francisco das Neves, Francisco Carlos de Alencar, Percília Gomes de Matos, Maria das Dores Gomes, Paulo Ferreira Lima, Tadeu Duarte Macedo.
- 32 Registro nº 21. Aos catorze dias do mês de junho de mil novecentos e quarenta e cinco nesta cidade de São Vicente Férrer, comarca de São Bento no estado do Maranhão, em meu cartório compareceu o senhor Vicente Pestana, encarregado do serviço declarou que neste Município perante as testemunhas abaixo, assinado em domicílio próprio no lugar Santa Tereza neste termo, no dia doze do corrente, às cinco horas faleceu de causa de morte natural Joana Serra, doméstica solteira filha de Cursino Serra e Leopolda Serra, e seu cadáver foi sepultado no cemitério desta cidade, em firmeza lavrei o presente, que vai assinado pelo declarante, testemunhas e por mim João Batista de Carvalho Sales, escrivão que escrevi. Testemunhas: Vicente Pestana, Vicente Soares, Edgar Sales e João Batista de Carvalho Sales.
- 33 Entrevista com Daniel Serra em fevereiro de 2007.
- 34 João foi amplamente divulgado na literatura existente como sendo seu sobrinho (BAYER NETO, 1992, p. 3; CARIOCA, 1998, p. 22; MAIA NETO, 2003, p. 100), mas, na verdade, como já colocamos acima, ele é filho de Fernanda Serra (sobrinha de Mestre Irineu), filha de Matilde. (Comunicação pessoal de Daniel Serra – janeiro de 2007)
- 35 Revista do 1º o Centenário (1992, p. 8).



Capítulo 4

---

# A Consolidação do Daime









## O Reinício dos Trabalhos Após o Retorno de Mestre Irineu do Maranhão

Ao retornar de sua viagem ao Maranhão, Mestre Irineu parecia completamente renovado dos dissabores que vinha sofrendo desde sua separação de D. Raimunda. Além dos problemas de ordem afetiva, tivera também que lidar com as incertezas que haviam acometido sua comunidade devido aos desdobramentos da saída de sua ex-esposa e respectiva família, que ocupavam cargos de responsabilidade em sua organização. Todo um trabalho de estruturação comunitária precisava ser refeito. Ao chegar, Mestre Irineu parece não ter reassumido imediatamente a posição de comando formal que deixara com Raimundo Gomes e Zé das Neves. Só o veio fazer em dezembro de 1958, quando passou a instituir uma série de mudanças que sinalizariam a chegada de novos tempos na comunidade. Uma de suas primeiras providências foi a de promover modificações nas fardas, reintroduzindo nos rituais o uso de adereços de distinção, possivelmente para reforçar a posição na hierarquia comunitária daqueles que passaram a ocupar os lugares dos que haviam partido e sublinhar a sua própria retomada do poder. Essa, porém é uma suposição dos autores deste livro. O que se comenta normalmente é que, na volta para o Acre, durante sua viagem de barco, Mestre Irineu teria tomado daime diversas vezes e, sob o efeito da bebida, teria recebido instruções para efetuar certas mudanças nas fardas “oficiais” de festejos, tanto nas femininas quanto nas masculinas.



Anteriormente, as mulheres usavam uma saia branca comum e uma faixa verde colocada por cima da camisa de manga comprida, geralmente cruzando o tronco, apoiada no ombro esquerdo, descendo para a direita da cintura, pela frente e pelas costas. As meninas usavam essas mesmas faixas só que no sentido contrário, da direita para esquerda. Ao retornar a Rio Branco, Mestre Irineu propôs às mulheres usarem uma saia branca pregueada e, na faixa, adicionarem outra perna, presa no ombro direito, figurando um “Y” na frente da blusa de manga comprida. Em cada perna da faixa deveria ser adicionada uma “rosa” de tecido (verde e branca). A “rosa” do lado esquerdo da faixa deveria ser menor do que a do lado direito. Para completar o fardamento, elas deviam usar fitas ou “alegrias” de diversas cores (exceto preto) presas ao ombro esquerdo, em número de sete. As mulheres do Estado Maior passaram a usar um prolongamento da perna direita da faixa, passando para as costas até encontrar com a outra faixa, formando também um “Y” atrás. Além do prolongamento de uma das pernas da faixa, as mulheres do Estado Maior deveriam usar doze fitas no ombro esquerdo. Outro adereço colocado na farda feminina foi o “solidéu” ou coroa de lantejoulas em diversos modelos.



**Figura 52**  
Farda das meninas.



**Figura 53**  
Fardas das mulheres.



Nas fardas das meninas, o formato do “Y” das faixas deveria ser ao contrário do das mulheres: assim, a faixa principal que cruza a camisa viria da direita do ombro para a esquerda da cintura. Nesta faixa, passou-se a usar o “ramalhete”, um arranjo representando um galho de planta, feito com lantejoulas prateadas colocada no lado direito da faixa. Na outra perna da faixa do lado esquerdo que forma o “Y”, colocou-se a mesma rosa pequena das mulheres, geralmente em cima do coração. No grupamento feminino, só sua esposa D. Peregrina e D. Percília Ribeiro usavam a faixa verde cruzada em forma de “X” na frente e “Y” nas costas. As fitas das meninas deveriam ser sempre sete, continuando presas do lado esquerdo do ombro (Figura 52).

Os homens, nesta nova fase, passaram a usar paletó branco com gravata preta ou de outra cor escura. A nova farda tinha uma faixa verde cruzada por cima do paletó, do ombro esquerdo para o quadril direito. No mesmo ombro de onde partia a faixa, colocou-se uma rosa (verde e amarela), em tamanho grande, toda feita de tecido. Outro adereço da farda masculina era o uso de fitas ou “alegrias” no número de doze para o Estado Maior e sete para os demais.



**Figura 54**  
Fardas dos homens  
com uso de fitas.



**Figura 55**  
Farda dos meninos  
com fitas.



Num primeiro momento, Mestre Irineu e Zé das Neves passaram a usar uma “palma” (espécie de rosa verde e branca com três pontas de papelão na parte de cima, cada ponta ostentando uma estrela de cinco pontas, feita de cola cinza com brilho). Os meninos passaram a usar um paletó com a mesma faixa, mas, ao contrário daquela usada pelos mais velhos, a deles corria da direita do ombro para a esquerda do quadril, mantendo-se a fitas em número de sete.

Os meninos maiores usavam uma gravata preta, os menores não. Nas fotos acima pode-se ver os adereços nas fardas que os homens e os meninos usavam nos rituais de bailado. Na foto a seguir de um bailado, realizado em 1963 na casa e sede de Mestre Irineu, destacam-se novamente as fardas já modificadas.



Figura 56 Ritual de festejo realizado de farda branca na sede e casa de Mestre Irineu  
Foto tirada em no início de 1960.

Segundo nossos informantes, esse modelo de farda perdurou de 1958 a 1960. A partir de então, Mestre Irineu propôs mais algumas pequenas modificações nas fardas do Estado Maior. Todos os homens do Estado Maior passaram a usar palmas iguais à dele e à de José das Neves. Esse modelo foi seguido até 1968.



O novo formato das fardas, onde o Estado Maior se destacava pelo uso de palmas, foi implantado após a construção da nova sede. Esse salão foi construído perto do açude, no mesmo lugar onde fica a sede atual. Sua estrutura era toda de madeira e as tábuas usadas nas paredes, no telhado, assim como nos cavacos que serviam de telha, eram provenientes das matas existentes nas terras da comunidade. A sede seguia um modelo de quatro águas, com uma varanda circundando o salão central. As obras de construção foram encabeçadas pelo próprio Mestre Irineu, cujos seguidores o acompanhavam em regime de mutirão. Segundo D. Peregrina, quando chegava o final do dia de mutirão, ele pagava aqueles que não podiam lhe dar um dia de serviço gratuitamente. A inauguração foi na noite da véspera de São João, no dia 23 de junho de 1960 (ver no Apêndice O a disposição das pessoas no ritual de baile).

Comenta-se que o modelo de fardas proposto por Mestre Irineu na volta do Maranhão se assemelha ao modelo de fardas usadas no folguedo de São Gonçalo da Baixada Maranhense, conforme realizado na região de São Vicente Férrer. Esse folguedo tem origem portuguesa e pode ser encontrado em diversos estados do Brasil, com características próprias em cada local. No Maranhão, ele aparece em várias regiões do estado sob a forma de danças, conhecidas como Baile de São Gonçalo, também com particularidades distintas em cada localidade.

A tradição do Baile de São Gonçalo parece ter se originado em meados do século XIX. Esse folguedo é realizado com a finalidade de pagar promessas feitas ao santo. Durante seu desenrolar, os participantes “bailam” e recitam versos em louvor ao santo. A similaridade entre essa celebração e os rituais daimistas é bastante impactante e já foi assinalada por diversos pesquisadores. Assim, tanto em um quanto no outro, usam-se termos como “dias de festejo” ou “bailado”<sup>1</sup>. Além disso, a disposição arquitetônica das igrejas do Alto Santo costuma ser muito parecida com as “ramadas” como são chamados os barracões retangulares onde se realizam os festejos maranhenses. As ramadas, cobertas com palha de babaçu, costumam ser ladeadas por muretas a meia altura, características também das igrejas daimistas mais tradicionais. Aliás, esse tipo de construção é muito comum no Maranhão e é palco para diferentes tipos de celebração, como o Tambor de Crioula e o Bumba Meu Boi. Já no Acre, tornou-se um sinal diacrítico, distinguindo as igrejas daimistas mais tradicionalistas, de outras onde



alterações doutrinárias e ritualísticas são refletidas também na arquitetura, com os salões tendendo a adotarem formas hexagonais, fechadas por paredes inteiriças.

Outra similaridade que chama a atenção é relacionada às “fardas”<sup>2</sup> usadas nas cerimônias daimistas instituídas por Mestre Irineu ao voltar de sua viagem à sua terra natal, muito parecidas com a roupa usada pelo “bailantes” de São Gonçalo em certas cerimônias. Em ambos os casos, os homens vestem ternos brancos enquanto as mulheres usam saias brancas e levam coroas na cabeça. Na festa maranhense todos usam fitas coloridas (similares às que fizeram parte da farda daimista no início da década de 1960) e faixas atravessando o peito. No Baile de São Gonçalo ela é vermelha, enquanto nas cerimônias do Daime as mulheres portam faixas verdes cruzando o tórax. Encontra-se também o uso de flores de papel ou plástico, remissíveis dos diferentes distintivos como as palmas e rosas que, em diferentes momentos, compuseram a farda do Daime. (ver figura 57)

O acompanhamento musical também é bastante parecido nos dois casos assim como o uso dos ritmos de valsa e marcha. As celebrações maranhenses são também pontuadas por momentos de queima de fogos, assim como ocorre durante a execução do hinário “O Cruzeiro” de Mestre Irineu (ver no Anexo O - tabela de Hinos d’ “O Cruzeiro” em que são dados os Vivas e é feita a queima de fogos). Desse modo, parece válido conjecturar



**Figura 57**  
Baile de São Gonçalo realizado  
em São Vicente Férrer.





que o Baile de São Gonçalo tenha possivelmente inspirado em Mestre Irineu vários aspectos do Daime.<sup>3</sup>

Além das mudanças nas fardas, este período também foi marcado por hinos que parecem também de inspiração afro-maranhense. Pouco depois de seu retorno, por volta de 1959, Mestre Irineu recebeu o Hino “108 - Linha do Tucum” (ver hino abaixo). Aqui a palavra Tucum possivelmente refere-se a uma palmeira (*Acrocomia Officinalis*) cheia de espinhos, encontrada no Maranhão. O tucunzeiro, que também é muito comum em diversas outras regiões do Brasil, apresenta na cultura afro-indígena maranhense relações estreitas com pelo menos dois grandes grupos de entidades espirituais: a família de Légua Boji e a família dos Currupiras<sup>4</sup>. Estas são formadas por encantados violentos que costumam aplicar castigos impiedosos em pessoas que, por qualquer razão, os venham desagradar. Uma das suas punições favoritas seria fazer suas vítimas entrarem em touceiras de tucum, onde ficariam presas nos espinhos. No universo afro-indígena maranhense, o tucum é também considerado o local de moradia dos Currupiras<sup>5</sup>. Entre os pajés de Cururupu-MA, o tucum, além de ser usado em remédios, pode funcionar como uma espécie de “depurador” espiritual e o tucunzeiro é utilizado como local onde os pajés depositam os feitiços e substâncias malignas retiradas do corpo dos doentes<sup>6</sup>. Assim, no complexo cultural afro-indígena maranhense, o tucum é um símbolo rico em significados relativos ao poder sobrenatural e à magia.

O hino 108 – Linha do Tucum de Mestre Irineu parece filiar-se a esse universo simbólico. É considerado no Daime como sendo um “hino de força” ou “hino de enxotamento de maus espíritos”. A partir de 1963, ele passou a ser usado em conjunto com uma oração de exorcismo do livro Orações da Cruz de Caravaca, no ritual chamado “Trabalho de Mesa” criado por Mestre Irineu para afastar “encostos” ou “maus espíritos”. Neste hino, ele introduziu também um passo chamado “Marcha Valseada” que é executado após a “Marcha” do primeiro estribilho (praticado apenas nos festejos). O bailado do hino inteiro deve seguir o modelo de passo misto. A “Marcha Valseada” diferencia-se da “Marcha” por ser bailada sem se sair do lugar, colocando-se alternadamente uma perna à frente e torcendo-se os ombros alternadamente aos movimentos das pernas. O toque do maracá neste passo lembra o instrumento de percussão conhecido como caixa.



Cada vez que se coloca a perna à frente, ao retorno desta, bate-se o maracá na mão com um toque seco (ver Anexo N).

108 - LINHA DO TUCUM  
(Mestre Irineu)



Eu canto aqui na Terra | ← 1º estribilho (Marcha)  
O amor que Deus me dá  
Para sempre, para sempre, ~~Marcha~~ Valseada  
Para sempre, para sempre. (mudança de passo - 2º estribilho)

A minha Mãe, que vem comigo,  
Que me deu esta lição  
Para sempre, para sempre,  
Para sempre eu ser irmão.

Enxotando os malfazejos  
Que não querem me ouvir,  
Escurecem o pensamento  
E nunca podem ser feliz.

Esta é a Linha do Tucum,  
Que traz toda a lealdade,  
Castigando os mentirosos,  
Aqui dentro desta verdade.

Sabe-se que, em sua ida ao Maranhão, Mestre Irineu reencontrou, em São Luís, seu primo Elpídio, filho de Alexandrina, irmã de sua mãe



(ver genealogia da família materna de Mestre Irineu em Apêndice A), e até chegou a se hospedar na casa de Raimundo Barbadinho, irmão de Elpídio. Este último era um famoso mestre tocador de Tambor de Crioula, manifestação cultural maranhense de raízes negras realizada em devoção a São Benedito.<sup>7</sup> Fala-se que Mestre Irineu, junto com seus sobrinhos e o filho de sua sobrinha, no período que ficaram em São Luís, antes de seu retorno ao Acre, foram ao Tambor de Crioula onde tocava Elpídio.<sup>8</sup>

Chamamos atenção para a amizade entre Mestre Irineu e seu primo Elpídio (ver foto abaixo) porque acreditamos que muitos dos vínculos de Mestre Irineu com as tradições afro-maranhenses podem ter se dado principalmente através do Tambor de Crioula, sem desconsiderar o Baile de São Gonçalo e o Bumba Meu Boi.<sup>9</sup> Lembremos que foi depois de um Tambor de Crioula, do qual teria participado em São Vicente Férrer, no começo do século XX, que o jovem Irineu decidiu partir e tomar o rumo que acabaria por levá-lo ao Acre. Embora também consideremos muito pouco provável que Mestre Irineu tenha sido frequentador costumeiro do Tambor de Mina,<sup>10</sup> não cremos que se possa negar a possibilidade dele tê-lo feito esporadicamente.

Esta observação é pertinente à discussão sobre o pouco espaço existente na doutrina original de Mestre Irineu para os tranSES de incorporação, apesar de sua frequência nas manifestações culturais afro-maranhenses pelas quais foi tão influenciada. O que encontramos no Daime é a “irradiação”, termo empregado para certo tipo de tranSE em que o sujeito não perde completamente a sua noção de si ou a memória do ocorrido durante sua vigência. Essa categoria é usada também no Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento, fonte de onde Mestre Irineu extraiu considerável parcela de seus conceitos espiritualistas. De certa maneira, a irradiação no Daime pode ser vista como parte do contínuo mediúnico que engloba também o fenômeno da possessão. (CAMARGO, 1961) Fala-se que a irradiação ocorre quando há uma comunicação no “Astral” com seres e memórias de “força positiva”. (CAMARGO, 1961) A possessão ou “encosto” seria a comunicação com o “Astral” inferior, sob influências de “forças negativas” ou memórias negativas.

Tudo indica que em sua concepção do “Astral”, Mestre Irineu enfatiza-va aspectos psíquicos e interiores (estado de humor, pensamentos positivos



e negativos), mas também não há dúvida de que ele admitia a atuação de forças externas positivas e negativas (seres encantados e espíritos que tanto poderiam ser benignos ou malignos). Antigos seguidores seus falam que Mestre Irineu tratava a possessão com fórmulas exorcistas, no sentido de afastamento imediato de pensamentos ou outras forças negativas. Desta forma, a sua relação com o “Astral” se distancia de outras práticas religiosas (espiritismo, umbanda, tambor de Mina, candomblé e outros) onde a incorporação é valorizada e até incentivada. O hino 108 – Linha do Tucum marca sua posição em relação aos fenômenos de possessão, onde são considerados “malfazejos”, embora se valesse de códigos vinculados ao universo afro-maranhense onde esses episódios são percebidos de maneira positiva. Continuaremos a análise sobre irradiação e possessão mais adiante, quando falaremos sobre “Trabalho de Mesa”.

**Figura 58**  
Elpídio (primo de Mestre Irineu) - antigo tocador de Tambor de Crioula de São Luís.



Depois que Mestre Irineu recebeu o passo da “Marcha Valseada” para o hino 108 - Linha do Tucum, ele só o utilizou uma vez mais, no hino 111 – Eu Estou Aqui, possivelmente recebido no final de 1959. Este é o único hino em que Mestre Irineu refere-se a si mesmo como “Juramidã” (seu nome no “Astral”). Neste hino o passo misto “Marcha” e “Marcha Valseada” ocorre de forma diferenciada ao 108 – Linha do Tucum. Nele executa-se o estribilho alternando o passo a cada frase do verso. Começa-se em



“Marcha” na primeira frase e depois se passa para uma “Marcha Valseada” na segunda frase, retorna-se para a “Marcha” na terceira frase e encerra-se o verso na quarta frase com outra “Marcha Valseada”, continua-se assim sucessivamente nos versos seguintes. Este hino parece apontar também para um vislumbre de sua “eternização” ou “encantamento” (termo da encantaria maranhense) após a morte.

### 111 - EU ESTOU AQUI

(Mestre Irineu)



Estou aqui	→	“Marcha”
Eu não estando, como é	→	“Marcha Valseada”
Eu penso na verdade,	→	“Marcha”
Me vem tudo que eu quiser	→	“Marcha Valseada”

A minha Mãe me trouxe,  
Ela deseja me levar.  
Todos nós temos a certeza  
Deste mundo se ausentar.

Eu vou contente,  
Com esperança de voltar.  
Nem que seja em pensamento  
Tudo eu hei de me lembrar.

Aqui findei,  
Faço a minha narração  
Para sempre se lembrarem  
Do velho Juramidã.



## A Rede Social e Política de Mestre Irineu

Mestre Irineu, desde que deu início ao Daime na década de 1930, pôde contar com o apoio de alguns amigos políticos. Nessa época, o Governador e o Secretário Geral (que correspondia a Vice-governador) eram geralmente interventores militares. Como já vimos, durante sua passagem pela Força Policial, Mestre Irineu havia cultivado uma grande amizade com o oficial Fontenele de Castro. Inicialmente, este era um simples colega seu e os dois chegaram a prestar o curso de cabo juntos. Após deixar a Força Policial, Mestre Irineu manteve sua amizade com ele, que prosseguiu na sua bem sucedida carreira militar até alcançar o posto de Coronel, vindo a ser várias vezes Governador e Secretário Geral do Território Federal do Acre. Nessas posições de autoridade, Fontenele sempre defendeu Mestre Irineu das perseguições policiais. Este também nunca deixou de visitá-lo.

Outro aliado e amigo político de Mestre Irineu, já citado anteriormente, foi Guiomard dos Santos. O Major Guiomard viera do Rio de Janeiro, em 1946, agia como Interventor, nomeado pela Presidência da República. Em Rio Branco, Guiomard procurou Mestre Irineu por motivos de saúde e a partir daí tornaram-se bons amigos e ele até passou a frequentar a comunidade do Alto Santo. Guiomard chegaria ao posto de General do Exército e depois seria eleito duas vezes Deputado Federal.

Fontenele e Guiomard tornaram-se políticos aclamados pelo povo e figuras emblemáticas no Acre. Muitos consideram que foram os melhores governadores que o Acre já teve. Os dois também influenciaram toda uma corrente política em favor da emancipação do Território Federal do Acre para Estado, o que finalmente ocorreu em 15 de junho de 1962, através da lei nº 4.070, assinada pelo então Presidente, João Goulart.<sup>11</sup>

Em 1955, durante o governo do Coronel Paulo Francisco Torres, um pouco antes do Território Federal do Acre virar Estado, o contexto político voltou a ser mais favorável para Mestre Irineu. Adilar dos Santos Teixeira, que fazia parte do Partido Social Democrático (PSD) e era correligionário de Guiomard (ver foto abaixo), fora nomeado Secretário Geral e, na ausência de Torres, assumiria várias vezes o governo. Fala-se que Mestre Irineu procurava, quando possível participar de encontros políticos com as lideranças do governo. Embora alguns desses políticos não fossem



especialmente próximos a ele, eram aliados de seus velhos amigos, Fontenele e Guimard. Naquela época, essa sua proximidade com a cúpula do governo possivelmente serviria para garantir ao Mestre Irineu a paz que necessitava para tocar a sua doutrina religiosa, ainda tão estranha aos hábitos de grande parte da sociedade acreana e de seus líderes. Assim, com apoio dos seus amigos, Mestre Irineu pôde, por exemplo, trazer benefícios para a Estrada Custódio Freire, onde ficava a comunidade do Alto Santo. Fala-se também que conseguiu subsídios agrícolas do governo e que pôde alocar cerca de 40 famílias de seus seguidores em suas terras no Alto Santo, embora avisasse a todos que lhes dava o chão para plantarem, mas não o título. Agia assim para evitar que fragmentassem os lotes na região ou trouxessem moradores de outras crenças para a localidade. Muitos membros dessas famílias trabalhavam em regime de mutirão, semelhante ao modelo produtivo, implantado nos anos 1930 e 1940 em Vila Ivonete.



Figura 59 Reunião política em 1955: Mestre Irineu está à direita, de roupa e chapéu brancos.



Logo depois de Adilar, que de Secretário Geral foi promovido a Governador, Valério Caldas Magalhães assumiu o governo do Território Federal do Acre, em 30 de abril de 1956. (SOUZA, 2005, p. 173) Nessa ocasião, o Tenente Coronel Manuel Fontenele de Castro assumiu o cargo de Secretário Geral. Após Valério Caldas Magalhães deixar o Governo, no final de outubro de 1958, Fontenele foi designado Governador novamente, em 10 de novembro de 1958, e só veio a deixar o cargo em 18 de março de 1961. Foi por intermédio de sua amizade com Fontenele e Valério que Mestre Irineu conseguiu a passagem de avião para Belém - PA, em 13 de novembro de 1957, quando foi visitar seus parentes. Igualmente, as passagens de navio para o trecho entre Belém e Rio Branco, utilizadas por Mestre Irineu e seus parentes na volta do Maranhão, também foram obtidas através desses amigos. Com o crescimento do status de Mestre Irineu na região ele passou a ser cortejado por políticos em busca de votos, que intensificaram suas idas ao Alto Santo. Muitos deles iam se aconselhar com o líder religioso, outros iam apenas cumprimentá-lo. Abaixo se vê uma foto de Valério e Mestre Irineu no Alto Santo.



**Figura 60**  
Valério Caldas Magalhães e Mestre Irineu  
no Alto Santo.





A década de 1960 foi um período de grande prosperidade para a doutrina de Mestre Irineu e de consolidação do culto daimista na sociedade acreana. A força de seu carisma como curador e a liderança que exercia na comunidade são evocados nos versos de Saturnino Brito do Nascimento (2005, p. 99-100):

Construiu uma sede nova  
Com piso de alvenaria,  
E a história se fundamentava  
Quanto mais o tempo corria  
E conforme a necessidade  
A coisa acontecia.

Ali ele era tudo  
Era advogado, era benzedor,  
Era padre, era conselheiro,  
Era padrinho, era doutor,  
Todo mundo o procurava  
Quando sentia alguma dor.

E não era só o povo do Daime  
Muita gente o procurava  
Para receber a Cura  
Daquilo que o incomodava.  
A sua fama de curador  
Bem longe se alastrava.

Tratava todos com carinho,  
Sempre com muita lealdade,  
Não negava, em qualquer momento,  
De prestar a caridade.  
Tratando com gentileza,  
Sempre dentro da igualdade.



Em sua campanha eleitoral para Governador, Guiomard dos Santos, então no Partido Social Democrático (PSD), recebeu amplo apoio de Mestre Irineu e até realizou comícios no Alto Santo.

Mas o projeto do Deputado José Guiomard dos Santos sofria forte oposição de membros do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), então liderado no Acre pelo militar e político Oscar Passos. Os políticos desse partido defendiam a posição de que o Acre não tinha condições econômicas para tornar-se um estado autônomo naquele momento. Por trás das discordâncias entre PSD e PTB, a respeito da elevação ou não do Acre à categoria de Estado, estava a disputa pela conquista do poder político local. As contradições entre esses dois políticos, ambos militares, refletiam as divergências entre os seus partidos (PSD e PTB). As suas discussões visariam, de fato, a manutenção de suas influências sobre o eleitorado e a batalha foi longa. Atualmente diz-se que, quando por fim o Governo Federal aceitou elevar o Acre à categoria de Estado, isso só foi devido ao fato de ele não mais render maiores quantias em dinheiro para os cofres do governo federal. A relação de Mestre Irineu com os políticos locais fica clara no depoimento de Wilde Viana, importante político acreano do período:

Eu era muito amigo do Mestre Irineu. Eu o tinha como conselheiro da vida particular e até da política. Conversava muito com ele. Todo mundo andava na casa dele, do General Guiomard ao carvoeiro. Ele era freqüentador assíduo, ele e a mulher.

Coronel Fontenele era muito amigo do Mestre Irineu, ele ia lá. O Mestre Irineu ia na casa do Coronel, quando ele tinha algum problema.

Mestre Irineu ajudou muito, orientando o Governador Guiomard e o Coronel Fontenele na colonização. Porque o primeiro trabalho de colonização foi feito em 1947 pelo Guiomar. Naquela época era uma colonização racional, compraram o Seringal Empresa e o lotearam, em lotes de doze e meio e vinte e cinco hectares. Faziam a barraca, davam a ferramenta. Todo quinze dias, levavam o que hoje nós chamamos de sacolão (nós chamávamos na época de rancho), dando condição para o homem trabalhar na terra.



As pessoas daqui da cidade achavam que lá no Mestre Irineu havia uma organização, uma sociedade, um negócio. Outros achavam que era até macumba. Tinham outros que acolhiam, aceitavam bem, aceitavam, iam lá se aconselhar com Mestre Irineu. Ele sempre foi um homem muito equilibrado, adorava dar conselho. Quando um casal brigava, interferia. Um conselheiro. Eu fui a muitos comícios na casa dele. Era muito comum ter comício lá. Eram comícios do PSD, que era o partido do General Guimard, do lado do Governo.

O Mestre Irineu nunca teve vocação para oposição não. Foi sempre homem da lei; estava sempre do lado do Governo. Os políticos iam muito lá pedir apoio. Ele congregava muita gente em volta dele, que obedecia e que cumpria as determinações dele. Não precisava ele nem determinar, bastava eles entenderem que ele tinha aquela pessoa, eles já estavam lá. Na época, não tinha eleição pra Governo. O Governo era nomeado, mas tinha Deputado Federal e Deputado Estadual.

[...] Meus filhos, Thiago [Tião Viana] e o Jorge eram pequenos, mas foram algumas vezes comigo lá no Mestre Irineu. O Wilde, esse que morreu, chegou a tomar daime com ele, os outros dois não. O Jorge hoje é Governador do Acre e o Thiago é hoje Senador, Vice-Presidente do Senado no Congresso Nacional.<sup>12</sup> (Wilde Viana<sup>13</sup>)

Se, por um lado, o líder do Daime ficou satisfeito com a aprovação do projeto de Guimard, por outro, sofreu com a derrota de seu amigo nas eleições de 1962. Sabe-se que Mestre Irineu recebeu nesta época o hino 115 – Batalha, um dos últimos da primeira parte do hinário O Cruzeiro, que versa sobre a necessidade de se enfrentar as adversidades. Segundo Luís Mendes do Nascimento, logo depois da derrota, quando chegavam os cor-religionários do PSD ao Alto Santo para se lamentar, ele cantava seu hino para eles. Outros porém, como Jair Facundes, contestam que esse hino teria sido usado por Mestre Irineu para tal intento. Segundo esse pesquisador, o hino teria sido recebido no auge de um surto de gripe, percebido na época como uma grande ameaça. De todo modo, fala-se também que nessa época algumas lideranças do PTB diziam que fariam de tudo para tomar as terras de Mestre Irineu, devido ao seu apoio a Guimard na campanha de eleição para Governador do Estado. (MAIA NETO, 2003, p. 49)



115 - BATALHA

(Mestre Irineu)



Entrei numa batalha,  
Vi meu povo esmorecer,  
Temos que vencer  
Com o poder do Senhor Deus.

A Virgem Mãe,  
Com o poder que Vós me dá,  
Me dá força, me dá luz,  
Não me deixa derribar.

Divino Pai Eterno  
E a Virgem da Conceição,  
Todo mundo levantou  
Com suas armas na mão.

A Virgem Mãe,  
Com o poder que Vós me dá,  
Me dá força, me dá luz,  
Não me deixa derribar.

Em consequência do golpe militar de 1964, José Augusto de Araújo, do PTB, passado somente um ano de sua eleição, foi forçado a transferir seu cargo de governador para o Capitão do Exército Edgar Pereira de Cerqueira Filho, Comandante da 4ª Companhia de Fronteira do Acre. (SOUZA, 2005, p. 171) Esse capitão ficou no governo do Acre entre 8 de maio de 1964 e 14 de agosto de 1966. De certa maneira, os reflexos do golpe



militar de 1964 não mudaram muito as configurações políticas do antigo Território, de tradição militar. O Acre de 1964 a 1982 foi governado por políticos filiados à Aliança Renovadora Nacional (ARENA), nomeados pelos generais do exército. Assim, devido às suas amizades com os militares e demais autoridades, a situação política continuou favorável a Mestre Irineu. Além disso, em 21 de maio de 1966, o Secretário de Saúde e Serviço Social, Carlos Meixeira, enviou um Ofício, de número 208, juntamente com amostras do cipó e folhas da chacrona para Décio Parreira, Presidente da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes (Serviço Nacional de Fiscalização de Entorpecentes). Este respondeu por telegrama<sup>14</sup> que, desde 1962, não tinha sido observado nenhum caso de intoxicação pelo uso de daime, não havendo assim nenhuma objeção ao seu uso em ritos espirituais. Isso foi de grande importância para que Mestre Irineu e sua comunidade pudessem continuar normalmente seus trabalhos com daime durante a ditadura militar, sem sofrer nenhum impedimento mais sério.

Em 1966, o Presidente Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco nomeou como Governador do Acre Jorge Kalume da ARENA. Este governou de 13 de setembro de 1966 a 15 de março de 1971, período que foi muito positivo para Mestre Irineu e sua comunidade. A configuração política havia mudado – não se podia mais contar com a ajuda de Fontenele, que havia falecido em 25 de outubro de 1965 – mas, por outro lado, o General Guimard havia se tornado Senador. Mestre Irineu continuava a ampliar a sua rede social; muitos políticos de destaque, a reboque do carisma de Guimard e do falecido Fontenele, prestigiavam a ele e ao Daime. Seu carisma ampliava-se através da sua rede social e política, sua fama como líder espiritual e conselheiro político propagava-se dentro da esfera política. Embora seu culto continuasse minoritário e ainda serem relativamente poucos os políticos que frequentassem os rituais do Daime ou mesmo tomassem a bebida, tal prestígio ajudou Mestre Irineu em sua busca por recursos do Governo Municipal e Estadual para sua comunidade. O texto abaixo, publicado pelo jornal O Rio Branco nos fornece uma ideia sobre as suas relações políticas nesses tempos.

Mestre Irineu mantinha boas relações com as autoridades do Estado. Votava em Guimard, que não perdia oportunidade de visitá-lo,



passando às vezes semanas inteiras no Alto Santo. Agnaldo Moreno conta que uma vez, quando Guiomard contava com a ajuda de Deus para poder se eleger, Mestre Irineu, respondeu: “Eu estou aqui.”

Conta ainda Agnaldo Moreno: “Quando recebeu a planta do Centro e efetivou a campanha para obter recursos para construí-lo, poderia ter recolhido o triplo do que precisava, se não fosse honesto.”

Inúmeras pessoas se apresentaram para auxiliar. Todos, concretamente, pretendiam o apoio político que o “Mestre era detentor”. Apoiou a campanha Ary Rodrigues instruindo-o a fazer um cartaz onde apareciam alguns raios iluminando a cabeça do candidato. Dizia que ele teria de vencer pela luz, pois o adversário trabalhava no escuro. Contam os mais antigos que Ary perdeu a eleição mediante uma fraude habilmente orquestrada.

Previu a ascensão e a queda de Vargas, de Jânio e de Jango. Avisava com antecedência coisas que iriam acontecer na política do país.<sup>15</sup>

Através de seus contatos políticos, Mestre Irineu conseguiu, durante o governo de Kalume, recursos para a construção de uma escola de primeiro grau em sua comunidade. Um pouco antes da ascensão desse mandatário, Mestre Irineu já tinha implantado, dentro da própria sede do Daime, a escola “Cruzeiro”. A iniciativa fora uma ideia conjunta dos professores João Rodrigues Facundes, Percília Matos e Francisco Matos. Mestre Irineu incentivou a proposta por acreditar que possibilitava uma maior qualificação aos moradores da região, até então em sua maioria, pouco alfabetizados. A escola ministrava o ensino da primeira à quarta série. Com a ajuda de Kalume, a escola ganhou uma nova sede própria, erguida dentro das terras do Alto Santo.

Nesse período, também começou a se diversificar o tipo de qualificação dos seguidores no Alto Santo. Agora, além de reunir pequenos comerciantes, militares, agricultores e ex-seringueiros, a comunidade assistia à ascensão social de alguns de seus membros, que passavam de agricultores a funcionários públicos. Ainda nessa época, em 1968, foi também inaugurado um centro mecanizado de produção agrícola no Alto Santo, incluindo casa de farinha, casa de moagem de cana, e outras benfeitorias. A festa de abertura desse centro mecanizado contou com a presença de importantes



personalidades como Agnaldo Moreno (Secretário de Produção), o Prof. Rego (Assessor do Secretário), Jorge Kalume (Governador), José Guiomard (Senador) e sua esposa Kátia.



**Figura 61** Foto tirada na inauguração do centro mecanizado do Alto Santo em 1968. São as seguintes as pessoas da foto, da esquerda para direita: Mestre Irineu, Agnaldo Moreno (secretário de produção), Professor Rego (de costas - acessor de Agnaldo), Jorge Kalume (Governador), José Guiomard dos Santos (Senador) e Lydia Hammes (esposa de Guiomard).

Em entrevista concedida a Jair Facundes, o Professor Rego comentou a força do carisma de Mestre Irineu e o prestígio que desfrutava entre as autoridades do Acre nesse momento.

Eu era arrogante. Assim achava que sabia tudo, que tudo era racional, sabe? Que tudo podia ser racionalizado, tudo a ciência dava conta. E diante daquele homem eu me senti pequeno, assim como Agnaldo Moreno. Me senti, de alguma forma, impressionado, impactado. [...] Eu vi um homem com grandeza sabe? Eu não sabia de onde vinha a grandeza, nem que tipo de grandeza era, mas que ele era superior. Fui ser funcionário subordinado a um político que era deputado.



Tinha sido secretário duas vezes, então era autoridade. E aquilo ali me mostrou uma coisa: que a autoridade era aquele senhor. Ele não era autoridade, mas ficou igual a mim ali diante dele, né? Porque... aí eu entendi, que quando o Agnaldo se referia ao Senhor Mestre Irineu, de uma outra forma, mais humilde, com uma certa veneração pelo Mestre Irineu Serra. Ali ele não era nem secretário, nem deputado, ele era um homem diante dele e [...] ele certamente julgava, avaliava, valorizava como algo muito maior, como sendo um homem muito maior do que os outros.

Eu sabia que ali reunia muita gente que tinha uma grande liderança. Eu antes pensava, não, o que o Agnaldo estava querendo era se beneficiar politicamente de alguma forma, mas naquele momento eu desfiz a essa impressão. Acho que aquela veneração era verdadeira e eu sentia a mesma impressão, uma grandeza enorme e tinha algo de divino ali. Não era algo terreno, algo material. Essa impressão eu levei, tô levando para a vida toda e onde chego eu conto, assim dá uma impressão que é muito uma limpeza.

Não me recordo bem, mas eu fui outra vez com Agnaldo em algum lugar, não lembro se foi na casa ou se foi em outro lugar, e uma terceira vez lá na inauguração do núcleo mecanizado. O núcleo mecanizado, de alguma forma, foi feito para atender à comunidade do Mestre Irineu Serra e de alguma forma eu sentia que o propósito do Agnaldo, ao propor ao governador Jorge Kalume, que pegou isso como sendo uma coisa prioritária, era para homenageá-lo. Ao mesmo tempo que era para servir à comunidade. No dia da inauguração, deu muita gente e ele estava também presente, com aquela mesma coisa, aquela mesma serenidade. Só a presença dele era capaz de falar. Ele falava pelo próprio silêncio. Tanto é que, no dia que a gente teve lá, eu não me lembro mais de muito dos detalhes. Mas, me lembro que ele falou muito pouco. O Agnaldo falou mais, para comentar algumas coisas da comunidade, mas sempre com o desejo de lhe agradar. Eu fiquei calado o tempo todo e não falei nada. Não conseguia falar com aquele homem de jeito nenhum, não sabia o que dizer.

[...] Na época era assim mesmo, todos aqueles políticos, tinham uma enorme veneração a ele. Isso era geral. O Agnaldo nos contava que o General Guiomard, depois Senador Guiomard, freqüentava o Alto





Santo. O Agnaldo era um discípulo do Senador Guiomard, ele seguia rigorosamente a ação do Senador Guiomard. Eu vim com três colegas para o Acre na verdade pelas mãos do senador Guiomard.

“Ele ficou muito feliz com a presença da gente lá e organizou a vida da gente”.<sup>16</sup> (Professor Rego<sup>17</sup>)

[...] O Agnaldo falava que o Daime era uma espécie de religião, e que o senhor Mestre Irineu era o chefe espiritual daquele grupo e que toda aquela comunidade devia uma grande obediência a ele [...] e que era muito respeitado por todas as autoridades.

Todo mundo que vinha para o lado de cá tinha esse ritual, de passar na casa do Mestre Irineu para tomar a benção, e foram esses os comentários. Ele passava essas informações para a gente, passava essas impressões. Que era uma liderança espiritual grande na região, e toda a autoridade que respeitava tinha que ir lá se aconselhar, ou pedir a benção, como eles falavam. Pedir conselho, se abençoar ou coisas assim, e isso era o normal. E ele sempre que vinha para cá, ou vinha com essa intenção ou vinha fazer outra coisa, passava lá, isso era obrigatório.<sup>18</sup> [...] (Professor Rego)

Depois de Kalume, Wanderlei Dantas, também da ARENA, assumiu o governo (15 de março de 1971 a 15 de março de 1975). Nesse período, Mestre Irineu já estava muito doente dos rins, mas mesmo assim mantinha-se à frente dos trabalhos do Daime. Porém, sentia que seu fim estava próximo e resolveu designar Leôncio Gomes, filho do já falecido Antônio Gomes, como presidente do centro. O prestígio de Mestre Irineu ainda era muito forte perante os políticos da época, o que levou o governador Wanderley Dantas a atender sua solicitação por permissão para ser enterrado no terreno logo em frente de sua casa, do outro lado da Estrada Custódio Freire. Além dessa autorização, Mestre Irineu recebeu outra homenagem de Wanderley Dantas, que deu seu nome a uma rua no bairro do Aviário. Sobre esse evento o Professor Rego comenta:

Depois eu soube que colocaram o nome dele numa rua. Até... foi bom, porque essa memória tem que ser preservada. E essa rua eu acho, que até um colega meu morava lá, é ali para o lado do Aviário. A rua se chama Mestre Irineu Serra. E assim, né? Havia um grande respeito.



Senhor Mestre Irineu era uma pessoa admirada. O tipo de respeito que você tem com o governador, com o desembargador, com o ministro. É uma coisa que vem um pouco do poder que as pessoas exercem dentro do contexto da lei, do Estado, de tudo você tem de poder. Você pode ser até respeitado a partir disso, fora daquele lugar. Esse respeito, ele é norma da sociedade. Você tem que respeitar, né? Agora esse respeito era um respeito diferente; não vinha nem da riqueza, porque você respeita às vezes uma personalidade porque ela é rica e tem um poder econômico muito grande, ela é notável por isso. Outros é outro tipo de poder, o poder político, né? Quando você é governador, deputado, é um poder instituído. Mas tem um outro respeito que não é material nem político, digamos assim, jurídico, né? Dentro de um tribunal de justiça você chega com respeito, quer dizer, tem uma forma especial de se reportar, a referência para outras pessoas. No caso do Mestre Irineu, não, porque ele não tinha riqueza, não tinha poder político nenhum, não tinha nenhum poder terreno. Digamos assim, o poder dele era natural.<sup>19</sup> (Professor Rego)

A rede social política formada por Mestre Irineu ultrapassava os interesses partidários e até membros do então opositor, PTB, vinham consultá-lo sobre questões pessoais e políticas. Jair Facundes, que vem realizando uma série de entrevistas com contemporâneos de Mestre Irineu, nos apresenta mais um relato sobre o grau de respeito que Mestre Irineu suscitava em todos.

Eu ouvi muitas autoridades da época, e pessoas que mais tarde foram autoridades. Senadores, governadores, desembargadores, professores universitários, reitores etc. [...] eu insistia muito... de onde vinha o prestígio de Mestre Irineu frente àquelas autoridades. De algumas eu obtinha a resposta de que haviam procurado Mestre Irineu em razão de doença em si ou em alguém na família. Em outras, não. Dois relatos interessantes: Geraldo Mesquita Filho, hoje senador, filho de Geraldo Mesquita, governador, deputado federal e senador na época de Mestre Irineu. Atente-se: ele conta que brincava com outros meninos em frente ao palácio do Governo. Em dado instante vêem Mestre



Irineu vindo do rio e subindo em relação ao Palácio. Eles param de brincar. Cumprimentam Mestre Irineu e são correspondidos. Mestre Irineu continua. Depois que se distancia, eles retornam à brincadeira. Indaguei porque haviam parado de brincar. Ele disse que simplesmente reconheciam Mestre Irineu como uma autoridade, alguém merecedor de respeito, que Mestre Irineu era uma autoridade de fato ao lado das autoridades de direito. Observe: ninguém mandou Geraldo Mesquita dedicar respeito e reverência a Mestre Irineu. Ciro Facundo de Almeida foi presidente da OAB, secretário de segurança, advogado, juiz, desembargador e professor universitário da UFAC. Em seu relato ele diz que alguém para ser uma liderança naquela época necessitava gozar da amizade e respeito de Mestre Irineu.<sup>20</sup> (Jair Facundes)

Tudo indica que Mestre Irineu, mesmo estando ao lado do governo, não distinguia entre os consulentes que o procuravam. Sabe-se, por exemplo, que nessa época, deu suporte a Regino (líder de uma extensão do Daime em Porto Velho) que foi torturado pelos militares por ser militante de esquerda em Porto Velho-RO. Parece-nos que a questão de Mestre Irineu estar sempre ao lado do governo ia além de preferências políticas, já que a sua preocupação a respeito da legalização ou legitimação necessárias ao culto, o levava a sempre estar ao lado da legalidade, como forma de preservação de sua comunidade. O contexto político da época, a precariedade das circunstâncias no Acre, levava sempre uma grande gama da população a escolher estar do lado de quem parecia trabalhar pelo Território ou pelo Estado. Assim, a política girava em torno de questões locais e era balizada por relações pessoais tanto quanto pelas realizações ou ações efetivamente empreendidas pelos políticos individualmente. A nosso ver, não se tinha em muita conta os ideais abstratos ou as ideologias genéricas; valorizavam-se homens pelo poder que detinham e, às vezes, pelo seu caráter.

Mesmo após sua morte, o carisma de Mestre Irineu perdura na cidade de Rio Branco. Vários são os políticos que o mantiveram em sua memória. Desse modo, diversas administrações posteriores continuaram a dar apoio à comunidade do Daime. Ainda hoje, em Rio Branco, podemos encontrar várias homenagens públicas a Mestre Irineu. Essas memórias têm passado entre diferentes gerações de políticos e é reverenciada até mesmo por



membros de partidos que, em sua época, estariam na oposição. Mestre Irineu continua vivo na memória de Rio Branco através de nome de bairro, acervo de museu, nome de avenida, nome de rua, nome de área de proteção ambiental e nome de linha de ônibus. Em 2010, a Assembléia Legislativa lhe concedeu o título de Cidadão Acreano. No relato abaixo, Jorge Viana, que foi governador do Acre pelo PT e é filho de Wilde Viana, discorre sobre a reverberação do carisma de Mestre Irineu.

Meu pai me levava no Alto Santo. O Alto Santo era muito longe da cidade, tudo era longe. [...] Você chegava lá e via as maiores autoridades do Estado fazendo reverência a ele, se curvando diante do Mestre Irineu. Então, para mim, isso era um ato formal. Quem é aquele homem tão grande, negro, com a mão grande, enorme, que pegava e engolia a mão da gente, que fazia as maiores autoridades do Estado se curvar diante dele?

Essa é a lembrança que eu tenho dele, sentado em uma cadeira e os políticos, inclusive alguns beijando a mão dele, pedindo a benção a ele, beijando a mão dele. Aquilo ali, pra mim, nunca mais saiu da minha mente. O pessoal chegava e pedi a benção ao padrinho, pro Mestre Irineu. Só que não era somente gente comum, simples, do povo, lá da comunidade dele. Eram autoridades do Estado, eram deputados, políticos, vereadores, governadores. Na época, eu me lembro do Guiomard Santos, Jorge Kalume, os políticos dos anos sessenta e do final dos anos sessenta. Inclusive meu pai.

Meu pai é um dos que tinha muito respeito. Papai sempre trabalhou muito pela comunidade rural. Ele sempre foi animado pela criação e pela produção, trazia sementes, trazia casais de animais para reproduzir, e sempre muito vinculado com os produtores. [...]

O Acre é isso. Eu volto a falar que o que vem da floresta e o que vem das nossas entranhas é o Daime. O Daime é daqui, tem uma diferença grande, inclusive na diferença de valor, tem a nossa cara, o nosso jeito. É expressão da nossa cultura. Eu tenho muito orgulho disso, inclusive tenho todo o cuidado com essa religião, essa doutrina, que ela possa ser registrada de forma honesta correta, para que não fique nos clichês que alguns tentam distorcer.

Nas aldeias indígenas, os índios têm um respeito muito grande pelo uso do daime. Tem um ritual, é uma bebida sagrada. Eles têm um



respeito por aquele momento de se tomar o daime. O que significa pros jovens, crianças e idosos... Se a liderança não autoriza, não tem como ser consumido.

É uma coisa muito bonita o que o Mestre Irineu e seus seguidores fizeram. Foi uma associação dessa cultura indígena da floresta, compartilhando com a vida urbana e rural, fazendo essa interface. Interessante que está vivo, que sobreviveu até hoje. Que não tenho duvida que vai seguir em frente. O mundo precisa, o Acre precisa, o Brasil precisa.

A coisa mais bonita pra mim é a capacidade de criar uma harmonia, uma convivência, que não é fácil. O mundo ainda não achou um modo correto de viver. Ali me parece um lugar que está bem resolvido. A contribuição social que o Daime tem dado aqui no Acre é algo inestimável. As tentativas de distorção, as tentativas de malhar ou até de intervir, graças a Deus todas não tiveram sucesso. A força do Daime, a força da doutrina, não permitiu. Isso é motivo de orgulho, a festa religiosa. Você tomando daime, você fica ali uma hora, sai fortalecido, quase purificado. São momentos especiais e de respeito. [...]

Tinha um pouco de tudo, como, aliás, ainda tem. Um pouco mais naquela época, era mais forte ainda. Você tinha respeito, medo, preconceito. Uns estavam lá com medo, outros falavam mal por preconceito, outros estavam lá por respeito, outros em busca de conhecer.<sup>21</sup> (Jorge Viana)

Muitos têm argumentado sobre as maneiras em que o poder religioso contribui para a manutenção do poder político, mas não cremos que, neste caso as relações políticas entre essas duas instâncias de poder possam ser concebidas de maneira tão simplista. Temos que levar sempre em conta que o Daime, no contexto acreano, surge como um culto minoritário, fazendo frente a um ambiente hostil à sua existência.

Da perspectiva fragmentária de uma religiosidade sempre sujeita a estigmas e discriminações, como é o Daime, o jogo decisório das elites é percebido como alheio e dificilmente compreendido em seus detalhes. Portanto, é temerário afirmar, de forma generalizante, que simplesmente reforça o sistema social vigente. Uma perspectiva mais rica, de análise dos aspectos políticos das religiões minoritárias ou “subalternas”, levaria em conta de forma pontual, o complexo de intercâmbios de favores entre líderes políticos



e líderes religiosos. Quanto mais profunda a análise, mais claro fica que, em nível geral, a relação entre cultos e política é irracional, imprevisível, contingente. (BRUMANA; MARTÍNEZ, 1991, p. 78) Assim, atualmente no Acre, o Daime mantém relações de grande proximidade com os partidos de esquerda que ocupam o governo a partir de 1998, com a eleição do Governador Jorge Viana, do PT. Este é filho de Wilde Viana, que foi um dos fundadores da UDN acreana e amigo pessoal de Mestre Irineu. Seu primeiro mandato terminou em 2002, quando foi reeleito novamente cumprindo seu mandato até 2006. Seus sucessores, também do PT, Binho Marques e Tião Viana, continuam sua política de amizade com o Daime.



**Figura 62**

Foto de Jorge Viana Governador do Acre pelo PT ao lado de D. Peregrina Gomes Serra, viúva de Mestre Irineu e presidente do Daime.

A visão que construímos sobre esse tema baseia-se em premissas de cunho em grande parte teórico e circunstancial, prática comum em trabalhos que tentam reconstruir a história do desenvolvimento de determinados fenômenos culturais. Assim recebemos fortes críticas de alguns seguidores de Mestre Irineu que não comungam de nossas conclusões. Destacamos aqui a posição de Jair Facundes o qual, além de conviver com os antigos seguidores de Mestre Irineu desde a infância, ocupa hoje um importante cargo no judiciário acreano que lhe permite uma visão ampla e informada dos fatos. Em mensagem de crítica a uma primeira versão deste texto, ele expôs da seguinte maneira o seu ponto de vista:



Mestre Irineu viveu sob um regime brutal de exploração nos seringais, naquilo que o grande e insuperável Euclides da Cunha afirmou que o seringueiro trabalha para ser escravo. Ele próprio foi vítima desse sistema e dessa exploração. Ele foi colocado numa colocação e entregue à própria sorte, sujeito à malária e outras doenças, feras, subnutrição (a alimentação disponível era pobre em nutrientes). Pois bem. Em nenhum momento Mestre Irineu buscou se insurgir contra tal sistema. Nunca promoveu reunião para instalar associações ou cooperativas. Nunca promoveu (ou não se tem notícia) de que tenha reunido um grupo de seringueiros ou agricultores e buscado pressionar o governo objetivando melhorias das condições de vida e trabalho (os relatos dão conta, como narrado no livro de vocês, que Mestre Irineu fazia pedidos pessoais e era atendido em razão de seu prestígio). Atente-se: isto num Estado de Chico Mendes e Wilson Pinheiro, líderes sindicais que organizaram o movimento camponês no AC, que perderam a vida pela causa. Talvez se diga que “justamente” o fato de Mestre Irineu não ter se insurgido contra tal estado de coisas caracteriza a concessão e a barganha e a troca de interesses (Ele não insurgia contra o “sistema” e o “sistema” não lhe incomodava a ponto de sufocar sua doutrina). Esses são os fatos brutos. Não há outras informações. O trabalho de “campo” não insinua outras possibilidades. Contudo, com base apenas nesse contexto fático, extrai-se conclusões que mais parecem especulações e se assim forem, devem assim ser identificadas.<sup>22</sup> (Jair Facundes)

Levando em conta tais objeções, reiteramos que, a nosso ver, nossa tarefa neste livro seria a de tentar tornar mais compreensível a atuação de Mestre Irineu dentro do contexto específico de sua época. Buscamos também evitar juízos de valor baseados em critérios estranhos a esse contexto. Entendemos haver muitas diferenças entre ele e Chico Mendes, ou outros que contestaram, de maneira mais diretamente política, o regime opressivo então imperante no Acre e no resto do país. Segundo nossa visão, assim como outros líderes de religiões minoritárias têm feito ao longo da história, Mestre Irineu atuava através de suas amizades políticas para defender, como podia, os interesses do seu grupo religioso até hoje sujeito a inúmeros estigmas. Pretendendo salvaguardar seu culto de perseguições, possivelmente



trabalhava por uma acomodação com o poder político, sem necessariamente se confundir com ele. Não se furtou também, no decorrer de sua longa trajetória, de optar por formas de culto que se coadunavam melhor com a formação católica de parte preponderante da população brasileira, tornando sua doutrina mais compreensível aos membros da sociedade maior e atenuando o temor popular, então bastante forte e generalizado, ante qualquer manifestação religiosa que fugisse dos cânones da Igreja de Roma.

## A Parceria com o Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento (CECP)

No final da década de 1950, um certo Francisco Ferreira (Chicão), filiado ao Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento (CECP), começou a participar do Daime. Segundo se comenta, Mestre Irineu tornou-se seu amigo e, a partir dessa amizade, começou a considerar a possibilidade de estabelecer uma parceria com aquela organização esotérica. Existem indicações de que ele já conhecia o CECP desde o período em que frequentou o Círculo de Regeneração e Fé (CRF) de Brasileia, em meados da década de 1910. Isso teria sido possível porque, desde o início do século XX, o CECP vinha dando ampla divulgação à sua filosofia, através de uma publicação chamada Revista do Pensamento, que circulava pelas regiões mais longínquas do Brasil, como a Amazônia e o sertão nordestino.

Anteriormente já argumentamos que possivelmente o mentor do CRF, Antônio Costa (padrinho do filho de Mestre Irineu) tivesse se inspirado nos princípios do CECP para estruturar o seu próprio centro. Baseamo-nos para essa suposição no fato de o CRF utilizar em seu nome o termo “Círculo” e, também, por encontrarmos um papel timbrado do CRF que carrega um brasão com o lema “Harmonia, Amor e Verdade”, muito similar ao do CECP, faltando-lhe apenas o último elemento: “Justiça”. Presume-se também que, depois de sair do CRF, Mestre Irineu só voltou a estabelecer um maior contato com o material do Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento no final da década de 1930, quando seu amigo e conterrâneo, Daniel Pereira de Matos, passou a frequentar o Daime, trazendo-lhe as revistas do CECP para ler. Sobre isso nos disse Paulo Serra:





Ele veio receber de uns tempos pra cá, quando a gente já estava aqui já na [Colônia Custódio Freire]. Agora, era o Daniel que trazia pra ele. Um amigo de Daniel era da revista do Círculo Esotérico, aí, repassava para o Daniel que trazia pra ele.<sup>23</sup> (Paulo Serra)

Na década de 1950, depois de sofrer um acidente, em que feriu o pé com um machado, Mestre Irineu teve de passar seis meses acamado (conforme melhor explanado no capítulo III deste livro). Teria então dedicado muito tempo à leitura das revistas e livros do CECP. Agora, no final da década de 1950, voltou a ter contato com material dessa organização, desta vez através de Francisco Ferreira. Passado pouco tempo, em 1960, formalizou os Trabalhos de Concentração, de modo a incluir um momento quando se faziam leituras das “Instruções” do Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento. É possível que pretendesse, dessa maneira, introduzir princípios teóricos esotéricos às práticas do Daime, já que estas eram até então apenas vividas na subjetividade do “Astral”, através do uso da bebida. Outra provável intenção de Mestre Irineu em promover a parceria com o CECP poderia ser a obtenção de maior legitimidade social para a sua instituição através da filiação de seu centro a uma grande organização nacional. (CEMIN, 1998, p. 37)

A literatura existente afirma que Mestre Irineu se filiou ao Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento.<sup>24</sup> Mas, na pesquisa que realizamos no cadastro de filiados do CECP, na cidade de São Paulo, não encontramos nenhum registro de sua filiação entre as mais de 100.000 matrículas pesquisadas (ver foto do cadastro do CECP). Foram pesquisados os registros entre 1914 e 1928, e os de 1937 a 1967. Lembremos que o único documento que Mestre Irineu possuía do Círculo Esotérico era um diploma de Presidente de Honra do Centro de Irradiação Mental – Tattwa Luz Divina (nome do centro filiado ao CECP em Rio Branco, fundado em 1963). Mas, provavelmente, esse diploma foi expedido pelo próprio centro filiado<sup>25</sup> e não pela sede central. Desse modo, é possível que, embora ele tenha proposto uma parceria do seu centro com o CECP, na realidade tivesse deixado de inscrever formalmente seu próprio nome junto à sede nacional em São Paulo.



Sabemos, porém, que um ano após dar início aos trabalhos de concentração, nos quais também eram feitas leituras das Instruções do CECP, Mestre Irineu pediu a seus discípulos que se filiassem diretamente à sua sede nacional. As primeiras inscrições que encontramos no cadastro do CECP dos seguidores de Mestre Irineu foram as matrículas de José Francisco das Neves, Holdernes Pereira Maia, Leôncio Gomes da Silva, Francisco Granjeiro Filho, José Dantas do Nascimento, Antônio José Rodrigues (Cancão), Peregrina Gomes do Nascimento, D. Percília Ribeiro de Mattos, Isis Vieira Maria, Adália Gomes Granjeiro, Madalena do Carmo Gomes, Clícia Pereira Cavalcante e Obed Moreno da Silva, todas datando 25 de Maio de 1961. Essas primeiras filiações de daimistas no CECP foram de discípulos muito próximos a ele, levando-nos a supor que atuavam sob sua orientação.

265/527	Josefa Barbosa Tacca	Pres. Venceslau	S. Paulo	25/5/61	Efetivo
265/528	Geralda Garcia Herrera	Pres. Venceslau	S. Paulo	25/5/61	Acumula
265/529	José Francisco das Neves	Rio Branco	T.F. Acre	25/5/61	Efetivo
265/530	Holdernes Pereira Maia	Rio Branco	T.F. Acre	25/5/61	Efetivo
265/531	Leôncio Gomes da Silva	Rio Branco	T.F. Acre	25/5/61	Efetivo
265/532	Francisco Granjeiro Filho	Rio Branco	T.F. Acre	25/5/61	Efetivo
265/533	Manoel Dantas do Nascimento	Rio Branco	T.F. Acre	25/5/61	Efetivo
265/534	José Dantas do Nascimento	Rio Branco	T.F. Acre	25/5/61	Efetivo
265/535	Francisco Gonçalves do Nascimento	Rio Branco	T.F. Acre	25/5/61	Efetivo
265/536	Antonio José Rodrigues	Rio Branco	T.F. Acre	25/5/61	Efetivo
265/537	Peregrina Gomes Serra	Rio Branco	T.F. Acre	25/5/61	Efetivo
265/538	Percília Ribeiro de Mattos	Rio Branco	T.F. Acre	25/5/61	Efetivo
265/539	Isis Vieira Maria	Rio Branco	T.F. Acre	25/5/61	Efetivo
265/540	Adália Gomes Granjeiro	Rio Branco	T.F. Acre	25/5/61	Efetivo
265/541	Madalena do Carmo Gomes	Rio Branco	T.F. Acre	25/5/61	Efetivo
265/542	Clícia Pereira Cavalcante	Rio Branco	T.F. Acre	25/5/61	Efetivo
265/543	Obed Moreno da Silva	Rio Branco	T.F. Acre	25/5/61	Efetivo
265/544	Bernadete Xavier da Silva	Recife	Pern.	25/5/61	Efetivo

**Figura 63** Foto do documento de matrícula no CECP dos frequentadores do Daime, filiados em 25/05/1961 na sede central do CECP (Matrícula 265.529 a 265.543 [excetuando-se as 265.533 e 265.535]): José Francisco das Neves, Holdernes Pereira Maia, Leôncio Gomes da Silva, Francisco Granjeiro Filho, José Dantas do Nascimento, Antônio José Rodrigues (Cancão), Peregrina Gomes do Nascimento, Percília Ribeiro de Mattos, Isis Vieira Maria, Adália Gomes Granjeiro, Madalena do Carmo Gomes, Clícia Pereira Cavalcante e Obed Moreno da Silva.



Aos poucos, outros seguidores de Mestre Irineu foram se associando ao Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento, até que em 27 de maio de 1963, foi efetivada a filiação do próprio Centro à instituição central. Inicialmente Mestre Irineu propôs o nome “Centro Livre” (esse era o segundo nome informal criado por Mestre Irineu para o Daime – o primeiro tinha sido “Centro Rainha da Floresta”) para a direção do CECP. Esse foi recusado, adotando-se então “Centro de Irradiação Mental Tattwa Luz Divina”, nome proposto pela instituição matriz. Veja a foto abaixo do cadastro de filiais do CECP onde está destacada a de Rio Branco.

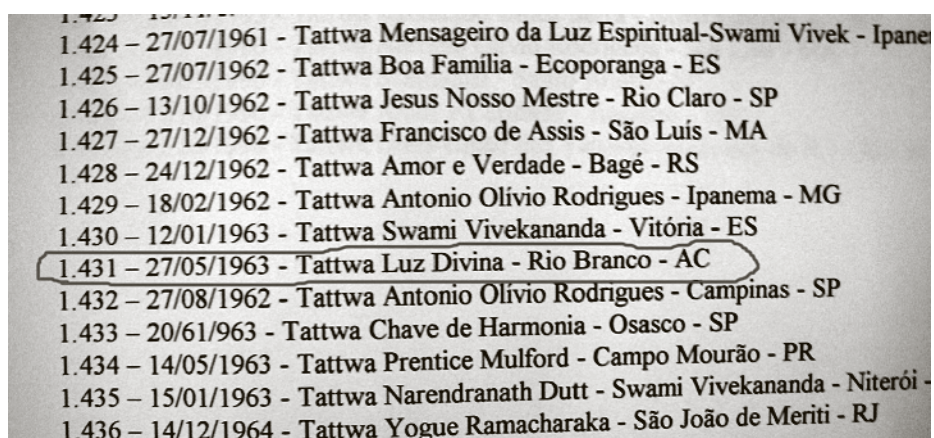


Figura 64 Foto do registro do centro de Mestre Irineu entre as filiais do CECP no período de 27/07/1961 a 14/12/1964.

Assim, parece provável que, por um tempo, o centro criado por Mestre Irineu transformou-se numa filial do CECP. Mas as expectativas do escritório central do CECP e do Centro de Irradiação Mental Tattwa “Luz Divina” (CIMTLD) eram distintas. De um lado, o CECP, dirigido na época por Matilde Preiswerk Cândido, parecia ansiar pela propagação da filosofia espiritualista do seu Círculo aos lugares mais longínquos. Do outro lado, Mestre Irineu possivelmente esperava da parceria uma fundamentação teórica do espiritualismo e a legitimação dos trabalhos do Daime como “filosofia irmã”. Assim, a união oficial entre as duas organizações se limitou ao período entre 1963 e 1970. João Rodrigues fez um relato sobre esta parceria.



O Mestre Irineu era filiado ao Círculo Esotérico e à Rosa Cruz. Ele nos aconselhou também a se filiar no Círculo Esotérico. O Padrinho até colocou nós na parede pra a gente se filiar. Ele dava apoio a esta composição aqui dentro, porque dava certo.

Ele começou lendo as instruções do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento nos dias das sessões de concentração. Depois passou a ter as sessões Esotéricas que era dia 27 de cada mês, e as Exotéricas na segunda-feira lá na casa do Presidente, na casa de seu Francisco Ferreira "Chicão".

As sessões Esotéricas, com "S", eram dia 27, na sede, e as sessões Exotéricas, com X, na casa do Presidente, lá na rua. Lá era uma hora, não dava pra tirar o sono de ninguém.

As sessões do Círculo Esotérico no dia 27 eram com daime. Ele chegou a fazer as segundas-feiras com daime também.<sup>26</sup> (João Rodrigues)



**Figura 65** Inauguração da parceria do Centro de Irradiação Mental Tattwa "Luz Divina" (de Mestre Irineu) e o CÉCP em 27 de Maio de 1963. Da esquerda para direita da foto, o segundo homem de óculos é o Coronel Manoel Fontenele de Castro e ao lado dele, de terno branco, está Raimundo Gomes. Na direita da foto, de terno branco e faixa na frente está Francisco Ferreira "Chicão" e mais ao canto direito vê-se Mestre Irineu.



Lourdes Carioca e Luis Mendes também falaram sobre as sessões em parceria com o Círculo Esotérico:

“Francisco Ferreira coordenava a ligação dos trabalhos com a sede do Círculo em São Paulo. Passou a realizar encontros todas as segundas-feiras e todos os dias 27 de cada mês, onde reunia maior número de seguidores em sessões semelhantes às de concentração.

Tomávamos daime e nos concentrávamos por uma hora e meia. Quando vinha chegando o afluído, compadre Luiz Mendes lia a oração de Consagração do Aposento e em seguida, executávamos os cânticos dos hinos espirituais e esotéricos. Aquilo mexia com o coração da gente.”(Lourdes Carioca)<sup>27</sup>

Nessa época foi quando dei meus primeiros passos na oratória. Pois é, com um certo tempo de concentração, lia a Consagração do Aposento e ouvíamos, com muita maestria, comadre Lourdes cantar as canções do círculo. As vibrações de harmonia, amor, verdade e justiça, constantemente invocadas pela comunhão dos trabalhos esotéricos, iluminavam os pensamentos de unificação objetivados pelo Mestre.<sup>28</sup>  
(Luis Mendes do Nascimento)

Nos rituais “esotéricos” dos dias 27 de cada mês, realizados na sede, da mesma forma como nas concentrações rotineiras do próprio Daime, não se usavam fardas. Depois de uma hora e meia, era lido o texto do CECP: “Consagração do Aposento” e a “Chave da Harmonia”. Após a leitura eram executados dois hinos do CECP: Hino Esotérico de Violeta-Odete e o Hino Espiritualista de Lina Marcel.

O conteúdo filosófico dos hinos e do material do CECP trazia novos elementos culturais para a cosmologia do Daime, pois boa parte de seus fundamentos eram inspirados nos ensinamentos do guru indiano Swami Vivekananda e nos princípios teosóficos da russa Madame Blavatsky, e as publicações traziam também conhecimentos de astrologia, numerologia, cabala judaica e budismo. O segundo Hino, o Hino Espiritualista, apresentava elementos culturais indianos (Somos filhos de Brahma Supremo), aliados ao lema da organização esotérica (Harmonia, Amor, Verdade e Justiça).



HINO ESOTÉRICO  
(Letra de Violeta - Odete)



Vibremos todos pelo nosso lema,  
Realizando a feliz fraternidade;  
Formemos uma egrégora suprema,  
Capaz de iluminar a Humanidade

Coro: Das nossas almas, ávidas de luz,  
Descerremos as portas sem temor;  
Adonai para o Eterno bem conduz  
Dos obreiros da Seara do Senhor.

Pelo Sol da Harmonia iluminados,  
Regidos pelo amor universal  
No templo da verdade, consolados,  
Formemos com justiça nosso ideal.

Coro: Das nossas almas ávidas de luz...

Tal como em prece simples, e eloquente,  
À luz dos pensamentos mais profundos,  
Sejamos saturados fortemente  
Pela essência das flores e dos mundos!

Coro: Das nossas almas ávidas de luz...

Nas belezas que o lema sintetiza,  
Muito além deste bárbaro cilício,  
Busquemos esta luz que simboliza  
As cristalizações do sacrifício.

Coro: Das nossas almas ávidas de luz...



## HINO ESPIRITUALISTA

(Letra de Lina Marcel)



Somos filhos de Brahma Supremo,  
Que a terra criou-nos para o Bem  
Do universo infinito e extremo,  
Seu poder nos dá força também.

Coro: Exultemos de alegria  
Da luta ao entrar na liça,  
Invoquemos harmonia,  
Amor, verdade e justiça.

Fraternal sentimento nos une,  
Transportados de sacro fervor,  
Um sublime dever nos reúne  
Neste templo: mansão do Senhor.

Coro: Exultemos de alegria...

Quando a alma se evola, liberta  
Da ilusão que na vida seduz,  
Enlevada, surpresa, desperta  
No seu reino de Paz e de Luz,

Coro: Exultemos de alegria...

Outro ritual do Daime, realizado em parceria com CECP, o das sessões exotéricas, realizadas às segundas-feiras, na casa de Francisco Ferreira na Rua Dom Bosco no Bairro do Bosque<sup>29</sup>, contava com ampla participação



dos discípulos de Mestre Irineu. Nessas ocasiões, era feita a concentração e depois lido o Livro de Instruções do CECP e trechos da revista O Pensamento.

Lourdes Carioca e D. Percília Ribeiro falaram sobre essas sessões das segundas-feiras.

[...] Fora da sessão dos dias 27, nas reuniões de todas as segundas-feiras, líamos as Revistas do Pensamento, as orações do iniciado; enfim, elevávamos o nosso pensamento como determinava a Ordem. (CARIOCA, 1998, p. 27)

As concentrações do Círculo Esotérico sempre foram muito bem organizadas. Todo mundo se prontificava dentro dos trabalhos em silêncio. Agora o presidente do Círculo Esotérico era quem mais falava. Tinha também outras pessoas lá que davam as instruções. Não eram concentrações fechadas e silenciosas, porque tinha aquelas pessoas falando, dando instruções do Círculo Esotérico.<sup>30</sup> (Percília Ribeiro)

Porém, essa parceria do Daime com o Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento acabou sendo rompida no final da década de 1960. Alega-se que Francisco Ferreira começou a rivalizar com Mestre Irineu pelo comando do Centro. Assim, foi a São Paulo, onde teria feito relatos à presidente do CECP, Matilde Preiswerk Cândido, sobre o uso de daime durante as sessões da filial riobranquense Centro de Irradiação Mental Tattwa Luz Divina. No clima repressivo então reinante no Brasil, onde qualquer manifestação religiosa não católica era potencialmente sujeita a discriminação e perseguição<sup>31</sup>, pode-se imaginar a reação preocupada e escandalizada da líder esotérica, perante o que deve ter percebido como práticas de “baixo espiritismo”, envolvendo o uso de uma bebida alucinógena, sendo mescladas às do CECP no Acre. Possivelmente atuando de comum acordo com Francisco Ferreira, ela teria esperado o seu retorno à Rio Branco e depois enviado uma carta à direção e irmandade do Tattwa acreano, explicitando a incompatibilidade dos anseios da diretoria do Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento com o uso do daime. A resposta de Mestre Irineu teria sido imediata: “Se não querem o meu daime, também não me querem, eu sou o daime e o Daime sou eu”.<sup>32</sup> Com a





retirada de Mestre Irineu e de seu daime, os outros daimistas membros do Tattwa também se afastaram. Como relata João Rodrigues “Nica”:

O Mestre Irineu recebeu essa carta endereçada a ele dizendo que o uso da aoasca era irregular. Aí, o Mestre disse: “Já que não querem, também eu retiro o meu daime.”

Quando ele retirou o daime, aí pronto, fugiu todo mundo e acabou-se o Centro de Irradiação Tattwa Luz Divina. Todo mundo não quis mais ir lá. Ele nos aconselhou a seguir, dizendo que as instruções eram muito boas, de fato era mesmo.<sup>33</sup> (João Rodrigues)

O período da parceria do Daime com o CECP parece ter sido também o momento de maior influência da cultura escrita e erudita junto ao centro acreano, devido às leituras dos textos esotéricos. Até então os “estudos” empreendidos pelos daimistas haviam se limitado ao aprendizado dos hinos, além, é claro, das experiências de revelação direta proporcionadas pela ingestão da bebida sagrada. Ocasionalmente, Mestre Irineu ou algum de seus seguidores mais graduados proferiam palestras ou sermões, mas a linguagem que empregavam era aquela corrente entre as camadas menos privilegiadas da região, fugindo da norma culta e marcada por regionalismos. Uma proporção considerável dos daimistas era provavelmente pouco alfabetizada e raramente se recorria a qualquer texto ou registro escrito. Já o esoterismo do CECP se filiava a uma tradição mais livresca que, apesar de suas conotações sociais mais prestigiosas, não deixaria de causar desconforto entre os menos alfabetizados, contribuindo de maneira importante para a debandada que ocorreu no Tattwa quando Mestre Irineu se retirou (CEMIN, 1998, p. 138). Conforme relatou Chico Granjeiro a Arneide Cemin (1998, p. 138):

[...] a gente acompanhava ele, não era o Círculo Esotérico. Que o Círculo Esotérico precisava ler, e o Daime não, tanto faz saber ler como não saber, a pessoa vê sempre. Que a senhora veja que tem o hinário do Raimundo Gomes, o hinário do Germano Guilherme, e se mostrasse um “o” pra eles, eles não sabiam o que era, e tem um hinário daquele tamanho, não é? Então, no Círculo Esotérico precisa a gente ler, né, e no Daime não tem disso. Quem é que ia acompanhar o Círculo? O Mestre Irineu saiu, todo mundo acompanhava ele, saiu todo mundo.



Mas, de toda forma, esse período de associação com o CECP foi provavelmente quando a doutrina de Mestre Irineu mais evoluiu, em termos de conhecimentos esotéricos e posturas de meditação. Embora não tenhamos registro das palestras e leituras feitas durante as reuniões esotéricas e exotéricas, é provável que nessas ocasiões, entre outras instruções, fossem fornecidas indicações sobre como cada participante devesse proceder no recôndito de sua mente durante as sessões de concentração. Após o rompimento, as sessões de daime foram abandonando seu antigo caráter explicitamente instrutivo sobre questões esotéricas. Mas vários traços importantes do CECP foram incorporados aos trabalhos daimistas. Foi a partir da relação com ele, por exemplo, que Mestre Irineu propôs os dias 15 e 30 como datas oficiais das sessões de concentração e os princípios de Harmonia, Amor, Verdade e Justiça como fundamentos doutrinários.

Mesmo deixando de lado os estudos explicitamente livrescos, os trabalhos de daime continuavam a ter momentos quando certas instruções eram repassadas pelos líderes. Assim, nos versos de Saturnino Brito, podemos vislumbrar as recomendações que Mestre Irineu fazia, ao conduzir as cerimônias:

– Olha gente, quando tomarem o Daime,  
procurem então adentrar  
para dentro de si próprio,  
e não queiram viajar,  
procurando fora de si,  
porque não vão encontrar.

Mergulhem dentro de si mesmo,  
No caminho interior,  
Corrigindo os seus defeitos,  
Encontrando o seu valor,  
Reconhecendo dentro de si  
A presença do Criador. (NASCIMENTO, 2005, p. 100-101)

Após se desfiliar do CECP, o centro de Mestre Irineu abandonou o título Centro de Irradiação Mental Tattwa Luz Divina<sup>34</sup> que havia usado durante cerca de sete anos, adotando então outro, que anteriormente já havia até sido proposto como um nome alternativo para o centro: Centro de Iluminação Cristã Luz Universal (CICLU). Esse viria a ser o nome adotado oficialmente quando a instituição finalmente obteve seu registro em 1971.



# Novas Propostas Rituais na Década de 1960

## O Trabalho de Mesa

A década de 1960 para Mestre Irineu foi um dos períodos mais frutíferos, em termos de inspiração. Ele continuou a efetuar mudanças nos rituais, em uma espécie de dinâmica cultural de erros e acertos. Embora haja os que considerem que esse ritual só foi introduzido em época mais próxima da morte do líder<sup>35</sup>, contemporâneos seus indicam que foi a partir de 1963, que ele desenvolveu o chamado de “Trabalho de Mesa”. Este ritual parece ter sido inspirado nas suas leituras do Livro de Orações Cruz de Caravaca, que ele teria conhecido através do CECP. Deste livro, ele selecionou a “Oração para esconjurar os malefícios dos maus espíritos e dos demônios infernais”. (MOREIRA, 2008, p. 222) Junto a esta oração, adicionou dizeres, preces e o hino 108 – Linha do Tucum.<sup>36</sup> Sabe-se que o “Trabalho de Abrir Mesa” era utilizado para afastar ou “enxotar” maus espíritos de pessoas que estariam sofrendo de “obsessão”, ou também, que seriam vítimas de “mentalizações” negativas próprias ou de alguém, ou seja, de feitiço. Fala-se que idealmente o requerente deveria estar presente, mas a cerimônia também poderia ser realizada na sua ausência. Francisco Granjeiro comentou sobre a introdução do “Trabalho de Mesa” no Daime:

O Trabalho de Abrir Mesa do Mestre começou no tempo que chegou o Círculo Esotérico. Ele apoiou o Círculo Esotérico. E aí, passando mais ou menos um ano, ele foi, achou um livro lá, que é um livro de cura, aí ele foi e viu que aquele livro era bom. Era o livro de cura do Círculo Esotérico. A comadre Lurdes tem ele, Peregrina também tem ele. Depois de encontrar esse trecho do livro, aquilo ali juntou com a força que ele tinha, o poder dele, e classificou em livro de mesa, em abertura de mesa pra espantar espírito ruim, ou malefícios com esse livro. Isso aí foi formado por ele.

Aí, abre a mesa, né, são 9 pessoas com 9 cruces. [...] É o livro Cruz de Caravaca do Círculo Esotérico que ele encontrou. Agora, ele, como diz a história, ele santificou o daime, santificou a cura e o livro de cura, que chama-se mesa, abrir uma mesa. (Granjeiro apud CEMIN, 1998, p. 184)



Inicialmente Mestre Irineu teria ensinado o “Trabalho de Mesa” para D. Percília Ribeiro. Esta, no fim da década de 1960, o repassou para Lourdes Carioca. O “Trabalho de Mesa” deve ser realizado com um número ímpar de participantes, podendo ser formado com três, cinco, sete ou nove pessoas. Esse número não deve ser aumentado e tampouco o ritual deve ser realizado por um número par de pessoas. Primeiramente, reza-se uma “Salve Rainha”, e depois recita-se a “Oração de Mesa”. No meio da “Oração de Mesa”, rezam-se três “Pai Nossos”. Ao final da “Oração de Mesa”, canta-se o hino Tucum três vezes em forma de “chamado”, terminando com a “Salve Rainha”. Segundo o relato de D. Percília Ribeiro sobre a execução do rito, são também necessários certos cuidados ao abrir e ao fechar o trabalho:

Quem vai fazer “Abertura de Mesa” não é aquela pessoa, a pessoa que está ali, é só um representante. Tem que pedir conforto, tem que pedir força e licença ao Mestre e a Deus todo poderoso, pra poder fazer aquele trabalho. Se quiser ter bom êxito, tem que pedir licença e pedir ao Mestre a sua infinita e eterna bondade, que Nosso Senhor Jesus Cristo venha naquele momento presidir aquele trabalho, para poder ter bom êxito, né? Tem que fazer os chamados tudo direitinho, rezar aquela prece com nove cruces.

Agora a pessoa que está sendo beneficiada tem que pôr a cruz no peito esquerdo. Compõe-se a mesa de três, cinco, sete ou nove pessoas. A mesa não pode aumentar e nem pode ser par, só pode ser ímpar. Agora, depois que se chama, reza-se uma Salve Rainha. Reza-se depois da Salve Rainha a oração, reza a “Oração de Mesa”. Depois da gente rezar cada oração, quando chega lá pelo meio tem uma precezinha, reza três Pai Nosso pra fechar e no fim da prece chama-se o Tucum três vezes. Aí, fecha com a Salve Rainha e faz os oferecimentos, oferece ao Mestre, à Virgem Soberana Mãe, ao Senhor Tucum e à intenção. Quem está fazendo, tem que primeiro fazer em intenção do seu nome e do anjo de sua guarda. Para não jogar pros outros, pra não ficar de corpo aberto, né? Então oferece ao [...] Eu ofereço ao nome santo do anjo de minha guarda, depois eu ofereço ao santo do nome daquela pessoa que está sendo beneficiada e ao anjo da guarda dela.



Pra fechar, em nome das “Cinco chagas que apaixonou Senhor Jesus e para Nossa Senhora do Desterro, para que seja desenterrado todo mal que estiver perturbando aquela pessoa ou aquelas pessoas”. Porque às vezes não é um só, são uns, que estão naquela lista, não é? Aquelas pessoas que estejam completamente beneficiadas pela divindade e que Nossa Senhora do Desterro desterre todo mal e todas as perseguições e todas as perturbações que estiver havendo contra aquelas pessoas, e aí fecha. Chama-se o Tucum. Depois eu recebi autorização de chamar por ele.<sup>37</sup> (Percília Ribeiro)

Em geral, o “Trabalho de Mesa” era usado em casos de distúrbios espirituais considerados por Mestre Irineu e pela comunidade como resultantes de pensamentos negativos, “encosto”, “mau olhado”, “obsessão por um espírito”. Aqui observamos uma rara expressão, dentro do contexto daimista, da crença na possessão por espíritos, típica de religiões afro-brasileiras. (GOULART, 2004, p. 75) Porém, é necessário atentar para a distinção entre o tratamento dado à possessão no Daime e em outras religiões afro-brasileiras, onde episódios desse tipo são geralmente valorizados positivamente. Na versão de Mestre Irineu não se nega a existência da possessão, mas não há a tentativa de doutrinação de espíritos (como ocorre no espiritismo kardecista) e nem estímulos para o desenvolvimento da mediunidade, como na Umbanda, Candomblé ou Tambor de Mina. O tratamento dado ao episódio de possessão no Daime é de expurgação de negatividade mental, ou de expulsão e afastamento do espírito obsessivo, do “encosto”. Talvez o que mais se assemelhe ao “Trabalho de Mesa” sejam as fórmulas de exorcismo dos demônios do antigo cristianismo católico ou do novo protestantismo “Neo-Pentecostal”. A versão católica de exorcismo foi criada na Idade Média, e na modernidade tem entrado em desuso, mas, no campo protestante, algumas igrejas “Neopentecostais” voltaram a colocá-lo como foco principal dos seus rituais.

Nos seus relatos, antigos seguidores de Mestre Irineu comumente se referem a estas possessões como sendo manifestações de negatividade mental, “seres inferiores” ou “espíritos malignos”. Assim, os estados de “encosto” ou “obsessão” por pensamentos negativos ou um espírito são vistos como um mal que precisa ser eliminado. Constatam-se também, entre



os antigos seguidores de Mestre Irineu, a crença de que, algumas vezes, as perturbações tratadas nos “Trabalhos de Mesa”, seriam resultado de “macumba” ou dos trabalhos feitos por pessoas que se deixam conduzir por seres inferiores ou pensamentos negativos. (GOULART, 2004, p. 76) Por outro lado, em aparente contradição a esta afirmação, Luis Mendes afirma que Mestre Irineu, em determinada ocasião, chegou até a negar a existência de feitiços dizendo: “Rapaz, isso não existe não, esse negócio eu já procurei e não encontrei, já procurei até no inferno e não encontrei”.<sup>38</sup> Luís Mendes também afirma que Mestre Irineu não gostava de fomentar essas ideias de feitiço e falava que:

[...] era para evitar que se deixasse de pôr Deus no coração para pôr o diabo em seu lugar. Quem faz macumba acaba enfeitizando a si mesmo. E, quando alguém bota na cabeça que está mal, acaba atraindo coisa ruim para si. Fraqueza de pensamento. (GOULART, 2004, p. 76)

Outro seguidor, João Rodrigues, dá a sua versão e confirma a existência de “forças negativas”:

Mestre Irineu me disse [sobre macumba]: “Compadre se o senhor não acredita, mas, também não desdenhe. O senhor não sabe o que é que tem ao nosso redor, tem forças negativas. Eu não digo pra todo mundo, porque eu quero é que acreditem é em Deus. Mas, existem forças negativas aos arredores. Uma hora dessa, ela te pega!” Foi o que aconteceu [...]. Se o senhor não acredita não desdenhe. [...] se não acredita, deixa lá, você nunca sabe qual a intenção daquela pessoa.<sup>39</sup> (João Rodrigues)

Em relação à aplicação dos “Trabalhos de Mesa” para afastar “espíritos malignos”, “encostos” ou “caboclos”, em casos diagnosticados como resultantes de “feitiço” ou “macumba”, acreditamos que, para Mestre Irineu, a eficácia do rito se daria primeiramente sobre o pensamento negativo do paciente para depois se voltar contra a força negativa responsável pela possessão. Os seguintes relatos de João Rodrigues nos indicam como Mestre Irineu conceberia esse fenômeno.



Ele não acreditava em incorporação. Ele disse uma vez: “Eu perguntei à Rainha minha mãe sobre isso, aí ela disse assim: ‘De mil talvez, de talvez, três vezes de mil se tire uma. Agora, aonde é que está essa uma, que é verdadeira, ninguém sabe. O resto tudo são fantasias atrás de dinheiro.’”

Ele disse assim: “Mesmo que a pessoa não souber o que está fazendo, ele é enrolado, que a força negativa tá bem pertinho das pessoas e às vezes a pessoa não está preparada.”

Disse ele que, quando foi a essa viagem pro Maranhão, ele passou por Belém. E o Fabiano, irmão do Zé das Neves, chamou ele pra ir em um lugar desse e ele foi. Quando ele chegou lá, o pessoal chamou ele pra dar um passe. Ele disse que sentiu faltar terra no chão, ele pediu licença foi lá fora e pisou no chão, olhou pro firmamento e voltou e pediu pra continuar. E não quiseram continuar, dizendo que ele tinha o corpo fechado e não pegava nada não. Mas dizia ele, que se a pessoa facilitar, há uma força negativa, que agarra a pessoa. Não é que a pessoa incorpora. A pessoa já traz consigo, dado por Deus, o seu espírito. Mas [se] a pessoa se afastar pra entrar outra, pode entrar as forças negativas [...]. [...] Realmente são influências negativas. Se a pessoa não se prepara, como está dizendo o hino: “fica espírito vagabundo”. Aquele espírito vagabundo está atrás de luz. Se o senhor tem muita luz vão atrás do senhor. A pessoa não sabe se defender, vai ficando desnordeada, fazendo tolice, asneira mesmo. Existe este trabalho mesmo, para justamente afastar essas entidades. É para aquela pessoa que não está capaz de lutar com aquela entidade.<sup>40</sup> (João Rodrigues)

Outra versão é dada por Lourdes Carioca, a segunda pessoa de Mestre Irineu no comando do “Trabalho de Mesa”. Ela esclarece como era identificado o problema classificado de “encosto”.

O encosto é assim, quando a pessoa está influenciada por linhas inferiores [...] A pessoa muda de repente, passa a ficar quieta, como se estivesse num outro mundo, desligada de tudo, de sua vida, alheia às coisas [...] Depende do caso... tem uns que ficam como doidos... gritam, correm, xingam... um horror! Eu já vi muito caso feio mesmo [...]. São seres inferiores que se incorporam em algumas pessoas [...]



O trabalho de mesa, a gente faz para estes casos, para espantar essas coisas ruins, esses espíritos malignos...<sup>41</sup> (Lourdes Carioca)

Durante a década de 1960, muitos foram os casos de “encosto” que chegaram para Mestre Irineu curar, muitas vezes, trazidos por famílias que não participavam da comunidade do Daime. Quando necessário, Mestre Irineu designava seu sobrinho Daniel Serra para segurar as pessoas mais agitadas. Vejamos abaixo o relato de Daniel Serra sobre esses casos.

Ele dizia que de tudo existe. Agora, ele tratava de caboclo, de pessoas que começava a pinotear. As pessoas chegavam viradas, mas só era valente até chegar lá. Quando chegava lá, a gente amansava. Teve uma vez que, um dia de manhã, chegou uma mulherzinha baixa, que chegou lá quebrando tudo. Tinha quatro lutando com ela e não agüentava. Ela estava atacada, aí, uns homens chegaram no portão com ela, eles pelejaram, pelejaram. Aí, ele mandou eu dar uma ajuda. Eu já estava com a mão nela, bem na hora do trabalho. Eu tive que segurar ela pelo ombro, que ela era baixa e não dava pra bater o pé no chão. A comadre Percília rezando pra fazer um trabalho de cura. Não era preciso uma sala cheia. Ela pinoteando e eu segurando. Eu segurei até o final, quando terminou ela dormiu em meu braço.

Quando ela dormiu, o Mestre mandou colocar na rede. Tinha uma rede e tinha um quarto pra isso. Ele chamou dona Percília e mandou tomar conta dela. Esses trabalhos era só ele e a Percília. Ele foi trabalhar e disse para Percília: “A senhora não fale nada quando ela acordar, mande chamar o marido dela pra vir buscar.”

Quando foi umas duas horas, a mulher levantou. A primeira coisa que ela pediu foi pra ver os filhos dela. A Percília tranqüilizou ela, dizendo que o marido já vinha buscá-la. Quando o marido chegou, que ela viu, chamou ele, botou na frente. Até hoje aonde eu tenho conhecimento nunca mais ela voltou.

[...] Uma vez uma de Xapuri. Não tinha quem agüentasse, era um quebra, quebra. Mais de dez homens querendo segurar. Na hora que ela chegou lá, era durante um trabalho um hinário grande. Aí o Mestre disse: “Segura essa mulher aí.”





Só dava a eu pra segurar. Quem é que ia segurar? Ele não mandava outro segurar. Chegou uma hora que ela caiu nos braços e já estava dormindo. Aí, o pessoal começou a rezar e ela ficou boa e nunca mais apareceu no trabalho. O Mestre não cobrava nada por isso, ele fazia o bem sem reparar a quem.<sup>42</sup> (Daniel Serra)

Percebemos, assim, o quanto a eficácia do rito estava na força de Mestre Irineu, ou melhor dizendo, no seu prestígio, na sua singularidade carismática, nas suas escolhas, na sua capacidade de santificar os ritos perante o social.

Ao analisarmos o conteúdo da “Oração de Mesa”, observamos que se trata de um texto que, embora utilize frases em latim e outras línguas mortas, apresenta uma grande abundância de desvios gramaticais sintáticos e léxicos, levando-nos a supor que seja proveniente de tradições populares, influenciadas pela liturgia católica.<sup>43</sup> Consideramos também pouco provável que tenha sido redigido por Mestre Irineu, que não parece ter tido nenhum conhecimento, mesmo que fragmentário, das línguas utilizadas ou das tradições esotéricas referenciadas. Assim, parece-nos bastante provável que tenha encontrado esse texto em alguma compilação de preces de uso popular, tal como o sugerido Livro da Cruz de Caravaca, ou outro semelhante. De toda maneira, a eficácia desse rito deveria depender primordialmente da figura de Mestre Irineu, estivesse ele presente ou não durante a cerimônia, e da “santificação” carismática que ele conferia à ocasião. Isto é, a força do rito proviria da invocação do seu carisma e do poder que lhe era atribuído pelo paciente envolvido no episódio de possessão e pelos demais participantes da sessão.<sup>44</sup>

Outro aspecto relevante ao tema é a noção de irradiação dentro do Daime. De certa maneira, a irradiação no Daime pode ser vista como participando de um mesmo contínuo que o fenômeno da possessão. Mas, ao mesmo tempo, não se deve confundir os conceitos de irradiação e possessão. Talvez o melhor seja concebê-los como extremos opostos do mesmo contínuo. No Daime, o termo “irradiação” pode ter se originado a partir do contato de Mestre Irineu com o CECF, possivelmente ainda durante as práticas do Círculo de Regeneração e Fé, em meados da década de 1910. Como já colocamos antes, tudo indica que o “Astral” para Mestre Irineu



assumia aspectos principalmente interiores (estado de humor, pensamentos positivos e negativos), mas também não pode haver dúvida de que ele concebia a possibilidade de forças externas positivas e negativas (seres encantados positivos e espíritos malignos) atuarem sobre os indivíduos. No Daime, o termo “irradiação” é empregado para identificar contatos com seres divinos, memórias próprias, ou mesmo memórias de “desencarnados evoluídos”. Assim, a noção de “irradiação” contrapõe-se à noção de possessão (onde atuariam forças negativas), por ser um contato no “astral” de caráter positivo, ou, um contato no “astral” com forças positivas, ao contrário do que ocorreria no caso de possessão ou “encosto”. Este implicaria numa comunicação com o “Astral” inferior. João Rodrigues deu um depoimento em que fala sobre o quanto Mestre Irineu acreditava em irradiação.

Perguntei a ele sobre ‘irradiação’. Inclusive ele até disse assim. [...] “Os anjos ‘guardiães’ do lar... [ele apontou pra uma palheira. Eu nem prestei atenção se essa palheira está por lá, continuou] ...estão tudo aí esperando por nós. A gente não utiliza eles, não chama eles. Isso aí é um caso de irradiação.”

Mas existe outro tipo. A irradiação de seres como Princesa Soloína, por exemplo. Eu conversei com ele, mas eu acho isso uma coisa muito merecedora, muito fina, vai depender muito até do merecimento da pessoa. Isso não tem o que dizer. Isso aí é até de praxe, se você merecer ela vem te irradiar mesmo, dar assistência necessária. Mas se não merecer, já está dizendo um hino: “cada qual que tem um dom conforme o que merecer”. Mas dizer que tem, tem. Mas se a gente tiver o merecimento recebe as irradiações necessárias.

Comigo aconteceu sim aquele negócio, a gente está confortado. Desempenhei o trabalho bem, bem, bem mesmo, tanto que ele até dizia: “Você vai cantar o hinário do João Pereira, chame João Pereira antes de começar concentre e chame João Pereira. Ele vem te dar assistência.”

O do Germano, Maria Damião e assim por diante. Eu fiz outra pergunta a ele. Foi até quando tinha uma sessão de caboclo (Trabalho de Mesa): “Padrinho o senhor tem um hino que diz que ‘os caboclos já chegaram de braços nus e pés no chão?’”

Ele disse: “É, esses são os meus caboclos.”



Aí, depois eu fui ver quem era os caboclos dele, era nós. Esse Mestre às vezes botava as pessoas pra lá, pra acolá. E ele estava tão pertinho da gente. Agora era aquele negócio, ele não se declarava. E aqui acolá ele esta dizendo quem é ele e a pessoa passa por cima.<sup>45</sup> (João Rodrigues)

## Reestruturas nos Rituais

Desde a década de 1930, quando deu início ao Daime, Mestre Irineu já havia vinculado seus rituais a dias de festejos cristãos. É provável que a comemoração da Sexta-Feira da Paixão no Daime teve início no final da década de 1930. Existem indicações de que, entre essa época e a década de 1960, foram cantados nessa data diferentes hinários “oficiais” como os de Germano Guilherme, João Pereira, Maria Damião, Antônio Gomes e, até o próprio O Cruzeiro. A comemoração começava na véspera e geralmente adentrava a madrugada da sexta. Os relatos sobre essa época de Adália Granjeiro, Zé Dantas, Percília Ribeiro e Paulo Serra indicam que, até o final da década de 1940, todos esses hinários eram executados conjuntamente. Mas, a partir do final da década de 1940, quando houve a mudança para o Alto Santo, parece provável que cada festejo passou a contar com um hinário específico para a data.

Fala-se que Mestre Irineu considerava a Sexta-feira da Paixão um momento muito solene e, em meados da década de 1950, até recebeu um hino, o 104 – Sexta-Feira Santa, que fala especificamente desse dia. Nesse hino, que passou a ser executado três vezes à capela no final do ritual da Sexta-Feira Santa, Mestre Irineu reforça a necessidade de se fazer uma dieta sexual para afastar doenças.

Há indicações de que, após o recebimento desse hino, o hinário O Cruzeiro foi também executado em sua completude nessa data. João Rodrigues (Nica), por exemplo, tem a lembrança de uma vez, em 1963, quando esse hinário foi cantado na Sexta-feira Santa.<sup>46</sup> Mas, nos anos seguintes, voltou-se à prática anterior, sendo executados nessa data, diferentes “hinários oficiais”. Certos relatos falam que, a partir do início da década de 1971, Mestre Irineu propôs que nessa data deveriam ser executados os hinários das mulheres (D. Percília, Dália, Zulmira, Maria Gomes, Maria das



Dores ou Nenen e Maria Zacarias). Já outros seguidores falam que o hinário das mulheres só foi oficializado na Sexta-Feira Santa, depois da morte de Mestre Irineu em 1972.

104 - SEXTA-FEIRA SANTA  
(Mestre Irineu)



Sou filho, sou filho,  
Sou filho do poder.  
A minha Mãe me trouxe aqui,  
Quem quiser venha aprender.

Vou seguindo, vou seguindo  
Os passos que Deus me dá.  
A minha memória Divina  
Eu tenho que apresentar.

A minha Mãe que me ensina  
Me diz tudo que eu quiser.  
Sou filho desta verdade  
E meu Pai é São José.

A Sexta-Feira Santa  
Guardamos com obediência  
Três antes três depois  
Para afastar todas doenças.

No final de 1963, foram feitas novas mudanças nesse ritual. Francisca Mendes, irmã de Luís Mendes, apresentou a Mestre Irineu um Bendito da



igreja católica. Mestre Irineu o achou apropriado e o introduziu no ritual da Páscoa em 1964. Vejamos abaixo o relato de Francisca Mendes sobre este passagem e logo depois o Bendito.

Quando eu era criança, eu tinha uns 9 anos, aí, perto da casa onde eu morava na Cris Perét [bairro de Rio Branco próximo a Custódio Freire] tinha umas senhoras. Eu lembro que elas eram do Ceará. Aí, quando era mês de maio, tinha uma novena. Essas senhoras tiravam o terço e rezavam, e logo depois cantavam. Eu me lembro bem que elas eram do Ceará, já velhinhas de idade.

Aí, quando terminava o terço da novena, elas cantavam esse Bendito. Eu gostava de ir. Criança mesmo, eu fui e aprendi esse Bendito na memória. Tem até uma história que este Bendito foi recebido pelo Padre Cícero, eu não tenho certeza.

Quando foi um dia, já na doutrina com o Mestre Irineu, eu lembrei de cantar pra ele ouvir. Era próximo à Semana Santa, ele achou muito bonito e pediu pra eu ficar cantando dali pra frente. Todas as Semanas Santas, era vez de cantar ele na sede. Era na abertura do terço, no intervalo e na hora de fechar o trabalho.<sup>47</sup> (Francisca Mendes)

#### BENDITO DA SEXTA - FEIRA SANTA

(Padre Cícero)



Na quarta-feira, Jesus com seus discípulos.  
Foi à Oliveira, foi à Jerusalém.  
Foi à Páscoa, meu Jesus com seus discípulos.  
Que padeceu a favor de nosso bem.

Na quinta-feira, Jesus banhou os seus pés.  
Com grande gosto, prazer e contentamento.  
Depois da ceia, meu Jesus restituiu-se.  
Com grande gosto meu Santíssimo Sacramento



Na sexta-feira, Jesus subiu ao horto.  
Foi rezar três horas de oração.  
Encontrou Judas na frente de uma tropa.  
Já vinha ele de alferes capitão.

Judas, pelo lado direito.  
Com falsidade lhe beijou divinamente.  
Jesus disse: – eu conheço a falsidade.  
Com este beijo que agora tu me destes.

Neste dia, Nossa Senhora chegou.  
Às oito horas, sexta-feira da Paixão.  
Encontrou-se com seu filhinho preso.  
Madalena, oh que dor no coração!

Depois, de Jesus Cristo arrastado.  
Cobriram. Ele, em trono pequenino.  
Lhe botaram, uma coroa na cabeça.  
Era tecida com 72 espinhos.

Daí saíram, com Jesus a rua estreita.  
Certamente a rua de amargura.  
Encontrou-se com a Sempre Virgem Maria.  
Era sua mãe que chorava com ternura.

Ó minha mãe, que por mim tanto chorava.  
Sendo ela, Maria e Madalena.  
Quando eu cuido que vinha a meu socorro.  
Cada vez mais redobrava a minha pena.

Chegou Longinho com a lança e cravou.  
No peito esquerdo, em cima do coração.  
Quando o sangue lhe batia pelo rosto.  
Se, ajoelhou, a meu Deus pediu perdão.



As constantes inovações introduzidas ao culto por Mestre Irineu pareciam exercer um fascínio entre seus seguidores. Estas podiam ser um novo hino, mudanças nas fardas, ou até mesmo um novo rito. Diz-se que Mestre Irineu, em 1963, parou de receber hinos por um tempo. Parece-nos que este silêncio se prorrogou até 1968. Alguns sugerem que uns dos possíveis fatores que contribuíram para tal “silêncio” de Mestre Irineu teria sido o falecimento de seu amigo e seguidor Germano Guilherme em meados de 1964.

O ano de 1964, para a comunidade do Daime foi de grande apreensão, principalmente depois que foi instaurada a ditadura militar. Era um momento de muitas incertezas. O Acre fazia apenas dois anos que alcançara a condição de Estado e acabara de realizar sua primeira eleição para governador. A perda do direito ao voto, após tantos anos de luta para conquistá-lo, foi muito sentida e, na comunidade do Daime, o golpe repercutiu como mais uma incerteza na legitimação do culto. Desde o início do Daime na década de 1930, sempre houvera a preocupação com o seu direito de existir. Em alguns momentos históricos a preocupação era mais forte, em outros era amenizada por circunstâncias favoráveis. De toda forma, podemos dizer que este momento se acercou de muitas incertezas. Como que para marcar a dramaticidade daquele momento histórico, ocorreu então o falecimento de um dos mais importantes integrantes do Daime, Germano Guilherme. Ele fora um dos primeiros discípulos de Mestre Irineu, talvez o mais próximo. Mestre Irineu o conhecia desde que servira na Força Policial. Germano sofria há anos de um problema na perna e, ao entrar o ano de 1964, teve uma acentuada piora no seu estado de saúde, vindo a falecer em 22 de junho de 1964. Vejamos o relato abaixo de D. Percília Ribeiro no qual a doença de Germano é explicada como sendo decorrente de crueldades que haveria cometido em uma encarnação anterior. Fala também da importância de seu hinário, cuja execução era reservada para ocasiões especiais.

Germano vinha doente há muitos anos. Ele tinha uma enfermidade na perna. Ele tomava daime e pejava pra se curar. O Mestre dizia que ia fazer um trabalho pra ele. Pra ele ficar bom. Mas ele quebrou o pau, não fez como o Mestre mandou e passou do tempo da cura.



Um dia ele tomou daime e foi ver porque não ficava bom. Primeiro ele viu um senhor de engenho. Que era ele. Ele era um desses fortes, lá no tempo da escravatura. Ele era um dos malvados, que mandava dar surra naqueles pobres coitados de tirar sangue nas costas. Depois ele viu a mãe dele gestante, e era dele. Quando a mãe dele andou de lá pra cá [Acre], quando nasceu era ele. Agora, ele sendo o fulano que era o “malvadão”. E foram mostrar [na miração] porque aquela ferida nasceu na perna dele. Era o exemplo das malvadezas que ele fazia com os pobres coitados.

[...] Ele dizia que aquilo ali era perpetuamente [sentença divina]. Ele tinha que cumprir. Porque ele estava pagando o que ele devia. Pagando a dívida que ele tinha com a divindade. E ele morreu e não ficou bom dessa ferida não. O Mestre Irineu chamava ele de maninho. Era de um para o outro. Eu acho porque era tudo da mesma cor, trabalharam juntos e serviram juntos.

[...] Tem os dias de trabalho que a gente canta o hinário do Germano com o Cruzeiro, é na Nossa Senhora da Conceição. Primeiro era o hinário de Germano. O dia de Natal era do mesmo jeito.<sup>48</sup> (Percília Ribeiro)

Pouco se sabe sobre Germano Guilherme. Entre as poucas informações que se tem sobre ele, fala-se que já era casado quando entrou no Daime. Desse casamento, teve uma filha chamada Francisca das Chagas, que, conforme se relata, não gostava de daime. Quem mais nos falou sobre Germano foi Paulo Serra, filho de Cecília Gomes com o José das Neves, mas criado por Mestre Irineu, a partir do momento que sua mãe passou a viver com Germano. Vejamos o seu relato sobre a vida de Germano:

Ele teve outra mulher, sei que aí ele largou de mão. Ele era meio ranzinza. Diz que um dia ela botou a mão em cima dele, quando ele calçou o sapato sentiu a ferrada no pé e surgiu esse negócio na perna; Era um caroço assim que parecia uma verruga. Aquilo ali tinha tempo que rebentava. Sei que depois de uns cinco anos dele ter deixado ela [ex-esposa], passou a conviver maritalmente com a minha mãe [Cecília Gomes].





Ele e minha mãe se juntaram em 1943 a 1964. Do casamento anterior dele, ele tinha uma filha com ela. A filha se chamava Francisca das Chagas. Logo depois ele se tornou viúvo e enterrou a esposa. A filha não gostava de tomar daime. Ela foi para Porto Velho morar com o marido. O marido tomava cachaça e ela acabou aprendendo com ele. Ela morreu por lá, em Porto Velho, de alcoolismo. Ela morreu antes do marido, sei que logo depois dela, ele se foi também. Os dois faleceram antes do Germano. O Germano faleceu em 28 de junho de 1964.<sup>49</sup> (Paulo Serra)

A morte de Germano coincidiu aproximadamente com o início do período em que Mestre Irineu deixou de receber hinos. Durante esse tempo, porém, ele continuou a introduzir inovações no culto. Mudou, por exemplo, a maneira de se executar seu Hinário durante os bailados. Este novo molde foi posto em prática nos festejos de São João e de Nossa Senhora da Conceição, entre 1965 e 1967. Vejamos abaixo o relato de seu Pedro, viúvo de D. Percília Ribeiro sobre este período.

Teve uma época que a metade do hinário era tocada apenas com maracá. Depois do hino 66 eram tocados os hinos só nos instrumentos musicais. Mas se podia bater o maracá. Eram todos, mas sem cantar, até o fim. Só se cantava os hinos de força, 86 – Eu Vim da Minha Armada, 87 – Deus Divino Deus, 95 – Mensageiro, 104 – Sexta-Feira Santa, 108 – Linha do Tucum, 111 – Eu Estou Aqui e 116 – Sou Filho do Poder. A obrigação era dali do “66” pra frente deveria ser só a música e o maracá. A primeira parte tinha de ser só voz, só cântico, depois do intervalo entrava a música [...].<sup>50</sup> (Pedro)

Após implantar, em 1958, novos modelos inspirados provavelmente nos folguedos maranhenses de São Gonçalo, Mestre Irineu fez somente algumas pequenas alterações no fardamento. Mas, em 1968, quando começava a cogitar sobre uma reforma da sede, ele voltou a sugerir mudanças nas fardas. Neste momento ele também terminou o seu “silêncio”, voltando a receber hinos. Para certos de seus seguidores, este momento seria um divisor dentro do hinário, assim, O Cruzeiro teria duas partes distintas. A primeira iria do hino 01 – Deus Salve a Lua Branca ao hino 116 –



Sou filho do Poder. O últimos treze hinos, recebidos entre 1968 e 1971, corresponderiam a uma segunda parte, vindo a ser conhecidos como os Hinos Novos (ver os Hinos Novos em Anexo H). Doze destes têm letras e são cantados com acompanhamento instrumental. De um só se conhece a melodia e, assim, é apenas tocado. Os Hinos Novos começam com o 117 – Dou viva a Deus nas Alturas e vai até 129 – Pisei na Terra Fria. O hino sem palavras, conhecido como Marchinha, geralmente não recebe numeração, mas, sabe-se que foi recebido antes do hino 127 – Eu Pedi. Para outros seguidores, como Jair Facundes, por exemplo, O Cruzeiro em duas partes nunca existiu e o próprio nome Hinos Novos teria surgido de forma acidental, sem maior significado. Segundo raciocina, Mestre Irineu teria passado muito tempo sem receber hinos e, quando começou a recebê-los de novo, as pessoas diziam: “Vamos ouvir os hinos novos de Mestre Irineu”. Essa expressão acabou pegando. Não haveria qualquer distinção entre uns hinos e outros. Mas ao formatar o Trabalho de Concentração, reservou para essa cerimônia os hinos novos.<sup>51</sup>

De toda maneira, atualmente na comunidade do Daime, é costumeiro ouvir-se dizer que os Hinos Novos seriam um resumo de todos os ensinamentos de Mestre Irineu.<sup>52</sup> À sua maneira, retratam também os dias finais de Mestre Irineu. A cada hino que ele recebia, seus seguidores pressentiam que seus dias estavam próximos do fim e com o último, 129 – Pisei na Terra Fria, ficou explícita a iminência do seu inevitável falecimento.

Este conjunto de hinos passou a ser usado em festejos não oficiais (aniversários de centros, de seguidores, com o uso da farda de concentração). Tais comemorações se iniciavam com a execução dos hinos 29 – Sol, Lua, Estrela e 30 – Devo Amar aquela Luz do hinário O Cruzeiro, dando-se seguimento ao hinário de algum seguidor de Mestre Irineu e encerrando-se o ritual com a execução dos Hinos Novos. Há porém, quem diga que estes dois hinos só devem ser cantados nos hinários oficiais onde se canta O Cruzeiro.

Diante do que parece ter sido uma série de disputas travadas entre os seguidores, tendo por pretexto os diferentes adereços de distinção a serem usados nas fardas pelos componentes do Estado Maior e pelos demais, Mestre Irineu resolveu nivelar novamente a hierarquia dos distintivos. Desse modo, foram retiradas as rosas, as faixas verdes cruzadas e as fitas dos



homens, substituindo-as pelas “palmas” já descritas anteriormente. O líder resolveu também trocar o seu próprio distintivo, uma palma grande, por uma estrela de cinco pontas. Ele também sugeriu a José das Neves (o Conselheiro) e a Leôncio Gomes (o Presidente) que usassem uma estrela de cinco pontas iguais à sua. (Veja foto abaixo) No grupamento das mulheres, não houve mudanças e as mulheres do Estado Maior continuaram a usar um maior número de fitas (12) e o “Y” de distinção nas costas.



**Figura 66** Na foto só Mestre Irineu e Leôncio estão com a estrela de cinco pontas. Os demais homens portam a palma (uma espécie de símbolo em forma de brasão ou escudo contendo uma rosa ao centro, verde e amarela). A ordem da foto da esquerda para direita e a seguinte: D. Peregrina, (?), Antonio Pereira (por traz), Mestre Irineu, Virgílio (Porto Velho), João do Rio Branco, (?), Leôncio, Bino, Antônio Cancão.

As fardas dos jovens mantiveram a faixa verde cruzada do ombro direito para o quadril esquerdo, e a rosa no ombro esquerdo, de onde também desciam fitas coloridas (ver foto a seguir).



**Figura 67**  
São as seguintes pessoas  
da foto: (?), Osmarino,  
Raimundo e Albano.



Como já vimos, as mudanças frequentemente efetuadas nos rituais e nas fardas do Daime, indicadores da capacidade de criação e inovação de Mestre Irineu, parecem ter sido um dos principais elementos sedutores de seu carisma. Por outro lado, estas mesmas mudanças também podem ter sido um recurso utilizado pelo líder em certos momentos para reforçar a ordem, respaldar a hierarquia comunitária, (que seria baseada no reconhecimento do nível de aprendizado espiritual atingido por determinados seguidores ou no grau de proximidade em relação à sua pessoa), ou, na sua busca por legitimação social, para ressaltar valores semelhantes às da instituição militar. Em outros momentos, ele pode ter empregado este mesmo recurso num sentido oposto, ou seja, para imprimir um sentimento de igualdade, neutralizando as diferenças entre os adeptos, sem deixar de se ater aos princípios de identidade e distinção social. Isso porque, apesar da abolição de insígnias de diferenciação, a estrutura hierárquica permanecia, de maneira implícita. As inovações nas fardas talvez fossem seu principal recurso para promover a percepção de igualdade/diferença, identidade/distinção, interna e externa ao culto, e parecem ter sido acionadas conforme as circunstâncias. Além disso, as inovações seriam também resultado da própria dinâmica cultural envolvida na construção contínua de sua doutrina.



Em meados de 1970, Mestre Irineu começou a sofrer de sérios problemas de saúde, constatando que estava bastante doente do coração e dos rins. Seus antigos companheiros lembram que ele perdia peso rapidamente e que, com o passar dos meses, pressentia que seu fim estaria próximo. Pretendendo deixar o grupo em harmonia, em preparação para sua futura ausência, imprimiu mais mudanças nas fardas e no ritual. Resolveu novamente nivelar a todos, provavelmente buscando minimizar as disputas pelo poder e outros problemas que, na sua ausência, ocorreriam devido às distinções hierárquicas. Assim, sugeriu que fossem trocadas a rosa, a faixa cruzada verde, as fitas dos jovens e a palma dos homens, por estrelas de seis pontas. Propôs que a estrela tivesse no centro uma águia, em posição de alçar voo, em cima de uma lua nova (o tamanho da lua nova deveria ser a do terceiro dia – símbolo do dia da retirada do cipó). Há também quem diga que a estrela com a águia sobre a lua deveria ser reservada ao Estado Maior. Diz-se que Mestre Irineu, adotando o símbolo da águia, fazia uma referência sutil “à guia”, uma referência à Doutrina e à Virgem da Conceição. Esta estrela deveria ser usada no lado direito do terno branco, em cima do peito, ou na lapela do paletó. Os jovens poderiam usar simplesmente uma camisa branca de manga comprida, com gravata preta, sem paletó, e a estrela pendurada do lado direito, como os mais velhos. Na foto abaixo se pode ver o uso da estrela de seis pontas ainda durante a vida do líder.



**Figura 68**  
Estrela de Seis  
Pontas nas fardas  
do Daime.



Mestre Irineu possivelmente escolheu a estrela de seis pontas inspirado no símbolo do Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento. Esse símbolo é composto por dois triângulos entrelaçados harmonicamente. Em cima da estrela formada pelos triângulos há quatro letras em hebraico, simbolizando as quatro letras do nome de Deus – IOD-HÊ-VÔ-HÊ (Daniel Pereira de Matos chegou a utilizar estes caracteres na fachada de sua igreja 'Barquinha'). Além dos caracteres e da estrela, o símbolo é composto por um par de asas saindo da estrela. O símbolo expressa diferentes conceitos esotéricos do CECP. Assim, os dois triângulos cruzados que formam a estrela de seis pontas significam o equilíbrio universal entre a fé e a razão, o feminino e o masculino, e entre o físico e o astral. (CÍRCULO..., 1957, p. 83) Já as asas que saem da estrela significam a vibração mental do pensamento em Deus (IOD-HÊ-VÔ-HÊ).



Figura 69 Símbolo oficial do Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento.

O símbolo do CECP nos permite conjecturar sobre as possíveis associações feitas por Mestre Irineu ao indicar o uso da estrela de seis pontas para seus seguidores. As asas que estão nas laterais do símbolo do CECP talvez tenham se transformado na águia que Mestre Irineu colocou dentro da estrela. A diferença mais importante seria a troca do símbolo da cruz dentro da estrela do CECP pela Lua.

Os últimos arremates que Mestre Irineu introduziu em sua doutrina, foram modificações nas fardas femininas e a instituição de farda para os trabalhos de concentração. As mulheres deveriam retirar a rosa grande da faixa verde do lado direito do peito, substituindo-a pela estrela de seis pontas usada pelos homens, já as meninas tiveram que retirar o ramallete (simbolizando a virgindade ou pureza) da faixa do lado direito do peito e colocá-lo no lado oposto, preso à outra faixa, deixando de usar a rosa grande. No lugar antes ocupado pelo ramallete, foi posto a estrela de seis



pontas usada agora por todos. Esta foi a última medida de Mestre Irineu para simplificar as fardas de trabalhos oficiais e igualar a todos. Outro retoque final na doutrina foi a instituição do uso de fardas nas concentrações. A farda de concentração deveria ser azul e branca. Os homens deveriam usar calça social azul marinho (tom noite) e camisa de manga comprida branca (a mesma usada na farda branca por debaixo do paletó) com uma gravata preta. Convencionou-se também, na época, que quem pudesse, usaria um sapato preto social. A farda de concentração feminina deveria ser uma saia pregueada (no mesmo modelo da farda branca) azul marinho (tom noite) e uma camisa branca de manga curta com um bolso do lado esquerdo bordado com as letras CRF (abreviatura de Centro Rainha da Floresta). D. Percília Ribeiro comentou a respeito da farda:

O Mestre sempre falava que tinha de organizar a farda de concentração. Porque a nossa farda era só a farda oficial. Ele queria que tivesse a farda de concentração e outros festejos de aniversário, essas coisas. Mas que tivesse aquela farda, sem ser a farda oficial.

Ele então esquematizou tudo como deveria ser a farda azul. Pelo menos da mulher, era saia azul e blusa branca com aquelas letras em cima no bolso C.R.F. Eram as três letras que foram da primeira farda que nós usamos. Era diferente dessa de hoje, completamente diferente da primeira farda.

[...] Aí, ele deixou essas três letras que simbolizam: Centro da Rainha da Floresta. Então, antes de falecer ele esquematizou tudo como havia de ser. Mas só veio ser regulamentado depois que ele faleceu. Até então, não deu tempo de organizar, mas ficou tudo já esquematizado, tudo direitinho como ele queria. E assim foi feito.<sup>53</sup> (Percília Ribeiro)

Como se pode perceber nesse relato, a regulamentação das últimas mudanças propostas por Mestre Irineu teria se dado após seu falecimento. Foi o caso das fardas de concentração e também a introdução de mais um item agregado à farda branca feminina. Mestre Irineu, em suas últimas determinações, teria deixado instruções com D. Percília Ribeiro para que fosse colocado nas fardas “oficiais” de todo o “batalhão” feminino um saiote verde por cima da saia branca. O saiote verde teria de ser de pregas



(igualmente à saia branca), e nas suas laterais deveriam ser adicionadas faixas verdes do cós até a bainha da saia branca, uma de cada lado.

**Figura 70**  
Foto tirada dois anos após a morte de Mestre Irineu. Da esquerda para direita estão as seguintes pessoas: Alzira (esposa de Raimundo Ferreira - Loredó), Sgt. Auricélio, Raimundo Ferreira (Loredó), Otilia (esposa do Sgt. Auricélio).



No ambiente de rivalidade que reinava na comunidade, as instruções que Mestre Irineu teria deixado para D. Percília implantar no Daime, após sua morte, não podiam deixar de gerar polêmicas. Entre elas podemos citar as divergências a respeito de seu último hino. D. Percília afirmava que Mestre Irineu tinha lhe dito que este não deveria ser cantado nos “Festejos Oficiais”, somente na missa. Vejamos abaixo o comentário de João Rodrigues Facundes sobre esta polêmica.

Houve uma polêmica com D. Percília a respeito do hino 130. Eu ouvi muito ela dizer que era um hino reservado, que foi reservado exclusivamente para os dias de missa, ou seja, quando há um falecimento, ou, para o dia da passagem do Mestre. Mas, antes até eu cheguei a cantar, não só pro dia de Reis. Se saísse o Cruzeiro eu cantava. Este hino, na época dele, nós cantávamos no bailado. Porque assim que ele recebeu muitas pessoas ficaram no alvoroço: “[...] o Mestre vai embora e tal [...]”. Ele foi à sede e nos confortou.





Os hinários que se procederam aí por diante, nós cantávamos. Este hino saiu n' O Cruzeiro ainda. Inclusive ele é muito bom de bailar. Mas depois que ele foi embora criaram isso aí. Por exemplo, o aniversário dele é dia quinze. Mesmo em vida, o aniversário dele era dia 15. Mas só foi feito com hinário no último ano, antes era festejo com forró com daime. Mas no ano de 70 foi feito no dia 15, às 18:00h. Ele chamava a Percília e Maria Gomes para começarem a rezar o terço, depois se servia o daime e começava a cantar às 19:00h.<sup>54</sup> (João Rodrigues)

Jair Facundes, filho de João Rodrigues, reforça a posição do pai. Segundo ele, Mestre Irineu não teria deixado nenhuma pendência a ser implantada por outro após sua morte, pois, a seu ver, esse tipo de conduta não se harmonizaria com a personalidade e o estilo de Mestre Irineu. Como diz:

Você acredita que Mestre Irineu deixou alguma pendência e pediu para quem quer que seja depois de sua morte implantar? Você acha que isso se harmoniza com a personalidade e o estilo de Mestre Irineu? O que Ele quis Ele fez; o que não quis, não fez. O que ocorreu é que em várias situações as pessoas se deram conta de que não se recordavam COMO era feito ao tempo dele. Um exemplo chato: em que hinos se levanta?<sup>55</sup> (Jair Facundes)

Voltaremos mais adiante a analisar outras polêmicas em torno de insinuações pessoais dadas por Mestre Irineu em seus últimos dias. O surgimento de debates acalorados desse tipo, na ausência da presença agregadora do líder, é bastante compreensível, especialmente tendo-se em vista o crescimento pelo qual passava a comunidade do Daime. Esta contava então com um número elevado de integrantes e com diversas "extensões filiadas" à sede, não podendo, assim, deixar de exibir tensões e rivalidades que se manifestavam na forma de interpretações diferenciadas entre os vários grupos de afinidade que se formavam entre os daimistas. Tensões desse tipo começaram a adquirir maior visibilidade especialmente a partir de meados da década de 1960.



O crescimento na variedade de interpretações feitas da Doutrina do Daime e nas maneiras de executar os seus rituais, possivelmente, teve início a partir dos desmembramentos ou extensões do centro de Mestre Irineu. Fala-se que algumas vezes Mestre Irineu se referia a estes centros como “Pronto-Socorros”. Este tipo de associação ou referência metafórica a serviços de saúde repetia-se em relação aos componentes do Estado Maior, principalmente em relação às mulheres, a quem ele se referia como “Enfermeiras”. De todo modo, o primeiro “Pronto Socorro” ou extensão do Daime teria sido o de Daniel Pereira de Matos (fundador da Barquinha) em meados da década de 1940.

Posteriormente, veio a extensão da Colocação Chapada, liderada por Raimundo Gomes, filho de Antônio Gomes. Este, depois de se separar de D. Percília Ribeiro, casou-se com sua prima Dima e o casal mudou-se para a Colocação Chapada em 1961. Lá ele reuniu a maioria dos parentes que havia trazido de Bragança, Pa em viagem realizada pouco após o retorno de Mestre Irineu do Maranhão. Estes outros moradores também passaram a participar do Daime. Mestre Irineu instruiu Raimundo Gomes para que realizasse somente concentrações e trabalhos de cura na localidade. Nos festejos oficiais do Daime, todos os agregados da Colocação Chapada deveriam se deslocar para a sede principal com suas fardas brancas. Instruções similares foram dadas a outros grupos de Daime que começaram a surgir em diferentes regiões de Rio Branco durante a década de 1960, conforme mostrado no croqui abaixo.



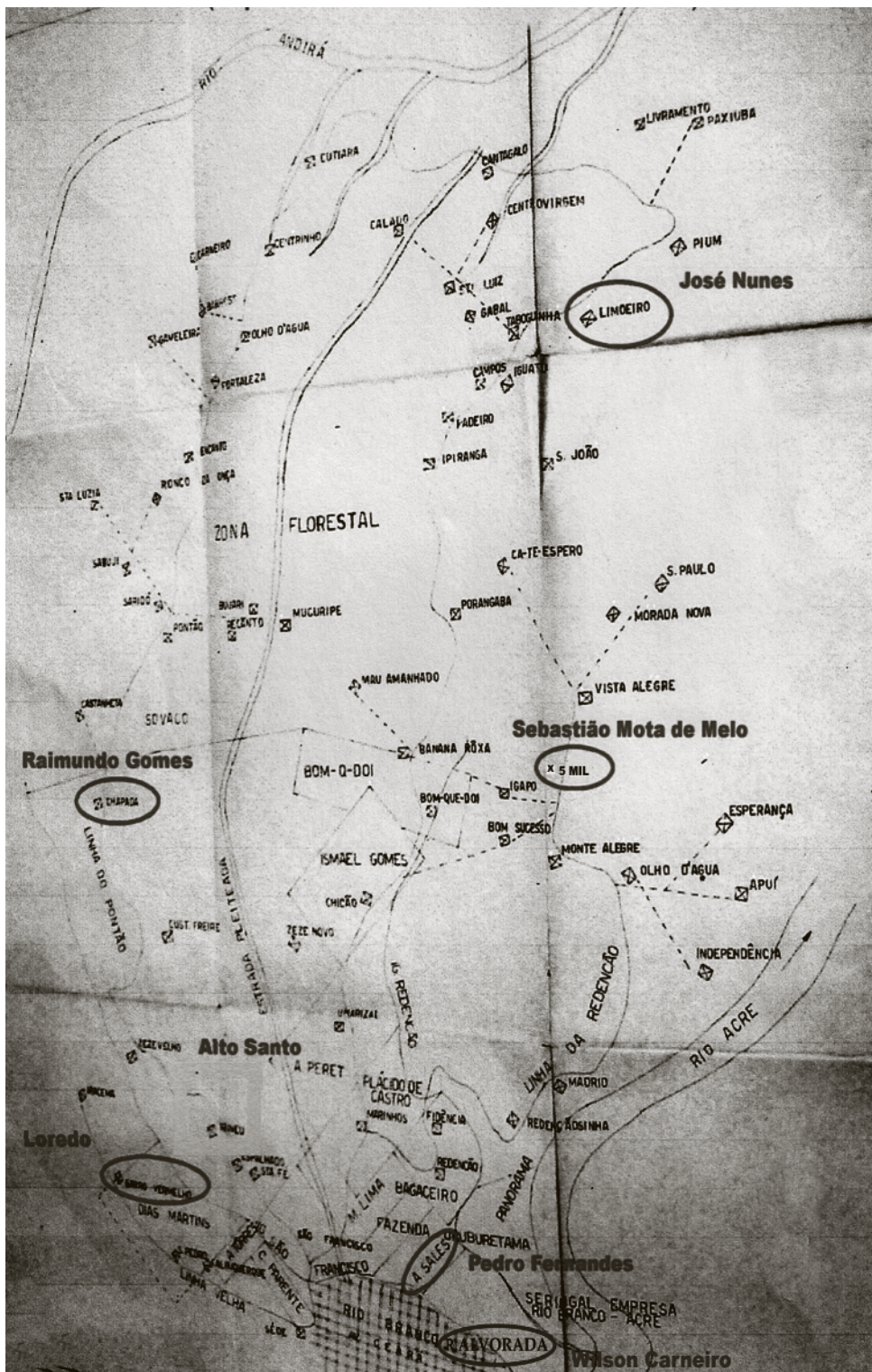


Figura 71 Extensões ou “Pronto-socorros” do Daime no entorno de Rio Branco.



Na Colocação Chapada, Raimundo Gomes e Dima (ver Apêndices F e G) reuniram os casais: Cipriano e Alzira (irmã de Dima), Judite e Albano, Sacleir e Aurinha, Osmarino e Francisca. A maioria desses casais também levava seus filhos aos trabalhos do Daime. O único participante não casado era Antônio Rebouças.

Em 1961, outra extensão foi instituída na colocação Saituba (hoje Barro Vermelho), liderada por Raimundo Ferreira (Loredó). O casal Loredó e Alzira atraiu outras famílias à extensão do Saituba, como: Maria e Estácio, Antônio Martins e Raimunda Brasil da Silva, Cabral e Jovelina, Alipe e Léia, Joaquim Baiano e Maria. Muitos dos filhos destes casais também passaram a participar como agregados. Esta extensão foi denominada Saituba ou Barro Vermelho.

Outra extensão foi estabelecida numa colocação chamada Limoeiro. Formada no início de 1963, sob a liderança de José Nunes e sua esposa Maria, reuniu diversas famílias: Severino e Francisca, José Francisco e Judite, Sebastião Ferreira da Rocha e Francisca Avelino dos Santos, João Vieira Avelino dos Santos (filho de Sebastião e Francisca) e Francinete Oliveira dos Santos (ex-esposa de Daniel Pereira de Matos). Outros filhos casados do casal Sebastião e Francisca, também se agregaram à extensão Limoeiro. Eram: Francisca Avelino dos Santos, Raimunda, Manoel Vieira Avelino dos Santos e Francisco Vieira.



**Figura 72**  
Foto do seu Zé Nunes tirada  
na década de 1970.



No bairro do Bosque, em Rio Branco, existia outra extensão, conhecida pelo nome de “Pronto Socorro Wilson Carneiro”. Esta extensão teve início em 1966 na casa de Wilson Carneiro no Bairro do Bosque-Rio Branco.<sup>56</sup> O Pronto-Socorro de Wilson Carneiro era basicamente formado por ele, Zilda Teixeira de Souza (sua esposa) e os filhos: José, Francisco das Chagas, Raimundo Nonato, Gecila, Ramiro e Tânia Teixeira (filha de criação). Diz-se que, devido à acessibilidade do bairro, os trabalhos de cura atraíam muitos visitantes e curiosos moradores de Rio Branco. Fala-se que Sebastião Jaccoud e Zizi passaram a participar dos trabalhos de Wilson Carneiro em 1969.

Na Colônia Apolônio Sales, à beira do Igarapé São Francisco, ficava a família dos Fernandes Filho, sob a liderança de Pedro Fernandes Filho. Conhecidos como “ Os Treme Terra”, iniciaram os seus trabalhos em 1968. Essa extensão era formada em sua maioria pela família de Pedro Seringueiro e Francisca Barros e seus filhos, Francisco Fernandes Filho (Tetê), Edmilson, Pedro Fernandes, Raimundo, João, José, Cícero, Francisco, Raimunda, Dulcina, Luísa, Maria, Maninho e Neném. Os fardados efetivos no Daime eram Francisco, Pedro, Raimundo e Cícero, todos casados. A maioria de seus filhos também se agregaram ao Daime.

Estima-se que a extensão da Colônia Cinco Mil tenha sido formada em 1968 por Sebastião Mota de Melo. As terras da Colônia Cinco Mil eram pertencentes a várias famílias, entre elas, a família dos Gregório de Melo (família de Rita Gregório, esposa de Sebastião Mota de Melo). Os agregados ao Daime na Colônia Cinco Mil eram basicamente membros da família da viúva Maria Gregório e seus filhos: Manuel, Rita (esposa de Sebastião), Júlia, Luiza, Ana, Nel, Tereza (Tetê) e Francisco. Todos eram casados. A comunidade era liderada por Sebastião Mota de Melo (Padrinho Sebastião). Além da família Gregório, eram agregados na extensão, o casal Eduardo e Maria Brilhante, Manoel Corrente, Francisco Corrente, Paulino, Manoel Paulo e Nogueira<sup>57</sup> Os filhos de Sebastião também participavam: Valdete, Valfredo (Alfredo), Nonata e Marlene.





**Figura 73A** Foto de Sebastião Mota de Melo e sua esposa Rita Gregório.



**Figura 73B** Mestre Irineu ladeado por Valdete e Valfredo (Alfredo).

Outra extensão do Daime, ou “Pronto-Socorro” era a de um indivíduo conhecido como Manuel Cabeludo. Tudo indica que esta extensão fosse talvez a mais distante do Alto Santo, situada numa colocação conhecida como “Cá-te-Espera”, entre os municípios do Bujari e Sena Madureira. O acesso ao local, na época, era feito pelo ramal (estrada) da “Piçarreira” que tinha início em uns dos trechos de outro conhecido ramal: chamado “Aquilis-Peret” ou “Cris-Peret”. Liderada por Manuel Cabeludo e sua esposa Alzira, contava com a participação dos seus filhos, dos quais só conseguimos identificar um, que era conhecido como Neto. Faziam também parte da extensão Humberto e Sebastião Mineiro, juntamente com suas famílias. Estima-se que a extensão contasse ao todo com vinte pessoas, entre adultos e crianças. Na comunidade do Daime, Manuel Cabeludo era bastante conhecido como curador. Esta, atualmente é a extensão menos lembrada entre os seguidores do Mestre Irineu, talvez devido a ele ter se tornado “crente” (evangélico) dez anos depois da morte de Mestre Irineu.<sup>58</sup>



Pode-se dizer que a formação de “linhas” ou expressões distintas no Daime não teve apenas o seu início nestas extensões, mas também em variadas lideranças potenciais que frequentavam a sede de Mestre Irineu. Depois da morte de Mestre Irineu, ocorreriam diversas divisões e rupturas no Daime, não necessariamente protagonizadas pelos líderes das extensões. Algumas dessas “dissidências” tiveram uma existência breve e desapareceram. As “linhas” parecem ser resultado de uma política de autonomia que Mestre Irineu legou às extensões e às potenciais lideranças que surgiam dentro do seu centro. A falta de uma organização federativa formal, para os diversos grupos de seguidores, que lhe assegurasse a unidade; a natureza oral e musical de sua doutrina acabaram propiciando o surgimento de uma série de diferentes interpretações sobre suas práticas e postulados.

Nesse processo de propagação de extensões, Mestre Irineu também concedeu, em meados da década de 1960, uma autorização a Regino Silva (um militante da esquerda política) e a Antônio “Sapateiro” para a iniciarem uma extensão do Daime em Porto Velho. Foi a partir da criação desse grupo que Mestre Irineu teve contato com José Vieira, um ex-escrivão da polícia que viria a ser o mentor e o redator do estatuto do centro de Mestre Irineu (CICLU), oficializado às vésperas de sua morte, em 1971. (CEMIN, 1998, p. 40) Em outubro de 1967, o casal Francisca Nogueira e Virgílio Nogueira do Amaral, também se agregou ao grupo de Regino e Antonio “Sapateiro” em Porto Velho. Diferente das extensões acreanas, esse grupo não produzia seu próprio daime, recebendo regularmente remessas enviadas por Mestre Irineu através de um portador, geralmente Virgílio Nogueira. Em 15 de julho de 1968 (CEMIN, 1998, p. 36), Regino veio a falecer de tuberculose (fala-se que ele contraiu a doença durante o encarceramento que sofreu no regime militar) em Rio Branco, na residência de Mestre Irineu. (CARIOCA, 1998, p. 35) Coube a Virgílio Nogueira assumir a presidência do grupo de Porto Velho, diante da desistência de Waldemar, a quem Mestre Irineu havia originalmente nomeado.

Mestre Irineu mobilizou então uma equipe de instrutores de feito de Rio Branco para se deslocarem em comissão para Porto Velho. Assim, foram para Porto Velho: Leôncio Gomes, Francisco Granjeiro, Júlio Carioca, Francisco Martins e Daniel Acelino Serra, com a missão de ensinar o grupo de Virgílio a fazer daime. A missão levou onze dias. Foram feitos



51 litros de daime na ocasião. (CARIOCA, 1998, p. 38) A partir de então, o grupo de Virgílio começou a se tornar autônomo. Os agregados da extensão de Porto Velho se esforçavam em seguir as mesmas normas do centro de Mestre Irineu. Assim, do mesmo modo que o centro de Mestre Irineu havia se filiado ao CECP, o grupo de Porto Velho também se associou àquela instituição. No momento dessa afiliação, o grupo de Porto Velho adotou o nome “Fraternidade Luz no Caminho”, mas depois da morte de Regino passou a se chamar “Centro Humilde Rui Barbosa” e, posteriormente, Centro Eclético de Correntes da Luz Universal - CECL.

## Feitio

O uso da ayahuasca se encontra disseminado por uma vasta área da América do Sul que cobre o noroeste da Amazônia, as planícies do Orenoco e as costas do Pacífico no Panamá, Colômbia e Equador. Nessa região, setenta e dois grupos étnicos, pertencentes a vinte famílias linguísticas, usam preparados à base de *Banisteriopsis caapi*, para os quais existem mais de quarenta nomes em uso corrente. São usados para os mais variados fins tais como: para estabelecer contato com o mundo espiritual e conhecer o passado e o futuro, para explorar o mundo natural em sua geografia, flora e fauna, e, especialmente, para fins terapêuticos. (LUNA, 1986b, p. 57-60) Concebida como sendo uma “planta professora”, a ayahuasca assume, assim, diversos significados nas diferentes culturas. Tal diversidade se espelha nas diferentes maneiras de preparar a bebida, cada uma compreendendo fórmulas mágicas, assim como observâncias alimentares e corporais próprias, geralmente concebidas como exclusivas e essenciais para dotar a bebida de suas características sagradas. No Daime, isso se repete e a divinização da bebida depende tanto da maneira como se preparam os ingredientes quanto da confecção da bebida em si. Esta é realizada em etapas que demandam a execução correta de uma série de técnicas corporais que teriam sido ensinadas pelo próprio Mestre Irineu. A bebida daime seria, então, o resultado de todo um processo cultural instituído pelo líder carismático. Assim todas as técnicas envolvidas no processo do feitio seriam divinas para os seguidores, refletindo o conhecimento e poder de seu líder. Para os





daimistas, as plantas “na natureza” ou a bebida feita seguindo outra tradição, empregando técnicas corporais diferentes das recomendadas por Mestre Irineu, seriam outra coisa, diferenciada do Daime.<sup>59</sup> João Rodrigues (Nica) comenta sobre isso:

Então isso nos comprova que realmente o daime, quando ele está sendo feito, vamos dizer assim: vai sofrendo a metamorfose. [...] completamente uma transformação. É diferente do que a gente possa pensar do que seja o chá em muitos centros por aí, que chamam de chá. Eu não chamo de chá, porque eu sei que essa transformação que ele passa não é cientificamente não. É divinamente. Ele não passa a ser um chá, ele não passa a ser um líquido qualquer.<sup>60</sup> (João Rodrigues)

Jair Facundes (2007, p. 15) coloca essa ideia a seu modo:

Enquanto construção humana, a ayahuasca também reflete a velha questão que diz respeito a considerar, ou não, se a realidade se exaure na sua exata composição física e química. Ayahuasca, enquanto elemento religioso, é bem mais, muito mais que a folha *Psychotria viridis*, o cipó *Banisteriopsis caapi* e água, fervidos ou não: são detalhes que emprestam significado e valor a símbolos, objetos, natureza, plantas, permitindo a experiência religiosa humana no que de mais profundo e transcendente isso representa.

Entre as diversas casas, centros ou igrejas que se consideram “seguidoras da Doutrina de Mestre Irineu” existem maneiras ligeiramente diferentes de executar certos rituais, cantar certos hinos e interpretar os ensinamentos do líder. Na falta de normas e interpretações consolidadas e escritas, a Doutrina é difundida de maneira informal, tendo por base as lembranças e interpretações de certas pessoas a respeito de determinados dizeres ou atos de Mestre Irineu, ou outros líderes daimistas considerados mais graduados. Dessa forma, devido à existência de diferentes visões/versões das instruções do líder carismático, fica difícil afirmar que haja “a” instrução de Mestre Irineu, sendo melhor se referir “às” instruções.



Esse fenômeno é claramente percebido em campo, principalmente no ritual de feitio. Por exemplo: é unânime a versão de que Mestre Irineu instruía ou preferia que a arrumação do material na panela (folha rainha e cipó jagube), para cozimentos e apuros da bebida, fosse iniciada com folhas e fechada com folhas. Mas, existiam feitores que não se adaptavam a esse modelo de preparo, queimando a folha no fundo da panela. Desse modo, há versões que dizem que Mestre Irineu abriu concessões a estes feitores para que arrumassem a panela iniciando com cipó e fechando com cipó. Outro aspecto das diferentes interpretações, expresso no feitio do daime, é a escolha do dia de retirada ou corte do cipó, em relação ao ciclo lunar. A mais comum entre os feitores, é a versão segundo a qual se deve cortar o cipó estritamente no terceiro dia da Lua Nova, mas alguns grupos afirmam que se pode cortar ou retirar o cipó três dias antes ou três dias depois do primeiro dia da Lua Nova, fazendo referência a interpretação do hino 105 – Sexta Feira Santa que fala sobre a dieta sexual de “três antes e três depois”.

Existem também versões segundo as quais o cipó deve ser batido até virar pó, invocando como justificativa a autoridade do hino 33 – Papai Velho – “Reduzi meu corpo em pó e o meu espírito entre flores”. Mas a noção mais comumente aceita como sendo a verdadeira tradição é que se deve bater o cipó separando-se o bagaço (cordões ou fios de cipó resultantes da macetagem) e pó da casca. Assim, o bagaço passaria ser utilizado no “cozimento” (a primeira fervura) e o pó da casca “no apuro” (a fervura final com o líquido do cozimento). Atribui-se à casca do cipó a maior concentração de princípios ativos.

Cipriano, agregado da antiga Colocação Chapada, falou o seguinte sobre o feitio:

Eu começo com folha. Umas folhinhas poucas. E depois jagube, depois folha, e assim até terminar com folha, do jeito que comecei. Eu aprendi com o padrinho [Mestre Irineu], vim aprender a fazer daime com ele. Ele perguntou: “Você quer fazer daime?”

“Quero sim senhor.”

Ele disse: “A batalha é pesada, você quer?”

Eu disse que queria e ele me ensinou tudo. Como era pra fazer e eu comecei assim. Ele me deu todo ponto da panela, fervura, jeito de água, tudo. A primeira fervura é sempre diferente. Ele disse para eu



fazer dieta de 3 dias, do mesmo tamanho do preparo para tomar daime. Porque tem de tirar o jagube, 3 dias depois da lua nova. Às vezes passa 2, 3, 4 dias pra fazer [cozinhar], aí, fica naquele balanço. Tem gente que fala 3 antes e 3 depois, mas ele ensinou que pode ser 3 dias depois da lua nova. Só não podia cortar no dia da lua nova, no outro dia você pode cortar até uns 3 dias depois.<sup>61</sup> (Jair Facundes)



Figuras 74A e 74B Fotos sobre fechamento de panela com folha e distinção de bagaço e pó da casca do jagube (cipó).

Mestre Irineu tinha preferência por usar o “Bálsamo” (*Myroxylon peruiferum*) como madeira para a queima na fornalha de daime. Contudo, ele falava que, não se encontrando o “Bálsamo”, seria possível utilizar o “Cumaru Ferro” (*Coumarouna odorata*), ou, o “Ipê Roxo” (*Tecoma ipê*). Suas preferências seguiam essa ordem, mas, se nenhuma delas estava disponível, ele admitia que se usasse qualquer madeira, contanto que “desse pressão” (bastante calor). João Rodrigues (Nica), antigo secretário de Mestre Irineu, falou sobre a lenha mais apropriada ao feitio e sobre os vários cuidados ao cozinhar o daime:

O Mestre tinha uma exclusividade, em primeira mão era o bálsamo [*Myroxylon peruiferum*], que é uma madeira forte, de boa pressão. Esta é a razão de ele ter posto ela em primeira linha. Depois vinha o cumaru-ferro [*Coumarouna odorata*], uma madeira de boa pressão. Muito boa de fogo também, é tanto que aqui no Acre quando se vai



comprar um saquinho de carvão, se pergunta se é de cumaru-ferro. É um carvão muito bom, então a lenha, o fogo o qual a gente precisa pra fazer o santo daime é um fogo seguro de boa pressão. Depois, vem o ipê [Tecoma ipe], que chamamos aqui de pau d'arco, o roxo. O pau d'arco tem um fogo tão quente que ele derrete fundo de panela. Acaba com o fundo de panela rápido, o sujeito vai fazer feitiço de daime com ipê, sai todo mundo moreno, aquela fumaça escura, tipo a do diesel, mas é uma lenha também muito forte, muito boa também. Então essas três eram as essenciais.

Fora isso, se encontrasse dificuldade em achar, você poderia pegar maçaranduba [Maçaranduba emarginata], a quari-quari [?] e a carapanaúba [Aspidosperma nitidum]. O problema está na pressão, não deixar a pressão cair. O fogo tem de ser o todo tempo numa média só. [...] A gente no trabalho, na hora, na hora, na hora vai chegar a essa conclusão. Tem gente que mete muito fogo. O que é que acontece? A fervura chega rápida, o daime seca antes do tempo, sem tirar a essência da coisa. Tem tudo isso, então a gente prestando atenção, trabalhando, é que a gente vai vendo todas essas coisas que a gente precisa. Tem pessoas que pegam um saco de cipó, bate, bate, bate faz as arrumações. Aí, vamos dizer, que deu 5, 6, 8 litros de daime, por quê? Às vezes ele não está nem bem cozido, porque não deu tempo, teve fogo demais, o que é que acontece? Seca, rapidinho e não tira a essência que tem de ser tirado do cipó, da folha. Então, esses macetes a gente aprende trabalhando.<sup>62</sup> (João Rodrigues)

Outro ponto discutido é o número de camadas de folha e cipó que deveriam preencher uma panela. Diz-se que ele deveria variar de acordo com o tamanho da panela. Sobre a arrumação da panela, João Rodrigues diz:

Você começa com folha, a primeira camada no fundo da panela for folha [pouca quantidade], terminaria em cima com folha. Poderia ser 2, 4, 5, 8, 10 camadas e em espessuras iguais. A mesma grossura da folha tem de ser a mesma do bagaço do cipó batido e assim por diante. Mas teria de terminar com folha. Se o senhor começasse com cipó, também terminaria com cipó, essa era a exigência dele. Foi como ele aprendeu



com a Rainha e repassou pra nós, e eu ainda me porto por aí, e tenho muito medo de mudar.<sup>63</sup> (João Rodrigues)

Existem relatos de antigos que dizem que Mestre Irineu proibia o uso de ferramentas de metal, como martelos ou máquinas para fazer o daime. Fala-se que ele estimulava enfaticamente que a “bateção” do cipó fosse feita com marretas de madeira. Dizia que sua instrutora espiritual, Clara, havia proibido qualquer outro método. Vejamos o relato abaixo de João Rodrigues sobre essa orientação.

O Mestre começou realmente com as instruções que recebeu da Rainha. Com uma marreta de madeira. Só que ele contou pra mim, não só pra mim como pra outras pessoas, que teve uma vez que ele teve preguiça de fazer uma marreta na hora. Ele pegou o martelo, e começou a bater com o martelo. Fez o Daime. Só que a Rainha reclamou pra ele. Diz ele que foi martelo na cabeça dele à vontade. Mais ele se comprometeu com a Rainha de nunca mais cair naquela farsa.

Hoje a gente ainda procura fazer da melhor maneira. E, por sinal, até eu perguntei pra ele em uma boa oportunidade se a gente não podia usar uma máquina. Nessa época já se falava, ali pela Vila Ivonete, eles trabalhavam com aquela máquina de quebrar osso. Aí pensaram em usar para triturar o jagube. Ele até disse: “Você está é com preguiça, não é?”

Eu disse: “Não, Mestre. Eu não estou com preguiça não. Só estou perguntando ao senhor se pode ou não?”

Ele disse: “Não.”<sup>64</sup> (João Rodrigues)

De forma geral, o feitio se divide em duas fases, preparação e confecção. A preparação se inicia com a pesquisa e a localização do material na região ou na plantação. Isso ocorre, geralmente, na Lua Nova anterior, e os envolvidos devem se empenhar em mentalizar pensamentos positivos sobre o processo a ser desenvolvido. Na maioria das vezes, Mestre Irineu pré-selecionava uma equipe para a “busca” das duas plantas. No seu tempo, a equipe responsável pela “busca” do cipó (jagube ou *Banisteriopsis caapi*), era formada exclusivamente por homens e seus números costumavam variar de seis a doze, conforme a necessidade. Diferentemente do que fazia



com a equipe do cipó, Mestre Irineu designava para a equipe da “catação” da folha, mulheres e homens. A “busca” da folha só acontecia depois que a quantidade de cipó a ser usada já estava definida, ou seja, após o retorno da equipe. A “equipe da mata”, assim chamada na comunidade, era responsável pela pesquisa (procura), retirada e transporte do jagube.

Muitas vezes, o cipó era encontrado em locais de difícil acesso que exigiam deslocamentos por “ramais” (termo usado no Acre para designar estradas) repletos de lama, a dezenas de quilômetros do centro. Quando chegava à beira da mata, a equipe às vezes tinha que fazer marchas de dez a quinze quilômetros pelos varadouros (picadas ligando os pés de seringas) até chegarem ao pé do cipó. Enfim, as situações de “busca” variavam conforme as dificuldades, mas eram geralmente árduas. Os homens iam devidamente equipados com sacos para recolher o cipó, facões (chamados no Acre de terçados) e machados. Antes de iniciar o corte do cipó, podia-se tomar um pouco de daime que era sempre levado nas missões da mata.

Os cipós encontrados variavam de porte. Consideram-se cipós de pequeno porte os de 8 a 10 cm de diâmetro, já os cipós de grande porte, geralmente chamados de General ou Marechal, variavam de 20 a 30 cm de diâmetro (jagubes de 20 a 30 anos). O cipó normalmente se agarra a árvores de seis a vinte metros de altura, como é o caso de castanheiras (*Johannesia heveoides*).

Mestre Irineu instruía a equipe da mata a sempre fazer cortes retos e precisos no cipó, sem deixar fiapos sobressaindo da casca. Diz-se que ele falava que, se ocorressem, estes tipos de “falhas” causariam interferências no acesso ao “astral” promovido pela bebida. O mesmo aconteceria com cortes diagonais ou enviesados. Segundo Valcívrio Granjeiro (filho de Francisco Granjeiro, feitor da sede de Mestre Irineu de 1953 a 1971), Mestre Irineu falava para seu pai que o corte do cipó deveria ser iniciado pela base, deixando o corte das ramas para um segundo momento. Comumente na equipe da mata, participavam homens capazes de subir nessas árvores para cortar os ramos mais finos do jagube presos nas galhas mais altas da árvore hospedeira. A maioria da equipe da mata ficava embaixo para puxar o cipó. Em certas ocasiões, quando, por exemplo, a árvore estivesse apodrecida, cheia de espinhos ou apresentasse colônias de insetos como cupins, formigas ou vespas, poderia ser derrubada para facilitar a retirada do cipó.



Com o cipó no chão, eram feitas as primeiras triagens, separando-se as ramas: grossas, médias e finas, sempre efetuando cortes retos. Depois dessa seleção, eram feitos novos cortes resultando em padronizados pedaços de 20 ou 30 cm, conforme fosse o diâmetro da boca da panela a ser utilizada.<sup>65</sup> Os pedaços do cipó eram, em seguida, condicionados em sacos de 40 kg. Muitas vezes, o material era levado nas costas pelo varadouro até a beira do ramal de entrada da mata para depois ser colocado em carroças puxadas por bois. Na década de 1960, passou-se a usar também veículos utilitários.

Depois que as sacas de cipó chegavam à sede do Daime, estas eram encaminhadas à “casa de feitio”. Esse é o nome geralmente dado a um galpão aberto com um cercado ao centro, uma espécie de meia parede de madeira fechando um retângulo com uma única entrada num dos lados mais estreitos. Dentro do cercado, ficam seis tocos de madeira de um lado e seis tocos de madeira do outro, com seus respectivos banquinhos. Cada toco tem aproximadamente 40 cm de largura. Nesses tocos, o cipó é submetido a uma “bateção” com marretas de madeira, que pode durar várias horas, conforme a quantidade de cipó.

Antes de dar início à confecção da bebida, em primeiro lugar, despeja-se o cipó vindo da mata num piso previamente lavado. A seguir, se necessário, dá-se início à limpeza do cipó com pequenas talas afiadas de madeira, retirando-se o barro, pequenas teias e fungos. Diz-se que Mestre Irineu não recomendava retirar ou raspar a casca do cipó<sup>66</sup>, pois, nela estariam as maiores quantidades de princípios ativos do jagube. E é com os resíduos dela, em forma de pó, depois da macetação, que é feito o apuro com novo material e o líquido do primeiro cozimento.

Uma vez limpos, os pedaços de jagube são arrumados em montes, ao lado de cada toco. Depois de ter uma noção precisa da quantidade de jagube a ser usada, o feitor determina a colheita da folha rainha (*Psicotria viridis*). Observamos em campo que a maioria dos feitores do daime emprega, para cada saca de cipó de 40 kg, meia saca de folha de 6 Kg. Comumente a colheita de folha pode ser feita no dia seguinte à chegada do cipó, ou até cinco dias depois. Tanto os pés de rainha, quanto os pés de cipó geralmente se concentram na mata, em um só lugar, em uma espécie de ilha, ou, na linguagem do Daime, “reinado” de rainha ou de jagube.

Durante muitos anos, a colheita era feita na mata. Depois, passou ser feita nas plantações, cultivadas em terrenos da sede, com a participação tanto



de homens quanto de mulheres – no caso das folhas de rainha. As folhas colhidas com resíduos, de barro, teias, ou mesmo folhas muito amareladas são retiradas durante uma triagem feita na própria sede. Tanto a colheita do cipó quanto a da folha são feitas cantando-se hinários. O mesmo acontece com na “bateção” e o cozimento do material nas panelas. O hinário O Cruzeiro de Mestre Irineu, geralmente é o primeiro a ser cantado nesses rituais.

A confecção de daime, propriamente dita, começa quando todo material já está na casa de feitio. Durante o feitio, espera-se que os participantes da equipe tomem somente daime, caissuma ou chá de erva cidreira e comam macaxeira insossa (sem sal). Acreditamos que estes preceitos ou “técnicas corporais”, vigentes durante o feitio, constituam uma espécie de ritual de revisitação simbólica mítica ao momento em que Mestre Irineu recebeu a revelação de Nossa Senhora. Foram oito dias de iniciação tomando somente ayahuasca e chá de erva cidreira e comendo macaxeira insossa (lembramos que a caissuma utilizada no feitio é também feita de macaxeira insossa). Em sinal de respeito e na esperança de produzir um bom daime, os participantes geralmente procuram manter rigorosamente esses preceitos durante o ritual de feitio.

O feitor previamente seleciona equipes de “bateção”, compostas por grupos de doze homens, para bater o cipó. Dentro do local de bateção, a primeira equipe se posiciona nos tocos. Nesse momento, a equipe toda fica de pé e canta os hinos de abertura 29 – Sol, Lua, Estrela e 30 – Devo Amar Aquela luz do hinário O Cruzeiro de Mestre Irineu. Após a execução dos hinos de abertura, os membros da equipe sentam-se em frente dos tocos e começam a bater o cipó com marretas de madeira. Enquanto isso, os da reserva às vezes cantam hinários, embora, atualmente nos centros do Alto Santo, geralmente se recorra a gravações. De duas em duas horas, as equipes se revezam. A bateção só termina quando todo o cipó está batido e selecionado, separando-se o bagaço e o pó.

Nas primeiras horas de bateção, o feitor designa um homem para recolher o bagaço e dá início aos primeiros cozimentos de folha e cipó. Nesse momento, o feitor posiciona-se com a panela (geralmente de 100 litros) na entrada da “casinha de bateção” para receber o bagaço de cipó. Assim, alternadamente, ele coloca na panela porções de folha e bagaço de cipó, preenchendo-a até quase a boca. Com a panela já arrumada, despeja-se uma quantidade de água suficiente para encobrir o material. Leva-se então





a panela, ou as panelas, ao fogo da fornalha, geralmente de três bocas. O foguista, responsável pela manutenção do fogo, mantém as chamas a determinada intensidade (o que é chamado “manter a pressão”). Outros dois homens se responsabilizam pelo estoque de lenha, cortada ali na hora a golpes de machado e com o auxílio de uma cunha.

O líquido, retirado das panelas após uma longa fervura, é chamado de “cozimento” e é separado em um tanque reservado só para isso enquanto o bagaço cozido é dispensado. Quando já se tem “cozimentos” suficientes no tanque, arruma-se uma panela com mais cipó e folha, mas desta vez, em lugar do bagaço, coloca-se o pó da casca do jagube na arrumação das camadas da panela, para então preenchê-la com os “cozimentos”. Desta panela é que resulta o daime. Para fazer o seu cozimento ou “apuro”, ferve-se até reduzir a quantidade de líquido na panela para um terço do volume original. Como se diz no Daime, o feitor faz uma base de cálculo, mas quem lhe dá o “ponto” é a “Divindade”. Nos centros que utilizam as folhas para “fechar a panela”, ou seja, para formar a derradeira camada, o ponto também é determinado pela textura e pelo visgo da folha cozida.

O feitor geralmente coordena dois ou três ajudantes (um por panela), para reter com um “gambito” (varinha de madeira com três pontas) o material que sobe quando começa a fervura. Os mesmos são requisitados pelo feitor para retirar as panelas das fornalhas quando o feitor determina ter sido atingido o ponto. Depois de se retirar a panela, dois encarregados levam a mesma para um escorredor. Se o líquido for “cozimento” vai para o tanque reservado para ele, se for “apuro” vai para o tanque reservado ao daime feito. Ao final de todo o processo, enchem-se as panelas (geralmente três) com o daime feito e inicia-se o seu esfriamento com movimentos de suspensão e despejo do líquido utilizando cuias de cabaça. Após o esfriamento, engarrafa-se o daime em garrações, previamente lavados e esterilizados, vedando-os com rolhas. O feitor faz então a contagem de litros produzidos no feitio. A partir do final da década de 1960, o fechamento do trabalho de feitio passou a ser marcado pelo canto dos “hinos novos” de Mestre Irineu. Vejamos o relato abaixo de João Rodrigues sobre a prática de feitio na época de Mestre Irineu:

A gente trabalhava em media de dez sacos por feitio. A gente trabalhava todas as luas novas do ano, exceto a lua nova do mês de carnaval.



Trabalhávamos com doze homens em doze tocos. A casa de feitio era lá na casinha, mais ou menos entre a sede e a casa dele. Ficava perto da vertente dele, e perto da casa dele também.<sup>67</sup> (João Rodrigues)

O processo de confecção da bebida no Daime é distinto das outras tradições ayahuasqueiras. Muitas das tribos indígenas do Alto Amazonas usuárias da bebida não redobram o cozimento, como é feito no Daime, por exemplo. Apenas apuram ou reduzem o líquido o máximo possível. Fala-se também que a durabilidade da bebida em outras tradições ayahuasqueiras é pequena (alguns dias ou poucos meses – se guardada fora de geladeira). Já no Daime, a bebida chega a durar cerca de 30 anos sem se estragar ou formar fungos ou bolores, mesmo se mantida fora da geladeira. A maneira de realizar o feitio do daime, conforme ensinada por Mestre Irineu é uma forte fonte de identidade para os daimistas, ajudando-os a se diferenciarem das demais tradições ayahuasqueiras, sejam elas religiosas ou mais explicitamente voltadas à cura. Atualmente, quando diferentes “linhas” do Daime introduzem inovações, visando um melhor aproveitamento da matéria prima ou uma facilitação do processo de “bateção” através do uso de máquinas de moer, sofrem severas críticas dos seguidores mais ortodoxos de Mestre Irineu, que não reconhecem como sendo daime a bebida produzida dessas maneiras.

## Concentração

Na época da fundação do Daime, o primeiro ritual a ser instituído foi o da concentração e este seguia os moldes das matrizes “vegetalistas” do xamanismo ayahuasqueiro caboclo. Nessa época, por exemplo, Mestre Irineu fazia bastante uso dos “chamados” (assobios ou cantos) executados apenas por ele, tal qual os xamãs “vegetalistas”. Enquanto esteve vivo, Mestre Irineu nunca implantou um fardamento para rituais de concentração, como fez para os bailados, embora se diga que em 1971, perto de sua morte, já havia sugerido um novo modelo de farda para as concentrações, conforme relata D. Percília Ribeiro. De toda forma, um ano antes do seu falecimento, Mestre Irineu começou aplicar um novo formato ao ritual de concentração. Ele pediu à sua esposa D. Peregrina e à D. Percília Ribeiro que escolhessem dez cantoras entre as mulheres, para ficarem de pé ao final do período de silêncio da concentração, para cantarem



Os Hinos Novos. Mas, mesmo propondo inovações, seu carisma permitia que, ao mesmo tempo em que impunha novidades, desautorizasse qualquer modificação subsequente que não fosse de sua autoria, conforme vemos no relato seguinte:



**Figura 75** Homens, mulheres, moças e rapazes usando a farda de concentração. Da esquerda para direita: Daniel Serra (sobrinho de Mestre Irineu), Maria (sua filha), Otília (sua esposa), (?), (?), (?) e (?).

As mulheres de um lado os homens do outro. O que ele na realidade pediu pra nós na concentração era que a gente não inventasse moda e não consentisse moda com a própria concentração e os trabalhos dele. Em relação aos hinos novos, ele mandou a Peregrina com a Percília tirarem dez mulheres pra cantar, todas de pé, e todos os outros sentados. Isso foi o que ele deixou nessa época. Nós tínhamos muitas cantoras. De um modo geral, as mulheres levantam e cantam. E quando chega o último hino todos se levantam.<sup>68</sup> (João Rodrigues [Nica]).



Com o agravamento de seus problemas de saúde, Mestre Irineu começou a sentir a necessidade de deixar instruções por escrito para serem lidas nas concentrações. Assim, provavelmente nos meados de 1970, pediu a D. Percília para redigir instruções intituladas Decreto de Serviço. Vejamos a foto e o texto do Decreto de Serviço.

Centro de Irradiação Mental "Louz Divina"  
 Decretos de serviços, para o ano de  
 O Presidente do Centro de Irradiação  
 Mental "Louz Divina" Senhor Raimundo  
 Irineu Serra,  
 Usando de suas atribuições legais  
 Decreta:  
 Estado maior, ficam definitivamente  
 membros desta casa

Centro de Irradiação Mental "Louz Divina"  
 Decreto de serviços, para o ano de  
 O Presidente do Centro de Irradiação  
 Mental "Louz Divina" Senhor Raimundo  
 Irineu Serra,  
 Usando de suas atribuições legais  
 Decreta:  
 1- Estado maior, ficam definitivamente obrigados os membros desta casa a manter, e acatamento e a paz, normalizando assim, a rotina e o respeito para com o seu pai e o respeito para com o seu pai.  
 + Não se pode negar que, em qualquer carreira, arte ou profissão, que se na vida, só chegará ao ponto culminante se a mesma entregar-se de corpo e alma a esta é a regra que exerce a Divina.  
 +  
 2- Todos os pais de família, devem estar dentro do seu próprio lar, em paz e harmonia, esposa e esposo se tratarem com dignidade e respeito, incluindo as pétulas deste ano maior firme propósito do futuro

prejudicar o conceito da criança; assim seus filhos, quais são os direitos de um cidadão brasileiro, tratar bem ao seu próximo e suas atividades, até o maior e sustentar quais são os deveres religiosos, que se deve respeitar a Deus sobre todas as coisas, rezar todas as dias, para afastar as doenças e as dificuldades,  
 3- Devido do Estado maior, não pode ser castigado, ódio, desentendimentos por insignificante que seja; todos que, esta santa bebida, não só devem preservar a beleza, primores e sim, corrigir defeitos, formando assim, o aperfeiçoamento da sua própria personalidade; paugressos neste batalhão e seguir neste se assim fizerem poderão dizer, seu Deus, desta igualdade todos terão direito, em casos de doenças, será e mente designado uma comissão a fim de imitar a necessidade,  
 4- Nas dias de trabalhos:  
 Todos que vivem a procura de realizações mental e espiritual, devem trazer consigo sempre uma planta de louz divina

Para iniciar a nossa meditação depois da distribuição de Daimon, todos colocados em seus respectivos lugares, com exceção das senhoras têm crianças, as mesmas deverão primeiramente agasalhar os seus filhos.  
 Continuando a nossa meditação ao chegar a hora de intervalo, ao ar-se a primeira chamada, todos devem colocar-se em fila, tanto o masculino, quanto o feminino, pois tem a mesma obrigação...  
 A verdade é, que o centro o livro quem toma conta, deve dar gosto; em vive o em obrigação e quem obrigação tem sempre um dever a cumprir.  
 + A disciplina mata, não pode ser dada em livros; tudo depende do mestre em si, só a experiência nos traz a realização.  
 O poder da existência divina, é tra igualmente o contato da nossa existência individual no plano terrestre, em plano superior.  
 Além disso é o ser do saber, que em nossa mente, através da experiência



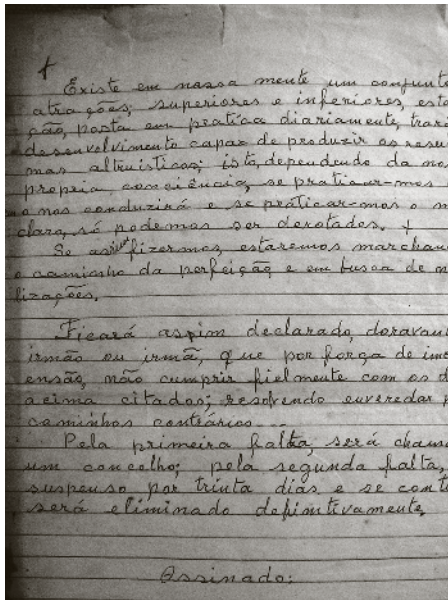


Figura 76  
Foto das cinco folhas do “Decreto de Serviço” de Mestre Irineu redigidas por Percília Ribeiro no ano de 1970.

CENTRO DE IRRADIAÇÃO MENTAL LUZ DIVINA (Reprodução ipisis literis do documento). Decreto de serviço escrito no ano de 1970. O Presidente do Centro de Irradiação Mental “Luz Divina”, posteriormente conhecido como “Centro de Iluminação Cristã Luz Universal”, Senhor Raimundo Mestre Irineu Serra, usando de suas atribuições legais decreta:

Ficam definitivamente obrigados os membros desta casa, a manter, o acatamento e a paz da mesma, normalizando assim, a sinceridade e o respeito para com seu próximo. Não se pode negar que, em qualquer carreira, arte ou profissão, que se escolha na vida, só chegará ao ponto culminante, se à mesma entregar-se de corpo e alma. Esta é a regra que exerce a Ciência Divina.

Todos os pais de família devem criar, dentro de seu próprio lar, um centro de paz e harmonia; esposo e esposa se tratem com dignidade e respeito; incluindo as pétalas desse amor, no mais firme propósito do futuro e da felicidade.

Todo o pai de família deve ser um professor exemplar para os seus filhos, dentro do seu próprio lar; nunca deve pronunciar palavras



que possam prejudicar o conceito da criança; ensinar aos seus filhos, quais são os direitos de um "Cidadão Brasileiro": tratar bem ao seu próximo, desde o mais graduado, até o mais humilde; ensinar quais são os deveres religiosos; que, se deve respeitar a Deus sobre todas as coisas, rezar todos os dias, para afastar os maus, as doenças e as dificuldades, etc.

Dentro desta casa, não pode haver intrigas, ódio, desentendimentos por mais insignificante que seja; todos que tomam esta Santa Bebida, não só devem procurar ver belezas, primores, e sim; corrigir os seus defeitos, formando, assim, o aperfeiçoamento da sua própria personalidade, para poder ingressar neste batalhão e seguir nesta linha. Se assim fizerem, poderão dizer: sou irmão. Dentro desta igualdade, todos terão o mesmo direito; em casos de doenças, será expressamente designada uma comissão em benefício do irmão necessitado. Nos dias de trabalho, todos que vieram à procura de recursos físicos, moral e espiritual, devem trazer consigo sempre uma mente sadia, cheia de esperança, implorando ao infinito eterno espírito do bem, à Virgem Soberana Mãe Criadora, que sejam concretizados os seus desejos de acordo com seus merecimentos. Para iniciar nossa meditação, depois da distribuição do Daime, todos irão colocando-se em seus respectivos lugares, com exceção das senhoras que têm crianças. As mesmas deverão primeiramente agasalhar os seus filhos.

Continuando a nossa meditação: ao chegar a hora do intervalo, ao efetuar-se a primeira chamada, todos deverão colocar-se em forma, tanto o batalhão masculino, quanto o feminino, pois, todos tem a mesma obrigação. A verdade é que o Centro é livre, mas quem toma conta, deve dar conta; ninguém vive sem obrigação e quem tem obrigação tem sempre um dever a cumprir.

A disciplina é uma meta, não pode ser aprendida em livros, tudo depende de nosso próprio eu. Só a experiência nos traz a realização. O Poder da existência Divina, nos mostra igualmente o contato da nossa evolução individual no plano terrestre, em relação ao plano superior. Além disso, é nos dado saber que existem, em nossa mente, atrações superiores e inferiores. O conhecimento elementar nos leva à mudança completa de todos os nossos valores, dos nossos hábitos



e a compreensão mútua, relativamente com os exames da nossa própria consciência. Existe em nossa mente um conjunto de atrações; superiores e inferiores, esta atração, posta em prática diariamente, trará um desenvolvimento capaz de produzir os resultados mais altruísticos. Isto depende da nossa própria consciência, se praticarmos o bem, o bem nos conduzirá, se praticarmos o mal, é claro, só podemos ser derrotados.

Se assim fizermos, estaremos marchando para o caminho da perfeição, e em busca de novas realizações. Ficará assim declarado: doravante o irmão ou irmã que, por força de incompreensão, não cumprir fielmente com os deveres acima citados, resolvendo enveredar para os caminhos contrários, pela primeira falta, será chamado a um conselho; pela segunda falta, será suspenso por trinta dias e se continuar será eliminado definitivamente. Assinado: Raimundo Mestre Irineu Serra (Presidente)

Este é o único texto conhecido, escrito em prosa e claramente orientado por Mestre Irineu. Em sua linguagem simples e direta é bastante revelador de suas preocupações com o ordenamento da comunidade e das famílias que a compunham. Pelo seu título, percebe-se que o centro ainda se chamava Centro de Irradiação Luz Divina, nome sob o qual havia sido registrado no CECF. Isto parece apontar para a persistência de afinidades entre o centro de Mestre Irineu e a instituição esotérica ainda naquela época. Outro aspecto observável no texto é seu caráter cívico e religioso esotérico. Esse documento resume normas básicas de postura dentro do Daime e passou a ser lido em dois momentos: depois de se tomar daime no início dos rituais de concentração, e antes de se cantar os “Hinos Novos”, após o período de silêncio. As concentrações no período que seguiu à introdução do “Decreto de Serviço” adotaram um formato padronizado. Das 18h30min às 19h00min era servido o daime. Em seguida, o dirigente ou comandante designado por Mestre Irineu selecionava os “mesários”, que eram as pessoas consideradas aptas a ocupar o lugar na mesa, isto é, que seriam capazes de ficar firmes em seus lugares, sem se ausentar. Eram, geralmente, em número de seis, incluindo o comandante. Designava-se também um dos mesários para a leitura do “Decreto de Serviço”. Como



normalmente ocorria nos rituais do Daime, separavam-se as mulheres e os homens que eram alocados a lugares distintos do salão. Durante a cerimônia, todos deveriam manter-se eretos, em posição de meditação. Dando prosseguimento ao ritual, fazia-se uma hora ou uma hora e meia de silêncio absoluto, conforme o critério do comandante ou oficiante da cerimônia. Segundo Pedro Matos, após o silêncio, iniciava-se novamente a leitura do “Decreto de Serviço”, em seguida as dez mulheres cantoras ou todas elas se levantavam para “puxar” de pé os “Hinos Novos” (acompanhados em uníssono por todos os outros). Quando chegavam aos últimos dois hinos, todos se levantavam para cantar. Encerrava-se a sessão com as preces finais e a fórmula de fechamento costumeira no Daime. Vejamos abaixo o relato de Pedro Matos (viúvo de D. Percília) sobre a concentração:

As concentrações sempre iniciavam às sete horas da noite, com a gente tomando daime. Depois ele colocava cada qual na sua função [fiscal e mesários]. Sempre a concentração costumeiramente é uma hora e trinta minutos de concentração. Costumeiramente, quem viu o Mestre trabalhar, é uma hora e meia de concentração. A não ser que seja uma véspera de feriado ou de um dia de sábado pra domingo, para que a pessoa quer se estender mais um pouco. Mas o regulamento é uma hora e trinta minutos de concentração. Agora, no término desses trinta minutos, o Mestre, ou, o presidente, ou, o secretário, ou quem esteja dirigindo o trabalho, pergunta formalmente se ainda tem gente mirando bastante. Se todo mundo já terminou de mirar, aí, então, se canta os hinos novos. Mas, pra cantar os hinos, não precisa todo mundo ficar de pé. De pé só as mulheres, aquelas que estão puxando o hino. Aqueles componentes da mesa ficam sentados. Mas, a determinação do mestre era pra todo mundo ficar sentado, os mesários e todo o povo que tava na sessão. Agora quando as mulheres terminarem de puxar os hinos, quando se chega naqueles dois últimos hinos: 127 – Eu pedi e 128 – Eu cheguei nesta casa, todos se levantam. Aí, no terminar dos hinos novos, se encerra com as preces, e está encerrado o trabalho. Assim era com o Mestre, e eu sempre vi o Mestre fazer assim.<sup>69</sup> (Pedro)





## Exceções, Concessões e Casos Especiais

Em todas as sociedades, existem incongruências e contradições entre os vários conjuntos de normas nos diferentes campos de ação. Perante as dificuldades decorrentes da necessidade de conviver com tais incongruências é comum recorrer-se à manipulação de normas, como maneira de garantir a continuidade da ordem social. Em outras palavras, perante a necessidade de aplicar normas e regras gerais de conduta em situações específicas, os indivíduos (ou o líder carismático em questão) frequentemente as manipulam para determinados fins.<sup>70</sup> Observamos que há certa discrepância entre, por um lado, as crenças das pessoas e a sua declarada aceitação de certas normas, e, por outro lado, o seu comportamento real. Tais discrepâncias muitas vezes não podem ser entendidas simplesmente como “exceções”, pois análises mais detalhadas podem revelar que elas têm suas próprias regularidades e lógicas próprias. (VELSEN, 1987, p. 364)

Mestre Irineu teve que enfrentar várias situações difíceis em sua comunidade devido a divergências entre as suas prescrições rituais e o real desempenho de seus seguidores. Nesses momentos, às vezes impunha a sua orientação, mas, em certas ocasiões, mostrava-se disposto a negociar, fazendo concessões e abrindo exceções para casos especiais. Podemos observar, nos relatos de antigos seguidores, situações desse tipo. Embora os relatos procurem afirmar a uniformidade dos moldes prescritos por ele, em certos momentos, fica claro que exceções às suas normas gerais eram admitidas, mesmo que nem sempre de maneira explícita.

Foram diversas as ocasiões em que Mestre Irineu teve que acatar e até impor exceções às suas prescrições rituais, para melhor administrar o convívio de seus seguidores. Um exemplo foi a sua prescrição para o feitiço, quando geralmente insistia que as panelas de daime deveriam receber uma camada inicial de folhas, mas, perante as dificuldades enfrentadas por certos fatores que levavam à sua queima, aceitou que iniciassem com uma camada de cipó. Aqui poderíamos falar simplesmente que foram criadas exceções, mas, talvez esse termo não reflita a maneira como isso era percebido por seus seguidores. Na visão dos seus seguidores o que ocorria era uma “concessão”. Enquanto “concessão” tal ato não comprometeria o exercício da autoridade de Mestre Irineu sobre seus seguidores, pois indicaria o



seu poder de conceder algo aos seus discípulos. Dessa forma, as exceções negociadas viravam concessões.

Outro exemplo foi que, embora Mestre Irineu sempre insistisse na separação de homens e mulheres durante o ritual, em meados de 1950, concedeu ao Major Holdernes Maia, a licença de participar dos rituais do Daime acompanhado de sua esposa (Isis) no lado do salão de ritual geralmente reservado somente a homens (Comunicação pessoal de Paulo Serra, Lourdes Carioca e Luís Mendes em março de 2007). O casal Holdernes e Isis foram os únicos a receberem tal concessão, talvez devido à importância política do Major. É muito provável que, no primeiro momento, essa exceção possa ter causado um mal-estar geral. Mas, com o passar do tempo, a própria rotinização dessa exceção virou norma, e até reforçava o prestígio de Mestre Irineu perante seus seguidores, que a entendiam como mais uma manifestação de seu poder de arbítrio, capaz de se contrapor à sua própria norma perante a comunidade. Mas, existem também outros relatos que concebem essa situação de outra maneira. Segundo Jair Facundes, por exemplo, aquela cena tinha o efeito de valorizar a ordem de separação, que, no fundo, era mantida, pois, eles ficavam juntos exatamente no meio do salão, homem de um lado e mulher no outro.<sup>71</sup>

Outro exemplo de exceção/concessão no Daime foi a introdução do festejo de São José. Sabe-se que Francisco Granjeiro pediu a Mestre Irineu permissão para celebrá-lo em sua casa, em 19 de março de 1971 (comunicação pessoal de João Rodrigues 'Nica' em março de 2007). Fala-se que Mestre Irineu permitiu a execução do ritual, mas sem o uso da farda. Granjeiro reuniu a família e os amigos para realizar o Hinário. Vejamos o relato anônimo abaixo transcrito por Arneide Bandeira Cemin (1998, p. 127):

[...] Ele recebeu a missão de festejar São José, 19 de março. Aí, Chico Granjeiro, pegou abriu o Cruzeiro, mas, não fechou [não cantou todos os hinos], ficou pra fechar no outro domingo, cá na sede. Quando chegou no meio da semana, Mestre Irineu, sabendo o que ia acontecer, disse: "Chico Granjeiro, convida o pessoal e fecha o Cruzeiro lá na sua casa mesmo." (CEMIN, 1998, p. 127)





**Figura 77** Da esquerda para direita: Zelito, (?), Major Holdernes Maia e sua esposa Isis (ao centro), Loredo, Alzira, (?), (?). Foto tirada na sede do Loredo – Saituba.

Francisco Granjeiro realizou o ritual em março de 1971, pouco antes do falecimento de Mestre Irineu. Esse dado não é muito preciso, mas, estima-se que no ano seguinte, em março, o festejo foi oficializado no próprio centro de Mestre Irineu. Assim, passou-se a comemorar na sede a véspera do dia de São José, com farda branca. Esse dado parece reforçar a nossa argumentação sobre a dinâmica das exceções/concessões na comunidade do Daime que poderiam acabar virando normas. Diferente do caso anterior, esta exceção/concessão virou norma após a morte do líder.

A execução do hinário O Cruzeiro nessa época foi excepcionalmente ampliada para outros festejos, como outra concessão/exceção de Mestre Irineu. Em 1969, ele concedeu a José Nunes do “Limoeiro” a permissão de executar seu hinário na data de seu aniversário. Essa data se consolidou como oficial no Daime a partir dessa concessão/exceção de Mestre Irineu. Assim, até a década de 1980, todos os seguidores de Mestre Irineu passaram a se deslocar para o Limoeiro no dia 22 de julho para comemorar o aniversário de Zé Nunes.



Antes destas concessões, o hinário O Cruzeiro era estritamente preservado por Mestre Irineu, para ser executado de farda branca somente em determinadas datas festivas: Reis, São João, Nossa Senhora da Conceição e Natal. Mas depois de iniciadas as primeiras exceções, Mestre Irineu fez outra concessão, desta vez para Leôncio Gomes (a quem nomeou Presidente), para que fosse executado aquele hinário no dia de seu aniversário, em 10 de fevereiro de 1970. Possivelmente, essa medida visava a legitimação de Leôncio Gomes como seu sucessor, pois, Mestre Irineu sabia que estava muito doente e em breve se “ausentaria da matéria” (faleceria).

Mestre Irineu voltou a fazer outra concessão em relação à execução de seu hinário por ocasião do aniversário de D. Peregrina, no dia 14 de julho de 1971. Diz-se que ele havia marcado essa data com a finalidade de apresentar o seu hinário a uma comissão de padres e freiras da Igreja Católica. Esta apresentação, que ele não alcançou em vida, faria parte de suas metas de se aproximar daquela instituição – uma de suas últimas tentativas de apaziguar as críticas e a intolerância estigmatizante reiteradamente manifestada pelas lideranças católicas acreanas contra a sua doutrina. Além disso, provavelmente visava legitimar a autoridade de sua esposa dentro da comunidade, pois, como se sabe, ela era ainda muito jovem quando casou com ele e tinha somente trinta e três anos ao se tornar viúva.

## Notas

- 1 Sérgio Ferreti (2002) e sua esposa Mundicarmo Ferreti, antropólogos da UFMA, foram os primeiros a chamar a atenção para essas semelhanças. Posteriormente, os antropólogos Beatriz Labate e Gustavo Pacheco realizaram uma pesquisa de observação participante e escreveram sobre o tema (LABATE; PACHECO, 2004).
- 2 Note-se que em diversas partes do Brasil, como no Norte e no Nordeste, esse termo é usado para significar qualquer tipo de uniforme, e não somente o militar.
- 3 LABATE; PACHECO, 2004, p. 331-332; 334.
- 4 EDUARDO, 1966, p. 59-83; SÁ, 1974, p. 20.
- 5 FERRETTI, 2000, p. 148.
- 6 LABATE; PACHECO, 2004, p. 321.
- 7 Embora o Tambor de Crioula esteja relacionado com a devoção de São Benedito, sendo muitas vezes realizado como pagamento de promessa a esse santo, trata-se de uma manifestação de caráter essencialmente profano, muito diferente do Tambor de Mina, que é um culto religioso de incorporação de espíritos. Não obstante, é comum que essas duas



manifestações da cultura negra do Maranhão sejam confundidas e que o Tambor de Crioula seja considerado não um folguedo, mas uma espécie de culto religioso inspirado nos moldes do Tambor de Mina. Foi o que ocorreu, com a Missão de Pesquisas Folclóricas do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, que esteve no Maranhão em julho de 1938, sob a orientação de Mário de Andrade. (ALVARENGA, 1948) Segundo o antropólogo Sérgio Ferreti, apesar de o Tambor de Crioula, ter características próprias, isso não impede que, dentro de alguns terreiros de Tambor de Mina, seja dançado o Tambor de Crioula, com manifestação de incorporação. (FERRETI, 2002, p. 118-120)

- 8 Comunicação pessoal de Daniel Serra, sobrinho de Mestre Irineu, em janeiro de 2007.
- 9 Questionamos assim vários autores os quais afirmam que Mestre Irineu frequentava terreiros de Tambor de Mina. (FRÓES, 1986, p. 36; SILVA apud LABATE; ARAÚJO, 2002, p. 381)
- 10 Concordamos assim com Labate e Pacheco (2004, p. 314).
- 11 O projeto que transformou o Acre em Estado havia sido apresentado ao Congresso Nacional em 1957, pelo então Deputado Federal, José Guiomard dos Santos, do PSD. Mas Guiomard, mesmo sendo o autor do projeto, não conseguiu se eleger nas eleições de 1962 para governador, sendo derrotado por José Augusto de Araújo do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Este assumiu em 1 de março de 1963 e foi deposto pelos militares golpistas em 8 de maio de 1964. (SOUZA, 2005, p. 174)
- 12 Entrevista de Wilde Viana, dada a Jair Facundes em 2004.
- 13 Wilde Viana, em 1962, fez a campanha de Zé Augusto para Governador do Acre. Em 1963, foi filiado e fundador do PTB no Acre. Depois fundou a União Democrática Nacional (UDN) e, no mesmo ano, foi eleito pela composição da UDN/ PTB. Foi prefeito de Rio Branco, e três vezes Deputado Estadual de 1966 a 1978. Em seguida, foi duas vezes Deputado Federal pelo Acre de 1979 a 1987.
- 14 Declaro que com o único interesse de zelar pela saúde do público, foi que tomei a iniciativa de encaminhar para o Serviço Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, em ofício nº 208 de 21/05/1966, uma amostra do cipó e das folhas de nome regionalmente conhecidas por "JAGUBE", do qual é feito o xarope por nome de "DAIME" ou "UASCA", que vem sendo usado em certos ritos religiosos em nosso Estado. Declaro outrossim que em telegrama recebido do Sr. Dr. Décio Parreira, Presidente da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes foi dito que nenhum caso de intoxicação foi observado desde o ano de 1962 pelo uso da bebida "IAGÉ" ou similar, nome pelo qual é cientificamente conhecido o cipó "JAGUBE". Assim sendo, a Secretaria de Saúde e Serviço Social, nenhuma objeção tem a fazer no uso do "IAGÉ", "DAIME" ou "UASCA" em ritos espirituais, como já há muitos anos vem sendo feito em nossa região (Ofício escrito em 16 de Maio de 1966, Rio Branco, pelo Dr. Carlos Meixeira Afonso, Secretário de Saúde e Serviço Social – texto extraído do Estatuto do Centro de Iluminação Cristã Luz Universal).
- 15 Entrevista concedida ao Jornalista Antonio Alves, publicada no Jornal O Rio Branco, n. 2.299, p. 4, 11 jul 1984.
- 16 Entrevista com Professor Rego, dada a Jair Facundes em 2004.
- 17 Professor Rego veio para o Acre, em 1968, trabalhar na Secretária de Agricultura, como coordenador técnico. No governo de Kalume, Agnaldo Moreno era o Primeiro Secretário. Agnaldo saiu para se candidatar a deputado federal. Rego assumiu a Secretaria. Depois Rego foi vice-governador no Governo do Joaquim Macedo, e continuou coordenando as políticas de produção para o meio rural. Trabalhou recentemente no Governo do Jorge Viana.



- 18 Entrevista com Professor Rego, dada a Jair Facundes em 2004.
- 19 Idem.
- 20 Mensagem enviada por Jair Facundes a Edward MacRae em 2009.
- 21 Entrevista de Jorge Viana, Governador do Acre, dada a Jair Facundes em 2005.
- 22 Mensagem enviada por Jair Facundes a Edward MacRae em 2009.
- 23 Entrevista com Paulo Serra em julho de 2006.
- 24 Ver: Fróes (1986, p. 47), Carioca (1998, p. 27) e Goulart (2004, p. 69).
- 25 Quando perguntamos ao presidente do CECP sobre a possível existência de um cadastro desses títulos de Presidente de Honra e Honra ao Mérito dos centros filiados na instituição central, ele nos respondeu que esse tipo de titulação não tinha cadastro na sede central do CECP, ficando por conta dos centros filiados (Comunicação pessoal de José Maria Nogueira, diretor responsável pelo CECP, em março de 2007).
- 26 Entrevista com João Rodrigues em Março de 2007.
- 27 Lourdes Carioca (apud CARIOCA, 1998, p. 27).
- 28 Luis Mendes (apud CARIOCA, 1998, p. 27).
- 29 Hoje o local é ocupado pelo estacionamento de uma agência do Banco do Brasil, no encontro da Rua Alvorada com a Rua Dom Bosco.
- 30 Entrevista de Percília Ribeiro dada a Antônio Macedo em 1999.
- 31 Lembremos que durante a primeira metade do século XX até o protestantismo "histórico" era estigmatizado.
- 32 Note-se que aqui aparece uma clara identificação pessoal de Mestre Irineu tanto com a bebida quanto com a doutrina.
- 33 Entrevista com João Rodrigues em Março de 2007.
- 34 As filiais do CECP usam a sigla "Centro de Irradiação Tattwa" antes de qualquer outro nome. O nome tattwa segundo José Maria Nogueira diretor atual do CECP é um nome de procedência Indiana que identifica os 25 componentes do cosmos, ou também princípios vitais do corpo humano.
- 35 Jair Facundes, em comunicação feita em mensagem pessoal enviada a Edward MacRae em 2009, defende posição contrária à dos autores deste livro a esse respeito.
- 36 Apesar de ser comum a afirmação de que Mestre Irineu havia retirado essa oração do Livro de Orações da Cruz de Caravaca, durante muito tempo nenhum pesquisador conseguiu encontrar uma, das diversas edições existentes do livro, onde constasse essa oração. No decorrer da pesquisa para a edição final deste livro, Paulo Moreira encontrou um site na Internet onde se anunciava a venda de mais uma edição da coletânea, na qual justamente o trecho da obra contendo a oração procurada era reproduzido on line. "Trata-se da 7ª edição de O Genuíno Livro da Cruz de Caravaca, compilado por Pércio Ankara, publicado no Rio de Janeiro pela Editora Palas em 2009, pp.39-43." (Note-se que nesta edição não consta o parágrafo final da oração, conforme ensinada por Mestre Irineu, uma prece em latim.) Não se pôde determinar a data de edições anteriores dessa compilação, às quais Mestre Irineu possa ter tido acesso, mas de toda maneira fica comprovado que essa oração realmente faz parte do corpus maior, a partir do qual as diversas versões do livro fizeram suas respectivas seleções.
- 37 Entrevista de Percília Ribeiro dada a Antônio Macedo em 1999.



- 38 Entrevista de Luis Mendes do Nascimento dada a Edward MacRae em 6 de junho de 1993.
- 39 Entrevista com João Rodrigues, o Nica, em março de 2007.
- 40 Entrevista com João Rodrigues em março de 2007.
- 41 Entrevista de Lourdes Carioca dada a Sandra Goulart em novembro de 2002.
- 42 Entrevista com Daniel Serra, em janeiro de 2007.
- 43 O texto da oração provavelmente resulta de uma colagem de vários outros textos e já era existente ou então foi reelaborado por intelectuais ocultistas do CECP da época. Assim, na oração para Esconjurar os Malefícios dos Maus Espíritos e dos Demônios Infernais, que teria sido selecionada por Mestre Irineu do livro Orações da Cruz de Caravaca, havia uma parte do texto em latim. Segundo a análise do teólogo Raimundo Nonato Santos Pereira, transmitida em comunicação pessoal, a parte do texto supostamente em latim, não contém apenas latim; ele afirma que algumas palavras são do grego, do hebraico e do aramaico. Outras palavras são ininteligíveis para ele, ou por serem signos de outra língua, ou por serem nomes próprios, de seres, de pessoas, escritos nas línguas anteriores, mas de toda forma são desconhecidos por ele. Como por exemplo: Largarot, Alponidos, paatia, vrat condião, fondão; Arpagão, Artamar, Bourgasis veniaat Serabani. Para Raimundo Nonato, a frase: Ez, verbum varo Vacty meestm, et habitabit i obis, parece a corruptela de: Èz Verbun varo Vacty meestm et habitabit i nobis, que quer dizer: E o verbo se fez carne e habitou entre nós. Conforme sua análise, as palavras abaixo cujos caracteres em grego, hebraico e aramaico não são muito comuns nos teclados de PC, parecem significar: Autem – Além de; Superaltem – por ser vencedor; Ogios é possivelmente a corruptela de Agios, significando Santo; Sohier parece a corruptela da palavra grega Soter que significa Salvador (sem os caracteres de grego); Mesias – Messias; Emanuel ou Imanuel significa Deus Conosco; Sabhot parece ser hebraico sebaôtn que significa exércitos; Ademy parece ser em hebraico Adamá é uma cidade da tribo Neftali; Athamato talvez seja a corruptela de atánatos que significa imortal; Isquiro (sem os caracteres do Grego) quer dizer forte robusto; Tegramatos significa as quatro letras do nome de Deus em hebraico que se pronuncia Yêôwa ou Yêavê (Jeová ou Javé ou Adonai). Raimundo Nonato, em sua análise, comenta que o parágrafo final é escrito em latim, vejamos por frase: Cristus vivit Cristus regnat Cristus maledicti er escomunicati daemones, significa: Cristo vive, Cristo Reina, Cristo vos amaldiçoe e excomungue os demônios; invirtude istorum Deu nominu significa pela força destes nomes, isto é; Messias Emanuel,(que correspondem a Salvador e Deus Conosco); et ab omni loco et domo fuerint haec, nomina, et digna dei preacipimus vobis at que ligamus vos ut nom habeatis protestem per pestem Nec per aliquod qua de um per maleficium no cereci incantationem, nequi nianima nec incorpore, quer dizer: Em todo lugar que estejam estes nomes, dignos de Deus, ordenamos a vocês e impedimos que não tenham poder seja pela peste ou qualquer outro malefício, nem na alma nem no corpo; lte,ite,ite maledicte instagnum ignis sive ad locavocis a Deo assignata Imperar Vobis Deus + Sanctissima Trinitas uns Deus. +, significa: ide malditos para o lago de fogo ou para outros lugares preparados por Deus Uno-Trino (Santissima Trindade) para vós. Antes do término do parágrafo surge em português a palavra “Oremos”, logo depois vem outra frase em latim: Accipi quaccemos domie Deus nos ter benedictionem tuani criatura tua ista, Qua corpore salvetur, ataquem tu propations beneficia semper inveniat per Cristium Amem, que significa: Pedimos Senhor Nosso Deus que receba esta criatura cujo o corpo, pela tua benção seja salvo e por tua paixão receba sempre os benefícios por Cristo. Amém.



- 44 Ver Lévi-Strauss (1989), em que o autor discute a eficácia do feiticeiro e sua magia em termos similares .
- 45 Entrevista com João Rodrigues em março de 2007.
- 46 Comunicação pessoal de João Rodrigues em Julho de 2007.
- 47 Entrevista com Francisca Mendes em março de 2007.
- 48 Entrevista de Percília Ribeiro dada a Jair Facundes em 2003.
- 49 Entrevista com Paulo Serra, em julho de 2006.
- 50 Entrevista com Pedro, viúvo de Percília Ribeiro, em fevereiro de 2007.
- 51 Comunicação pessoal de Jair Facundes feita a Edward MacRae por e-mail em 2009.
- 52 Essa série de hinos é também conhecida como Cruzeirinho.
- 53 Entrevista de Percília Ribeiro dada a Antônio Macedo em 1999.
- 54 Entrevista com João Rodrigues, em março de 2007.
- 55 Comunicação pessoal de Jair Facundes dada por e-mail a Edward MacRae em setembro de 2009.
- 56 Comunicação Pessoal de Raimundo Nonato.
- 57 Comunicação pessoal de Eduardo Bayer Neto, em 2007.
- 58 Comunicação pessoal de Emilio, Francisca e Lourdes Carioca em julho de 2009.
- 59 A partir disso, os detalhes do processo do feitiço tornam-se importantes sinais para a classificação das diferentes “linhas” do Daime.
- 60 Entrevista de João Rodrigues dada a Jair Facundes em 2001.
- 61 Entrevista de Cipriano dada a Jair Facundes em 2005.
- 62 Entrevista com João Rodrigues em março de 2007.
- 63 Idem.
- 64 Entrevista de João Rodrigues dada a Jair Facundes em 2001.
- 65 Comunicação pessoal de João Rodrigues ‘Nica’, em março de 2007.
- 66 Comunicação pessoal de João Rodrigues em 2007.
- 67 Entrevista com João Rodrigues em março de 2007
- 68 Entrevista com João Rodrigues [Nica] em março de 2007.
- 69 Entrevista com Pedro, viúvo de Percília Ribeiro, concedida a Paulo Moreira em fevereiro de 2007.
- 70 Ver: Velsen (1987, p. 349 - 355).
- 71 Mensagem enviada por Jair Facundes a Edward MacRae em 2009.







Mestre Irineu, Paizinha (filha de Teteo),  
Maria (filha de Daniel Serra)

Capítulo 5

---

# Os Últimos Dias do Mestre Raimundo Irineu Serra







## Prenúncios e Últimas Providências

Desde meados de 1970, Mestre Irineu vinha sentindo piores nos sintomas de seus problemas renais e cardíacos. Diz-se que chegou a passar até três dias em coma, em estado febril. Vários dos Hinos Novos foram recebidos após longos estados de letargia. Durante as crises mais graves organizavam-se comissões que atuavam em turnos para assisti-lo. Eram claros os sinais de que seu fim estava próximo. Ao acordar de sua última crise febril, Mestre Irineu recebeu o hino 128 - Cheguei Nesta Casa em que fica explícito o tema de sua partida.

### 128 - EU CHEGUEI NESTA CASA (Mestre Irineu)



Eu cheguei nesta casa,  
Eu entrei por esta porta.  
Eu venho dar os agradecimentos  
A quem rogou por minha volta.



Eu estou dentro desta casa,  
Aqui no meio deste salão,  
Estou alegre e satisfeito  
Junto aqui com os meus irmãos

la fazendo uma viagem,  
la pensando em não voltar,  
Os pedidos foram tantos  
Me mandaram eu voltar.

Me mandaram eu voltar,  
Eu estou firme, e vou trabalhar.  
Ensinar aos meus irmãos,  
Aqueles que me escutar.

Pouco antes de começar a passar por suas crises mais agudas, fez uma preleção durante um trabalho de concentração, criticando a desarmonia entre seus seguidores. Segundo um de seus seguidores, Pedro Matos, nessa ocasião ele teria dito que estava muito desapontado com o comportamento de alguns deles e chamou a atenção de vários participantes casados devido aos seus desentendimentos com as suas esposas. Afirmou também que o daime não era para guerra; “[...] que na guerra precisa-se de bala, de muita bala e que para se ter o daime em casa é necessário ter paz e amor [...]”. Comentou também sobre a falta de respeito de alguns de seus seguidores que estariam entrando em terras alheias para colher a produção, sem pedir licença ao dono. Repetiu muitas vezes durante sua palestra que essas pessoas não estavam aprendendo nada no Daime, que ele não dava exemplo para ninguém dali ser ladrão. Nas palavras de Pedro Matos:

Fui lá à casa dele. Cheguei lá, logo falei pra ele. Ele disse: “Já tô sabendo. Já estou sabendo dos irmãos que chega no roçado do outro e tira macaxeira, tira banana, abacate, laranja e tira tudo. E o irmão não dando, não chega nem a pedir. Eu doei terra aqui pra todo mundo, para poderem ter uma terrinha pra trabalhar. Mas não entro na



propriedade de ninguém antes de pedir ao dono. E porque um irmão chega no roçado do outro e faz isso? Deixe comigo que, na reunião de 15 de novembro, eu vou fazer uma palestra. Não é do meu costume não, mas tá sendo necessário eu fazer. Sem citar o nome de ninguém.” Foi quando ele disse que guerra precisa de muita bala. Aí, ele falou e disse:

“Meus irmãos, todo mundo aqui corre atrás do Mestre, todo mundo toma daime e não aprenderam nada. Daqui a pouco o Mestre morre, e como é que vão ficar? Ninguém aprendeu nada, e quem toma daime é para aprender. Isto é uma das metas que eu quero falar. E outra, eu quero falar com todos, sem falar nas senhoras, que elas não devem tá procedendo desta maneira. Me dêem licença, me desculpe, me perdoem que eu aqui não quero chamar atenção de ninguém. Mas, como chefe, como comandante do trabalho, mas como chefe dessa doutrina, eu tenho de falar. Nós devemos respeitar os direitos dos outros, seja qual for o tamanho do direito, nós temos de respeitar. Se você tem um sítio com bananal, canavial ou qualquer coisa, e pega sem falar pro dono, é roubo. Você não tem fé. Aqui eu tô formando um grupo de homens, não é de moleques não.

Isso é uma parte, a outra é a união, como se respeita a família, como se respeita os filhos, como se respeita o padre, a esposa, e no caso é de ambas as partes, do jeito que a mulher tratar o marido com todo o respeito, o marido deve tratar a mulher também. Com a união, com o amor e com sinceridade, porque como diz o hino: ‘o escudo nós temos na mão, e a firmeza no coração’, não é assim que o hino diz...”

Ele estava falando com D. Percília.

“Nós temos de tomar daime e aprender aquilo que o daime tá nos ensinado. Não é fazer aquilo que o nosso pensamento tá pensando, nosso coração tá pedindo. Porque tem coisas que está no nosso coração, no nosso pensamento, na nossa imaginação, que está totalmente fora do poder, do poder divino. Deve-se, sim, ter a união, a verdade, amor e justiça. Deve-se ter todo dia, e que cada dono de casa tem de pedir ao outro dono.

A primeira coisa que você faz quando abre a porta de casa é pedir a Deus: ‘Me dê paz, me dê harmonia, amor, verdade, e justiça à minha



família'. Você pedindo paz, amor, verdade e justiça, vem o pão, vem a saúde, vem tudo, mas se você pedir guerra só chega guerra. E pra ter paz é muita reza, e pra guerra é muita bala. A casa que tá com daime é pra ter respeito. A casa que existe guerra não pode ter daime. Porque daime não é para guerra, é para a paz. O daime é Deus, daime é saúde, é amor. Onde existe guerra, descompostura, palavrão pode ter daime? Como é que Deus pode encostar nisso?

Deus sabe que você existe, mas você não tá guardando ele dentro. Você tá guardando dentro de si, então, você tem de saber dar valor à sua casa. Não dar palavrões, endiabrados, endemoniados, porque são coisas do outro lado, o das trevas, da escuridão. E não é isso que nós queremos na nossa missão. Nós queremos paz, amor, verdade, justiça, pra união, pro amor. Pro Daime é muita reza e pra guerra muita bala".<sup>1</sup>  
(Pedro Matos)

Esta sessão, realizada em 15 de novembro de 1970, foi uma das últimas das quais Mestre Irineu participou. Sua palestra foi gravada, mas, infelizmente, o registro é quase inaudível, por causa do ruído do gerador a gasolina que era utilizado na sede para iluminar o salão. Fala-se também que Mestre Irineu nessa mesma ocasião discursou em "Tupi".

É interessante essa referência a ele falar "Tupi". Além desse relato, encontramos também fragmentos de Tupi nos seus primeiros hinos do "Cruzeiro". Acreditamos, porém, que seja pouco provável que Mestre Irineu dominasse, de fato, o Tupi. Cremos que possivelmente tal discurso se aproximaria mais de uma manifestação de glossolalia.<sup>2</sup> De toda forma, seja glossolalia, seja Tupi, o evento denota a intenção de Mestre Irineu de manifestar o seu poder (ou mesmo a divinizar tal língua ou línguas). É possível que Mestre Irineu sentisse, nesse momento de debilidade física, a necessidade de reafirmar seu carisma diante da comunidade. De curador e homem forte de grande estatura, para enfermo, frágil e mortal, passava por certa inversão de papéis. Desse modo, a palestra, além de ser um recurso retórico para chamar a atenção dos transgressores da moral da comunidade, pode ter sido também um recurso para exercer o seu poder carismático e pontuar, talvez pela derradeira vez, os valores de sua doutrina. Comenta-se que, naquele momento, muitos estavam tristes e comovidos com sua condição





física, mas ao mesmo tempo, alguns de seus seguidores já começavam a manifestar seus projetos de poder (diz-se até, que existiam aqueles que desejavam cantar seus próprios hinários no iminente enterro de Mestre Irineu). O que tornaria esse pronunciamento ainda mais significativo era o fato de que Mestre Irineu raramente palestrava durante as sessões de daime.

Uma faceta marcante de Mestre Irineu era a sua habilidade no uso da linguagem, conforme a situação, ora empregava palavras, ora o silêncio, como recursos retóricos. Assim, embora às vezes se diga que era um homem de poucas palavras, uma espécie de mestre do silêncio, há também relatos de momentos em que dominava as conversas e do fascínio que exercia quando contava histórias durante reuniões informais. João Lima, antigo seguidor de Mestre Irineu, conta:

No tempo do Mestre Irineu, ia pra lá dia de domingo de tarde e enchia a casa dele. Ninguém ia conversar com ele, ele é que conversava com a gente, que ninguém sabia conversar com ele e ele é que tinha aquelas histórias bonitas para contar. Ninguém tinha nada para contar para ele, então ficava só escutando ele. Era divertido comadre, era muito bom, o Mestre Irineu era divertido, contava muitas histórias. Ele achava graça, contava a história dele e achava graça, era divertido. A gente ficava calado, só escutando. (LIMA apud CEMIN, 1998, p. 206)

Usando as palavras a seu modo, muitas vezes em desacordo com a norma culta, ele desenvolveu um estilo linguístico próprio de forte impacto, dotado de um léxico específico, fórmulas, estereótipos e formas de argumentação. O mesmo ocorria com as letras de seu hinário, ora empregadas como maneira de difundir suas ideias, ora como um recurso para assegurar o predomínio de sua palavra, ao se exigir silêncio na sua execução. A própria ambiguidade poética encontrada nas letras de seus hinos também servia para reforçar a sua predominância sobre a comunidade, pois ao engendrar múltiplas interpretações, ajudava a mascarar as diferenças e as divergências de interesses. (BALANDIER, 1997, p. 101) Na ausência de uma interpretação canônica, cada seguidor teria o direito de atribuir o significado que lhe parecesse o mais justo, sem nunca se sentir em contradição com o líder, “dono” do hinário.

Outro problema que continuava a afligir Mestre Irineu nesse período era o da necessidade da legitimação, perante a sociedade acreana, de sua



doutrina religiosa, ainda comumente concebida como “coisa de nego”. (CEMIN, 1998, p. 40) Podemos dizer que a condição minoritária do grupo de Mestre Irineu no campo religioso o impelia a buscar permanentemente a sua legitimação e aceitação. Lembramos que a sua aproximação do Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento (CECP), além de ser uma busca de parceria intelectual, fora também uma tentativa de fusão com uma instituição vista como mais bem integrada junto às estruturas de poder e prestígio. Essa preocupação de Mestre Irineu em associar-se a instituições com maior legitimidade no campo religioso teve continuidade mesmo com o fim da parceria com CECP. Pois, nesse momento, parece ter buscado legitimar a sua Doutrina ao lado das religiões católica e protestante, mesmo sabendo das diferenças entre essas versões do cristianismo e a dele.

Assim, solicitou a José Vieira, membro da extensão do Daime em Porto Velho, que lhe ajudasse a criar um estatuto para a institucionalização do Daime. Este fora escrivão da polícia civil e escrevia muito, de forma metódica, embora seu estilo não deixe de nos parecer hoje como excessivamente rebuscado e pedante. Atendendo ao seu pedido prontamente, Vieira tratou de trabalhar na redação do documento. A elaboração de um estatuto que ajudasse a tornar o culto aceitável às autoridades civis, católicas e evangélicas exigiu-lhe muito esforço, tanto intelectual quanto político, e diz-se que ele chegou a tomar cinco litros de daime para compor o documento, buscando sempre respaldo nas “Sagradas Escrituras”. Em 26 de novembro 1970, oito meses antes do falecimento de Mestre Irineu, ele redigiu uma carta ao “Caro irmão e Mestre Imperador Raimundo Irineu Serra”, agradecendo a incumbência. Nessa carta, cuja retórica difere claramente do estilo mais simples comumente usado pelos seguidores de Mestre Irineu, diz que está trabalhando diplomaticamente junto às Igrejas Católica e Protestante de Porto Velho para desfazer a imagem negativa que tinham do Daime. Vejamos abaixo o conteúdo da carta (CARIOCA, 1998, p. 39):

Agradeço sua amável lembrança pela missiva do último dia 19, me reportando ao programa antes já esboçado, afirmo estar firme junto com nosso irmão em Cristo, na consolidação da reforma que empreende ao nosso ritualismo. Prescindindo por isso a consciência das visões, me usou como instrumento na elaboração de nossos estatutos e outros

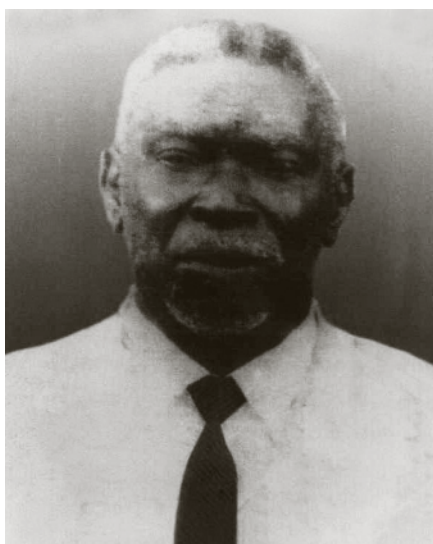


meios que provavelmente se assestaram nos objetivos globais de sua plataforma, no mais diante dos rumores que faziam do nosso veículo no meio religioso, me pus a campo, partindo de uma entrevista com o reverendo Padre Mário, conforme cópia do pedido que a ele fiz e que lhe enviei, daí tendo ido a presença de sua Rev. Dom João Batista Costa, Bispo prelado do Território [de Rondônia] que está ansioso para conhecer nosso estatuto mediante esboço que a ele apresentei. Em seguida, conferenciei com alguns pastores evangélicos dados que alguns crentes buscam conhecer o nosso mistério e um deles já fazer parte de nossos outros trabalhos, quase já convertido à veneração da Virgem e de seus méritos, pateando nossas concepções e princípios para a segurança ao nosso culto e registro ante a necessidade de coordenação face às divergências aos nossos fundamentos, sempre alertando contra os falsos Cristos, isto é, as falsas doutrinas com aparência de verdadeiras, estes e outros pontos foram o principal tema que apresentei por escrito ao nosso Bispo prelado, o qual parece que nos apoiará juntamente com a Igreja Católica.<sup>3</sup>

Como vimos, Vieira buscava ressaltar as similaridades entre a doutrina daimista e a das Igrejas Católica e Evangélica, sem levantar maiores questionamentos sobre as premissas dessas últimas. Seu estilo excessivamente rebuscado e sua maneira de conceber a doutrina, conforme refletida na forma final que deu ao estatuto, veiculam a imagem de um homem bastante conservador, pouco afeito a maiores questionamentos da ordem sociocultural vigente. Tudo leva a crer que, em seus arranjos retóricos, buscava dar aos daimistas uma aparência mais respeitável e mais aceitável às autoridades constituídas e demais detentores de poder na sociedade acreana e rondonense da época. Assim, além de incluir copiosas citações bíblicas, seu estatuto viria a dedicar três capítulos a questões cívicas, o capítulo VIII tratando das “Normas Cristãs e Cívicas”, o IX da “Moral e Profilaxia” e o X do “Caráter Pátrio e Altruístico”. (CEMIN, 1998, p. 38) De forma indireta, parece até chegar a endossar uma postura depreciativa em relação à negritude já que, em uma carta ao Mestre Irineu, ele teria procurado oferecer uma justificação para a pele de cor negra como sendo “luto pela morte de Cristo”. (CEMIN, 1998, p. 39)



Mas essa preocupação com a respeitabilidade e a busca a qualquer custo por aceitação pela sociedade da época não era restrita a José Vieira, sendo compartilhada por vários outros daimistas. Afinal, num momento em que as tradições de origens afro-indígenas ainda eram sujeitas a muita discriminação e até perseguição, a cor negra, tanto de Mestre Irineu, quanto da maioria dos seus antigos seguidores, era motivo de continuadas estigmatizações e desqualificações. Sua comunidade, por exemplo, era às vezes acusada de fazer “culto de adoração ao castanheira queimada”, em alusão à cor e altura de Mestre Irineu. (CEMIN, 1998, p. 39) Assim, não é de se estranhar que certos participantes do Daime buscassem branquear a imagem de Mestre Irineu, para melhor projetá-la junto à sociedade acreana. Para tanto tentavam projetar uma imagem de seu líder como alguém que, apesar de ser negro, seria identificado com os valores então hegemônicos, ou seja, teria uma “alma branca”. Essa tentativa de branqueamento transparece explicitamente em certas ilustrações produzidas dentro da comunidade, que retratam Mestre Irineu de maneira a minimizar seus fenótipos negros, como sua cor e cabelo.



**Figura 78** Foto em close de Mestre Irineu. Pele acentuadamente negra e cabelo crespo.



**Figura 79** Ilustração com traços tipicamente negros.





Figura 80 Ilustração com traços de branqueamento. Cabelo liso e pele esbranquiçada.



Figura 81 Ilustração com traços acentuadamente brancos. Cabelo grisalho liso e pele totalmente branca.

Em 7 de janeiro de 1971, depois de Mestre Irineu receber um rascunho do estatuto redigido por José Viera, foi registrada a ata de constituição do centro. Diz-se que esta ata teria sido elaborada por João Rodrigues, em termos formais e jurídicos, com relativamente pouca participação do líder.

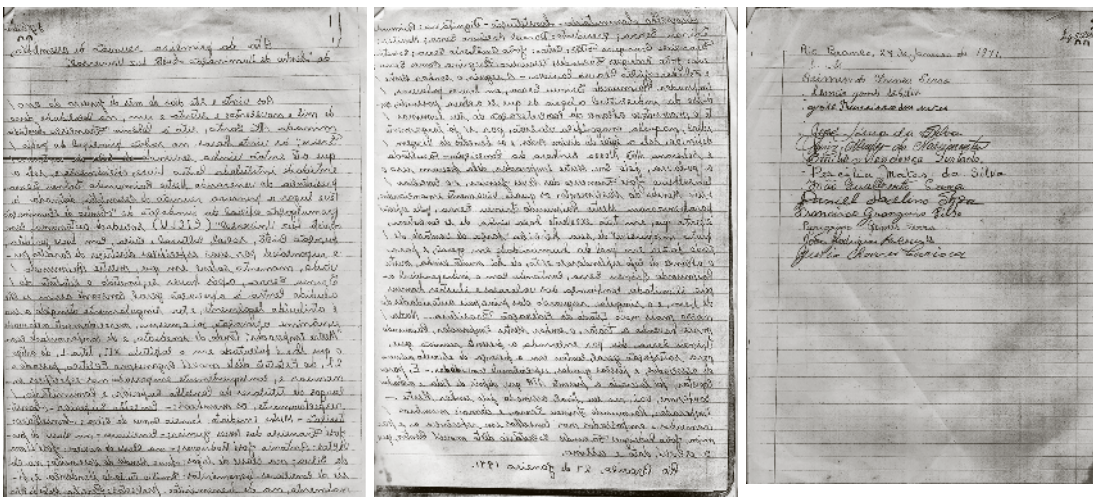


Figura 82 Foto da ata de constituição do Centro de Iluminação Cristã Luz Universal (ver Anexo J).



Nesse mesmo mês, Mestre Irineu convocou uma reunião, com os membros da diretoria e participantes do seu derradeiro feitiço, para a primeira leitura do estatuto. Luís Mendes foi escolhido para fazê-la em voz alta para todos ouvir. No relato seguinte, feito por João Rodrigues (Nica) sobre essa leitura, fica patente a recepção, conformada, mas pouco entusiástica, que recebeu. Também ficam sugeridas nesse relato as rivalidades pessoais e as dificuldades organizacionais pelas quais a comunidade viria passar após a iminente morte do seu líder.

Nós chegamos umas dez horas da noite lá, após um feitiço do Daime, e ele estava com o rascunho. Ele pediu a Luis Mendes para ler. Luis Mendes passou duas horas lendo esse Estatuto. Ora a gente dormia, ora a gente se acordava, dormia, se acordava e quando terminou ele perguntou pra nós. O que nós achávamos, se estava bom?

A resposta nossa era: “Quem éramos nós pra achar, julgar”.

Ele disse: “Não está bom?”

Respondemos: “Está bom também pra todo mundo.”

Foi quando ele passou e me entregou, e pediu pra eu tomar as providências e registrar no Cartório Oficial. Assim foi feito.

Depois foi para compor a Diretoria. Encontrei até um pouco de dificuldade. Porque geralmente determinados irmãos por aqui queriam prevalecer com a hierarquia. Porque ele era o mais antigo, achava que o cargo de Presidente deveria ser dele. Como o José das Neves não queria aceitar o cargo de Conselheiro, foi preciso eu voltar lá no Alto Santo. Ele mandou dizer pro Zé das Neves, que ele se conformasse. Que deixasse o Zé das Neves com ele. Que ele sabia o que ele estava fazendo. Ele então se aquietou. Os cargos que ele direcionou, foi o meu, foi o da Peregrina como tesoureira, Julio Carioca como o zelador, o Leôncio e o José das Neves. O restante ele mandou que eu arranjasse por lá. E assim foi feito. Ele mandou o Leôncio escolher o Vice-Presidente pra ele. Ele escolheu seu Francisco Granjeiro.

Entreguei o registro pronto do centro pra ele, na véspera dele fazer a viagem dele. Por volta de umas sete horas da noite, eu entreguei nas mãos dele. Aí ele disse: “Compadre eu estou satisfeito, dei nome a quem não tinha.”



Ele foi e me repassou essa documentação depois de lida, dizendo que era pra eu guardar aqui até um dia.

No trabalho que nós fizemos pra ele, a gente entrava de dois em dois onde ele estava para não tumultuar. Era lá no quarto dele. Quando entrou eu e o Leôncio, ele foi e disse pro Leôncio que não inventasse moda e nem consentisse moda dentro do trabalho dele. A dosagem de daime de agora por diante seria meio copo. Acima de meio copo era por conta de cada um. Pra concentração de uma hora era aquela parte ali.<sup>4</sup> (João Rodrigues)

Constata-se assim que o estatuto e a ata do centro não foram frutos consensuais de uma discussão realizada pela comunidade e nem pela recém-formada diretoria. Representavam mais um arranjo estranho à comunidade, cujo principal objetivo seria assegurar uma documentação formal, mais do que explicitar os reais preceitos orientadores do Daime. Observemos outra entrevista de João Rodrigues, onde fica clara essa intenção de, através do registro e oficialização do centro, combater as maledicências de que sofriam os daimistas.

Eu tive um bate papo com ele na festa de aniversário. Ele faleceu em 1971. No dia 5 eu cheguei com a documentação do centro, toda registrada em cartório, prontinha mesmo. Primeiro eu cheguei, pedi bênção a ele, e por volta de 7 horas da noite ele me abençoou. Ele recebeu do José Vieira a cópia do estatuto em rascunho. Depois ele mandou, após o feitio de daime, a cópia para Luis Mendes do Nascimento ler.

Aí, Luis Mendes leu a cópia para todos os componentes que trabalharam no feitio de daime. Então ele perguntou uma coisa: "Tá bom?"

Eu já estava com a resposta: "O senhor é quem sabe, pra mim tá bom."

Ele passou pra mim e eu fui cuidar de registrar no cartório e no diário oficial. Tudo isso então, no dia 5 de Julho de 71, estava tudo pronto.

Assim, às 7 horas da noite pedi a bênção a ele, perguntei de sua saúde e ele me respondeu: "Só esse frio que esta me acruzando [atormentando]."

A comadre Peregrina estava assim do lado e tudo. Ela estava assistindo quando eu acabei de ler, ele disse: "Compadre eu estou satisfeito, dei nome a quem não tinha."



O pessoal maculava muito a imagem do daime. A maneira de se expressar foi muito visível. Agora certamente registrado, legalizado, não havia mais porque tanta mácula. Ele disse:

“Guarde consigo até um dia.”<sup>5</sup> (João Rodrigues)

O estilo empregado por José Vieira na redação do estatuto do Daime (ver em Anexo G: o estatuto) é pouco usual, mesmo para os padrões formais empregado na época. O texto escrito por ele é de um estilo prolixo e denota uma pseudo-erudição bacharelesca que deleita em utilizar palavras pouco usuais (ex: provectos, benemérito, salazes, protervos etc...) e neologismos estranhos, como polideliça em lugar de “daime”. Resultava em uma leitura maçante e muitas vezes obscura. O que mais nos chama a atenção nesse estatuto é o conteúdo, muitas vezes incongruente com os códigos culturais observáveis na comunidade e com o pensamento de Mestre Irineu. Nele encontramos muitas em dinheiro por ofensas, punições estendidas a familiares e um grande número de citações bíblicas, com capítulos e versículos. Esse estilo de referência era completamente alheio ao pensamento e às práticas de Mestre Irineu, pois, diz-se que, apesar de respeitá-la, ele jamais fazia citações da Bíblia e que nem mesmo costumava deixar o Livro na mesa do salão de ritual. Vejamos depoimento de João Rodrigues a respeito desse tema:

O Mestre Irineu nunca foi homem de ler e ficar guardando na mente dele capítulos e versículos da Bíblia, mas, uma coisa ele guardou consigo e não cansava de repetir: “Da Bíblia eu tirei dois mandamentos, pra nós amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo com a si mesmo. Diz tudo, se a gente fizer isso aí, está entregado a ela toda.”

Essa foi a história que eu ouvi da boca dele. Jamais ele blasfemou da religião, de ninguém, principalmente da Bíblia, porque ele comparava: “O meu Cruzeiro tá cortando a Bíblia de fio a pavio, comparem.”

[...] Ele não esta desfazendo nada da Bíblia não. Mas, ele nunca usou a Bíblia em cima da mesa, não.<sup>6</sup> (João Rodrigues)

Acreditamos que o cristianismo encontrado na doutrina do Daime tem origem em uma interpretação própria de Mestre Irineu a respeito das manifestações do “catolicismo popular” às quais teve acesso, mescladas





com traços espíritas e esotéricos. É observável que a doutrina religiosa de Mestre Irineu fundamenta-se na memória oral e musical, sintetizada nas mensagens de seu hinário, igualmente a outras manifestações do catolicismo popular. No seu hinário podemos encontrar referências fragmentárias a personagens bíblicos como Jesus, Maria, José, Salomão e Samuel, ao lado de personagens de outras cosmologias: Curupiriquá, BG, Princesa Soloína, Papai Paxá, Papai Velho, Mamãe Velha. Além desses variados personagens, coexistem no hinário de Mestre Irineu fragmentos de princípios interpretativos do esoterismo do CECIP e outros elementos poéticos de louvação a Deus. De toda forma, não vem ao caso, nesse momento, fazermos uma análise completa de todos os elementos fragmentários emprestados de outras cosmologias e agregados por Mestre Irineu à sua doutrina. O que nos cabe afirmar é que o estatuto de José Vieira utilizava códigos e preceitos distantes do universo do Daime. Provavelmente para atender a fins formais e burocráticos de registro junto ao estado. Portanto, deixa de representar adequadamente os princípios do Daime, sendo somente uma espécie de símbolo de existência e legitimação formal da doutrina.

Existem até versões, comentadas de maneira reservada na comunidade, segundo as quais Mestre Irineu teria ficado desgostoso com esse estatuto e teria afirmado a Francisco Granjeiro que esse estatuto era para ele “uma machadada em seu pescoço”, ou seja, ele o sentia como uma violência contra suas posições. Mas não se tem clareza sobre qual era a parte do estatuto que lhe desagradava e nem se esse seu sentimento foi despertado antes ou depois de seu registro em cartório. O mais provável é que, perante o documento, tenha sentido o mesmo estranhamento dos outros daimistas, em relação às suas reais práticas e vidas.

Conversando com antigos seguidores, levantamos algumas hipóteses, impossíveis de confirmar, sobre quais seriam os itens que ele poderia considerar mais em desacordo com seus princípios. Entre eles estariam os seguintes:

Art. 58 Terá suspensa a função ou cargo por cerca de 1 ano o titular em atividade, cujo desempenho se tome atentatório aos princípios da entidade ou que sem razão plausível deixar de comparecer a 3 sessões seguidas ou ainda que em seus impulsos se opuser às diretrizes



legalmente constituídas. Parágrafo único. Os familiares dos filiados serão passíveis de penalidades menores nos casos de incidência.

Art. 59 Internamente constitui falta grave ofender a dignidade ou os brios do mestre Imperador, do mestre Imediato ou de qualquer membro da entidade e externamente às autoridades civis, religiosas e militares. § 1º Penalidade do 1º e 2º caso: suspensão do veículo divino de 1 a 6 meses conforme a honorabilidade do ofendido e o caráter ofensivo arrazoado. § 2º Nas reincidências a punição se fará em dobro, podendo no 1º caso, se o infrator postular, ser comutada a suspensão em multa que vai de 10 a 30 mil cruzeiros conforme a honorabilidade do ofendido com atenuante, se ambas as partes foram litigantes.

Art. 60 É passível de pena ostensivamente transmitir a estranhos profanos as comunicações astrais recebidas, expondo-as à frivolidade e à execração. Parágrafo único. A penalidade no caso varia de 1 a 3 meses de suspensão do veículo divino ou multa de 5 a 15 mil cruzeiros. (ver em Anexo G: o estatuto).

Nesses artigos, ele teria desaprovado a imposição de penalidades não só aos infratores de regras, mas também aos seus familiares. Além disso, teria discordado da aplicação de multas em dinheiro. Mas a própria existência do estatuto já gerava desconforto, ao buscar enquadrar de maneira burocrática a liderança do Daime, que até então emanava de maneira espontânea do poder carismático incontestado de Mestre Irineu. Sabendo-se das disputas de poder que iriam afligir a comunidade após o desaparecimento do seu líder carismático, parece significativo que algumas das principais objeções ao novo estatuto estivessem voltadas contra a criação de uma diretoria para substituí-lo em questões de comando. É compreensível que isso gerasse ciúmes e inquietude entre aqueles que se sentiam preteridos na constituição da nova diretoria ou entre os que, ligados a Mestre Irineu por sentimentos de lealdade de ordem pessoal, não estivessem dispostos a aceitar uma posição subalterna em relação aos outros seguidores do líder.

Porém, como ocorre frequentemente em casos desse tipo, os argumentos usados eram de ordem mítica. Assim lembrava-se que Mestre Irineu teria recebido a doutrina da própria Rainha da Floresta (Virgem Mãe ou Clara), e que um dos pedidos dela para Mestre Irineu, antes de conceder-lhe



a “dádiva” de se tornar o “maior curador do mundo”, era que ele não ganhasse dinheiro com a bebida. (NASCIMENTO, 1992, p. 15) Assim, para uns, a existência do estatuto implicava na formação de uma diretoria, onde inevitavelmente deveria haver um tesoureiro, que estaria ligado a dinheiro. Para eles, estas conexões estariam em desacordo com o pedido da Rainha a Mestre Irineu. Vejamos os relatos sobre as questões contraditórias de arrecadação, e a formação do estatuto na comunidade:

Primeiro eles criaram lá um sistema pra arrecadar fundos, fizeram um brisaque [saquinho de pano] e ia passando pelas pessoas, p’ra elas irem contribuindo. Foi o primeiro sistema que eles criaram. Aí, padrinho Mestre Irineu viu que um camarada fez que ia colocar dinheiro dentro, aí, fez foi tirar o dinheiro que tinha dentro. Aí, padrinho Irineu disse que não estava criando uma escola de ladrão, de roubo, aí, acabaram com isso.

Aí, levaram essa idéia de fazer essas fichas, e cada pessoa que fosse tomar daime comprava a ficha que era 50 centavos naquela época. O padrinho Mestre Irineu disse que aqui não era mercado. Ele não aceitou isso, mas, para não ficar contra, já que não tinha outro meio de arrecadar, aí, padrinho Mestre Irineu deixou. Ele mesmo comprava a ficha dele pra tomar daime. Ele foi o primeiro que comprou a ficha. Quando chegava dia de trabalho, ele comprava a ficha dele, botava no bolso.

Às vezes muita gente chegava e não tinha dinheiro pra comprar ficha e ele comprava e dava pras pessoas. As pessoas chegavam lá e diziam que não tinham dinheiro, aí, ele chegava e dava. Já levava um dinheiro trocado no bolso e as pessoas chegavam e diziam que não iam tomar daime, porque não tinha dinheiro pra comprar ficha, ele puxava o dinheiro e dava pras pessoas comprarem as fichas [...].

Antes desses sistemas, ele falava pras pessoas contribuírem com o que pudessem. Um levava 1 kg de carne, outro 1 kg de jabá, outro podia levar o dinheiro pra comprar. Aí, depois que veio esse negócio da associação, da filiação, das pessoas ficarem pagando mensalidade, mas isso foi depois do padrinho Mestre Irineu morrer. Foi uma coisa que inventaram, ele era contra essas coisas. Ele preferia que as pessoas



doassem sem ser preciso nem falar, mas, não é todo mundo que tem essa espontaneidade de chegar assim e dar pra ajudar, às vezes, pedindo, as pessoas não querem dar.<sup>7</sup> (ValcÍrio Granjeiro)

Quando fizeram o São João, de noite, eles se juntaram lá com o padrinho [Mestre Irineu] e seu Leôncio. AÍ, arranjaram uma ficha e levaram pro mestre pra ver o que ele dizia. AÍ, o Zé das Neves, que era o conselheiro, disse: "Ora Mestre, compadre, nós inventamos uma ficha aí porque o pessoal não quer ajudar. AÍ, compra a ficha ali na mesa e vem tomar o daime e deixa o dinheiro lá."

AÍ, o mestre disse: "É rapaz, façam do jeito que vocês quiserem."

Mas ele não combinou e nem mandou ninguém arrumar as fichas. Foi eles que inventaram. O Mestre só disse que era pra eles fazerem do jeito que quiserem, mas, ele não combinou nem mandou.

AÍ, pegaram a ficha e vendiam pra todo mundo, pra seu Leôncio, pro padrinho. Quando acabaram, ficaram falando porque vendiam daime. Mas se eles venderam pro padrinho? O padrinho pra tomar daime, se não tivesse um amigo pra comprar e dar a ficha a ele. Mas, de todo jeito era comprado o daime dele, era ou não era? Era dado pra ele, mas, de toda maneira, saiu dinheiro do seu bolso que comprava ficha pra ele, se fosse eu, era a mesma coisa.

[...] Um pouco antes, quando eu entrei na igreja, tinha aquele saquinho. [...] Foi antes da ficha, era pra ajudar, pra fazer o daime. Mas, tinha gente que botava um tanto e tirava outro de dentro da sacola.

Nesse tempo, não tinha mensalidade não, porque se houvesse mensalidade, tinha de haver diretoria e o padrinho tinha um compromisso com a mãe dele de não falar em dinheiro. Porque no próprio centro em que existe a mensalidade tem de haver uma diretoria. E a diretoria parte pelo tesoureiro, e o tesoureiro luta com o dinheiro. Então o padrinho tinha um compromisso com a mãe dele pra não falar em dinheiro, curar todo mundo sem falar em dinheiro. Mas por causa da ficha, foi que formaram a diretoria, aí é que teve o estatuto, e se tem o estatuto, tem diretoria.<sup>8</sup> (João Nunes)

Segundo o relato acima, o desgosto de Mestre Irineu seria devido à existência do próprio estatuto. Mas, devemos nos lembrar que, nesta época,



quando o falecimento do líder parecia próximo, o clima de rivalidade entre seus seguidores já era bastante marcado e discussões sobre formalidades desse tipo provavelmente refletiam as fissuras e tensões devidas à competição que se instalava para decidir quem seria o próximo líder.

Pelos relatos de que dispomos, Mestre Irineu estaria dividido entre um sentimento de alegria pela legitimação do seu culto, “de dar nome a quem não tinha”, e o desgosto pela burocratização que, como possivelmente intuísse, não seria capaz de evitar as disputas de poder que ameaçavam cindir a comunidade após sua morte. Talvez também percebesse essa formalização da distribuição de responsabilidades dentro do centro como uma ameaça ao poder soberano que até então detivera e cuja abrangência era claramente refletida no seu título de Mestre Império ou Imperador. Essa seria uma possível explicação para o longo adiamento que impusera à institucionalização de seu centro. Lembramos que a entrega do estatuto só foi feita um dia antes de sua morte, por João Rodrigues (Nica), às sete horas da noite. Não podemos também esquecer o grande desconforto que sofria, devido aos seus graves problemas de saúde, em si já uma boa causa para desgosto.

O trâmite formal do registro do Centro de Iluminação Cristã Luz Universal (CICLU) exigiu a elaboração de uma ata da assembleia geral convocada para formar uma diretoria, que aconteceu em 27 de janeiro de 1971, e outra, para a aprovação do estatuto, no dia 20 de abril de 1971 (ver foto do registro do estatuto no fórum de Rio Branco). Não se sabe ao certo em que dia este foi encaminhado e nem o dia que foi publicado no Diário Oficial. Mas, segundo os relatos existentes, deve ter sido pouco antes do falecimento de Mestre Irineu, que ocorreu no dia 6 de julho de 1971. De toda maneira, dado o seu total alheamento das reais práticas e concepções vigentes entre os membros da comunidade, esse estatuto nunca foi efetivamente implementado. Posteriormente, após uma série de desavenças internas, que acabaram por levar à fragmentação do grupo original e à constituição de novos centros, esse texto foi abandonado e substituído por novos estatutos, mais adequados.



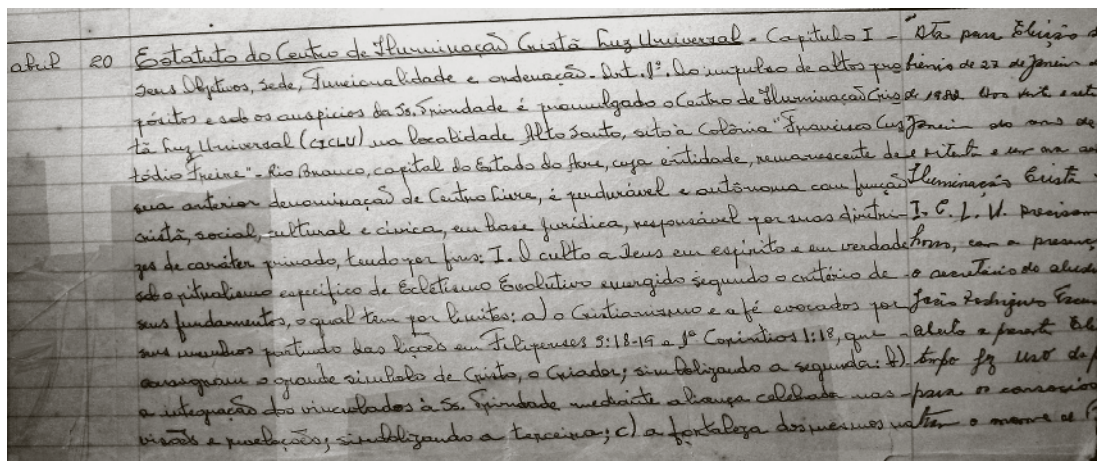


Figura 83 Registro do Estatuto no Fórum de Rio Branco.

## A Passagem do Mestre

Fala-se que, meses antes de sua morte, Mestre Irineu recebeu presságios da iminência de seu fim. Diz-se que foram comunicações de sua guia espiritual, a Rainha da Floresta, avisando-o de que o dia de sua “passagem” estava próximo. Segundo D. Percília Ribeiro (CARIOCA, 1998, p. 39), ele teria recebido após seu aniversário, por volta dos dias 17 ou 18 de dezembro de 1970, a primeira dessas comunicações, na forma do hino 129 – Pisei na Terra Fria. Nessa época, os seus seguidores vinham acompanhando a piora de sua saúde e, ao ouvirem o novo hino, entraram em estado de tristeza profunda, muitos até caindo aos prantos, temendo o pior. Paulo Serra comentou sobre o recebimento do hino 129 – Pisei na Terra Fria:

Quando ele teve um problema, aí ele recebeu esse hino. Todo mundo chorava, aquela confusão medonha e tal. Aí, que ele disse: “Pediram a minha volta e eu voltei e tal [...]”

Pensei, aí, depois ele recebeu “Terra Fria”. Eu cheguei assim, e disse: “Papai esse hino não tá indicando que o senhor não vai fazer a sua passagem não?”



Ele disse: "Não, não é assim não, se fosse não tava a tempo não!"

Eu disse: "Não senhor, não tá não, não papai, se for assim eu vou me embora."

Ele disse: "Não meu filho eu ainda vou viver muito. Se Deus permitir, vou buscar os cem anos."

Aí, eu me tranqüilizei, né?<sup>9</sup> (Paulo Serra)

### 129 - PISEI NA TERRA FRIA

(Mestre Irineu)



Pisei na terra fria,  
E nela eu senti calor.  
Ela é quem me dá o pão,  
A minha Mãe, que nos criou.

A minha Mãe, que nos criou  
E me dá todos os ensinios,  
A matéria eu entrego a Ela  
E meu espírito ao Divino.

Do sangue das minhas veias  
Eu fiz minha assinatura.  
Meu espírito, eu entrego a Deus,  
E o meu corpo, à sepultura.

Meu corpo na sepultura,  
Desprezado no relento.  
Alguém fala em meu nome,  
Alguma vez em pensamento.



Assim, dias depois do recebimento do hino, Mestre Irineu viu-se obrigado a convocar uma reunião para apaziguar o sofrimento dos seus seguidores. Segundo Wilson Carneiro, ele chamou uma reunião e esclareceu: “Esse hino não é só para mim, é para todo mundo, todo mundo que nasce morre”. (CARIOCA, 1998, p. 39)

Refletindo a notória tensão, então existente, entre a Igreja Católica e o Daime, dizia-se que, quando chegasse um padre na sede de trabalhos do Daime, faltariam poucos dias para ele “se ausentar da matéria”. Segundo Júlio Carioca, membro da diretoria do CICLU:

Um dia o Mestre Irineu me chamou e disse que sua professora havia lhe dito que um dos avisos que ela lhe daria quando estivesse perto dele fazer sua passagem era a presença de um padre na sua sede.<sup>10</sup> (CARIOCA, 1998, p. 39)

Portanto, quando, na segunda quinzena de junho de 1971, depois do festejo de São João Batista (o último hinário oficial do qual Mestre Irineu participou), ao despontar de uma bela tarde, apareceu no portão de Mestre Irineu Padre Pacífico, acompanhado de duas freiras, a visita foi recebida como portentosa. Júlio Carioca estava presente na hora e diz ter ouvido Mestre Irineu exclamar: “Que tempo é esse? minha mãe!”. (CARIOCA, 1998, p. 39)

De imediato, ele teria se lembrado do aviso que sua guia tinha lhe feito. Comenta-se que ele recebeu muito bem o padre e as duas freiras. Antigos seguidores falam que ele ficou conversando com o padre, enquanto D. Peregrina e Lourdes Carioca atendiam às freiras. O padre pediu a Mestre Irineu permissão para assistir a um ritual do Daime e Mestre Irineu de imediato aceitou, marcando a ocasião para o dia 14 de julho, aniversário de D. Peregrina. Esse trabalho seria um misto de apresentação para os padres e um presente para D. Peregrina. Segundo Júlio Carioca:

Assim que eles saíram, seu Mestre Irineu me chamou e disse: “Júlio, amanhã você vai à cidade e avise a todo mundo que dia 14 o fardamento é branco, para esta apresentação ao padre.”  
Mestre Irineu complementou: “Recebam eles com todas as honras.” (CARIOCA, 1998, p. 39)





Considera-se que essas suas palavras finais para Júlio Carioca já prenunciavam o que estava para acontecer. Seria uma maneira de Mestre Irineu dar a entender que não estaria mais presente. Logo depois, perguntaram a Mestre Irineu se ele queria que fosse feito um trabalho no dia 30 de julho de 1971. Fala-se que ele aceitou. Nesse tempo, embora já tivesse passado a presidência dos trabalhos para Leôncio Gomes, diz-se que Mestre Irineu o advertira, de que ele iria assumir a direção dos trabalhos, mas que não quisesse ser chefe, pois a chefia ainda continuaria com ele, no "astral".

Arneide Cemin colheu um interessante relato anônimo da maneira em que Mestre Irineu preparou Leôncio Gomes para assumir a função, submetendo-o a uma fortíssima experiência com o daime, que parece remeter ao antigo costume dos ayahuasqueiros indígenas de ocasionalmente tomar a bebida em busca de fortalecimento. Percebe-se, no decorrer da descrição desse evento, como apesar de estar passando o comando dos trabalhos ao seu seguidor, Mestre Irineu mantém a sua preponderância sobre ele.

Leôncio Gomes, quando foi pra preparar de receber o cargo de presidente, que o velho [Irineu] já tava preparando ele já sabendo da partida que ele tinha de fazer, Leôncio passou de nove horas da noite até três horas da madrugada. Tinha tomado meio copo de daime, passou de nove horas da noite até três horas da madrugada, dizendo que ele não era ninguém, que ele agüentava, e "pei", "pei".

E o Mestre de lá [de sua casa] preparando ele, levando ele no ponto que ele haveria de chegar. Quando deu três horas da madrugada, disse: "Agora ele já tá preparado, traz o Leôncio de lá pra cá".

Ele tava no paiol, jogado lá, e a turma lá, agüentando com ele, os auxiliares ali pra não deixarem ele enfraquecer mais. Aí vem trazendo o Leôncio como quem vem trazendo um paralítico, uns agarrados de um lado e outros agarrados do outro, arrastando o Leôncio até que chegou na presença do Mestre sentado na cadeira dele, na poltrona dele, sentado lá e olhando.

No que o Leôncio veio, jogou-se nos pés do Mestre Irineu dizendo: "Me acuda, meu chefe".

Mestre Irineu botou a mão na cabeça dele e disse: "Levante!"

Leôncio levantou que parecia que nunca na vida dele tinha tomado daime.

Isto eu vi também, a preparação do compadre Leôncio.

Disse: "Levante, que fraqueza é essa?"

Leôncio levantou, parecia que nunca tinha tomado daime, desde nove



horas da noite que tava sofrendo, na preparação que ele achava que não dava conta do recado, até três horas da madrugada.

Chegou lá, ele disse: "Levante!"

Leôncio levantou-se, preparado pra todos os efeitos. Isso eu vi. (CEMIN, 1998, p. 121-122)

De acordo com outro relato, depois da concentração do dia 30, Mestre Irineu perguntou se alguém tinha visto o seu enterro. Embora a maioria dissesse que não, seu filho Valcírion<sup>11</sup> teria visto seu pai num caixão, mas ficou calado. Mestre Irineu disse então que havia visto a Virgem Soberana Mãe, a Rainha da Floresta, e que esta havia declarado: "De hoje em diante, você é o chefe geral desta missão". Comenta-se que foi nesse momento, após cinquenta anos de trabalho, que ele teria finalmente recebido o "comando no astral" (o que seria uma espécie de grau espiritual eternizado; na linguagem da encantaria maranhense "virou encantado"). "Você é o chefe. No céu, na terra e no mar. Para todos os efeitos. Todo aquele que se lembrar de você e chamar por você, de coração, e confiar, receberá a luz". Nessa mesma concentração, um pouco antes de receber o comando no Astral, Mestre Irineu disse que tinha encontrado o seu remédio. E disse também que iria ficar bom e que seu remédio "tinha em todo canto". Hoje seus seguidores consideram que o remédio sobre o qual falava era a terra, significando a sua morte. D. Percília Ribeiro comentou sobre isso:

Nessa época, houve um pedido da irmandade para que o Mestre ficasse. Nós perguntamos e ele chegou a contar: "Eu não sinto dor. Eu não sinto fome. Eu não sinto nada. O que eu sinto é não ter para quem entregar o meu trabalho. E saudades de vocês. Eu sinto uma saudade tão grande de vocês que é isto que está me abatendo."

Ele, com certeza, estava sabendo de sua passagem e sabia que a maior parte não estava preparada. E não era por falta de ensino. Todos sabiam que, quando precisassem de algo, era só correr e perguntar ao Mestre. Todos achavam que nunca haveriam de ficar sem ele. Ele foi se abatendo, se abatendo... já não mais comia carne. Disse que o organismo dele não mais aceitava essas coisas. E a gente vendo ele se abater. Perto do dia 30 de junho de 1971 perguntei para ele: "O senhor não gostaria de uma Concentração para melhorar sua saúde?"

"É bom! Então vamos fazer. Chame o pessoal mais próximo."

Mas, dias antes dessa Concentração, ele já tinha chamado o Leôncio Gomes e entregado a direção dos trabalhos: "Leôncio, você vai tomar a



direção dos trabalhos. Você não vai ser chefe. A chefia é comigo mesmo. Mas fique aí para receber as pessoas, para ensinar a Doutrina e tudo bem. Escute o que estou dizendo, não faça mais do que eu estou lhe entregando. Porque, se alterar alguma coisa, você não vai resistir."

No dia 30, nos reunimos para a Concentração. Quando terminou, ele perguntou para o povo: "Quem foi que viu o meu enterro?"

As pessoas disseram que não tinham visto nada. E ele falou que tinha recebido um remédio e que ia ficar bom.

"E que remédio é esse, Mestre?"

"É um remédio que tem em todo canto."

Continuou. "Eu cheguei num salão onde tinha uma mesa ornada, toda composta, com as cadeiras em seu lugar. Só tinha uma cadeira vazia: a da cabeceira."

Foi aí que a Virgem Soberana Mãe chegou ao lado dele e disse: "De hoje em diante, você é o chefe geral desta missão."

Depois de 50 anos de trabalho é que ele foi receber o comando. "Você é o chefe. No céu, na terra e no mar. Para todos os efeitos. Todo aquele que se lembrar de você e chamar por você, de coração, e confiar, receberá a luz."

Isso foi no dia 30 de junho de 1971. No dia 06 de julho, ele foi embora. E a história do remédio é a terra, que se pisa em cima. Ele não foi para debaixo da terra? E ninguém entendeu. Ele não disse que tem em todo canto? É a própria terra [...]. Outro pai ninguém encontra. (SILVA, P., 1992, p. 9-10)

Comenta-se que, mesmo ciente da iminência de sua "passagem", Mestre Irineu preferiu não dizer nada para seus seguidores. Diz-se também que sua guia espiritual lhe dissera que a escolha do dia em que deveria fazer sua "passagem" estava em suas mãos. Observemos o depoimento abaixo de João Rodrigues sobre este tema.

Um dia ele disse pra mim que ele ia se perpetuar. Tanto que, quando chegou a notícia que ele tinha falecido, eu estava achando que era mentira de quem chegou dizendo. Mas, na realidade foi verdade. Depois eu fui juntar os pingos nos i. Ele me disse na realidade que estava fazendo a viagem, mas [...]. Mas, eu não peguei direitinho. [...] Eu perguntei a ele antes (do dia da concentração) qual era o estado de saúde dele. Ele disse: "Estou bem compadre."

"Está bem mesmo padrinho?"



“Estou.”

“Mas, tá bem mesmo padrinho?”

Eu insisti um pouquinho. Ele disse:

“É compadre, só esse frio que está me acatruçando um pouco. Mas a minha cura está em minhas mãos. A minha mãe me disse que botou em minhas mãos. A hora que eu quiser fazer a minha passagem eu faço. Não vai demorar muito não.”

Mas eu não fazia idéia que seriam oito dias depois, ou melhor, sete. Nós fizemos o trabalho em uma quarta e ele foi, na terça, então, deu sete.<sup>12</sup> (João Rodrigues)

Na manhã de segunda-feira, dia 5 de julho de 1971, D. Percília Ribeiro passou na casa de Mestre Irineu, como sempre fazia. Ele estava alegre, bem disposto, não dava sinais que estaria prestes a falecer e pediu a D. Percília que ela ficasse mais um pouco. Ela atendeu a seu pedido e ficou com ele até cerca das três da tarde. Parecia-lhe que ele estava realmente bem e, assim, ela finalmente resolveu se despedir dele, pedindo-lhe a bênção. Ao sair, Mestre Irineu, de uma maneira que não era de seu costume, lhe fez a recomendação que fosse muito feliz. Segundo ela contou:

Todo dia quando eu saía daqui, ia lá. E, se não fosse, ele reclamava. Nesse dia eu fui. Ele estava alegre. Parecia não estar sentindo coisa nenhuma. Conversava e contava história. Fiquei um tempo por lá e disse que ia voltar para casa para fazer o almoço. Ele disse: “Você não vai não. Você tá com fome?”

Chamou a menina para botar o almoço na mesa. “Você não vai agora não. Quero conversar com você.”

Ele estava na maior alegria, contando tudo! Eu pensei: “Graças a Deus! Ele está bom!”, e disse para ele:

“Amanhã eu vou à rua, pois vou receber.”

“Vá. Pode ir.”

Quando deu três horas da tarde, ele disse:

“Se você quer ir pra casa agora, pode ir.”

Aí, eu tomei a bênção e ele fez uma recomendação como nunca tinha feito antes. Não entendi nada. Eu o vi ele tão alegre que não suspeitei de coisa alguma. Ele me recomendou que eu fosse muito feliz. Saí tranqüila e satisfeita. Ele era como meu pai, pois foi quem me criou. (SILVA, P., 1992, p. 9-10)



João Rodrigues (Nica) esteve também com Mestre Irineu nessa segunda-feira, por volta das 19h30min, para lhe entregar a documentação do centro, devidamente registrada no livro de pessoas jurídicas do Fórum da Comarca de Rio Branco. Foi seu último encontro com o velho líder ainda em vida. Todos estavam preocupados e muito aflitos com a saúde de Mestre Irineu e uma “Comissão de Cura” havia programado realizar, na quarta-feira dia 7 de julho de 1971, a terceira sessão de um trabalho que estava sendo realizado em seu benefício. Assim, ainda no dia cinco, seu filho de criação, Paulo Serra, passou em sua casa, depois que João Rodrigues tinha saído, para ver se ele precisava de alguma coisa. Mestre Irineu o tranquilizou como se nada estivesse para acontecer. Paulo Serra conta sobre suas últimas horas com seu pai de criação:

No início do ano de 1971, ele começou a sentir problema de rim, ele tomava remédio de farmácia pra fazer gosto aos outros. Mas o verdadeiro remédio dele mesmo era o daime. Aí, quando foi no mês de julho, eu já sentia ele meio cansado. Aí, no dia 5 à noite eu tive lá. Aí eu disse: “Papai, tio Leôncio quer que eu vá com ele no roçado, eu disse que não ia porque ia fechar um motor. O senhor está bem?”

Ele disse: “Tô.”

Porque todo dia eu ia lá. Quando eu não ia de manhã, eu ia na boqui-nha da noite. Todo dia eu tinha aquela obrigação. Eu disse: “Então tá, de manhã cedo eu venho aqui, porque vou fechar o motor do meu carro.”

Ele disse: “Tá bom.”

Eu disse: “O senhor tá bem?”

Ele disse: “Tô.”

No outro dia, foi que tio Leôncio me chamou. Eu cheguei, aí, ele não queria ir, mas queria que eu fosse. Aí, dona Maria me chamou dizendo que ele tinha feito a partida dele.<sup>13</sup> (Paulo Serra)

Na terça-feira dia seis, antes das nove horas da manhã, tudo parecia estar tranquilo. De repente, Otília (esposa de Daniel Serra, sobrinho do Mestre) e Maria Zacarias ouviram um barulho no quarto de Mestre Irineu. Era ele que agonizava e passava por uma crise de micção. Fala-se que



D. Peregrina levantara e estava fora do quarto. Chico Martins (antigo seguidor de Mestre Irineu casado com a viúva de Antônio Gomes, Maria Gomes) estava por perto e correu para acudir. Existem duas versões para esse momento: numa se diz que Paulo Serra foi chamado por Maria Zacarias e, de imediato, foi socorrer seu pai de criação. Nessa versão, fala-se ainda que ele, sentindo que Mestre Irineu ia fazer a passagem, botou-lhe uma vela na mão, segundo o costume local. Segundo relata:

Saiu o Nica, tio Leôncio foi pra lá, outro pessoal foi tudo pra longe de casa. Tio Leôncio me adulou pra eu ir buscar borracha. Eu não quis ir, eu tava montando o motor do meu jipe. Quando Maria Zacarias chegou, Zé Paiva disse: “Quem tá dentro de casa, vá tomando banho na cacimba lá em baixo.”

Aí, a Maria Lourdinha chegou e disse: “Compadre, o Padrinho, o padrinho compadre, o padrinho.”

Eu tava só com uma bermuda, só fiz pegar a camisa, botar no ombro. Quando acabei de vestir a camisa, tava lá dentro do quarto dele. Ele levantou-se da rede foi pra cama, da cama veio pra rede, não deu certo, foi pra cama. Quando ele veio pra rede aqui assim, ancorei ele no ombro, aqui eu já senti peso. Levei para a rede. Ele passou perto de mim, aí, eu olhei no olho dele, já vi diferente. Olhei pro armário tinha uma vela assim, botei na mão dele. Chico Martim chegou, e o segurou, aí, ele deu o último suspiro [...].<sup>14</sup> (Paulo Serra)

Os relatos em que nos baseamos para escrever este livro muitas vezes se revelam incongruentes. Isso se deve, em grande parte, à natureza fluida de recordações evocadas longo tempo após os eventos lembrados e que não podem deixar de se contaminar pelos significados que lhes são atribuídos posteriormente. Passado tanto tempo, a nós, atualmente, somente nos cabe registrar as diferentes versões. Assim, diversas pessoas dizem ter estado presentes nos momentos finais de Mestre Irineu, enquanto outros contestam suas afirmativas. Existem, por exemplo, outras versões desse episódio, segundo as quais Paulo Serra não teria estado presente e Mestre Irineu estaria deitado numa rede quando sofreu a crise urinária seguida por um infarto. Fala-se que, nesse instante, Mestre Irineu se levantou da



rede, ficou em pé e logo depois desfaleceu nos braços de Chico Martins, que o colocou novamente na rede, já sem vida. Comenta-se que ele estava suando muito, com um largo sorriso e lágrimas lhe caindo no rosto. Nesse momento, deram-se conta de que Mestre Irineu já não estava mais vivo (comunicação pessoal de Otília, esposa de Daniel Serra, que estaria presente na hora). Eram nove horas da manhã de terça-feira do dia 6 de julho de 1971. Nesta versão, diz-se que logo depois do seu falecimento Maria Zacarias, chamou Paulo para comunicar-lhe a morte de seu pai. De toda forma, o relato de Paulo Serra continua, narrando os momentos que se seguiram ao falecimento de Mestre Irineu.

[...] Aí, eu fui atrás de tio Leôncio, e fui atrás do senhor José das Neves (pai biológico de Paulo Serra). Fui avisar. Antes de ir atrás de José das Neves, fui ao Palácio avisar ao Dantinha (Wanderley Dantas) que era o Governador. Não queriam deixar eu entrar, que eu estava de bermuda. Aí, eu empurrei um pro lado, outro pra outro. O soldado pegou o meu braço, eu puxei ele pra frente, não sei aonde eu arranjei força. Foi quando eu dei a frente do Dantinha. Aí, ele disse: “Deixa o homem entrar, o homem esta em estado de desespero. O que é que está acontecendo meu filho?”

Eu disse: “Sua Excelência, eu vim avisar que Raimundo Irineu Serra faleceu.”

Ele disse assim: “Já pegaram o caixão dele para ele.”

Eu disse: “Não senhor, foi agorinha, agora, agora, tá com questão de uns dez minutos. Quero que o senhor ponha o anúncio na rádio, veja o que o senhor puder fazer.”

Ele disse: “Vou levar o caixão.”

Eu disse: “Então leve que eu vou atrás de senhor Leôncio.”

Fui atrás do tio Leôncio no quilômetro quarenta, da estrada de Porto do Acre. Trouxe ele e o deixei aqui. E fui atrás de Zé das Neves. Tudo bem, aí, eu fiquei pensando na minha vida. Se eu soubesse que era assim, não tinha vindo pra cá, mas tava escrito, né? Eu não sabia disso.<sup>15</sup> (Paulo Serra)



Jair Facundes, filho de João Rodrigues Facundes (Nica) manifesta suas dúvidas sobre esse relato. Em suas palavras:

Não é crível que um cidadão chegue, como narrado, num palácio de governo e “empurre” os guardas para os lados, e na força abra a porta do gabinete e informe algo. Quem avisou o governador e teve que passar, burocraticamente e sem recurso da força, pela guarda natural e tradicional que antecede todo gabinete de governador foi meu pai, como secretário que era e [...], foi ele também quem providenciou a parte burocrática, como consta na cópia do livro de registro de óbito [...].<sup>16</sup>

Após a morte de Mestre Irineu, a notícia correu rapidamente e a tristeza tomou a comunidade e as redondezas do centro. Em pouco tempo, a notícia ganhou dimensão. O radialista Mota de Oliveira, uma das últimas pessoas curadas por Mestre Irineu, anunciava seu falecimento nas ondas da Rádio Capital. A cidade de Rio Branco parava para ouvir a triste notícia. Os membros da irmandade do Daime que moravam na capital, eram golpeados pela notícia da perda. (CARIOCA, 1998, p. 41) Nesse dia, D. Percília Ribeiro tinha ido direto do Alto Santo para o centro de Rio Branco, como, no dia anterior, havia dito a Mestre Irineu que faria. Só veio a receber a notícia de seu falecimento quando estava em frente ao Palácio do Governo, conforme conta:

De tarde [começo da tarde], eu saí com Pedro. Fomos ao departamento de Finanças e lá, um amigo nosso, o João Lopes, perguntou sobre o Mestre. Ele era assessor do governador Wanderley Dantas e se dava muito com a gente. Tomava daime também. Respondi que o Mestre estava bem. Ele disse que o governador estava querendo visitar o Mestre, mas estava sem tempo. Saímos e quando chegamos em frente ao palácio, encontramos a esposa do seu Doca. Ela vinha amarela, com os cabelos assanhados. Foi logo dizendo: “O Mestre, meu Deus! O Mestre morreu!”

“Menina, que conversa é essa!”

Mas Deus me deu um conforto naquela hora e eu não acreditei. Pensei que ele pudesse ter tido uma agonia, um mal estar [...] Mas não! Eu saí de lá e ele estava bem. Ele não pode ter morrido!

“Mas é verdade. O filho do seu Wilson acabou de chegar de lá.”





Mas eu não queria acreditar. Desistimos de fazer as compras e passamos em frente ao mercado. Lá estava o maior burburinho, gente se movimentando, arrumando um carro para ir até a colônia. Pegamos um carro também. Parecia uma procissão. A notícia tinha se espalhado. Mas eu não acreditava, “Será que é verdade?” Passei em casa rapidamente e fomos para lá. Só acreditei quando cheguei. Ele ainda estava na cama. O suor derramando como se estivesse trabalhando muito [...]. (SILVA, 1992, p. 9-10)

Logo nas primeiras horas daquela manhã, foram tomadas as primeiras providências para seu velório. Foi possivelmente o dia mais triste da história da comunidade do Daime. O corpo do Mestre permaneceu em sua residência até ser vestido com a farda oficial. Na sede, os homens arrumavam os bancos e a mesa central para o ritual de velório e no local escolhido para o enterro foi dado o início à construção do jazigo, para que estivesse pronto para o dia seguinte. Todos os seguidores de Mestre Irineu foram convocados a trajar a farda oficial (branca). Em acordo, os homens resolveram homenagear o líder, colocando na farda a “Palma”, antigo adereço que tinha sido retirado recentemente. Daniel Serra (comandante do salão na época) teria sugerido a Leôncio que se formasse uma Guarda de Honra e este aprovou a ideia. Assim, um grupo de homens teria recebido o corpo de Mestre Irineu, segundo Daniel Serra, perfilado em forma de “V”, significando vitória. (Notamos, porém, que na figura 84 as filas masculinas aparecem como paralelas). O caixão foi colocado ao centro, coberto pela Bandeira Nacional. Comenta-se que essa homenagem com a bandeira dava a todos os presentes no velório a sensação de que se prestavam as honras a um “chefe de Estado”. Na cidade, o governo Wanderley Dantas divulgava nota de pesar pelo falecimento do grande líder. Quanto à cerimônia do velório de Mestre Irineu, o novo Presidente, Leôncio Gomes, havia convocado a todos os presentes para participarem da missa e da execução do Hinário O Cruzeiro na sede, com o corpo presente. A missa começou às quatro da tarde. O hinário O Cruzeiro foi executado sentado e cantado a capela sem instrumentos musicais e sem maracá. Segundo João Rodrigues Facundes (Nica), os hinos d’ O Cruzeiro foram cantados com intercalação das preces Pai Nosso, Ave Maria e Salve Rainha (comunicação pessoal de João Rodrigues Facundes dada em julho de 2008). Comenta-se que a emoção, o sentimento de dor e tristeza



eram visíveis por todo lado, principalmente durante a execução do hinário. Diz-se que os semblantes dos seguidores pareciam flutuar no vazio, atingidos por um acontecimento inesperado. (CARIOCA, 1998, p. 42)



**Figura 84** Foto do velório de Mestre Irineu. Esta ocorreu entre o final da tarde de terça-feira, dia 6 de julho, e o final da manhã de 7 de julho de 1971.

Fala-se que, durante a madrugada, os homens da guarda de honra já estavam exaustos. Segundo Daniel Serra, Leôncio Gomes, o recém-empossado Presidente do centro, comentou que eles já não aguentavam mais ficar em suas posições. Daniel Serra insistiu, dizendo que seriam somente mais algumas poucas horas e que possivelmente o Mestre estaria satisfeito com a disposição dos homens em saudá-lo na sua “passagem”, perfilados dessa forma (comunicação pessoal de Daniel Serra em janeiro de 2007). Ao amanhecer do dia 7 de julho de 1971, após as longas horas



em que se executou o hinário O Cruzeiro e se ouviu os discursos proferidos por autoridades e oradores do centro, foram tomadas as primeiras providências para organizar o cortejo que levaria o caixão de Mestre Irineu ao local do jazigo que ele havia escolhido. Somente então, no meio da manhã de quarta-feira, os homens que estavam perfilados ao caixão puderam deixar suas posições para seguir o cortejo fúnebre. Assim, tanto o velório quanto o enterro tiveram dimensões formais que lhe emprestavam um ar de solenidade oficial. As pompas do velório de Mestre Irineu se assemelhavam às de sepultamento de oficiais militares ou autoridades políticas. A cerimônia também se diferenciava daqueles de antigos seguidores seus já falecidos, uma vez que estes haviam sido velados sem os presentes estarem fardados.



**Figura 85** Foto do velório de Mestre Irineu na quarta-feira pela manhã do dia 7 de julho de 1971. Nota-se no agrupamento feminino a presença de fardadas do “Estado Maior”. Estas usam uma faixa em forma de “Y” nas costas. Este adereço, junto com uma maior quantidade de fitas pregueadas no ombro, foi o único indicador de patente diferenciada nas fardas do Daime que perdurou até o dia de hoje no Alto Santo.



Comenta-se que Mestre Irineu, desde a época em que estava casado com D. Raimunda, já falava abertamente sobre o local onde queria ser enterrado. Havia escolhido um terreno para seu jazigo, 200 metros à frente de sua casa, ao lado da residência de Leôncio Gomes. Mesmo assim, o local teve que ser preparado às pressas, enquanto ocorria o seu velório, segundo o relato de Paulo Serra:

O Mestre Irineu falou pra mim e pra minha mãe [Raimunda] onde ele queria ser enterrado. Eu tinha doze anos. Era um lugar que tinha um pé de cumaru ferro de um lado, e que só tava só um toco e um palheiro do outro lado. Ele tava fazendo as covas de milho pra plantar, que ele fazia as covas ali assim, uma cova aqui e outra aqui entendeu? Ele chegou ali, ficou em pé olhando um tempo.

Ele disse: "Raimunda e Paulo, quando eu morrer quero ser sepultado aqui. Raimunda, talvez você não esteja mais aqui, mais seu Paulo está."

Eu disse: "Papai que conversa é essa?"

Ele disse: "É, vai ser aqui. Vai passar a estrada aqui. Eu quero tá aqui, olhando pra quem passa de carro, ou, de pé. Todos vão passar por aqui."

Eu disse: "Que nada papai."

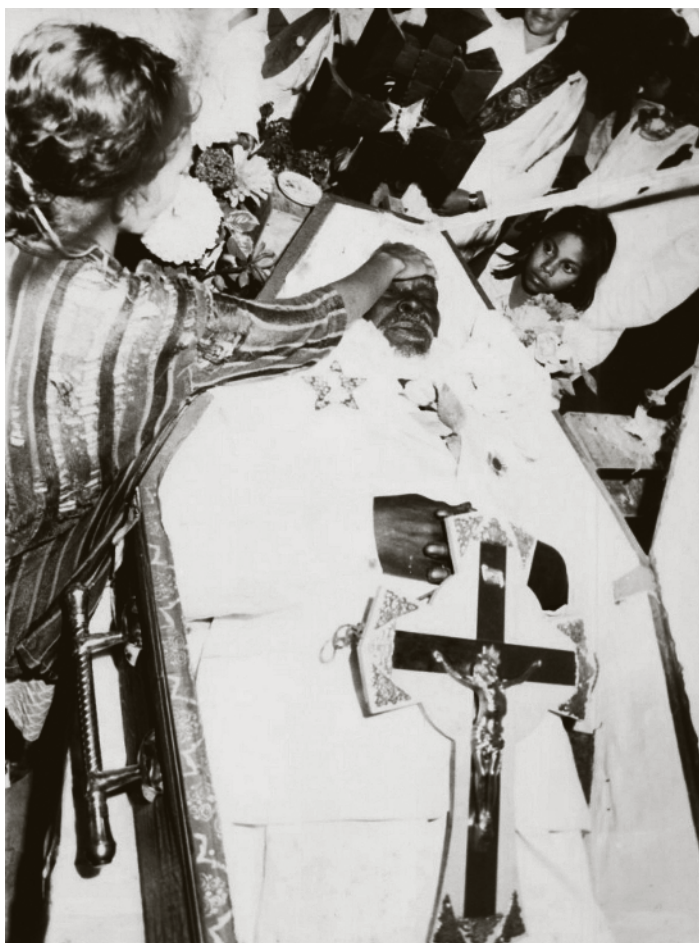
Ele disse: "É meu filho."

Eu disse: "Quando é que vai passar estrada aqui papai?"

Não tinha estrada não. Os carros antigamente vinham por dentro do Alberto Torres, até o terreiro dele, mas, só vinha mês de julho, agosto, setembro. Aí, depois já começava a dar uns pingos de chuva, ai já não vinha mais que era uma tabatinga doida.<sup>17</sup> (Paulo Serra)

Paulo Serra pediu ao Governador Wanderley Dantas<sup>18</sup> a autorização para enterrar seu pai no local escolhido por ele. Fala-se que o Governador já estava ciente da solicitação e logo autorizou a realização do enterro naquele terreno. O Governador enviou também a banda da Polícia Militar, fazer as honras e tocar no cortejo de seu amigo, na manhã da quarta-feira do dia 7 de julho de 1971.





**Figura 86**  
A despedida do  
Mestre. A menina na  
foto é Maria, filha de  
Daniel Serra.

No encerramento do velório, os seguidores de Mestre Irineu fizeram suas últimas despedidas na sede e, ao final da manhã, o caixão foi fechado e coberto com a bandeira do Brasil.<sup>19</sup> Em preparação para a saída, os presentes formaram duas filas, com os homens fardados de um lado e as mulheres fardadas, de outro. À frente das duas filas ia o caixão, carregado por seis fardados, entre eles Daniel Serra e Leôncio Gomes. Os visitantes que prestigiavam a cerimônia se agruparam em torno das filas, sem a preocupação de manter separados os homens e as mulheres, já que esta orientação se aplicava somente aos fardados.





**Figura 87**  
Saída do Cortejo  
da Sede do  
Centro de Mestre  
Irineu.

O caminho da sede até o terreno escolhido por Mestre Irineu tinha algo em torno de 800 metros. Todo o percurso foi acompanhado pela Banda da Polícia Militar, que seguia logo atrás do caixão, junto com o restante do cortejo, tocando marchas fúnebres. Um após outro, seguidores se revezaram segurando as alças do caixão. Mestre Irineu, com seus 1,98m de altura, pesava na época de sua morte algo em torno de cento e dez quilos.



Assim, seu caixão era enorme e pesado. Sabe-se que seu sobrinho Daniel Serra segurou a alça da esquife do começo ao fim do trajeto, mas isso não foi possível para Leôncio Gomes, cujo físico não era adequado para suportar por muito tempo todo esse peso. Calcula-se que, ao todo, cerca de 300 pessoas, entre amigos, conhecidos e seguidores, acompanharam o corpo de Mestre Irineu no cortejo fúnebre.



**Figura 88** Foto do cortejo fúnebre de Mestre Irineu. Da esquerda para a direita estão a seguintes pessoas: João Pedro, Leôncio (logo atrás ostentando no peito a estrela de cinco pontas), (?), Daniel Serra (sobrinho de Mestre Irineu), Zequinha (sobrinho de Mestre Irineu), João (homem negro ao lado direito por trás da primeira fila - filho de uma sobrinha de Mestre Irineu), Francisco Granjeiro, (?), (?), João Nunes (João do Rio Branco), Sebastião Jaccoud.

Antes do portão de entrada do terreno da sede do Daime havia uma estrada, com uma ladeira não muito íngreme, que levava ao local onde Mestre Irineu escolhera para ser enterrado. Esta passava ao lado do açude da sede. A figura 89 mostra o cortejo antes de subir essa ladeira.



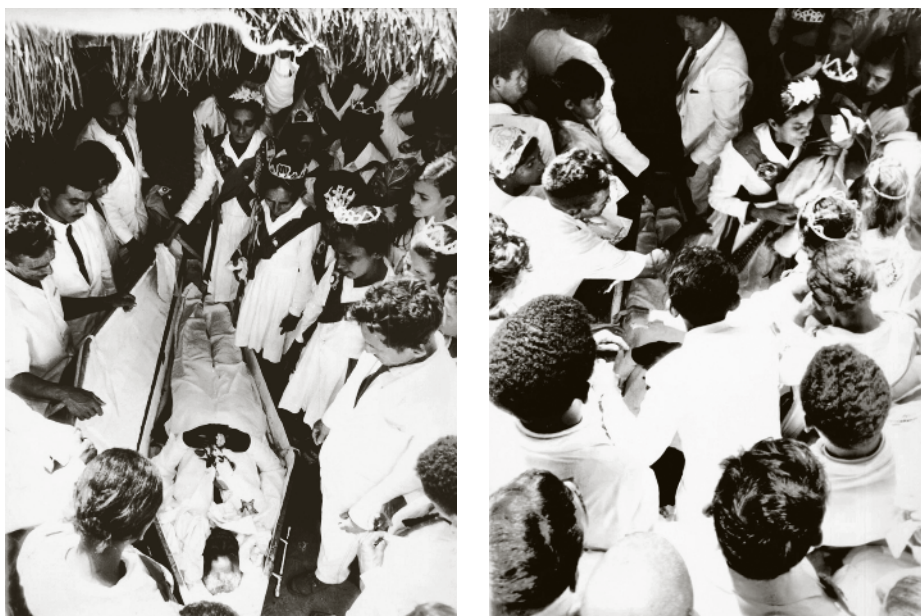


Figura 89 Cortejo passando ao lado do açude no início da subida da ladeira.

Finalmente, chegou-se ao local escolhido, ao lado da residência de Leôncio Gomes da Silva, atualmente também enterrado lá, junto ao Mestre Irineu. Ao final das marchas fúnebres, o corpo de fardados cantou os Hinos Novos, fala-se que com o acompanhamento da Banda da Polícia Militar. De forma geral, todos, tanto os adultos quanto as crianças, choravam pela perda. D. Peregrina Gomes Serra, acompanhada de Zulmira, sua mãe e de seus irmãos: Raimundo Gonçalves, Heloisa, Benedita, Jovita e Joca, recebiam os pêsames das autoridades, amigos e admiradores do líder. Ela mostrava sentir, mais que todos, a profunda perda do seu grande companheiro, conselheiro, amigo e esposo. Mestre Irineu vivera treze anos a seu lado. Embora não tenham nascido filhos dessa união, Mestre Irineu havia trazido os seus filhos de criação, Paulo Serra e Marta Serra, para o convívio do casal. D. Peregrina era bem mais jovem que seu marido e se tornava viúva aos 33 anos de idade. Comenta-se que ela, em seu íntimo, sabia que era muito provável que fosse vê-lo partir primeiro, mas, que não imaginara que seria naquele dia. Tão grande era a comoção, que o orador, Luiz Mendes do Nascimento, chegou a desmaiar sobre o caixão fechado. (CARIOCA, 1998, p. 42) Abaixo vemos fotos desse momento de dor de D. Peregrina Gomes Serra e outros seguidores mais próximos de Mestre Irineu.







Figuras 90A e 90B Fotos da última abertura do caixão no terreno escolhido por Mestre Irineu antes de pô-lo no jazigo.

O esquife foi colocado no jazigo, envolta pela Bandeira Nacional. A irmandade, comovida, dava adeus ao seu Mestre, após 40 anos de devoção e fé que marcaram a implantação da Doutrina da Rainha da Floresta em Rio Branco. Após o enterro, cansados e desolados com a falta de seu Mestre, todos voltaram para suas casas.

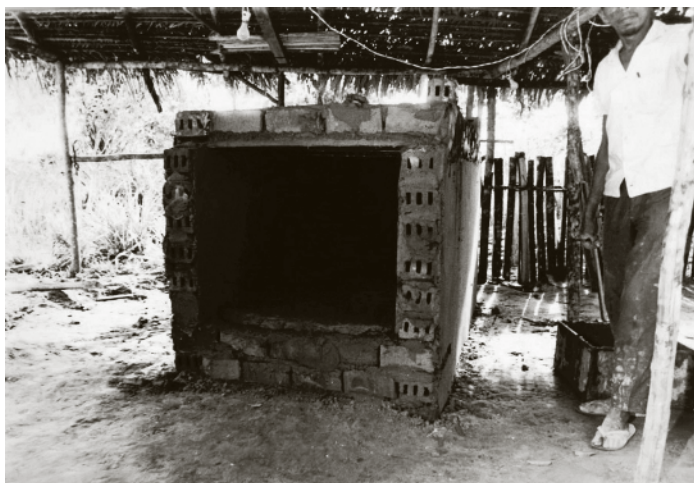
Aquele momento tornar-se-ia inesquecível para muitos de seus admiradores, seguidores e amigos que estiveram ali presentes. Encerrava-se então toda uma história conjunta, envolvendo o líder carismático e seus seguidores. Agora que o Mestre descansava na sua nova morada, no jazigo próximo à sua casa, abria-se um novo capítulo na história daquele povo. No dia seguinte, João Rodrigues (Nica) foi ao fórum da cidade de Rio Branco registrar o óbito de Mestre Irineu.

Conforme já visto, antes mesmo do falecimento, uma série de rivalidades já haviam se manifestado entre seus seguidores, tendo em vista a formação de uma nova liderança. Uma vez selada a gaveta do jazigo, as desavenças se acirraram e, decorrido certo tempo, a própria comunidade sofreria uma



série de segmentações. Uma das maneiras em que a competição se manifestava era através de diferentes interpretações que passaram a ser apresentadas sobre quais teriam sido as verdadeiras vontades e intenções de Mestre Irineu. Assim, nesse momento, instaurou-se uma discussão sobre como ele queria ser sepultado. Alguns lembravam a letra de seu último hino, onde ele falava em “terra fria”, apontavam também que havia dito a seus discípulos que seu “remédio tinha em todo lugar, era a terra”, alegando que isso estaria em contradição com a forma de sepultamento escolhida. Criticavam o fato de que, ao invés de ser colocado sob a terra, seu corpo havia sido depositado acima do chão, em um jazigo, construído às pressas, em forma de gaveta.

**Figura 91**  
Foto da gaveta do jazigo onde o corpo de Mestre Irineu foi depositado. Na foto o Pedreiro conhecido como Guajará, que era fardado da doutrina, ainda está sujo de cimento.



**Figura 92**  
Local onde se realizaria o enterro de Mestre Irineu. O jazigo fica na palhoça ao fundo.



Como temos ressaltado, nos relatos da vida de Mestre Irineu, são frequentes os dados contraditórios ou discrepantes. Assim, na certidão de óbito consta que Mestre Irineu morreu de infarto do miocárdio, diagnosticado pelo médico Dr. José Cerqueira. Nela também estão seu nome completo, sua residência, o dia do óbito e sua causa, assim como outros dados pessoais, como cor, profissão, idade, estado civil, filiação, naturalidade e lugar de sepultamento. Apesar de serem registrados de maneira oficial, alguns desses dados não podem ser tomados como factuais. Em relação à sua idade, por exemplo, há controvérsia, conforme já se apontou anteriormente. Na sua certidão de batismo está registrado que ele nasceu no dia 15 de dezembro de 1890 (ver figura 93), mas na sua carteira de identidade consta que ele nasceu em 15 de dezembro de 1892. Quando perguntado, Mestre Irineu sempre dizia que nascera em 1892. Embora não se tenha dados suficientes para resolver a questão de forma definitiva, vale lembrar que é muito comum pessoas pouco alfabetizadas não saberem a data de seu nascimento com precisão, além de ser muito frequente o erro de datas nos registros de nascimento. Contudo, isto geralmente implica em se atribuir ao indivíduo uma data de nascimento posterior à verdadeira, geralmente a do dia do registro. No caso de Mestre Irineu, a data apresentada no batistério expedido em São Vicente Férrer é anterior à do seu registro de nascimento. Além disso, é normal surgirem enganos em registros civis feitos muitos anos após o nascimento da pessoa. Mas, no caso do batistério de Mestre Irineu, observa-se que ele se apresenta entre outros registros feitos em ordem sequencial, o que parece indicar que seu batismo se deu pouco depois de seu nascimento e que a data inscrita no batistério seja a mais correta. Assim o mais provável é que ele tenha nascido em 1890.

Outro problema que se apresenta é relacionado ao seu nome. Seguindo-se as normas costumeiras, este deveria ser Raimundo Irineu de Mattos, mas o que consta em seus documentos oficiais é Raimundo Irineu Serra. Como já comentamos, tudo indica que foi ele o responsável pela troca de sobrenome, optando pelo materno ao invés do paterno. Seu desejo de se afastar do nome paterno parece ter se estendido também à maneira como falava de sua mãe, a quem sempre se referiu como Joana da Assunção Serra, embora na certidão de óbito dessa senhora conste o nome Joana de Assunção de Matos. Supõe-se que isso seja devido ao desgosto que sentia



em relação à separação de seus pais, talvez atribuindo ao pai a culpa pela dissolução do casal. Nosso raciocínio parece ser confirmado pelo fato de que sua irmã não optou por uma mudança desse tipo, mantendo em sua carteira de trabalho o sobrenome paterno.

A trajetória subsequente de Mestre Irineu gerou outros dados discrepantes, agora no registro de óbito. Consta nesse documento que ele foi sepultado em Rio Branco, no cemitério São João Batista (o mesmo onde estava sepultada D. Francisca, sua segunda mulher, e seu amigo Manoel Fontenele de Castro). Mas, como acabamos de apresentar, não há dúvida de que Mestre Irineu esteja sepultado no Alto Santo, num terreno a cerca de duzentos metros de sua antiga casa.

151 Em (08) oito de julho de mil novecentos e sessenta e um, nesta cidade de Rio Branco - Estado do Acre em cartório compareceu o senhor José Rodrigues Falcões e exibindo atestado de óbito firmado pelo doutor José Aguiar dando como causa da morte infarto do miocárdio declarou que no dia seis do corrente, às onze horas em sua residência a Colônia Rustógio Irineu - nesta cidade faleceu Raimundo Irineu Serra do sexo masculino, de cor preta, profissão agricultor, natural de Estado do Maranhão e residente em nesta cidade com sessenta e oito anos de idade, estado civil casado filho de Saucha Monteiro de Mattos e de Joana de Assunção de Mattos O sepultamento será realizado no cemitério de São João Batista. Eu, Ruth Gady Secury, Oficial Substituto, subscrevo. José Rodrigues Falcões

Figura 93 Registro de óbito de Mestre Irineu.



Nossa investigação nos revelou que não existem registros de cemitérios comunitários daquela época na prefeitura de Rio Branco. Na prefeitura nos explicaram que, para todos os efeitos, os registros de enterros ocorridos em cemitérios comunitários da cidade de Rio Branco, eram, na época, lavrados como se tivessem acontecido no São João Batista, para que o cartório de registros de nascimentos e óbitos reconhecesse os sepultamentos. Para casos como o de Mestre Irineu, em que o corpo estava sepultado fora até do cemitério comunitário, era mais difícil ainda se conseguir tal registro. Entendemos assim que o fato de ele ter sido sepultado no terreno de sua escolha devia-se mais a um arranjo de seu amigo, o Governador, do que um ato de sepultamento legitimamente legalizado no Acre. Vale a pena dizer que, no antigo Território Federal do Acre, não se tinha muito controle de registros de cidadãos. Atualmente, o cartório já reconhece o cemitério comunitário do Palmeiral, no Alto Santo, assim como reconhece outros cemitérios comunitários de Rio Branco. Portanto, a partir do ano de 2000, todos os mortos da comunidade que são sepultados no Cemitério Palmeiral tem seus óbitos legitimamente reconhecidos em cartório, mesmo continuando a inexistir um registro formal do Cemitério Palmeiral na Prefeitura de Rio Branco.

A nova fase da comunidade do Daime, iniciada com o falecimento de Mestre Irineu, continuou a ser marcada por fortes rivalidades e competição pelo comando do centro. Estas já haviam afligido o próprio Mestre Irineu, levando-o a recorrer a diversas estratégias para neutralizá-las, ainda em vida. Agora, na sua ausência, só restava aos seus seguidores a recordação de sua liderança e de seus ensinamentos (ver Anexo O - Calendário Ritual). O estatuto estava oficializado e Leôncio fora indicado para a Presidência, mas, para muitos, ele não era o Mestre. Ele não detinha “o poder” e inspirações que o Mestre recebia da “Rainha da Floresta” e nem mesmo seu carisma inovador. Leôncio tinha sido designado por Mestre Irineu para ser o zelador de sua Doutrina, mas fora também advertido de que não deveria querer ser chefe, pois o chefe ainda seria o Mestre no “Astral”. Daquele momento em diante, Leôncio tinha que gerir uma complexa rede social e procurar reconciliar as interpretações das várias correntes de poder, formadas por diferentes grupos e famílias das várias extensões agregadas à sede central. Mas, para tanto, ele não contava com o prestígio do Mestre e era apenas visto como seu seguidor. Começava então, um novo período na



comunidade, em que o carisma tinha que ser transferido do Mestre Irineu, através do uso da bebida sacramental, para ser depositado na comunidade e nas suas novas lideranças.

Os anos que seguiram viram o acirramento das tensões comunitárias que, em alguns casos, acabaram se tornando irreprimíveis, dando lugar a dissidências do grupo original e resultando até no surgimento de profundas animosidades pessoais entre antigos integrantes do Daime. Atualmente, em certos momentos, ainda se podem perceber tensões entre as diferentes facções que se instauraram, mas a crescente legitimidade e o prestígio oficial que vem sendo alcançado pela religião deixada por Mestre Irineu têm contribuído para a amenização de muitas das desavenças.

Porém, acima de tudo, deve prevalecer a lembrança dos seus ensinamentos e a fé em sua continuada presença nos rituais do Daime, conforme colocado no hino 111 d' O Cruzeiro:

#### 111 - ESTOU AQUI.

(Mestre Irineu)



Estou aqui  
Eu não estando como é  
Eu penso na verdade  
Me vem tudo que eu quiser

A minha mãe me trouxe  
Ela deseja me levar  
Todos nós temos certeza  
Deste mundo se ausentar.

Eu vou contente  
Com e esperança de voltar  
Nem que seja em pensamento  
Tudo eu hei de me lembrar.



Aqui findei  
Faço a minha narração  
Para sempre se lembrarem  
Do velho Juramidã.

## Notas

- 1 Entrevista com Pedro Matos, viúvo de Percília Ribeiro, em março de 2007.
- 2 Suposta capacidade de falar línguas desconhecidas quando em transe religioso, como no milagre do Dia de Pentecostes.
- 3 A antropóloga Arneide Cemin apresenta uma versão ligeiramente diferente desse texto em Cemin (1998, p. 40).
- 4 Entrevista de João Rodrigues dada a Jair Facundes em 2005.
- 5 Entrevista com João Rodrigues dada a Jair Facundes em 2005.
- 6 Entrevista com João Rodrigues em março de 2007.
- 7 Entrevista de Valcívrio Granjeiro, filho de Francisco Granjeiro, em fevereiro de 2007.
- 8 Entrevista com João Nunes, João do Rio Branco, em fevereiro de 2007.
- 9 Entrevista de Paulo Serra dada a Jair Facundes em 2004.
- 10 Tal ideia reflete também as divergências e desconfianças existentes na época entre os membros do Daime em relação à Igreja Católica, e pode ter sido originalmente vista de forma irônica, tendo adquirido significado portentoso a posteriori.
- 11 Valcívrio Genésio da Silva (filho legítimo de Mestre Irineu com Emília Rosa Amorim) veio para Rio Branco em 1970 através de Luiza, sua filha, para conhecer o pai. Fala-se que ele de imediato entrou para o Daime e tornou-se seguidor de Mestre Irineu. Segundo Valcívrio, em sua entrevista para Revista do Centenário: "Apresentei-me a meu pai por intermédio de meus filhos. Tinha uma filha que estava fazendo um curso junto com a Percília, e lá elas se deram muito. Falaram do padrinho Mestre Irineu Serra, e minha filha interessou-se por vir até aqui, no Alto Santo. Por intermédio dessa minha filha, ele mandou fotos, jornais, entre outras correspondências. Assim pude fazer um pensamento de ir até a casa dele. Isso foi no dia 15 de agosto de 1970. Ao visitá-lo pela primeira vez, eu tinha 53 anos. Eu não conhecia nem o caminho. Fui indagando a um e a outro, fui chegando, perguntando por ele. Ele estava repousando, me mandaram sentar. Eu não soube nem fazer o meu improviso a ele, que me abraçou com muita dedicação e carinho. Fiquei muito satisfeito! Depois, de repente, num momento de descuido, ele me pegou e perguntou: – Você não tem vontade de morar perto do velho? Eu disse: – Tenho." (GENÉSIO, 1992, p. 22)
- 12 Entrevista de João Rodrigues dada a Jair Facundes em 2004.
- 13 Entrevista com Paulo Serra em julho de 2006.
- 14 Entrevista de Paulo Serra dada a Jair Facundes em 2004.
- 15 Entrevista de Paulo Serra dada a Jair Facundes em 2004.
- 16 Comunicação pessoal dada a Edward MacRae, por e-mail, 2009.



- 17 Entrevista de Paulo Serra dada a Jair Facundes em 2005.
- 18 Governador de Rio Branco no período de 15 de março de 1971 a 15 de março de 1975.
- 19 Arneide Cemin (1998, p. 38) chama atenção para os esforços dos daimistas em legitimar-se, procurando colocar-se em consonância com a ideologia do Estado brasileiro. Assim muitos elementos cívicos irrompem na religião daimista, tais como a bandeira do Brasil e o lema “Ordem e Progresso”.





## Referências

- ABREU, J. Capistrano de. Rã-Txa Hu-ni-ku-i: gramática, texto e vocabulários Kaxinawá. São Paulo: Sociedade Capistrano de Abreu, 1941.
- ALVARENGA, Oneyda. Tambor de mina e tambor de crioula. São Paulo: Biblioteca Pública Municipal, 1948.
- ALVERGA, Alex Polari de. (Org.). O Evangelho Segundo Sebatião Mota de Melo. Céu do Mapiá, AM.: Cefluris, 1998.
- ALVES, Antônio. Mestre Irineu Serra o Senhor do Daime. *Jornal O Rio Branco*, Rio Branco, p. 4, 11 jul. 1984. Col.: 1, 2, 3, 4 e 5.
- ANKARA, Pérsio (Comp.). O Genuíno livro da Cruz de Caravaca. 7. ed. Rio de Janeiro: Palas, 2006.
- ASSAYAG, Simão. Boi-Bumbá: festas, andanças, luz e pajelanças. Rio de Janeiro: Funarte, 1995.
- BALANDIER, Georges. O contorno: poder e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- \_\_\_\_\_. O dédalo: para finalizar o século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BARNES, Jeremy. Redes sociais e o processo político. In: FELDAMAM-BIANCO, Bela. *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Global, 1987.
- BAS Y MARTINEZ, Q. *Historia de Caravaca y Su Stma. Cruz. Caravaca*: [s.n.], 1885.
- BASTIDE, Roger. *As Américas negras*. São Paulo: Difel; Edusp, 1974.
- BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BAYER NETO, Eduardo. Século XIX: no Maranhão, a Aurora da Vida do Mestre. *Jornal O Rio Branco*, Rio Branco, p. 3, 15 dez. 1992. Suplemento Especial Comemorativo do Centenário do Nascimento do Mestre Irineu.
- \_\_\_\_\_. *Tesouros do Ramefletluz*. [2003]. Rio Grande do Sul: Disponível em: <uniaodosantodaime@yahoogrupos.com.br>. Acesso em: 2003.
- BECKER, Howard S. Consciência, poder e efeito da droga. In: \_\_\_\_\_. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976. p. 181-204.



- \_\_\_\_\_. Métodos de pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BOISSEVAIN, Jeremy. Amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalisões. In: FELDAMAM-BIANCO, Bela. Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo: Global, 1987.
- BORNHEIM, Gerd. O conceito de tradição. In: BORNHEIM, Gerd et al. Cultura Brasileira: tradição/contradição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: Funarte, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. Economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2005a.
- \_\_\_\_\_. Esboço de uma teoria prática: precedido de três estudos de etnologia Cabila. Oeiras, Portugal: Celta, 2002.
- \_\_\_\_\_. Meditações pascalianas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- \_\_\_\_\_. O poder simbólico. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- \_\_\_\_\_. Razões práticas: sobre teoria da ação. Campinas, SP: Papyrus, 2005b.
- BOYCE, Robert W. D. Falácia na interpretação de dados históricos e sociais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 198.
- BRITO, Glacus de Souza. Farmacologia humana da hooasca: chá preparado de plantas alucinógenas usado em contexto ritual no Brasil. In: LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (Org.). O uso ritual da ayahuasca. 2. ed. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: FAPESP, 2004. p. 623-652.
- BRUMANA, Fernando G.; MARTÍNEZ, Elda G. Marginália Sagrada. São Paulo: Unicamp, 1991.
- CAMARGO, C. F. Kardecismo e Umbanda: uma interpretação sociológica. São Paulo: Pioneira, 1961.
- CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas. São Paulo: Edusp, 2008.
- CÂNDIDO, Antônio. Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação "dos seus meios de vida." Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- CARIOCA, Jairo. Doutrina Santo Daime: a filosofia do século. Rio Branco, 1998. Manuscrito. Disponível em: <<http://www.mestreirineu.org>>.
- CARNEIRO, Henrique. Amores e sonhos da flora: afrodisíacos e alucinógenos na botânica e na farmácia. São Paulo: Xamã, 2002.



- CARVALHO, José Murilo de. Pontos e bordados: escritos de história e política. UFMG, 1999.
- CASCUDO, Luís Câmara. Geografia dos mitos brasileiros. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- CEMIN, Arneide Bandeira. Ordem, xamanismo e dádiva: o poder do Santo Daime. São Paulo: Terceira Margem, 2001.
- CÍRCULO Esotérico da comunhão do pensamento. São Paulo: Pensamento, 1957. (Primeira série de instruções)
- COUTO, Fernando Lá Rocque. Santos e Xamãs. 1989. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1989.
- DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- DOBKIN DE RIOS, M. Visionary vine: psychedelic healing in the peruvian Amazon. San Francisco: Chandler, 1972.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. Dinâmica cultural: ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- EDUARDO, Octávio da Costa. The negro in northern Brazil. Seattle: University of Washington, 1966.
- ELIADE, Mircea. El Xamanismo y las técnicas del extasis. [S.l.]: Fondo de Cultura Económica, 1960.
- \_\_\_\_\_. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 1963.
- \_\_\_\_\_. O sagrado e o profano: a essências das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ESPINOSA, A. Marín. Memórias para la história de la ciudad de Caravaca y del aparecimiento de la Sma. Cruz. Caravaca: [s.n.], 1856.
- FACUNDES, Jair. Ayahuasca: do sagrado ao mundano. Breve prosa de sua conversão em psicoativo. In: ALENCAR, Maria Socorro. A Expansão da UDV no Estado do Acre. Rio Branco: Fundação Garibaldi Brasil, 2007.
- FALCÃO, Emílio. Álbum do Rio Acre. 1906-1907. Acervo Digital: Memorial dos Autonomistas.
- FERNANDES, Florestan. Brancos e pretos em São Paulo. São Paulo: Nacional, 1971.



- FERREIRA, Jerusa Pires. Fausto no horizonte: razões místicas, texto oral, edições populares. São Paulo: Educ/Hucitec, 1995.
- FERRETTI, Mundicarmo. Desceu na Guma: o caboclo do Tambor de Mina no processo de mudança de um terreiro em São Luís – a casa Fanti-Ashanti. São Luís: UFMA, 2000.
- \_\_\_\_\_. A representação do índio em terreiros de São Luís. Pesquisa em Foco, São Luís, v. 6, n. 8, p. 47-57, 1998.
- FERRETTI, Sergio F. Religião e cultura popular: festas da cultura popular na religião afro-brasileira do Maranhão. São Luís, 1995. Vídeo VHS-NTSC-1995 - 17'. Edição Murilo Santos. Documentário.
- \_\_\_\_\_. Repensando o sincretismo. São Paulo: Edusp, 1996.
- \_\_\_\_\_. (Org.). Tambor de crioula: ritual e espetáculo. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2002.
- FREITAS, Luiz Carlos Teixeira de. Rainha da floresta. A Missão Daimista de Evangelização. São Paulo, [2001]. Disponível em: <[http://juramidam.jor.br/rainha/00\\_a.html](http://juramidam.jor.br/rainha/00_a.html)>. 2005.
- FREITAS, Luiz C. Teixeira de. O mensageiro: replantio daimista da doutrina Cristã. São Paulo, [2004]. Disponível em: <<http://www.luzcom/mensageiro>>. 2005.
- FRÓES, Vera. História do povo de Juramidam: a cultura do Santo Daime. Manaus: Suframa, 1986.
- FURTADO, Celso. Desenvolvimento e subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura Oliveira Vianna, 1961.
- FURUYA, Yoshiaki. Umbandização dos cultos populares da Amazônia: a integração ao Brasil. In: NAKAMAKI, Hirochica; PELLEGRINI FILHO, Américo (Org.). Possessão e procissão: religiosidade popular no Brasil. Osaka: National Museum of Ethnology, 1994.
- GABRIEL, Chester E. Comunicação dos espíritos: umbanda, cultos regionais em Manaus e a dinâmica do transe mediúnico. São Paulo: Loyola, 1985.
- GATES, Bronwen. La taxonomía das malpigiaceas utilizadas en el brebaje del ayahuasca, América Indígena, v. 11, n. 6, p. 49-73, 1986.
- GEERTZ, Clifford. Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- GENÉSIO, Walcívrio. Depoimento. Revista do 1º Centenário do Mestre Imperador Raimundo Irineu Serra. Rio de Janeiro: Beija-Flor, 1992.
- GENNEP, Arnold van. Os ritos de passagem. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.



- GERTH, H. H.; MILLS, C. W. Introdução. In: WEBER, Max. *Ensaios de sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- GOMES, Cecília. Depoimento. *Revista do 1º Centenário do Mestre Imperador Raimundo Irineu Serra*. Rio de Janeiro: Beija Flor, 1992.
- GOMES, Peregrina. Alguém fala em meu nome alguma vez em pensamento? *Jornal o Rio Branco*, n. 2.299, p. 4, 11 jul. 1984. Entrevista ao jornalista Antonio Alves.
- GOMES, Zulmira. Alguém fala em meu nome alguma vez em pensamento? *Jornal o Rio Branco*, n. 2.299, p. 4, 11 jul. 1984. Entrevista ao jornalista Antonio Alves.
- GOULART, Sandra. *As raízes do Santo Daime*. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de São Paulo 1996.
- \_\_\_\_\_. O contexto de surgimento do culto do Santo Daime: formação da comunidade e do calendário ritual. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. *O uso ritual da ayahuasca*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Contrastes e continuidades em uma tradição amazônica: as religiões da Ayahuasca*. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- \_\_\_\_\_. Estigmas de cultos ayahuasqueiros. In: LABATE, Beatriz Caiuby et al. (Org.). *Drogas e cultura: novas perspectiva*. Salvador: Edufba, 2008.
- Granjeiro, Francisco. Depoimento. *Revista do 1º Centenário do Mestre Imperador Raimundo Irineu Serra*. Rio de Janeiro: Beija Flor, 1992.
- GROISMAN, Alberto. *Eu venho da floresta: ecletismo e práxis xamânica daimista no Céu do Mapiá*. 1991. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.
- GRUND, J.P.C. *Drug Use as a Social Ritual: functionality, symbolism and determinants of self-regulation*. Rotterdã: Institut voor Verslavingsonderzoek (IVO) Erasmus Universiteit, 1993.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- HELMAN, Cecil. *Cultura, saúde e doença*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.



- HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- JACCOUD, S. O terceiro testamento: um fato para a história. Goiânia: Página Um, 1992.
- KENSINGER, Kenneth. Banisteriopsis usage among the peruvian Cashisnaua. In: HARNER, Michael J. (Org.). Hallucinogens and shamanism. Oxford: Oxford University, 1973.
- LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. O uso ritual da ayahuasca. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.
- LABATE, Beatriz. A reinvenção do uso da Ayahuasca nos centros urbanos. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.
- LABATE, Beatriz; PACHECO, Gustavo. Hinos e chamadas: abrindo as portas do céu. [2007]. Texto apresentado na XIV Jornada Sobre Alternativas Religiosas na América Latina, Buenos Aires, Universidade de San Martin, 25 a 28 de setembro de 2007.
- \_\_\_\_\_. Matrizes Maranhenses do Santo Daime. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Org.). O uso ritual da Ayahuasca. Campinas, SP: Mercado de Letras; FAPESP, 2002. p. 303-344.
- LAGROU, Else. Uma etnografia da cultura kaxinawá entre a cobra e o Inca: xamanismo no Brasil – novas perspectivas. Florianópolis: UFSC, 1996a.
- \_\_\_\_\_. Xamanismo e representação entre os Kaxinawá. In: LANGDON, Jean (Org.). Introdução: xamanismo – velhas e novas perspectivas. Xamanismo no Brasil: novas perspectivas. Florianópolis: UFSC, 1996b.
- LANGDON, Jean E. Las clasificaciones del yagé dentro del grupo Siona: etnobotánica, etnoquímica e historia. América indígena, México, v. 46, n. 1, p. 101-106, jan./mar. 1986.
- LATOUR, Bruno. Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 1997.
- LEACH, Edmund. Cultura e comunicação: a lógica pela qual os símbolos estão ligados. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- LEITE, José Chalub. Fontenele de Castro, líder do povo Acreano. Jornal Gazeta, Rio Branco, p. 12, 25 out. 1990.
- LEVÍ-STRAUSS, Claude. Pensamento selvagem. Campinas, SP: Papyrus, 1989.
- LINDHOLM, Charles. Carisma: êxtase e perda de identidade na veneração ao líder. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.



- LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- LUNA, Luis Eduardo. Bibliografía sobre el ayahuasca. América indígena, México, v. 46, n. 1, p. 101-106, jan./mar. 1986a.
- \_\_\_\_\_. Shamanism among the mestizo population of the Peruvian Amazon. Stokolm: Almqvist & Wiksell International, 1986b.
- LUZ, Pedro. O Ameríndio do Caapi. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. O uso ritual da ayahuasca. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002. p. 45.
- MABITT, Jacques. Produção visionária da ayahuasca no contexto curanderil da Alta Amazônia peruana. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. O uso ritual da ayahuasca. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.
- GATES, Bronwem. La taxonomía das malpigiaceas utilizadas em El brebaje del ayahuasca. América Indígena, v. 9, n. 6, p. 49-73, 1986.
- MACRAE, Edward. A elaboração das políticas públicas brasileiras em relação ao uso religioso da Ayahuasca. In: LABATE, Beatriz et al. (Org.). Drogas e cultura: novas perspectivas. Salvador: Edufba, 2008.
- \_\_\_\_\_. Guiado pela lua: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- \_\_\_\_\_. El Santo Daime y la espiritualidad Brasileña. Quito: Abya – Yala, 2000.
- MAGGIE, Y. Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil. 1988. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.
- MAIA, Major Holdernes. Mestre Irineu Serra, o Senhor do Daime. Jornal O Rio Branco, n. 2.299, p. 4, 11 jul. 1984.
- MAIA NETO, Florestan J. (Org.). Contos da Lua Branca: histórias do mestre Raimundo Irineu Serra e de sua obra espiritual contada por seus contemporâneos. Rio Branco: Fundação Elias Mansour, 2003.
- MARGARIDO, Silvio; ARAÚJO NETO, Francisco Hipólito. Mestre Daniel: história com a ayahuasca. Rio Branco: Fundação Garibaldi Brasil, 2005.
- MAUÉS, R. H.; VILLACORTA, G. M. Pajelança e Encantaria Amazônica. In: PRANDI, R. (Org.). Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: \_\_\_\_\_. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac e Naif, 2003.



McKENNA, Denis J. G. H. N.; TOWERS, F.; ABBOTT. Monoamine oxidase inhibitors in South American Hallucinogenic plants: Tryptamine and B-Crboline constituents of ayahuasca. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 10, p. 195-223, 1984.

MONTEIRO, Clodomir. O Palácio de Juramidán: Santo Daime um ritual de transcendência e despoluição, 1983. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1983.

MONTERO, Paula. Da doença à desordem: a magia na Umbanda. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MOREIRA, Paulo Alves. Eu venho de longe: a história de vida de Raimundo Irineu Serra, fundador do Daime. 2008. 362 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2008.

MOTTA, Christiane. Pajés, curadores e encantados: pajelança na Baixada Maranhense. São Luís: Edufma, 2009.

NARANJO, Plutarco. Ayahuasca: etnomedicina y mitología. Quito: Libri Mundi, 1983.

NASCIMENTO, Luís Mendes. Depoimento. *Revista do 1º Centenário: do Mestre Imperador Raimundo Irineu Serra*, Rio de Janeiro: Beija-Flor, 1992.

NASCIMENTO, Saturnino Brito do. No brilho da lua branca. Rio Branco: Fundação Garibaldi Brasil, 2005.

NEVES, José das. Santo Daime: doutrina do Mestre Irineu que permanece há 51 anos. *Varadouro*, Rio Branco, p. 5, 20 abr. 1981.

NOVAES, Silvia Caiuby. *Escrituras da imagem*. São Paulo: Edusp, 2004.

NRCNIRCN. *Negros no Acre*. Rio Branco: Instituto do Meio Ambiente, 2007.

OLIVEN, Ruben George. A relação Estado e cultura no Brasil: cortes ou continuidades. In: MICELI, Sérgio (Org.). *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984. Capítulo Velhos e Novos Regionalismos: lugar comum, n. 04, jan./abr. 1998.

\_\_\_\_\_. Velhos e novos regionalismos. *Lugar Comum*, n. 4, jan./abr. 1998.

ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. As religiões populares e a indústria cultural. *Religião e Sociedade*, ano, 5, n. 3, p. 51-93, 1980.





- OTT, Jonathan. *Ayahuasca analogues: Pangean entheogens*. Kennewick: Natural, 1994.
- OVEJERO, F. C. *Relatos del Santo Daime*. Madrid: Amica, 1996.
- PANTOJA, Mariana Civatta. *Os Milton: cem anos de história nos seringais. Com pós-escrito sobre os Kuntanwa*. Rio Branco, 2008.
- PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- PEREIRA, Paulo S. C. *O Baile de São Gonçalo em São Vicente Férrer: a representação do guia na relação com o santo e com o promesseiro*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2008.
- PINTO, Gracilene. *São Vicente Férrer: história, povo e cultura*. São Luís: [s.n.], 2001.
- PRADO JR., Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1945.
- QUEIROZ, Maria Isaura P. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1978.
- REICHEL-DOLMATOFF, O Contexto cultural de um alucinógeno aborígine: Banisteriopsis Caapi. In: COELHO, Vera Penteadó (Org.). *Os alucinógenos e o mundo simbólico: o uso de alucinógenos entre os índios da América do Sul*. São Paulo: Edusp, 1976.
- RODRIGUES, João. Depoimento. *Revista do 1º Centenário: do Mestre Imperador Raimundo Irineu Serra*, Rio de Janeiro: Beija Flor, 1992.
- RUTHEFORD, J. *Identity: community, culture, difference*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.
- SÁ, Laís Mourão. Sobre a classificação de entidades sobrenaturais. In: DA MATTA, Roberto (Org.). *Pesquisa polidisciplinar da prelasia de Pinheiro: aspectos antropológicos*. São Luís: IPEI/CENPLA, 1974. v. 3.
- SANTOS, Jocélio Teles dos. *Poder da cultura e a cultura no poder: a disputa simbólica da herança cultural negra no Brasil*. Salvador: Edufba, 2005.
- SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia: 1800 a 1820*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.
- SEIBEL, Sérgio Dario; TOSCANO, Alfredo. *Conceitos básicos e classificação geral das substâncias psicoativas*. In: \_\_\_\_\_. *Dependência de drogas*. São Paulo: Atheneu, 2001.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.



- SILVA, Clodomir Monteiro. Palácio de Juramidan – Santo Daime: um ritual de transcendência e despoluição. 1983. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1983.
- SILVA, Leandro Okamoto da. Marachimbé veio foi para apurar. [2004]. Estudo sobre o castigo simbólico, ou peia, no culto do Santo Daime. Texto apresentado na defesa da dissertação de mestrado em Ciência das Religiões, PUC/SP, 20 de Outubro de 2004 <www.neip.info>.
- SILVA, Percília Matos da. Depoimento. Revista do 1º Centenário: do Mestre Imperador Raimundo Irineu Serra, Rio de Janeiro: Beija Flor, 1992.
- SOUZA, Carlos Alberto Alves. História do Acre: novos temas, nova abordagem. Rio Branco: Carlos Alberto Alves Souza, 2005.
- SOUZA, Valdir Mariano. Ayahuasca, identificando sentidos: o uso ritual da bebida na União do Vegetal, 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2010.
- TAUSSIG, Michael. Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- TOCANTINS, Leandro. Formação histórica do Acre. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- TURNER, Victor. W. O processo ritual: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.
- VELSEN, J. van. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo: Global Universitária, 1987.
- WEBER, Max. Economia e sociedade. Brasília: UnB, 1991. v. 1.  
\_\_\_\_\_. Ensaios de sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 2002.
- WEISS, Gerald. The cosmology of the Campa Indians of Eastern Peru and Brazil. 1969. Tese (Doutorado) - Michigan University.
- ZINBERG, N. Drug, set and setting: the basis for controlled intoxicant use. New Haven: Yale University, 1984.

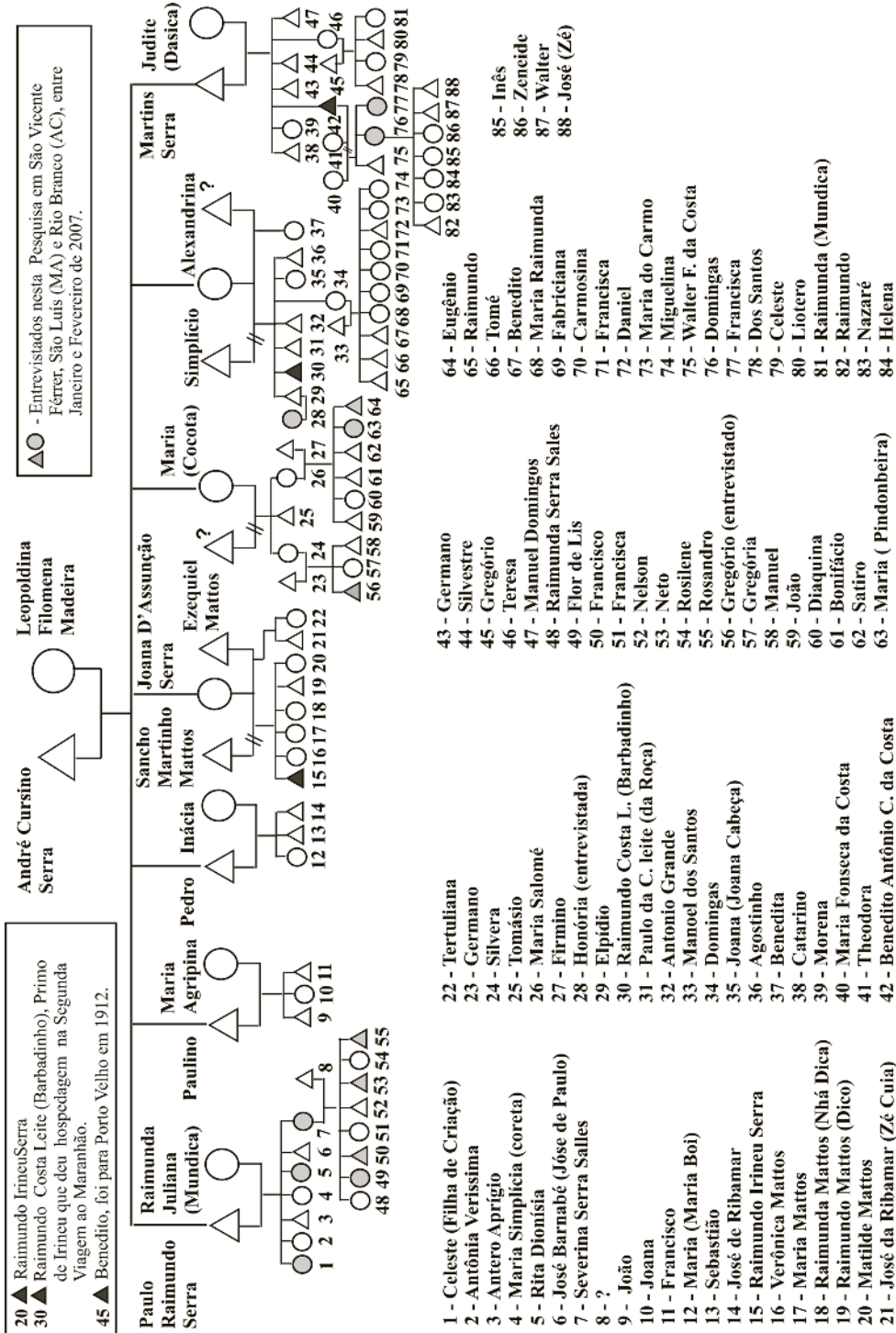


# — Apêndices —



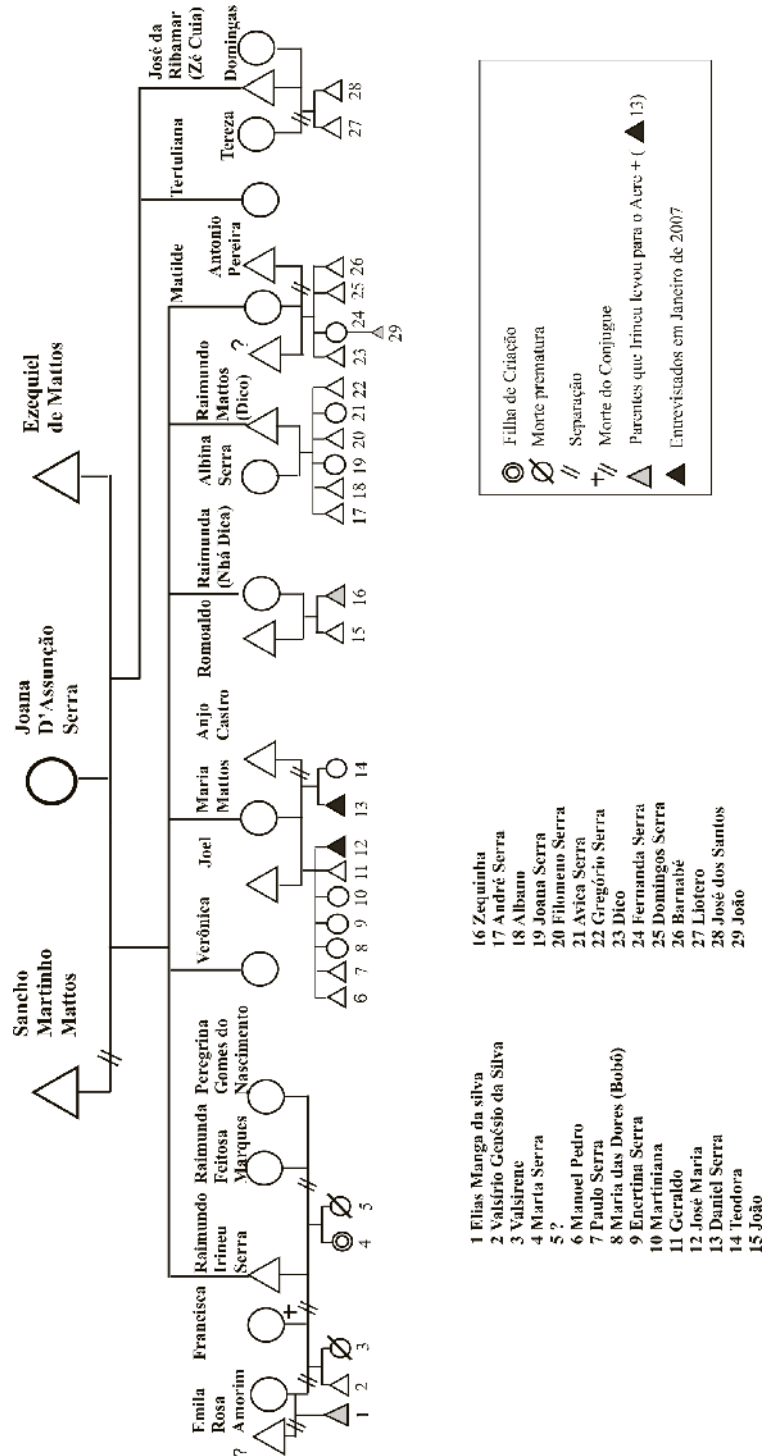
Apêndice A

Família Materna de Raimundo Irineu Serra



## Apêndice B

# Descendência de Joana d'Assunção Serra

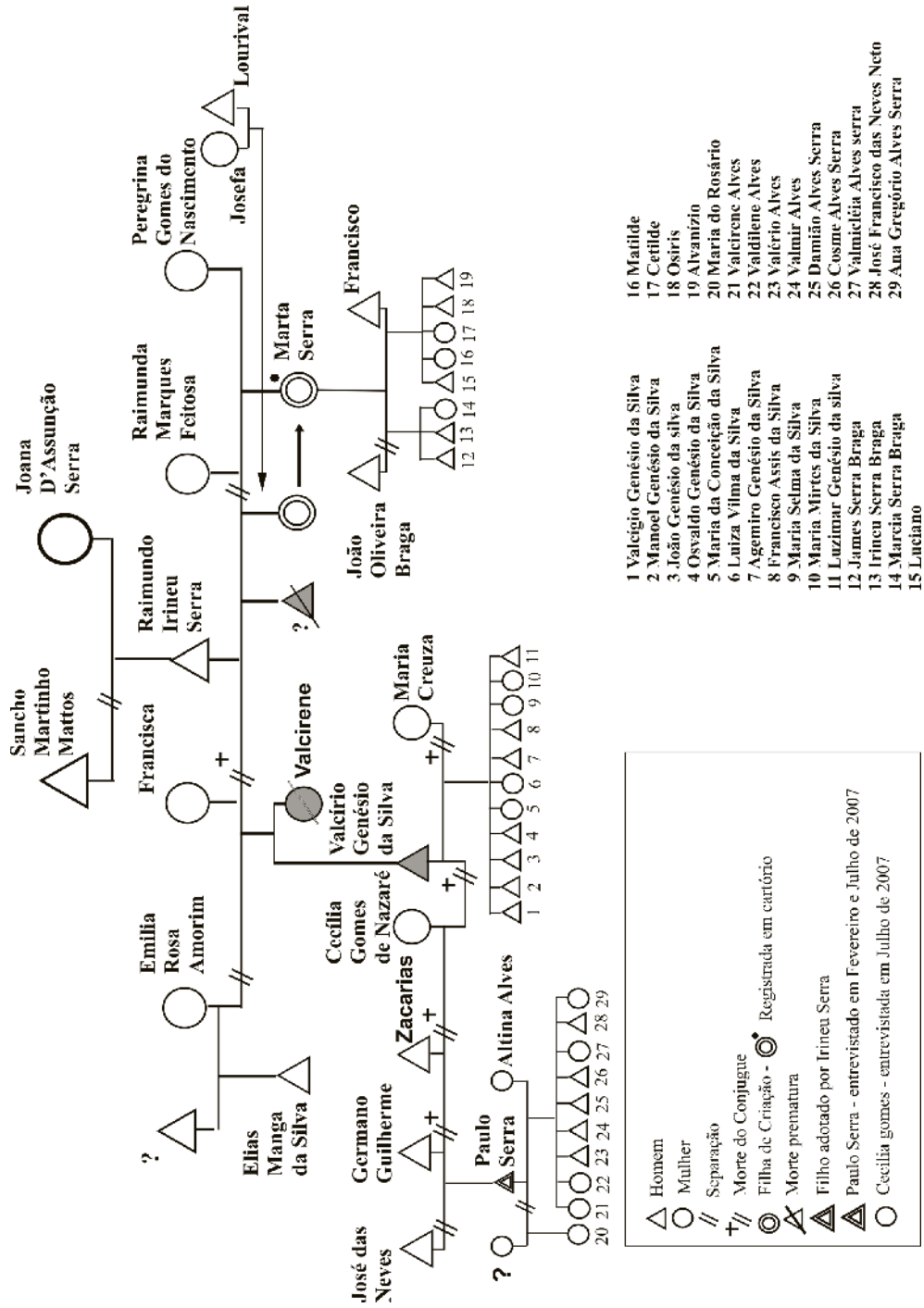


- 1 Elias Manga da silva
  - 2 Valsirio Genésio da Silva
  - 3 Valsirene
  - 4 Maria Serra
  - 5 ?
  - 6 Manoel Pedro
  - 7 Paulo Serra
  - 8 Maria das Dores (Bobó)
  - 9 Encrigna Serra
  - 10 Martiniana
  - 11 Geraldo
  - 12 Jose Maria
  - 13 Daniel Serra
  - 14 Teodora
  - 15 João
- 16 Zequinha
  - 17 André Serra
  - 18 Albano
  - 19 Joana Serra
  - 20 Filomeno Serra
  - 21 Avica Serra
  - 22 Gregório Serra
  - 23 Dico
  - 24 Fernanda Serra
  - 25 Domingos Serra
  - 26 Barnabé
  - 27 Liofero
  - 28 José dos Santos
  - 29 João

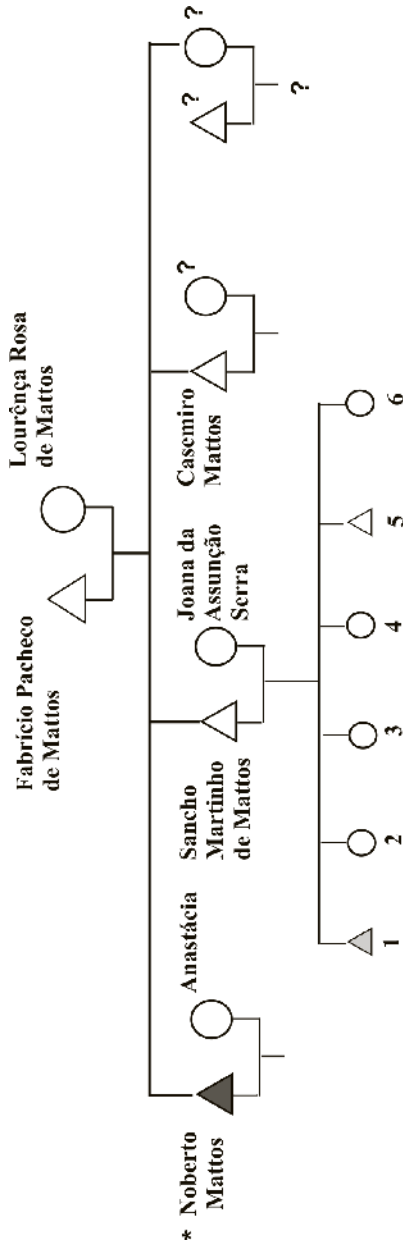


Apêndice C

# Casamentos de Raimundo Irineu Serra



## Família Paterna de Raimundo Irineu Serra



1 - Raimundo Irineu

2 - Verônica

3 - Maria Mattos

4 - Rainunda (Nhá Dica)

5 - Raimundo Matos

6 - Matilde

\* Tio Paterno de Raimundo Irineu Serra, que o hospedou em sua primeira estadia em São Luís, período em que serviu ao exército.

○ Mulher

△ Homem

● José Maria - Filho de Maria Mattos foi entrevistado em janeiro de 2007 - ver gráfico da família materna de Raimundo Irineu Serra II.

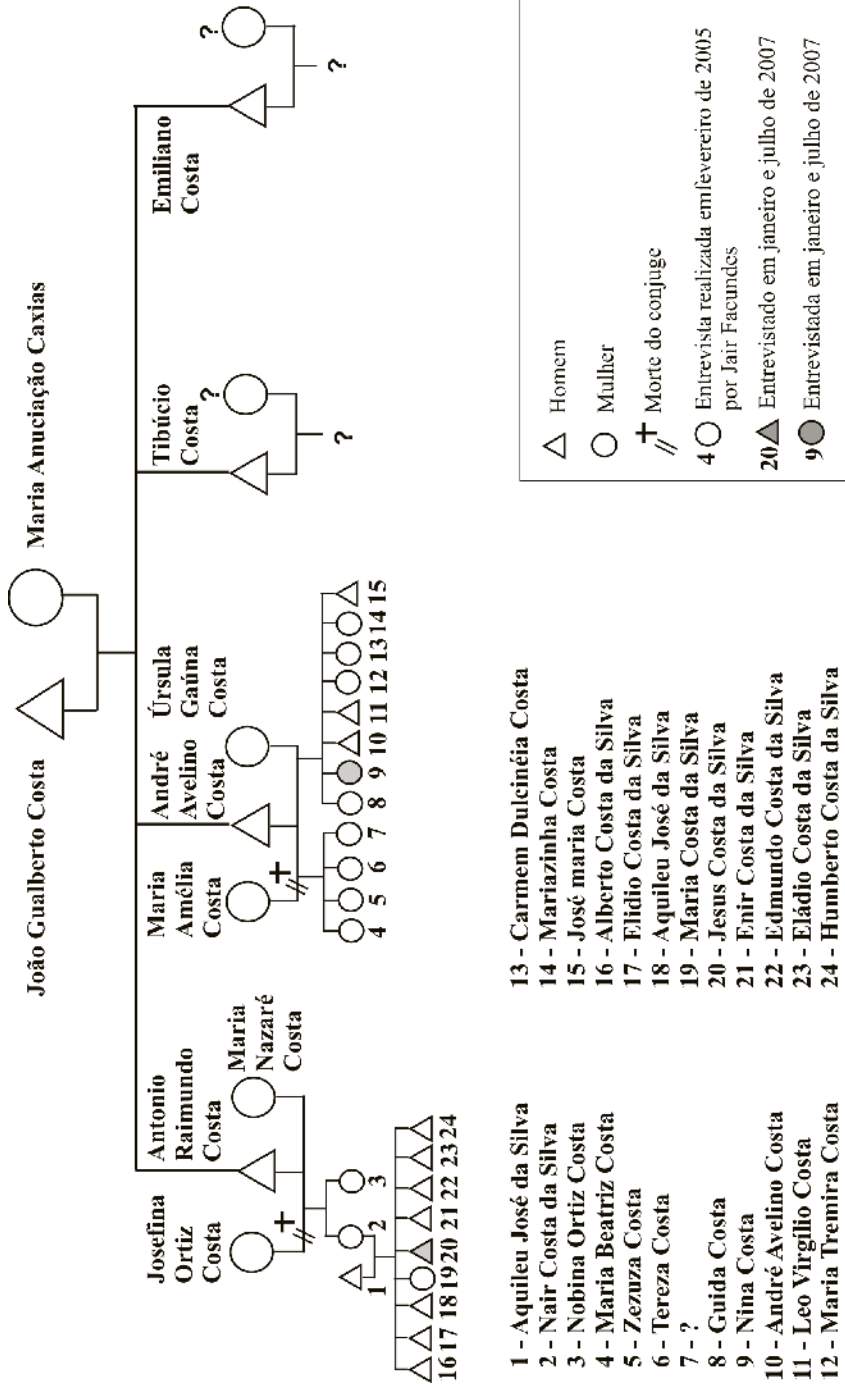
● Rita Dionísia - Sobrinha de Joana da Assunção Serra, filha de Paulo Raimundo Serra - ver gráfico da família materna de Raimundo Irineu Serra I - entrevistada em janeiro de 2007.





## Apêndice E

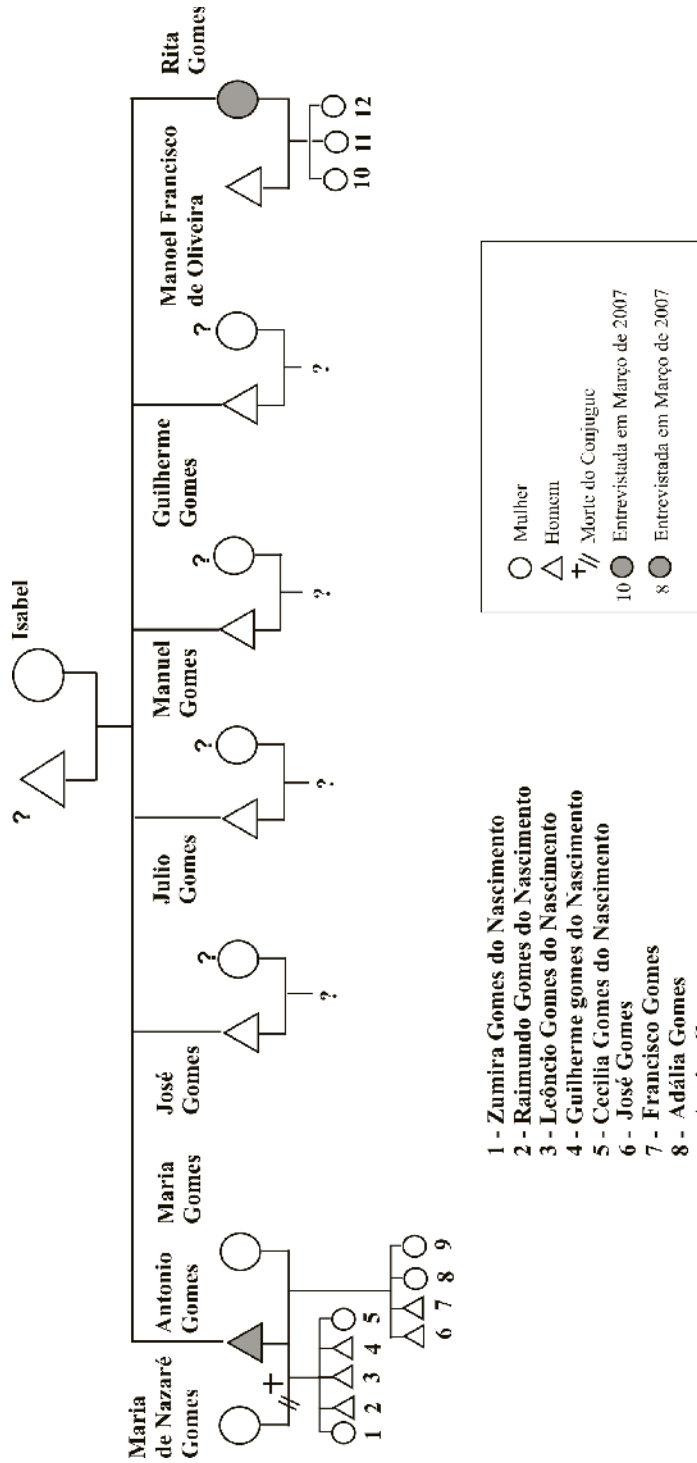
# Família Costa



- 1 - Aquileu José da Silva
- 2 - Nair Costa da Silva
- 3 - Nobina Ortiz Costa
- 4 - Maria Beatriz Costa
- 5 - Zezuza Costa
- 6 - Tereza Costa
- 7 - ?
- 8 - Guida Costa
- 9 - Nina Costa
- 10 - André Avelino Costa
- 11 - Leo Virgílio Costa
- 12 - Maria Tremira Costa
- 13 - Carmen Dulcinéia Costa
- 14 - Mariazinha Costa
- 15 - José maria Costa
- 16 - Alberto Costa da Silva
- 17 - Elídio Costa da Silva
- 18 - Aquileu José da Silva
- 19 - Maria Costa da Silva
- 20 - Jesus Costa da Silva
- 21 - Enir Costa da Silva
- 22 - Edmundo Costa da Silva
- 23 - Eládio Costa da Silva
- 24 - Humberto Costa da Silva



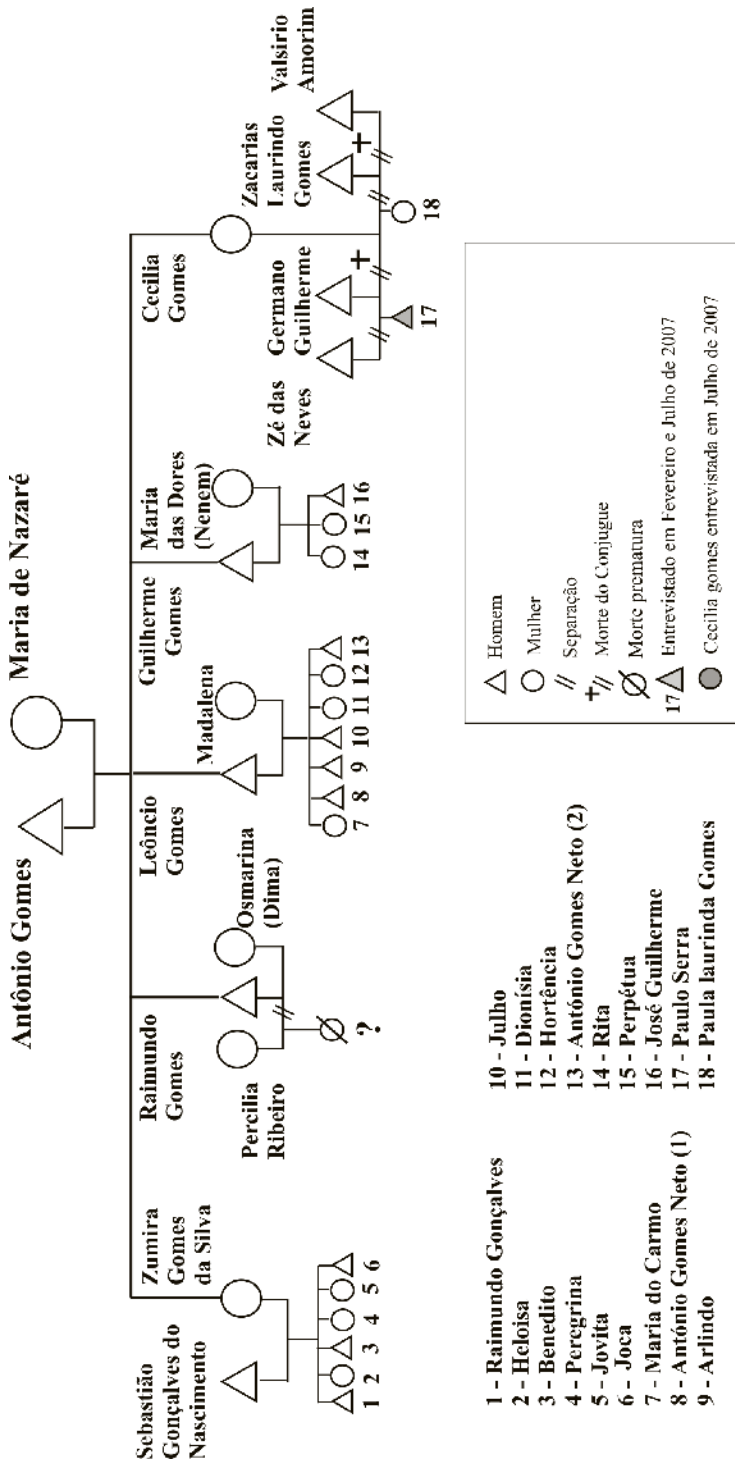
# Família de Antonio Gomes



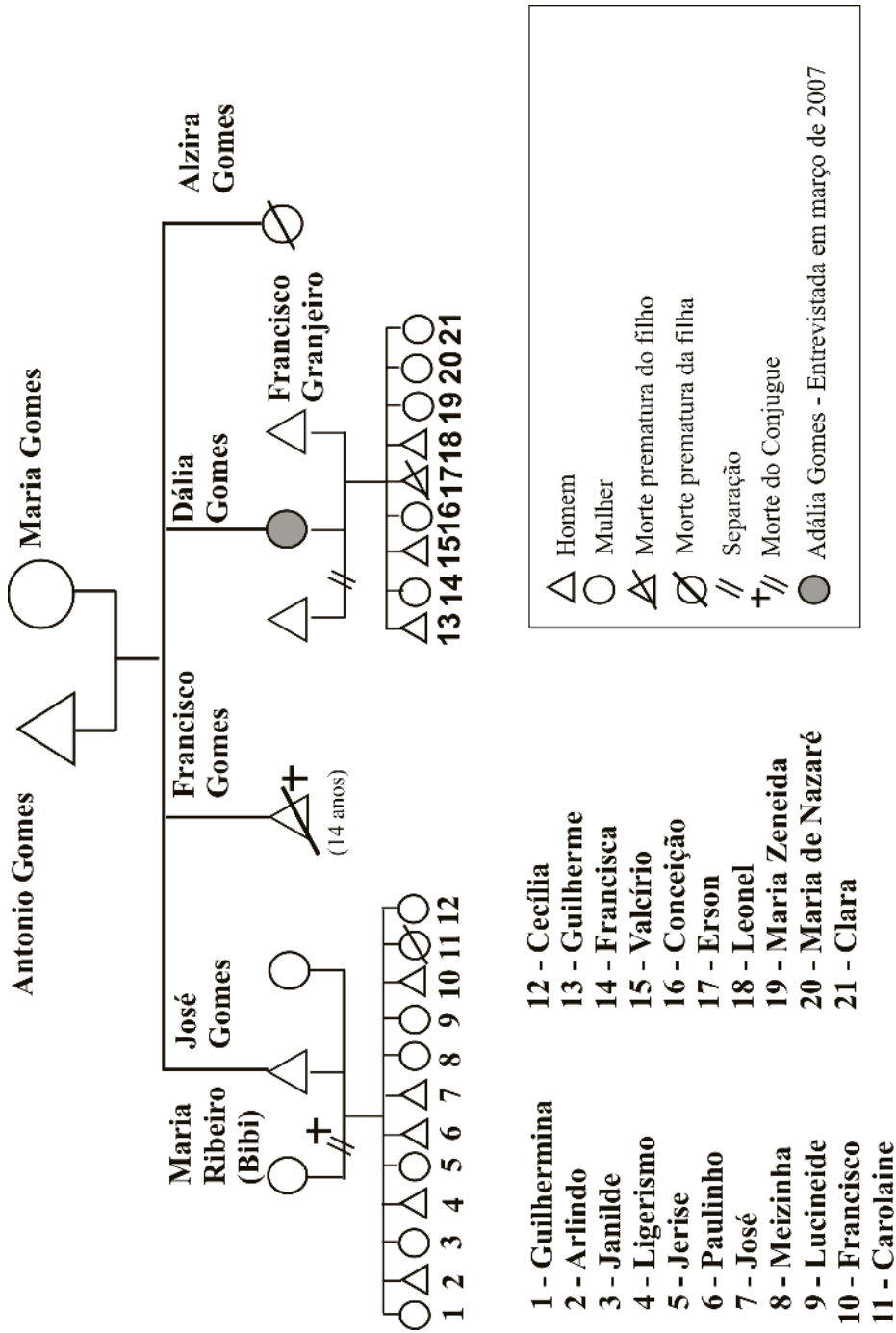
- 1 - Zumira Gomes do Nascimento
- 2 - Raimundo Gomes do Nascimento
- 3 - Leôncio Gomes do Nascimento
- 4 - Guilherme Gomes do Nascimento
- 5 - Cecília Gomes do Nascimento
- 6 - José Gomes
- 7 - Francisca Gomes
- 8 - Adália Gomes
- 9 - Auxira Gomes
- 10 - Auxira Gomes
- 11 - Maria Osmarina
- 12 - Raimunda (Mundica)



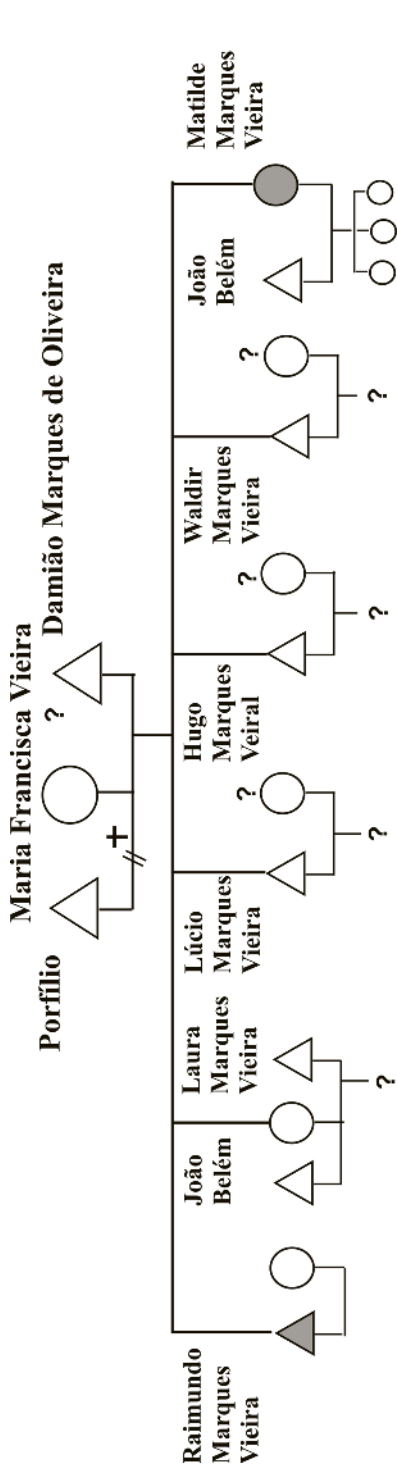
# Descendência de Antonio Gomes e Maria de Nazaré



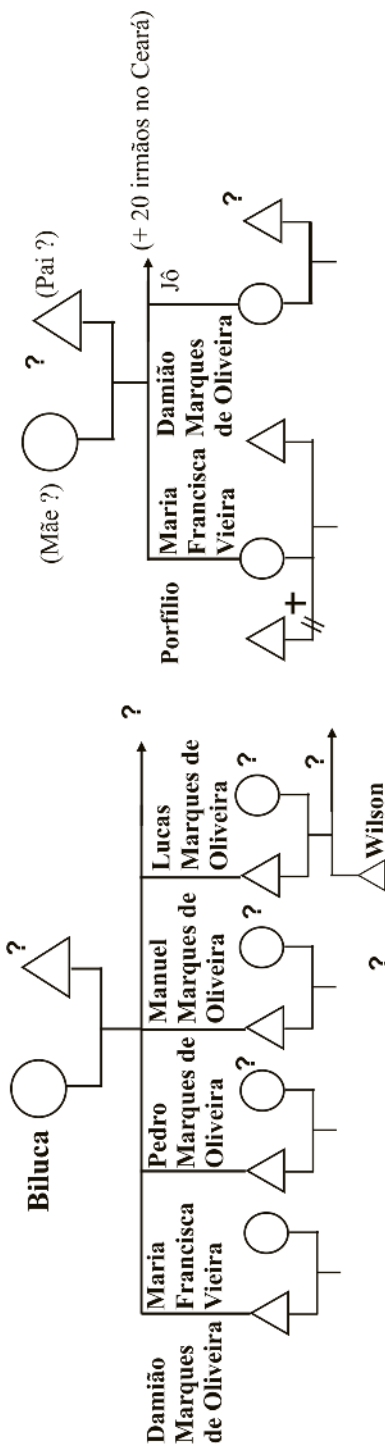
Descendência de Antonio Gomes e Maria Gomes



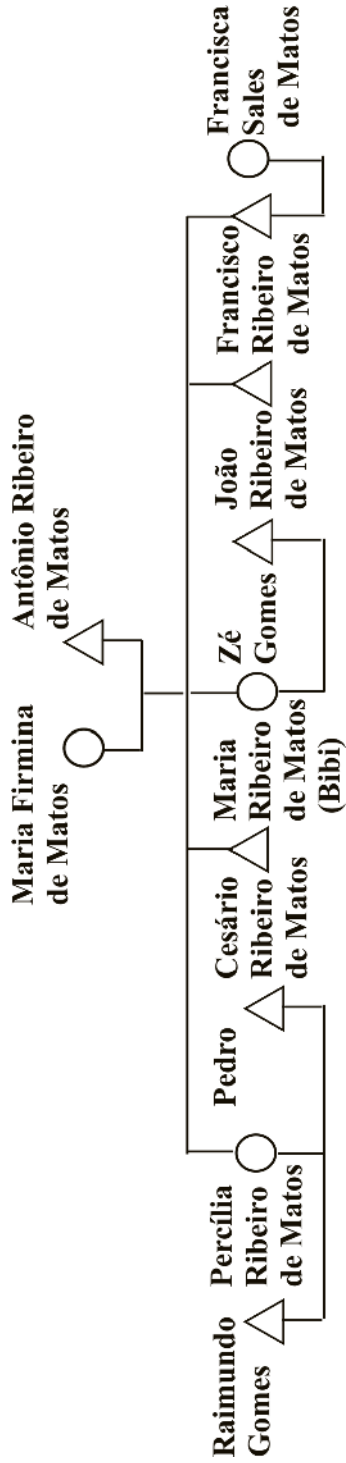
# Família de Maria Francisca Vieira (Maria Damião)



Família Materna de Maria Francisca Vieira

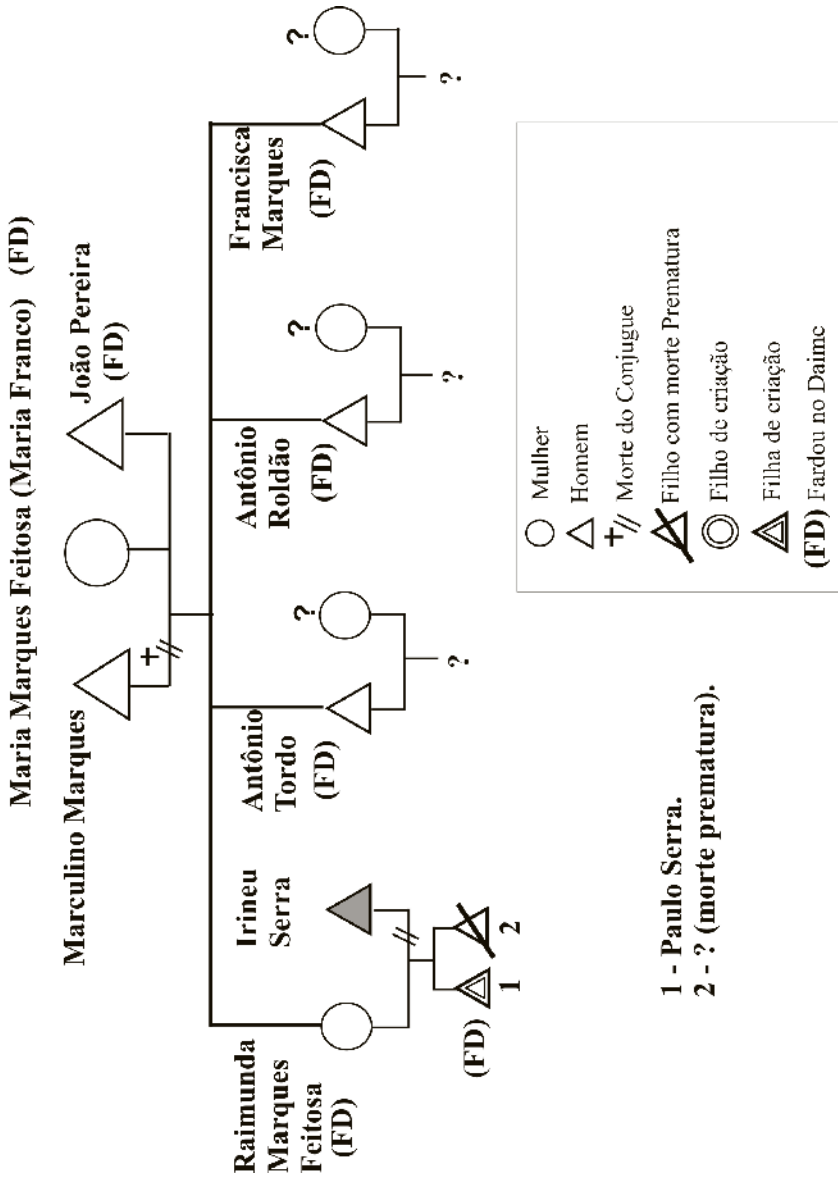


# Família de Percília Ribeiro

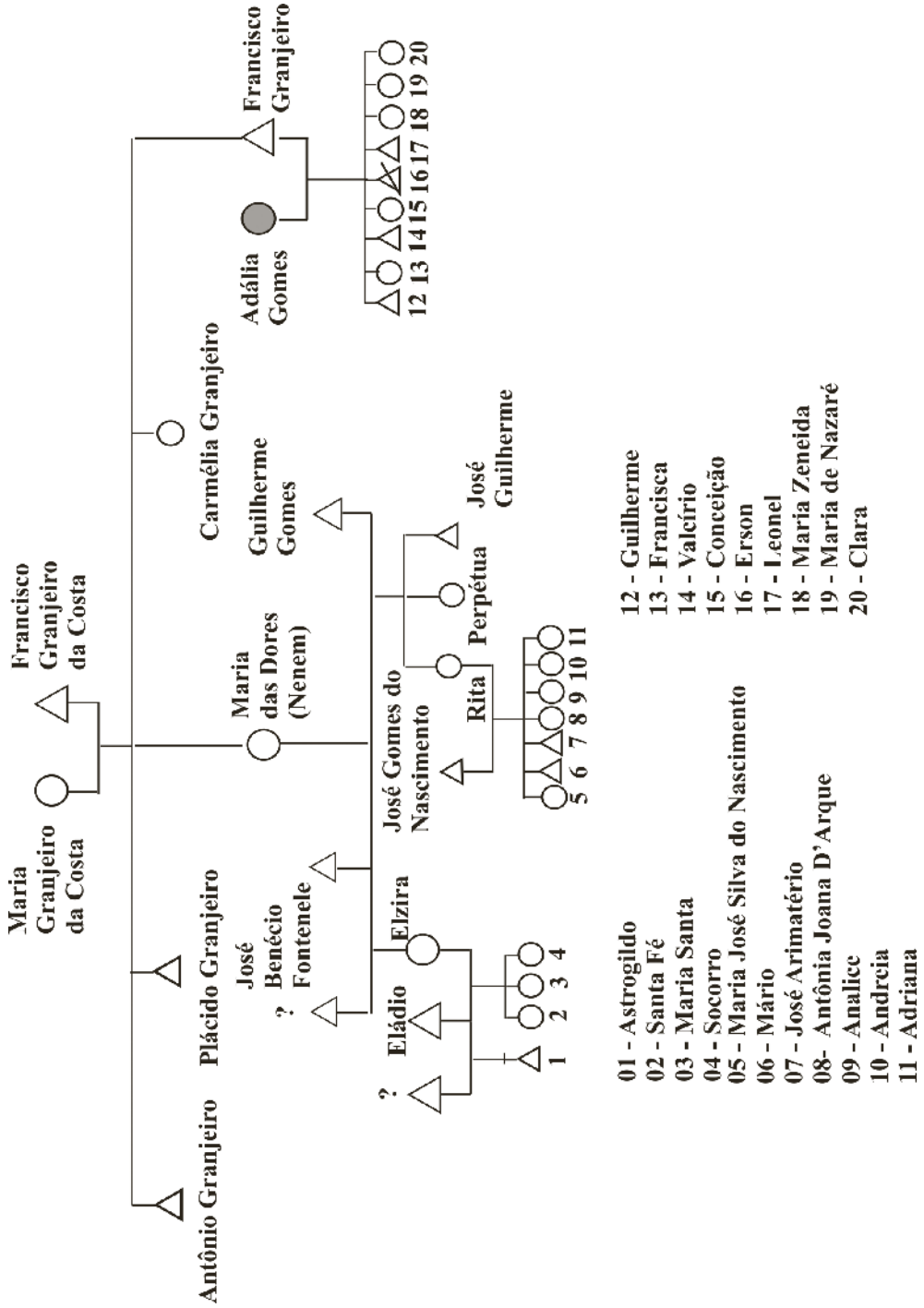


# Descendência de Maria Marques Feitosa (Maria Franco)

## Família Materna de Raimunda Marques Feitosa



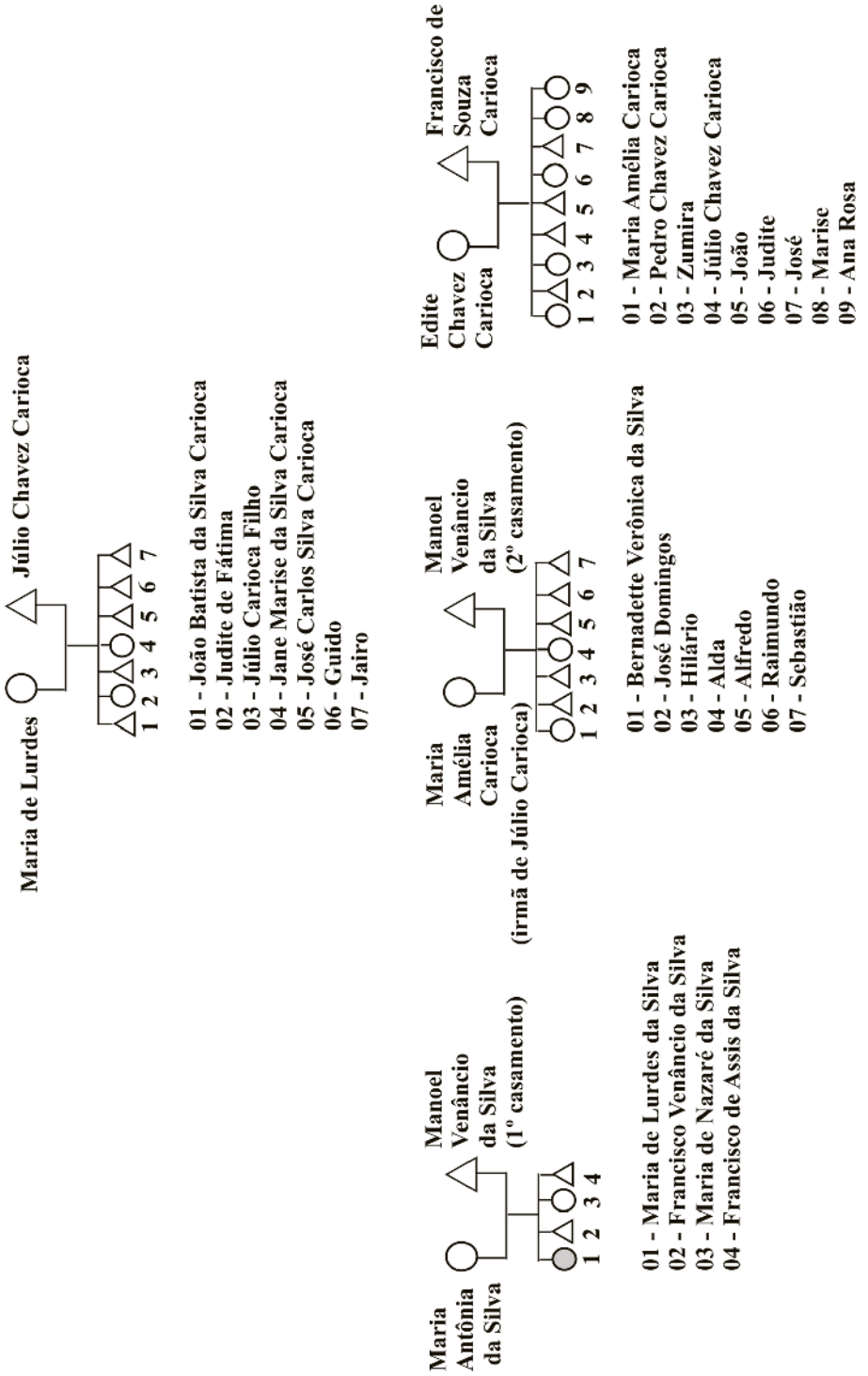
Apêndice L  
**Família Granjeiro**



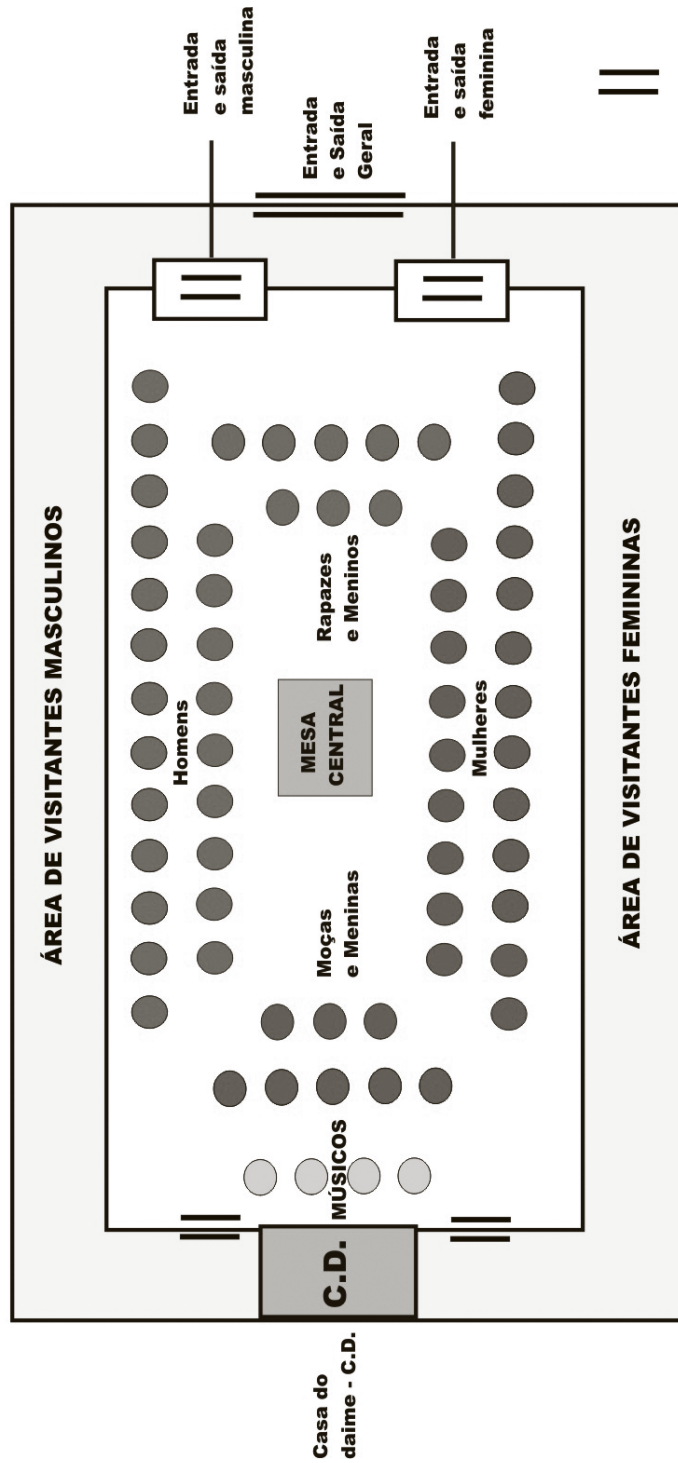


Apêndice M

Família de Júlio e Lourdes Carioca



Apêndice N  
Disposição do Ritual do Bailado



## Apêndice O

# Hinos

Hino	Ritmo	Execução no Ritual
029 – Sol, Lua, Estrela	Marcha	Fogos
030 – Devo Amar Aquela Luz	Marcha	
001 – Lua Branca	Valsa	Vivas
002 – Tuperci	Marcha	
003 – Ripi	Marcha	
004 – Formosa	Marcha	
005 – Refeição		Cantado no Desjejum
006 – Papai Paxá	Marcha	
007 – Dois de Novembro		Cantado na Santa Missa
008 – A Rainha me Mandou	Valsa	
009 – Mãe Celestial	Marcha	
010 – Eu Devo Pedir	Marcha	
011 – Unaqui	Marcha	Vivas
012 – Meu Divino Pai	Marcha	
013 – Estrela D’Alva	Valsa	
014 – Rogativos dos Mortos		Cantado na Santa Missa
015 – Eu Quero Ser	Marcha	
016 – A Minha Mãe é a Santa Virgem	Marcha	Fogos e Vivas
017 – Confissão		Cantado em pé sem instrumento
018 – Equior Papai me Chama	Marcha	
019 – O Amor Eternamente	Marcha	
020 – Sempre Assim	Marcha	
021 – Oh! Meu Divino Pai	Marcha	Vivas
022 – Palmatória	Marcha	
023 – BG	Marcha	
024 – Canta Praia	Marcha	
025 – Oferecimento		Cantado só em Reis no final do Hinário
026 – Leão Branco	Marcha	
027 – Seis Horas da Manhã	Marcha	
028 – Canta Ir	Marcha	
029 – Sol, Lua, Estrela	Marcha	Fogos e Vivas
030 – Devo Amar Aquela Luz	Marcha	
031 – Papai Samuel	Marcha	



032 – Cantei Hoje	Marcha	
033 – Papai Velho	Marcha	Fogos e Vivas
034 – Estrela Brilhante	Marcha	
035 – Santa Estrela	Marcha	
036 – Amigo Velho	Marcha	
037 – Marizia	Marcha	
038 – Flor de Jagube	Marcha	
039 – Centro Livre	Marcha	
040 – Eu Canto nas Alturas	Marcha	
041 – Estrela D'Água	Valsa	Fogos e Vivas
042 – A Terra Aonde Estou	Marcha	
043 – O Prensor	Marcha	
044 – A Virgem Mãe Quem Me Ensinou	Valsa	
045 – Eu Estava em Pé Firmado	Marcha	Fogos e Vivas
046 – Eu Balanço	Marcha	
047 – Sete Estrelas	Marcha	
048 – A Rainha da Floresta	Marcha	
049 – A Minha Mãe é Mãe de Todos	Marcha	
050 – Salomão	Marcha	Fogos e Vivas
051 – Eu Devo Amar	Marcha	
052 – A Febre do Amor	Marcha	
053 – Virgem Mãe Divina	Marcha	
054 – Pedi Força a Meu Pai	Marcha	
055 – Disciplina	Marcha	
056 – Santa Estrela Que Me Guia	Marcha	Fogos e Vivas
057 – Eu Convido Os Meus Irmãos	Marcha	
058 – Todo Mundo Quer Ser Filho	Marcha	
059 – Divino Pai Eterno		
060 – Laranjeira	Valsa e Meia Valsa	
061 – A Rainha da Floresta	Marcha	
062 – Quem Quiser Seguir Comigo	Marcha	
063 – Princesa Soloina	Marcha	
064 – Eu Peço a Jesus Cristo	Marcha	
065 – Eu Vou Cantar	Marcha	
066 – São João	Marcha	Fogos e Vivas
067 – Olhei Para o Firmamento	Marcha	
068 – Chamei Lá Nas Alturas	Marcha	Vivas
069 – Passarinho	Marcha	
070 – Firmeza	Marcha	
071 – Chamo o Tempo	Marcha	



072 – Silencioso	Marcha	
073 – Eu Vi a Virgem Mãe	Marcha	
074 – Só eu Cantei na Barra	Marcha	
075 – As Estrelas	Marcha	
076 – A Virgem Mãe é Soberana	Marcha	
077 – Chamo e Sei	Marcha	
078 – Nas Virtudes	Marcha	
079 – Jardineiro	Marcha	Vivas
080 – Chamo a Força	Marcha	
081 – Professor	Marcha	
082 – Campineiro	Marcha	
083 – O Divino Pai Eterno	Marcha	
084 – Ia Guiado Pela Lua	Marcha	Fogos e Vivas
085 – Vou Seguindo	Marcha	
086 – Eu Vim da Minha Armada	Marcha	
087 – Deus Divino Deus	Marcha	
088 – Chamo Estrela	Marcha	
089 – Eu Canto, Eu Digo	Marcha	
090 – No Jardim, Mimosa Flor	Marcha	
091 – Choro Muito	Valsa	
092 – Sou Humilde	Marcha	
093 – O Cruzeiro	Marcha	
094 – Perguntei a Todo Mundo	Marcha	
095 – Mensageiro	Marcha	Fogos e Vivas
096 – As Campinas	Marcha	
097 – Centenário	Marcha	
097 – Sou Filho Desta Verdade	Marcha	
099 – Sei Aonde Está Meu Pai	Marcha	
100 – Eu Sou Filho da Terra	Marcha	
101 – No Brilho da Lua Branca	Marcha	
102 – Sou Filho Desta Verdade	Marcha	
103 – Todos Querem	Marcha	
104 – Sexta-Feira Santa	Marcha	
105 – Sou Filho Deste Poder	Marcha	Vivas
106 – Fortaleza	Marcha	
107 – Chamei Lá Nas Alturas	Marcha	
108 – Linha do Tucum	Marcha e Marcha Valseada	Vivas
109 – Tudo, Tudo	Marcha	
110 – De Longe	Valsa	



111 – Estou Aqui	Marcha e Marcha Valseada	
112 – Meu Pai	Marcha	
113 – Sigo Nesta Verdade	Marcha	
114 – Encostado a Minha Mãe	Marcha	
115 – Batalha	Marcha	
116 – Sou Filho do Poder	Marcha	
117 – Dou Viva a Deus Nas Alturas	Valsa	Fogos e Vivas
118 – Todos Querem Ser Irmão	Marcha	
119 – Confia	Marcha	
120 – Eu Peço	Marcha	
121 – Esta Força	Valsa	
122 – Quem Procurar Esta Casa	Marcha	
123 – Eu Andei na Casa Santa	Valsa	
124 – Eu Tomo Esta Bebida	Marcha	Vivas
125 – Aqui Estou Dizendo	Marcha	
126 – Flor Das Águas	Marcha	
127 – Eu Pedi	Marcha	
128 – Eu Cheguei Nesta Casa	Marcha	Vivas
129 – Pisei Na Terra Fria		Cantado em Reis e na Santa Missa nunca é Bailado



## Apêndice P

# A História da Cruz Caravaca

A Igreja Católica afirma que a origem desta cruz é milagrosa. O seu aparecimento teria ocorrido na Espanha, no séc. XIII. A história da cruz de Caravaca origina-se a partir de um fato lendário ou mítico, que a Igreja afirma como verídico e milagroso. No ano de 1231, reinava o rei Cyd Abu Zeyd (Período de dominação islâmica na Espanha) na região da Murcia (Cartagena, Caravaca, Cuenca e Valência). Em Caravaca (nome da cidade originário de um período pré romano, de natureza étnica hispano-romano), na fortaleza maior, Cyd Abu Zeyd mantinha prisioneiros um grupo de cristãos, suspeitos de tramarem contra os árabes. Entre o grupo, de aproximadamente quinze pessoas, encontrava-se, incógnito, um sacerdote de nome Gines Perez Chirinos, que ministrava aos seus companheiros o conforto da religião. Essas práticas foram descobertas pelos guardas e o fato chegou aos ouvidos de Cyd Abu Zeyd que, interessado, mandou vir à sua presença o religioso prisioneiro, para conhecer as suas atividades e descobrir se estava sendo arquitetada a insurreição. Várias foram às audiências mantidas com Cyd Abu Zeyd, que ficou impressionado com o religioso, a ponto dele se interessar pela atividade do sacerdote e o que significava a celebração da Santa Missa. Chirinos viu a oportunidade, não exatamente de melhorar a sua situação de prisioneiro, mas a de preparar a alma do Rei para uma utópica conversão ao Cristianismo. Certo dia Cyd Abu Zeyd, mais tolerante, pediu a Chirinos que lhe explicasse o mistério da Eucaristia. Chirinos disse de que não poderia fazer o desejo do Rei, porque não dispunha dos elementos necessários para celebrar o ato sagrado. Cyd Abu Zeyd, julgando que Chirinos não desejava satisfazer a sua curiosidade, irritou-se, com Chirinos e recomendou aos guardas severidade no tratamento dos prisioneiros. Com o passar dos dias, a curiosidade e talvez o toque espiritual divino, passaram a preocupar o Rei a ponto dele perder a tranqüilidade. Mandou trazer, novamente, à sua presença Chirinos, que se apresentou em lastimável estado de penúria e sofrimento. Cyd Abu Zeyd, com palavras suaves, tornou a pedir ao sacerdote que celebrasse a Missa e que fizesse uma relação de tudo quanto necessitaria para o ato. Comovido, Chirinos foi enumerando todos os objetos necessários e pediu um local apropriado; foi escolhido um recanto da fortaleza, próximo à torre, que foi limpo, ordenado e preparado para a instalação de um altar. Ao chegarem às mãos de Chirinos, verificou-se que os artefatos haviam sido retirados dos altares das igrejas, resultado (no seu entendimento) de uma profanação. Assim, Chirinos negou-se a realizar a cerimônia, pois, o que havia sido profanado, não poderia servir ao



sacrifício. Cyd Abu Zeyd então exigiu de Chirinos o prosseguimento dos preparativos, sob pena de serem os seus companheiros de cárcere torturados até a morte. Assim no dia 3 de maio de 1932 (dia que é celebrado o aparecimento da cruz em Caravaca), sem alternativa Chirinos prosseguiu. Chirinos havia montado o altar, preparado o vinho e o pão e treinado dois companheiros de prisão para servirem como acólitos, todos devidamente trajados de conformidade com os costumes da Igreja; o sacerdote estava comovido. O Rei mandou chamar os seus amigos e familiares e se dispôs com grande atenção e emoção a presenciar o ato máximo de uma 'Magia' Cristã. Foi naquele preciso momento de expectativa que Chirinos se deu conta de que havia se esquecido de pedir o elemento principal: uma Cruz! Notando o nervosismo de Chirinos, e vendo lágrimas em seus olhos, Cyd Abu Zeyd indagou o que estava acontecendo. Quis saber o que significava a Cruz e por que era imprescindível a presença daquele símbolo. O local onde se encontravam era iluminado pela luz solar que penetrava através de uma abertura sobre o Altar. Chirinos vendo frustrado seu trabalho e temendo ser castigado como ameaçara o Rei, com palavras confusas e balbuciantes tentou descrever a Cruz. Cyd Abu Zeyd, com o olhar posto na abertura sobre o Altar, apontou com as mãos para ela e com voz embargada pela emoção: "É isso aí, a Cruz ?", Chirinos acompanhou o gesto de Cyd Abu Zeyd e viu assomarem pela janela dois anjos luminosos, trazendo em suas mãos uma Cruz! A Cruz, que tinha um formato curioso, uma composição da Cruz Latina com Tau, (uma cruz com dois braços) revestida de pedraria, toda de ouro, foi colocada pelos anjos, no seu devido lugar, sobre o Altar. Um dos Anjos disse que a Cruz era parte da Cruz do Calvário. Todos tinham os seus olhares fixos na Cruz e não perceberam como os Anjos desapareceram. O silêncio era comovente. Chirinos, como possuído por uma força estranha, começou a celebrar. Cyd Abu Zyed, seus familiares e todos os presentes, converteram-se naquele momento ao Cristianismo (ESPINOZA, A. Marim. "Memórias Para La História de La Ciudad de Caravaca", Caravaca, 1856, p. 26; MARTINEZ, Q. Bas Y. "Historia de Caravaca y Su Stma. Cruz", Caravaca, 1885). Todos os prisioneiros foram libertados e aquela fortaleza foi transformada em Igreja (mais tarde transformada na torre dos templários). Fala-se que a cruz de Jesus e dos ladrões foram encontradas por Helena (Santa Helena) que retirou dos madeiros cinco





pedaços. Helena deixou os cinco pedaços de madeira em um dos cômodos do palácio de Jerusalém, quando retornou ao cômodo, encontrou os pedaços em forma de uma cruz de dois braços. Helena deu a cruz para o Bispo de Jerusalém. O Bispo colocou a relíquia em uma capela da Basílica do Santo Sepulcro. A cruz desapareceu e apareceu várias vezes, misteriosamente, no tempo das cruzadas. Roberto Patriarca de Jerusalém encontrou-a, e fez dela um amuleto para carregar no peito. Em 1229, Frederico II, imperador da Alemanha, em acordo com os mulçumanos, invadiu a Palestina e se apoderou de Jerusalém. Foi quando Roberto, na solenidade de posse do Imperador Frederico, teve a sua cruz arrebatada do peito por dois anjos. Os anjos desapareceram com a cruz. Esta só voltou aparecer em 3 de maio de 1232 em Caravaca. Depois de muitos séculos, curiosamente, no dia 14 de Fevereiro de 1934, a Cruz desapareceu. Fala-se que foi a equipe de Hitler que a pegou, atrás de relíquias esotéricas (ocultistas). Outro fato interessante é que uma cópia foi trazida para o Brasil pelos primeiros colonizadores, na esquadra de Martin Afonso de Souza, que a usava junto ao coração. Vale lembrar que a expedição de Martin Afonso de Souza, foi uma das primeiras esquadras de Portugal que vieram começar a colonização do Brasil. Souza fundou a nossa primeira vila (São Vicente), montou o primeiro engenho e trouxe as primeiras reses; apenas a sua capitania e mais outra, deram certo, todas as demais fracassaram. Podemos assim dizer que esta Cruz se liga a própria origem de nosso país, e dos países sul-americanos que a tiveram também como símbolo de vários colonizadores.





— Anexos —



Anexo A  
Certidão de Óbito

Aos vinte e quatro dias do mês de julho de mil novecentos e cinquenta e um, em meu cartório compareceu Antonio Santos de Oliveira, que exibiu um atestado de óbito firmado pelo doutor Augusto Hidalgo de Lima, declarou que o indigente André Avelino Costa, ser o masculino, cor parda, casado, agricultor, com sessenta e seis anos de idade, natural do Estado do Maranhão, filho de Alberto Costa e de Maria Assunção Costa, residente nesta cidade, faleceu hoje, às oito horas e quinze minutos, no domicílio em 14/03/2007 firmado por Septicemia, devida a

Certidão de óbito de André Avelino Costa - parte 1.

Gangrena, devida a evidente de medicação, e vai ser sepultado no cemitério São João Batista desta cidade. - Do que para constar lavro este termo, que lido e achado conforme, vai assinado pelo declarante. - Eu, José Guilherme Lopes Macêdo, escrevô interino, e screebi #  
Nubem Auto de Alucino

Certidão de óbito de André Avelino Costa - parte 2.



Anexo B  
**Hinos do Mestre Irineu**  
(segundo Percília Ribeiro)

28 - EU QUERO CANTAR IR  
(Mestre Irineu)



Eu quero cantar ir  
Que me ensina eu seguir  
Sou eu, sou eu, sou eu  
Sou eu, sou eu, sou eu

O Divino Pai Eterno  
Quem me deu este poder  
De ensinar as criaturas  
Conhecer e compreender

A Virgem Mãe me deu  
O lugar de professor  
Para ensinar as criaturas  
Conhecer e ter amor

Jesus Cristo me mandou  
Para mim viver aqui  
Sou eu, sou eu, sou eu  
Sou eu, sou bem feliz.



### 30 - DEVO AMAR AQUELA LUZ

(Mestre Irineu)



Devo amar aquela luz  
O Divino aonde está  
Para ser um filho seu  
No coração eu devo amar

No coração eu devo amar a luz  
A Virgem Mãe foi quem me deu  
Ensinar aos meus irmãos  
Para ser um filho seu

Para ser um filho seu de amor  
No coração este primor  
Conhecer esta verdade  
Deus do céu foi quem mandou  
Deus do céu foi quem mandou a luz.

### 38 - FLOR DO JAGUBE

(Mestre Irineu)



Eu venho da Floresta  
Com meu cantar de amor  
Eu canto é com alegria  
A minha Mãe que me mandou



A minha Mãe que me mandou  
Trazer santas doutrinas  
Meus irmãos todos que vem  
Todos trazem este ensino

Todos trazem este ensino  
Para aqueles que merecer  
Não estando nesta linha  
Nunca é de conhecer

Estando nesta linha  
Deve ter amor  
Amar a Deus no céu  
E a Virgem que nos mandou.

44 - A VIRGEM MÃE QUE ME ENSINOU  
(Mestre Irineu)



A Virgem Mãe que me ensinou  
A Virgem Mãe foi quem me deu  
Alegrai meu coração  
Para eu amar ao Senhor Deus

Meu Divino Senhor Deus  
É Pai de toda nação  
Defendei os vossos filhos  
De toda escuridão

A escuridão é tão terrível  
Que ninguém pode enxergar  
Vós me dê a santa luz  
Para eu poder navegar





A Virgem Mãe é soberana  
Ela é Rainha do mar  
Quando vê nós na aflição  
Ela vem nos consolar

Consolai ó Mãe Divina  
Jesus Cristo Redentor  
É quem pode nos livrar  
Neste mundo pecador.

61 - A RAINHA DA FLORESTA  
(Mestre Irineu)



A Rainha da Floresta  
Vós venha receber  
Estes cânticos aqui na mata  
Que eu venho oferecer

Vós mandou para mim  
Ensinar os meus irmãos  
Estamos todos reunidos  
Com amor no coração

Eu apresento os meus trabalhos  
Conforme eu aprendi  
Estamos todos reunidos  
Vós faça todos feliz.



## 65 - EU VOU CANTAR

(Mestre Irineu)



Eu vou cantar, eu vou cantar  
De joelhos em uma cruz  
Eu vou louvar ao Senhor Deus  
Foi quem me deu esta luz

Esta luz é da floresta  
Que ninguém não conhecia  
Quem veio me entregar  
Foi a Sempre Virgem Maria

Quando Ela me entregou  
Eu gravei no coração  
Pra replantar santas doutrinas  
E ensinar os meus irmãos

Eu agora recebi  
Este prêmio de valor  
De São José, da Virgem Mãe  
De Jesus Cristo Redentor

Eu tenho fé de vencer  
E ganhar com os meus ensinios  
Porque Deus é soberano  
E ele é quem nos determina.



79 - JARDINEIRO  
(Mestre Irineu)



Minha Mãe Minha Rainha  
Foi Ela que me entregou  
Para mim ser jardineiro  
No jardim de belas flores

No jardim de belas flores  
Tem tudo que procurar  
Tem primores e tem belezas  
Tem tudo que Deus me dá

Todo mundo recebe  
As flores que vêm de lá  
Mas ninguém presta atenção  
E Ninguém sabe aproveitar

Para zelar este jardim  
Precisa muita atenção  
Que as flores são muito finas  
E não podem cair no chão

O jardim de belas flores  
Precisa sempre aguar  
Com as preces e os carinhos  
Ao nosso Pai Universal.



106 - FORTALEZA  
(Mestre Irineu)



Estando nesta fortaleza  
Onde me radeia o sol  
Encostado a meu império  
Dono da força maior

Dono de todo poder  
E dono da força maior  
É Ele é quem me ensina  
Para ensinar os menores

Para ensinar os menores  
Para todos aprender  
Para sempre louvar a Deus  
E saber agradecer.

109 - TUDO, TUDO  
(Mestre Irineu)



Tudo, tudo deus me mostra  
Para mim reconhecer  
Tudo, tudo é verdade  
Eu não posso me esquecer



A minha Mãe que me ensina  
Que me entrega este poder  
Tomo conta e dou conta  
E eu não posso me esquecer

Sigo a minha viagem  
Dentro desta primozia  
Tudo, tudo é verdade  
No Reino da Soberania.

125 - AQUI ESTOU DIZENDO  
(Mestre Irineu)



Aqui estou dizendo  
Aqui estou cantando  
Eu digo para todos  
Os hinos estão ensinando

Aqueles que compreenderem  
E que quiser seguir comigo  
Tendo fé e tendo amor  
Não deve encarar perigo

Sigo os meus passos em frente  
Com alegria e com amor  
Porque Deus é soberano  
E nesta firmeza estou

A Virgem Mãe é soberana  
Foi Ela quem me ensinou  
Ela me mandou pra cá  
Para ser um professor



Vamos seguir, vamos seguir  
Vamos seguir vamos embora  
Que nós somos filhos eternos  
Filhos de Nossa Senhora.



Anexo C  
**Hinos de Antônio Gomes**  
(segundo Adália Granjeiro)

09 - O CHEFE QUE VEIO A TERRA  
(Antônio Gomes)

The image shows the musical notation for the hymn 'O chefe que veio à terra'. It consists of two staves of music. The first staff is in treble clef with a key signature of one flat (B-flat) and a common time signature (C). The melody begins with a quarter rest, followed by a quarter note G, a quarter note F, and a quarter note E. The second staff is in bass clef with the same key signature and time signature. The bass line starts with a quarter note G, followed by quarter notes F, E, and D. Both staves end with a double bar line and repeat signs. Above the final measure of each staff, there are two first endings: '1.' and '2.'.

O chefe que veio à terra  
Como Mestre ensinador  
Recebeu esta missão  
Que a Virgem Mãe lhe entregou

Eu sigo nesta estrada  
Que minha Mãe me mandou  
Cumprindo esta missão  
Do vosso filho Redentor

Todos devem aprender  
E bem amar no coração  
A doutrina de Jesus Cristo  
Que é o dono desta missão

Jesus Cristo é meu Mestre  
Foi ele quem me ensinou  
Dai-me força e dai-me amor  
Que vós é o meu professor.



11 - A VIRGEM MÃE PURÍSSIMA  
(Antônio Gomes)



A Virgem Mãe Puríssima  
Mandou o Mestre aqui  
E ele veio para nos ensinar  
Com amor e com alegria  
Todos nós devemos acompanhar

Acompanhemos meus irmãos  
O nosso Mestre ensinador  
Que ele veio para nos ensinar  
E a Virgem Mãe foi quem nos mandou

Vamos todos com o nosso Mestre  
Que nos mandou a nossa Mãe Divina  
Com toda calma e muitos carinhos  
A todos nós ele nos ensina

A nossa Mãe mandou nos ensinar  
Que é para nos tirar do escuro  
Que o Mestre que nos ensina  
Já está dentro do seu apuro.





## 14 - JESUS CRISTO REDENTOR

(Antônio Gomes)



Jesus Cristo Redentor  
É o dono destes ensinios  
Mandou o nosso Mestre  
Para seguir o seu destino

A Sempre Virgem Maria  
Foi quem veio lhe acompanhar  
Mandou o vosso filho  
Para sempre nos guiar

Com prazer e alegria  
Ele seguiu nesta linha  
Muito alegre e satisfeito  
Acompanhado com a Rainha

O nosso Mestre nos ensina  
Para nós viver neste claro  
Quem não quiser seguir  
Ficará no desamparo.



## 17 - A RAINHA AO NOSSO MESTRE

(Antônio Gomes)



A Rainha ao nosso Mestre  
Ela entregou todo poder  
Para ele nos dar a luz  
Para nós se defender

Este poder quem mandou  
Foi nosso Rei Onipotente  
Para entregar ao nosso Mestre  
Porque Ele é competente

Nós estava quase perdido  
Nas trevas da escuridão  
Com esta divina luz  
Vamos sair das ilusões

Estamos dentro da batalha  
E todos têm que guerrear  
Encostado ao nosso Mestre  
Nós temos que triunfar

Vamos todos meus irmãos  
E não devemos esmorecer  
Que o Mestre que nos ensina  
Ele tem força e tem poder

Vamos enfrentar com coragem  
Sem a nada nós temer  
Porque Deus nos ajuda  
E nós só temos que vencer.



### 23 - ESSE MESTRE QUE ESTÁ AQUI

(Antônio Gomes)



Esse Mestre que está aqui  
Entre nós ele é uma flor  
Com todo poder na mão  
De Jesus Cristo Redentor

Desde do seu nascimento  
Que ele trouxe o seu valor  
Com a Virgem Mãe Puríssima  
Que o Divino Pai talhou

O Divino Pai foi quem deu  
E não tem quem possa tomar  
Mandou ele e seus irmãos  
A São João festejar

A Virgem Mãe lhe deu o poder  
E entregou vossa bandeira  
E mandou ele nos dourar  
Com vossas divinas estrelas

### 30 - RECEBEMOS COM AMOR

(Antônio Gomes)



Recebemos com amor  
O que o nosso Pai quiser nos dar  
Que o nosso Mestre nos dá força  
E nós temos que atravessar



Nós devemos reparar  
O filho da Virgem pura  
Que ele sofreu por nós  
Muitos golpes de amargura

Todos nós devemos ter  
Esta consagração  
Que ele foi para o vosso trono  
E deixou o Mestre na missão

A todos nós ele ensina  
Aprender a ter amor  
Ter firmeza em Jesus Cristo  
Que ele é o nosso Salvador

Jesus Cristo veio ao mundo  
Terminou o que veio fazer  
Entregou ao nosso Mestre  
Ele tem o mesmo poder.

### 39 - ESTE REI QUE AQUI ESTÁ (Antônio Gomes)



Este Rei que aqui está  
Que o Divino Pai mandou  
Ele veio para este mundo  
Para ser o dominador

Mesmo assim eu dizendo  
Ninguém quer acreditar  
Que ele tem este poder  
Deste globo governar



Ele veio ser a baliza  
Deste mundo de ilusão  
Com o poder do Pai Eterno  
Ele traz na palma da mão

Ele veio para ensinar  
Neste mundo universal  
Para todos nós trabalhar  
Para a vida espiritual

Manda nós se corrigir  
E ter toda consciência  
Para ver o que nós precisa  
Para a nossa existência

Quem não tiver consciência  
Não pode ter lealdade  
Em nada tem firmeza  
E nunca fala a verdade

Nosso Rei onde reside  
É num palácio de nobreza  
Não tem com que se compare  
Esta divina pureza

Para ir lá neste palácio  
É com força superior  
Isto eu digo é porque vi  
Que o meu rei me amostrou

Eu nunca vi neste mundo  
Tão importante tesouro  
Aonde brilham todas estrelas  
Bem chuviscada de ouro.



Anexo D  
**Hinos da Missa**

01 - SENHOR AMADO  
(Germano Guilherme)



Para os tempos que estava no mundo  
Mandaram te chamar  
Na casa da Mãe Santíssima,  
Para ti, para ti te apresentar.

Senhora Mãe Santíssima.  
Eu vim me apresentar.  
Atender Vosso chamado,  
Que Vós me, que Vós me mandou chamar.

Te apresenta ao nosso Pai,  
Foi quem mandou te chamar.  
Teu tempo completou,  
Que é para ti, que é para ti te apresentar.

Oh! Meu Senhor Amado  
Eu vim te apresentar  
Atender Vosso chamado,  
Que Vós me, que Vós me mandou chamar.



Confessa os teus crimes  
Do mundo de ilusão.  
Que é para ver se eu posso,  
Para ver se eu posso,  
Para ver se eu posso dar o perdão.

Os tempos que estive no mundo,  
De Vós Senhor nada me faltou.  
Só eu tanto ofendi, tanto ofendi,  
Tanto ofendi a Vós Senhor.

Os tempos que eu estive no mundo,  
Com a proteção de Vós Senhor.  
Só eu tanto ofendi, tanto ofendi,  
Tanto ofendi a Vós Senhor.

Oh! Meu Senhor amado,  
Soberanitíssimo Senhor.  
Só eu tanto ofendi, tanto ofendi,  
Tanto ofendi a Vós Senhor.  
Só eu tanto ofendi, tanto ofendi  
E me perdoai Senhor.

02 - DOIS DE NOVEMBRO  
(Mestre Irineu)



A tua alma entrega a Deus  
E o teu corpo à terra fria.  
Jesus te acompanhe,  
Junto com a Virgem Maria.



Tu pedes aos teus amigos,  
Pelo nome de Jesus,  
Que te rezem umas preces,  
Lá no pé da santa cruz.

Tantos anos que vivestes,  
Agora vai te retirar.  
Vai atender ao nosso pai,  
Foi quem mandou te chamar.

Aqui achou, aqui deixou,  
Levas contigo o amor.  
As portas do céu se abrem,  
Para quem for merecedor.

03 - ROGATIVO DOS MORTOS  
(Mestre Irineu)



São doze horas da noite,  
Meu irmão se mudou.  
O sono da eternidade,  
Deus do céu quem te chamou.

Uma hora da madrugada...  
Duas horas da madrugada...  
São três horas da madrugada...  
Quatro horas da madrugada...  
Cinco horas da manhã...  
São seis horas da manhã...  
São sete horas do dia...  
São oito horas do dia...  
São nove horas do dia...





Tantos anos que vivestes,  
No mundo da ilusão.  
Eu rogo a Deus do céu,  
Que te dê o santo perdão.

A divina estrela vem  
Para ir te alumiar.  
Eu rogo a Deus do céu  
Que te bote em bom lugar.

A Virgem Senhora vem,  
Para ir te acompanhar.  
Eu rogo à Virgem Mãe,  
Que te bote em bom lugar.

04 - MÃE CELESTIAL  
(Mestre Irineu)



Eu peço e rogo, oh Mãe Celestial,  
Que tudo enquanto eu tenho,  
É Vós é quem me dá,  
Oh! Mãe Celestial!

Eu peço e rogo, ao Pai Celestial,  
Que tudo enquanto eu tenho,  
É Vós é quem me dá,  
Oh! Pai Celestial!

Eu peço e rogo, oh! Mãe Celestial,  
Que me dê a salvação  
E te bote em bom lugar,  
Oh! Mãe Celestial!



## 05 - EQUIÔR PAPAÍ ME CHAMA

(Mestre Irineu)



Equiôr Papai me chama,  
Equiôr perante a si,  
Equiôr Papai me diz,  
Equiôr eu sou feliz.

Equiôr Mamãe me chama,  
Equiôr Mamãe me dá,  
Equiôr Mamãe me ensina,  
Amar a quem eu devo amar.

Eu vivo neste mundo,  
Com prazer e alegria.  
Viva a Deus no Céu  
E a Sempre Virgem Maria.  
Jesus Cristo é o nosso Pai,  
De grande consolação.  
Ajudai-me neste mundo  
E no outro a salvação.

## 06 - TODO MUNDO QUER SER FILHO

(Mestre Irineu)



Todo mundo quer ser filho,  
De Deus da Criação.  
Porque que tu te esqueces  
De rezar para o teu irmão?



Meu irmão que se mudou,  
Saiu com alegria.  
Eu rogo a Deus por ele  
E à Sempre Virgem Maria.

Jesus Cristo Redentor  
Eu peço o meu perdão.  
Que nunca mais hei de esquecer,  
De rezar para o meu irmão.

Meu irmão que já saiu  
Do mundo do pecado.  
Eu rogo a Deus do Céu  
Que ele seja perdoado.

07 - SENHORA MÃE SANTÍSSIMA  
(Germano Guilherme)



Senhora Mãe Santíssima,  
O Vosso Filho Ela mandou.  
Esta na frente da estrada,  
Para quem lhe acompanhar.

Para quem lhe acompanhar,  
Com fé e alegria.  
Para a Santíssima casa d'Ela,  
Ela espera todo dia.

Ela espera todo dia,  
O Divino Pai chamar.  
Para a Santíssima casa d'Ela,  
Todos filhos lá chegar.



Todos filhos lá chegar  
E Ela todos receber.  
Para dar a Santa Gloria,  
Aqueles que merecer.

08 - OH! MEU PAI ETERNO  
(João Pereira)



Oh! Meu Pai Eterno,  
É Soberano Senhor.  
É Rei no Céu e na Terra,  
Um Pai Criador.

Oh! Virgem Mãe,  
É Soberana Senhora.  
Rainha no Céu e na Terra,  
Oh! Mãe Criadora.

Oh! Meu Pai Eterno,  
É Soberano Senhor.  
Me perdoai os meus pecados,  
Oh! Pai Criador.

Oh! Virgem Mãe,  
É Soberana Senhora.  
Me perdoai as minhas culpas,  
Óh! Mãe Poderosa.



Oh! Meu Pai Eterno do Céu,  
Jesus Cristo Salvador.  
Nasceu de Maria Virgem,  
Sofreu por Vosso Amor.

09 - DESPEDIDA  
(Joaquim Português)



Me despeço meus irmãos,  
Porque vou me apresentar.  
Vou alegre e satisfeito,  
Para meu Pai me consolar.

Eu vou com muita alegria,  
Porque Mamãe me chamou.  
Quem me deu esta verdade,  
Foi o nosso Pai Criador.

Eu não posso Vos levar,  
Porque não tenho Poder.  
Para seguir a Verdade,  
É preciso compreender.

Para não seguir a Verdade,  
Não é preciso rezar.  
Todos nós temos a certeza,  
Deste mundo se ausentar.



## 10 - PISEI NA TERRA FRIA

(Mestre Irineu)



Pisei na terra fria,  
Nela eu senti calor.  
Ela é quem me dá o pão,  
A minha mãe que nos criou.

A minha Mãe que nos criou  
E me dá todos ensinios.  
A matéria eu entrego a Ela  
E meu espírito ao Divino.

Do sangue das minhas veias  
Eu fiz minha assinatura.  
Meu espírito eu entrego a Deus  
E o meu corpo a sepultura.

Meu corpo na sepultura,  
Desprezado no relento.  
Alguém fala em meu nome  
Alguma vez, em pensamento.



Anexo E  
Hino n.º 38 de Antonio Gomes

38 - A MINHA MÃE ME MANDOU

(Antônio Gomes - segundo Adélia Granjeiro)



A minha Mãe me mandou  
Eu vim me apresentar  
Para contar os meus crimes  
A meu Príncipe Imperial

Ó meu Príncipe Imperial  
Filho da Virgem Maria  
Eu aqui a vós me entrego  
Junto com minha família

Meu príncipe imperial  
Vós é o rei de toda calma  
Eu aqui a vós me entrego  
O meu corpo e minha alma

Eu aqui em vossas mãos  
Eu cheguei já quase morto  
É vós mais meu Pai Divino  
É quem nos dá todos confortos

Ó meu Divino Pai  
Soberano Criador  
Vós perdoe os meus crimes  
Por vosso divino amor



Ó minha Virgem Mãe  
É Mãe do meu coração  
Vós perdoe os meus crimes  
Ó Virgem da Conceição

O dono desta missão  
É Jesus Cristo Redentor  
Vós perdoe os meus crimes  
Vós é o nosso Salvador

Meu príncipe a vós ofendi  
Vós pode me castigar  
Mas sempre eu peço a vós  
Para nunca me desprezar

Vós tenha dó de mim  
Neste mundo deserdado  
Vós perdoe os meus crimes  
Deste seu irmão errado

Meu príncipe está ofendido  
Que todos nós ofendemos  
Vós fechou vossa sessão  
A culpa nós é quem temos

Eu rogo ao meu Pai Eterno  
Para mim e os meus irmãos  
Para todos nós se humilhar  
Para vós abrir a sessão

A sessão estando fechada  
Estamos fora do poder  
Estamos dentro do clamor  
Para todo mundo ver





Assim mesmo é que eu quero  
Que todos venham chegando  
Para me dizer a verdade  
Sempre aqui estou esperando

Aqueles que não temer  
Da verdade me dizer  
Estará junto comigo  
Aqui dentro do poder

Tenho fé na Mãe Divina  
Que agora eu tenho que seguir  
Com meu Príncipe Imperial  
O general que me trouxe aqui

Precisa ter amor  
Para poder ter esta crença  
Eu quero que todos tragam  
Consigo esta consciência

Quem quiser estar comigo  
Aqui dentro da sessão  
Precisa todos saber  
Dar valor a seu irmão.



Anexo F  
**Hinos do Cruzeiro**  
(segundo Percília Ribeiro)

01 - LUA BRANCA  
(Mestre Irineu)



Deus te salve oh! Lua branca,  
Da luz tão prateada!  
Tu sois minha protetora,  
De Deus tu sois estimada.

Oh! Mãe Divina do coração,  
Lá nas alturas onde está  
Minha Mãe, lá no céu,  
Dai-me o perdão.

Das flores do meu país  
Tu sois a mais delicada.  
De todo meu coração,  
Tu sois de Deus estimada.

Oh! Mãe Divina do coração,  
Lá nas alturas onde está  
Minha Mãe, lá no céu,  
Dai-me o perdão.



Tu sois a flor mais bela  
Aonde Deus pôs a mão.  
Tu sois minha advogada,  
Oh! Virgem da Conceição

Oh! Mãe Divina do coração,  
Lá nas alturas onde está  
Minha Mãe, lá no céu,  
Dai-me o perdão.

Estrela do universo  
Que me parece um jardim,  
Assim como sois brilhante,  
Quero que brilhes a mim.

Oh! Mãe Divina do coração,  
Lá nas alturas onde está!  
Minha Mãe, lá no céu,  
Dai-me o perdão.

02 - TUPERCI  
(Mestre Irineu)



Tuperci não me conheces,  
Tu não sabes me apreciar,  
Tu não sabes me compreender,  
A minha flor cor de Jaci.



03 - RIPI

(Mestre Irineu)



Ripi, Ripi, Ripi,  
Ripi, Ripi laiá.  
Se você não queria  
Para que veio me enganar.

04 - FORMOSA

(Mestre Irineu)



Formosa, formosa, formosa,  
É bem formosa.

Formosa é bem formosa.  
Tarumim, tu sois formosa.  
Formosa é bem formosa.

Formosa, formosa, formosa,  
É bem formosa.

Tarumim estou com sede,  
Tarumim, tu me dá água,  
Tarumim, tu sois Mãe d'água,  
Tarumim, tu sois formosa.

Formosa, formosa,  
É bem formosa.



Formosa é bem formosa.  
Tarumim, tu sois formosa.  
Formosa, é bem formosa.  
Formosa, formosa,  
Formosa é bem formosa.

05 - REFEIÇÃO  
(Mestre Irineu)



(antes da refeição)

Papai do céu do coração  
Que hoje neste dia  
É quem dá o nosso pão  
Graças a mamãe  
Mamãe do céu do coração  
Que hoje neste dia  
É quem dá o nosso pão  
Louvado seja Deus

(após a refeição)

Papai do céu do coração  
Que hoje neste dia  
Foi quem deu o nosso pão  
Graças a mamãe  
Mamãe do céu do coração  
Que hoje neste dia  
Foi quem deu o nosso pão  
Louvado seja Deus



Anexo G

## **Estatuto do Centro de Iluminação Cristã Luz Universal**

(segundo transcrição datilografada em posse de Daniel Serra)

ESTATUTO DO CENTRO DE ILUMINAÇÃO CRISTÃ LUZ UNIVERSAL. RIO BRANCO – ACRE. CAPÍTULO I - Seus Objetivos, Sede, Funcionalidade e Ordenação; Art. 1º Ao impulso de altos propósitos e sob os auspícios da Ss. Trindade é promulgado o Centro de Iluminação Cristã Luz Universal (CICLU) na localidade Alto Santo, sito à colônia “Francisco Custodio Freire” – Rio Branco, capital do Acre, cuja entidade, remanescente de sua anterior denominação de Centro Livre, é perdurável e autônoma com função cristã, social, cultural e cívica em base jurídica, responsável por suas diretrizes de caráter privado, tendo por fins: I. O culto a Deus em espírito é em verdade sob o ritualismo específico de Ecletismo Evolutivo emergido segundo o critério de seus fundamentos, o qual tem por limites: (a) o Cristianismo e a fé evocados por seus membros partindo das lições em Filipenses 3:18-19 e 1º Coríntios 1:18, que consagram o grande símbolo de Cristo o Criador; simbolizando a segunda: (b) a integração dos vinculados à SS. Trindade mediante aliança celebrada nas visões e revelações: simbolizando a terceira: (c) a fortaleza dos membros na doutrina de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. I. O conagraçamento de pessoas de varias denominações cristã, sem distinção de sexo, raça, cor, posição social ou classe. O bem-estar de seus membros, constando de instrução: (a) moral (b) cultural (c) religiosa (d) cívica e do (e) estado de graça que Deus confere a seus ungidos e agraciados. IV. A segurança de instituição e vigência de seu estatuto na forma do art. 153, 1º, 5º, 6º, 8º e 28º da Constituição Brasileira e das Sagradas Escrituras. Art. 2º A esta entidade com a sigla o nome acima é conferida a seguinte hermenêutica: (a) Centro, representado o ambiente e a composição humana; (b) De Iluminação Cristã, designado a centelha divina e o caráter cristão a brilhar nos ensinamentos e instrução em especial a consciência de seus membros e adeptos, Luz Universal, isto é, a Luz Suprema, o Trino e Uno Ser Divino Pai Filho e Espírito Santo. Art. 3º Encerrado o ritualismo o nome místico de Ecletismo Evolutivo tem



o mesmo objetivo a colimar a razão de sua procedência e a personificação de seus foros docentes para a instituição no alcance a seus direitos na forma do art. 180 da Constituição vigente e cumprimento às leis e aos princípios que dela promanam. CAPITULO II - Art. 4º Dos sentimentos e atributos à este assoalhados: (a) o amor (b) a igualdade (c) a justiça (d) a harmonia (e) a verdade, tem entre outros, caráter coexistente de par com a dignidade e disposição moral de cada membro, graças ao que cada comunhão com N. S. Jesus Cristo pelo “santo daime” lhe será facultada, bem como os congregantes que tem por ordenança a mesma fé serão portanto defendidos na sua prática cristã, se destacando o lema por; I- Ideais nobres e; II- Determinantes; III- A elevação de espírito e IV- A rejeição de espíritos vulneráveis aos princípios cristãos nas Sagradas Escrituras, mediante o que a ação liberal expressa ao livre arbítrio dos adeptos e estranhos, não alcançará: (a) os amorfos (b) os ateus (c) os anticristãos (d) os marcadamente incrédulos (e) os energúmenos (f) os agnósticos. CAPITULO III - Disciplina Cristã - Art. 5º Reservando-se ao direito de abster-se às heresias do anticristo, não terá entidade: I Ensino ou prática na forma expressa, em Malaquias 3:5-6; Isaías 8:19 e semelhantes das Sagradas Escrituras: II Nem encenações mercenária de estranhos ou adeptos que não proclamarem N. S. o Deus Filho e trino por desconhecimento ou estagnados do primarismo farisaico, nem qualquer outra forma escarriotista, evitando-se contendas e ameaças que ofendam às funções ou o caráter pessoal e doutrinário de estranhos opostos, resguardando-se assim. (a) o mandamento hiperbólico de amar aos contrários por Cristo ensinando em S. Lucas 6:27-35; S. Mateus 5-47 e Romanos 12:14-21 e (b) a liberdade pessoal de culto expressa no Código Penal, arts. 147 e 196, incisos I e III e na Constituição vigente § 8º e capítulo IV – Das Garantias Individuais. § 1º Por outro lado a abstenção em completar tais oponentes. I – “Porque se alguém não traz a doutrina de Cristo, não se deve recebê-lo nem tampouco saudá-lo para não compartilhar das suas más obras (2º S. João 1:10-13); II – “Porque ninguém pode por outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo (1º Coríntios 3:11); III – “Porque muitos virão em nome de Cristo e enganarão a muitos ( S. Marcos 13:5; S. Mateus 24:5 e S, Lucas 21:8). § 2º A inobservância desta norma comprometerá a entidade ante a Constituição predispondo-a à perda das garantias e prerrogativas expressas por lei e



internamente implicará em medidas que vão da perda das funções à invalidade dos direitos dos membros previstos no estatuto. CAPITULO IV - Características Ecléticas - Art. 6º Não vestindo a entidade doutrina com padronagem sua nem cingida a formalismo, é entrando regida por uma concepção liberal em aspectos, todavia conservando o essencial e a natureza das são doutrinas com incursões na magia divina e nas santas Escrituras, constando de: a) ensino e revelações propulsores de encontro a soluções de problemas; (b) o alcance a horizontes novos pela abertura dos arcanos astrais, desvendando enigmas e mistérios no labirinto do desconhecido, contribuindo para: I- A promoção das criaturas às suas respectivas doutrinas; II- Ajuda no possível a estancar a ignorância religiosa; (a) estoicamente obedientes ao Apocalipse 3:19 e semelhantes em que Cristo disciplina aos que ama para galardão ou glória com estes nos céus ou: (b) na forma fraterna do cap. 6 e versículo 2 de Gálatas, conforme os penderes; III- Incentivo à evolução e aos requisitos a cristãos e a cidadãos, gradativamente; IV- Abstenção de elementos doutrinários não construtivos ao bem da entidade. CAPITULO V- Apologia à Bendita Virgem e à SS. Trindade - Art. 7º Ajustada à pragmática do culto, alinha-se a exegese à Virgem Santíssima e ao excelso e Trino Ser Supremo, aos quais não é lícito tornar-se em repúdio ao impulso de falso princípios e ao talante de contradições levianas, emitir-se de nossos conceitos. Art. 8º Se considerando ter ela a primazia que apregoam as multidões que a veneram e os méritos a que faz jus a honraria que lhe tributam todas às gerações (S. Lucas 1:48-49) é tropeçar em erro não conhecer a mística divina e macular-lhe o quilates com sentido meramente humano, querer ofuscar-lhe as "grande coisas" (benignidade, méritos, etc.) que o Salvador lhe salvara posta em privilegio. § 1º Por mais não diz a Bíblia os filhos de Maria e nem que ela os teve além do Verbo, sendo os irmãos de Jesus em sentido místico e na fé sem agnação portanto conforme o apóstolo Paulo gerou também o seu filho Onésimo (epístola à Filémon 1:10) e o mesmo que Jesus Cristo emprega em S. Marcos 10:20-30 com vista aos irmãos e filhos para os que o seguirem, bem assim Jesus com a natureza divina (primeiro plano), jamais admitiu fosse ela sua mãe carnal e sim a genitora da humanidade em sentido místico, tornando-a por mãe do apóstolo João e a este por seu filho como expressão do gênero humano (S. João 21:21-27), cujo simbolismo depois consolidou até a sua volta ao





grande juízo (S. João 21:21-23), portanto a medianeira entre Cristo a Humanidade e Pai. Art. 9º Avulta que os irmãos de Jesus em sentido sangüíneo, é mero engano pois os dois irmãos Tiago 1º e João, são filhos de Zebedeu e Tiago menor, filho de Alfeu (S. Mateus 10:2-4; S. Lucas 6:14-16; Atos 1:13 e S. Judas 1:1 e quanto ao esposo da Virgem não tê-la infamado (S. Mateus 1:19) por amor fraterno, só a conheceu depois pelas provas em contrário (pureza, santidade, excelência e fins) plenamente salvas na eleita de Deus, portanto, não diz o texto ter o patriarca a conhecimento maritalmente, sendo Jesus em sentido humano, o primeiro e o único Filho Virgem. Art. 10º Dealbando a verdade, não era concebível à Alma do Ser Supremo fica restrita aqueles templo corpóreo, devestida apenas da natureza humana (segundo plano) inferior aos do anjos “por causa da paixão da morte a que sujeitara-se” (Hebreus 2:7-9) e da Virgem alijasse as “grandes coisas”, transformando em instintos carnis os privilégios da predestinada, invalidando-lhe a pureza inerente a sua alma no céu criada qual potestade para aquele grande evento, parecendo oculto este principio apenas ao entendimento vulgar dos que ao curso de juízo mercenários mecanizando as idéias por uma concepção espúria, menos para os afeitos ao exame racional e lógico das visões e das Sagradas Escrituras em realidade e consciência. Art. 11º Levando apologia ao principio teológico é valido o critério de a Virgem em segundo plano (natureza humana cristã) se constituir a mãe do verbo correspondendo a mãe de Deus posto que ele chama as coisas que não são como se já existissem (Romanos 4:17) e porque para ele nada é impossível (S. Lucas 1:37 e S. Marcos 10:27), e qual é glorificado pelo Filho e este por ele antes que o mundo por este fosse criado (S. João 1:1-4 e Hebreus 1:2), o qual voltou à glória tanto mais excelente que a dos anjos (Hebreus 1:4), portanto o Pai e o Filho a eles se superam e pelo pai e o Filho serem um só Ser Supremo (S. João 10:30), sendo Jesus, por isso, o Caminho, a Verdade e a Vida e quem a ele chegue desde já está vendo o Pai e já o ter visto, pois quem vê a Jesus está vendo é o Pai porque ele está no Pai e este nele (S. João 12:44-45 e 14:6-11), o qual com dupla natureza divina e humana, com esta deu-se ao martírio e à morte e com a primeira conservou a divindade, tendo assim a vida por se mesmo, por cujo principio que recebe o Filho está recebendo é o Pai e quem a este recebe está recebendo é o Filho (S. Mateus 10:40), bem como todos que honra-



rem a Cristo estão honrando ao Pai e todos aquele que assim não honra ao Filho, está desonrando é o Pai o qual passou ao Filho o julgamento (S. João 5:22-23), portanto tudo o Pai passou ao Filho, o qual é a imagem do Deus invisível (Colossenses 1:15) e ninguém o conhece senão o Pai e a este senão o Filho e aquele a quem ele quer revelar (S. Lucas 11:27) envolvendo este critério a indivisível dualidade, de cujo principio procede o Espírito santo, formando com o Pai e o Filho a SS Trindade, a qual dá testemunho do Espírito, da água e do Sangue que nos céus e na terra são um só Ser Supremo (1ª S. João 5:7-8). Art. 12º Segue-se que negando o Filho está negando o pai e é do anticristo e todo aquele que proclama Jesus Cristo, este é do pai e tem a vida eterna (1ª S. João 22-25) tendo a se conhecer que o Pai está no Verbo e este Nele não como as potestades e os espíritos que nos céus vivem nem como os que hão de voltar mas porque no principio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus e todas as coisas foram feitas por Ele e sem Ele, nada do que foi feito se fez sem Ele (S. João 1:1-4 e Hebreus 1:2 supracitados), pelo que não houve e nem haverá outros deuses nem há outro Salvador senão Ele (Isaias 43:10). Art. 13º Sabendo-se que todo principio foram os céus (2º S. Pedro 3:5) e que imprimiu o Pai à sua natureza e divindade o nome Filho (Salmos 2:7; Atos 12:33 e Hebreus 1:5 e 5:5) é em outros termos “o Mistério que esteve oculto desde todos os séculos e em todos as gerações e que agora foi manifesto aos seus santos, aos quais quis Deus fazer conhecer as riquezas da glória deste Mistério entre os gentios que é Jesus para conhecimento do Mistério de Deus-Cristo” (Colossenses 1:26 e 2:22), cuja analogia em Jeremias 31:31-34 é Jesus Cristo a Aliança prometida em que o pai se mostrará a todos, daí ser o Pai a cabeça de Cristo (1ª Coríntios 11:3) e ninguém ter visto o Pai senão o que de Deus é a essência que em outro termos é o Filho (S. João 1:18 e 6:46 e Timóteo 6:16). Art. 14º Levando o contexto é o Pai maior que o Filho no direito de a este passar todo poder nos céus e na terra (S. Mateus 11:27 e S Lucas 10:22) posto que o Verbo Alma e Natureza do Pai não se engrandece por se mesmo (S. João 8:54) mas a ele se iguala (S. João 13:16) e porque Jesus com a natureza humana baixara-se em relação ao Pai. § 1º Não obstante, este ordena aos anjos adoração a Jesus Cristo e a este diz: “ó Deus, o teu trono subsiste pelo século dos séculos, por isso Deus o teu Deus te ungiu” (Hebreus 1:6-9), cujo princi-



pio em Romanos 9-5 é análogo em que Cristo é o Deus sobre todas as coisas, se constituindo assim o grande poder que converte o impossível ao concebível na mística divina, sem o que a sabedoria suprema seria insustentável. Art. 15º Sabendo-se que é Jesus Cristo antes de todas as coisas que por ele subsistem (Colossenses 1:17), retornou aos céus com as naturezas divinas e humana (segunda a natureza) como se infere dos evangelhos ao Apocalipse e é o nosso Deus e Pai (2ª Tessalonicenses 2:16); nosso Deus é salvador (2ª S. Pedro 1:1); verdadeiro Deus é a vida eterna (1ª S. João 5:20); é finalmente o Maravilhoso, Conselheiro Deus forte e Pai da eternidade (Isaias 9:5); o Alfa e o Omega, o começo e o fim de todas as coisas, o Deus de todos que venceram e o templo celestial (Apocalipse 1:8; 21:6 e 22) justificando assim ser Ele verdadeiramente o Pai e o Espírito Santo na Trindade e Unidade pela essência e natureza divina e humana, esta última enfatizada pela Bíblia para que a adoração, louvor, honra e glória a Ele tributadas não seja uma impostura divina mas a livre expressão do arbítrio humano ao seu querer supremo conforme determina o Pai para as criaturas.

CAPITULO VI- Caráter Teórico- Art. 16º Imprimindo a este: I- A vocação e a prática II- A livre manifestação do raciocínio e liberdade regido pelo: (a)livre arbítrio alternadamente ao (b)determinismo, é esquadrinhado na reflexão: I- O comportamento individual e traçadas as normas do sistema com ressalva às leis de causas e efeitos e. II- manifesto em suma os atributos da alma. § 1º pelo determinismo são condicionadas as leis que regem: (a)os acordos das junções em idéias e transformações reguladoras do pensamento comunitário. (b)as ações e causas a que subordinam-se suas funções e a seqüência de fatos oriundos do poder supremo. § único. O outro fato é a intervenção divina que faz compreender a sua vontade e que vai além dos limites humanos, os quais são por assim dizer os limites de Deus, refratários e irrevogáveis.

CAPITULO VII- A Polideliça e suas Qualidades- Art. 17º Passando ao primado dos mistérios, destaca este capítulo a atuação das plantas sagradas jagube e mescla, de cuja seiva vem a polideliça, designado genérico vertido do prefixo grego “poly” = excelente e do substantivo latino “delicia” aportuguesado sinteticamente, cuja neologia provem de ayahuasca convencionada em “santo daime’ pela luz dos mistérios que encerra e a maneira de pedir-se, projetando a abstração do espírito simultaneamente em cautério e épula, a odisséia do mundo invisível em



realidade passada, presente e futura: I- O simbolismo das visões e suas relatividade; II- A elevação de espírito; III- A inspiração da alma; IV- A luz divina; V- As vibrações; VI- As comunicações ou revelações; VII- A iluminação da consciência por cujo alcance a prefigurações do Espírito Santo se projeta conforme Deus prometera até ao grande juízo ( Joel 3:1-5 e Atos 2:17-21), ao influxo do ego impondo ele a fé e não as concedendo a titulo de meta ilusão nem a quem dela duvide o alcance do alvo desejado (S. Marcos 11:22-23 e S. Mateus 21:21-22). § único Cósicos destes princípios, cada obreiro irá se evoluindo à proporção que os fundamentos e os mistérios lhes sejam revelados sem pretensão a conhecimentos que ainda lhes sejam vedados mas buscando sempre o aprimoramento dos valores humanos e os atributos da alma, convenientemente. CAPITULO VIII- Normas Cristãs e Cívicas- Art. 18º Consolidados os fundamentos da Ordem na constituição evangélica suas bases se erguem na disciplina cristã consagrando seus filiados seus foros de obreiros a margem de erosão viciosa, tendo o Centro por norma não facultar o uso da polideliça aos a que a titulo religioso se apresentarem idôneos mas ao corrente da pratica atentarem contra aos dispositivos da lei, cujos os viciados queiram burlar o critério da entidade e sem ilações confundirem os efeitos traumáticos ou a crise por que passa o espírito em depuração por estes agentes e incidem a estes princípios, serão proscritos da comunidade e entregue as autoridades para consequentes disciplina. § 1º Por outro lado, apta a instituição a admitir para higiene mental e cunho educativo na forma da lei os: (a)intempestivos (b)desvairados (c)paranóicos (d)procazes (e)retardados (f)protervos (g)salazes (h)rufiões ou afins como viabilidade ou não de recuperação moral e mental, pelos quais assinarão seus responsáveis um termo condicional ao regulamento do Centro e serão mantidos em observação pelo tempo necessário ao equilíbrio mental ou moral ou ao resultado negativo, colaborando assim a entidade com: I- Os poderes públicos no aprimoramento dos valores humanos e com: II- As doutrinas legais constituídas. § único Quando aos que preenchem os requisitos morais prescritos, não se fará restrição desta espécie, se empenhando a direção em mostrar-lhes o retrato fiel deste colírio portador da magia divina concorde com o Apocalipse, cap. 3; e versículo 18 e disseçadas que foram as tergificações quando há entorpecente e dirimida a censura, cujas provas se esbaldam mediante análise química de



laboratório efetuada e mencionada em anexos. CAPITULO IX- Moral e Profilaxia- Art. 19º Capitulado pela moral e a saúde da agremiação, a todos é vedado na forma da alínea “b” e art. 8 da Constituição e decreto-lei 159 e art. 281 do Código Penal e afins , o uso ou o tráfico dos inebriantes, refutando-se: (a)a morfina (b)a heroína (c)a cocaína (d)maconha (e)a marijuana (f)a cachaça (g)o LSD e outros também de efeitos deletério incompatíveis com a dignidade humana, os quais obscureçam a consciência e os sentimentos nobres levando à perversão e o fatalismo suas vítimas na anciã insopitável de alegrias fortuitas e degradações. § único Requisitar-se na insensatez da liberação e tripudiar as finalidades da alma é mergulhar o ego em panacéia de ilusões e atos que avitam a integridade moral e comprometem a saúde e a personalidade, levando suas vítimas ao escravismo vicioso e ao fim contristador expresso em 1º Coríntios 6:10 e afins, cujo viciado não entrarão no reino dos céus. CAPITULO X- Caráter Pátrio e Altruístico- Art. 20º Feitos archotes desta luz sublime, tem os ecléticos por alvo também a evocação dos valores pátrios. § 1º Daí o ter assento no estatuto e a devida aplicação o reconhecimento e o tributo à Pátria a qual não é: I- Monopólio II- Formalismo ou seita mas ao invés é justamente: (a)o céu e o solo (b)a tradição e o regime (c)a coletividade e os costumes (d)a liberdade e o folclore (e)o idioma e o ensino (f)as leis e a justiça, cuja orgânica este grêmio rende homenagem compartilhado dos; I- Sacrifícios II- Alegrias coletivas e III- Ajudam a contornar situações. § 2º Fazendo-se instintiva a harmonia da classe, ela tende alegrar-se amando sincera e fraternalmente uns aos outros com naturalidade e simplicidade, espiritualmente confinados à periferia, do Centro, sem pretensão nem prepotência interna e externamente para com os estranhos, todavia se abstendo ao uso do mesmo veículo nas entidades congêneres em defesa à tradição do CICLU e respeito às mesmas. § 3º A revelia a esta norma implica em suspensão que vai de 3 a 6 meses ou da suspensão do “daime” ao infrator por igual período e nas reincidências será dobrada a penalidade, com atenuante com caso especiais e se as circunstâncias forem ponderadas pelo Mestre Imperador. § 4º Inspirada neste propósito, promoverá a entidade a igualdade com as congêneres sem competir contra mesmas usurpa-lhe, os direitos para que o êxito as bafeje igualmente, bem como ajuda no possível, conforme o caráter doutrinário que as definam e os pendentos. CAPITULO XI- Composi-



ção Religiosa e Social- Art. 21º O Centro de Iluminação Cristã Luz Universal, cuja a estrutura se efetua religiosa e social terá por órgãos distintos: O Conselho Superior e o Conselho Comunitário, compondo-se o 1º dos titulares: I- Mestre Imperador II- Mestre Imediato III- Conselheiros IV- Conciliares, estas nas categorias de provecos, nocivos, leigos, beneméritos e beneméritos-provecos. CAPITULO XII- Títulos e Deveres do Mestre Imperador- Art. 22º Investindo de poder discricionário, terá este por títulos e deveres: (a)Um passado digno, pleno de méritos espirituais a que façam jus a sua honrabilidade; (b)Primar com a irmandade pelos deveres pátrios em resguardo à Constituição Brasileira e às Leis vigentes; (c)Ter as Sagradas Escrituras e a Luz do Daime por princípios cristãos de seu apostolado, pelas quais exerça a plenitude e a fidelidade de suas funções. § único Regendo-se pelo critério que imprimir a sua alçada: I- Manterá sua investidura como Imperador vitalício legitimado os seus direitos pelos quais proverá o veiculo divino do "santo daime" para seus usuários e procederá; II- A equiparação e padronização do CICLU ao CECLU em Porto Velho; III- Fará sempre que oportuno averiguar a eleviação da irmandade, tendo em vista o art. 1º, inciso III e suas alíneas do presente estatuto; IV- Norteará suas diretrizes e base conforme seu elevado censo e probidade. CAPITULO XIII- Atributos e Direitos do M. Imperador- Art. 23º Exercendo seu domínio com supremacia, lhe será facultado: a)Aplicar medidas disciplinares quando lhe aparecer viáveis; (b)Consultar e ser consultado; (c)Apreciar matérias que subam à sua apreciação; (d)Aprovar ou refutar projetos, medidas e empreendimentos concernentes à instituição; (e)Justificar as medidas de seu critério, sempre que oportuno; (f)Eximir-se de qualquer omissão que possa lhe ocorrer por motivos alheios a sua vontade; (g)Abs-tenção de contribuição financeira para com a entidade; (h)Auxílio financeiro para provimento ao "santo daime"; (i)Designar, quando oportuno, seu representante junto às Igrejas Cristãs em solenidade, contaves e afins, coordenando relações entre o Eclétismo e as mesmas; (j)Entrar em recesso quando lhe aprouver ou por circunstancia especial; (k)Salvaguardar a entidade ante as heresias e falsos princípios que exprobam a bendita Virgem, as Sagradas Escrituras, a SS. Trindade e os fundamentos especificamente cristãos; (l)Nomear e mudar os titulares de ambos os Conselhos em suas respectivas funções na forma regulamentar ou mantê-los por conveniência de



par com a aprovação da assembleia; (m) Ser agraciado com os distintivos e símbolos da entidade bem assim ser contemplado por outros direitos, conforme sejam, não previsto no estatuto. CAPITULO XIV- Títulos e Deveres do Mestre Imediato- Art. 24º Possuidor de virtudes e vida exemplar a este incumbirá: (a) Cumprir e fazer cumprir as funções estatutárias e a cujo critério imprimir suas diretrizes realizando as sessões normais e extras de concentração e as instruções seguidas sempre de ritual cristão; (b) Dimensionar medidas que promovam o fortalecimento da instituição e condições de propriedade; (c) Primar com a irmandade pelo disposto no art. 86 da Constituição vigente e no que a mais lhe seja ela atinente; (d) Com a aprovação do Imperador, consignar o templo e suas dependências para: I- Conferencias, santas missas, cultos clericais ou evangélicos, cuja ação não contraste os princípios estabelecidos pela entidade; II- Abrir os egressos de entidades congêneres, cujo desligamento esteja plenamente consumado e que busquem se evoluir dos princípios cristãos exarados pela entidade; (e) Proceder a aplicação do “santo daime” aos dotados de estado volitivo e abster-se da aplicação do mesmo aos acometidos de estado abúlico ou por circunstancia especial; (f) Doutrinalmente, empregar seus requisitos de maneira clara e acessível, partindo dos pontos mais elementares preliminarmente conforme I Coríntios 3:1-2 e a seguir, promover; I- A elevação do ensino, a cujo foro repassem os princípios da SS. Trindade e Unidade de Deus; II- A salvaguarda à teoria criacionista em diversificação à evolucionista; III- A reformulação das instruções que o critério indique o desuso ou agiortamento nos pontos a obliterar; IV- Em padrão mais elevado alcantilar posteriormente o culto aos os obreiros à proporção que os mesmos se tornarem espiritualmente mais fortalecidos e mais elevados, todavia em moldes que promanam condições a um Cristianismo sem fronteiras inspirando no ideal de liberdade solidariedade-unidade (art. 176 da Constituição vigente). (g) Incentivo à lealdade, ao congraçamento e à fraternidade , inflitando o separatismo e preconceitos doutrinários, racista ou de cor para o bem comum e a salubridade espiritual da unidade; (h) Correção aos desalinhos e incidências passíveis de repressão; (i) De forma elucidante procura eliminar da classe os erros e enganos provindo de doutrinas não-cristãs e falsos princípios, tendo presente de que quem em Cristo confia não será confundido mas importando a vigilância que ele determina; (j) Para melhor



índice evolutivo da classe, examinar sempre que oportuno o teor das visões e dos mistérios nelas contidos e nas Sagradas Escrituras; (k) Instruir a classe como empregar humanamente o carisma e as forças divinas consignadas por N. S. Jesus Cristo, de efeitos benéficos e verdadeiros; ( l) A disciplina (penalidades em que suas especificações) conforme os ditames do Mestre Imperador; § único. No âmbito em que mais diretamente possa incidir a sua alçada, resolvera ao seu critério e autorização do Mestre Imperador sem opção da classe, conforme os ditames regulados e a natureza das circunstâncias. CAPITULO XV- Títulos e Deveres do Conselheiro- Art.25º Imprimindo em seu domínio espiritualidade e cultivo pautar-se-á:(a) Na forma expressa em S. Tiago cap. 1:4-6, cap. 3:13-18; Romanos cap. 12:7-8; Cap. 13:7; 1ª S. Pedro; cap. 2:13-15 e 2ª S. Pedro cap. 1:5-10, cujo apogeu tenham reflexos para a comunidade; (b) Afeitos aos lineares ecléticos, inferir deduções à conceituação doutrinaria, em cujo padrões aflorem suas qualidades eméritas; (c) Conduzir-se em caráter igualitário nivelando à classe e aos Mestres em tudo que concerne os princípios sociais, morais, culturais, religiosos e afins prescrito, ressaltando-se suas funções; (d) Assessorar o Mestre Imediato nas dissertações à conceituação doutrinaria em cujo padrões afins a que for mister e substituí-lo em suas eventuais ausências; (e) Envidar esforços no desembaraço de problemas, conjunturas e afins a que possa se prender a entidade, tudo fazendo o alcance para que a fé cristã sob seus matizes encontre no ativismo eclético sua verdadeira imagem com vista ao âmbito interno; (f) Ajudar a conformar as dissensões, digressões, invectivas e dislates que por acaso se façam internamente ou venham a entidade a se defrontar; (g) Aquilatar os membros a defabular as inverdades que por acaso aviltarem a dinâmica centrada; (h) Cultuar o mérito das Sagradas Escrituras e seus derivados em prol da fé cristã, por cujo descortino possa elevar o mérito da entidade e sanar as discrepâncias de ordem doutrinaria que por acaso se façam no seio da classe ou ferir os princípios cristãos: ( i) Endossar medidas que levem a pujança os padrões da Ordem e seu restabelecimento nos desgastes e crise, se isso ocorrer; (j) Auscultar seus compares na apreensões, expectativas e casos excepcionais de ordem legal;(k) Fazer que os dispositivos que regulam a vigência estatutárias sejam por seus membros bem definidos e se ajustem às peculiaridades que integram seus objetivos; (l) Colimar em acertos as necessidades, contingências, utilidades,





conveniências, viabilidades e insolvências atinentes à instituição; (m)Reivindicar com o Dignatário e o Presidente, quando for o caso, medidas de amparo dos poderes públicos para a mesma e devotar-se ao desembaraço de qualquer pendente; (n)Ater-se à divulgação de trabalhos culturais, doutrinários e afins que visem pôr a entidade em evidência e a salvo de complicações com que tentem solapar sua estrutura. CAPITULO XVI- Títulos e Deveres da Classe em Geral- Art. 26º Atuando livremente na agremiação com os requisitos prescritos, as categorias ou classes conjuntamente denominados de Conciliares (art. 20 e seus incisos) constarão de; I- Provectos, os filiados cuja elevação e discernimentos das visões corram de par com os da Sagradas Escrituras e conhecimentos teológico da doutrina cristã e os demais princípios exarados; II- Noviços, os que mesmo radicados ao Centro não possam ainda auferir os títulos cabíveis apenas aos primeiros; III- Leigos, os que mesmo radicados ao Centro seus graus estejam em desnível com os provectos e desobrigados de afinidades e deveres que só aos primeiros e aos segundos comportarão; IV-Beneméritos, Os que duram 10 anos prestarem ao Centro serviços relevante ou que uma só vez contribuírem com vultosa importância para a entidade, cuja abnegação e altruísmo possam superar as deficiências comuns; V-Beneméritos-provectos, os que pelos requisitos prescritos possam reunir ambos estes títulos; Art. 27º Constituindo cada membro um soldado das milícias cristãs (1º Timoteo 7:3-4) deverão todos reger-se pelas seguintes normas exageradas. (a)Pautar-se condignamente nas seções e trabalhos de qualquer teor; (b)Não incidir em atividades ilícitas internas ou externamente; (c)Primar pelos deveres pátrios, às leis vigentes e à Constituição Brasileira em seu art. 86 e os demais a que estejam sujeitos (art. 21 e línea "b" do estatuto); (d)Internamente não ferir ação política e inclusive respeitar a seus líderes; (e)Com exceção dos leigos, prestar fidelidade à instituição e colaborar para sua perfeita funcionalidade; (f)Respeitar seus compares e superiores e a este ater-se às deliberações; (g)Observar a vigência de medidas normais da instituição, omissas no estatuto que a direção imprimir; (h)Desobrigar-se de suas contribuições financeiras para com a mesma e não escantinar seus óbulos ao desembaraço de maiores problemas que a ela sobrevivem; (i)Apoiar sempre que possível os superiores e mestres nas resoluções e projetos, quando chamados a optar; (j)Acautelarse das heresias e falsos princípios que contras-



tarem as verdades manifestadas pela instituição em uníssono à fé católico-evangélica; (k) Não empregar meramente as Sagradas Escrituras nem sob critérios de avaliação humana o seu caráter divino; (l) Tomar o veículo do “santo daime” com a confiança que N. S. Jesus Cristo exige em S. Marcos 16:18; 11:22-23 e S. Mateus 21:21-22 para o alcance ao êxito a que alude o art. 16 e seus incisos; (m) Não fazerem mal uso dos correntes de força quando estas passarem ao seu domínio simbolicamente conferidas nos mistérios e com ela ou não, todo o bem que praticar, seja em nome de N. S. Jesus Cristo; (n) Perdoar as injurias uns aos outros (Romanos 13:18) e não se arvorar de salvos se julgando a si próprios, mas dar estes testemunhos quando a imensurável bondade de N.S. Jesus Cristo; (o) Reciprocamente ajudar uns aos outros sempre que possível (Gálatas 6:2) e dentro ou fora dos mistérios não dar vasão a anseios que impliquem nos direitos do próximo, insólitos à vontade divina; (p) Com tenacidade e firmeza ajudar a impulsionar os empreendimentos e ações de caráter objetivo legal que a entidade possa empreender; (q) Ater-se à projeção das visões ou mirações e quando o mestre ordenar expender testemunhos fiéis e verdadeiros do que os cenários façam expor e do quanto a verdade impõe não negar, diminuir ou crescer ao que emergir para exame, estudo e prática da fé cristã. § 1º A inexatidão de qualquer teor, se apercebida implicará a corretivo que vai da suspensão do “daime” para o infrator de 1 a 6 meses conforme o caso, contudo sem perda da assistência doutrinária e da frequência se conveniente: (a) Por ação mais fluente despertar as forças criativas ao revigoramento dos sentimentos nobres sempre vinculada à doutrina cristã que desposar; (b) Firma-se nas tradições cristãs, não se embutir em misticismo ou seitas, nem nas suas retaliações e sofismas; (c) Tomar por principio a resignação nas agruras, embates e reverses que a fatalidade não permita erradicar; (d) Estreitar os liames à solidariedade, igualdade, fraternidade e salubridade espiritual na periferia do Centro e em suas relações a mais, conforme possa; (e) Pugnar pelos princípios cristãos lustrados nas Sagradas Escrituras concorrendo ao bem-estar conjuntamente e em particular; (f) Abster-se das cegueiras, relutâncias, sectarismo e das frivolidades que obscurecem as verdades e verbarem os princípios culturalmente levantados pela ação cristã; (g) De todo coração adorar e proclamar N. S. Jesus Cristo o Deus Altíssimo com todas as letras, conforme os elementos probatórios das Sagradas Escri-



turas e as revelações e visões; (h) De todo coração venerar e proclamar a bendita Virgem mãe de Deus sem profana-lhe os méritos, conforme as Sagradas Escrituras e identificada que é pelas revelações e visões; § 2º Aos leigos é vedado dialogar com os circunstantes ou estranhos, matéria de caráter teológico, mirações ou outro gênero que envolva conhecimento e raciocínio em profundidade. § 3º Indistintamente, a todos é vedado o uso ou o tráfico de tóxico, narcóticos e entorpecentes previsto neste estatuto, cap. IX, art. 18 e suas alíneas em resguardo às leis que os condenam e aos princípios morais e salutares que a instituição proclama. CAPITULO XVII- Conselho Comunitário e Suas Funções- Art. 28 Se constituindo estes dos principais titulares: I- Dignatário II- Presidente e III- Monitor, tem por complementares: IV- O gestor V- O secretário VI- O tesoureiro e VII- O zelador e por funções: (a) Assumir a alçada do 1º Conselho, sempre que oportuno, objetivando sua plataforma e meta; (b) Argüir as conveniências, faltas e incidências de caráter social ou equivalentes e que possam incidir seus subalternos, tudo fazendo ao alcance para as mesmas não tomarem o maior curso; (c) Executar o presente estatuto, as leis e os atos oriundos dos poderes públicos; (d) Assegurar o normal funcionamento da entidade e imprimir suas atividades sociais, culturais, administrativas e afins; (e) Patetear sua dinâmica, representar em publico suas finalidades e tornar viáveis seus objetivos e programas; (f) Responder pela oneração de títulos a que venha ela a se empenhar e pelos seus bens móveis e imóveis patrimoniais; (g) Dar quitação e assumir responsabilidade de caráter exterior (divulgação, publicidade e propaganda); (h) Contrair obrigações morais, firmar e resgatar seus compromissos assumidos; (i) Expandir seus limites, comprovar sua idoneidade, autenticidade e paradigmas; (j) Assumir seus encargos, imprimir sua regulamentação, atribuições e funcionalidade, cujo critério este subordinado à CEPE. Art. 29 Ao gestor, compete administrar os bens móveis e imóveis da entidade, a fiscalização de obras a que venha a mesma realizar e se incumbir da obtenção aos vegetais do “santo daime” e correlatos. Parágrafo único. Semestralmente prestar contas das despesas, gastos, saldos, aplicações e recebimentos passados pelo seu controle. Art. 30 Ao secretario é seu mister tomar conhecimento da afluência ao Centro das matérias administrativas que escapem à alçada do gestor, tais como biblioteca, a discoteca e proceder as atas e assiná-las juntamente com o monitor e o Presiden-



te. Parágrafo único. Reserva-se com estes quando necessários nos ocasionais impedimentos e executar as notificações, recibos, quitações, provas e vistas às metérias de caráter externo e colaborar com o tesoureiro nas anotações, relatórios e afins. Art. 31 Ao tesoureiro, cumprir e receber as contribuições, donativos, óbulos e as mensalidades dos contribuintes ao “santo daime” mediante recibo, conforme a modalidade e afinidade do usuário. § 1º Trimestralmente, apresentar a relação dos filiados não-quitos e dos quitos, efetuar a cobrança, o recebimento, a receita e a despesa; registrar os gastos, os saldos e afins passados pelo seu controle. § 2º Controlar as fichas de assistência ao trabalho e registrar a frequência das pessoas nas sessões. Art. 32 Ao zelador, cumprir, zelar e por em ordem o ambiente, os assessorios e as dependências do templo. CAPITULO XVIII- Previdência Social Eclética- Art. 33 Se considerando o problema da entidade e em particular os de cada obreiro em que a assistência aos membros é matéria de relevante teor, a existência de uma caixa econômica pela união de associados à altura de suas possibilidades é obviamente utilitária e se impõe resolutamente. § 1º Fica assim criada a Caixa Econômica da Previdência Eclética (CEPE) em Rio Branco e em Porto Velho no Banacre, destinada a acudir às principais necessidades de ambos os Centros, o CICLU e o CECLU respectivamente em ambas as cidades. Art. 34 As condições para associar à CEPE e dela alcançar seus benéficos seguramente constará de: (a) Iniciar seu montante no mínimo com 10 mil cruzeiro ou em cotas máximas de limite indefinido; (b) Lançar mensalmente suas cotas em seqüências ao seu montante reservando-se intervalos por impossibilidades financeiras ou qualquer outras; (c) Após a sua fase primária posterior aos 3 primeiros anos poderá um a um os seus consorciados emitir seus empréstimos, se a mesma tiver fundos superior a 3 milhões de cruzeiros dentro ou acima de seu próprio montante com juros não superior a 5% e resgate a curto ou longo prazo. § 1º Com este critério poderá cada usuário da CEPE emitir seus empréstimos tão logo façam os primeiros amortizar os seus, em molde a se manter a mesma com fundos de reserva destinados a todos os contribuintes ou consorciados. Art. 35 Decorrida a fase primária de instalação da CEPE, entre os consorciados terá prioridade a empréstimo o que tiver maior montante, cujo saque se destine inteiramente a entidade, pessoa jurídica responsável à mesma nas pessoas dos 3 primeiros titulares do 2º Conselho a quem fica



subordinada a mesma. Art. 36 Respeitando este principio do art. anterior, o patrimônio ou imóvel assim adquirido pela colaboração conjunta, passará à posse de quantos para isso se empenharem. Art. 37 A todos os benéficos da CEPE indistintamente é vedado lançar mão de seus montantes em parte ou no todo a título de empréstimo sem anuência de seus principais titulares do 2º Conselho e demais contribuintes ou consorciados. Parágrafo único Qualquer quantia assim sacada será considerada obsoleta e implicará em punição requerida dos poderes públicos e expulsão do infrator à entidade pelo 2º Conselho, para o que reunirá todos os seus membros em assembléia. Art. 38 Se o empréstimo tomado destinar-se inteiramente à edificação ou aquisição de próprio para entidade, a amortização do referido empréstimo se fará sem juros e conjuntamente pela contribuição de todos associados à CEPE. Art. 39 Os lançamentos destinados aos fundos da mesma se farão no referido Banco pelo próprio associado ou mediante o presidente e o monitor do 2º Conselho que informarão aos demais contribuintes todo movimento do Caixa. Art. 40 A quitação das quantias tomada à CEPE destinadas à entidade ou beneficiários, só será válida mediante amortização total referidos empréstimos a qual se fará por cotas que totalizem o montante retirado. Art. 41 Não poderá a CEPE acudir seguidamente a entidade além de 3 consecutivos empréstimos, por cujo critério tenham seus usuários margem à altura a seus direitos e atendimentos. Art. 42 Para validade aos montantes, empréstimos e resgates, a aprovação do Presidente e do monitor terá alcance, os quais convocará os consorciados da CEPE, para o devido conhecimento e a opinarem quando for o caso. Art.43 O consorciado da CEPE que no curso de suas emissões houver legado ao Centro, importância equivalente a 300 mil cruzeiros, será agraciado com o distintivo máximo da Ordem (a cruz com a aliança e as correntes) e gozará de imunidade que ficarão a critério do Conselho Superior. Art. 44 Qualquer pessoa idônea ainda que não vinculada ao CICLU, poderá ser considerada da CEPE e dela alcançadas suas vantagens como o quanto satisfaça a regulamento pela qual ela se norteará. Art. 45 Sob qualquer condição não poderá a CEPE em seu primeiro decênio cair em regime de falência enquanto houver margem ao seu soerguimento e suficiência e, se após esse período não houver adquirido seu equilíbrio, será ela dissolvida e cada associado reembolsado em suas respectivas quantias. Art. 46 A CEPE entrará



em vigor na data de seu montante e se apresentará ao cumprimento de suas terminações dentro das atribuições e possibilidades, como será reformulada se a isso lhe convir posteriormente. CAPITULO XIX- Atribuições e Direitos a Todos- Art. 47 Satisfazendo aos deveres exigidos poderá cada membro ou titular:..(a)Se congregar no Centro e comungar com N.S. Jesus Cristo pelo “santo daime” e seu estado espiritual: (b)Orar e cantar livremente os hinos e cânticos nas sessões instrutivas no expediente apropriado; (c)Ouvir as gravações e acordes que completem o louvor a Deus na forma do salmo 150 e versículo 1-5 das Sagradas Escrituras e se concentrar, especialmente nas sessões de concentração; (d)Tomar a polideliça (santo daime) para cautério e êxito a quem possa chegar (mirações, inspiração, revelações, melhor índice, cultural e evolutivo ou afins) proporcionais a seus méritos e graça de N. S. Jesus Cristo; (e)Emitir parecer e ser ouvido, cuja franquia se estenda aos assistentes; (f)A defesa a seus valores morais, culturais, religiosos e demais, sempre que necessário, por si e pela instituição; (g) Nutrientes espirituais e medidas que operem o bem espiritual e matéria e em particular, conforme possa a entidade; (h) Desagravar-se de qualquer pendente que o comprometer em sua posição social e individual e sua reposição às funções e atribuições quando delidas por qualquer penalidade sancionada; (i) O livre arbítrio à manifestação dos sentimentos nobres e a adoração e culto a Deus em moldes cristãos inteiramente sem contrastes aos princípios consagrados pela Constituição e a entidade; (j) Usufruir das contribuições da CEPE quando a ela associado; (k)Aos provector, seus respectivos comprovantes, constituindo diploma e distintivos; (l)O filiado ou membro que dispuser de seu imóvel ou patrimônio a serviço da entidade, estará isento de contribuição financeira para com a mesma e fruirá prerrogativas que ficaram a critério do Conselho Superior; (m)A todos os membros filiados que durante 10 anos houver cumprido fielmente seus encargos e deveres para com a entidade, fará jus a um prêmio a ser conferido em assembléia ou nas sessões ordinárias, pelo Conselho Superior; (n)Ao Imperador, ao mestre Imediato e ao Conselheiro lhe serão facultado o direito ao recesso quando por necessidade, os 2 últimos por solicitação ao primeiro e este por comunicação aos 2 últimos a qualquer tempo; (o) Ao primeiro titular, lhe será ainda concedida ajuda pelas contribuições que a entidade, dispuser na forma prescrita em S. Lucas 10:7 e S. Mateus 10:9;



(p)Os 3 primeiros titulares estão isentos de contribuição financeiras para com a entidade, só fazendo liberalmente e se a isso não opuserem a maioria dos congregados. § 1º Quanto aos demais titulares cuja atuação seja utilitária, também ficaram isentos de obrigações financeiras decorrido ao 1º trimestre de sua função ou exercício, revogando-se as disposições em contrário para todo se a entidade necessitar. § 2º O congregado ou membro que na forma do art. 41 e cap. XVIII houver contemplado a entidade, será agraciado com o referido símbolo e fruirá as atribuições em apreço. § 3º O filiado quites com suas obrigações, poderá invocar seus direitos, caso se julgue burlado em suas prerrogativas.

CAPITULO XX- Qualidades e Títulos Referidos á Filiação- Art. 48 O candidato a se filiar ao Centro, preencherá os seguintes requisitos: (a)Não exercer e nem ter exercido ações subversivas ou criminosas; (b)Ser conceituado e ter boa conduta; (c)Respeitar a doutrina cristã (ascendentes e descendentes), bem assim se acautelar das heresias e falsos princípios; (d)Prestar fidelidade aos princípios cristãos e identificar suas qualidades morais e aptidões; (e)Prestar informações as mais exigidas a sua completa inscrição (idade, filiação, estado civil, nacionalidade, estado de saúde etc.); (f)Sendo menor, ter autorização de seus pais ou responsáveis; (g)Pagar o donativo de ingresso requerido para este fim e concordar com o pagamento das mensalidades destinado ao seu estágio; (h)Não perder a tradição da doutrina cristã, a que seja vinculada e se propor a ela devotar-se à medida possível no Centro e na mesma onde ela se congrega.

CAPITULO XXI- Qualidades e Títulos Requeridos a Provector- Art. 49 O candidato a este titulo fará jus ao mesmo após se aquilatar dos conhecimentos e méritos assim enumerados: (a)Compreendendo ser CICCLO com seu instrumental uma escola e seu verdadeiro mestre N. S. Jesus Cristo, haja modelado seu perfil da estrutura com que a entidade o premiará; (b)Haver expungido do seu intimo o obscurantismo e os rudimentos, os preconceitos e os maus instintos; (c)Depurado as intenções, as opiniões, os pontos de vista e as convicções; (d)Processado o desdobraimento da sua natureza e assimilado a resignação ante a fatalidade, compreendendo que mais sofre em compaixão N. S. Jesus Cristo como Pai soberano, cujo divino, irá até ao grande juízo; (e) Haver assimilado as grandes verdades outrora inconcebíveis à sua consciência e mentalidade, cujo reflexos sejam a alvorada que o despede ao horizonte dos ideais sublimes; (f)Haver se assimilado



da prudência e da humildade para alcance às revelações, visões e lições que N. S. Jesus Cristo preconiza em S. Marcos 9:35; S. Mateus 13:17 e equivalentes; (g)De todo coração adorar e proclamar N.S. Jesus Cristo o Deus altíssimo universal conforme os elementos probatórios das Sagradas Escrituras e da Luz do Daime; (h)Por este instrumental e seus acessórios haver s aquilatado o suficiente quanto às normas cristãs, cívicas e patrióticas, cujas flâmulas sejam os semáforos que iluminam sua trajetória; (i)Venerar e proclamar a bendita Virgem mãe de Deus conforme as revelações da Luz do Daime e os elementos lógicos das Sagradas Escrituras (art. 26, alínea h, cap. XVI); (j)Equiparar-se da excelência desse instrumental e seus derivados, sem deturpar-lhe a conceituação e seus princípios, empregando-os apenas para os fins a que s encerram e nunca para sua condenação; (k)Haver dado testemunho fiel e verdadeiro de tudo quanto em matéria de doutrina esteja habitado e pautar os demais princípios estabelecidos no estatuto e por seus instrutores, por cuja elevação pontifique suas qualidades e atributos. § único. Aprovado pelo 1º Conselho, está assim habitado o filiado provento, cujos grau encerrem a plenitude ao trinômio da síntese eclética: Cristo – Pátria – Legalismo como lema e ideais a afanar. CAPITULO XXII- Disposições Finais- Art. 50 As propostas que fizerem jus a graduações e títulos, serão apresentadas pelo mestre imediato e pelo conselheiro ao mestre Imperador que as reputará ou não conforme possa julgar mediante a quitação aos deveres cumpridos, desenvolvimento espiritual e reconhecidos méritos aferidos pelos citados titulares. Art. 51 Para continuidade à filiação importa não perder o filiado os requisitos que o capacitou a seu ingresso e pautar aos princípios que a direção imprimir ao curso do seu estagio. Art. 52 Todas as funções nomeadas pelo mestre Imperador em ambos os Conselhos terão a duração máxima de 2 anos, findo que serão elas mudadas ou prorrogadas conforme valha optar com a aprovação da assembléia. Art. 53 Ao mestre imediato e ao conselheiro que não se imputará a prescrição de penalidades. Parágrafo único. Estas serão argüidas pelos referidos titulares mas sancionadas ou anuladas pelo mestre Imperador, conforme possa julgar. Art. 54 O CICLU, com personalidade jurídica independente à de seus membros, se representará social, moral, cultural e espiritualmente pelo Conselho Superior e pelo Conselho Comunitário, cujo titulares serão respectivamente para ambos: I- Imperador, reversa-





mente, Dignatário no 2º Conselho; II- Mestre Imediato; e III- Conselheiro, reversamente, Presidente e monitor respectivamente também o 2º Conselheiro; IV- Conciliares, nas categorias de provectos, noviços, leigos, beneméritos e beneméritos-provectos no 1º Conselho. § 1º No 2º Conselho figuram seus demais titulares, gestor, secretário, tesoureiro e zelador e tanto o 1º quanto o 2º Conselho, seus principais titulares compor-se-ão de pessoas de nacionalidade Brasileira e de maior idade. § 2º As categorias ou classes no 1º Conselho, tem sua designação conferir ao sentido doutrinário e cultural que as envolve, enquanto que para o 2º Conselho, o caráter administrativo e social. Art. 55 Com exceção das autoridades, cada assistente não vinculada ao CICLU que comungar pelo “santo daime” terá que contribuir com o donativo mínimo para provimento ao referido veículo cobrado pelo tesoureiro. Art. 56 O CICLU só cogitará da instalação de seu órgão jurídico para dirimir quaisquer causas se essas se avultarem e se o número se seus congregados também for considerável e quanto aos seus titulares em função específica couber resolver assunto não previsto ou definido no estatuto, resolverão ao seu critério e pelo direito a matéria em apreço, ao que farão ciente ao primeiro mandatário e à classe. Art. 57 Os infratores e reincidentes serão passíveis de: (a) Repreensão oral ou escrita; (b) Suspensão do veículo “santo daime” ou outros direitos; (c) Suspensão das funções ou cargos; (d) Eliminação por tempo indefinido; (e) Denúncia às autoridades para exemplar punição; Art. 58 Terá suspensa a função ou cargo por cerca de 1 ano o titular em atividade, cujo desempenho se tome atentatório aos princípios da entidade ou que sem razão plausível deixar de comparecer a 3 sessões seguidas ou ainda que em seus impulsos se opuser às diretrizes legalmente constituídas. Parágrafo único. Os familiares dos filiados serão passíveis de penalidades menores nos casos de incidência. Art. 59 Internamente, constitui falta grave ofender a dignidade ou os brios do mestre Imperador, do mestre Imediato ou de qualquer membro da entidade e externamente às autoridades civis, religiosas e militares. § 1º Penalidade do 1º e 2º caso: suspensão do veículo divino de 1 a 6 meses conforme a honorabilidade do ofendido e o caráter ofensivo arrazoado. § 2º Nas reincidências a punição se fará em dobro, podendo no 1º caso, se o infrator postular, ser comutada a suspensão em multa que vai de 10 a 30 mil cruzeiros conforme a honorabilidade do ofendido com atenuante, se ambas as



partes foram litigantes. Art. 60 É passível de pena ostensivamente transmitir a estranhos profanos as comunicações astrais recebidas, expondo-as à frivolidade e à execração. Parágrafo único. A penalidade no caso varia de 1 a 3 meses de suspensão do veículo divino ou multa de 5 a 15 mil cruzeiros. Art.61 O filiado quite com suas obrigações, poderá invocar seus direitos, caso se julgue burlado em suas prerrogativas (art. 45, § 3º e cap. XIX). Art. 62 Em conjugação ao estatuto do CICLU se incorpora inclusive a sua certidão de análise química das plantas sagradas jagube e mescla, pela Secretaria de Saúde e Serviço Social do Estado do Acre, nada consta de tóxico, narcótico ou entorpecentes por partes das autoridades e órgãos competentes quanto ao uso da polideliça convencionada em “santo daime” da antiga ayhusca como veículo divino para cautério moral e seus demais fins na forma dos capítulos 7 e 8 do estatuto. Art. 63 Conjuntamente ao instrumental ritualista do CICLU também figura o seu estandarte, cujo símbolo nas 3 cores, verde, azul e dimensionado em retângulo de 80 X 170 aproximadamente evoca a natureza, os céus e a matéria, contendo 2 triângulos cruzados em signo Salomão, expressando o poder material e o poder universal, nos quais a excelsa imagem de Cristo em corpo inteiro sobre o monograma do CICLU sintetizando sua generalidade e ordenação incluso o trinômio, Cristo – Pátria - Legalismo, lema e princípios da entidade. Art. 64 O patrimônio do CICLU será constituído de bens móveis e imóveis e só será dissolvido se a isso se opuserem ambos os Conselhos e a maioria dos seus congregados, os quais definirão se for o caso o destinado seu acervo sujeito as disposições legais. Art. 65 Ressalvando-se o direito à desapropriação pela lei, o patrimônio CICLU e seus bens móveis e imóveis, títulos e finanças são inalienáveis, os quais não poderão sofrer embargo, seqüestro ou penhora por parte de seus titulares, sendo nula qualquer dessas ações ou oneração com o que pretendam alheiar. Art. 66 Após lavrado, lido e aprovado pela Assembléia ambos os Conselheiros o presente estatuto não poderá conter entrelinhas, rasuras e nem emendas ou ser alterado no todo ou em parte, bem assim sua forma, só será recorrido seu primeiro biênio entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas, disposições em contrário.



Anexo H  
“Hinos Novos” de Mestre Irineu\*

117 - DOU VIVA A DEUS NAS ALTURAS



Dou viva a Deus nas alturas  
E à Virgem Mãe nosso amor!  
Viva todo Ser Divino  
E Jesus Cristo Redentor!

Eu peço a Deus, nas alturas,  
Para Vós me iluminar,  
Botai-me no bom caminho  
E livrai-me de todo mal.

Eu vivo aqui neste mundo,  
Encostado a este Cruzeiro.  
Vejo tanta iluminária  
Do nosso Deus verdadeiro.

Esta iluminária que eu vejo  
Alegra o meu coração.  
Estas flores que recebemos  
Para nossa salvação.



## 118 - TODOS QUEREM SER IRMÃOS



Todos querem ser irmãos  
Mas não têm a lealdade  
Para seguir na vida espírita  
Que é o Reino da verdade.

É o Reino da verdade,  
É a estrada do amor,  
É todos prestar atenção  
Aos ensinamentos do Professor.

Os ensinamentos do Professor  
É quem nos traz belas lições  
Para todos se unir  
E respeitar os seus irmãos.

Respeitar os seus irmãos  
Com alegria, com amor.  
Para todos conhecer  
E saber dar o Seu valor.



119 - CONFIA



Confia, confia,  
Confia no poder,  
Confia no saber.  
Confia na força, aonde pode ser.

Esta força é muito simples,  
Todo mundo vê,  
Mas passa por ela  
E não procura compreender.

Estamos todos reunidos  
Com a nossa chave na mão:  
É limpá mentalidade  
Para entrar neste salão.

Este é o salão dourado  
Do nosso Pai verdadeiro,  
Todos nós somos filhos  
Todos nós somos herdeiros.

Nós todos somos filhos,  
É preciso trabalhar,  
Amar o Pai Eterno,  
É quem tem para nos dar.



## 120 - EU PEÇO



Eu peço, eu peço,  
Eu peço ao Pai Divino  
Que me dê a Santa Luz  
Pra iluminar o meu caminho.

Eu peço à Virgem Mãe,  
A Jesus Cristo Redentor,  
Iluminai o meu caminho  
Nesta estrada do amor.

Esta estrada do amor  
Dentro do meu coração,  
Eu peço a Jesus Cristo  
Que nos dê a salvação.

Eu peço a salvação  
Que só Vós pode nos dar,  
Perdoai nós neste mundo  
E na vida espiritual.

## 121 - ESTA FORÇA



Esta força, este poder,  
Eu devo amar no meu coração,  
Trabalhar no mundo Terra  
A benefício dos meus irmãos.



Estou aqui, neste lugar,  
Foi minha Mãe que me mandou.  
Estamos dentro desta casa,  
Onde afirmamos a fé e o amor.

## 122 - QUEM PROCURAR ESTA CASA



Quem procurar esta casa,  
Que aqui nela chegar,  
Encontra com Virgem Maria,  
Sua saúde ela dá.

Minha Sempre Virgem Maria,  
Perdoai os filhos Seus,  
Vós, como Mãe Soberana,  
A Divina Mãe de Deus.

Eu peço a Vós, bem contrito,  
Fazendo minhas orações,  
Peço a Vós a Santa Luz  
Para iluminar o meu perdão.

Aqui dentro desta casa  
Tem tudo que procurar,  
Seguindo o bom caminho  
Fazer bem, não fazer mal.



### 123 - EU ANDEI NA CASA SANTA



Eu andei na Casa Santa,  
Trouxe muitas coisas boas,  
Tudo que vive neste mundo,  
Parece uma coisa a toa.

Pedi licença ao Divino  
Para estas palavras eu narrar  
Perante aos meus irmãos,  
Para todos escutar.

Depois que todos escutarem  
É que vão reconhecer  
Tudo vive neste mundo,  
Muito longe do poder.

Para estar junto ao poder  
Da Virgem da Conceição,  
É ter fé e ter amor  
E dar valor aos seus irmãos.

### 124 - EU TOMO ESTA BEBIDA



Eu tomo esta bebida  
Que tem poder inacreditável  
Ela mostra a todos nós  
Aqui dentro desta verdade.





Subi, subi, subi,  
Subi foi com alegria,  
Quando eu cheguei nas alturas  
Encontrei com a Virgem Maria

Subi, subi, subi,  
Subi foi com amor,  
Encontrei com o Pai Eterno  
E Jesus Cristo Redentor.

Subi, subi, subi,  
Conforme os meus ensinós.  
Viva o Pai Eterno,  
E viva a todo ser Divino.

#### 125 - AQUI ESTOU DIZENDO



Aqui estou dizendo,  
Aqui estou cantando  
Eu digo para todos,  
E os hinos estão ensinando.

Aqueles que compreenderem,  
Que quiser seguir comigo,  
Tendo fé e tendo amor,  
Não devem encarar perigo.

Sigo os meus passos em frente  
Com alegria e com amor,  
Porque Deus é Soberano  
E nesta firmeza estou.



A Virgem Mãe é Soberana,  
Foi Ela quem me ensinou.  
Ela me mandou pra cá,  
Para ser um professor.

Vamos seguir, vamos seguir,  
Vamos seguir, vamos embora,  
Que nós somos filhos Eternos,  
Filhos de Nossa Senhora.

### 126 - FLOR DAS ÁGUAS



Flor das águas,  
De onde vem, para onde vai?  
Vou fazer minha limpeza,  
No coração está meu Pai.

A morada do meu Pai  
É no coração do mundo,  
Aonde existe todo amor  
E tem um segredo profundo.

Este segredo profundo  
Está em toda humanidade,  
Se todos se conhecerem  
Aqui dentro da verdade.



"MARCHINHA" - HINO INSTRUMENTAL

(\* Andamento: andante 80)



127 - EU PEDI



Eu pedi, eu pedi, eu pedi,  
Eu pedi, Mamãe me deu  
Para mim me apresentar  
Ao Divino Senhor Deus.

Meu Divino Senhor Deus  
É Pai de todo amor,  
Perdoai os Vossos filhos  
Neste mundo pecador.

Jesus Cristo Redentor,  
Senhor do meu coração,  
Defendei os Vossos filhos  
Neste mundo de ilusão.

128 - EU CHEGUEI NESTA CASA



Eu cheguei nesta casa,  
Eu entrei por esta porta.  
Eu venho dar os agradecimentos  
A quem rogou por minha volta.



Eu estou dentro desta casa,  
Aqui no meio deste salão,  
Estou alegre e satisfeito  
Junto aqui com os meus irmãos

la fazendo uma viagem,  
la pensando em não voltar,  
Os pedidos foram tantos  
Me mandaram eu voltar.

Me mandaram eu voltar,  
Eu estou firme, e vou trabalhar.  
Ensinar aos meus irmãos,  
Aqueles que me escutar.

\*O último hino "129 - Pisei na Terra Fria" (ver Anexo D, hino 10), segundo a maioria dos daimistas antigos, deve ser executado em todos os rituais em que se cantam os Hinos Novos.

O andamento do baile no ritual do Daime é sincronizado com a música. Geralmente o baile é executado no Alto Santo em moderato entre 112 a 118 bpm.



Anexo I  
Fotografias da Família Gomes



Antônio Gomes.



Nenem e Guilherme Gomes.



? Maria Gomes (esposa de Antônio Gomes), ?? e Francisco Granjeiro (irmão de Nenem)  
Dias das mães CICLU 2.



Anexo J

## Ata da Reunião de Assembléia do “Centro de Iluminação Crista Luz Universal”

ATA DA PRIMEIRA REUNIÃO DE ASSEMBLÉIA DO “CENTRO DE ILUMINAÇÃO CRISTA LUZ UNIVERSAL”. Aos vinte sete dias do mês de janeiro do ano de mil novecentos e setenta e um, na localidade denominada Alto Santo, sito à Colônia “Francisco Custódio Freire”, às vinte horas, no salão principal do prédio que até então vinha servindo de sede da anterior entidade intitulada Centro Livre, oficialmente e, sob a presidência do venerando Mestre Raimundo Mestre Irineu Serra, teve lugar a primeira reunião de Assembléia, destinada à promulgação oficial da fundação do “Centro de Iluminação Cristã Luz Universal” (CICLU) sociedade autônoma, com função cristã, social, cultural e cívica, com base jurídica e responsáveis por suas específicas diretrizes de caráter privado, momento solene em que, Mestre Raimundo Mestre Irineu Serra, após haver submetido o estatuto do aludido Centro, à apreciação geral, consoante assim se lhe é atribuído legalmente, e ter singularmente atingido a sua unânime aprovação, foi o mesmo merecidamente aclamado “Mestre Imperador”, tendo, de imediato, e de conformidade com o que lhe é facultado em o capítulo XII, letra L, do artigo 22, do Estatuto deste móvel Organismo Eclético, passado a nomear e, conseqüentemente empossado nos específicos encargos de titulares do Conselho Superior, e Comunitário, respectivamente, os membros: - Conselho Superior – Constituição – Mestre Imediato: Leôncio Gomes da Silva; Conselheiro: José Francisco das Neves Junior; - Conciliares – na classe de provector: Antonio José Rodrigues; - na classe de noviços: José Lima da Silva; - na classe de leigos: Luis Mendes do Nascimento; - na classe de conciliares - beneméritos: Emílio Furtado Mendonça e, finalmente, na de beneméritos - provector: Percília Matos da Silva. Conselho Comunitário – Constituição – Dignitário: Raimundo Mestre Irineu Serra; Presidente: Daniel Arcelino Serra; Monitor: Francisco Granjeiro Filho; Gestor: João Gualberto Serra; Secretário: João Rodrigues Facundes; Tesoureiro: Peregrina Gomes Serra; e Zelador: Júlio Chaves



Carioca. – A seguir, o senhor Mestre Imperador, Raimundo Mestre Irineu Serra, em breves palavras, disse da indescritível alegria de que se achava possuído, ante o momentoso alcance da concretização do seu luminar ideal, naquela magnífica ocasião, por si já largamente definido, sob a égide do divino poder, e as bênçãos da Virgem e Soberana Mãe Nossa Senhora da Conceição. – Facultada a palavra, pelo Senhor Mestre Imperador, dela fizeram uso o Conselheiro José Francisco das Neves Junior, e o conciliar Luis Mendes do Nascimento, os quais, vivamente emocionados, parabenizaram Mestre Raimundo Mestre Irineu Serra, pelo especial evento que, em tão excelente hora vinha de se concretizar, fruto inexpressível de sua hercúlea força de vontade de tudo fazer em prol da humanidade em geral, e para alcance de cujo esplendoroso êxito de há muito vinha, mestre Raimundo Mestre Irineu Serra, contando com o indispensável apoio, e ilimitada confiança dos valorosos e ilustres homens de bem, e o singular resguardo das principais autoridades do mais novo Estado da Federação Brasileira. – Nada mais havendo a tratar, o senhor Mestre Imperador, Raimundo Mestre Irineu Serra, deu por encerrada a presente reunião que, para satisfação geral, contou com a presença de elevado numero de associados, e pessoas gradas, especialmente convidadas. – E, para constar foi lavrada a presente Ata que, depois de lida e achada conforme, vai, no seu final, assinada pelo senhor Mestre – Imperador, Raimundo Mestre Irineu Serra, e demais membros nomeados e empossados nos conselhos em referência a, e por mim, João Rodrigues Facundes Secretário deste movél centro, que a escrevi, dato e assino Rio Branco, 27 de janeiro de 1971. Assinam: Raimundo Mestre Irineu Serra, Leôncio Gomes da Silva, José Francisco das Neves, José Lima da Silva, Luis Mendes do Nascimento, Emilio Mendonça Furtado, Percilia Matos da Silva, João Gualberto Serra, Daniel Arcelino Serra, Francisco Granjeiro Filho, Peregrina Gomes Serra, João Rodrigues Facundes, Julio Chaves Carioca.



Anexo K

## Grupo Multidisciplinar de Trabalho - GMT-AYAHUASCA: relatório final

### I - Introdução

1. O CONAD é o órgão normativo do Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – SISNAD – e suas decisões “deverão ser cumpridas pelos órgãos e entidades da Administração Pública integrantes do Sistema” (arts. 3º, I, 4º, 4º, II e 7º, do Decreto no 3.696, de 21/12/2000). Assim, no exercício de sua competência legal aprovou parecer da CATC que, por sua vez, adotou pareceres do colegiado que o precedeu – o CONFEN – e abordou outros aspectos pertinentes ao tema “o uso religioso da ayahuasca” cumprindo destacar a observação final e as conclusões do parecer que o CONAD aprovou: “que fique registrado em ata, para fins, inclusive de utilização pelos interessados, que não pode haver restrição, direta ou indireta, às práticas religiosas das comunidades, baseada em proibição do uso ritual da Ayahuasca”.
2. O referido parecer concluiu: “a) a câmara ratifica as decisões anteriores do colegiado, com os aditamentos do presente parecer, conforme referido no ponto no 4; b) recomenda-se a consolidação, em separata, de todas as decisões supracitadas, para acesso e utilização dos interessados; c) a liberdade religiosa e o poder familiar devem servir à paz social, à qual se submete a autonomia individual; d) deve ser reiterada a liberdade do uso religioso da Ayahuasca, tendo em vista os fundamentos constantes das decisões do colegiado, em sua composição antiga e atual, considerando a inviolabilidade de consciência e de crença e a garantia de proteção do Estado às manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, com base nos arts. 5º, VI e 215, § 1º da Constituição do Brasil, evitada, assim, qualquer forma de manifestação de preconceito”.
3. A Resolução nº 05 – CONAD, de 10 de novembro de 2004, tem por objetivo contribuir para a plena implementação do que foi discutido e





aprovado “sobre o uso religioso da Ayahuasca”, e para tanto foi constituído o GMT que, assim, terá por premissas as questões decididas pelo CONAD, para laborar, com ampla liberdade, no “estudo do que é preciso fazer”, ou seja, na formulação de documento que “traduza a deontologia do uso da Ayahuasca”.

4. O Grupo Multidisciplinar de Trabalho, instituído pela Resolução nº. 5 CONAD, de 04 de novembro de 2004, para levantamento e acompanhamento do uso religioso da Ayahuasca, bem como para a pesquisa de sua utilização terapêutica, em caráter experimental, foi oficialmente instalado pelo Ministro-Chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República e Presidente do Conselho Nacional Antidrogas, JORGE ARMANDO FELIX, em 30 de maio de 2006, no Palácio do Planalto, em Brasília-DF, e teve como objetivo final a elaboração de documento que traduzisse a deontologia do uso da Ayahuasca, como forma de prevenir seu uso inadequado.
5. AYAHUASCA, aqui, é referida de modo genérico, para manter a uniformidade do texto e a harmonia com a nomenclatura utilizada nos atos oficiais do CONAD, mas é conhecida por diversos outros nomes, conforme a comunidade que o usa no Brasil ou no Exterior, destacando-se as expressões mais conhecidas “HOASCA”, “SANTO DAIME” e “VEGETAL”, compostos, indistintamente, pelo cipó Banisteriopsis caapi (jagube, mariri etc) e pela folha Psychotria viridis (chacrona, rainha etc.).
6. Nos termos da referida Resolução, o GMT foi composto por seis estudiosos<sup>1</sup>, indicados pelo CONAD, das áreas que atenderam, dentre outros, os seguintes aspectos: antropológico (representado pelo Dr. Edward John Baptista das Neves MacRae), farmacológico/bioquímico (Dr. Isac Germano Karniol), social (Dr<sup>a</sup> Roberta Salazar Uchoa), psiquiátrico (Dr. Dartiu Xavier da Silveira Filho) e jurídico (Dr<sup>a</sup> Ester Kosovski) e seis membros, convidados pelo CONAD, representantes dos grupos religiosos que fazem uso da Ayahuasca, eleitos em Seminário realizado em Rio Branco nos dias 9 e 10 de março de 2006, a saber: Linha do Padrinho Sebastião Mota de Melo: Alex Polari de Alverga; Linha do Mestre Raimundo Irineu Serra: Jair Araújo Facundes e Cosmo Lima de Souza; Linha do Mestre José Gabriel da Costa: Edson Lodi Campos Soares; Linha Independente (Outras Linhas): Luis Antônio Orlando



Pereira e Wilson Roberto Gonzaga da Costa. Considerando que a linha do Mestre Daniel Pereira de Matos, popularmente conhecida como linha da Barquinha, decidiu não participar do GMT, conforme carta endereçada ao CONAD, foi realizada durante o seminário eleição entre os suplentes já eleitos das linhas presentes para o preenchimento da vaga em aberto. Nesta ocasião foi eleito mais um representante da linha do Mestre Raimundo Irineu Serra.

7. O GMT contou com o apoio da Secretaria Nacional Antidrogas, representada pela Diretora de Políticas de Prevenção e Tratamento, Dr<sup>a</sup> Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte, e da Assessoria Executiva do CONAD, representada pelas Sras. Déborah de Oliveira Cruz e Maria de Lourdes Carvalho. Em suas reuniões ordinárias contou com o apoio do Dr. Domingos Bernardo Gialluisi da Silva Sá, Jurista, Membro Titular do CONAD e da Câmara de Assessoramento Técnico Científico, também representada pelo Dr. Marcelo de Araújo Campos e pela Dr<sup>a</sup> Maria de Lourdes Zenel.
8. Além da primeira reunião em que os membros do GMT foram empossados, foram realizadas mais seis reuniões de trabalho na Sala de Reuniões da Secretaria Nacional Antidrogas, nos dias 28/06, 28/07, 28/08, 23 e 24/10 e 23/11, todas registradas em atas, durante as quais se discutiu a seguinte pauta: cadastramento das entidades; aspectos jurídicos e legais para regulamentação do uso religioso e amparo do direito à liberdade de culto; regulação de preceitos para produção, uso, envio e transporte da Ayahuasca; procedimentos de recepção de novos interessados na prática religiosa; definição de uso terapêutico e outras questões científicas; Ayahuasca, cultura e sociedade; e, sistematização do trabalho para elaboração do documento final.
9. O objetivo final do GMT, nos termos da Resolução nº 05/04, do CONAD, é identificar “o que é preciso fazer” para atender aos diversos itens que integram os direitos e obrigações pertinentes ao “uso religioso da Ayahuasca”. O “estudo” desse “o que é preciso fazer” constituiu-se, exatamente, nas atividades desenvolvidas pelo GMT, traduzindo, assim, a “deontologia do uso da Ayahuasca”: (deon, do grego: “o que é preciso fazer” + logos, também do grego: “estudo”).



## II - Histórico da Regulamentação do Uso da Ayahuasca

10. A instituição do Grupo Multidisciplinar de Trabalho expressa dever constitucional do Estado Brasileiro de proteger as manifestações populares e indígenas e garantir o direito de liberdade religiosa. Representa o coroamento do processo de legitimação do uso religioso da Ayahuasca no país, iniciado há mais de vinte anos, com a criação do 1º Grupo de Trabalho do CONAD (na época CONFEN), designado para examinar a conveniência da suspensão provisória da inclusão da substância Banisteriopsis caapi na Portaria nº 02/85, da DIMED (Resolução nº 04/85, do CONFEN).
11. Este primeiro estudo, após dois anos, com a realização de várias pesquisas e visitas às comunidades usuárias em diversos Estados da Federação, principalmente ao Acre, Amazonas e Rio de Janeiro, resultou em extenso relatório<sup>2</sup>, de setembro de 1987, subscrito pelo então Conselheiro do CONFEN, Doutor Domingos Bernardo Gialluisi da Silva Sá, Presidente do Grupo de Trabalho, que concluiu que as espécies vegetais que integram a elaboração da bebida denominada de Ayahuasca ficassem excluídas das listas de substâncias proscritas pela DIMED.
12. Esta conclusão foi aprovada pelo plenário do antigo Conselho Federal de Entorpecentes, em reunião de setembro de 1987, de sorte que a suspensão provisória da interdição do uso da Ayahuasca, levada a termo pela Resolução nº 06, do CONFEN, de 04 de fevereiro de 1986, tornou-se definitiva, com a exclusão da bebida e das espécies vegetais que a compõem das listas da DIMED.
13. A despeito disso, em 1991, em face de denúncia anônima, por iniciativa do então Conselheiro do CONFEN, Paulo Gustavo de Magalhães Pinto, Chefe da Divisão de Repressão a Entorpecentes do Departamento de Polícia Federal, a “questão do uso da Ayahuasca” foi reexaminada.
14. Disso resultou mais uma vez, por parte do CONFEN, a realização de estudos acerca do contexto de produção e do consumo da bebida, desenvolvidos pelo Doutor Domingos Bernardo Gialluisi da Silva Sá, o qual, em parecer conclusivo de 02/06/92, aprovado por unanimidade na 5ª Reunião Ordinária do CONFEN realizada na mesma data,



considerou que não havia razões para alterar a conclusão proposta em 1987, no relatório final já mencionado<sup>3</sup>.

15. Dez anos depois, em face de denúncias de uso inadequado da bebida Ayahuasca, a maior parte divulgada na imprensa e outras tantas dirigidas aos órgãos do Poder Público, notadamente CONAD, Polícia Federal e Ministério Público, fato que está amplamente documentado na consolidação das decisões e estudos do CONAD e de outras instituições acerca do uso da Ayahuasca, novo Grupo de Trabalho foi definido pela Resolução nº 26, de 31 de dezembro de 2002.
16. De acordo com esta resolução, o GT deveria ser composto por diversas instituições<sup>4</sup>, com base no princípio da responsabilidade compartilhada, agora com o objetivo de fixar normas e procedimentos que preservassem a manifestação cultural religiosa, observando os objetivos e normas estabelecidas pela Política Nacional Antidrogas e pelos diplomas legais pertinentes. Não há registro de que este grupo tenha sido constituído.
17. Em 24 de março de 2004 o CONAD solicitou à Câmara de Assessoramento Técnico Científico a elaboração de estudo e parecer técnico-científico a respeito de diversos aspectos do uso da Ayahuasca, ocasião em que o referido órgão de assessoramento do CONAD emitiu parecer apresentado e aprovado na Reunião do CONAD de 17/08/04, o qual serviu de fundamento à Resolução nº 5, do CONAD, de 04/11/04, que institui o atual Grupo Multidisciplinar de Trabalho.

### III - Andamento das Reuniões

18. A fim de atender aos termos da resolução que o instituiu, o GMT teve como primeira tarefa, depois de eleger o Presidente e o Vice-Presidente do Grupo, respectivamente Dr. Dartiu Xavier da Silveira Filho e Edson Lodi Campos Soares, a elaboração do Cadastro Nacional das Entidades Usuárias da Ayahuasca - CNEA.
19. Acerca desse tema, muitos foram os questionamentos levados em consideração pelo grupo, a começar pela finalidade do referido cadastro, que não deve servir de mecanismo de controle estatal sobre o direito constitucional à liberdade de crença (art. 5º, VI, CF). Discutiu-se tam-



bém acerca de sua objetividade, de sorte que não constassem exigências que viessem a invadir o direito individual à intimidade, vida privada e imagem dos usuários (art. 5º, X, CF). Nesse sentido, chegou-se ao consenso de que responder ou não ao cadastro seria uma faculdade das entidades.

20. Fixados esses parâmetros, o formulário de cadastro foi colocado à disposição dos interessados, acompanhado de carta explicativa e cópia da Resolução nº 05/04, do CONAD. Até a presente data foi cadastrada quase uma centena de entidades, dando também uma dimensão parcial das diversas práticas que são adotadas pelas entidades que fazem uso da Ayahuasca no Brasil. O cadastro continua disponível às entidades interessadas.
21. O GMT procurou destacar e consolidar as práticas que para as próprias entidades representam o uso religioso adequado e responsável, anteriormente estabelecidos na “Carta de Princípios”, resultado do 1º Seminário das entidades da Ayahuasca, realizado em Rio Branco em 24 de novembro de 1991. Nas discussões priorizaram-se os seguintes temas: definição de uso ritual, comércio, turismo, publicidade, associação da Ayahuasca com outras substâncias, criação de novos centros, auto-sustentabilidade das entidades, procedimentos de recepção de novos interessados, curandeirismo, uso terapêutico, assim como definição de mecanismos para tornar efetivos os princípios deontológicos formulados. A maior parte das deliberações do grupo foi consensual e estão sintetizadas no item V – Conclusão.

## IV - Temas Discutidos

### IV.I - Uso Religioso da Ayahuasca

22. Ao longo de décadas o uso ritualístico da Ayahuasca – bebida extraída da decocção do cipó *Banisteriopsis caapi* (jagube, mariri etc.) e da folha *Psychotria viridis* (chacrona, rainha etc.) – tem sido reconhecido pela sociedade brasileira como prática religiosa legítima, de sorte que são mais do que atuais as conclusões de relatórios e pareceres decor-



rentes de estudos multidisciplinares determinados pelo antigo CON-FEN, desde 1985, que constatavam que “há muitas décadas o uso da Ayahuasca vem sendo feito, sem que tenha redundado em qualquer prejuízo social conhecido”<sup>5</sup>.

23. A correta identificação do que é uso religioso, segundo os conceitos e práticas ditadas, a partir das próprias entidades que fazem uso da Ayahuasca, permitirá assegurar a proteção da liberdade de crença prevista na Constituição Federal. Considerando a ocorrência de registros de uso não religioso da Ayahuasca, sua identificação possibilitará prevenir práticas que não se amoldam à proteção constitucional.
24. Trata-se, pois, de ratificar a legitimidade do uso religioso da Ayahuasca como rica e ancestral manifestação cultural que, exatamente pela relevância de seu valor histórico, antropológico e social, é credora da proteção do Estado, nos termos do art. 2º, “caput”, da Lei 11.343/06<sup>6</sup> e do art. 215, §1º, da CF. Devem-se evitar práticas que possam pôr em risco a legitimidade do uso religioso tradicionalmente reconhecido e protegido pelo Estado brasileiro, incluindo-se aí o uso da Ayahuasca associado a substâncias psicoativas ilícitas ou fora do ambiente ritualístico.

#### IV.II - Comercialização

25. O GMT reconhece o caráter religioso de todos os atos que envolvem a Ayahuasca, desde a coleta das plantas e seu preparo, até seu armazenamento e ministração, de modo que seu praticante de tudo participa com a convicção de que pratica ato de fé e não de comércio. Daí decorre que o plantio, o preparo e a ministração com o fim de auferir lucro é incompatível com o uso religioso que as entidades reconhecem como legítimo e responsável.
26. Quem vende Ayahuasca não pratica ato de fé, mas de comércio, o que contradiz e avilta a legitimidade do uso tradicional consagrado pelas entidades religiosas.
27. A vedação da comercialização da Ayahuasca não se confunde com seu custeio, com pagamento das despesas que envolvem a coleta das plantas, seu transporte e o preparo. Tais custos de manutenção, conforme seja o seu modo de organização estatutária, são suportados pela comunidade



usuária. E é evidente, também, que a produção da Ayahuasca tem um custo, que pode variar de acordo com a região que a produz, a quantidade de adeptos, a maior ou menor facilidade com que se adquire a matéria prima (cipó e folha), se se trata de plantio da própria entidade ou se as plantas são obtidas na floresta nativa, e tantas outras variáveis.

28. Historicamente, porém, de acordo com a experiência das entidades religiosas chamadas a compor o Grupo Multidisciplinar de Trabalho, esse custo é partilhado no seio da instituição por meio das contribuições dos membros de cada entidade. Os sócios respondem pelas despesas de manutenção da organização religiosa, nas quais estão incluídos os gastos com a produção da Ayahuasca, com prestação de contas regular.
29. O uso religioso responsável na produção da Ayahuasca é delineado a partir da constatação das práticas das entidades: a) cultivar as plantas e preparar a Ayahuasca, em princípio, para seu próprio consumo; b) buscar a sustentabilidade na produção das espécies; e, c) quando não possuir cultivo próprio e nenhuma forma de obtenção da matéria prima na floresta nativa – sem prejuízo de buscar a auto-suficiência em prazo razoável – nada obsta obter o chá mediante custeio das despesas tão somente, evitando-se que pessoas, grupos ou entidades se dediquem, com exclusividade ou majoritariamente, ao fornecimento a terceiros.

### **IV.III - Sustentabilidade da Produção da Ayahuasca**

30. A cultura do uso religioso da Ayahuasca, por se tratar de fé baseada em bebida extraída de plantas nativas da Floresta Amazônica, pressupõe responsabilidade ambiental na extração das espécies. As entidades religiosas devem buscar a auto-sustentabilidade na produção da bebida, cultivando o seu próprio plantio.

### **IV.IV - Turismo**

31. Turismo, como atividade comercial, deve ser evitado pelas entidades, que por se constituírem em instituições religiosas, não devem se orientar pela obtenção de lucro, principalmente decorrente da exploração dos efeitos da bebida.



32. A Constituição Federal garante o livre exercício dos cultos religiosos, que tem como consequência o direito à propagação da fé através do intercâmbio legítimo de seus membros. Neste sentido todos têm direito de professar a sua fé livremente e de promover eventos dentro dos limites legais estabelecidos. O que se quer evitar é que uma prática religiosa responsável, séria, legitimamente reconhecida pelo Estado, venha a se transformar, por força do uso descomprometido com princípios éticos, em mercantilismo de substância psicoativa, enriquecendo pessoas ou grupos, que encontram no argumento da fé apenas o escudo para práticas inadequadas.

#### IV.V - Difusão das Informações

33. A publicidade da Ayahuasca também tem sido motivo de deturpações e abusos, notadamente na Internet. Observa-se, principalmente neste meio de comunicação, o oferecimento de toda espécie de cursos e oficinas remuneradas, cujo elemento central é o uso da Ayahuasca associado a promessas de experiências transformadoras descomprometidas com o ritual religioso.
34. A partir das experiências das entidades e de suas práticas rituais, verifica-se que o uso ritual responsável é incompatível com a publicidade e a oferta de promessas de curas milagrosas, de transformações pessoais arrebadoras e com a indução das pessoas a acreditarem que a Ayahuasca é o remédio para todos os males. É consenso no GMT que quem faz uso religioso responsável não divulga informações que possam induzir as pessoas a terem uma imagem fantasiosa da Ayahuasca e trata do tema com discrição, sem fazer alardes dos efeitos da substância.

#### IV.VI - Uso Terapêutico

35. Para fins deste relatório “terapia” é compreendida como atividade ou processo destinado à cura, manutenção ou desenvolvimento da saúde, que leve em conta princípios éticos científicos.
36. Tradicionalmente, algumas linhas possuem trabalhos de cura em que se faz uso da Ayahuasca, inseridos dentro do contexto da fé. O uso terapêutico





que tradicionalmente se atribui à Ayahuasca dentro dos rituais religiosos não é terapia no sentido acima definido, constitui-se em ato de fé e, assim sendo, ao Estado não cabe intervir na conduta de pessoas, grupos ou entidades que fazem esse uso da bebida, em contexto estritamente religioso. Em outra condição se encontram aqueles que se utilizam da bebida fora do contexto religioso. Isto nada tem que ver com uso religioso, e tal prática não está reconhecida como legítima pelo CONAD, que se limitou a autorizar o uso da substância em rituais religiosos.

37. A utilização terapêutica da Ayahuasca em atividade privativa de profissão regulamentada por lei dependerá da habilitação profissional e respaldo em pesquisas científicas, pois de outra forma haverá exercício ilegal de profissão ou prática profissional temerária.
38. Qualquer prática que implique utilização de Ayahuasca com fins estritamente terapêuticos, quer seja da substância exclusivamente, quer seja de sua associação com outras substâncias ou práticas terapêuticas, deve ser vedada, até que se comprove sua eficiência por meio de pesquisas científicas realizadas por centros de pesquisa vinculados a instituições acadêmicas, obedecendo às metodologias científicas. Desse modo, o reconhecimento da legitimidade do uso terapêutico da Ayahuasca somente se dará após a conclusão de pesquisas que a comprovem.
39. Com fundamento nos relatos dos representantes das entidades usuárias, verificou-se que as curas e soluções de problemas pessoais devem ser compreendidas no mesmo contexto religioso das demais religiões: enquanto atos de fé, sem relação necessária de causa e efeito entre uso da Ayahuasca e cura ou soluções de problemas.

#### IV.VI - Organização das Entidades

40. O crescimento do uso da Ayahuasca e a facilidade com que se pode comprar a bebida de pessoas que a produzem sem compromisso com a fé têm levado ao surgimento de novas entidades, que não possuem experiência no lidar com a bebida e seus efeitos, assim como fazem mau uso da Ayahuasca, associando-a a práticas que nada têm a ver com religião. O uso ritual caracterizado pela busca de uma identidade religiosa se diferencia do uso meramente recreativo.



41. O uso religioso responsável da Ayahuasca pressupõe a presença de pessoas experientes, que saibam lidar com os diversos aspectos que envolvem essa prática, a saber: capacidade de identificar as espécies vegetais e de preparar a bebida, reconhecer o momento adequado de servi-la, discernir as pessoas a quem não se recomenda o uso, além de todos os aspectos ligados ao uso ritualístico, conforme sua orientação espiritual.
42. Embora se reconheça o ato de fé solitário e isolado, usualmente a prática religiosa se desenvolve coletivamente. É recomendável que os grupos constituam-se em organizações formais, com personalidade jurídica, consolidando a idéia de responsabilidade, identidade e projeção social, que possibilite aos usuários a prática religiosa em ambiente de confiança.

#### **IV.VII - Procedimentos de Recepção de Novos Adeptos**

43. Além dos princípios inerentes a cada uma das linhas doutrinárias na recepção de novos membros, é razoável e prudente que ao se ministrar a Ayahuasca seja levado em conta o relato de alterações mentais anteriores, o estado emocional no momento do uso e que eles não estejam sob efeito de álcool ou outras substâncias psicoativas.
44. Antes de ingerir pela primeira vez, o interessado deve ser informado acerca de todas as condições que se exigem para o uso da Ayahuasca, conforme a orientação de cada entidade. Uma entrevista prévia, oral ou escrita, deve ser realizada no sentido de averiguar as condições do interessado e a ele devem ser dados os esclarecimentos necessários acerca dos efeitos naturais da bebida.
45. É recomendável que cada entidade acompanhe os participantes até a finalização de seus rituais, excetuada a saída previamente solicitada em casos excepcionais e com a anuência do responsável.

#### **IV.VIII - Uso da Ayahuasca por Menores e Grávidas**

46. Tendo em vista a inexistência de suficientes evidências científicas e levando em conta a utilização secular da Ayahuasca, que não demonstrou efeitos danosos à saúde, e os termos da Resolução nº 05/04, do CONAD, o uso da Ayahuasca por menores de 18 (dezoito) anos



deve permanecer como objeto de deliberação dos pais ou responsáveis, no adequado exercício do poder familiar (art. 1634 do CC); e quanto às grávidas, cabe a elas a responsabilidade pela medida de tal participação, atendendo, permanentemente, a preservação do desenvolvimento e da estruturação da personalidade do menor e do nascituro.

## V - Conclusão

- a. Considerando que o CONAD, acolhendo parecer da Câmara de Assessoramento Técnico Científico, reconheceu a legitimidade do uso religioso da Ayahuasca, nos termos da Resolução nº 05/04, que instituiu o GMT para elaborar documento que traduzisse a deontologia do uso da Ayahuasca, como forma de prevenir seu uso inadequado;
- b. Considerando que o GMT, após diversas discussões e análises, onde prevaleceu o confronto e o pluralismo de idéias, considerou como uso inadequado da Ayahuasca a prática do comércio, a exploração turística da bebida, o uso associado a substâncias psicoativas ilícitas, o uso fora de rituais religiosos, a atividade terapêutica privativa de profissão regulamentada por lei sem respaldo de pesquisas científicas, o curandeirismo, a propaganda, e outras práticas que possam colocar em risco a saúde física e mental dos indivíduos;
- c. Considerando que a dignidade da pessoa humana é princípio fundante da República Federativa do Brasil, e dentre os direitos e garantias dos cidadãos sobressai-se a liberdade de consciência e de crença como direitos invioláveis, cabendo ao Estado, na forma da lei, garantir a proteção aos locais de culto e a suas liturgias (CF, arts. 1º, III, 5º, VI);
- d. Considerando a decisão do INCB (International Narcotics Control Board), da Organização das Nações Unidas, relativa à Ayahuasca, que afirma não ser esta bebida nem as espécies vegetais que a compõem objeto de controle internacional;
- e. Considerando, por fim, que o uso ritualístico religioso da Ayahuasca, há muito reconhecido como prática legítima, constitui-se manifestação cultural indissociável da identidade das populações tradicionais da Amazônia e de parte da população urbana do País, cabendo



ao Estado não só garantir o pleno exercício desse direito à manifestação cultural, mas também protegê-la por quaisquer meios de acautelamento e prevenção, nos termos do art. 2º, “caput”, Lei 11.343/06 e art. 215, caput e § 1º c/c art. 216, caput e §§ 1º e 4º da Constituição Federal.

O Grupo Multidisciplinar de Trabalho aprovou os seguintes princípios deontológicos para o uso religioso da Ayahuasca:

1. O chá Ayahuasca é o produto da decocção do cipó *Banisteriopsis caapi* e da folha *Psychotria viridis* e seu uso é restrito a rituais religiosos, em locais autorizados pelas respectivas direções das entidades usuárias, vedado o seu uso associado a substâncias psicoativas ilícitas;
2. Todo o processo de produção, armazenamento, distribuição e consumo da Ayahuasca integra o uso religioso da bebida, sendo vedada a comercialização e ou a percepção de qualquer vantagem, em espécie ou in natura, a título de pagamento, quer seja pela produção, quer seja pelo consumo, ressalvando-se as contribuições destinadas à manutenção e ao regular funcionamento de cada entidade, de acordo com sua tradição ou disposições estatutárias;
3. O uso responsável da Ayahuasca pressupõe que a extração das espécies vegetais sagradas integre o ritual religioso. Cada entidade constituída deverá buscar a auto-sustentabilidade em prazo razoável, desenvolvendo seu próprio cultivo, capaz de atender suas necessidades e evitar a depredação das espécies florestais nativas. A extração das espécies vegetais da floresta nativa deverá observar as normas ambientais;
4. As entidades devem evitar o oferecimento de pacotes turísticos associados à propaganda dos efeitos da Ayahuasca, ressalvando os intercâmbios legítimos dos membros das entidades religiosas com suas comunidades de referência;
5. Ressalvado o direito constitucional à informação, recomenda-se que as entidades evitem a propaganda da Ayahuasca, devendo em suas manifestações públicas orientar-se sempre pela discrição e moderação no uso e na difusão de suas propriedades;



6. A prática do curandeirismo é proibida pela legislação brasileira. As propriedades curativas e medicinais da Ayahuasca – que as entidades conhecem e atestam – requerem uso responsável e devem ser compreendidas do ponto de vista espiritual, evitando-se toda e qualquer propaganda que possa induzir a opinião pública e as autoridades a equívocos;
7. Recomenda-se aos grupos que fazem uso religioso da Ayahuasca que se constituam em organizações jurídicas, sob a condução de pessoas responsáveis com experiência no reconhecimento e cultivo das espécies vegetais sagradas, na preparação e uso da Ayahuasca e na condução dos ritos;
8. Compete a cada entidade religiosa exercer rigoroso controle sobre o sistema de ingresso de novos adeptos, devendo proceder entrevista dos interessados na ingestão da Ayahuasca, a fim de evitar que ela seja ministrada a pessoas com histórico de transtornos mentais, bem como a pessoas sob efeito de bebidas alcoólicas ou outras substâncias psicoativas;
9. Recomenda-se ainda manter ficha cadastral com dados do participante e informá-lo sobre os princípios do ritual, horários, normas, incluindo a necessidade de permanência no local até o término do ritual e dos efeitos da Ayahuasca.
10. Observados os princípios deontológicos aqui definidos, cabe a cada entidade e a seus membros indistintamente, no relacionamento institucional, religioso ou social que venham a manter umas com as outras, em qualquer instância, zelar pela ética e pelo respeito mútuo.

### Proposições:

1. Quanto às pesquisas do uso terapêutico da ayahuasca em caráter experimental:
  - a. Devem-se fomentar pesquisas científicas abrangendo as seguintes áreas: farmacologia, bioquímica, clínica, psicologia, antropologia e sociologia, incentivando a multidisciplinaridade;
  - b. Sugere-se ao CONAD que promova e financie, a partir de 2007, pesquisas relacionadas com o uso e efeitos da Ayahuasca.



2. Quanto à questão ambiental e ao transporte:

- a. Sugere-se ao CONAD que considere a possibilidade de intercâmbio com o CONAMA, se possível lançando mão do auxílio das entidades religiosas, no sentido de estabelecer medidas de proteção às espécies vegetais que servem de matéria prima à Ayahuasca, por meio de legislação específica para essas plantas de uso ritualístico religioso, as quais não podem ser tratadas indistintamente como um produto florestal não madeireiro.
- b. Sugere-se ao CONAD ainda, que faça os encaminhamentos devidos junto aos órgãos competentes do Estado, no sentido de regulamentar o transporte interestadual da Ayahuasca entre as entidades, ouvindo-se previamente os interessados.

3. Quanto à efetividade dos princípios deontológicos:

- a. Sugere-se ao CONAD que estude a possibilidade de fixar mecanismos de controle quanto ao uso descontextualizado e não ritualístico da Ayahuasca, tendo como paradigma os princípios deontológicos ora fixados, com efetiva participação de representantes das entidades religiosas.
- b. Solicita-se ao CONAD apoio institucional para a criação de instituição representativa das entidades religiosas que se forme por livre adesão, para o exercício do controle social no cumprimento dos princípios deontológicos aqui tratados.
- c. Sugere-se ainda, caso os princípios deontológicos aqui definidos sejam acatados, que disto seja dada ampla publicidade, preferencialmente com a realização de um segundo seminário organizado pelo próprio CONAD auxiliado pelo Grupo Multidisciplinar de Trabalho, do qual devem participar todas as entidades, sem prejuízo do encaminhamento formal do ato a todos os órgãos dos Ministérios Públicos e da Magistratura Federal e Estaduais, Polícia Federal e Secretarias de Segurança Pública dos Estados.

Brasília, 23 de Novembro de 2006.



Dartiu Xavier da Silveira Filho

Presidente do GMT - Representante do CONAD

Edson Lodi Campos SoaresVice

Vice-Presidente do GMT - Representante de Mestre José Gabriel da Costa

Paulina do Carmo Arruda V. Duarte

Representante da Secretaria Nacional Antidrogas/GSIPR

Domingos Bernardo Gialluisi da Silva Sá

Representante da Câmara de Assessoramento Técnico-Científico  
do CONAD

Ester Kosovsky

Universidade Federal do Rio de Janeiro e OAB-RJ

Edward John Baptista das Neves MacRae

Membro do GMT - Representante do CONAD

Roberta Salazar Uchoa

Membro do GMT - Representante do CONAD

Isac Germano Karniol

Membro do GMT - Representante do CONAD

Jair Araújo Facundes

Membro do GMT - Representante de Mestre Raimundo Irineu Serra

Cosmo Lima de Souza

Membro do GMT - Representante de Mestre Raimundo Irineu Serra

Alex Polari de Alverga

Membro do GMT - Representante de Padrinho Sebastião

Luis Antônio Orlando Pereira

Membro do GMT - Representante de Outras Linhas

Wilson Roberto Gonzaga da Costa

Membro do GMT - Representante de Outras Linhas



## Notas

- 1 A especialista na área de psicologia, indicada pelo CONAD, Dra. Eroy Aparecida da Silva declinou de sua participação no GMT.
- 2 Vide Dossiê Ayahuasca – GMT (2006)
- 3 Vide Dossiê Ayahuasca – GMT (2006)
- 4 Ministérios da Justiça, Relações Exteriores, Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Departamento de Polícia Federal, ANVISA, IBAMA, FUNAI, OAB, Associação Médica Brasileira, Associação Brasileira de Psiquiatria e confissões religiosas usuárias do chá Ayahuasca.
- 5 Vide Dossiê Ayahuasca – GMT (2006)
- 6 “Art. 2º Ficam proibidas, em todo o território nacional, as drogas, bem como o plantio, a cultura e a exploração de vegetais e substratos dos quais possam ser extraídas ou produzidas drogas, ressalvada a hipótese de autorização legal ou regulamentar, bem como o que estabelece a Convenção de Viena, das Nações Unidas, sobre Substâncias Psicotrópicas, de 1971, a respeito de plantas de uso estritamente ritualístico-religioso”



Isac Germano Karniol, Domingos Bernardo Gialluisi da Silva Sá, Jair Araújo Facundes, Wilson Roberto Gonzaga da Costa, Edson Lodi Campos Soares, Cosmo Lima de Souza, Luis Antônio Orlando Pereira, Roberta Salazar Uchoa, Alex Polari de Alverga, Edward MacRae, Dartiu Xavier da Silveira Filho.





Anexo L

## Resolução n. 1, de 25 de janeiro de 2010 do Conselho Nacional de Políticas Sobre Drogas

GABINETE DE SEGURANÇA INSTITUCIONAL  
CONSELHO NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS

RESOLUÇÃO Nº 1, DE 25 DE JANEIRO DE 2010

Dispõe sobre a observância, pelos órgãos da Administração Pública, das decisões do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas CONAD sobre normas e procedimentos compatíveis com o uso religioso da Ayahuasca e dos princípios deontológicos que o informam.

O PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS - CONAD, no uso de suas atribuições legais, e tendo em vista as disposições contidas no artigo 10 do Decreto nº. 5.912, de 27 de setembro de 2006, e Considerando o Relatório Final elaborado pelo Grupo Multidisciplinar de Trabalho (GMT), instituído pela Resolução nº. 5 - CONAD, publicada no D.O.U. de 10/11/2004;

Considerando que o referido Relatório Final foi aprovado pelo CONAD, consoante Ata de sua 2ª Reunião Ordinária, realizada em 06 de dezembro de 2006;

Considerando que o Grupo Multidisciplinar de Trabalho (GMT) baseou-se, em seu Relatório Final, na legitimidade do uso religioso da Ayahuasca, como matéria já examinada e decidida pelos plenários do antigo Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN) e do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD), cabendo ao GMT, no âmbito de sua competência, definida na Resolução nº. 5 - CONAD, 2004, identificar normas e procedimentos compatíveis com o uso religioso da Ayahuasca e implementar o estudo e a pesquisa sobre o uso terapêutico da Ayahuasca em caráter experimental;



Considerando que nas seis reuniões de trabalho o Grupo Multidisciplinar de Trabalho (GMT) discutiu a seguinte pauta (Introdução, itens 8 e 9 do Relatório Final): “cadastramento das entidades; aspectos jurídicos e legais para regulamentação do uso religioso e amparo ao direito à liberdade de culto; regulação de preceitos para produção, uso, envio e transporte da Ayahuasca; procedimentos de recepção de novos interessados na prática religiosa; definição de uso terapêutico e outras questões científicas (item 8 do Relatório Final);

Considerando que o objetivo final do Grupo Multidisciplinar de Trabalho (GMT), nos termos da Resolução nº. 5 - CONAD, 2004, é identificar “o que é preciso fazer” para atender aos diversos itens que integram os direitos e obrigações pertinentes ao “uso religioso da Ayahuasca” (item 9 do Relatório Final);

Considerando a decisão do INCB (International Narcotics Control Board), da Organização das Nações Unidas, relativa à Ayahuasca, que afirma não ser esta bebida nem as espécies vegetais que a compõem objeto de controle internacional;

Considerando, finalmente, as “Proposições” do Grupo Multidisciplinar de Trabalho (GMT), em seu Relatório Final, numeradas de 1 a 3 e suas respectivas alíneas; Resolve:

Art. 1º Determinar a publicação, na íntegra, do Relatório Final, do Grupo Multidisciplinar de Trabalho (GMT), fazendo-o parte integrante da presente Resolução.

Art. 2º Independentemente da publicação oficial, dar ampla publicidade à presente Resolução, com o anexo Relatório Final, através da entrega deste expediente a todos os conselheiros integrantes do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD), inclusive para encaminhamento às instituições que representam, para os fins previstos na ementa da presente Resolução.

Art. 3º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Jorge Armando Felix



Anexo M  
Músicas de Erothides Campos

VALSA SERENATA AVE MARIA  
(Erothides Campos - 1924)

Cai a tarde tristonha e serena  
Em macio e suave langor  
Despertando no meu coração  
A saudade do primeiro amor

Um gemido se esvaia no espaço  
Nesta hora de lenta agonia  
Quando o sino saudoso murmura  
Badaladas da Ave Maria

Sinos que tangem com mágoas doridas  
Recordando os sonhos da aurora da vida  
Dai-me ao coração paz e harmonia  
na prece da Ave Maria



No alto do campanário  
Uma cruz simboliza o passado  
De um amor que já morreu  
Deixando um coração amargurado

Lá no infinito azulado  
Uma estrela formosa irradia  
A mensagem do meu passado  
Quando o sino tange Ave Maria



Anexo N

## Células Rítmicas na Música do Daime\*

Marcus Castelo Schaaf

Fonte da pesquisa (página 1 e 2): gravação do Centro "Rainha da Floresta"/Alto Santo.

**Valsa (lenta)** ♩ = ca. 114\*

\* batidas por minuto

As formas musicais dos hinos, na maioria dos casos, consistem em duas partes musicais, a parte A e a parte B. Cada um deles é constituído por 4 compassos, que se repetem ou não. Podemos observar que as formas mais frequentes são: ABB (12 compassos) ou AABB (16 compassos). Existem hinos que são compostos de uma forma única (8 ou 12 compassos). O seguinte exemplo serve para demonstrar uma variação rítmica do maracá na forma musical de 8 compassos:

**Valsa (rápida)** ♩ = ca. 132



A marcha é o ritmo mais frequente dos hinos:

**Marcha** ♩ = ca. 124

A densificação da batida ocorre neste exemplo no tempo 4 do compasso. Escutamos também a execução dessa batida com a densificação do ritmo no tempo 2

Observação: Notas embaixo da linha = maracá batido na mão Notas encima da linha = maracá batido no ar

Embora não haja mazurcas no hinário do Mestre Irineu, vale a pena analisar um terceiro ritmo bastante executado nos bailes do Daime (p.ex. “Vamos dar louvor”, ou “Bem louvada seja” do hinário de Germano Guilherme).

**Mazurca:** ♩ = ca. 108

Caso especial: Os hinos “Linha de Tucum” e “Estou aqui” trabalham com uma batida, que se chama MARCHA VALSEADA. Embora parecida à da Valsa, a batida mantem o andamento em 4 por 4.



Observação: Variações rítmicas podem ocorrer, principalmente na marcha, porque as pessoas trocam os “tempos fortes” (1 e 3), um pelo outro. Também é comum observar, que os “bailantes” desconsideram o ANACRUSE, pois, nem sempre a melodia (o canto) começa no tempo forte.

Sol lu-a, es - tre - la  
 || 1 2 3 4 | 2 2 3 4 | 3 2 3 4 | 4 2 3 4 ||

Exemplo IIino: “Devo amar”

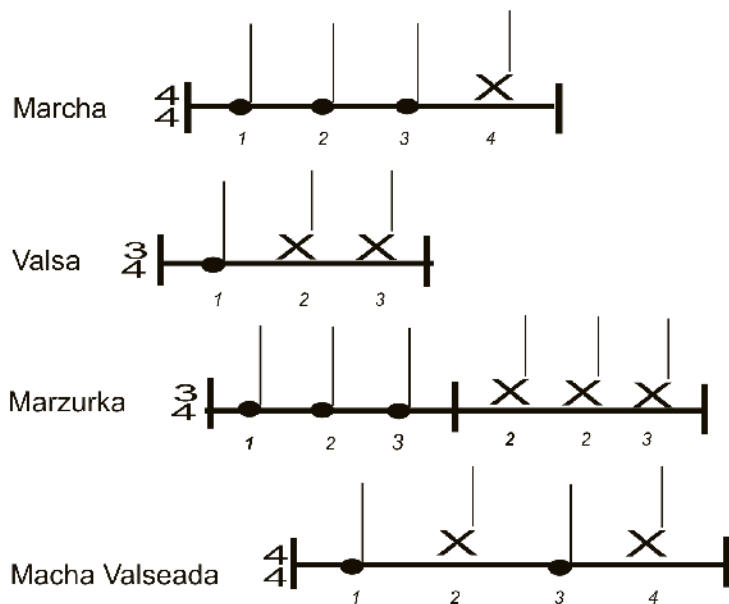
*Este hino tem ANCRUZE o canto entra antes da batida (1) do maracá*

De-vo a-mar a- que- Luz!  
 | 4 2 3 <sub>Anacruse</sub> 4 || 1 2 3 4 | 2 2 3 4 | 3 2 3 4 | 4 2 3 4 ||

Observação: Notas abaixo da linha = maracá batido na mão Notas acima da linha = maracá batido no ar

Resumo: podemos observar abaixo a forma mais comum de execução rítmicas do maracá:

**Celulas rítmicas simples :**



● = batida na palma da mão    X = batida no ar



Na ritmica melódica dos hinos encontramos uma combinação de semínimas com colcheias duplas, as vezes mínimas, ou uma combinação de semínimas potuadas com colcheais únicas.

\*Análise feita por: Dr.C.H Marcus Castelo Schaaf da Cultura, das Artes e da Saúde Social da Bahia pela UNI-A, Universidade corporativa das Américas, através da fundação Luiz Ademir-Flamir, diplomado pela FUTURE MUSIC SCHOOL, Frankfurt/Alemanha.





## Anexo O

# Calendário Ritual

Este calendário é um resumo panorâmico dos rituais e datas oficializadas por Mestre Irineu antes de seu falecimento. Neste calendário, procuramos também detalhar as datas e seus ritos específicos com comentários que marcam a distinção entre eles.

15 de janeiro: na comunidade do Daime passou-se a considerar o dia 15 do mês de janeiro o início do calendário ritual da comunidade do Daime. Neste dia é realizada a primeira "Concentração". As concentrações se iniciam geralmente às 18:45 com o serviço de distribuição do daime para todos os participantes. A concentração é o único rito que não começa com preces. Este rito repete-se durante todo o ano do calendário nos dias 15 e 30 de cada mês, exceto nas datas que coincidem com outras datas rituais, assim acontece com dia 30 de dezembro considerado livre pelo Mestre Irineu, como também as concentrações muito próximas ao carnaval. Pois, fala-se que Mestre Irineu desaconselhava fazer qualquer ritual do Daime durante o período do carnaval. Neste rito usa-se a farda azul.

18 de Março: véspera do dia de São José. Neste dia é cantado e bailado o hinário "O Cruzeiro" de Mestre Irineu. O festejo de São José começa às 18:00 horas com a reza do Terço conduzida pela comandante feminina. Às 18:45 geralmente é iniciado o serviço de distribuição do daime. Depois da distribuição, todos tomam seus lugares no salão de baile e iniciam o bailado. É feito um intervalo de uma hora após o hino 66 - São João, perto da meia noite. Neste festejo, usa-se a farda branca.

Véspera da sexta-feira santa: este rito tem sua data móvel conforme o carnaval do calendário cristão. O trabalho começa às 18:00 com o Terço, seguindo-se a distribuição do daime às 18:45 e às 19:00 o bailado. Existem duas variantes para execução de hinários neste dia. Há centros que cantam e bailam os hinários das mulheres: D. Percília, Maria Gomes, Zumira Gomes, Adalia, Maria Zacarias, Maria das Dores (Nenen), Lourdes e outras.



Segundo as lideranças destes centros estão seguindo as últimas recomendações do Mestre Irineu. Há também centros na comunidade do Daime que cantam e bailam os hinários dos companheiros: Germano Guilherme, João Pereira, Maria Damião e Antônio Gomes. Sempre ao final dos hinários nas duas variantes são executados os hinos novos de Mestre Irineu. Neste dia, também se canta o Bendito trazido por Francisca Mendes para o Mestre Irineu no final do trabalho (há sugestões de cantá-lo também a meia noite). Antes do Bendito se canta o hino do cruzeiro “Sexta Feira-Santa”. Fala-se que Mestre Irineu nunca executou a Santa Missa nessa data e nem dava vivas. Neste rito usa-se a farda azul.

30 de Abril: aniversário de nascimento de Antônio Gomes. Nesta data, é cantado o hinário de Antônio Gomes e os hinos novos de Mestre Irineu ao Final. Dos companheiros mais antigos de Mestre Irineu é o único com data fixa de hinário de aniversário. Usa-se farda azul.

23 de Junho: véspera do dia de São João. Neste dia é cantado e bailado o hinário do Germano Guilherme e “O Cruzeiro” de Mestre Irineu. Há centros que só executam o “O Cruzeiro”. É a única data quando se acende fogueira. O rito é iniciado às 18:00 horas com o Terço e, às 18:45 a distribuição de daime. Todos os bailados de farda branca começam neste mesmo horário. Fala-se que Mestre Irineu convencionou o dia de São João e Natal como datas oficiais para batismos de crianças e fardamento de adventícios na farda branca. Geralmente o adventício iniciava na azul sem estrela. Diz-se que Mestre Irineu não tinha nenhum rito para o fardamento. Apenas o adventício entrava nas fileiras do bailado como todos os outros participantes sem distinção entre os outros fardados, sem discursos de apresentação ou hinos especiais para fardamento. Usa-se farda branca.

6 de Julho: aniversário de falecimento do Mestre Irineu. Nesta data a comunidade do Daime faz uma Missa iniciada às 16:00. E somente às 18:00 reza-se novamente o terço para dar início a distribuição do Daime às 18:45. Foi convencionado cantar “O Cruzeiro” sentado a capela (só voz) sem instrumentos, sem maracá e sem mesários em volta da mesa central do salão. Fora o dia de aniversário de falecimento do Mestre Irineu e dia de Finados, a Santa Missa só é executada no dia de falecimento de algum fardado da comunidade, geralmente após o velório, depois o rito repete-se



com sete dias, um mês, seis meses e cada ano depois da morte, usando-se a farda azul em todas as missas. No dia 6 de julho usa-se farda branca.

1 e 2 de Novembro: dia de Todos os Santos e dia de Finados. Neste dia são cantados e bailados os hinários dos companheiros do mestre Irineu: Germano Guilherme, João Pereira, Maria Damião, Antônio Gomes e os hinos novos do Mestre Irineu. Igualmente aos outros festejos inicia-se o terço às 18:00 horas, a distribuição às 18:45 e o baile as 19:00 horas. Dá-se viva até antes da meia noite. Depois da meia noite o baile segue sem vivas, pois, já é dia de finados. Ao final do baile é realizada a Santa Missa (sem mesários) que inicia com a reza do Terço. Após a Missa muitos dos seguidores de Mestre Irineu se dirigem ao cemitério para visitar o túmulo de parentes. Usa-se farda azul neste dia.

7 de Dezembro: véspera de Nossa Senhora da Conceição. Nesta data são cantados e bailados os hinários do Germano Guilherme e "O Cruzeiro" de Mestre Irineu. Há centros que só executam "O Cruzeiro". Fala-se que Nossa Senhora da Conceição era comemorado na casa do Germano Guilherme e que foi trazido para a sede central somente em 1963. Assim, esta data tornou-se festivo oficial um ano antes de Germano Guilherme falecer. Diz-se também que foi a partir daí que o hinário do Germano Guilherme foi oficializado para execução na abertura "d'O Cruzeiro" de Mestre Irineu, nas datas de Nossa Senhora da Conceição, Natal, Reis e São João. Nessas datas é cantado também o hino da Confissão. Usa-se farda branca.

14 de Dezembro: véspera do Aniversário de nascimento de Mestre Irineu. Até 1969 comemorava-se o aniversário do líder com dança de salão servindo-se daime. Em 1970 passaram a festejar seu aniversário, cantando somente o "O Cruzeiro", sem o hinário de Germano Guilherme. Usa-se farda branca.

24 de Dezembro: véspera do dia de Natal. Neste dia é cantado e bailado o hinário de Germano Guilherme e "O Cruzeiro" de Mestre Irineu. Há centros que só executam "O Cruzeiro". O rito é iniciado às 18:00 horas com o Terço, às 18:45 faz-se a distribuição de daime e às 19:00 horas é iniciado o bailado (A maioria dos bailes oficiais seguem esses mesmos horários). No Natal, assim como no dia de São João, Mestre Irineu realizava



batismos de crianças e fardamento de adventícios na farda branca. Os batismos eram feitos ao final do festejo, depois de encerrado o baile. Usa-se farda branca nesta data.

5 de janeiro: véspera do dia dos Santos Reis. Nesta data é cantado e bailado o hinário de Germano Guilherme e "O Cruzeiro" de Mestre Irineu. Há centros que só executam "O Cruzeiro". Nesta data também é cantado ao final do hinário um hino do Mestre Irineu que só é executado nesse dia, chamado 25 - Oferecimento. É também nesse dia, que é feito o ritual da entrega dos trabalhos, simbolizando o final do calendário anual do Daime. Usa-se farda branca.

#### Concessões de Mestre Irineu:

Dia 10 de Fevereiro: Aniversário de nascimento de Leôncio Gomes. Neste dia comemora-se o aniversário do Presidente e sucessor escolhido por Mestre Irineu. Neste dia é cantado e bailado somente o hinário "d'O Cruzeiro" de Mestre Irineu. Usa-se Farda Branca.

Dia 14 de julho: Aniversário de nascimento de Peregrina Gomes Serra. Nesta data é festejado somente na sede central o aniversário de Dona Peregrina viúva do Mestre Irineu. Canta-se e baila-se o hinário "d'O Cruzeiro" de Mestre Irineu. Usa-se farda branca.

Dia 22 de julho: Aniversário de nascimento de José Nunes, líder da extensão do Daime conhecida como Limoeiro. Esta data só era comemorada na colocação chamada Limoeiro no município do Bujari – Acre, enquanto José Nunes estava vivo. Toda a comunidade se deslocava para lá, para cantar e bailar o hinário "d'O Cruzeiro" de Mestre Irineu. Usava-se farda branca.



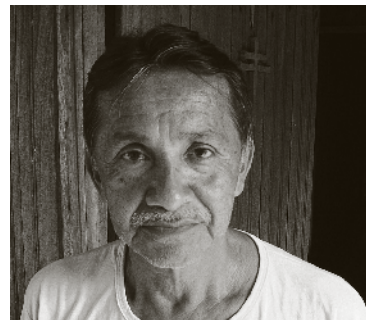
# — Entrevistados —





1. Franciso das Chagas (antigo seguidor de Mestre Irineu)
2. Edilza Ferreira (filha de Loredó)
3. Domingas e Francisca (parentes de Mestre Irineu)
4. Adália Granjeiro (filha de Antônio Gomes)
5. Daniel Serra (sobrinho de Mestre Irineu)
6. Cecília Gomes (filha de Antônio Gomes e mãe de Paulo Senna)





7. Loudes Carioca  
8. Raimundo Ferreira (Loreda) e Alzira Ferreira  
9. João do Rio Branco  
10. Júlio Chaves Carioca (membro do Conselho Comunitário - CICLU)  
11. Franciso Granjeiro (feitor de Mestre Irineu)  
12. Emílio Furtado (membro do Conselho Comunitário - CICLU)

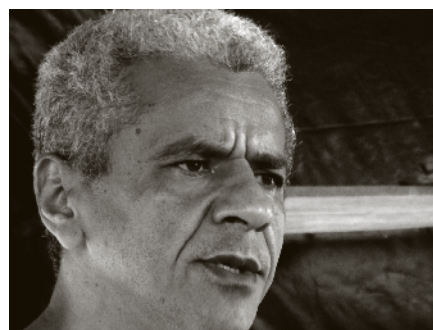






13. Raimundo Marques Vieira e Matilde Marques Vieira (filhos de Maria Damião)  
14. João Facundes (Nica) (secretário de CICLU)  
15. Luís Mendes Nascimento (orador de Mestre Irineu)  
16. Otilia Serra (esposa de Daniel Serra)  
17. Paulo Serra (filho de criação de Mestre Irineu)  
18. Paulo Severino (antigo seguidor de Mestre Irineu)





19. Rita Serra (prima de Mestre Irineu)  
20. Saturnino Brito (afilhado de Mestre Irineu)  
21. Percília Ribeiro (secretária pessoal de Mestre Irineu)  
22. Pedro Matos (esposo de Percília)  
23. ValcÍrio Granjeiro (filho de Francisco Granjeiro)  
24. Severina Serra (prima de Mestre Irineu)



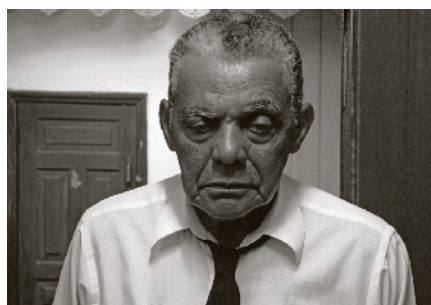
25



26



27



25. Veriana Brandão (antiga seguidora de Mestre Irineu)

26. José Dantas (Zé Dantas, filho de Manoel Dantas)

27. José Gomes (Zé Gomes, filho de Antônio Gomes)





— Álbum de Fotos —





1. Mestre Irineu a paisano
2. Mestre Irineu e a família do Loredo
3. Mestre Irineu e a irmandade dentro da sede





4. Mestre Irineu e a irmandade reunida em frente à sede

5. Mestre Irineu e José das Neves

6. Mestre Irineu e o casal Loredo e Alzira







- 7. Mestre Irineu em pose para foto
- 8. Mestre Irineu dentro da sede
- 9. Mestre Raimundo Irineu Serra





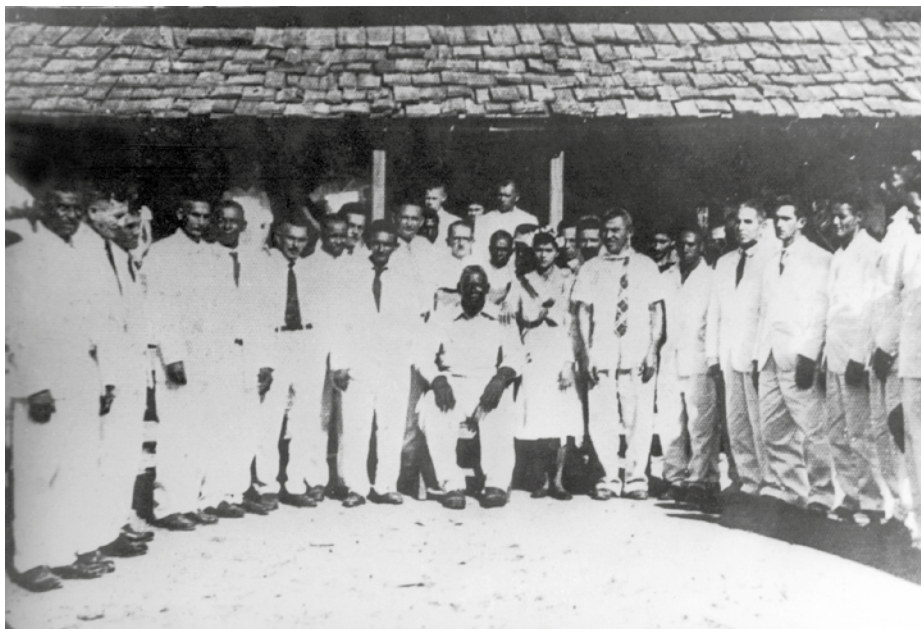
10. Mestre Irineu em frente à sua casa

11. Mestre Irineu

12. Mestre Irineu, Paizinha (filha de Teteo), Maria (filha de Daniel Serra)

13. Mestre Irineu no gabinete





14



15

14. Mestre Irineu e a irmandade em frente à sede  
15. Mestre Irineu e a irmandade



16



17



18



16. Emílio e Mestre Irineu  
17. Caixão de Mestre Irineu  
18. Velório de Mestre Irineu



19



20



21



19. Caminhada do cortejo do funeral do Mestre Irineu

20. Parada do cortejo do funeral do Mestre Irineu

21. Cortejo Fúnebre de Mestre Irineu





22. Emílio e Zé Carlos na taberna de Leôncio Gomes

23. O casal Leôncio e Madalena

24. Maria Serra (Cota, irmã de Mestre Irineu)



— Álbum de Fotos —

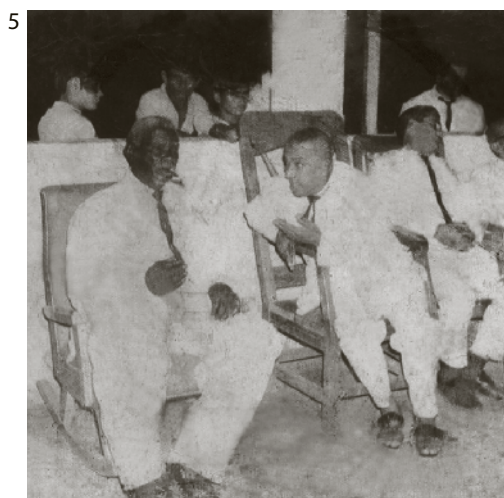






1. Mestre Irineu a paisano
2. Mestre Irineu e a família do Loredó
3. Mestre Irineu e a irmandade dentro da sede





4. Mestre Irineu e a irmandade reunida em frente à sede

5. Mestre Irineu e José das Neves

6. Mestre Irineu e o casal Loredo e Alzira



7



8



9



- 7. Mestre Irineu em pose para foto
- 8. Mestre Irineu dentro da sede
- 9. Mestre Raimundo Irineu Serra





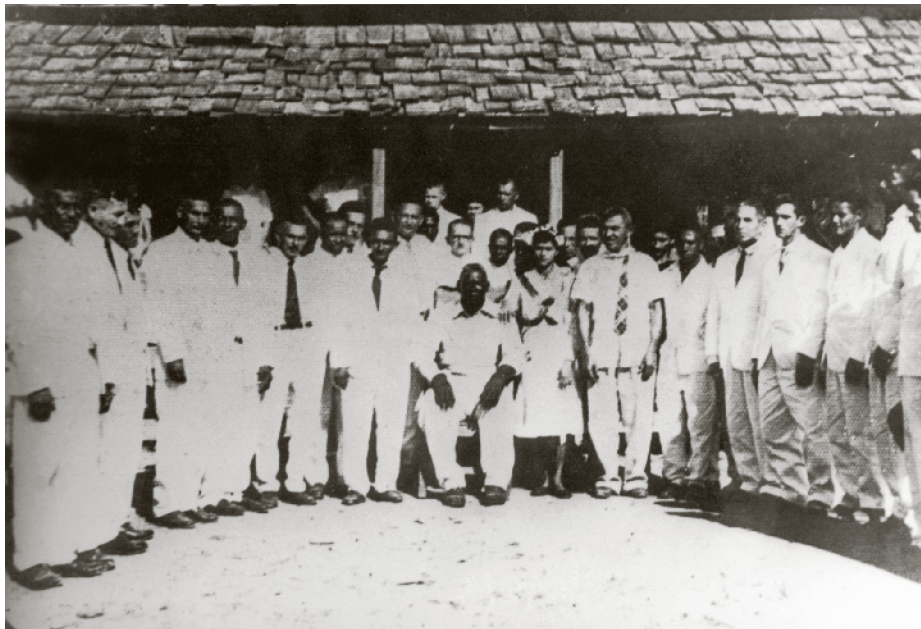
10. Mestre Irineu em frente à sua casa

11. Mestre Irineu

12. Mestre Irineu, Paizinha (filha de Teteo), Maria (filha de Daniel Serra)

13. Mestre Irineu no gabinete





14



15

14. Mestre Irineu e a irmandade em frente à sede  
15. Mestre Irineu e a irmandade



16



17



18



16. Emílio e Mestre Irineu  
17. Caixão de Mestre Irineu  
18. Velório de Mestre Irineu



19



20



21



19. Caminhada do cortejo do funeral do Mestre Irineu

20. Parada do cortejo do funeral do Mestre Irineu

21. Cortejo Fúnebre de Mestre Irineu





22. Emílio e Zé Carlos na taberna de Leôncio Gomes

23. O casal Leôncio e Madalena

24. Maria Serra (Cota, irmã de Mestre Irineu)





— **Lista de Imagens** —



Figura 1. Primeira parte do registro de casamento de Joana D'Assunção Serra e Sancho Martinho de Mattos.

Fonte: Acervo da Paróquia de São Vicente Férrer. Foto de Paulo Moreira.

Figura 2. Segunda parte do registro de casamento dos pais de Irineu.

Fonte: Acervo da Paróquia de São Vicente Férrer. Foto de Paulo Moreira.

Figura 3. Certidão de nascimento de Irineu.

Fonte: Acervo da Paróquia de São Vicente Férrer. Foto de Paulo Moreira.

Figura 4. Casa onde nasceu Irineu, Santa Tereza São Vicente Férrer-MA.

Fonte: Acervo e foto de Eduardo Bayer.

Figura 5. Igreja Matriz de São Vicente Férrer onde se casaram os pais de Irineu e onde ele foi batizado.

Fonte: Patrimônio Histórico do Acre. Acervo do Memorial dos Autonomistas.

Figura 6. Carteira de Trabalho da irmã de Irineu - Maria Matos, 05/05/1905 (sobrenome paterno Matos).

Fonte: Acervo e foto de Paulo Moreira.

Figura 7. Carteira de Identidade de Raimundo Irineu Serra.

Fonte: Acervo do Memorial do Mestre Irineu. Foto de Eduardo Bayer.

Figura 8. Ruas de São Vicente Férrer no começo do século XX.

Fonte: Patrimônio Histórico do Maranhão.

Figura 9. Rua do centro de São Luís, 1910.

Fonte: Patrimônio Histórico do Maranhão. Acervo Galdêncio Cunha.



- Figura 10. Quartel de Infantaria em São Luís, MA, em 1910.  
Fonte: Patrimônio Histórico do Maranhão. Acervo Galdêncio Cunha.
- Figura 11. Cais da Praia Grande, porto da onde Irineu partiu para Amazônia em 1909.  
Fonte: Patrimônio Histórico do Maranhão. Acervo Galdêncio Cunha.
- Figura 12. Embarcações a vapor da época que saíam de São Luís-MA para Belém-PA.  
Fonte: Patrimônio Histórico do Maranhão. Acervo Galdêncio Cunha.
- Figura 13. Localização do Acre.  
Fonte: <<http://www.viagemdeferias.com/mapa/acre/>> acesso em: 25 de março de 2011.
- Figura 14. Chegada de Irineu ao Território Federal do Acre  
Fonte: Patrimônio Histórico do Acre. Acervo do Memorial dos Autonomistas. Foto trabalhada graficamente por Paulo Moreira.
- Figura 15. Evolução histórica do Acre.  
Fonte: Patrimônio Histórico do Acre. Acervo do Memorial dos Autonomistas.
- Figura 16. Cidade de Xapurí - Emílio Falcão. "Álbum do Rio Acre", p. 152 - Data: 1906-1907.  
Fonte: Patrimônio Histórico do Acre. Acervo do Memorial dos Autonomistas.
- Figura 17. Cabeçalho do papel timbrado do Círculo Regeneração e Fé.  
Fonte: Acervo de Jesus Costa. Foto de Paulo Moreira.
- Figura 18. Anotações de Alberto Costa de 1972 sobre Livro Ata do CRF - I.  
Fonte: Acervo de Jesus Costa. Foto de Paulo Moreira.
- Figura 19. Anotações de Alberto Costa de 1972 sobre Livro Ata do CRF - II.  
Fonte: Acervo de Jesus Costa. Foto de Paulo Moreira.
- Figura 20. Anotações de Alberto Costa de 1972 sobre Livro Ata do CRF - III.  
Fonte: Acervo de Jesus Costa. Foto de Paulo Moreira.
- Figura 21. Comunicação ou "prática" da Vossa Delatada da Floresta - CRF.  
Fonte: Acervo de Jesus Costa. Foto de Paulo Moreira.
- Figura 22. Fragmento do Livro Ata do CRF, provavelmente entre 1916 e 1920.  
Fonte: Acervo de Jesus Costa. Foto de Paulo Moreira.



Figura 23. Porto da cidade de Rio Branco em 1912 (oito anos antes da chegada de Irineu).

Fonte: Patrimônio Histórico do Acre. Acervo do Memorial dos Autonomistas.

Figura 24. Boletim, n. 172 da Força Policial (documento inteiro).

Fonte: Acervo da polícia Militar do Acre em Rio Branco. Foto de Paulo Moreira.

Figura 25. Título inicial do documento datando 23 de junho de 1922.

Fonte: Acervo da polícia Militar do Acre em Rio Branco. Foto de Paulo Moreira.

Figura 26. Germano Guilherme e João Pereira constam na lista de louvor de 23 de junho de 1922.

Fonte: Acervo da polícia Militar do Acre em Rio Branco. Foto de Paulo Moreira.

Figura 27. Quartel da Força Policial construído em alvenaria e inaugurado em 15/11/1929 em Rio Branco-AC.

Fonte: Patrimônio Histórico do Acre. Acervo do Memorial dos Autonomistas.

Figura 28. Carteira de identidade Manoel Fontenele de Castro.

Fonte: Patrimônio Histórico do Acre. Acervo do Memorial dos Autonomistas.

Figura 29. Fontenele no início da carreira militar.

Fonte: Patrimônio Histórico do Acre. Acervo do Memorial dos Autonomistas.

Figura 30. As tribos de língua Pano se concentravam entre o Dep.º do Alto Taruacá e Dep.º do Alto Purus.

Fonte: Patrimônio Histórico do Acre. Acervo do Memorial dos Autonomistas.

Figura 31. Certidão de casamento de Mestre Irineu Serra com Raimunda Marques Feitosa - 31/7/1937.

Fonte: Acervo do Memorial do Mestre Irineu. Foto de Eduardo Bayer.

Figura 32. Da esquerda para direita, Francisca Marques Feitosa, Laura filha de Maria Marques Vieira (Maria Damião), Veriana Brandão, Maria das Dores Ribeiro (Bibi - irmã de D. Percília), Maria Franco (mãe de D. Raimunda), Percília Ribeiro, D. Raimunda, Paulo Serra (criança) e



Mestre Irineu (foto tirada em 1949).

Fonte: Acervo de Antônio Macedo.

Figura 33. Foto tirada do Cruzeiro e da mesa de Mestre Irineu.

Fonte: Acervo de Mestre Irineu. Foto de Eduardo Bayer.

Figura 34. Cruzeiro no exterior da sede.

Fonte: Emílio Furtado Mendonça.

Figura 35. Mestre Raimundo, Mestre Irineu Serra e a irmandade na ramada da Vila Ivonete no final década de 1930. Da esquerda para direita: Raimundo Gomes, João Ribeiro, Manoel Dantas, Antônio Gomes, Manoel Belém, Germano Guilherme, Daniel Pereira de Mattos, José das Neves, Raimundo Irineu Serra, João Pereira, Antônio Roldão, Pedro Corrente, João de Sena, Pedro Ribeiro, depois do próximo, Sebastião G. Nascimento e o velho Tamandaré. Na frente, as crianças: Adália, Laura, Percília, Bibi (identificadas) e outras não identificadas.

Fonte: <<http://www.afamiliajuramidam.org/comunidade/historia/vilavonete.html>> Acesso em: 12 fevereiro de 2009.

Figura 36. Foto de Daniel Pereira de Mattos.

Fonte: Patrimônio Histórico do Acre. Memorial dos Autonomistas.

Figura 37. Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia

Fonte: Patrimônio Histórico do Acre. Acervo do Memorial dos Autonomistas.

Figura 38. Passeata dos soldados da borracha.

Fonte: Patrimônio Histórico do Acre. Acervo do Memorial dos Autonomistas.

Figura 39. Soldados da borracha.

Fonte: Patrimônio Histórico do Acre. Acervo do Memorial dos Autonomistas.

Figura 40. Seringueiros.

Fonte: Patrimônio Histórico do Acre. Acervo do Memorial dos Autonomistas.

Figura 41. Foto do croqui do entorno de Rio Branco 1960. Organograma da mudança de Mestre Irineu da Vila Ivonete para a Colocação Espalhado na Custódio Freire em 1945.

Fonte: Acervo do INTERACRE. Foto de Paulo Moreira.



Figura 42. Mapeamento do INCRA das terras nos arredores de Rio Branco -1980. A área em evidência no mapa corresponde às terras de Mestre Irineu com suas respectivas divisões atuais.

Fonte: Acervo do INCRA. Foto de Paulo Moreira.

Figura 43. Licença de Ocupação a Título Provisório.

Fonte: Acervo do INTERACRE. Foto de Paulo Moreira.

Figura 44. Verso da Folha de Ocupação e Título Provisório. Fonte: Acervo do INTERACRE. Foto de Paulo Moreira.

Figura 45. Foto dos seguidores de Mestre Irineu (batalhão masculino) em frente da primeira sede com cobertura de palha no Alto da Santa Cruz. Mestre Irineu é o mais alto de chapéu.

Fonte: <https://picasaweb.google.com/118259227652451791456/ChefelpRioJuramidThcaapi#5285779065694053010>. Acesso em: 23 de novembro de 2010.

Figura 46. Foto do grupamento feminino, D. Raimunda está ao centro sem farda. Fala-se que D. Raimunda passou a usar duas faixas verdes cruzadas na frente da camisa.

Fonte: <http://www.afamiliajuramidam.org/comunidade/Mestre/mestre36.html>>. Acesso em: 26 de outubro de 2009.

Figura 47. O Governador Guiomard dos Santos discursando por ocasião da inauguração do novo prédio da Imprensa Oficial, em 1948.

Fonte: Patrimônio Histórico do Acre. Acervo do Memorial dos Autonomistas.

Figura 48. Foto da sede e casa de Mestre Irineu construída no início da década de 1950. Mestre Irineu está na porta da casa.

Fonte: Acervo de Jairo Carioca.

Figura 49. Foto do registro civil de casamento de Mestre Irineu e D. Peregrina.

Fonte: Fórum de Rio Branco. Foto de Paulo Moreira.

Figura 50. Foto de casamento de Mestre Irineu e D. Peregrina.

Fonte: <http://www.mestreirineu.org/Mestre14.jpg>>. Acesso em: 23 julho de 2008.

Figura 51. Foto do registro de óbito de Joana Serra, mãe de Mestre Irineu.

Fonte: Fórum de São Vicente Férre -MA. Foto de Paulo Moreira.

Figura 52. Farda das meninas.



Fonte: Acervo de Emílio Furtado Mendonça.

Figura 53. Fardas das mulheres.

Fonte: <<http://www.mestreirineu.org/Mestre05.jpg>>. Acesso em: 22 de maio de 2009.

Figura 54. Fardas dos homens com uso de fitas.

Fonte: <<http://www.mestreirineu.org/Mestre16.jpg>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2008.

Figura 55. Farda dos meninos com fitas.

Fonte: Acervo de Emílio Furtado Mendonça.

Figura 56. Ritual de festejo realizado de farda branca na sede e casa de Mestre Irineu. Foto tirada no início de 1960.

Fonte: <[http://www.afamiliajuramidam.org/comunidade/historia/alto-santo\\_salao.html](http://www.afamiliajuramidam.org/comunidade/historia/alto-santo_salao.html)>. Acesso em: 7 de maio de 2009.

Figura 57. Baile de São Gonçalo realizado em São Vicente Férrer.

Fonte: Acervo de Paulo Moreira.

Figura 58. Elpídio, primo de Mestre Irineu, antigo tocador de Tambor de Crioula de São Luís.

Fonte: Márcio Vasconcelos.

Figura 59. Reunião política em 1955: Mestre Irineu está à direita, de roupa e chapéu brancos.

Fonte: Antônio Macedo

Figura 60. Valério Caldas Magalhães e Mestre Irineu no Alto Santo.

Fonte: <<http://www.mestreirineu.org/Mestre25.jpg>>. Acesso em: 5 de abril de 2009.

Figura 61. Foto tirada na inauguração do centro mecanizado do Alto Santo em 1968. São as seguintes as pessoas da foto, da esquerda para direita: Mestre Irineu, Agnaldo Moreno (secretário de produção), Professor Rego (de Costas – assessor de Agnaldo), Jorge Kalume (Governador), José Guiomard dos Santos (Senador) e Kátia (esposa de Guiomard.).

Fonte: <<http://www.mestreirineu.org/Mestre10.jpg>>. Acesso em: 3 de maio de 2009.

Figura 62. Foto de Jorge Viana Governador do Acre pelo PT ao lado de D. Peregrina Gomes Serra, viúva de Mestre Irineu e presidente do Daime.





Fonte: Patrimônio Histórico do Acre. Acervo do Memorial dos Autonomistas.

Figura 63. Foto do documento de matrícula no CECP dos frequentadores do Daime, filiados em 25/05/1961 na sede central do CECP (Matricula 265.532 a 265.543): José Francisco das Neves, Holdernes Pereira Maia, Leôncio Gomes da Silva, Francisco Granjeiro Filho, José Dantas do Nascimento, Antônio José Rodrigues (Cancão), Peregrina Gomes do Nascimento, Percília Ribeiro de Mattos, Isis Vieira Maria, Adália Gomes Granjeiro, Madalena do Carmo Gomes, Clicia Pereira Cavalcante e Obed Moreno da Silva.

Fonte: Acervo do Circuito Esotérico Comunhão do Pensamento. Foto de Paulo Moreira.

Figura 64. Foto do registro do Centor de Mestre Irineu entre as filiais do CECP no período de 27/07/ 1961 a 14/12/1964.

Fonte: Acervo do Circuito Esotérico Comunhão do Pensamento. Foto de Paulo Moreira.

Figura 65. Foto da Inauguração da parceria do Centro de Irradiação Mental Tattwa “Luz Divina” (Daime) e o CECP em 27/05/1963. Da esquerda para direita da foto, o segundo homem de óculos é o Coronel Manoel Fontenele de Castro. Ao lado dele de terno branco, Raimundo Gomes. Na direita da foto, de terno branco e faixa na frente está Francisco Ferreira “Chicão” e mais ao canto direito da mesma, Mestre Irineu.

Fonte: Acervo de Antônio Macedo.

Figura 66. Na foto só Mestre Irineu e Leôncio estão com a estrela de cinco pontas. Os demais homens portam a palma (uma espécie de símbolo em forma de brasão ou escudo contendo uma rosa ao centro, verde e amarela). A ordem da foto da esquerda para direita e a seguinte: D. Peregrina, (?), Antonio Pereira (por traz), Mestre Irineu, Virgílio (Porto Velho), João do Rio Branco, (?), Leôncio, Bino, Antônio Cancão.

Fonte: Acervo de Mauro.

Figura 67. São as seguintes pessoas da Fonte: (?), Osmarino, Raimundo e Albano.

Fonte: Acervo de Emílio Furtado Mendonça.

Figura 68. Estrela de Seis Pontas nas fardas do Daime.

Fonte: <<http://www.mestreirineu.org/Mestre05.jpg>>. Acesso em: 3 de janeiro de 2009.



Figura 69. Símbolo oficial do Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento.

Fonte: Ilustração digital, Paulo Moreira.

Figura 70. Foto tirada dois anos após a morte de Mestre Irineu. Da esquerda para direita estão as seguintes pessoas: Alzira (esposa de Raimundo Ferreira - Loredó), Sgt. Auricélio, Raimundo Ferreira (Loredó), Otilia (esposa do Sgt Auricélio).

Fonte: Edilza Ferreira.

Figura 71. Extensões ou “Pronto-socorros” do Daime no entorno de Rio Branco.

Fonte: Acervo do INTERACRE. Foto de Paulo Moreira.

Figura 72. Foto do seu Zé Nunes tirada na década de 1970.

Fonte: Acervo do CEFLI - Bujari-AC.

Figura 73A. Foto de Sebastião Mota de Melo e sua esposa Rita Gregório (foto retirada do livro de Alex Polari “O Evangelho Segundo Sebastião Mota”).

Fonte: Acervo de Alex Polari de Alverga.

Figura 73B. Mestre Irineu ladeado por Valdete e Valfredo (Alfredo). Foto retirada do livro de Vera Fróes (1986) “Santo Daime: Cultura Amazônica”.

Fonte: Acervo de Vera Fróes.

Figura 74. Fotos sobre fechamento de panela com folha e distinção de bagaço e pó da casca do jagube (cipó).

Fonte: Flávio Lopes (Panela), Paulo Moreira (Feitio).

Figura 75. Homens, mulheres, moças e rapazes usando a farda de concentração. Da esquerda para direita: Daniel Serra (sobrinho de Mestre Irineu), Maria (sua filha), Otília (sua esposa), (?), (?), (?) e (?).

Fonte: Acervo de Francisco das Chagas Brito.

Figura 76. Foto das cinco folhas do “Decreto de Serviço” de Mestre Irineu redigidas por Percília Ribeiro no ano de 1970.

Fonte: Acervo de Pedro Matos. Foto de Paulo Moreira.

Figura 77. Da esquerda para a direita: Zelito, (?), Major Holdernes Maia, e sua esposa Isis (ao centro), Loredó, Alzira, (?), (?). Foto tirada na sede do Loredó - Saituba.

Detentora de Fonte: Edilza Ferreira.

Figura 78. Foto em close de Mestre Irineu. Pele acentuadamente negra e cabelo crespo.



Fonte: <<http://www.mestreirineu.org/Mestre08.JPG>>. Acesso em: 25 de abril de 2009.

Figura 79. Ilustração com traços tipicamente negros.

Fonte: Acervo de José Silva Souza.

Figura 80. Ilustração com traços de branqueamento. Cabelo liso e pele esbranquiçada.

Fonte: Acervo de Antônio Macedo.

Figura 81. Ilustração com traços acentuadamente brancos. Cabelo grisalho liso e pele totalmente branca.

Fonte: <https://picasaweb.google.com/118259227652451791456/ChefempRioJuramidThcaapi#5285779796292929266> Acesso em: 12 de agosto de 2009.

Figura 82. Foto da Ata de constituição do Centro de Iluminação Cristã Luz Universal.

Fonte: Acervo do Fórum de Rio Branco. Foto de Paulo Moreira.

Figura 83. Registro do Estatuto no Fórum de Rio Branco.

Fonte: Acervo do Fórum de Rio Branco. Foto de Paulo Moreira.

Figura 84. Foto do velório de Mestre Irineu. Os seguidores masculinos de Mestre Irineu foram orientados, por Daniel Serra e Leôncio Gomes, a ficarem perfilados em formação de "V" de vitória, durante toda a cerimônia. Esta transcorreu do final da tarde de terça-feira dia 6 de julho de 1971 ao final da manhã de quarta-feira do dia 7 de julho de 1971.

Fonte: Américo de Mello.

Figura 85. Foto do velório de Mestre Irineu na quarta-feira pela manhã do dia 7 de julho de 1971. Nota-se no agrupamento feminino a presença de fardadas do "Estado Maior". Estas usam uma faixa em forma de "Y" nas costas. Este adereço, junto com uma maior quantidade de fitas pregueadas no ombro, foi o único indicador de patente diferenciada nas fardas do Daimé que perdura até o dia de hoje no Alto Santo.

Fonte: Américo de Mello.

Figura 86. A despedida do Mestre. A menina na foto é Maria, filha de Daniel Serra.

Fonte: Américo de Mello.

Figura 87. Saída do Cortejo da Sede do Centro de Mestre Irineu.

Fonte: Américo de Mello.



Figura 88. Foto do cortejo fúnebre de Mestre Irineu. Da esquerda para a direita estão a seguintes pessoas: João Pedro, Leôncio (logo atrás ostentando no peito a estrela de cinco pontas), (?), Daniel Serra (sobrinho de Mestre Irineu), Zequinha (sobrinho de Mestre Irineu), João (homem negro ao lado direito por trás da primeira fila - filho de uma sobrinha de Mestre Irineu), Francisco Granjeiro, (?), (?), João Nunes (João do Rio Branco), Sebastião Jaccoud.

Fonte: Américo de Mello.

Figura 89. Cortejo passando ao lado do açude no início da subida da ladeira.

Fonte: Américo de Mello.

Figura 90. Fotos da ultima abertura do caixão no terreno escolhido por Mestre Irineu antes de pô-lo no Jazigo.

Fonte: Américo de Mello.

Figura 91. Foto da gaveta do jazigo onde o corpo de Mestre Irineu foi depositado. Na foto o Pedreiro conhecido como Guajará, que era fardado da doutrina, ainda está sujo de cimento.

Fonte: Américo de Mello.

Figura 92. Foto do lugar onde ficou a gaveta do jazigo de Mestre Irineu. Na foto o jazigo fica na palhoça ao fundo.

Fonte: Américo de Mello.

Figura 93. Registro de óbito de Mestre Irineu.

Fonte: Acervo do Fórum de Rio Branco. Foto de Paulo Moreira.

## Fotos de abertura dos capítulos

Foto de Abertura do Livro. Mestre Irineu

Fonte: Américo de Mello

Foto de abertura capítulo I. Praça em São Luis do Maranhão 1909.

Fonte: Patrimônio Histórico do Maranhão. Acervo de Galdêncio Cunha.

Foto de abertura capítulo II. Margem direita do Rio Acre.

Fonte: Patrimônio Histórico do Acre Acervo Digital. Memorial dos Autonomistas.

Foto de abertura capítulo III. Quartel da Força Policial em Rio Branco -Acre.

Fonte: Patrimônio Histórico do Acre Acervo Digital. Memorial dos Autonomistas.



Foto de abertura capítulo IV. Portal de entrada do Alto Santo.

Fonte: Acervo de Antônio Macedo.

Foto de abertura capítulo V. Vista parcial da Praça Rodrigues Alves em Rio Branco Década de 70.

Fonte: José Leite. Acervo do Memorial dos Autonomistas.

## Ilustrações dos Apêndices

Apêndice A. Genealogia da Família Materna de Raimundo Irineu Serra.

Gráfico: Paulo Moreira.

Apêndice B. Genealogia da Descendência de Joana D'Assunção Serra.

Gráfico: Paulo Moreira.

Apêndice C. Genealogia dos Casamentos de Raimundo Irineu Serra.

Gráfico: Paulo Moreira.

Apêndice D. Genealogia da Família Paterna de Raimundo Irineu Serra.

Gráfico: Paulo Moreira.

Apêndice E. Genealogia da Família Costa.

Gráfico: Paulo Moreira.

Apêndice F. Genealogia de Antonio Gomes.

Gráfico: Paulo Moreira.

Apêndice G. Genealogia da descendência de Antonio Gomes e Maria de Nazaré.

Gráfico: Paulo Moreira.

Apêndice H. Genealogia da descendência de Antonio Gomes e Maria Gomes.

Gráfico: Paulo Moreira.

Apêndice I. Genealogia da Família de Maria Francisca Vieira (Maria Damião).

Gráfico: Paulo Moreira.

Apêndice J. Genealogia de Percília Ribeiro.

Gráfico: Paulo Moreira.

Apêndice K. Genealogia da Família de Raimunda Marques Feitosa.

Gráfico: Paulo Moreira.

Apêndice L. Genealogia da Família Granjeiro.

Gráfico: Paulo Moreira.



Apêndice M. Genealogia da Família de Julio e Lourdes Carioca.  
Gráfico: Paulo Moreira.

Apêndice N. Disposição do Ritual do Bailado.  
Gráfico: Paulo Moreira.

## Foto dos Anexos

ANEXO A. Certidão de Óbito de André Avelino Costa - parte 1.  
Fonte: Acervo do Fórum de Rio Branco. Foto de Paulo Moreira.

ANEXO A. Certidão de Óbito de André Avelino Costa - parte 2.  
Fonte: Acervo do Fórum de Rio Branco. Foto de Paulo Moreira.

ANEXO I. Antônio Gomes.  
Fonte: Acervo de Antônio Macedo.

ANEXO I. Dona Nenem e Guilherme Gomes.  
Fonte: Acervo de Paulo Serra.

ANEXO I. Maria Gomes (esposa de Antônio Gomes) e Francisco Granjeiro (irmão de Nenem). Dias das mães CICLU 2.  
Fonte: Acervo de Jairo Carioca.

## Fotos dos Entrevistados

Foto 1. Francisco das Chagas (antigo seguidor do Mestre Irineu).  
Fonte: Paulo Moreira.

Foto 2. Edilza Ferreira (filha de Loredó).  
Fonte: Paulo Moreira.

Foto 3. Domingas e Francisca (parentes de Mestre Irineu).  
Fonte: Paulo Moreira.

Foto 4. Adália Granjeiro (filha de Antonio Gomes).  
Fonte: Paulo Moreira.

Foto 5. Daniel Serra (sobrinho de Mestre Irineu).  
Fonte: Retirada de um frame da filmagem do documentário: Almeida, Fátima. "Irineu", vídeo em VHS, duração 60 minutos, Fundação Cultural do estado Acre, Rio Branco 1992.

Foto 6. Cecília Gomes (filha de Antonio Gomes e mãe de Paulo Serra).  
Fonte: Flávio Lopes



Foto 7. Lourdes Carioca.

Fonte: Jairo Carioca.

Foto 8. Raimundo Ferreira (Loredó) e Alzira Ferreira.

Fonte: Paulo Moreira.

Foto 9. João do Rio Branco.

Fonte: Paulo Moreira.

Foto 10. Júlio Chaves Carioca (membro do conselho comunitário - CICLU).

Fonte: Jairo Carioca.

Foto 11. Francisco Granjeiro (feitor do Mestre Irineu).

Fonte: (Retirada de um frame da filmagem do documentário: Almeida, Fátima. "Irineu", vídeo em VHS, duração 60 minutos, Fundação Cultural do estado Acre, Rio Branco 1992).

Foto 12. Emílio Furtado (membro do conselho comunitário).

Fonte: Paulo Moreira.

Foto 13. Raimundo Marques Vieira e Matilde Marques Vieira (filhos de Maria Damião).

Fonte: Paulo Moreira.

Foto 14. João Facundes (Nica) (secretário do CICLU).

Fonte: Jair Facundes.

Foto 15. Luis Mendes Nascimento (orador de Mestre Irineu).

Fonte: Paulo Moreira.

Foto 16. Otília Serra (esposa de Daniel Serra).

Fonte: Paulo Moreira.

Foto 17. Paulo Serra (Filho de criação de Mestre Irineu).

Fonte: Flávio Lopes.

Foto 18. Paulo Severino (antigo seguidor de Mestre Irineu).

Fonte: Paulo Moreira.

Foto 19. Rita Serra (prima de Mestre Irineu).

Fonte: Paulo Moreira.

Foto 20. Saturnino Brito (afilhado de Mestre Irineu).

Fonte: Flávio Lopes.

Foto 21. Percília Ribeiro (secretaria pessoal de Mestre Irineu).

Fonte: (Retirada de um frame da filmagem do documentário: Almeida,



Fátima. "Irineu", vídeo em VHS, duração 60 minutos, Fundação Cultural do estado do Acre, Rio Branco, 1992).

Foto 22. Pedro Matos (esposo de Percília).

Fonte: (Retirada de um frame da filmagem do documentário: Almeida, Fátima. "Irineu", vídeo em VHS, duração 60 minutos, Fundação Cultural do estado do Acre, Rio Branco, 1992).

Foto 23. ValcÍrio Granjeiro (filho de Francisco Granjeiro).

Fonte: Flávio Lopes.

Foto 24. Severina Serra (prima de Mestre Irineu).

Fonte: Paulo Moreira.

Foto 25. Veriana Brandão (antiga seguidora de Mestre Irineu).

Fonte: Paulo Moreira.

Foto 26. José Dantas (Zé Dantas, filho de Manoel Dantas).

Fonte: Paulo Moreira.

Foto 27. José Gomes (Zé Gomes, filho de Antônio Gomes).

Fonte: Flávio Lopes.

## Fotos do Álbum de Mestre Irineu

Foto 1. Mestre Irineu a paisano.

Fonte: Acervo de Antônio Macedo.

Foto 2. Mestre Irineu e família do Loredo .

Fonte: Acervo de Edilza Ferreira.

Foto 3. Mestre Irineu e a irmandade dentro da sede.

Fonte: Acervo de Antônio Macedo.

Foto 4. Mestre Irineu e a irmandade reunida em frente à sede.

Fonte: Acervo de Antônio Macedo.

Foto 5. Mestre Irineu e José das Neves.

Fonte: Acervo de Jane Carioca.

Foto 6. Mestre Irineu e o casal Loredo e Alzira.

Fonte: Acervo de Edilza Ferreira.

Foto 7. Mestre Irineu em pose para foto.

Fonte: Acervo de Emilio Furtado.





Foto 8. Mestre Irineu dentro da sede.

Fonte: Acervo de Antônio Macedo.

Foto 9. Mestre Raimundo Irineu Serra dentro de seu gabinete (monóculo).

Fonte: Acervo de Antônio Macedo.

Foto 10. Mestre Irineu em frente à sua casa.

Fonte: Acervo de Antônio Macedo.

Foto 11. Mestre Irineu com o cajado e chapéu.

Fonte: Acervo de Antônio Macedo.

Foto 12. Mestre Irineu, Paizinha e Maria.

Fonte: Acervo de Antônio Macedo.

Foto 13. Mestre Irineu no gabinete.

Fonte: <http://www.mestreirineu.org/Mestre09.JPG>.

Foto 14. Mestre Irineu e irmandade em frente à sede.

Fonte: <http://www.mestreirineu.org/Mestre24.jpg>

Foto 15. Mestre Irineu e a irmandade.

Fonte: Acervo de Antônio Macedo.

Foto 16. Emílio e Mestre Irineu.

Fonte: Acervo de Emilio Furtado.

Foto 17. Caixão do Mestre Irineu.

Fonte: Acervo de Antônio Macedo.

Foto 18. Velório de Mestre Irineu.

Fonte: Acervo de Antônio Macedo.

Foto 19. Caminhada do cortejo do funeral do Mestre Irineu.

Fonte: Américo de Melo.

Foto 20. Parada do cortejo do funeral do Mestre Irineu.

Fonte: Américo de Melo.

Foto 21. Cortejo Fúnebre de Mestre Irineu.

Fonte: Américo de Melo.

Foto 22. Emílio e Zé Carlos na taberna de Leôncio Gomes.

Fonte: Acervo de Emilio Furtado.

Foto 23. O casal Leôncio e Madalena.

Fonte: Acervo de Dona Veriana.



Foto 24. Maria Serra (Cota, irmã de Mestre Irineu).

Fonte: Museu da Borracha. Coleção Centenário do Mestre Irineu.

## Outras Fotos

Capa Foto do Mestre Irineu com a irmandade. Maria esta aos seus pés.

Acervo de Thiago Silva, disponível em: <https://picasaweb.google.com/118259227652451791456/ChefeImpRioJuramidThcaa-pi#5285779065694053010>. Acesso em: 27 novembro de 2010.

Foto ao final do livro Mestre Irineu de farda branca andando com cajado

Acervo de Thiago Silva, disponível em: <https://picasaweb.google.com/118259227652451791456/ChefeImpRioJuramidThcaa-pi#5285782424915356978>. Acesso em: 27 novembro de 2010.



— Índice Remissivo —



- A
- ab-reação  
202
- Acre  
10, 11, 12, 13, 14, 18,  
25, 26, 27, 28, 29, 31,  
32, 33, 34, 35, 39, 40,  
42, 44, 49, 50, 52, 54,  
55, 56, 59, 60, 63, 73,  
79, 81, 82, 83, 84, 85,  
103, 111, 112, 113, 115,  
117, 118, 119, 120, 121,  
123, 125, 126, 127, 148,  
175, 179, 187, 191, 202,  
206, 211, 214, 216, 220,  
227, 230, 233, 240, 242,  
243, 246, 248, 254, 256,  
257, 258, 261, 265, 269,  
273, 276, 278, 280, 281,  
282, 283, 285, 287, 289,  
290, 291, 292, 293, 302,  
317, 318, 338, 340, 355,  
356, 389, 403, 409, 414,  
416, 476, 496, 513, 538,  
559, 560, 561, 562, 563,  
564, 565, 568, 571, 572
- Adália  
9, 50, 136, 142, 145, 146,  
182, 183, 184, 186, 200,  
201, 205, 222, 236, 248,  
260, 296, 313, 541, 562,  
565, 570
- afluído  
90, 101, 102, 140, 299
- Agarrube  
124, 137, 139
- Aginaldo Moreno  
284, 285, 356, 564
- Alberto Torres  
231, 232, 240, 241, 261, 394
- alcoolismo  
79, 221, 224, 236, 319
- alegrias  
266, 267, 483
- Alegrias  
483
- Almirante Álvares de Carvalho  
84
- Alto da Santa Cruz  
231, 233, 235, 238, 563
- Alto Purus  
26, 83, 125, 137, 138, 561
- Alto Santo  
11, 12, 14, 29, 30, 35,  
50, 51, 61, 62, 136, 141,  
159, 208, 221, 228, 235,  
240, 241, 242, 243, 244,  
246, 247, 252, 259, 269,  
276, 277, 278, 280, 281,  
284, 285, 287, 290, 313,  
332, 343, 372, 390, 393,  
402, 403, 405, 476, 506,  
508, 531, 564, 567, 569
- Amansador 137
- André Avelino Costa  
104, 121, 124, 570
- André Cursino Serra  
69, 119
- Antonio Cancão  
152
- Antonio Costa  
87, 88, 90, 93, 101, 102,  
110, 112, 121
- Antonio Gomes  
89, 424, 425, 426, 469,  
569, 570, 571
- Antonio Raimundo Costa  
121



- Antônio Roldão  
143, 149, 169, 180, 186,  
248, 251, 562
- Antônio Tordo  
143, 180, 214
- Apolônio Sales  
80, 331
- Aquilis-Peret  
333
- Arena  
32
- ARENA  
283, 287
- astral  
41, 133, 166, 169, 201,  
312, 324, 341, 383, 384
- Astral  
17, 155, 273, 274, 295,  
312, 384, 403
- Ata  
109, 508, 509, 527, 560,  
567
- Aviário  
287
- ayahuasca  
8, 18, 22, 33, 35, 37,  
38, 40, 45, 58, 59, 61,  
62, 63, 64, 87, 88, 89,  
92, 96, 102, 116, 121,  
122, 123, 137, 139, 141,  
142, 175, 181, 200, 217,  
334, 335, 342, 408, 410,  
411, 412, 413, 414, 481,  
510, 523
- Ayahuasca  
45, 62, 64, 93, 335, 409,  
411, 412, 413, 414, 415,  
416, 510, 511, 512, 513,  
514, 515, 516, 517, 518,  
519, 520, 521, 522, 523,  
524, 526, 527, 528
- ayahuasqueiro  
8, 181, 345
- ## B
- Baixada Maranhense  
38, 39, 40, 43, 45, 69,  
269, 414
- Banco do Brasil  
126, 228, 356
- Barquinha  
35, 39, 43, 64, 79, 152,  
189, 324, 328, 512
- Barro Vermelho  
202, 259, 330, 331
- batismo  
71, 125, 196, 401
- bebidas alcoólicas  
37, 221, 226, 227, 523
- Belém  
9, 26, 80, 81, 170, 186,  
242, 247, 253, 254, 257,  
278, 309, 560, 562
- Bendito  
169, 315, 536
- BG 375, 433
- Boca do Acre  
82, 83, 84, 206
- Bolívia  
25, 26, 27, 35, 79, 85,  
105, 123, 215, 259
- borracheira  
89, 90, 101, 102
- Bourdieu  
63, 64, 204
- branqueamento  
139, 370, 371, 567



Brasília  
 155

Brasília  
 8, 19, 121, 409, 416, 511,  
 524

brujos  
 89, 121

burocratização do carisma  
 60

**C**

caçador  
 85

Cais da Praia Grande  
 80, 81, 187, 560

caissuma  
 342

caixeiro  
 85

Canarinho  
 137

capança  
 118

Capitão Calazans  
 116

Capitão Florêncio  
 116

carisma  
 58, 59, 60, 63, 148, 150,  
 151, 154, 159, 167, 216,  
 279, 283, 285, 289, 290,  
 311, 322, 345, 366, 403,  
 404, 486

casas aviadoras  
 79, 86, 176, 211

cavaco  
 245

Cavaco  
 78

Cecília Gomes  
 10, 89, 113, 124, 125, 153,  
 220, 318, 319, 541, 571

CECIP  
 60, 103, 124, 147, 294,  
 295, 296, 297, 298, 299,  
 302, 303, 304, 305, 312,  
 324, 325, 334, 349, 356,  
 357, 368, 375, 565

Centro de Irradiação Mental -  
 Tattwa Luz Divina  
 295

cerco policial  
 218, 220

Chaco  
 200, 259

chamadas  
 106, 124, 200, 412, 517

chamados  
 40, 48, 59, 64, 88, 106,  
 132, 133, 136, 137, 139,  
 142, 154, 165, 169, 222,  
 269, 306, 340, 345, 487

Chapada  
 328, 330, 337

Chave da Harmonia  
 299

chefes da oasca  
 94

Chico Martins  
 249, 388, 389

ciclo da borracha  
 39, 44, 143, 175, 176

Cipriano  
 122, 330, 337, 358

Círculo de Regeneração e Fé  
 13, 49, 103, 217, 294, 312

Clara  
 91, 94, 95, 99, 101,



- 141, 150, 152, 339, 376
- Cobija  
105, 111, 123
- Colocação Espalhado  
221, 227, 228, 230, 231,  
562
- comboieiro  
85, 96
- comícios  
243, 280, 281
- concentração  
54, 132, 133, 140, 143,  
145, 147, 169, 181, 185,  
187, 231, 258, 296, 298,  
299, 302, 304, 320, 325,  
326, 336, 345, 347, 350,  
364, 373, 384, 385, 485,  
492, 535, 566
- Concentração  
258, 295, 320, 345, 384,  
385, 535
- Condessa Siris-Beijamar  
166
- Confissão  
24, 192, 193, 433, 537
- Consagração do Aposento  
299
- CRF  
11, 49, 103, 104, 105, 106,  
107, 108, 109, 110, 111, 11  
2, 124, 125, 137, 142,  
183, 185, 294, 325, 560
- Cris-Peret  
333
- Cruz de Caravaca  
41, 122, 180, 181, 182,  
249, 250, 271, 305, 306,  
311, 356, 357, 407
- Cura  
13, 39, 142, 152, 153,  
154, 155, 279, 387
- Curupiriquá  
375
- Custódio Freire  
14, 29, 188, 197, 220,  
221, 227, 228, 230, 231,  
245, 246, 277, 287, 295,  
315, 508, 562
- D**
- daime  
21, 22, 33, 48, 58, 60,  
61, 63, 84, 87, 89, 91,  
93, 95, 100, 101, 102,  
103, 105, 111, 113, 121,  
131, 132, 139, 140, 141,  
142, 143, 145, 146, 147,  
149, 151, 152, 155, 156,  
157, 158, 159, 161, 162,  
163, 166, 174, 180, 185,  
188, 189, 196, 201, 204,  
214, 216, 217, 221, 222,  
225, 234, 236, 242, 243,  
245, 246, 256, 258, 265,  
281, 283, 291, 298, 299,  
302, 303, 304, 306, 318,  
319, 327, 333, 334, 335,  
336, 337, 338, 339, 340,  
342, 343, 344, 350, 352,  
364, 365, 366, 367, 368,  
373, 374, 377, 378, 383,  
387, 390, 477, 481, 483,  
484, 485, 488, 489, 490,  
492, 495, 496, 535, 536,  
537
- Daime  
9, 12, 13, 14, 18, 21, 29,  
32, 33, 37, 38, 39, 40,  
41, 42, 43, 44, 45, 47,





50, 51, 53, 56, 58, 59,  
60, 61, 62, 63, 64, 79,  
89, 98, 113, 117, 124,  
125, 126, 128, 131, 132,  
141, 143, 148, 149, 150,  
152, 155, 159, 161, 162,  
165, 167, 168, 169, 170,  
172, 173, 174, 175, 178,  
180, 181, 182, 186, 189,  
191, 193, 196, 197, 200,  
201, 206, 216, 217, 221,  
222, 235, 236, 240, 245,  
247, 248, 252, 258, 259,  
260, 262, 270, 271, 273,  
276, 279, 281, 283, 284,  
287, 289, 290, 291, 292,  
294, 295, 296, 297, 299,  
302, 303, 304, 305, 307,  
310, 311, 312, 313, 317,  
318, 320, 322, 323, 326,  
328, 329, 330, 331, 332,  
333, 335, 339, 341, 342,  
343, 344, 345, 348, 350,  
352, 354, 358, 364, 366,  
368, 370, 372, 373, 374,  
375, 376, 382, 390, 391,  
393, 397, 403, 404, 405,  
407, 408, 409, 410, 411,  
412, 413, 414, 415, 416,  
484, 494, 506, 531, 532,  
535, 536, 538, 564, 565,  
566, 567

Damião Marques  
143, 164, 186, 190, 191

Daniel Serra  
9, 12, 50, 81, 100, 111,  
117, 118, 120, 125, 127,  
139, 140, 154, 165, 166,  
201, 256, 257, 258, 259,  
261, 310, 311, 346, 357,  
387, 389, 391, 392, 395,  
397, 476, 541, 543, 552,  
566, 567, 568, 570, 571

demoníaca  
111, 122

dominação  
91, 212, 437

**E**

Edilza  
9, 12, 155, 159, 202, 541,  
566, 570, 572, 573

Elias Manga da Silva  
103, 111

Elpídio  
12, 272, 273, 274, 564

Emília Rosa Amorim  
111, 125, 405

encontrou com a velha  
161

encosto  
40, 273, 307, 308, 309,  
310, 312

Enfermeiras  
328

erva cidreira  
40, 96, 141, 157, 342

esotérica  
33, 124, 294, 300, 302, 350

esotérico  
181, 350

Estado Maior  
183, 239, 245, 247, 266,  
267, 268, 269, 321, 324,  
328, 355, 393, 567

estatuto do Daime  
374

estigma  
111



- estigmatização  
52, 55, 111
- Eugênio Beco Bezerra  
116
- exceções  
351, 352, 354
- exotéricas  
302, 304
- extensões  
328, 333, 403
- Ezequiel de Mattos  
70, 75, 119
- F**
- falecimento  
49, 131, 153, 166, 187,  
189, 191, 236, 240, 246,  
248, 250, 260, 317, 320,  
326, 327, 345, 353, 368,  
379, 389, 390, 391, 399,  
403, 535, 536
- Família Real  
137
- Farda Branca  
538
- feitio  
141, 334, 335, 336, 337,  
338, 340, 341, 342, 344,  
352, 358, 372, 373
- fiscal  
85, 124, 166, 350
- Força Policial 112, 113, 114,  
115, 116, 126, 127, 143,  
276, 317, 561, 568
- Francisca Mendes  
9, 315, 358, 536
- Francisco Ferreira  
294, 295, 298, 299, 302,  
565
- Francisco Granjeiro  
507, 570
- friagem  
240
- G**
- Galdêncio Cunha  
11, 559, 560, 568
- gambito  
83, 84, 343
- General do Conforto  
199, 247
- General Eurico Gaspar Dutra  
230
- Geraldo Mesquita  
288, 289
- gerente  
85, 120
- Germano Guilherme  
113, 114, 126, 143, 152,  
153, 164, 167, 170, 186,  
206, 234, 239, 303, 313,  
317, 318, 460, 465, 532,  
536, 537, 538, 561, 562
- golpe militar  
56, 59, 282
- governador  
112, 115, 118, 125, 227,  
228, 242, 260, 276, 282,  
286, 287, 288, 290, 317,  
355, 356, 390
- guarda-livros  
85
- Guiomard dos Santos  
126, 218, 220, 228, 229,  
230, 240, 242, 243, 276,  
280, 285, 355, 563, 564



## H

habitus  
63, 64, 204  
Habitus  
63  
Hino Esotérico  
299  
Hino Espiritualista  
299  
Hinos Novos  
320, 321, 345, 350, 363,  
398, 497, 506

## I

Igarapé Fundo  
118, 186, 188  
Igarapé São Francisco  
331  
Interventor  
118, 220, 276  
IOD-HÊ-VÔ-HÊ  
324  
irradiação  
40, 195, 273, 274, 311,  
312  
Isaura Parente  
188

## J

jagube  
121, 247, 336, 337, 339,  
340, 341, 342, 343, 481,  
496, 511, 515, 566  
Jagube  
102, 203, 434  
Joana Serra  
255, 261, 563  
João Leão  
113, 143

João Pereira  
113, 114, 126, 133, 135,  
143, 161, 164, 165, 166,  
167, 170, 180, 186, 199,  
205, 206, 239, 246, 247,  
248, 249, 312, 313, 466,  
536, 537, 561, 562

João Rodrigues Facundes  
284, 326, 390, 391, 508,  
509

Joaquim Português  
143, 169, 170, 191, 467

Joaquim Tamandaré  
143

Jorge Kalume  
283, 285, 286, 290, 564

Jorge Viana  
290, 291, 292, 356, 564

José Afrânio  
143

José Augusto de Araújo  
282, 355

José Capanga  
143

José Dantas  
10, 200, 296, 545, 565,  
572

José das Neves  
132, 170, 171, 172, 186,  
200, 268, 318, 321, 372,  
389, 550, 562, 572

Juramidã  
61, 125, 139, 161, 165,  
166, 168, 201, 274, 275,  
405

## K

kaxinawá  
200, 412



Kaxinawá  
407, 412

## L

Leôncio  
152, 162, 163, 226, 227,  
235, 236, 287, 296, 321,  
322, 334, 354, 372, 373,  
378, 383, 384, 387, 388,  
389, 391, 392, 394, 395,  
397, 398, 403, 508, 509,  
538, 556, 565, 567, 568,  
573, 574

Leopoldina Filomena Madeira  
69, 119

Levi-Strauss  
202

Limoeiro  
331, 354, 538

Linha do Tucum  
133, 134, 271, 272, 274,  
305, 319, 435

linha hinária  
133, 165, 170

Loredo  
9, 10, 155, 202, 259, 326,  
330, 353, 541, 542, 549,  
550, 566, 570, 571, 572

Lourdes Carioca  
10, 50, 195, 200, 201,  
202, 206, 235, 299, 302,  
306, 309, 310, 352, 356,  
357, 358, 382, 431, 570,  
571

Lua Nova  
93, 336, 340

Luís Mendes  
91, 92, 100, 126, 200,  
205, 281, 308, 315, 352,  
372, 414, 543

Luis Silvestre Gomes Coelho  
220, 228, 230

## M

macaxeira insossa  
40, 92, 96, 105, 141,  
342

Major Armando  
116

Major Holdernes Maia  
245, 352, 353, 566

Mamãe Velha  
375

Manacá  
136, 137

Manaus 26, 35, 54, 80, 82,  
83, 84, 214, 254, 410

Manoel Dantas  
143, 169, 186, 191, 251,  
545, 562, 572

Manoel Fontenelle de Castro  
218

Manuel Belém  
247

Manuel Cabeludo  
332, 333

maracá  
17, 38, 39, 41, 182, 183,  
200, 271, 272, 319, 391,  
531, 533, 536

Maranhão  
8, 11, 12, 14, 18, 29,  
38, 39, 40, 42, 43, 44,  
45, 52, 54, 57, 86, 91,  
95, 99, 104, 112, 119,  
120, 121, 187, 201, 205,  
252, 253, 254, 256, 259,  
261, 265, 269, 271, 272,  
278, 309, 330, 407, 410,  
415, 416, 559, 560, 568



- Maraximbé  
13, 133, 135, 136, 137,  
159, 161, 169, 200
- Marcha  
197, 271, 272, 274, 275,  
433, 434, 435, 436
- Marcha Valseada  
271, 272, 274, 275, 435,  
436
- Maria Damião  
143, 164, 167, 179, 190,  
191, 206, 224, 239, 240,  
241, 242, 248, 260, 313,  
427, 536, 537, 561, 569,  
571
- Maria Franco  
143, 148, 169, 175, 179,  
180, 221, 224, 226, 227,  
235, 251, 429, 561
- Maria Matos  
73, 559
- Maria Nanair  
165
- mariri  
121, 511, 515
- Marta Serra  
398
- mateiro  
85, 112
- Matilde Preiswerk Cândido  
297, 302
- mazurca  
41, 205
- memória  
11, 12, 18, 31, 48, 49,  
51, 61, 132, 175, 185,  
196, 200, 248, 273, 287,  
289, 290, 314, 315, 375
- mesários  
350, 351, 536, 537
- mestiçagem  
54, 60
- migração  
73, 79, 80, 227
- miração  
94, 122, 138, 140, 145,  
149, 189, 192, 222, 318
- Moa  
84, 85
- mururé  
175, 204
- N**
- negra  
43, 55, 56, 57, 89, 104,  
111, 120, 122, 187, 216,  
369, 370, 415, 566
- negras  
56, 273, 407
- negro  
29, 39, 40, 41, 42, 43,  
44, 55, 57, 60, 73, 111,  
113, 246, 290, 370, 397,  
409, 414, 568
- negros  
32, 40, 52, 53, 54, 55,  
57, 63, 74, 86, 104, 105,  
139, 216, 370, 567
- Nossa Senhora da Conceição  
39, 152, 167, 192, 318,  
319, 354, 509, 537
- O**
- O Cruzeiro  
23, 24, 94, 124, 165, 166,  
167, 169, 174, 197, 203,  
222, 234, 270, 281, 313,  
320, 321, 327, 342, 343,



354, 391, 393, 404, 435,  
535, 536, 537, 538

## P

Pakaconshinawá  
137

Palma  
391

Palmeiral  
197, 206, 247, 260, 403

Pano  
137, 138, 142, 200, 561

Papai Paxá  
59, 375, 433

Papai Velho  
336, 375, 434

Papôco  
187, 221

patente  
110, 126, 150, 162, 165,  
199, 372, 393, 567

Paulo Ferreira  
9, 147, 149, 200, 202,  
261

Paulo Serra  
9, 50, 75, 77, 78, 83, 84,  
100, 119, 120, 123, 124,  
162, 172, 175, 176, 179,  
181, 182, 201, 203, 205,  
218, 220, 228, 231, 242,  
243, 246, 247, 249, 250,  
251, 256, 260, 295, 313,  
318, 319, 352, 356, 358,  
380, 381, 387, 388, 389,  
394, 398, 405, 406, 543,  
562, 570, 571

Pedro Fernandes  
9, 331

Pedro Vasconcelos Filho  
116

Peia  
13, 159

Percília Ribeiro  
50, 100, 132, 133, 138,  
143, 145, 146, 147, 151,  
164, 165, 166, 172, 179,  
183, 184, 189, 201, 203,  
204, 206, 215, 227, 233,  
234, 236, 237, 241, 249,  
251, 260, 296, 302, 306,  
307, 313, 317, 318, 319,  
325, 326, 330, 345, 347,  
356, 357, 358, 380, 384,  
386, 390, 405, 428, 444,  
472, 544, 562, 565, 566,  
569, 572

Peregrina Serra  
258

Peru  
25, 26, 40, 55, 82,  
83, 84, 85, 87, 88, 103,  
105, 112, 120, 121, 181,  
416

Piçarreira  
333

Pizango  
102, 103, 122

Poder  
319, 320, 349, 415, 435,  
436, 467, 514

preconceito  
22, 57, 197, 216, 217,  
291, 510

Primeiro Ciclo da Borracha  
26

Princesa Tremira  
106, 110, 124, 137



- Professor Rego  
285, 287, 288, 355, 356,  
564
- Pronto Socorro  
328, 331
- provocar  
147, 202
- PSD  
31, 32, 243, 276, 280,  
281, 355
- PTB  
31, 280, 281, 282, 288, 355
- R**
- Raimunda Marques Feitosa  
143, 175, 178, 205, 561,  
569
- Raimundo Gomes  
186, 252, 258, 265, 299,  
303, 328, 330, 562, 565
- Raimundo Irineu de Mattos  
69, 71, 72, 401
- Raimundo Irineu Serra  
14, 17, 29, 56, 72, 77,  
102, 119, 186, 360, 368,  
389, 401, 410, 411, 413,  
414, 415, 416, 419, 421,  
422, 511, 512, 525, 551,  
559, 562, 569, 573
- Rainha  
10, 11, 41, 50, 93, 99,  
100, 101, 106, 110, 122,  
151, 152, 155, 156, 157,  
160, 167, 168, 182, 184,  
192, 194, 197, 203, 204,  
224, 260, 297, 306, 309,  
325, 339, 376, 377, 380,  
384, 391, 399, 403, 410,  
433, 434, 447, 449, 455,  
456, 466, 531
- Rainha da Floresta  
10, 11, 100, 106, 122,  
151, 155, 184, 203, 224,  
260, 297, 325, 376, 380,  
384, 399, 403, 434, 447,  
531
- ramada  
186, 245, 562
- ramalhete  
267, 325
- rapé  
40, 141, 142
- receber hinos  
317, 319, 320
- Rede Social e Política  
14, 276
- redução de danos  
64
- regatão  
85, 86, 88, 96, 112
- Regino  
289, 333, 334
- Registro de óbito de Mestre Irineu  
403, 568
- religião  
11, 12, 21, 22, 23, 29,  
37, 38, 39, 40, 41, 44,  
58, 59, 60, 61, 63, 79,  
133, 152, 159, 167, 180,  
184, 186, 189, 287, 290,  
374, 404, 406, 410, 437,  
519
- Religião  
62, 410, 415
- Rio Acre  
82, 103, 111, 112, 121,  
409, 560, 568
- Rio Purus  
82, 83, 84



- Rio Xipamanu  
111
- Ripi  
137, 164, 165, 433, 474
- ritual fúnebre  
170, 196
- S**
- Saituba  
155, 159, 259, 330, 331,  
353, 566
- salão  
43, 181, 185, 194, 198,  
199, 200, 234, 245, 258,  
259, 269, 350, 352, 364,  
366, 374, 385, 391, 499,  
506, 508, 535, 536, 537
- Salão  
180
- Salustiano José Serra  
69
- Sancho Martinho de Mattos  
70, 72, 75, 119, 559
- São Gonçalo  
38, 39, 43, 45, 269, 270,  
271, 273, 320, 415, 564
- São João  
33, 38, 115, 120, 164,  
185, 192, 196, 197, 231,  
233, 238, 239, 257, 269,  
319, 354, 378, 382, 402,  
403, 434, 457, 535, 536,  
537
- São Pedro  
218, 219, 221
- São Vicente Férrer  
9, 69, 70, 71, 72, 73, 74,  
75, 76, 77, 78, 119, 120,  
165, 175, 201, 252, 253,  
254, 255, 256, 259, 261,  
269, 270, 273, 401, 415,  
559, 563, 564
- satânico  
88, 89, 122
- Sebastião Gonçalves  
186, 250, 261
- Senador Mario Maia  
218
- Sena Madureira  
84, 332
- Senso-cheiroso  
137, 138
- Sérgio Ferreti  
355
- sessões exotéricas  
302
- sessões Exotéricas  
298
- soldados da borracha  
11, 211, 212, 213, 227,  
229, 562
- Soldados da Borracha  
211
- solidéu  
266
- Soloína  
137, 169, 312, 375
- T**
- tabaco  
40, 59, 90, 139, 140, 141,  
142, 183, 185, 246
- Taió Siris Midã  
165
- Tamaracá  
137
- Tambor de Crioula  
41, 269, 273, 274, 564
- Tarumim  
137, 474, 475





- Tenente Costa  
218, 219, 220
- Território  
18, 27, 29, 31, 42, 83,  
84, 85, 113, 115, 117,  
118, 125, 126, 184, 216,  
218, 220, 227, 230, 242,  
243, 261, 276, 278, 283,  
289, 369, 403, 560
- Terto  
131, 143
- Tertuliana  
75
- Titango  
106, 124, 137, 139
- título provisório  
232
- Tituma  
106, 124, 137, 139
- toqueiro  
85
- trabalho de cura  
152, 310
- trabalho de mesa  
310
- Tucum  
133, 134, 271, 272, 274,  
305, 306, 307, 319, 435,  
532
- Tuperci  
137, 164, 433, 473
- Tupi  
40, 69, 137, 138, 201, 366
- V**
- Valcirene  
111, 112
- Valcívrio Genésio  
111, 123, 125, 405
- Valério Caldas Magalhães  
115, 278, 564
- Valsa  
433, 434, 435, 436, 532
- Varadouro  
131, 200, 414
- Vegetalismo  
121
- Vila Ivonete  
14, 118, 124, 125, 127,  
148, 170, 175, 182, 186,  
188, 197, 218, 220, 221,  
227, 230, 231, 235, 277,  
339, 562
- Virgílio  
322, 333, 334, 565
- Vossa delatada da Floresta  
109
- W**
- Wanderley Dantas  
287, 389, 390, 391
- Wilde Viana  
280, 290, 292, 355
- Wilson Carneiro  
154, 331, 382
- X**
- xamã  
55, 201, 202
- Xamã  
17, 408
- xamanismo  
181, 345, 409, 412, 413
- Xapuri  
81, 171, 311
- Z**
- Zumira Gomes  
214, 215, 535







Mestre Irineu com cajado

#### COLOFÃO

Formato	19,5 x 27,0 cm
Tipologia	ITC Galliard 11/15,5 e Casablanca Antique 18/20
Papel	Alcalino 75 g/m <sup>2</sup> (miolo) Cartão Supremo 300 g/m <sup>2</sup> (capa)
Impressão e acabamento	Cian Gráfica
Tiragem	500 exemplares



Diversas pesquisas científicas, realizadas por diferentes profissionais de saúde do Brasil e do estrangeiro, têm indicado que o uso do psicoativo e bebida sacramental ayahuasca é inócuo e até proveitoso quando usado em contextos ritualísticos religiosos. Este livro vem apresentar a história da fundação do Santo Daime, a mais antiga das religiões ayahuasqueiras brasileiras. Traz uma rica biografia do Mestre Irineu Serra, fundador e líder, no Acre, de uma comunidade, originalmente negra, o Daime. Ao longo de suas andanças pela floresta acreana do início do século XX, esse maranhense travou contato com os diversos povos que a habitavam, aprendendo e dialogando com eles. A partir de uma revelação inicial, decorrente de sua experiência com o enteógeno indígena, desenvolveu uma doutrina e uma série de rituais que serviram para criar um novo contexto para o uso da ayahuasca, mais adequado aos participantes da cultura nacional brasileira, com seus múltiplos referenciais de origem indígena, europeia e africana. Assim, o adepto da nova religião, ao experienciar o transe decorrente do uso da bebida, encontra referenciais familiares, oriundos dos universos xamânicos, católicos e espiritualistas, disseminados pelo país, que permitem a atribuição de sentido e ordenamento às suas experiências. Estes servem como eficientes indicadores de caminho ao longo de suas “viagens”, permitindo a ele fazer uma integração psíquica produtiva de suas experiências. Atestando a importância desse contexto e daquele fornecido por outras religiões ayahuasqueiras, o governo brasileiro através do antigo Conselho Federal de Entorpecentes e do atual Conselho Nacional de Políticas Sobre Drogas, têm reconhecido a legitimidade do uso da ayahuasca, especificando somente que este deve ocorrer dentro de marcos ritualísticos como os preconizados por Mestre Irineu.

Dartiu Xavier da Silveira Filho  
Presidente do GT – Ayahuasca-CONAD

ISBN 978-85-232-0600-3

